

ANDRESSA LOLI BAZO

**O exercício da fé na prisão:
representações do papel da Igreja evangélica para a pessoa
encarcerada**

Tese de Doutorado

Orientador: Prof. Titular Dr. Sérgio Salomão Shecaira

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE DIREITO

São Paulo - SP

2021

ANDRESSA LOLI BAZO

**O exercício da fé na prisão:
representações do papel da Igreja evangélica para a pessoa
encarcerada**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Direito, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Direito, na área de concentração Direito Penal, Medicina Forense e Criminologia, sob a orientação do Prof. Titular Dr. Sérgio Salomão Shecaira.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE DIREITO

São Paulo - SP

2021

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

Bazo, Andressa Loli

O exercício da fé na prisão: representações do papel da Igreja evangélica para a pessoa encarcerada ; Andressa Loli Bazo ; orientador Sérgio Salomão Shecaira -- São Paulo, 2021.

298

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Direito Penal, Medicina Forense e Criminologia) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 2021.

1. Criminologia. 2. Prisão. 3. Religião. 4. Conversão. 5. Inclusão Social. I. Shecaira, Sérgio Salomão, orient. II. Título.

Nome: BAZO, Andressa Loli

Título: O exercício da fé na prisão: representações do papel da Igreja evangélica para a pessoa encarcerada

Tese apresentada à Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Ciências.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento

Para os meus pais.

AGRADECIMENTOS

O Doutorado, para mim, significou a conclusão de uma etapa que insinua um novo horizonte de possibilidades. Como parte da minha trajetória, ele não poderia ser analisado como um evento imune a todas as influências que me constituíram e continuam me formando. Por isso, é difícil limitar os agradecimentos apenas àquelas pessoas que estiveram presentes nos últimos três anos e meio. Assim, sem nomeá-las, eu quero agradecer a todas as pessoas que contribuíram com o desenvolvimento da minha atividade acadêmica desde que ela se tornou consciente ainda na Graduação em Direito.

Nestes últimos anos, contudo, a presença de algumas pessoas se fez imprescindível para a conclusão deste trabalho. Fui admitida no programa de Doutorado sob orientação do estimado professor Alvino Augusto de Sá, que já havia me acompanhado no curso do Mestrado. Alvino, infelizmente, nos deixou em junho de 2019, não sem antes tomar o cuidado e a generosidade que lhes eram próprias de encaminhar informalmente a tutoria do meu trabalho para alguém de sua confiança. As suas últimas mensagens, designando o meu acompanhamento, a sua correção de parte deste trabalho, mas, principalmente, a sua sólida construção teórica, forneceram grande suporte para o desenvolvimento desta tese. Após a abrupta perda de Alvino, tive a sorte e o privilégio de ser acolhida por outro professor que, além de amigo pessoal de Alvino, é precursor do pensamento criminológico na Faculdade de Direito da USP. Sérgio Salomão Shecaira assumiu a minha orientação às vésperas da qualificação e não mediu esforços para amparar não apenas a mim, mas a todos as orientandas e orientandos que se encontravam na mesma situação. Em meio ao seu próprio luto, o professor Salomão teve a coragem e o altruísmo de acompanhar todos os trabalhos do professor Alvino. Desde então, tive a oportunidade de conhecer o seu caráter forte, sábio e perspicaz. Essas três qualidades que destaco em meio a tantas outras foram fundamentais para a elaboração desta tese, que materializa não apenas os meus esforços de questionamento e reflexão, mas a sua apurada leitura, o seu vasto conhecimento sobre Criminologia e a sua larga experiência sobre prisões.

Além dos meus orientadores, agradeço profundamente à professora Camila Caldeira Nunes Dias, uma das principais referências das minhas pesquisas, por todas as indicações feitas na banca de qualificação, que forneceram subsídios essenciais para a elaboração desta tese. Ao partilhar o seu conhecimento de forma tão generosa, Camila teve a sensibilidade de mostrar que a grandeza científica não está desassociada da grandeza humana. Ainda na banca de qualificação, também pude contar com as preciosas sugestões de Bruno Amabile Bracco,

que se debruçou com demasiada atenção sobre o meu texto, levando-me a voltar às suas considerações durante todo o percurso final. Ao Bruno, agradeço não apenas pela leitura e direcionamento, mas também pela consideração e apoio. Agradeço também à Dalva e à Marcela pela prestimosa ajuda para formalizar a transferência de orientação e pelo atendimento sempre muito gentil e atencioso.

Agradeço ao Julio Nascimento, ao Osvaldo Machado, ao Rafael Martins e a todos as funcionárias e funcionários da Colônia Penal Industrial de Maringá e da Casa de Custódia de Maringá que viabilizaram a realização desta pesquisa. Agradeço principalmente a todos os entrevistados que compartilharam comigo a sua visão e experiência.

Ao Bruno Shimizu, agradeço o inestimável suporte com os desafios que esta pesquisa me apresentou. Bruno é um combativo defensor público que, além de me inspirar, ajudou-me todas as vezes que precisei recorrer a ele para lidar com a matéria viva que está por trás das questões inscritas neste texto. Agradeço à Natália Sanzovo e à Vivian Calderoni, pela força que impulsionou a conclusão da tese em meio a uma pandemia. À Tássia Tavares, pelo afeto e incentivo. À Tarsila Tojal, pela ternura e gentileza. À Jéssica Pascoal, à Isabel Hamud e à Mônica Soligueto, pelo suporte. Ao Gustavo Higa, pelo auxílio com a bibliografia. À Helena Oliveira, minha incansável amiga, por sua parceria ininterrupta. À Andressa Andrade e à Valine Castaldelli, pela presença em meio à distância. Agradeço aos meus colegas de docência na Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialmente à Flávia Siqueira, Alessandra Bedito, Leopoldo Soares, Aline Freitas, Márcia Leão, Claudinei Coletti, Edi Trindade, Luciano Pfeifer, Mariana Munis e Emília Araujo. À minha amiga-sócia no ensino-pesquisa-extensão Francesca Columbu, pelo estímulo, pelo conforto, pelo diálogo e pela leitura atenta do trabalho. Aos meus admirados amigos Maurides Ribeiro e Antônio Piacentini, fontes de sabedoria e inspiração, agradeço pelas conversas.

Agradeço aos meus pais, pelo amor inigualável. São eles que cuidam de mim, torcem por mim e me ensinam as mais valiosas lições. Mesmo sem compreenderem exatamente o significado do meu trabalho, meus pais sempre depositaram em mim a confiança e o apoio necessários para lidar com os meus medos. Agradeço à toda a minha família e, em particular, aos meus avós. À minha avó, que mesmo sem memória, consegue expressar a pureza do seu amor. Ao meu avô, que também faleceu durante a escrita deste trabalho, mas que deixou de herança a sabedoria de um homem gentil, amoroso e resistente. Agradeço ao meu irmão e à minha cunhada, que me fizeram conhecer a alegria de ser tia da Bella e sempre estiveram por perto. Ao Lucas Maretti, por me mostrar o melhor de mim, oferecendo o afago e a energia que me faltavam para fechar este ciclo.

"Escrevo porque creio, a despeito de quaisquer argumentos em contrário, que a linguagem e o pensamento também sustentam o mundo e que, portanto, pela transformação da linguagem e do pensamento algo está sendo feito para que o mundo se transforme. Se assim não cresse, deixaria de ensinar e de escrever." (ALVES, 2005, p. 31).

RESUMO

BAZO, Andressa Loli. **O exercício da fé na prisão:** representações do papel da Igreja evangélica para a pessoa encarcerada. 298 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

A expansão do movimento evangélico na cidade repercute no crescimento e visibilidade que toma a organização evangélica na prisão. Se, por um lado, as referências religiosas não são novidade no universo carcerário, por outro, a disseminação de cultos e a separação dos evangélicos nas unidades prisionais chama atenção. Com esta pesquisa, procurou-se compreender as representações do papel da Igreja evangélica na prisão. A partir da lente oferecida pela Criminologia Clínica de Inclusão Social, investigou-se o contexto em que está inserido o preso evangélico para buscar entender as dimensões do papel da Igreja para ele, avaliando qual a conotação do pertencimento religioso. A partir do marco teórico adotado, que indica a necessidade de uma aproximação entre sociedade livre e sociedade encarcerada por meio de projetos de reintegração social que visam ao desenvolvimento de uma autonomia moral e à construção de uma personalidade ética assentada em um projeto de valorização de si mesmo, analisaram-se as histórias e projetos de vida de presos evangélicos. Para isso, foram realizadas entrevistas com internos da Colônia Penal Industrial de Maringá e da Casa de Custódia de Maringá, unidades prisionais localizadas no Estado do Paraná. As entrevistas foram analisadas individualmente e divididas em categorias que destacam as mudanças decorrentes da conversão, as regras e a rotina do espaço evangélico, a vigilância e a vulnerabilidade dos evangélicos, bem como as relações entre Igreja, facção e direção. As evidências empíricas apontam que, na prisão, os evangélicos se situam entre a desconfiança de funcionários e detentos em geral e a credibilidade por não traírem a facção nem darem trabalho para a administração. As entrevistas também indicam que os evangélicos precisam se submeter a um rígido código de conduta e a um intenso controle por parte de todos os atores do universo prisional, mas, principalmente, da massa carcerária. No entanto, a conversão pode proporcionar a ressignificação da própria história e a busca pela expansão de si alicerçada em um projeto de vida boa. Neste sentido, os dados mostram a ambivalência da identidade evangélica na prisão, que ao mesmo tempo em que é desmoralizada e controlada, pode devolver ao preso o controle de sua vida.

Palavras-chave: Criminologia. Prisão. Religião. Conversão. Inclusão Social.

ABSTRACT

BAZO, Andressa Loli. **Exercising faith in prison:** representations of the role played by Evangelical Church in the lives of imprisoned persons. 298 p. Thesis (Doctorate) – Faculty of Law, University of São Paulo, São Paulo, 2021.

The expansion of the urban Evangelical movement resulted in the growth and visibility of the Evangelical organization in prison. If, on the one hand, the religious references are not new in the prison scenario, on the other hand the dissemination of mass services and the segregation of Evangelical people in prison units is worthy of attention. The present research has attempted to understand the representations of the role Evangelical Church plays in prison. From the optics offered by Clinical Criminology of Social Inclusion, an investigation on the context in which the evangelical prisoners are placed was held in order to try to comprehend the dimension of the role played by the Church on their lives, also assessing the connotations of religious belonging. Adopting a theoretical framework that indicates the need for an approximation between free society and imprisoned society through social reintegration projects that seek the development of moral autonomy and the building of an ethical personality aiming at an awareness of self-worth, the stories and life projects of evangelical prisoners were analyzed. For this end, interviews were conducted with inmates from the Industrial Penal Colony of Maringá and the House of Custody of Maringá, which are prison units located in the State of Paraná. The interviews were analyzed individually and divided into categories that focus on the changes the religious conversion brought about, the rules and routine of evangelical space, the awareness and vulnerability of evangelical inmates, as well as the relationship between Church, factions and administration. The empirical evidence shows that, in prison, evangelical people are somewhere in between the mistrust by employees and inmates in general and the credibility seen by others due to not betraying their factions and presenting good behavior in the eyes of the administration. The interviews also indicate that evangelical prisoners are submitted to a strict code of conduct and an intense control by all agents of the prison scenario, but mainly by the inmate population. However, religious conversion can provide resignification of the prisoner's own life story and the search for self-growth based on a life project focused on good. In this sense, the data shows the ambivalence of evangelical identity in prison, once it can at the same time be demoralizing and controlling, but it can also return to prisoners the control over their own lives.

Keywords: Criminology. Prison. Religion. Conversion. Social Inclusion.

RÉSUMÉ

BAZO, Andressa Loli. **L'exercice de la foi en prison**: représentations du rôle de l'Église évangélique pour les personnes incarcérées. 298 pages. Thèse (Doctorat en Droit). Faculté de Droit, Université de São Paulo, São Paulo, 2021.

L'expansion du mouvement évangélique en ville se répercute sur la croissance et la visibilité de l'organisation évangélique en prison. Même si les références religieuses ne constituent pas une nouveauté au monde carcéral, l'augmentation des cultes et la séparation des évangéliques dans les établissements pénitentiaires attirent l'attention. Cette étude cherche à comprendre les représentations du rôle de l'Église évangélique en prison. Moyennant l'approche de la criminologie clinique d'inclusion sociale, on examine le contexte dans lequel le détenu évangélique se trouve afin de saisir les dimensions du rôle de l'Église pour lui, en évaluant les connotations de cette appartenance religieuse. Le cadre théorique adopté pour analyser les histoires et projets de vie de détenus évangéliques indique la nécessité d'un rapprochement entre société libre et société emprisonnée par des programmes de réinsertion sociale qui visent et au développement d'une autonomie morale et à l'achèvement d'une personnalité éthique basée sur une idée de valorisation de soi-même. Pour ces analyses, des entrevues ont été menées avec des internés de la Colônia Penal Industrial de Maringá (Colonie Pénale Industrielle de Maringá) et de la Casa de Custódia de Maringá (Prison de Maringá), établissements pénitentiaires situés au département de Paraná, au sud du Brésil. Les entrevues ont été analysées individuellement et distinguées en catégories détachant les changements issus de la conversion religieuse des détenus, les règles et le quotidien de l'espace évangélique, la vigilance et la vulnérabilité des évangéliques et enfin les rapports parmi l'Église, les factions criminelles et l'administration pénitentiaire. Les évidences empiriques signalent que les évangéliques en prison se situent à la fois entre la méfiance des fonctionnaires et détenus en général et la crédibilité, due à leur fidélité à la faction et leur bon comportement face à l'administration. Les entrevues suggèrent également que les évangéliques doivent subir un code rigide de conduite ainsi qu'un intense contrôle par tous les acteurs du monde pénitentiaire, surtout par l'ensemble des détenus. Néanmoins, la conversion religieuse peut offrir aux détenus évangéliques la resignification de leur histoire et la recherche de l'expansion de soi appuyée sur un projet de vie accomplie. Ainsi, les données montrent l'ambivalence de l'identité évangélique en prison : malgré la démoralisation et les contraintes impliquées, elle peut rendre au détenu le contrôle de sa vie.

Mots-clés : Criminologie. Prison. Religion. Conversion. Inclusion sociale.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
PARTE 1: PRISÃO E RELIGIÃO: ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA.....	17
1. MARCO TEÓRICO.....	18
1.1 Criminologia Clínica de Inclusão Social.....	20
1.2 Paradigma das inter-relações sociais e o ator situado.....	21
1.3. Reintegração social, autonomia moral e um projeto de vida boa.....	26
2. RELIGIÃO.....	32
2.1 Movimentos evangélicos no Brasil.....	33
2.2 Expansão pentecostal.....	45
2.3 Neopentecostalismo, acomodação ao mundo e identidade evangélica.....	51
3. IMBRICAÇÕES, TRÂNSITOS E FRONTEIRAS ENTRE MUNDO DO CRIME E MUNDO DA FÉ.....	61
3.1 Convertido criminoso.....	69
3.2 Criminoso convertido.....	75
4. RELIGIÃO NA PRISÃO.....	94
4.1 Prisão, facção e comunicação: traços de uma instituição porosa.....	94
4.2 Conversão na prisão.....	101
4.3 Efeitos da conversão na autorrepresentação do evangélico, nas inter-relações e na dinâmica prisional.....	112
PARTE 2: RELIGIÃO NA PRISÃO: ANÁLISE EMPÍRICA.....	125
1. MÉTODO: BARREIRAS E ESTRATÉGIAS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	126
1.1 Procedimentos e incursão em campo.....	128
1.2 Diário de campo.....	134
1.3 Técnica de análise das entrevistas.....	138
2. CONDENADOS CONVERTIDOS: HISTÓRIA DE VIDA REPARTIDA ENTRE CRIME E IGREJA.....	143
2.1 Religião, vulnerabilidade e prisão.....	173
2.2 Adesão religiosa e mudanças.....	182
2.3 Perspectiva de futuro.....	203
3. ALOJAMENTO EVANGÉLICO: UM SUPOSTO LUGAR DE PAZ E TRANQUILIDADE.....	211
3.1 Igreja sem placa: indistinção entre rituais e códigos de conduta religiosos dentro da prisão.....	223
3.2 Rotina evangélica na prisão: regra sobreposta a regra.....	232
4. CONVERTIDOS CONDENADOS: RELAÇÃO ENTRE IGREJA E FACÇÃO.....	245

4.1 Vigilância sobreposta a vigilância: desconfiança do crente na prisão e a galeria evangélica como seguro.....	258
4.2 Semelhanças entre Igreja e facção.....	281
CONCLUSÕES.....	287
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	292

INTRODUÇÃO

Cena 1: 1º semestre de 2015, um grupo de vinte estudantes se reunia semanalmente em frente ao Largo de São Francisco, em São Paulo, Capital, para serem conduzidos ao diálogo com pessoas presas no Centro de Detenção Provisória II de Pinheiros. No presídio, conhecido por ser neutro, isto é, sem domínio de facção, o grupo encarcerado era composto por ex-militares, transexuais e pastores, cada um deles ocupantes de uma ala do pavilhão conhecido pela disciplina, pela ordem e pelo respeito. Contavam da vida, trocavam ideias e discutiam assuntos como escolhas e liberdade. Em um dos encontros cuja condução ficou a cargo do grupo de pessoas presas, a proposta foi falar sobre o cotidiano. Ao explicar para os estudantes como funcionava a dinâmica do PCC (Primeiro Comando da Capital), o pastor explicou que existiam apenas duas formas de sair da facção: condenado ou convertido. Segundo ele, se o preso fizesse algo que afrontasse as regras da facção, seria expulso e punido. Em contrapartida, poderia decidir servir à Deus e não se envolver mais com o crime, desde que se convertesse à religião evangélica, que seria a religião oficial do PCC. Os encontros eram permeados por palavras de fé, porque muitos queriam transmitir sua mensagem. No último encontro, após tocar algumas músicas religiosas, o pastor pede a palavra. Ele então conta que era um grande assaltante e que tinha dois comparsas com os quais entrava nos prédios e esvaziava os apartamentos. Chorando, ele disse que olhava para os estudantes e imaginava que qualquer deles poderia ter sido vítima de um de seus furtos e que se arrependia profundamente, tinha encontrado Jesus e jamais voltaria a prejudicar alguém.

Cena 2: 27 de novembro de 2015, mais um dia comum em um presídio no município de Charqueadas, Rio Grande do Sul, exceto pela vistoria da Ouvidoria do Sistema Penitenciário Nacional, do Ministério da Justiça, acompanhada por um professor universitário da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e sua orientanda de Mestrado. O dia parecia calmo na carceragem cercada pelo Rio Jacuí. A vistoria seguia o protocolo: entrevistas com agentes, com o corpo de técnicos e com os presos, anotações sobre as condições locais e registros fotográficos. A estudante seguia atenta a todas as dimensões daquelas instalações. Olhares curiosos alcançavam os visitantes vindos de dentro das celas e agentes de segurança faziam sinais cordiais ao grupo. Aparentemente, nenhuma novidade: scanners nas entradas, celulares devidamente guardados, muitas grades e muito eco de grandes portas de ferro sendo destrancadas. Aquela era a primeira vez que a estudante

conhecia um presídio sob gestão da Brigada Militar. Tentava perceber diferenças em relação aos presídios que havia conhecido em São Paulo, mas só conseguia pensar que, independente de oferecer piores ou melhores condições, uma instituição prisional seria sempre uma prisão: um espaço de isolamento que provocava desconforto. Durante aquela visita, porém, algo que ainda não havia presenciado chamou sua atenção: um culto. Os visitantes entraram em um imenso galpão onde um pastor – também preso - pregava para cerca de trezentos homens reunidos, que entoavam vigorosamente palavras de fé. A celebração foi interrompida para apresentar os recém-chegados, que foram convidados a subir ao palco. O professor falou algumas palavras de cumprimento e foi saudado por todos. Encerrada sua pequena participação, o grupo cruzou novamente o local, passando pela extensa quantidade de homens uniformizados e concentrados nas mensagens do pastor, e foi convidado pelos presos a conhecer as celas da ala da Igreja. Extremamente limpo e bem organizado, o espaço era dividido pelos líderes da Igreja, que contava com um grande número de fiéis.

*

As cenas descritas são reais e compõem um portfolio de experiências vividas por esta pesquisadora em prisões. Durante algumas dessas visitas, a religião chamou atenção. De várias formas, a profissão de uma fé ou a presença de um símbolo sagrado se manifesta na prisão. Seja na estrutura e nas mensagens pintadas nas paredes, como é o caso da Penitenciária Feminina de Santana, em São Paulo, que antes de se transformar em instituição carcerária, abrigava um convento, seja pelas capelas, imagens de santos, como aquelas existentes no Centro de Detenção Provisória de Pinheiros, também em São Paulo, seja pelas salas, maiores ou menores, reservadas para cultos e outras atividades religiosas em unidades prisionais do Paraná, do Rio Grande do Sul e do Maranhão.

Fato é que a Igreja, sobretudo a Igreja evangélica, parece ocupar um lugar de destaque na prisão. Muitas prisões, inclusive, contam com pavilhões destinados exclusivamente a membros da Igreja evangélica. É a partir dessa constatação que se colocam as perguntas desta pesquisa: quais as representações do papel da Igreja evangélica para o preso? Como os presos percebem a presença da Igreja nas prisões? Qual a conotação do vínculo do preso com a Igreja? A partir desses questionamentos, o objetivo dessa pesquisa foi compreender como o preso se vê, nas relações que constrói com a Igreja. Em outras palavras, a finalidade desta pesquisa foi identificar as representações do papel da igreja para

o sujeito encarcerado, buscando entender a sua influência dentro do complexo conjunto de interações sociais que atuam na formação das respostas adaptativas do indivíduo preso.

Se na pesquisa de Mestrado procurou-se compreender as relações que se estabelecem no bojo de uma facção e qual a conotação do pertencimento entre aqueles que a fazem, nesta pesquisa de Doutorado, buscou-se compreender a mesma subjetividade que liga o preso a um grupo, porém, agora, o olhar esteve voltado para outro grupo, o da Igreja evangélica. Facção e Igreja parecem traçar os limites e regular o comportamento dentro da prisão. Trata-se de dois grupos que, com ideais distintos, ocupam o mesmo espaço sem, contudo, entrar em conflito. Facção e Igreja aparecem como opções de vida na prisão. Se, de um lado, a facção permitiria a continuidade da vida no crime, de outro, a Igreja evangélica parece representar a possibilidade de se redimir do crime/pecado por meio da pena/penitência e trilhar uma nova história de vida.

O que leva um preso a trilhar o caminho da religião? Como ele se vê nesta relação com a Igreja? São estas questões que buscou-se responder por meio de entrevistas, traçando um paralelo com as respostas extraídas da análise do discurso de faccionados e desenhando a perspectiva dos presos sobre si. No tocante às facções, identificou-se nas falas dos entrevistados que, ao ingressar para a facção, o indivíduo parecia perder parte daquilo que o discrimina e passaria a compartilhar uma identidade coletiva, que separa não um sujeito, mas um grupo. Esse estudo permitiu configurar os lugares assumidos e atribuídos pelos faccionados nas relações tecidas entre esses atores institucionais. Concluiu-se, a partir da análise das entrevistas, que os faccionados representavam a facção como a verdadeira prisão.

Nesta pesquisa, o objetivo foi analisar como a Igreja evangélica se insere na vida da pessoa presa e como ela se manifesta na sua condição de encarcerado, em vista da sua subjetividade. Para isso, operou-se com os pressupostos desenhados pela Criminologia Clínica de Inclusão Social, enxergando o sujeito como um ator situado, isto é, como um indivíduo que é protagonista de suas ações em meio a um emaranhado de influências sociais que condiciona seu comportamento, mas não suprime a sua autonomia. Em outras palavras, o ator foi pensado como um sujeito que ocupa um lugar na teia das relações sociais - na escola, na família, na Igreja, no trabalho e em todas as relações que trava no seu percurso histórico. Em cada um dos espaços que ocupa, o sujeito não perde sua qualidade de sujeito, isto é, de indivíduo, mas esta qualidade aparece ligada a expectativas e ações dimensionadas no tempo e no espaço em que se insere. Se o ser humano é essencialmente um ser social que se relaciona com outros seres sociais, é de se pressupor que, nestas relações, ele se molda e se adapta conforme as expectativas que tem de si e conforme as expectativas que a ele são

endereçadas. Ele é ator, porque atua dentro desse círculo, mas ele não é deslocado da realidade em que vive. Ele é um ator contextualizado, inserido em uma cultura, com costumes, hábitos e valores próprios.

Partindo do pressuposto de que o indivíduo preso é um ator situado no cenário da prisão e de que suas escolhas estão condicionadas pelas múltiplas variáveis que, neste âmbito, o alcançam e o influenciam, procurou-se, com esta pesquisa, compreender o papel que a Igreja evangélica desempenha na vida dos presos, ou seja, a influência que a Igreja evangélica exerce nas suas histórias e como a opção pelo caminho religioso se insere em suas trajetórias. Assim, identificou-se em quais circunstâncias o preso se relaciona com a religião evangélica e de que forma sua vida na prisão passa a ser influenciada por ela.

A presença da Igreja evangélica na prisão, tal qual a facção, consiste em um fenômeno complexo que merece uma análise afastada de reducionismos. Sem a intenção de qualificar a instituição religiosa a partir de suas propostas ou de discutir o aporte teológico em que ela se alicerça, a pesquisadora se concentrou em analisar o impacto da sua presença na vida daquelas pessoas que a ela recorrem. O que o preso procura quando busca a religião evangélica dentro da instituição? Seria acolhimento e perdão? Seria conforto? Em sendo conforto, qual tipo de conforto? Haveria privilégios? Em caso afirmativo, quais esses privilégios? Quais suas significações? São inúmeras as hipóteses que colocam possibilidades de respostas para a pergunta principal, mas é por meio de entrevistas com os presos que foram alcançadas algumas respostas. Procurando não condicionar os entrevistados a tais hipóteses, o olhar esteve voltado para o cotidiano e para os sentimentos que eles desenvolvem na relação com a Igreja evangélica dentro da prisão.

Buscando compreender o papel que a Igreja evangélica ocupa na história de vida de pessoas presas e qual a sua influência na construção dos seus projetos de vida, foram aplicadas vinte entrevistas com homens presos que se identificavam como evangélicos e/ou moravam nos espaços destinados aos evangélicos na Colônia Penal Industrial de Maringá e na Casa de Custódia de Maringá, unidades prisionais situadas lado a lado, no município de Maringá, Estado do Paraná. A escolha dessas unidades justifica-se por um conjunto de fatores que serão expostos no capítulo sobre o método, mas o principal motivo dessa escolha é a existência de alojamentos ou galerias exclusivamente reservadas aos evangélicos. Elaborou-se um roteiro com algumas perguntas sobre história de vida, experiência religiosa e planos para o futuro. As entrevistas foram integralmente transcritas, analisadas individualmente e, posteriormente, fracionadas em categorias.

O trabalho é apresentado em duas partes, uma relativa à pesquisa bibliográfica e outra atinente à pesquisa empírica. A primeira parte é dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo explica o marco teórico que forneceu subsídios para a elaboração da pergunta de pesquisa e interpretação das informações colhidas em campo. O segundo capítulo traz uma explanação sobre o desenvolvimento das religiões evangélicas, suas divisões doutrinárias e suas prescrições de conduta. O terceiro capítulo mostra a expansão das religiões evangélicas pelas periferias do país e as suas imbricações com o crime organizado. O quarto capítulo revela as especificidades da configuração evangélica dentro da prisão.

Dividida em quatro capítulos, a segunda parte do trabalho, por sua vez, apresenta o resultado da análise das entrevistas realizadas. No primeiro capítulo, além do método empregado, são expostas as dificuldades de realização do campo e os procedimentos burocráticos superados. Neste capítulo também procurou-se situar as experiências da pesquisadora e justificar as escolhas que conduziram a pesquisa. O segundo capítulo inaugura a apresentação dos resultados da análise. Neste capítulo, são narradas as histórias de vida dos entrevistados e revelado o entrecruzamento entre o conflito com a justiça e a conversão à religião evangélica na prisão. Identifica-se, ainda, quais mudanças são despertadas pela conversão e quais as implicações da conversão no discurso e no projeto de vida do entrevistado. No terceiro capítulo, são descritas as características do alojamento e da galeria evangélica, suas regras e relações com a população prisional. Por fim, o quarto capítulo indica aproximações entre os dois grupos que convivem na prisão: evangélicos e faccionários.

PARTE 1
PRISÃO E RELIGIÃO: ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

CAPÍTULO 1

MARCO TEÓRICO

Toda ciência se debruça sobre um objeto de estudo. A Criminologia é uma ciência, porque tem seu objeto próprio. Contudo, existem várias abordagens sobre este objeto. Assim, é possível afirmar que existem tantas Criminologias quantas formas de pensar uma mesma questão. Esse recorte não traduz uma divisão da ciência em disciplinas, mas decorre do reconhecimento das diversas influências que atuam sobre o pensamento criminológico. Reconhecer essa diversidade é condição de formulação de qualquer pergunta de pesquisa, pois toda pergunta é feita a partir de um marco teórico, que também será identificado, neste trabalho, como um paradigma em cujo horizonte o problema postulado se enraíza. A apresentação do marco teórico é importante na medida em que fornece subsídios para a interpretação do problema de pesquisa e se manifesta desde a formulação da pergunta.

Assim, marco teórico pode ser conceituado como a base em que a pesquisa está assentada, desde a sua proposição. É essa teoria que fornece as ferramentas por meio das quais opera-se o recorte da pesquisa e delimita-se o problema. Thomas Kuhn, físico norte-americano que se preocupou com a filosofia da ciência, lembra que: "nenhuma história natural pode ser interpretada na ausência de pelo menos algum corpo implícito de crenças metodológicas e teóricas interligadas que permita seleção, avaliação e crítica"¹. Em função disso, neste primeiro capítulo, será apresentado o quadro teórico que serve de apoio para a realização da pesquisa. O marco teórico eleito para sua realização se pauta por uma abordagem clínica da Criminologia orientada pelo paradigma das inter-relações sociais. Trata-se de pesquisa criminológica e, portanto, interdisciplinar. Como explica Sérgio Salomão Shecaira: "as ciências que subsidiam a criminologia interrelacionam-se, interpenetram-se, interagem-se e complementam-se"². As referências são extraídas de várias áreas do conhecimento, principalmente das Ciências Sociais, com destaque para a Sociologia e Antropologia. Contando ainda com aportes da Psicologia e da Ciência da Religião, a pergunta procura ser respondida segundo a perspectiva teórica da Criminologia Clínica de Inclusão Social³.

¹ KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. P. 37.

² SHECAIRA, Sérgio Salomão. **Criminologia**. 5. ed. rev. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2013. P. 63.

³ "Além da proximidade com os saberes psi, a criminologia clínica se caracteriza por ser um ramo da criminologia aplicada, um campo de intervenção e de conhecimentos interdisciplinares, voltados para práticas do sistema de justiça criminal". BRAGA, Ana Gabriela Mendes. *Criminologia Clínica e Crítica: uma*

A palavra paradigma é empregada segundo o conceito desenvolvido por Thomas Kuhn em "A estrutura das Revoluções Científicas", publicado no começo da década de 1960. Paradigma é um modelo ou uma perspectiva sob a qual as pesquisas são desenvolvidas segundo um conjunto de compromissos com a ciência. De acordo com Kuhn, quando um paradigma se torna incapaz de resolver os novos problemas, instaura-se uma crise de paradigma, que dá origem a uma revolução científica. Essa revolução é caracterizada pela mudança de paradigma, a qual seria vista com relutância pelos pesquisadores, na medida em que implica o abandono de uma teoria e de uma visão de mundo em que eles foram criados e acostumados, em favor de uma hipótese desconhecida. A revolução opera a desintegração do pensamento científico e da sua prática correspondente, forçando a comunidade de pesquisadores a reformular suas preocupações.

Diante da insuficiência das diretrizes metodológicas para ditarem uma conclusão substantiva para questões científicas, a mudança de paradigma é inevitável. Nas palavras de Kuhn: "Essas transformações de paradigmas [...] são revoluções científicas e a transição sucessiva de um paradigma a outro, por meio de uma revolução, é o padrão usual de desenvolvimento da ciência amadurecida"⁴. Por consequência, assim que um novo paradigma se torna aceito, ele experimenta aquilo que Kuhn chama de um período de "pesquisa normal", caracterizado pela contínua expansão e aperfeiçoamento do novo paradigma, bem como pelo teste de seus limites. Esse novo paradigma fornece novas ferramentas e um novo aporte teórico. É esse aporte teórico que permite, portanto, desenhar o cenário das práticas que são objeto da pesquisa, uma vez que ele permite situá-las segundo um referencial que confere sentido à questão. "Os conceitos científicos que expressam só obtêm um significado pleno quando relacionados, dentro de um texto ou apresentação sistemática, a outros conceitos científicos, a procedimentos de manipulação e a aplicações do paradigma"⁵. O pensamento kuhniano é aqui apropriado para pensar o desenvolvimento do pensamento criminológico.

aproximação possível. In: SHECAIRA, Sérgio Salomão; FERRARINI, Luigi Giuseppe Barbieri; ALMEIDA, Júlia de Moraes (orgs.). **Criminologia: estudos em homenagem ao Professor Alvin August de Sá**. Belo Horizonte: D'Plácido, 2020, p. 31–52. P. 36.

⁴ KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. P. 32.

⁵ *Ibid.* P. 182.

1.1 CRIMINOLOGIA CLÍNICA DE INCLUSÃO SOCIAL

A variedade de vertentes teóricas existentes permite falar que a ciência criminológica não é unívoca. Existem tantas Criminologias quanto jeitos de pensar e de se posicionar ética e politicamente. Uma das correntes da Criminologia é justamente a Criminologia Clínica e mesmo essa corrente do pensamento criminológico não é homogênea. Pelo contrário, existem muitas formas de pensar a Criminologia Clínica, que pode ser dividida em três grandes modelos teóricos, ou três gerações⁶. A primeira geração da Criminologia Clínica segue um modelo estritamente médico-psicológico e compreende o crime como um comportamento patológico, buscando nos fatores orgânicos e psíquicos as suas causas. Em outras palavras, o comportamento criminoso seria diagnosticado por meio de uma anamnese do seu autor, em busca das condições ontológicas consideradas determinantes desse comportamento. Após a sua avaliação médica, que resultaria em um prognóstico criminoso, ele seria objeto de um tratamento penal.

A segunda geração da Criminologia Clínica segue um modelo psicossocial, que agrega à análise do comportamento criminoso a influência de fatores ambientais e sociais. Assim, segundo esse modelo, os fatores externos, junto com a estrutura psíquica do indivíduo, repercutem sobre as inclinações do sujeito. A diferença entre este modelo e seu antecessor é que seu antecessor considerava que os fatores externos eram internalizados e metabolizados pelo aparelho biopsíquico, enquanto este considera os fatores externos como autônomos⁷. O modelo psicossocial apresenta uma concepção multifatorial da motivação criminal, entendendo a conduta criminoso como um resultado possível, mas não necessário, da associação de fatores psicológicos e sociais⁸.

A terceira geração da Criminologia Clínica, cujo principal precursor, no Brasil, é Alvíno Augusto de Sá, recebe influências de teorias sociológicas e se pauta no paradigma das inter-relações sociais. Sá reformula o próprio conceito de Criminologia Clínica, porque a mudança de paradigma conduz também à mudança das perguntas sobre a questão criminal⁹. Com a influência das teorias construtivistas, o objeto de estudo da Criminologia

⁶ Essa classificação dos modelos em gerações serve justamente para indicar que não há uma relação de superação entre um e outro.

⁷ SÁ, Alvíno Augusto de. **Criminologia Clínica e Execução Penal**: proposta de um modelo de terceira geração. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011. P. 164.

⁸ *Ibid.* P. 175.

⁹ Nas palavras de Alvíno Augusto de Sá, a Criminologia Clínica, em seu modelo de inclusão social: "Como um de seus objetivos, procura analisar o complexo contexto em que ocorreu o *comportamento problemático* do encarcerado, o chamado *cenário do crime*, a *malha paradigmática das inter-relações sociais*, e assim melhor compreender o *comportamento problemático*, não enquanto crime, não enquanto conduta negativa,

Clínica passa a incluir as formas de "controle social global da conduta desviada"¹⁰, vistas como constitutivas dos comportamentos desviantes. A Criminologia Clínica passa a se preocupar, assim, não apenas com a constituição psíquica e social do sujeito, mas com as instâncias formais e informais de controle social. Dessa forma, a Criminologia Clínica de terceira geração passa a considerar também as causas da seletividade penal: "racismo, sexismo, heteronormatividade compulsória, capitalismo e colonialidade"¹¹. A reação social e a estigmatização do sujeito são consideradas indissociáveis do comportamento. Visando a uma "compreensão global da dinâmica em que está inserido o indivíduo que delinuiu"¹², nesse modelo, o sujeito é analisado em contexto e esse contexto é considerado corresponsável pelo seu comportamento. Três conceitos são imprescindíveis para a compreensão da Criminologia Clínica de Inclusão Social: "paradigma das inter-relações sociais", "ator situado" e "reintegração social"¹³.

1.2 PARADIGMA DAS INTER-RELAÇÕES SOCIAIS E O ATOR SITUADO

A Criminologia Clínica de Inclusão Social se pauta no paradigma das inter-relações sociais, estruturado por Christian Debuyst. Esse paradigma avalia não apenas a perspectiva individual da ação criminosa, mas também a perspectiva coletiva que assim a classifica. Dessa forma, o seu objeto de estudo se concentra nos efeitos negativos de eventual comportamento criminoso, assim como na atuação das agências de controle social, que

propriamente, mas enquanto uma resposta que o condenado deu a uma situação problemática que enfrentou na vida. Tal resposta que se lhe apresentou é compreendida como a alternativa mais viável para que ele se adaptasse à referida situação, ainda que ela implique conflitos com as normas penais vigentes, como o meio social e, particularmente, com aquele ou aqueles que foram (ou viriam a ser) lesados com tal comportamento". SÁ, Alvino Augusto de. **Criminologia Clínica e Execução Penal**: proposta de um modelo de terceira geração. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011. P. 328.

¹⁰ Consideram-se os processos de interação social formais e informais de definição e seleção da criminalidade. ANDRADE, Vera Regina Pereira de. Do paradigma etiológico ao paradigma da reação social: mudança e permanência de paradigmas criminológicos na ciência e no senso comum. **Seqüência**: Estudos Jurídicos e Políticos, Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 24–36, 1995. P. 28/29.

¹¹ PIRES, Thula Rafaela de Oliveira. Criminologia Crítica e pacto narcísico: por uma crítica criminológica apreensível em pretuguês. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, v. 135, n. 25, p. 541–562, 2017. P. 542.

¹² BRAGA, Ana Gabriela Mendes. Criminologia Clínica e Crítica: uma aproximação possível. In: SHECAIRA, Sérgio Salomão; FERRARINI, Luigi Giuseppe Barbieri; ALMEIDA, Júlia de Moraes (orgs.). **Criminologia**: estudos em homenagem ao Professor Alvino Augusto de Sá. Belo Horizonte: D'Plácido, 2020, p. 31–52. P. 45.

¹³ Uma apresentação do desenvolvimento teórico do paradigma das inter-relações sociais e da sua apropriação pela Criminologia Clínica de Inclusão Social já foi feita em: BAZO, Andressa Loli. A questão criminal e a inclusão social. In: SHECAIRA, Sérgio Salomão; FERRARINI, Luigi Giuseppe Barbieri; ALMEIDA, Júlia de Moraes (org.). **Criminologia**: estudos em homenagem ao Professor Alvino Augusto de Sá. Belo Horizonte: D'Plácido, 2020, p. 53–74.

produzem a criminalização desse comportamento e a sua punição. O paradigma das inter-relações sociais é formado a partir da elaboração de dois outros paradigmas que, em princípio, se opõem: o paradigma do fato social e o paradigma da reação social. No entanto, o paradigma das inter-relações sociais não se propõe simplesmente a conjugar duas teorias, formando aquilo que se costuma denominar de teoria mista, mas se forma a partir do reconhecimento das suas próprias contradições e ambiguidades¹⁴.

O paradigma do fato social entende que o comportamento criminoso é uma ação humana livre e consciente imune a qualquer influência, seja ela financeira, política, ética ou afetiva. Segundo essa perspectiva, todas as pessoas teriam as mesmas condições de fazer uma opção entre adotar um comportamento lícito ou praticar uma conduta criminosa. O crime seria, assim, considerado como um dado ontológico.

O paradigma da reação social, também conhecido como "teoria da etiquetagem" ou "labelling approach", foi desenvolvido nos Estados Unidos no início dos anos 1960¹⁵, quando parte da Criminologia absorve as influências das teorias fenomenológicas do interacionismo simbólico e da etnometodologia¹⁶. A partir de seu postulado, o crime deixa de ser concebido como uma entidade ontológica, que existe por si mesma, e passa a ser interpretado "como um status atribuído a determinados indivíduos mediante um duplo processo: a 'definição' legal de crime, que atribui à conduta o caráter criminal e a 'seleção' que etiqueta e estigmatiza um autor como criminoso entre todos aqueles que praticam tais condutas"¹⁷. Ao reconhecer a grave deficiência do paradigma do fato social, o paradigma da reação social promove um deslocamento do objeto de estudo da Criminologia, colocando luz sobre a atuação das agências de controle social. Com esse giro, a teoria da reação social acaba, contudo, negando a autonomia do autor do comportamento criminalizado.

¹⁴ Álvaro Pires e Françoise Digneffe defendem que a representação do crime como um problema de relações e de transformações sociais não resulta meramente da soma dos dois paradigmas anteriores nem da sobreposição de um sobre o outro. Esse novo modelo não apenas conjuga a gênese e a regulação do desvio, mas analisa-o a partir dessa relação, lidando com a dicotomia entre as duas concepções. PIRES, Alvaro P.; DIGNEFFE, Françoise. *Vers un paradigme des inter-relations sociales? Pour une reconstruction du champ criminologique. Criminologie*, v. 25, n. 2, p. 13–47, 1992. P. 41.

¹⁵ *Ibid.* P. 18.

¹⁶ Alessandro Baratta explica que: "Segundo o interacionismo simbólico, a sociedade - ou seja, a realidade social - é constituída por uma infinidade de interações concretas entre indivíduos, aos quais um processo de tipificação confere um significado que se afasta das situações concretas e continua a estender-se através da linguagem. Também segundo a etnometodologia, a sociedade não é uma realidade que se possa conhecer sobre o plano objetivo, mas o produto de uma 'construção social', obtida graças a um processo de definição e de tipificação por parte dos indivíduos e de grupos diversos". BARATTA, Alessandro. **Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal**: introdução à sociologia do direito penal. Tradução Juarez Cirino dos Santos. 6. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011. P. 87.

¹⁷ ANDRADE, Vera Regina Pereira de. Do paradigma etiológico ao paradigma da reação social: mudança e permanência de paradigmas criminológicos na ciência e no senso comum. **Seqüência**: Estudos Jurídicos e Políticos, Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 24–36, 1995. P. 28.

De acordo com Álvaro Pires e Françoise Digneffe, nos anos 25 e 30, a Criminologia Clínica recebeu uma orientação fenomenológica, afastando-se da perspectiva clínica positivista¹⁸ cujas pesquisas seguiam uma abordagem determinista e biologicista, investigavam traços de personalidade e se centravam nas diferenças entre delinquentes e não delinquentes. Desenvolvida por Étienne De Greeff, professor da Escola de Ciências Criminais da Universidade de Louvain¹⁹, na Bélgica, essa nova orientação concebia o crime como o resultado de um processo normal e complexo de adaptação do indivíduo a uma situação de vida. Portanto, o delito não representaria em si um produto patológico, mas exprimiria a relação do sujeito com a sua história e o seu meio, mostrando-se para ele como a melhor forma de adaptação possível às suas condições de vida²⁰.

Na primeira metade dos anos 1970, com a recepção do interacionismo simbólico na Europa continental, Christian Debuyst, aluno de De Greeff, desenvolve uma orientação clínica cujos estudos se apoiam nas relações complexas entre certas formas de fazer e uma forma de definir e de intervir. Assim, Debuyst aproxima o pensamento fenomenológico de De Greeff e a sociologia da reação social da Nova Escola de Chicago, considerando as duas dimensões do desvio: a gênese das situações problemáticas e a reação social. Ao enfatizar as relações entre a dimensão social e dimensão individual, Debuyst articula o estudo da ação individual e da reação social, considerando os diferentes sujeitos envolvidos nessa relação (autor do ato, vítima imediata, comunidade, agências oficiais de controle, atores do sistema de justiça criminal, etc.). Com isso, o autor do crime passa a ser considerado um *ator situado*, isto é, um indivíduo que possui um ponto de vista próprio, mas cujas escolhas dependem da posição que ele ocupa no quadro social, da sua história e dos seus projetos de vida. A noção de *ator situado* coloca ênfase sobre o contexto em que o sujeito está inserido²¹, assumindo que o sujeito é um todo não harmônico, cheio de contradições e conflitos, exposto a pressões internas e externas²². Dessa forma, o sujeito é pensado dentro de um cenário onde se relaciona com indivíduos, grupos de indivíduos e Estado. Ao propor o conceito de *ator situado*, Debuyst consegue integrar as situações de desvio e a definição legal do desvio, articulando a transgressão da lei e sua criação e aplicação.

¹⁸ Sobre criminologia positivista, cf. ANDRADE, Vera Regina Pereira de. Do paradigma etiológico ao paradigma da reação social: mudança e permanência de paradigmas criminológicos na ciência e no senso comum. **Seqüência**: Estudos Jurídicos e Políticos, Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 24–36, 1995.

¹⁹ PIRES, Álvaro P.; DIGNEFFE, Françoise. Vers un paradigme des inter-relations sociales? Pour une reconstruction du champ criminologique. **Criminologie**, v. 25, n. 2, p. 13–47, 1992. P. 23.

²⁰ *Ibid.* P. 24.

²¹ *Ibid.* P. 22.

²² BRACCO, Bruno Amabile. **As religiões e o movimento rumo ao perdão**: um desafio para o Direito Penal. 2016. Tese (Doutorado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 2016. P. 387.

Desse modo, o paradigma das inter-relações sociais identifica as limitações dos paradigmas do fato social e da reação social e confronta indivíduo e sociedade. Isso não significa que o novo paradigma constitua uma evolução dos anteriores. Assim, não se defende uma progressividade no pensamento. As contínuas transformações no pensamento criminológico não figuram como superação de teorias. Ou seja, não se pressupõe continuidade no desenvolvimento da ciência, mas um salto em que são questionados princípios (visões de mundo) que orientavam a prática científica anterior. Nas palavras de Kuhn:

A transição de um paradigma em crise para um novo, do qual pode surgir uma nova tradição de ciência normal, está longe de ser um processo cumulativo obtido através de uma articulação do velho paradigma. É antes uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios, reconstrução que altera algumas das generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muitos de seus métodos e aplicações.²³

O paradigma coloca novos problemas a serem solucionados pela ciência normal. Isso quer dizer que não há mera atualização dos objetivos presentes nas pesquisas que se orientavam pelo paradigma anterior. Pressupor que os cientistas procuram realizar os mesmos objetivos no paradigma atual implica em distorções de suas pesquisas e em uma análise a-histórica. A mudança de paradigma coloca uma mudança de interpretação do cientista, uma vez que seu aparato perceptivo sofre significativa alteração com a revolução perpetrada pela crise do paradigma antecedente. "Uma nova teoria [...] nunca é apenas um incremento ao que já é conhecido. Sua assimilação requer a reconstrução da teoria precedente e a reavaliação dos fatos anteriores"²⁴. A partir dessa noção, é importante apresentar os processos de construção e reconstrução do paradigma que orienta esta pesquisa, de modo a situar o quadro referencial em que o problema está inserido e a partir do qual ele pôde ser pensado.

Sem desprezar o poder do Estado frente ao indivíduo, o paradigma das inter-relações sociais consegue reconhecer também a autonomia da pessoa envolvida com a justiça e, ao reconhecer a sua autonomia, reconhece, também, a sua própria humanidade. Dessa forma, o paradigma das inter-relações sociais permite trabalhar com toda a complexidade do sistema de justiça criminal sem que seja negligenciado o poder político e econômico que define as condutas criminosas e exclui uma parte da população e, também, sem desacreditar o sujeito como pessoa capaz de fazer escolhas e se posicionar como protagonista da sua própria vida.

²³ KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. P. 116.

²⁴ *Ibid.* P. 26.

Neste paradigma, o "crime" emerge como o resultado de práticas interativas e de objetivação de ordem diversa: maneira de agir e de definir entre os indivíduos, e maneira de agir e de definir no plano institucional de organização dos direitos. A dicotomia "comportamento sem definição" e "definição sem comportamento" é ao menos parcialmente superada por duas dimensões racionais: de uma parte, as relações e transformações das relações entre as pessoas e, de outra parte, as relações específicas entre as pessoas e o Estado (direito penal). (tradução nossa).²⁵

Com efeito, o paradigma das inter-relações sociais considera, então, a interação entre o comportamento e sua qualificação pelo sistema de justiça criminal, isto é, entre ação e reação, preocupando-se, simultaneamente, com o comportamento do indivíduo e com as engrenagens do sistema penal. Dessa forma, o crime deixa de ser visto como resultado de uma vontade abstrata e absoluta ou como uma construção social alheia à realidade. Nesse sentido, a realidade é considerada inerente à sua definição e a definição é vista como parte imprescindível da repressão de uma conduta.

Ao apontar a necessidade de aproximação entre a Criminologia Crítica e os movimentos sociais, Thula Pires menciona algumas possibilidades não racistas para lidar com as ações socialmente definidas como desviantes, possibilidades estas que se adequam perfeitamente aos objetivos da Criminologia Clínica de Inclusão Social: "exercitar a escuta, colocar-se em contexto, assumir a provincialidade escondida na defesa de sua condição universal, aprender com aquele que julgava alienado"²⁶. No modelo de terceira geração, além de inclinar-se para acessar a história e a visão de mundo do ator situado, reconhecendo a sua individualidade, a Criminologia Clínica também considera a influência da estrutura social que governa as instâncias de controle. Dessa forma, enfatiza a vulnerabilidade racial e social da pessoa selecionada pelo sistema de justiça criminal, propondo o desenvolvimento de estratégias que permitam ao sujeito escapar do "circuito fechado da marginalidade"²⁷, as quais são qualificadas como estratégias de reintegração social.

²⁵ No original: "Dans ce paradigme, le "crime" émerge comme le résultat de pratiques interactives et d'objectivation d'ordre diverse: manière d'agir et de définir entre les individus, et manière d'agir et de définir sur le plan institutionnel de l'organisation des droits. La dichotomie "comportement sans définition" et "définition sans comportement" est au moins partiellement dépassée au profit de deux dimensions relationnelles: d'une part, les relations et transformations de ces relations entre les personnes et, d'autre part, les relations spécifiques entre les personnes et l'État (le droit pénal)". PIRES, Alvaro P.; DIGNEFFE, Françoise. Vers un paradigme des inter-relations sociales? Pour une reconstruction du champ criminologique. *Criminologie*, v. 25, n. 2, p. 13-47, 1992. P. 43.

²⁶ PIRES, Thula Rafaela de Oliveira. Criminologia Crítica e pacto narcísico: por uma crítica criminológica apreensível em pretuguês. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, São Paulo, v. 135, n. 25, p. 541-562, 2017. P. 557.

²⁷ Expressão utilizada por Loïc Wacquant ao fazer uma comparação histórica entre gueto e prisão nos Estados Unidos, entendendo que ambas configuram instituições de confinamento forçado e controle etnoracial que condenam parte da população ao ostracismo social. "Soon the black ghetto, converted into an instrument of naked exclusion by the concurrent retrenchment of wage labor and social protection, and further destabilized by the increasing penetration of the penal arm of the state, became bound to the jail and prison system by a triple relationship of functional equivalency, structural homology, and cultural syncretism, such that they now

1.3 REINTEGRAÇÃO SOCIAL, AUTONOMIA MORAL E UM PROJETO DE VIDA BOA

O paradigma das inter-relações sociais orienta a construção da Criminologia Clínica de Inclusão Social, um modelo teórico que, ao conceber o crime como uma ação problemática, seja porque causa danos a alguma vítima, seja porque provoca o envolvimento do indivíduo com o sistema de justiça criminal, enredando-o num ciclo vicioso de criminalização, permite pensar estratégias de pacificação social por duas vias: uma que atua na promoção da indivíduo como sujeito livre e capaz de elaborar respostas adaptativas menos danosas, e outra que se volta para o corpo social visando a sua conscientização sobre os instrumentos políticos e econômicos que regulam o controle punitivo.

A Criminologia Clínica de Inclusão Social se propõe a pensar, assim, estratégias de reintegração social. No entanto, a ideia de reintegração social adotada por essa teoria não coincide com a tradicional ideia de reintegração social como finalidade oficial da pena privativa de liberdade, porque a estratégia adotada pela proposta de inclusão formulada pela Criminologia Clínica reconhece os marcadores de raça, classe e gênero que instruem a criminalização de condutas e a seleção de uma parcela da população como alvo do sistema de justiça criminal. Ao reconhecer a força da reação social na promoção da exclusão social, a Criminologia Clínica reformula o seu próprio campo de estudos e aciona proposições que servem para combater os efeitos nocivos dessa exclusão. Tais proposições revelam esforços de aproximação social, reflexão e conscientização coletiva sobre a prisão, visando a uma reintegração por uma via de mão dupla, que reconhece que a sociedade é parte dos problemas da questão criminal.

Assim, a Criminologia Clínica de Inclusão Social concebe a pessoa envolvida com o sistema de justiça criminal como um ator situado, o crime como comportamento potencialmente danoso definido pelas instâncias de controle social e a reintegração como estratégia de aproximação de pessoas excluídas a pessoas não-excluídas do convívio comunitário, colocando em cena o sujeito como protagonista dos seus atos e a sociedade como corresponsável pelo comportamento potencialmente danoso. O conceito de

constitute a single *carceral continuum* which entraps a redundant population of younger black men (and increasingly women) who circulate in closed circuit between its two poles in a self-perpetuating cycle of social and legal marginality with devastating personal and social consequences". WACQUANT, Loïc. The new "peculiar institution": on the prison as surrogate ghetto. **Theoretical Criminology**, v. 4, n. 3, p. 377–389, 2000. P. 384.

"reintegração social" empregado é emprestado de Alessandro Baratta²⁸ e refere-se a uma série de estratégias sugeridas pelo autor para a abertura da prisão à sociedade e da sociedade à prisão. Dentre elas, destaca-se a concessão, na prisão, de acesso à educação, qualificação profissional e saúde e, fora da prisão, a realização de programas de formação e eventos que incluam egressos dessa instituição. Além disso, reintegrar significa estimular a reconstrução da própria história de vida no contexto dos conflitos da sociedade na qual ela está inserida e, para isso, é necessário o desenvolvimento de uma consciência política. A participação nas lutas dos movimentos sociais dentro e fora do cárcere permite substituir reações individualistas por soluções coletivas, servindo também de ponte entre a sociedade encarcerada e a sociedade livre. Para isso, é preciso uma postura ativa e engajada de membros da sociedade civil e, também, de funcionários do Estado, pois a reintegração social é tema de interesse público e coletivo.

Ana Gabriela Mendes Braga explica que a reintegração é um direito do preso e que Baratta compreende a reintegração social a partir de duas dimensões: uma ligada ao retorno do preso à sociedade após o cumprimento da pena e às oportunidades para o exercício de seus direitos individuais, sociais e políticos; outra relacionada às estratégias e ações para tornar o cárcere menos cárcere²⁹. Importante ressaltar que o conceito de reintegração social não pressupõe que as pessoas presas não estejam integradas à sociedade mais ampla, mas que estejam excluídas do acesso a alguns bens materiais e simbólicos e de certos espaços sociais, como o mercado de trabalho formal. Busca-se, assim, diminuir os efeitos do aprisionamento pela abertura dos muros da prisão e pelo fortalecimento social e psíquico do preso.

A reintegração pressupõe a conscientização sobre a responsabilidade social pelo comportamento problemático criminalizado pelo sistema de justiça criminal. A readequação do comportamento não pressupõe apenas uma mudança individual, mas uma mudança coletiva. Assim, busca-se uma simetria entre pessoas encarceradas e pessoas não encarceradas, entendendo-se que todas são sujeitos de direitos e de deveres. A reintegração pressupõe a participação ativa da sociedade no projeto de inclusão. A reintegração é uma meta do projeto de inclusão social e este projeto não visa à absorção acrítica de valores e

²⁸ BARATTA, Alessandro. Ressocialização ou controle social: uma abordagem crítica da "reintegração social" do sentenciado. *Criminologia y Sistema Penal*, p. 376–393, 2004.

²⁹ BRAGA, Ana Gabriela Mendes. *Reintegração social: discursos e práticas na prisão - um estudo comparado*. 2012. Tese (Doutorado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 2012. P. 32 - 34.

normas, mas ao desenvolvimento de uma autonomia moral que apenas é possível por meio do reconhecimento e da superação das condições de desigualdade racial e social.

Para Yves de La Taille, o desenvolvimento de uma moral autônoma passa, antes, pela existência de uma moral heterônoma. A heteronomia significa a obediência a ditames que provém de uma autoridade. Uma moral heterônoma seria uma moral não simbolizada, não internalizada, dependente de ameaças e imposição externas.

Assim como a moral heterônoma é uma moral da obediência e do respeito unilateral, a moral autônoma é uma moral da justiça e do respeito mútuo. Enquanto na moral heterônoma, os deveres têm maior importância que os direitos, na moral autônoma, deveres e direitos complementam-se e se equilibram. Em suma, enquanto na heteronomia uma regra é moralmente boa porque a ela se deve obedecer, na autonomia o raciocínio inverte-se: deve-se obedecer a uma regra porque ela é boa.³⁰

O desenvolvimento moral é fruto de interações sociais, de modo que as relações assimétricas (baseadas na autoridade e na coação) fortalecem a moral heterônoma, enquanto as relações simétricas (baseadas na cooperação e na reciprocidade) favorecem o desenvolvimento da moral autônoma³¹. Dessa forma, a autonomia moral deve ser estimulada pelo desenvolvimento de relações simétricas estabelecidas dentre pessoas livres e pessoas encarceradas.

Alvino Augusto de Sá explica que a inclusão social deve ser entendida "como forma de expansão do eu, ressignificação e de reconstrução de laços, de ressignificação (descoberta própria, via simbolização) de responsabilidades e compromissos morais e éticos, enfim, numa palavra, de projetos consistentes de felicidade"³². Referência no desenvolvimento da Criminologia Clínica de Inclusão Social no Brasil, Sá propõe que a inclusão seja operada em duas vias: inclusão do cárcere na sociedade e da sociedade no cárcere. Dessa forma, a inclusão social não deve ser pensada como um projeto destinado apenas a pessoas privadas de liberdade. Reconhecendo a seletividade do sistema de justiça criminal, suas raízes racistas e seu propósito excludente, é preciso reconfigurar as relações travadas entre essas duas partes que são consideradas antagônicas: sociedade livre e sociedade encarcerada.

A construção de um projeto pautado pela inclusão visa, assim, à assunção de comportamentos morais e à construção de uma personalidade ética. Os conceitos de moral e

³⁰ LA TAILLE, Yves de. **Moral e Ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006. P. 98.

³¹ De acordo com Bruno Amabile Bracco: "La Taille diz que, se as interações sociais são baseadas na coação e na relação hierárquica de mandamentos a serem obedecidos, a heteronomia é reforçada, e a autonomia apenas é fortalecida se o convívio social permitir relações simétricas de cooperação". BRACCO, Bruno Amabile. **As religiões e o movimento rumo ao perdão**: um desafio para o Direito Penal. 2016. Tese (Doutorado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 2016. P. 111.

³² SÁ, Alvino Augusto de. **Criminologia Clínica e Execução Penal**: proposta de um modelo de terceira geração. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011. P. 297.

ética são empregados no sentido proposto por Yves de La Taille. No campo da Psicologia Moral, este autor explica que a moral se refere aos deveres, enquanto a ética se refere à vida com sentido. Assim, a moral corresponde a um sentimento de obrigatoriedade sobre como deve-se agir, sendo que o comportamento só será um comportamento moral se a força desse sentimento de dever se sobrepôr às outras forças em jogo. A ética, por sua vez, corresponde a uma avaliação pessoal e subjetiva sobre qual vida se quer viver³³. Em outras palavras, a moral revela um sistema de regras e princípios que determinam como a pessoa deve agir e que dependem da experiência subjetiva de um sentimento de obrigatoriedade, ao passo que a ética revela a busca por uma vida boa, identificada como a expansão de si próprio³⁴ e com o sentimento de bem-estar subjetivo.

De acordo com La Taille, o plano ético engloba o plano moral, de modo que o sentimento de obrigatoriedade depende da perspectiva ética adotada pelo indivíduo. Ou seja, a expansão de si próprio é vista por La Taille como o móvel das ações morais: "somente sente-se obrigado a seguir determinados deveres quem os concebe como expressão de valor do próprio eu, como tradução de sua auto-afirmação"³⁵. Dessa forma, tem-se que o plano ético justifica e explica as ações morais, porque o projeto de vida boa é a força motriz dos comportamentos morais. A motivação do sentimento de obrigatoriedade que produz a conduta moral é encontrada na dimensão ética da busca por uma representação positiva de si e na valorização de si.

Às vezes o sentimento de obrigatoriedade não é forte o bastante para dirigir as ações e observar os deveres morais. Neste caso, a causa do conflito deve ser buscada no plano ético, isto é, na representação de si mesmo. Assim, a representação de si com um valor positivo é condição da ação moral. Segundo La Taille, o plano moral se liga ao plano ético pelo sentimento de autorrespeito. A motivação para a ação moral se assenta no autorrespeito, que, ao mesmo tempo em que é causa do sentimento de obrigatoriedade, é também expressão da expansão de si próprio³⁶. Considerando que o plano moral está contido no plano ético, os deveres morais precisam ser obedecidos para que a felicidade tenha legitimidade social.

Assim, se a proposta de inclusão social visa a fomentar a autonomia moral e o desenvolvimento de uma personalidade ética, ela pressupõe a capacidade de decidir sobre a própria vida como condição de autorrealização. A reintegração social, enquanto meta da

³³ LA TAILLE, Yves de. **Moral e Ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006. 29.

³⁴ Segundo La Taille, a "'expansão' remete claramente à busca de novos horizontes de ação, à busca de superação de si, em suma, à necessidade de enxergar a si próprio como uma pessoa de valor". *Ibid.* P. 47.

³⁵ *Ibid.* P. 51.

³⁶ *Ibid.* P. 56/57.

inclusão social, está comprometida com a criação de vínculos. Ela se identifica com projetos com tendência marcadamente autônoma, em contraposição aos projetos com tendência marcadamente heterônoma. Nestes, predomina o que os outros querem e exigem de acordo com a natureza da instituição. "Não seria um projeto do indivíduo, feito por ele, mas antes, um projeto da instituição, feito para ela e a ser cumprido pelo indivíduo"³⁷. Esses projetos não se insurgem contra o *status quo*, porque interpretam o sofrimento individual como um problema individual. Assim, eles acabam contribuindo com a manutenção do sistema, inserindo o sujeito na lógica da inclusão perversa, entendida como a desvalorização do discurso do ator situado.

O discurso penal e criminológico que impõe sobre o indivíduo a responsabilidade total pelo seu ato e pela sua correção implica em uma desvalorização da realidade social e em uma redução do sujeito a mero objeto de punição, por meio da atribuição de culpa. Essa atribuição verticalizada de responsabilidade diminui exponencialmente as chances de se estabelecer uma responsabilidade vivenciada e assumida. A assunção de responsabilidade pressupõe uma participação ativa do sujeito na definição da situação enquanto problema. O sujeito precisa ser ouvido e compreendido em seu ponto de vista para se sentir percebido como interlocutor daquela relação, como ator e protagonista de uma situação problemática³⁸.

O comportamento ajustado e funcional não seria movido pela coerção externa, mas por uma censurabilidade interna. Desse modo, se a moralidade autônoma se assenta sobre a liberdade, o indivíduo precisa intimamente querer atender ao dever para que a obrigatoriedade esteja ancorada no projeto de vida. Ao conceber a ética como a busca por uma vida realizada e a moral como articulação dessa busca por meio de normas que organizem o modo de viver, isto é, que estabelecem deveres a serem observados no plano pessoal e interpessoal, Yves de La Taille pauta o sentido da vida pela superação de si mesmo. Significa dizer que o vetor do desenvolvimento da vida e a motivação central para as ações se encontram na expansão do eu. Se o projeto de vida pressupõe que seja conferido um sentido para a vida, esse sentido está ligado também à consciência que o indivíduo faz de si mesmo, avaliada a partir das próprias ações, o que revela a conexão do projeto de vida com a identidade assumida pelo sujeito³⁹. Esse raciocínio é expresso por La Taille nos seguintes termos:

³⁷ SÁ, Alvino Augusto de. **Criminologia Clínica e Execução Penal**: proposta de um modelo de terceira geração. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011. P. 277.

³⁸ *Ibid.* P. 274.

³⁹ "A resposta à pergunta 'como viver?' leva à pergunta 'para que viver?' e, por fim, a esta outra 'quem ser?'. Esta última tem a ver com a identidade, que tem a ver com a tomada de consciência de si, da vida, do 'ser' na

[...] reconhecer tal ou tal razão para se viver implica conceber a si próprio de tal ou tal forma. Por exemplo, pensar que o sentido da vida na terra é merecer a vida eterna ao lado de Deus implica ver a si próprio como "filho do Senhor", como fiel, como pessoa religiosa. Em suma, penso que a questão do "ser" está logicamente relacionada à indagação ética. Escolher um sentido para a vida e formas de viver é escolher a si próprio, é definir-se como ser.⁴⁰

Tal colocação já antecipa o problema desta pesquisa, que trata justamente da identidade religiosa vivenciada na prisão: a obediência às regras e princípios da instituição religiosa (sentimento de obrigatoriedade moral) estaria ancorada no projeto de uma “vida boa” (sentido de valorização de si que conforma o plano ético)? Dito de outra maneira: a conversão é uma forma de inclusão social? Quais as implicações que a conversão à religião evangélica registra na vida do indivíduo? Quais significados são atribuídos à profissão da fé dentro de uma instituição carcerária? A tese defendida por La Taille é a de que "*para compreender os comportamentos morais dos indivíduos, precisamos conhecer a perspectiva ética que adotam*"⁴¹. Nessa linha, se a moral implica no sentimento de obrigatoriedade que produz a obediência às normas e a ética se identifica com o projeto de uma vida que faça sentido e permita a superação de si mesmo, interessa a esta pesquisa trazer à consciência o projeto de vida assumido pelo converso na prisão e, a partir disso, compreender como essa perspectiva ética identificada por La Taille como a busca da “vida boa” contribui para a sua inclusão social.

vida, a partir das próprias ações, ou seja, a partir do 'como viver'". SÁ, Alvinio Augusto de. **Criminologia Clínica e Execução Penal**: proposta de um modelo de terceira geração. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011. P. 302.

⁴⁰ LA TAILLE, Yves de. **Moral e Ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 2006. P. 46.

⁴¹ *Ibid.*

CAPÍTULO 2

RELIGIÃO

Embora este trabalho não esteja situado no campo da Ciência da Religião ou da Teologia, é importante esclarecer alguns aspectos doutrinários da formação do pensamento evangélico para, posteriormente, compreender como este se desenvolve na prisão. Em primeiro lugar, cabe mencionar que o termo evangélico é empregado para indicar todos os grupos cristãos não católicos oriundos da Reforma Protestante do século XVI⁴². Seguindo a orientação de Mariano⁴³, a categoria "evangélica" é usada para designar tanto as Igrejas protestantes históricas (Adventista, Anglicana, Batista, Congregacional, Luterana, Metodista e Presbiteriana), como as pentecostais (Assembleia de Deus, Brasil Para Cristo, Casa da Bênção, Congregação Cristã do Brasil, Deus é Amor, Evangelho Quadrangular, etc.) e as neopentecostais (Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra, Universal do Reino de Deus, etc.). De acordo com o autor, na América Latina, todas as denominações cristãs decorrentes da Reforma Protestante europeia do século XVI são qualificadas como evangélicas.

Como explica Ronaldo de Almeida, nas classificações, o pentecostalismo é considerado como um campo evangélico, tal qual o protestantismo histórico, em contraposição ao catolicismo. No entanto, o pentecostalismo brasileiro não se restringe ao universo institucional, porque incorpora elementos de outras religiões fora do cristianismo. Aliás, isso é interpretado como parte da estratégia de evangelização. Ou seja, um dos fatores responsáveis pela expansão do pentecostalismo seria justamente a lógica do negacionismo/assimilação que demoniza, mas incorpora símbolos de religiões afro-brasileiras a seus rituais⁴⁴.

⁴² Há autores, como Antonio Gouvêa Mendonça, que criticam essa classificação. Este autor rejeita a associação indistinta de protestantes com evangélicos, alegando que ela deriva exclusivamente de observação sociológica e que ignora o sistema de crenças religiosas. Nestes termos, uma epistemologia externa seria insuficiente para a compreensão deste campo. Para saber mais, ver MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição*. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 89–110.

⁴³ Em sua obra "Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil", resultado da dissertação defendida no Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 1995, Ricardo Mariano avalia as mudanças pelas quais boa parte das igrejas pentecostais passaram, com a busca de reconhecimento social e poder político, destacando grandes mudanças teológicas, axiológicas, estéticas e comportamentais. MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

⁴⁴ ALMEIDA, Ronaldo de. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 111–122. P. 111.

Para entender a acepção de cada uma das referências mencionadas, mas principalmente do termo evangélico, presente no título deste trabalho, neste capítulo, serão abordadas as principais diferenças de rituais, usos e costumes entre protestantismo histórico, pentecostalismo e neopentecostalismo, apenas para que se possa compreender onde se situa a discussão sobre a identidade religiosa⁴⁵.

2.1 MOVIMENTOS EVANGÉLICOS NO BRASIL

O protestantismo histórico teria se firmado no Brasil a partir do século XIX, com a chegada dos missionários estrangeiros que estabeleceram suas Igrejas derivadas da Reforma Protestante ocorrida na Europa⁴⁶. Diferenciando-se do catolicismo, o protestantismo histórico dispensa qualquer mediação entre Deus e os homens, como a intervenção dos santos, entendendo que os desígnios de Deus são inacessíveis.

O pentecostalismo, por sua vez, é um ramo do cristianismo formado nos Estados Unidos da América, no início do século XX⁴⁷, que chegou ao Brasil em 1910 e se distingue do protestantismo histórico, do qual é herdeiro, por enfatizar os dons do Espírito Santo (falar em línguas, anunciar profecias, ministrar curas) e a mediação mágica entre o humano e o divino, sustentando a realização de milagres e a expulsão de demônios. Como explica Mariano:

Nascido nos Estados Unidos no começo deste século, o pentecostalismo, herdeiro e descendente do metodismo wesleyano e do movimento *holiness*, distingue-se do protestantismo, *grosso modo*, por pregar, baseado em Atos 2, a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais sobressaem os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos. Para simplificar, os pentecostais, diferentemente dos protestantes históricos, acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênção e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos, concedendo infinitas amostras concretas de Seu supremo poder e inigualável bondade.⁴⁸

⁴⁵ É importante registrar que esta pesquisa não teve pretensão de exaurir a discussão sobre a classificação doutrinária, tampouco se propôs a construir um arcabouço teológico-filosófico que sustentasse as concepções de cada campo. Com essa exposição, pretende-se apenas conhecer o cenário em que se insere a discussão que será proposta adiante e que, no contexto proposto, isto é, na prisão, assume novas configurações, como procurar-se-á demonstrar.

⁴⁶ CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **Diabo e fluoxetina: formas de gestão da diferença**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2012. P. 116/117.

⁴⁷ MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 121–138, 2004.

⁴⁸ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014. P. 10.

A partir de chave elaborada por Antônio Flávio Pierucci, o pentecostalismo pode ser classificado como uma religião universal de salvação individual. Universal, porque não tem finalidade de preservação de identidades étnicas. De salvação individual, porque extrai as pessoas dos seus vínculos comunitários, dissolvendo seus laços - religiosos e não religiosos -, tornando-as autonomizadas, para engajá-las na constituição de uma nova coletividade. De acordo com o autor, ao aliciar fiéis de outras comunidades, os grupos evangélicos, principalmente os pentecostais, promovem um rompimento de vínculos antigos e a criação de novos laços. Dessa forma, a conversão é caracterizada pela dissolução de laços e pela exigência de renúncia às redes antigas. Em suas palavras:

Congregacionista, "con-grega" indivíduos que ela própria "des(a)grega" de outras greis por secessão ou abdução, indivíduos que ela recruta porque consegue desterritorializá-los de seus assentamentos convencionais, desviando-os de suas rotas convencionais, sistematicamente desafiando outros sistemas de crença e autoridade convencionais, criticando ou condenando sem pedir licença outras condutas de vida e pautas de comportamento, religiosas ou não, coletivas ou não, significativas ou não.⁴⁹

A partir de um estudo da dinâmica histórico-institucional desse campo, Mariano analisa a tipologia das formações pentecostais e a classifica em três vertentes: pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo. Não se trata de traçar uma classificação ideal, mas de demarcar as semelhanças e diferenças genealógicas e institucionais com vistas a ordenar as características observadas para tornar esse universo complexo e dinâmico passível de análise. Dessa forma, a classificação do pentecostalismo é desenhada em função dos períodos de implantação de Igrejas e de distinções doutrinárias e de prescrições de conduta.

A análise do percurso histórico aponta que a doutrina pentecostal tem suas crenças, cultos e comportamentos influenciados pelo movimento Holiness no final do século XIX, exceto pela glossolalia. "O pentecostalismo, tal qual o conhecemos, antes de ser a religião da palavra, seguindo a tradição da Reforma, acima de tudo sempre foi a religião da experiência mística, na qual o fiel exercita dons espirituais e se concebe como templo e instrumento do Espírito Santo"⁵⁰. Mariano relata que as primeiras Igrejas pentecostais criadas no Brasil foram Congregação Cristã e Assembleia de Deus, fundadas, respectivamente, em 1910 e 1911. Essas primeiras Igrejas pentecostais estabelecidas no país

⁴⁹ PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciências sociais e religião: a religião como ruptura. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 17-34. P. 32.

⁵⁰ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014. P. 185.

são conhecidas como clássicas ou tradicionais, por reproduzirem a tipologia norte-americana, em contraposição às Igrejas protestantes renovadas ou carismáticas. Assim, o termo clássico é empregado apenas no sentido de pioneirismo histórico. A Congregação Cristã no Brasil foi fundada em São Paulo pelo italiano Louis Francescon e a Assembleia de Deus foi instalada em Belém do Pará pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Ambos os missionários, embora europeus, seriam procedentes dos Estados Unidos⁵¹.

Essa primeira geração do pentecostalismo seria caracterizada pelo anticatolicismo, pelo dom de línguas, pelo sectarismo radical e ascetismo de rejeição do mundo. Dentre as duas Igrejas pioneiras do movimento pentecostal no Brasil, apenas Assembleia de Deus teria se disposto a se ajustar às mudanças doutrinárias e comportamentais sofridas pela religião⁵². "A Congregação Cristã no Brasil se auto-exclui da política partidária e rejeita os evangelismos eletrônico, editorial e musical. Daí continuar quase invisível no espaço público, apesar de ser a segunda maior Igreja pentecostal do país."⁵³

Mariano explica que, na década de 50, teve início a fragmentação denominacional do pentecostalismo, com a chegada em São Paulo de dois missionários norte-americanos da Cruzada Nacional de Evangelização, vinculados à Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada no Estado em 1953⁵⁴. Posteriormente, foram criadas as Igrejas Brasil Para Cristo (1955, SP), Deus é Amor (1962, SP) e Casa da Bênção (1964, MG), pertencentes a esse mesmo movimento. Dessas, apenas a Deus é Amor teria se mantido rígida no ascetismo. As demais foram paulatinamente se modernizando e se ajustando aos interesses, práticas e valores da sociedade moderna⁵⁵. Essa segunda fase do movimento pentecostal no Brasil, classificada por Mariano como deuteropentecostalismo, teria preservado a doutrina dos dons carismáticos (fé, profecia, discernimento, cura, línguas), o sectarismo e o ascetismo. No entanto, confere ênfase ao milagre da cura, introduz o uso do rádio como meio de divulgação da doutrina e inaugura o evangelismo itinerante, com a pregação em tendas.

Com a expansão do movimento pentecostal e os seus desmembramentos, a terceira fase do pentecostalismo ficou conhecida como neopentecostalismo. De acordo com

⁵¹ MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 121–138, 2004. P. 123.

⁵² *Ibid.* P. 123.

⁵³ *Ibid.* P. 135.

⁵⁴ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014. P. 23.

⁵⁵ MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 121–138, 2004. P. 123.

Mariano, o termo neopentecostal foi criado nos Estados Unidos da América, na década de 1970, e retrata a história, crenças, práticas e funcionamento das Igrejas que teriam sido formadas seguindo as doutrinas da Teologia da Prosperidade, formulada por Kenneth Hagin. A Teologia da Prosperidade nasce nos Estados Unidos da América, na década de 40, reunindo crenças sobre cura e poder da fé, mas se difunde para correntes cristãs e se constitui como movimento doutrinário apenas no decorrer dos anos 1970. Na acepção da Teologia da Prosperidade, o presente era sinônimo de sofrimento e o futuro carregava a promessa da bem-aventurança. Em função disso, os fiéis deveriam adotar costumes e hábitos que resistissem à tentação e à corrupção material, pois isso conduziria à salvação e livraria suas vidas de privações e sacrifícios. Em outras palavras, a Teologia da Prosperidade adotava o ascetismo, doutrina que considera que a disciplina e o autocontrole do corpo e do espírito são necessários para alcançar a virtude. Assim, essa doutrina condiciona o comportamento do fiel, indicando aquilo que entende como o caminho imprescindível em direção à felicidade eterna ao lado de Deus. O ascetismo indica, portanto, que o desenvolvimento espiritual é atingido mediante a abstenção dos prazeres mundanos e a renúncia do conforto material.

Ocorre que, com a ascensão social de parte dos fiéis e o processo de modernização do país, o ascetismo precisou ceder lugar para a acomodação às mudanças sociais em curso e aos novos valores e interesses da sociedade de consumo. Assim, a partir dos anos 70, a revolução cultural e as novas condições econômicas dos fiéis levaram as novas vertentes pentecostais a "substituir suas concepções teológicas, que diziam que os verdadeiros cristãos seriam, senão materialmente pobres, ao menos desinteressados de coisas e valores terrenos"⁵⁶. Dessa forma, a Teologia da Prosperidade promoveu uma reinterpretação do Evangelho⁵⁷, legitimando a satisfação dos desejos de consumo dos evangélicos e propagando a crença de que o crente deve ser próspero e vitorioso em seu empreendimento terreno. A Teologia da Prosperidade rompe com a desvalorização do mundo, pregando abundância aos herdeiros das promessas divinas.

Em função disso, a Teologia da Prosperidade passou a ser rotulada por seus críticos como Confissão Positiva, movimento que se refere ao poder que a palavra proferida com fé tem de determinar a realidade. Segundo essa concepção, o crente deveria agir como se já

⁵⁶ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014. P. 149.

⁵⁷ Apenas a título de exemplo, essa reinterpretação alcança provérbios como "É tão difícil para um rico entrar no reino dos céus quanto para um camelo atravessar o buraco de uma agulha" (Mateus 19:24).

tivesse recebido a bênção, agradecendo à Deus por tê-la alcançado. Isto porque, para a Teologia da Prosperidade, só não tem saúde, riqueza e felicidade quem não tem fé. Com isso, no lugar de pregar a negação dos prazeres terrenos e das coisas mundanas em busca da salvação, a Teologia da Prosperidade passa a enaltecer o bem-estar do fiel.

Os neopentecostais rompem com a ideia da busca da salvação pela rejeição à riqueza e ao prazer, isto é, negam a pobreza material e o sofrimento da carne como condições de existência terrena. Com a influência da Teologia da Prosperidade, ao invés de rejeitarem o mundo, os fiéis passam a afirmá-lo, entendendo que o sacrifício que deve ser feito para tornar-se herdeiro das bênçãos divinas é a doação de natureza financeira para a Igreja. "No âmbito da Teologia da Prosperidade, pagar o dízimo e dar ofertas constituem duas das principais formas pelas quais o crente prova a sua fé"⁵⁸.

Considerando que o pentecostalismo nunca atribuiu significado redentor à pobreza nem a reconhecia como virtude, mas também não associava a riqueza à detenção de maior espiritualidade, é possível afirmar que a Teologia da Prosperidade subverte a compreensão de poder e sucesso financeiro. Se, de um lado, o pentecostalismo desvaloriza a busca da satisfação mundana, a Teologia da Prosperidade passa a identificar a pobreza com falta de fé. Nas palavras de Mariano, os defensores da Teologia da Prosperidade defendem que "Para alcançar tais bênçãos, garantir a salvação e afastar os demônios de sua vida, basta o cristão ter fé incondicional e inabalável em Deus, exigir seus direitos em alta voz e em nome de Jesus e ser obediente e fiel a Ele no pagamento dos dízimos"⁵⁹.

Assim, o neopentecostalismo se diferenciaria do deuterpentecostalismo nas características doutrinárias e comportamentais. A terceira fase é definida pelo abrandamento do ascetismo, pela utilização de gestão empresarial na condução dos templos e de mídia eletrônica na propaganda religiosa, bem como pelo proselitismo em massa⁶⁰. As principais Igrejas que representam o movimento neopentecostal foram fundadas por pastores brasileiros. São elas: Universal do Reino de Deus (1977, RJ), Internacional da Graça de Deus (1980, RJ), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, GO) e Renascer em Cristo (1986, SP)⁶¹. Descritas como menos sectárias e ascéticas, elas desenvolvem atividades empresariais e políticas.

⁵⁸ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014. P. 168.

⁵⁹ *Ibid.* P. 160.

⁶⁰ SILVA, Vagner Gonçalves da. Transes em trânsito: continuidades e rupturas entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 207–227. P. 208.

⁶¹ MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**,

Mariana Magalhães Pinto Côrtes explica que a conversão para as religiões universais de salvação individual significava o abandono do pecado e adoção de uma forma de vida virtuosa, ou melhor, representava a renúncia ao mundo de ilusão e de aparência "em nome do reconhecimento da superioridade e inviolabilidade do espírito"⁶². A conversão para o protestantismo era acompanhada, assim, da prescrição de um conjunto de práticas caracterizadas pela austeridade e autocontrole do corpo, com vistas à realização dos desígnios divinos.

Retirando a ascese do espaço fechado dos monastérios, a ética protestante transfere a disciplina dos monges para as práticas ordinárias dos homens comuns, transformando todo o cuidado com a fabricação regrada e metódica da vida pessoal e profissional num signo externo da conversão e da obtenção – sempre incerta – da graça.⁶³

Como se vê, o protestantismo rompe com o mundo, reorientando o converso na construção de uma nova ética de si mesmo. Em contrapartida, o movimento neopentecostal promove uma maior adaptação possível ao mundo e os conteúdos associados à conversão são transmutados. Isto é, com o advento do neopentecostalismo, há uma aproximação entre a cidade de Deus e a cidade dos homens⁶⁴ e o homem não precisa passar por um profundo processo de transformação de si, no qual aniquilaria a sua história de pecados.

Vemos então um estranho percurso na história do monoteísmo cristão: de um deus onipotente que humilha os homens (lei), passamos a um deus benevolente que redime incondicionalmente seus pecados (graça); do deus salvador, passamos a um deus impiedoso que determina os destinos dos homens, salvando-os ou condenando-os (predestinação); do deus que predestina, chegamos agora ao seu exato inverso, um deus devedor, refém das manipulações humanas (neopentecostalismo).⁶⁵

Enquanto o pentecostalismo clássico enfatiza a salvação divina, o neopentecostalismo se preocupa primordialmente com o presente e com a busca da satisfação de interesses terrenos. Em outras palavras, enquanto o pentecostalismo sustenta a

v. 18, n. 52, p. 121–138, 2004. P. 123.

⁶² CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **Diabo e fluoxetina**: formas de gestão da diferença. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2012. P. 185.

⁶³ *Ibid.* P. 186.

⁶⁴ Referência à obra "A cidade de Deus" em que Santo Agostinho formula uma teoria cristã da história que orientou os rituais, práticas e dogmas da Igreja como instituição. O segundo volume de sua obra apresenta as diferenças entre a cidade de Deus e a cidades dos homens. A cidade dos homens teria sido formada pela escolha humana e seria marcada por vaidades. Agostinho entende que os homens são bons em natureza, mas tornam-se maus por sua própria vontade de se afastar de Deus. O mal seria uma desvirtuação do bem devida à escolha das criaturas racionais. AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**. Vol I. Rio de Janeiro: Vozes, 2009. AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**. Vol II. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

⁶⁵ CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **Diabo e fluoxetina**: formas de gestão da diferença. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2012. P. 123

proximidade do Juízo Final e espera o retorno de Cristo, o que, segundo Mariano, "tendia a levar ao apoliticismo, a auto-exclusão da vida social e ao ascetismo intramundano"⁶⁶, o neopentecostalismo se volta para o momento atual e para a existência neste mundo, buscando prestígio social e político⁶⁷.

Se o pentecostalismo aproxima os homens de Deus (Deus é representado como presente, próximo e íntimo dos homens), o neopentecostalismo introduz uma espécie de negociação entre Deus e os homens. A conversão às novas denominações do pentecostalismo se instaura mediante um contrato individual estabelecido com Deus. Por meio deste, constitui-se uma relação na qual o indivíduo promete se converter à medida em que Deus for operando as transformações em sua vida. Ou seja, Deus é desafiado a conceder bênçãos e atender às demandas prementes da existência como condição da conversão⁶⁸. Nas palavras de Côrtes:

O neopentecostalismo promove uma inversão: se antes eram os homens que se sentiam impotentes diante da magnificência divina, agora é Deus que parece acuado perante os constrangimentos que os homens infligem-lhe, obrigando-o a conferir uma infinidade de bênçãos em troca de ofertas e compelindo-o a prestar contas aos homens, como se ele fosse um eterno devedor e cuja dívida nunca será paga – pois se saldada for, a extorsão deixaria de ser possível.⁶⁹

De acordo com Mariano, a Igreja Universal difunde a ideia de que Deus é dono de todas as riquezas e exige de volta dez por cento dos recursos que concede aos seres humanos. Nesse sentido, reproduz a crença de que só recebe bênçãos quem tem fé e paga o dízimo, medindo-se a fé pelo risco financeiro da doação. "Na condição de dizimistas e ofertantes, os fiéis almejam adquirir e exercer o direito de cobrar do próprio Deus o pronto cumprimento de Suas promessas bíblicas: vida saudável, próspera, feliz e vitoriosa"⁷⁰. Promete-se que o valor do dízimo é proporcional ao valor das bênçãos recebidas: quanto maior o investimento, maior a retribuição divina.

Outra distinção importante do movimento neopentecostal diz respeito à referência ao Diabo. A teologia liberal, católica e protestante, menciona o Diabo apenas como abstração

⁶⁶ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014. P. 45.

⁶⁷ É nesse sentido que, segundo Mariano, a Igreja Universal, uma das maiores representantes da terceira fase do pentecostalismo, não desenvolve atividades assistenciais para os fiéis, pois prega a Teologia da Prosperidade, que promete melhores condições materiais de vida por meio do exercício religioso. *Ibid.* P. 59.

⁶⁸ CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **O bandido que virou pregador**: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005. P. 105.

⁶⁹ CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **Diabo e fluoxetina**: formas de gestão da diferença. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2012. P. 123.

⁷⁰ MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 121–138, 2004. P. 129.

e não propaga curas milagrosas e intervenções sobrenaturais. Sua interpretação rompe com a sacralização do mundo e a personificação do mal. Por outro lado, o neopentecostalismo segue o literalismo bíblico, acredita no poder de Cristo derrotar o Demônio e adota práticas rituais sobrenaturais⁷¹. O neopentecostalismo acentua o dualismo Deus versus Diabo e reino espiritual versus reino material⁷². As Igrejas neopentecostais reforçam a guerra espiritual por meio da convocação dos fiéis como soldados das tropas do Senhor. O propósito expansionista do neopentecostalismo acentua a guerra espiritual e o combate aos poderes malignos ligados ao Diabo.

Cecília Mariz chama a atenção para a constante referência ao Demônio no discurso pentecostal. Destaca que o Diabo é responsabilizado por todos os males e que o fenômeno da possessão demoníaca é recorrente principalmente nas denominações neopentecostais. A pesquisadora procura compreender a centralidade do Diabo no pentecostalismo com base em entrevistas realizadas com pentecostais e explica que a ênfase do pentecostalismo no Demônio configura um rompimento com as tradições religiosas dominantes no Brasil. Em suas palavras, na concepção pentecostal, "os demônios são seres espirituais personificados com paixões negativas e com força superior à dos seres humanos. Sua força é apenas inferior a Deus. É um ser que age neste mundo e pode tornar-se visível e ser reconhecido"⁷³.

Na cosmovisão neopentecostal, a possessão demoníaca é um ritual que indica o processo pelo qual um espírito perturba uma pessoa, causando a ela e à sua família os mais diversos infortúnios. Patrícia Birman analisa dois procedimentos que revelam a luta entre Deus e o Diabo associados à prática da possessão. São eles: "manifestação" e "amarração" dos espíritos malignos. "Manifestação" significa a aparição do espírito dentro do espaço da Igreja, em que este tem a sua presença revelada perante o público por força do poder divino, que o obriga a se identificar. Trata-se de um ritual que antecede o exorcismo e no qual os espíritos que antes se ocultavam no corpo da pessoa se apresentam publicamente. Nessa ocasião, por meio da provocação do pastor, o Diabo é chamado a revelar suas intenções e compelido a confrontar-se com Deus diante de todos. Birman explica, contudo, que o ideal, para os fiéis, não é manifestar espíritos malignos, mas saber "amarrá-los". "Amarrar" significa "*manter presos* os seres que tentam habitar o corpo da pessoa. Não se trata de destruir os espíritos malignos nem mesmo afastá-los, distanciá-los de si. Estes, exercendo a

⁷¹ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014. P. 109.

⁷² *Ibid.* P. 113.

⁷³ MARIZ, Cecília L. O Demônio e os Pentecostais no Brasil. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 45-61. P. 46.

autonomia que possuem, estarão sempre por perto"⁷⁴. Assim, os conversos devem continuamente evitar a entrada desses espíritos em seus corpos.

A força maligna do Demônio é apontada como responsável por fatalidades, injustiças sociais, cometimento de crimes, vícios e pelo sofrimento humano em geral. Entretanto, o pentecostalismo não cria a ideia de o mal ter origem demoníaca. A noção de Demônio é comum às religiões de origem judaico-cristã. Ocorre que, embora as Igrejas das tradições católicas e protestantes históricas reconheçam a sua existência, estas Igrejas adotam uma visão mais racionalizada sobre o mundo. Para essas vertentes, o mal é produto de escolhas humanas e não um "espírito personificado com autonomia"⁷⁵.

No catolicismo e nas religiões afro-brasileiras, o Demônio não representa a única fonte do mal. O pentecostalismo inova ao defender uma relação direta e pessoal com o Diabo. Assim, a guerra espiritual explica e estrutura as práticas religiosas neopentecostais. Nas palavras de Birman, "a conversão possibilitou a criação de um elo privilegiado com Deus, capaz de proteger os convertidos das forças malignas e capaz de curá-las dos males que sofrem"⁷⁶. Para Mariz, "a conversão ao pentecostalismo, então, significa não apenas uma nova forma de conhecer e se relacionar com Deus, mas também uma redefinição do diabo e de sua relação com o mundo"⁷⁷. Os convertidos passam a interpretar seus infortúnios como obras do Demônio, identificando-o com os espíritos e orixás que antes eram cultuados e conferindo especial destaque para sua atuação maligna. "Converter, aqui, consiste em redefinir o demônio ou descobrir um novo demônio ativo em áreas antes não percebidas como demoníacas"⁷⁸.

As Igrejas neopentecostais destacam a guerra espiritual entre Deus e o Diabo, sendo que algumas inclusive protagonizam dramatizações públicas de rituais de exorcismos coletivos⁷⁹. Nesses rituais, as Igrejas neopentecostais propagam a ideia de que os cultos mediúnicos (Umbanda, Candomblé, Kardecismo) estariam alinhados com o Diabo⁸⁰. Isto

⁷⁴ BIRMAN, Patrícia. Males e Malefícios no Discurso Neopentecostal. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 62–80. P. 76.

⁷⁵ MARIZ, Cecília L. O Demônio e os Pentecostais no Brasil. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 45–61. P. 48.

⁷⁶ BIRMAN, Patrícia. Males e Malefícios no Discurso Neopentecostal. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 62–80. P. 67.

⁷⁷ MARIZ, Cecília L. O Demônio e os Pentecostais no Brasil. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 45–61. P. 49.

⁷⁸ *Ibid.* P. 39.

⁷⁹ De acordo com Cecília Mariz, os rituais de exorcismo, denominados de "culto de libertação", são um dos principais instrumentos de evangelização. *Ibid.*

⁸⁰ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014. P. 113.

porque a Teologia do Domínio, criada nos EUA no final dos anos 80, identifica os Demônios como espíritos territoriais e hereditários. Entretanto, a despeito de, no Brasil, a partir dos anos 90, os Demônios serem materializados pelo movimento neopentecostal na figura dos santos católicos e das entidades mediúnicas, muitos elementos aproximam o neopentecostalismo das religiões mediúnicas que tanto criticam, como rituais de libertação de Demônios e distribuição aos fiéis de objetos dotados de poderes mágicos⁸¹. Alba Zaluar parece corroborar essa ideia quando afirma que:

Os exorcismos visam sobretudo aos exus e às entidades de outras religiões espíritas e afro-brasileiras, designadas como diabólicas. Paradoxalmente, nestes rituais, símbolos e cerimoniais católicos e afro-brasileiros misturam-se: os demônios incorporados em alguém têm os mesmos gestos dos exus afro-brasileiros e as exortações seguem o discurso católico.⁸²

Regina Novaes também sugere que, na disputa com as religiões afro-brasileiras, as Igrejas neopentecostais assumem o poder das entidades invocadas pelas doutrinas adversárias, uma vez que realizam rituais de exorcismo dessas entidades. "Não é por acaso, diga-se de passagem, que a neopentecostal Igreja Universal do Reino de Deus elege entidades e orixás como seus adversários mais poderosos. O exorcismo - ali denominado de libertação - pressupõe a crença no poder do inimigo"⁸³. Sobre essa apropriação de símbolos de outras religiões, Mariano⁸⁴ e Côrtes⁸⁵ relatam o hibridismo religioso operado racional e sistematicamente pelo movimento neopentecostal para fins de expansão. O sincretismo religioso (fusão de diferentes doutrinas, com reinterpretação de seus elementos) se revela no uso de símbolos e rituais de religiões adversárias e serve como tática de captação de fiéis na estratégia ofensiva proselitista⁸⁶.

Vagner Gonçalves da Silva explica que o ataque a algumas tradições religiosas, especialmente as afro-brasileiras, já estava presente no movimento pentecostal desde a sua

⁸¹ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014. P. 127.

⁸² ZALUAR, Alba. O Crime e a Não-cidadania: Os Males do Brasil. *In*: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 109–134. P. 129

⁸³ NOVAES, Regina. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 135–160. P. 151.

⁸⁴ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014. P. 129.

⁸⁵ CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **Diabo e fluoxetina: formas de gestão da diferença**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2012. P. 175/ 202.

⁸⁶ A apropriação de símbolos das religiões de matrizes africanas e do catolicismo popular também é apontada por Vagner Marques em MARQUES, Vagner Aparecido. **As igrejas menores nas quebradas da fé: a construção da hegemonia do pentecostalismo nas periferias de São Paulo (1990-2010)**. 2019. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019. P. 86.

formação, no início do século XX, como elemento da teologia da cura divina⁸⁷. No entanto, a partir dos anos 1970, com a emergência do neopentecostalismo e a propagação da "guerra santa", o ataque às divindades cultuadas pelas religiões afro-brasileiras intensifica-se. Na teologia da "batalha espiritual", as divindades do panteão afro são interpretadas como espíritos demoníacos que somente podem ser afastados pelo poder divino. Com isso, o neopentecostalismo incorpora práticas da religião combatida e opera com rituais de exorcismo, conhecidos, na gramática pentecostal, como rituais de libertação. Ou seja, o movimento neopentecostal hostiliza as religiões afro-brasileiras e o espiritismo kardecista para monopolizar um dos principais atributos dessas religiões: as mediações mágicas. Nas palavras de Silva:

Combater essas religiões é menos uma estratégia proselitista voltada para retirar fiéis deste segmento, embora também tenha essa função, e mais uma forma de atrair fiéis ávidos pela experiência de religiões impositivas (mágicas e extáticas) com a vantagem da legitimidade social conquistada pelo campo religioso cristão.⁸⁸

Dessa forma, a aparência de ruptura esconde a continuidade de práticas de magia, num sistema que confere valor negativo para os rituais das religiões adversárias, mas que os assimila. Assim, a aproximação pela negação oculta a absorção dos símbolos combatidos. Em sentido contrário, Mariz aponta que a centralidade do Demônio no discurso neopentecostal pode ser devida à necessidade de se opor à concorrência de outras crenças e ao sincretismo observado no exercício de outras religiões. "O demônio seria para os pentecostais, assim, uma arma potente tanto contra a prática simultânea de religiões distintas, quanto contra a adoção de valores e práticas de outros grupos religiosos"⁸⁹. Como o pentecostalismo exclui outras figuras sobrenaturais (espíritos, santos, anjos ou outras divindades) e enfatiza apenas a existência de Deus e do Diabo, Mariz entende que se trata de uma religiosidade menos mágica, com fronteiras mais bem demarcadas, o que serve para barrar o sincretismo. Para esta autora, outra justificativa para a ênfase do discurso pentecostal na figura do Diabo seria o objetivo de evitar a secularização, uma vez que o enfraquecimento da ideia do Diabo levaria a um enfraquecimento da ideia de Deus. Assim, o mal não é percebido como fruto de uma escolha humana, mas do poder do Diabo, porque,

⁸⁷ A cura representava a vitória de Deus sobre o Demônio.

⁸⁸ SILVA, Vagner Gonçalves da. Transes em trânsito: continuidades e rupturas entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 207–227. P. 209.

⁸⁹ MARIZ, Cecília L. O Demônio e os Pentecostais no Brasil. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 45–61. P. 53/54.

se assim não fosse, o ser humano também seria responsável pelo bem, o que excluiria a ação de Deus⁹⁰.

Mariano, ao analisar o crescimento pentecostal, entende que a expansão da Igreja Universal do Reino de Deus reforça a ideia de continuidade entre religiosidade popular e as novas denominações evangélicas, uma vez que promove o sincretismo religioso, isto é, a incorporação de rituais de outras religiões, sobretudo de religiões afro-brasileiras. Em suas palavras:

Pois, para tirar proveito evangelístico da mentalidade e do simbolismo religiosos brasileiros, a Universal sincretiza crenças, ritos e práticas das religiões concorrentes. Faz isso de diferentes modos e em distintas ocasiões. Realiza "sessão espiritual de descarrego", "fechamento de corpo", "corrente da mesa branca", retira "encostos", desfaz "mau-olhado", asperge os fiéis com galhos de arruda molhados em bacias com água benta e sal grosso, substitui fitas do Senhor do Bonfim por fitas com dizeres bíblicos, evangeliza em cemitérios durante o Finados, oferece balas e doces aos adeptos no dia de Cosme e Damião. A adoção desses ritos e práticas constitui estratégia proselitista deliberada, que tem sido mantida, intensificada e até diversificada em razão de sua eficácia.⁹¹

Seja como for, é importante destacar que, embora a Universal remeta suas práticas a cultos de outras religiões, mantém notória hostilidade, protagonizando atos de clara intolerância religiosa. Côrtes fez parte da sua pesquisa na Rua Conde de Sarzedas, localizada no centro da cidade de São Paulo, composta predominantemente por pequenos estabelecimentos que vendem produtos evangélicos. Nesse local, a pesquisadora observou a segmentação da oferta por público-alvo e nichos de mercado e destacou que o neopentecostalismo faz um sincretismo religioso na sua estratégia proselitista, ofertando soluções mágicas que atendem às demandas específicas da clientela⁹². Assim, afirma que os empreendimentos neopentecostais dirigem seu capital religioso segundo a demanda, os interesses, desejos e necessidades do cliente, permitindo-se inclusive invocar vários deuses e associar-se ao politeísmo⁹³.

Após esta exposição sobre as principais características do pentecostalismo em suas diferentes vertentes, é importante entender quais os reflexos que as mudanças de interpretação doutrinária derivadas da formação de novas Igrejas provocam nos padrões, modos e costumes (jeito de se vestir, gostos musicais, ingresso na política e na tv, etc.) e,

⁹⁰ MARIZ, Cecília L. O Demônio e os Pentecostais no Brasil. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 45–61.

⁹¹ MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 121–138, 2004. P. 132/133.

⁹² A disponibilização de produtos religiosos não coloca como exigência a vinculação institucional. O comércio de mercadorias/soluções independe da conversão. Pelo contrário, trata-se de prática que serve para atrair fiéis.

⁹³ CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **Diabo e fluoxetina: formas de gestão da diferença**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2012.

consequentemente, no desenho da identidade evangélica. É preciso examinar, nessa toada, a expansão expressiva do pentecostalismo nos campos político partidário, editorial e midiático para entender, com isso, a sua disseminação pelo aparato prisional.

2.2 EXPANSÃO PENTECOSTAL

A hegemonia do catolicismo foi desafiada com a ramificação do pentecostalismo por todo o país. O avanço evangélico determinou uma reordenação do campo religioso. Identifica-se a instalação de uma nova dinâmica do quadro religioso com a expansão do neopentecostalismo no território nacional. São fundadas inúmeras denominações, de forma rápida e profusa, numa grande rotatividade, em pequenos pontos comerciais de todo o país⁹⁴, sendo que os evangélicos formam um grupo poroso, plural e dinâmico.

Antonio Gouvêa Mendonça sugere que as religiões históricas perdem espaço para as "pós-modernas", porque aquelas "insistem numa ética salvacionista que expressa grandes princípios dogmáticos universais transcendentais", enquanto estas "pregam e agem fora de sistemas de verdades eternas e firmam-se na pura contingência das necessidades imediatas". Assim, a queda do número de adeptos às religiões tradicionais em favor das religiões emergentes seria devida à substituição de uma verdade transcendente por uma verdade contingente, isto é, pela oferta de soluções imediatas para os seus problemas⁹⁵.

Na leitura de Ronaldo de Almeida, a expansão pentecostal é caracterizada pela circulação e pela flexibilidade⁹⁶, e não por um grande rompimento, como aquele que marca o nascimento do neopentecostalismo nos anos 1970. Almeida registra o crescimento deste

⁹⁴ Conforme sistematizado por Mariana Côrtes: "Até meados da década de 70, haviam no Brasil as igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista, Batista, Adventista), as igrejas pentecostais da primeira onda (Assembléia de Deus e Congregação Cristã no Brasil) e as igrejas pentecostais da segunda onda (Brasil para Cristo, Casa da Bênção, Deus é Amor, Igreja do Evangelho Quadrangular). Contabilizava-se, portanto, sete denominações históricas e seis denominações pentecostais, totalizando treze denominações evangélicas no Brasil. A partir da década de 70, com o movimento neopentecostal, surgem, além das denominações mais conhecidas, como a Igreja Universal do Reino de Deus (1977, RJ), a Internacional da Graça de Deus (1980, RJ), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, GO) e a Renascer em Cristo (1986, SP), incontáveis novas denominações, que abrem e fecham todos os dias, numa rotatividade impressionante, em pequenos pontos comerciais nas periferias das cidades brasileiras". CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **Diabo e fluoxetina: formas de gestão da diferença**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2012. P. 192.

⁹⁵ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 89–110. P. 91.

⁹⁶ Almeida aponta o trânsito entre religiões, principalmente dentro do movimento pentecostal. ALMEIDA, Ronaldo de. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 111–122.

segmento religioso sobretudo entre as classes mais pobres dos grandes centros urbanos⁹⁷. Uma possível explicação para isso, de acordo com ele, é a criação de vínculos sociais que atenuam a situação de vulnerabilidade e, em alguma medida, aliviam o sofrimento da parcela mais pobre da população⁹⁸.

Uma das Igrejas mais populares do movimento neopentecostal é a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977, na cidade do Rio de Janeiro, por Edir Bezerra Macedo⁹⁹, um dos principais responsáveis pela expansão desse fenômeno religioso. Mariano aponta que, entre as características dessa Igreja, está a evangelização eletrônica por meio de rádio e televisão¹⁰⁰, o trabalho de pastores em tempo integral e de forma rotativa¹⁰¹, bem como a verticalidade e centralidade de seu governo¹⁰².

Conhecida por sua atuação no campo político e de mídia eletrônica - basta lembrar que comprou a Rede Record por 45 milhões de dólares em 1990 -, a Igreja Universal tem forte apelo popular entre os estratos mais vulneráveis da população (mais pobres e menos escolarizados), dentre outras razões, porque promete compensações concretas e imediatas, adaptando a mensagem religiosa (conteúdo, forma e meio de divulgação) às demandas materiais mais prementes da existência. Em função disso, a estratégia proselitista tem ênfase menos voltada para conteúdo teológico e mais voltada para testemunhos¹⁰³ que sirvam de

⁹⁷ Vagner Gonçalves da Silva também afirma que o pentecostalismo tem adesão maior entre as camadas populares da população. SILVA, Vagner Gonçalves da. Transes em trânsito: continuidades e rupturas entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 207–227. P. 219.

⁹⁸ ALMEIDA, Ronaldo de. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 111–122.

⁹⁹ Aos 18 anos, Edir Macedo, que antes era católico e frequentava a Umbanda, ingressou na Igreja de Nova Vida e aí permaneceu de 1963 até 1975, quando, contrariado com o elitismo de classe média que a caracterizaria, abandonou-a para fundar a Cruzada do Caminho Eterno. Edir Macedo permaneceu apenas dois anos na Cruzada do Caminho Eterno, quando resolveu fundar a Igreja Universal do Reino de Deus.

¹⁰⁰ A despeito de funcionar como estratégia proselitista, esse recurso serviria apenas para chamar a atenção da população, de modo que a conversão só se concretizaria quando o sujeito passasse a frequentar cultos e reuniões. Daí a importância das relações interpessoais nesse processo. MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 121–138, 2004. P. 132.

¹⁰¹ Essa seria uma forma de limitar a autonomia dos pastores e controlar as arrecadações.

¹⁰² A gestão empresarial e eclesiástica seria concentrada como forma de reforçar a unidade e coesão denominacional, evitando cisões.

¹⁰³ O testemunho tem papel importante na dinâmica religiosa neopentecostal. Buscando compreender como o testemunho produz o recuperado, em pesquisa realizada em 2011 em um centro de recuperação evangélico localizado em uma cidade da periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro, que recebe, entre outros, dependentes químicos, moradores de rua, ex-presidiários e pessoas ameaçadas de morte por terem praticado alguma conduta que viola as diretrizes estabelecidas por organização criminosa, Teixeira identifica que o testemunho é tratado como uma técnica de recuperação do valor moral perdido. Assim, ele não contém apenas um conteúdo autobiográfico, mas representa a construção de uma narrativa e de uma performance que se desenvolve nas interações do cotidiano e que é capaz de produzir a valorização moral da pessoa. Em outras palavras, o testemunho não serve somente para mobilizar trajetórias consideradas como decadentes, mas implica o reconhecimento de uma certa autoridade moral, sendo percebido como resultado de um avançado estágio no processo de reconstrução moral. Com isso, o testemunho não significa apenas uma história contada,

exemplo prático das forças sobrenaturais e dos milagres divinos. Diferente das Igrejas que enfatizam a difusão do ensino teológico, a Igreja Universal destaca testemunhos que funcionam como comprovação dos poderes divinos propagandeados e que legitimam a oferta de serviços mágicos adaptados aos interesses das classes mais pobres¹⁰⁴.

Para compreender o avanço neopentecostal, é importante destacar a sua presença nas regiões mais pobres dos grandes centros urbanos. Em pesquisa feita no município de Ferraz de Vasconcelos, periferia da região metropolitana de São Paulo, com emprego de etnografia, observação participante e entrevistas realizadas entre os anos de 2011 a 2018, Vagner Marques¹⁰⁵ analisou os processos de transformação das periferias no campo religioso entre as décadas de 1990 a 2010¹⁰⁶. A crescente ascensão do pentecostalismo é atribuída ao processo de fragmentação do perfil da Igreja. O pesquisador aponta que essa pulverização acaba redefinindo o campo religioso, que é caracterizado pelo trânsito e pela permeabilidade. As mudanças sofridas pelo pentecostalismo são identificadas por Marques nas produções de alguns artistas, como Racionais MC's¹⁰⁷, com a música "Qual mentira vou acreditar"¹⁰⁸.

mas a conquista de uma posição que indica êxito na reelaboração da biografia do indivíduo. TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. O testemunho e a produção de valor moral: observações etnográficas sobre um centro de recuperação evangélico. **Religião e Sociedade**, v. 36, n. 2, p. 107–134, 2016.

¹⁰⁴ Nas palavra de Mariano: "Além do extenso uso da mídia eletrônica, a Universal procura maximizar a provisão de compensações concretas e imediatas neste mundo, adaptando sua mensagem religiosa (conteúdo, forma e meios de transmissão) à vida material e cultural das massas pobres, a fim de provê-las de sentido, significação do porquê se encontram vivendo como vivem e justificação de sua existência numa dada posição social, fornecendo-lhes recursos simbólicos e rituais para mudar subjetivamente de vida. Nesse intento, esforça-se para atraí-las, persuadi-las e recrutá-las por meio da ênfase na oferta e difusão de serviços e crenças mágico-religiosos com forte apelo popular, da propaganda diuturna de testemunhos de conversão e de bênçãos materiais e do alto teor emocional dos cultos". MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 121–138, 2004. P. 132.

¹⁰⁵ Vagner Marques foi criado na periferia de São Paulo e se converteu ao pentecostalismo em 2006. Em função disso, ele se posiciona como nativo em sua pesquisa.

¹⁰⁶ Ao procurar compreender o pentecostalismo e a proliferação das "igrejas menores" nas periferias, Marques descreve a década de 90 como marcada pela disputa pelo monopólio da violência, ascensão do pentecostalismo e redução da hegemonia do catolicismo, silenciamento das religiões de matrizes africanas, emergência da cultura hip-hop, precarização das relações de trabalho, desemprego e evasão escolar. Já os anos 2000 seriam marcados pelo domínio do PCC, a expansão do pentecostalismo, a propagação de políticas assistencialistas (Bolsa Família) e de democratização do Ensino Superior (PROUNI).

¹⁰⁷ De acordo com Márcio Macedo, "o hip-hop, e mais especificamente o elemento rap, incorporou na sua estética elementos vindos de fenômenos importantes da sociedade brasileira a partir dos anos 1990, como a religiosidade evangélica e neopentecostal ou ainda o crime organizado". MACEDO, Márcio. Hip-Hop SP: transformações entre uma cultura de rua, negra e periférica (1983-2013). In: KOWARICK, Lúcio; FRÚGOLI JR., HEITOR. **Pluralidade urbana em São Paulo: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos**. São Paulo: Editora 34; FAPESP, 2016, p. 23–54. P. 49. Segundo Teresa Pires do Rio Caldeira, o movimento hip hop sofre influências do pentecostalismo e coloca ênfase sobre a exclusão social, o que, ao invés de servir para combater as injustiças que condicionam a vida do morador da periferia, acaba acentuando a sua vulnerabilidade e segregação. Por outro lado, os movimentos sociais teriam aprendido com a Teologia da Libertação a noção de comunidade, promovendo uma articulação política que visa à reivindicação de direitos iguais por meio de uma postura que sustenta o seu pertencimento social. CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. O rap e a cidade: reconfigurando a desigualdade em São Paulo. In: KOWARICK, Lúcio; MARQUES, Eduardo. **São Paulo: novos percursos e atores**. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 301–320. P. 316 e ss.

¹⁰⁸ Parte da composição de Mano Brown diz:

Nota-se que as novas igrejas são menores e funcionam em pequenos estabelecimentos, em estreita conexão com a criminalidade, sendo integrada por fiéis "descaracterizados", isto é, destituídos da imagem que ficou estereotipada no tempo como a de crente.

Pulverização é o processo de fragmentação do pentecostalismo em igrejas menores, isto é, o processo de autonomização do pentecostalismo e de expressivas transformações, todas iniciadas a partir da década de 1990 e identificadas tardiamente pelo censo demográfico e mais tardiamente pela literatura acadêmica. Essas igrejas menores evidenciam, portanto, a intensa fragmentação interna do pentecostalismo: a expansão das garagens divinas em substituição das grandes e estruturadas igrejas; um pentecostalismo bem diferente do estilo dos "crentes", conforme os Racionais MC's, na música Qual mentira vou acreditar (1997), um pentecostalismo de coabitação, de intersecções com o PCC, com ciganos, com diversas redes de engajamento, um pentecostalismo que carece de aprofundamento analítico.¹⁰⁹

"Ih caralho, olha só quem tá ali?
 O que que esse mano tá fazendo aqui?
 Aí esse maluco veio agora comigo,
 Ligou que era até seu amigo.
 Morava lá na sul, irmão da Cristiane,
 Dei um cavalo pra ele no lausane.
 Ia levar um recado pra uns parente local,
 Da Igreja Evangélica Pentecostal.
 Desceu do carro acenando a mão, (na paz do senhor!)
 Ninguém dava atenção.
 Bem diferente do estilo dos crentes,
 Um bombojaco e touca mas a noite tá quente.
 Que barato estranho, só aqui tá escuro,
 Justo nesse poste não tem luz de mercúrio.
 Passaram vinte fiéis até agora,
 Dá cinco reais, cumprimenta e sai fora.
 Um irmão muito sério em frente à garagem,
 Outro com a mão na cintura em cima da laje.
 De vez em quando a porta abre e um diz:
 "Tem do preto e do branco!" E coça o nariz.
 Isso sim, isso é que é união,
 O irmão saiu feliz sem discriminação.
 De lá pra cá veio gritando rezando,
 "Aleluia, as coisas tão melhorando!"
 Esse cara é dentista, sei lá... Diz
 Que a firma dele chama Boca S/A.
 Será material de construção?
 Vendedor de pedras? Lá na zona sul era patrão.
 Ih! Patrão o caralho! Ele é safado,
 Fugiu do Valo Velho com os dias contados. (Tava desconfiando...)
 Na paranoia de fumar era fatal,
 Arrombava os barracos saqueava os varal. (Demorô)
 Bateu na cara do pai de um vagabundo,
 Humm... Tá fazendo hora extra no mundo.
 A noite tá boa a noite tá de barato,
 Mas puta gambé pilantra é mato.
 Tem que saber curtir, tem que saber lidar.
 Em qual mentira vou acreditar?
 A noite é assim mesmo, então deixa rolar.
 Qual mentira vou acreditar?"

¹⁰⁹ MARQUES, Vagner Aparecido. **As igrejas menores nas quebradas da fé: a construção da hegemonia do pentecostalismo nas periferias de São Paulo (1990-2010)**. 2019. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019. P. 32.

Uma das características dessa disseminação e multiplicidade de Igrejas é a pluralidade de interpretações e representações da experiência evangélica. Assim, a doutrina pentecostal se propaga de forma heterogênea no que diz respeito à produção teológica e às dinâmicas dos cultos¹¹⁰. Essa dispersão denominacional é interpretada por Côrtes como um empreendimento inaugurado por fiéis que se encontram estimulados por alguma nova revelação e decidem fundar a própria Igreja, crentes de que esta terá alguma característica especial em relação às demais. A multiplicação contínua de novas pequenas Igrejas acirra a disputa pela permanência no concorrido campo religioso, sendo que boa parte delas acaba não conseguindo angariar fiéis para barganhar as bênçãos de Deus e os milagres divinos no mercado. Nas palavras de Côrtes:

A multiplicação denominacional sugere que abrir uma igreja tornou-se um empreendimento viável para alguns convertidos, missionários, pregadores, sujeitos aventureiros e entusiastas, que, estumados por uma revelação ou uma profecia, decidem abandonar a igreja que frequentavam ou trabalhavam e montar ou fundar sua própria igreja, dotada supostamente de alguma qualidade mais extraordinária que as demais, especialmente insuflada pelo "sopro do Espírito Santo", provavelmente mais "reavivada" que suas concorrentes, onde "a chama do Espírito" arde mais forte, onde bênçãos e milagres se pronunciam intempestuosamente, onde a "unção" derrama sobre os fiéis que, inflamados pela palavra vociferante do pastor, pulam, dançam, rodam e tombam por terra em frenéticos êxtases. Todas as mais novas igrejas neopentecostais, incluindo as mais singelas, aquelas inauguradas na mesma pequena sala comercial onde na semana passada funcionava um dos botecos do bairro, outorgam a si próprias a mesma exclusividade, a mesma extraordinariedade. No campo religioso, disputam entre si pela permanência no mercado, numa guerra entre denominações, onde muitas, inúmeras, verão, muito mais cedo do que imaginavam, suas portas fechadas, apenas para que outras, igualmente unguidas e reveladas, possam também apostar suas fichas nesta incerta roleta onde, na cidade dos homens, barganha-se os bens da cidade de Deus.¹¹¹

De acordo com Vagner Marques, o crescimento desse movimento religioso nas periferias urbanas se deve ao estímulo à implementação de novos negócios por parte dos adeptos da Teologia da Prosperidade, os quais pregavam a busca da riqueza material no plano terrestre, bem como ao apoio e aconselhamento oferecidos pelos pastores às pessoas em situação de pobreza material, com problemas de saúde ou em algum estado de calamidade. O impacto social e cultural da adesão aos grupos evangélicos nas "quebradas da fé"¹¹² é descrito como resultado de uma série de fatores:

¹¹⁰ MARQUES, Vagner Aparecido. **As igrejas menores nas quebradas da fé: a construção da hegemonia do pentecostalismo nas periferias de São Paulo (1990-2010)**. 2019. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019. P. 79.

¹¹¹ CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **Diabo e fluoxetina: formas de gestão da diferença**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2012. P. 193.

¹¹² Expressão empregada por Vagner Marques para designar as periferias da região metropolitana de São Paulo que sofreram significativas transformações, dentre as quais destaca-se a pulverização do movimento

Seja pela valorização da autonomia empreendedora e pela desvalorização do trabalho assalariado promovido pelos difusores eclesiais da "teologia da prosperidade" nos templos neopentecostais; seja como resultado dos discursos disciplinares e sanitizantes dirigidos às famílias dos estratos mais pobres pelos pastores e pastoras; seja pelo impulso ético operado pelo incessante combate mágico-religioso contra as drogas e álcool.¹¹³

A partir da análise da comparação de dados demográficos, Marques afirma que, em 2010, o pentecostalismo alcançou uma hegemonia nas periferias de São Paulo, com a disseminação de pequenas Igrejas. Essa hegemonia é atribuída a um conjunto de influências: 1) existência de pouquíssimos templos da Igreja católica e grande profusão de Igrejas evangélicas; 2) identificação de angústias, medos, tensões entre membros da Igreja e pastores, com presença maciça de sacerdotes oriundos da própria comunidade e que possuem trajetórias que inspiram os fiéis e servem de exemplo para eles, porque superaram problemas em comum (pobreza, drogas, casamento com violência doméstica); 3) fortalecimento dos vínculos e proximidade entre fiéis e pastores, que oferecem orientação e oração em atendimentos individualizados; 4) pastor e fiéis integram a mesma comunidade discursiva; a palavra seria inspirada diretamente por Deus e seria inteligível; 5) flexibilização nas tradições; 6) importância outorgada às mulheres nas atividades eclesiais; 7) mobilização dos jovens e desenvolvimento de atividades em ambientes com baixa oferta de serviços de arte, cinema, cultura e lazer; 8) oferta de uma rede de apoio, proteção e ajuda mútua¹¹⁴.

Dessa forma, a hegemonia do pentecostalismo nas periferias de São Paulo decorre de um processo de acomodação, flexibilização, apropriação e ressignificação deste campo religioso, tendo determinado variadas transformações nos hábitos locais, ou melhor, no estilo de vida e no cotidiano das periferias dos centros urbanos. "Ao se tornar hegemônica, a cosmovisão evangélica pentecostal é responsável pela constituição de novas formas de ser, viver e compreender as quebradas de fé"¹¹⁵. Trata-se de um pentecostalismo polissêmico, plural, poroso, que, com esse dinamismo, teria permitido a pulverização do campo pentecostal e a formação de um novo *ethos* a partir de múltiplas mudanças nas referências, nos sentidos e nas práticas. De acordo com Christina Vital da Cunha, pesquisadora que fez uma extensa etnografia em duas favelas da cidade do Rio de Janeiro:

O crescimento das igrejas evangélicas pentecostais é um fenômeno mundial que tem como marco a década de 1960, período em que as Igrejas Protestantes também

pentecostal, com a constituição de pequenas igrejas, montadas em pequenos pontos comerciais e estruturadas com base quase que exclusiva no carisma pessoal de um líder religioso.

¹¹³ MARQUES, Vagner Aparecido. **As igrejas menores nas quebradas da fé: a construção da hegemonia do pentecostalismo nas periferias de São Paulo (1990-2010)**. 2019. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019. P. 85.

¹¹⁴ *Ibid.* P. 127/128.

¹¹⁵ *Ibid.* P. 117.

chamadas na literatura especializada como Evangélicas de Missão ou, ainda, Históricas, experimentaram uma diminuição do número de seus membros no Brasil e no mundo. O mapeamento do crescimento pentecostal, sobretudo nos países do chamado Terceiro Mundo, aponta para a possível relação entre este fenômeno e a desigualdade e vulnerabilidade sociais. Nesta chave de leitura, o pentecostalismo seria uma corrente religiosa a crescer mais ou a se consolidar onde os contextos de precariedade político-social são mais abundantes.¹¹⁶

Para Cunha, a perspectiva teológica e doutrinária do pentecostalismo (guerra espiritual entre o bem e o mal, Deus e o Diabo) se aproxima do "clima" de guerra introduzido nas favelas pelo combate entre traficantes e forças policiais. Outro fator que favoreceria o crescimento pentecostal nas periferias é que as Igrejas são representadas por pessoa da mesma classe social e origem dos moradores. A Igreja aparece como forma de acolhimento e possibilidade de construção de laços sociais que criam ou fortalecem o sentimento de segurança material, emocional e espiritual.

2.3 NEOPENTECOSTALISMO, ACOMODAÇÃO AO MUNDO E IDENTIDADE EVANGÉLICA

A partir de análises sociológicas sobre a adesão ao pentecostalismo no Brasil, extraídas de 80 entrevistas semidiretivas, sendo a maioria realizada com líderes pentecostais, e 100 questionários aplicados em fiéis na primeira metade dos anos 90, na região metropolitana de São Paulo, nos quais foram questionadas trajetória e prática religiosas, Mariano aponta que essa religião teria favorecido o processo de ajustamento e integração de uma sociedade que estava sendo constituída após um processo de migração da população do meio rural para os grandes centros urbanos, num período de intensa industrialização. Assim, a partir da década de 1930, os estratos mais pobres teriam encontrado na religião ponto de apoio para a construção de vínculos de solidariedade e também uma estrutura que promovia sua adaptação às mudanças culturais e econômicas que conformavam a sociedade emergente.

Entretanto, esse processo de ressocialização, ao invés de promover o ajustamento desses indivíduos ao mundo, acabou apresentando caráter contracultural, sectário e ascético, radicado na crença apocalíptica e na tese da dicotomia entre os reinos material e espiritual. Assim, se, de um lado, a religião cumpriria a função de capacitar o fiel para enfrentar as mudanças sociais em curso, de outro, estimularia seu isolamento e a anulação de interesses

¹¹⁶ CUNHA, Christina Vital da. **Oração de Traficante**: uma etnografia. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. P. 185.

mundanos. Ou seja, em troca do conforto espiritual e da garantia da salvação, ao crente era imposto uma série de sacrifícios, de prescrições legalistas, proibições e tabus comportamentais. Esses novos valores, deveres e disposições sectários resultavam em uma rejeição e em uma fuga ascética do mundo.

Essas concepções foram profundamente transformadas pelo neopentecostalismo. Se o pentecostalismo clássico tradicional, com amparo na promessa de salvação divina, impunha severas restrições à conduta dos cristãos, a nova vertente pentecostal entende que o cristão deve buscar sucesso financeiro e felicidade nos empreendimentos terrenos, pois isso significa estar ligado a Deus. Com isso, os neopentecostais, adeptos da Teologia da Prosperidade, admitem a busca por interesses materialistas e participam ativamente da vida política, econômica e cultural. O neopentecostalismo se manifesta no enfrentamento e na participação das áreas que pretende evangelizar. Prega a luta contra o Diabo e o governo em nome de Deus. Na compreensão de Mariano, isso ocorre:

Pois, em vez de manter-se apartado do mundo, este crente, acima de tudo, está imbuído de um espírito guerreiro e triunfalista. Em nome de Jesus e com a autoridade por Ele concedida, dispõe-se intrepidamente a enfrentar o próprio Diabo. E, apesar de ciente de suas limitações e fraquezas, tem a convicção da vitória. Como herdeiro das promessas divinas, vê-se como ‘mais que vencedor’ e crê tudo poder Naquele que o fortalece¹¹⁷.

Conhecidos pelo proselitismo agressivo e pelo discurso religioso fervoroso e combativo, os neopentecostais adotam todas as estratégias possíveis de evangelização, pregando em espaços que seus antecessores jamais teriam admitido contato. A participação direta em todas as esferas sociais também se manifesta no assistencialismo e na militância partidária.

Adotando novas estratégias de proselitismo e, acima de tudo, se inserindo em espaços sociais incomuns e inesperados – como a mídia eletrônica e a política partidária – em detrimento do seu sectarismo anterior, eles tiveram que acomodar as pressões, as regras e as demandas desses meios e instituições políticas.¹¹⁸

De acordo com Mariano, as Igrejas pentecostais operam seu poder para transformar a sociedade por duas vias, simultaneamente: pela conversão e moralização; pelas vias midiática e política. A evangelização teve o seu significado alterado pelos neopentecostais. Para o pentecostalismo tradicional, os fiéis deveriam se resguardar nos usos e costumes e se afastar das coisas mundanas, aguardando a volta de Cristo e o Juízo Final. Por outro lado, os

¹¹⁷ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014. P. 228.

¹¹⁸ MARQUES, Vagner Aparecido. **As igrejas menores nas quebradas da fé**: a construção da hegemonia do pentecostalismo nas periferias de São Paulo (1990-2010). 2019. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019. P. 83.

neopentecostais ambicionam, sem culpa moral, a satisfação de seus desejos materiais e de poder político. Desse modo, os neopentecostais se ajustam às demandas sociais e se tornam cada vez mais individualistas, consumistas e hedonistas, rompendo com a desqualificação do mundo promovida pelo pentecostalismo clássico. Para Mariano, isto representa o fim de uma identidade estereotipada e uma homogeneização da massa de evangélicos com todo o corpo social. As Igrejas neopentecostais romperam com muitas exigências disfuncionais e impopulares típicas do modelo anterior, adaptando suas regras aos anseios sociais e se acomodando ao novo contexto político, cultural e econômico.

Identifica-se um progressivo abandono da ingerência religiosa na vida privada e, por conseguinte, de práticas que sustentavam a distintividade da conduta e aparência dos fiéis. Quando a religião deixa de regular a intimidade dos fiéis, padronizar sua aparência e controlar o seu comportamento e passa a difundir a ideia de que a prosperidade material e a felicidade devem ser vividas na terra, ela flexibiliza o dogmatismo e o moralismo em prol do ajustamento ao mundo, ou melhor, da secularização. Esse processo de secularização, todavia, não implica numa mudança de pensamento no que diz respeito às crenças de ordem mítica, continuamente reatualizadas nos cultos dessas novas Igrejas. São essas práticas, inclusive, que dão suporte aos pedidos financeiros e que expõem seu caráter mercadológico e empresarial. Ao avaliar as mudanças de ordem teológica, o conjunto de práticas e comportamentos dos seguidores, Mariano conclui que:

Tendo em conta as acomodações promovidas pelo neopentecostalismo e o processo de dessectarização das vertentes pentecostais precedentes, o que cresce e se firma entre nós é uma religião que cada vez mais deita raízes em nossa sociedade e é por ela influenciada num processo de assimilação mútua.¹¹⁹

Essas acomodações se manifestam nas transações financeiras, no convite aos fiéis de outras denominações, nos ritos de libertação da possessão demoníaca, em cultos com bandas evangélicas de todos os estilos, bem como na própria aparência dos evangélicos. O crente ortodoxo deveria se afastar dos prazeres, interesses e paixões do mundo e, para isso, deveria seguir rigorosamente um código de conduta ligado aos valores morais, usos e costumes de santificação. A identidade de um crente clássico negava vaidades. "Na busca da salvação, portanto, devem resistir às tentações, ser radicais na rejeição do mundo e obedecer aos mandamentos divinos:"¹²⁰. Assim, ao determinar prescrições de comportamento, o pentecostalismo clássico propõe vestuário que reforça padrões estereotipados de

¹¹⁹ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014. P. 237.

¹²⁰ *Ibid.* P. 191.

respeitabilidade burguesa. Com isso, os pentecostais eram distinguidos por seu estilo de vida e sua identidade. O neopentecostalismo, por sua vez, teria atenuado essa distinção. A progressiva conformação aos valores e padrões comportamentais da sociedade vai refratando as distinções entre evangélicos e o resto da população. Não há mais sentido em renunciar ao mundo. Essa acomodação rejeita a ética de ascetismo e torna a massa de crentes menos sectária.

O movimento pentecostal promove um processo de ressignificação dos usos e costumes, superando as caricaturas que marcavam a representação evangélica. O mundo é absorvido e interpretado, não mais rechaçado. Assim, os pentecostais vão se tornando indistintos ao adaptarem suas práticas à cultura circundante. "O mundo - expressão largamente utilizada para sinalizar aquilo que não é sagrado, santo, ou próprio da igreja - passou a fazer parte do reino de Deus"¹²¹. O pentecostalismo deixa de fazer contraposição à ordem vigente e passa a se incorporar a ela. As mudanças nos costumes e na aparência dos crentes pode ser notada em seu modo de vestir, no corte de cabelo, no uso de maquiagem, nos estilos musicais tocados nas Igrejas. Mariana Côrtes, ao analisar os CDs e DVDs com testemunhos evangélicos, destaca a apropriação de estratégias de propaganda da indústria editorial, da indústria cinematográfica norte-americana e da indústria musical, por exemplo¹²².

Marques aponta os reflexos da globalização, somada ao crescimento econômico e à redistribuição de renda pela criação de crédito para consumo nas periferias da grande São Paulo, relatando o uso do idioma e da cultura estadunidense nos nomes dos estabelecimentos comerciais, a apropriação dos gostos musicais e dos símbolos e práticas de outras culturas, como é o caso das tabacarias árabes. Assim, o processo de mudança na cultura evangélica acompanharia o processo de mudança na vida social.

Essa nova geração do pentecostalismo no Brasil é caracterizada, no que diz respeito à base teológica, por pregar a Teologia da Prosperidade e por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo; e, no que diz respeito aos costumes, pela acomodação ao mundo, isto é, pela atenuação do sectarismo tradicional e rompimento com o ascetismo contracultural. Isso significa que os adeptos do neopentecostalismo usam roupas da moda, cosméticos,

¹²¹ MARQUES, Vagner Aparecido. **As igrejas menores nas quebradas da fé: a construção da hegemonia do pentecostalismo nas periferias de São Paulo (1990-2010)**. 2019. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019. P. 84.

¹²² CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **Diabo e fluoxetina: formas de gestão da diferença**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2012. P. 110.

frequentam praias, piscinas, cinemas, teatros, estádios de futebol, praticam esportes, assistem à televisão e apreciam diferentes gêneros musicais. Mantém, contudo a interdição ao consumo de álcool, tabaco, drogas e ao relacionamento extraconjugal e homossexual¹²³. Articulam, no plano teológico, uma guerra contra os representantes do Diabo na terra e propagam a crença de que o adepto deve contribuir financeiramente com a Igreja para que Deus lhe conceda as graças almejadas. Em função disso, as Igrejas do movimento neopentecostal são marcadas pela oferta especializada de serviços mágico-religiosos, milagres, curas para problema de saúde físico e emocional, promessa de concessão divina de prosperidade material e resolução de problemas familiares e afetivos.

O neopentecostalismo promove uma reformulação dos dogmas cristãos, com a constituição de uma nova cosmovisão, a adesão aos valores mundanos, a flexibilização dos usos e costumes e o ajustamento à vida social burguesa. As principais alterações do pentecostalismo são sintetizadas por Mariano:

O arrefecimento da ênfase apocalíptica (que desvalorizava este mundo), a retração do sectarismo (contrário à participação na política partidária, avesso à educação formal, ao intelectualismo, à busca de riqueza e às profissões rendosas, que poderiam provocar orgulho, paixão e amor ao mundo) e do ascetismo (que proibia até a prática de esportes), sem prejuízo imediato a seu moralismo de cunho bíblico.¹²⁴

A liberalização dos tradicionais usos e costumes de santidade pentecostal e a adesão aos modismos por partes dos neopentecostais permitem, inclusive, que sejam adotados novos instrumentos de evangelização. A cultura mundana é incorporada, assimilada, instrumentalizada e institucionalizada pelos grupos pentecostais para maximizar a pregação e disseminação da sua ordem. Mariano registra que:

Embora ainda minoritárias no pentecostalismo, todas essas surpreendentes acomodações à sociedade inclusiva indicam que esse movimento religioso caminha, de forma irreversível, sobretudo quando penetra nos estratos mais privilegiados, para a dessectarização e liberalização em distintas esferas da vida social. Esse processo, por outro lado, tende a diversificar as formas e estratégias de ação e ampliar a capacidade de inserção social dessa religião em novos setores da sociedade.¹²⁵

O neopentecostalismo é qualificado por Mariano como “mercadoria de consumo”, porque vende solução para as demandas do dia a dia, promete uma vida próspera, saudável, feliz e vitoriosa e, em contrapartida, não cobra um modo de vida distinto, mas "apenas" participação, fidelidade e dinheiro.

¹²³ MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 121–138, 2004. P. 123.

¹²⁴ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014. P. 149.

¹²⁵ *Ibid.* P. 222/223.

Segundo Ronaldo de Almeida: "Apesar de todo o discurso de exclusividade, há uma faixa demográfica significativa de pessoas que transitam entre os evangélicos, sobretudo no "pentecostalismo de serviços"¹²⁶. As recorrentes mudanças de religião, sobretudo no interior do pentecostalismo, ou melhor, a circulação dos adeptos pelas denominações pentecostais indica, no mínimo, a volatilidade da identidade evangélica. Em outras palavras, a rotatividade e a instabilidade das relações religiosas forjam um vínculo mais frágil que extrapola as fronteiras institucionais. O autor destaca o trânsito entre denominações no interior do próprio segmento evangélico. Para ele:

Tudo isto abre possibilidade ao indivíduo para compor ele mesmo seu padrão religioso evangélico pentecostal com mais ou menos música, mais ou menos corporalidade, mais ou menos doutrina, mais ou menos moral, mais ou menos teologia, em suma, ele mesmo pode realizar a 'calibragem' da sua religiosidade e do seu vínculo com um grupo específico.¹²⁷

A partir das constatações de Almeida, que indicam a fluidez do campo evangélico e a intensa mobilidade religiosa, é possível perceber que, mesmo transitando entre as mais variadas denominações evangélicas, mantém-se o status de pertencimento ao campo religioso pentecostal. Ressalta-se, com isso, que a circulação pelo movimento evangélico não gera perda de identidade, mas essa elasticidade do vínculo religioso flexibiliza o comprometimento e diminui o constrangimento moral. O dinamismo religioso é produto das necessidades imediatas do indivíduo, que se serve do universo simbólico que lhe parece mais conveniente¹²⁸. Isto é definido por Luiz Roberto Benedetti como "consumo religioso por razões de satisfação pessoal"¹²⁹.

Benedetti indica que a circulação entre religiões se deve menos a razões de ordem institucional e mais a razões de ordem pessoal. Este autor aponta a "perda da influência institucional capaz de gerar fidelidade"¹³⁰ e assinala que a circulação entre religiões é derivada principalmente de escolhas pessoais que dizem respeito à esfera subjetiva da pessoa. Esse deslocamento é processado conforme a necessidade individual do sujeito, que procura na religião providências para os seus problemas cotidianos. Nessa linha, "a 'verdade' é definida a partir da resposta que dá à necessidade e à busca subjetivas"¹³¹. O indivíduo

¹²⁶ ALMEIDA, Ronaldo de. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 111–122. P. 116.

¹²⁷ *Ibid.* P. 117.

¹²⁸ *Ibid.*

¹²⁹ BENEDETTI, Luiz Roberto. Religião: trânsito ou indiferenciação? *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 123–133. P. 127.

¹³⁰ *Ibid.* P. 128.

¹³¹ *Ibid.* P. 128.

escolhe a religião que oferece solução para o mal que o aflige. É nesse cenário que ocorrem as migrações, determinadas pela transcendência da interpretação do fenômeno tratado como problema e pela solução oferecida, que costuma ser a cura. Dessa forma, as disposições subjetivas parecem ser as principais responsáveis pelo trânsito religioso.

Apesar da circulação por segmentos do movimento pentecostal, registra-se o pertencimento religioso e a preservação de uma identidade. Isto porque, pelo menos segundo as classificações mais comuns, o campo evangélico se define em contraposição ao católico, dentro do cristianismo. Nas palavras de Benedetti: "situar-se num campo referencial comum - definido por oposição a outro, católico - confere uma identidade comum, objetiva, que legitima as migrações"¹³². Assim, o trânsito dentro do próprio segmento pentecostal não parece abalar a imagem do crente, porque "não há, a rigor, rupturas e um novo enraizamento"¹³³. A mudança de religião não determina, necessariamente, a construção de uma nova consciência. Essa moralidade pode, inclusive, ser caracterizada como efêmera. "Há, no limite, a eliminação de qualquer sentido de história e responsabilidade pessoal. O mundo é reduzido a uma subjetividade envolta por um acontecer - o milagre"¹³⁴.

Nessa dinâmica de ajustamento do movimento neopentecostal ao mundo, o que se percebeu é que a constituição da identidade religiosa sofreu profunda influência do processo de globalização, que massifica o sujeito e reproduz formas de colonialidade. Mariana Côrtes registrou a absorção pelo mercado evangélico de pessoas que se encontravam à margem dos processos de acumulação capitalista e a transformação do seu sofrimento em mercadoria. "Os "ex- tudo" são reincorporados, exatamente por sua qualidade de refugio, por uma máquina de aceleração capitalista alternativa, que se diz sacral, pela qual os bens da cidade de Deus são direta e rotineiramente barganhados na cidade dos homens"¹³⁵. As implicações econômicas, políticas, sociais e culturais do neoliberalismo são sentidas na constituição da nova imagem do crente¹³⁶, provocando um novo significado de mundo, um novo conjunto de princípios éticos e novas definições identitárias.

¹³² BENEDETTI, Luiz Roberto. Religião: trânsito ou indiferenciação? In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 123–133. P. 131.

¹³³ *Ibid.* P. 130.

¹³⁴ *Ibid.* P. 128.

¹³⁵ CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **Diabo e fluoxetina: formas de gestão da diferença**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2012. P. 340.

¹³⁶ Em consonância com o marco teórico adotado neste trabalho, considera-se que o processo de formação da identidade do sujeito está diretamente relacionado ao contexto em que ele se insere, uma vez que ele representa um ator situado.

A ascensão do pentecostalismo reflete mudanças estruturais da sociedade, assim como escolhas subjetivas ligadas à forma de estar no mundo e de se apresentar perante o corpo social. A heterogeneidade das vivências pessoais das religiões e de sua apropriação cultural, as diferenças de interpretação doutrinária e as ambivalências e contradições sociais conferem múltiplos significados para o pertencimento religioso. São inúmeras as possibilidades de experimentação das religiões e de rearranjos de crenças que afetam a identidade evangélica.

Em sua tese de Doutorado, Mariana Côrtes analisa a diferença como objeto de intervenção da religião monoteísta e do Estado moderno, avaliando a gestão da diferença em dois grupos: pregadores evangélicos itinerantes e pessoas oriundas das regiões rurais que foram diagnosticadas com depressão. Depois de apontar estratégias empregadas para combater a diferença, procedimentos de reforma e domesticação do sujeito, a autora defende que as agências que procuravam anular a diferença não permanecem agindo da mesma forma na sociedade contemporânea. Segundo Côrtes, os indivíduos, nessa nova forma de gestão da diferença, são condenados a ser exatamente quem são. A autora explica que, apesar de haver a aquisição de uma nova identidade religiosa, a adesão ao neopentecostalismo por parte dos sujeitos que se tornaram pregadores não determina, necessariamente, o abandono da sua biografia, mas um constante apelo àquilo que a teria marcado, como a execução de um crime, a mendicância, a prostituição, a homossexualidade e o exercício de outra religião. Côrtes registra que, enquanto nas conversões clássicas, o passado mundano era perdoado e substituído por um novo estatuto santificado, nas novas formas de conversão, a vida pregressa é transformada em mercadoria a ser comercializada no mercado evangélico. Assim, a pesquisa revela uma reconfiguração da gestão das diferenças.

Com o surgimento e a consolidação da modernidade, a diferença passou a ser anulada por meio do banimento, do isolamento, do encarceramento, do tratamento e, em situações extremas, do genocídio. Isto porque a construção do Estado-Nação pressupunha a formação de uma sociedade culturalmente homogênea, em que os indivíduos partilhassem uma mesma identidade. Assim, a expurgação da diferença teria sido verificada tanto em regimes democráticos como em regimes totalitários¹³⁷. Entretanto, segundo Côrtes, a partir da década de 70, houve uma reconfiguração do estatuto da diferença. Se, antes, ela era rejeitada, na

¹³⁷ A autora mostra as conexões paradoxais entre liberalismo e racismo, democracia e totalitarismo na guerra contra a diferença, apontado que os regimes totalitários teriam empregado uma estratégia racista/genocida, enquanto os regimes liberais-democráticos teriam adotado técnicas assimilacionistas/etnocidas. CÔRTE, Mariana Magalhães Pinto. **Diabo e fluoxetina: formas de gestão da diferença**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2012. P. 60/61.

sociedade contemporânea, passa a ser destacada. Essa reelaboração implica em uma mudança do sentido atribuído ao sofrimento ligado à conversão: antes, o sofrimento atuava como redenção, depois, como mercadoria.

Na primeira parte do trabalho, em que retrata as formas de exclusão da diferença, Côrtes destaca que a conversão implicava na renúncia à identidade antiga, com a consequente formação de uma nova identidade, destituída dos seus registros históricos. O resultado dessa renúncia à própria biografia era a desconstrução de vínculos comunitários, como fica evidente nesta passagem da tese:

Quando o profeta, impulsionado pela revelação divina que lhe anunciou uma nova visão de mundo, propõe aos indivíduos abandonarem seus antigos laços comunitários e aceitarem a mensagem anunciada, ele está, de certa forma, convidando-os a renunciar a suas diferenças ou dizendo, simplesmente, que elas não têm mais a menor importância. Assim, quando Jesus, exemplo paradigmático do profeta emissário, encontra seus futuros discípulos, pouco importando-lhe suas origens étnicas e sociais, se são ricos ou pobres, fariseus ou hebreus, cobradores de impostos ou prostitutas. Ele interpela-os como indivíduo, dirigindo-se a eles na segunda pessoa, podendo até dar-lhes outro nome e apagar seu nome antigo, marca de sua identidade anterior: “Você, Pedro”; “Você, Tiago”, “Você, João”. Esses processos de desenraizamento e anulação dos signos distintivos de diferença social, étnica e cultural anteriores conduzem a uma racionalização no sentido de mais abstração, no sentido da produção mesma da categoria “indivíduo”, um ser abstrato, puro, puro indivíduo, desamarrado de quaisquer outros laços de identidade que pudessem defini-lo concretamente, seja através das categorias de pertencimento de classe, etnia, cultura ou religião.¹³⁸

A conversão produzia, portanto, a anulação das diferenças, o desligamento dos vínculos comunitários e do conjunto de fatores que a conectam a pessoa a determinados grupos e a definia como sujeito, bem como a constituição do indivíduo como entidade abstrata. Côrtes explica que Pierucci qualifica algumas religiões como solventes, em função da sua capacidade de romper com os pertencimentos sociais anteriores. Entretanto, para ela, a chamada religião universal de salvação individual só seria capaz de dissolver um laço que já estava previamente deteriorado, isto é, essa forma de religião arregimentaria conversos que se encontrariam, na maior parte dos casos, em situações de crise pessoal, com frágeis vínculos com a comunidade¹³⁹. O sujeito assumiria a identidade religiosa e esta seria dissolvida na coletividade, uma vez que a religião pretenderia atingir a universalidade, dirigindo-se a todas as pessoas.

¹³⁸ CÔRTEES, Mariana Magalhães Pinto. **Diabo e fluoxetina: formas de gestão da diferença**. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2012. P. 39/40.

¹³⁹ "Assim, o pentecostalismo parece crescer justamente em contextos de vulnerabilidade social, em que os sujeitos se encontram estruturalmente disponíveis para a aceitação de uma nova prédica e um novo princípio de estruturação do mundo". *Ibid.* P. 174/175.

Após apresentar os mecanismos empregados para negar as diferenças na modernidade, a partir de dois estudos de caso - conversão religiosa e diagnóstico de depressão -, Côrtes explica que, na pós-modernidade, as agências reforçam a diferença. A autora aponta que os pregadores-mendicantes não são clientes de programas assistenciais ou de instituições totais que visam à neutralização da diferença. Pelo contrário, a diferença é condição para ocupar um espaço no mercado religioso informal¹⁴⁰. Dessa forma, ocorre uma inversão: o diferente (louco, criminoso), nessa nova configuração da modernidade, vende aquilo que era antes objeto de políticas institucionais de exclusão e correção. Ou seja, aquilo que na maior parte da história foi considerado negativo e perseguido como sinal de anormalidade, hoje é usado como produto no mercado religioso.

A partir dos resultados das pesquisas apresentadas, percebe-se uma grande mudança na identidade religiosa, diretamente ligada à forma como o novo pentecostalismo promove uma acomodação da doutrina ao mundo, atendendo os interesses e necessidades pessoais do crente e, com isso, conquistando a hegemonia populacional. Ao que parece, as múltiplas formas de expressar a identidade evangélica se confundem com as múltiplas ofertas de atendimento das Igrejas no comércio religioso. Resta saber se isso se reproduz na prisão, espaço que, embora poroso, é marcado por uma dinâmica própria.

¹⁴⁰ Nas palavras da autora: "Assim, para qualquer desses sujeitos, sua diferença não será combatida, corrigida, domesticada, normalizada por qualquer mecanismo de imposição de uma ordem reguladora, seja esta vigilante, disciplinar, assimilacionista ou racista. Sua diferença não será recusada. Sua ambivalência, sua desordem, seu desespero não serão rejeitados. Ao contrário, são condições requisitadas, que se tornam autorizadas e até impostas para a retórica de toda espécie de sujeito aflito". CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **Diabo e fluoxetina**: formas de gestão da diferença. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2012. P. 158.

CAPÍTULO 3

IMBRICAÇÕES, TRÂNSITOS E FRONTEIRAS ENTRE O MUNDO DO CRIME E O MUNDO DA FÉ

A expressão "mundo do crime" foi cunhada por José Ricardo Ramalho em pesquisa realizada na década de 70 na Casa de Detenção de São Paulo e indica uma separação entre dois grupos que habitam as prisões. Ramalho analisa a formação da "delinquência" tal como descrita por Michel Foucault em "Vigiar e Punir", identificando a sua utilidade para o controle de grupos em situação social de pobreza e apontando que a condenação à delinquência é definida em função da raça, da classe e da região habitada. "Entre os presos é freqüente o raciocínio através do qual as razões gerais para a delinquência estavam no tipo de emprego, na falta de instrução, nos problemas de família que supostamente caracterizam os grupos sociais a que pertencem"¹⁴¹, enquanto os indicadores de recuperação estariam atrelados a privilégios de outras classes sociais. O autor procura mostrar como as pessoas presas interpretam o crime e como são organizadas as regras e relações na cadeia, descrevendo o que é concebido como "mundo do crime" e explicando como ele é regulado pelas "leis da massa". Segundo o autor, identificam-se com o "mundo do crime" presos não interessados em uma suposta recuperação e dispostos a continuar praticando atos criminosos, sendo que as "leis da massa" representam as regras, visíveis ou invisíveis, que definem o "proceder" e classificam uns como criminosos e outros não, não se impondo igualmente a todos os presos.

Três décadas depois, Adalton Marques explica que a palavra "proceder" é empregada pelos presos como um substantivo e como um adjetivo, indicando, invariavelmente, um conjunto de regras e prescrições sobre condutas¹⁴². É esse proceder que divide convívio e seguro. O pesquisador lembra que a associação e o pertencimento produzem dissociação e exclusão. Assim, seguro seria uma espécie de asilo. Segundo Marques, a palavra "seguro" é empregada para designar tanto a população que precisa de proteção em função de ameaças de outros presos quando a condição das pessoas ameaçadas, como também o espaço onde

¹⁴¹ RAMALHO, José Ricardo. **Mundo do crime**: a ordem pelo avesso. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. P. 122.

¹⁴² Importante registrar que este autor também não interpreta o proceder como efeito do poder disciplinar descrito por Foucault. MARQUES, Adalton. **Crime, proceder, convívio-seguro**: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009. P. 14/15.

elas são alocadas¹⁴³. Marques também explica que dizer que a pessoa é do crime não é o mesmo que dizer que cometeu infrações penais ou que foi presa. Um esturpador, um homicida "justiceiro" ou um policial, qualquer que seja a sua infração (mesmo um ladrão de banco) não são considerados do crime. De outra parte, considera-se do crime a pessoa que vive da renda de um trabalho lícito, mas que "não desmerece" "o movimento" e "corre pelo certo" (não denuncia os ladrões e, por vezes, ainda oferece assistência material a eles).

Com efeito, o "crime" não se define, fundamentalmente, pela distinção entre aqueles que cometeram infrações penais e aqueles que não cometeram. Antes, trata-se de um "movimento" que efetua considerações acerca das "caminhadas" de "ladrões" e de outros - "trabalhadores", policiais, esturpadores, "justiceiros" -, definindo quem são os "aliados" e quem são os "inimigos".¹⁴⁴

Segundo o autor, as relações de aliança são definidas a partir da "caminhada" do sujeito, ou melhor, a partir do proceder. É, portanto, o proceder que distingue aliados de inimigos e promove a separação entre convívio e seguro. É esse o fluxo que, segundo Adalton Marques, caracteriza as cadeias e as ruas do Estado de São Paulo antes e depois da consolidação das facções.

Em oposição ao "mundo do crime", estaria o "mundo do trabalho", o qual representa o modo de vida seguido por aqueles que, embora tenham formalmente violado as leis do Estado, se envolvido com a justiça e sido sancionados penalmente por isso, não se identificam com o estilo de vida no crime. Segundo Ramalho: "Estar no mundo do crime (ou na vida do crime) significava estar ilegitimado em virtude da acusação de infração aos códigos e leis. Neste contexto, trabalho representava a via de retorno à legitimidade social, a possibilidade (teórica) de 'recuperar-se'"¹⁴⁵. Assim, se o "mundo do crime" representa um ideal de vida no crime, o "mundo do trabalho", por outro lado, compreende a prisão como um infortúnio passível de ser superado. Ao "mundo do crime" pertencem os sujeitos que têm a sua trajetória e o seu modo de vida definidos pelo código de conduta e pelos valores do universo criminoso. De outro, ao "mundo do trabalho" pertencem aqueles para os quais a prisão é algo passageiro e ocasional. Além disso, de acordo com Ramalho, o trabalho também representa na cadeia uma forma de isolamento, ou melhor, uma forma de escape¹⁴⁶.

¹⁴³ MARQUES, Adalton. **Crime, proceder, convívio-seguro**: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009. P. 29.

¹⁴⁴ *Ibid.* P. 94.

¹⁴⁵ RAMALHO, José Ricardo. **Mundo do crime**: a ordem pelo avesso. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. P. 69.

¹⁴⁶ *Ibid.* P. 82.

No entanto, a despeito de cultivar outros valores, os sujeitos que se identificam com o "mundo do trabalho" são obrigados a respeitar as regras da massa carcerária.

No mesmo sentido pode ser interpretada a participação de atividade religiosa. Esta é simultaneamente indicador de recuperação e refúgio, mas que não exclui a incidência dos ordenamentos sociais vigentes na prisão. Assim, essa separação entre "mundo do crime" e "mundo do trabalho", identificando-se este com o "mundo da fé", não é tão rígida como pode parecer à primeira vista. Mundo do crime e mundo da fé¹⁴⁷ convivem dentro e fora da prisão e organizam as relações entre os atores que compõem este cenário. Seja na rua, seja na cadeia, os espaços de sociabilidade são compartilhados por estes grupos aparentemente antagônicos e esta partilha demarca as dinâmicas que serão apresentadas no decorrer deste trabalho.

Em sua tese de Doutorado, Vagner Marques registra as transformações pelas quais passaram as periferias da região metropolitana de São Paulo durante o processo de globalização, ascensão do pentecostalismo e expansão do Primeiro Comando da Capital (PCC), com vistas a analisar as mudanças no imaginário religioso e nas referências de ordem da sociabilidade e moralidade. O pesquisador traça um paralelo entre o crescimento do PCC e do movimento pentecostal, afirmando que assim como o PCC teria sido fracionado em 2003, o movimento pentecostal teria se fragmentado em "igrejas menores". Marques aponta que, no início dos anos 2000, a ascensão das moralidades do PCC e do pentecostalismo "convergem em instituir e legitimar o *ethos guerreiro* vivido nas *quebradas de fé*"¹⁴⁸. Com isso, os dois grupos teriam redesenhado os códigos das periferias urbanas de São Paulo, instituindo uma espécie de regulação da moralidade.

Importante lembrar que o PCC teria surgido na década de 1990 no interior do sistema carcerário paulista e se expandido para as periferias na década de 2000, momento em que se assiste a uma significativa queda das taxas de homicídio¹⁴⁹. Gabriel de Santis Feltran sustenta que a queda no índice de homicídios estaria diretamente atrelada à regulação do mercado de drogas por parte da facção, bem como ao monopólio da violência por ela reivindicado¹⁵⁰. Vagner Marques aponta um processo de diálogo, acordos, arranjos e

¹⁴⁷ A partir daqui, não será feito mais o uso de aspas, entendendo-se como apropriadas estas expressões para os fins desta pesquisa.

¹⁴⁸ MARQUES, Vagner Aparecido. **As igrejas menores nas quebradas da fé: a construção da hegemonia do pentecostalismo nas periferias de São Paulo (1990-2010)**. 2019. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019. P. 46.

¹⁴⁹ DIAS, Camila Caldeira Nunes. **Da pulverização ao monopólio da violência: expansão e consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista**. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

¹⁵⁰ FELTRAN, Gabriel de Santis. **Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio**

alterações na forma de conceber o cotidiano. Teria havido um reordenamento na regulação dos conflitos, com a assunção gradual, pelo PCC, do monopólio da violência. Apesar disso, não seria possível constatar um processo uniforme na periferia. Em partes dela, a pacificação seria atribuída ao PCC, enquanto em outras partes, afirma-se que o PCC teria chegado depois da pacificação. As narrativas colhidas por Marques em sua pesquisa indicam uma gestão dos conflitos por parte da própria comunidade¹⁵¹. Seja como for, as guerras teriam cessado e o índice de homicídios diminuído, em parte por influência do PCC.

Segundo Vagner Marques, é exatamente nessa época, isto é, na década de 2000, que se identifica uma gradual transformação da moralidade do imaginário social das periferias de São Paulo. Isto porque a irmandade do crime se encontra com a irmandade da fé - ambas em expansão - e forma uma relação que "não será de absoluta negação, mas sim de permeabilidades"¹⁵². A partir da análise dos dispositivos linguísticos utilizados pelos moradores das periferias de São Paulo, Marques identifica duas identidades interligadas: "sujeito homem" e "homem de Deus". O pesquisador reconhece no discurso dos moradores dessas periferias um trânsito de moralidade entre o mundo do crime e mundo da fé, empregando, a partir dessa constatação, essas duas categorias para qualificar os sujeitos que integram cada um desses empreendimentos morais. Sua elaboração sobre o "sujeito homem" lembra a construção de Alba Zaluar sobre o "ethos da masculinidade", indicando o conjunto de costumes, valores hábitos dos "quadrilheiros"¹⁵³. As expressões "sujeito homem" e "homem de Deus" são empregadas para designar a ética que orienta o comportamento do sujeito que integra a irmandade do crime e do sujeito que participa da irmandade da fé e que, embora distintas, se encontram e se confundem. Nas palavras de Marques, ambas estariam:

Associadas a um conjunto de regras que caracterizam por um lado, a noção ética masculina das quebradas de fé (sujeito homem) e, por outro, a ética exigida para aqueles que vivem o pentecostalismo das igrejas menores (homem de Deus). Sujeito homem e homem de Deus são condições idealizadas e traduzem uma série de exigências, tais como o rigor, a disciplina, a honra, o compromisso, o zelo, o senso de justiça, etc..¹⁵⁴

nas periferias de São Paulo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 23, n. 58, p. 59–73, 2010.

¹⁵¹ MARQUES, Vagner Aparecido. **As igrejas menores nas quebradas da fé: a construção da hegemonia do pentecostalismo nas periferias de São Paulo (1990-2010)**. 2019. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019.

¹⁵² *Ibid.* P. 96.

¹⁵³ ZALUAR, Alba. Teleguiados e chefes: juventude e crime. In: ZALUAR, Alba. **Condomínio do Diabo**. Rio de Janeiro: Revan; UFRJ, 1994, p. 100–116.

¹⁵⁴ MARQUES, Vagner Aparecido. **As igrejas menores nas quebradas da fé: a construção da hegemonia do pentecostalismo nas periferias de São Paulo (1990-2010)**. 2019. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019. P. 101.

Segundo o pesquisador, nas periferias da região metropolitana de São Paulo, é possível distinguir duas moralidades: aquela elaborada pelas facções e aquela elaborada pelas "igrejas menores". Ambas teriam constituído um imaginário que se confunde com a cultura periférica, percorrendo a fronteira entre sagrado e profano. Isto quer dizer que tanto o PCC quanto o movimento pentecostal se estruturaram na periferia, preservando o seu imaginário social e criando raízes dentro desse imaginário. Ou melhor, a legitimação da atuação do PCC e das Igrejas decorre da elaboração de códigos e formas de enunciação próprios das regiões em que se constituem¹⁵⁵.

As identidades se entrelaçam e marcam o compromisso com o grupo pertencente. Contudo, essa condição/status/posição não seria permanente, mas constantemente testada e legitimada pelos demais atores nas performances do cotidiano. Apesar de parecerem incomunicáveis, Vagner Marques aponta que a moralidade do crime e a moralidade da fé podem se sobrepor:

A legitimidade de sua condição de sujeito homem e/ou homem de Deus reside no fato de que apesar do trânsito que realiza entre o crime e a fé, há uma condescendência entre os irmãos do PCC, os irmãos da igreja e os moradores de sua quebrada quanto suas intervenções em situações do cotidiano¹⁵⁶.

Essa coabitação entre fé e crime somente seria possível porque as duas redes de engajamento estariam estritamente ligadas à ideia de pertencimento comunitário, isto é, à uma sociabilidade comum a ambas as redes. Há, portanto, uma espécie de comunhão de espaço, e, em alguma medida, de "comunidades discursivas"¹⁵⁷. Embora haja uma clara distinção entre a moralidade do crime e a moralidade da fé, elas parecem ser constantemente cruzadas pelos sujeitos que habitam as periferias urbanas. De acordo com Marques, a intensa mobilidade dos fiéis entre redes de circulação disponíveis nesses lugares, como o trânsito entre fé e crime, é possível porque as "igrejas menores" da periferia não apresentam, necessariamente, uma filiação institucional. As "igrejas menores", são, nas palavras do autor, "anárquicas e libertárias"¹⁵⁸, porque se libertam do controle institucional do pentecostalismo e forjam um novo modo de ser, produzindo uma identidade fluida.

¹⁵⁵ MARQUES, Vagner Aparecido. **As igrejas menores nas quebradas da fé**: a construção da hegemonia do pentecostalismo nas periferias de São Paulo (1990-2010). 2019. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019. P. 100 e 127.

¹⁵⁶ *Ibid.* P. 101.

¹⁵⁷ O conceito de "comunidade discursiva" é apropriado de Dominique Maingueneau e indica um conjunto de enunciados reconhecidos em um contexto específico. Considera-se, assim, os lugares sociais e o regramento de condutas que revelam o pertencimento a um grupo e que se manifestam na organização e na circulação do discurso. MAINGUENEAU, Dominique. Sobre o Discurso e a Análise do Discurso. *In*: GUIRADO, Marlene. **A clínica psicanalítica na sombra do discurso**: diálogos com aulas de Dominique Maingueneau. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

¹⁵⁸ MARQUES, Vagner Aparecido. **As igrejas menores nas quebradas da fé**: a construção da hegemonia do

Vagner Marques formula o conceito de "redes de engajamento" com base no trabalho de Luís Antônio Machado da Silva, para quem a violência urbana é considerada em sua dimensão prático-normativa, que indica as relações sociais de fato e aponta aos agentes prescrições de conduta. Nesse sentido, Machado da Silva enfatiza a "obrigação normativa subjetivamente justificada, que orienta os modelos de conduta aceitos pelos atores"¹⁵⁹ e Vagner Marques classifica o PCC e as Igrejas pentecostais da Vila Leste como ordenamentos sociais "responsáveis por oferecer sentido de ser, e que são legítimas e legitimadas pelos seus atores no espaço social onde atuam"¹⁶⁰. Assim, redes de engajamento são redes autônomas legitimadas pelos seus atores que oferecem um sentido de vida e justificam a realidade do cotidiano. Marques aponta que, na Vila Leste, essas redes se interpenetram e compartilham o mesmo espaço da vida social, sendo responsáveis por manter o equilíbrio no local.

Tal como Vagner Marques aponta o crescimento do pentecostalismo nas periferias de São Paulo, Christina Vital da Cunha¹⁶¹ indica a presença de uma "gramática pentecostal" nas favelas do Rio de Janeiro. Cunha realizou etnografia em Acari e em Morro Santa Marta, favelas localizadas no município do Rio de Janeiro, com o propósito de compreender como os seus moradores se organizam em um contexto de insegurança ocasionado principalmente pela atividade de grupos armados. Para isso, foram observadas as redes formadas pela família, pela vizinhança, pela atuação política e pelas religiões a fim de se discutir a experimentação do sentimento de segurança em situações de extrema vulnerabilidade social. A pesquisadora identificou que os moradores das favelas precisam exercer um grande autocontrole das suas ações e que a identidade evangélica fornece alguma proteção capaz de permitir a convivência com os atores sociais que exercem um poder de controle do território, como é o caso dos traficantes de drogas. Os evangélicos são vistos como portadores de uma moral superior¹⁶², circunstância que diminui os riscos cotidianos daqueles que integram essa

pentecostalismo nas periferias de São Paulo (1990-2010). 2019. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019. P. 126.

¹⁵⁹ MACHADO DA SILVA, Luís Antônio. Violência Urbana: Representação de uma Ordem Social. In: NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do; BARREIRA, Irllys Alencar F. (org.). **Brasil Urbano: Cenários da Ordem e da Desordem**. Rio de Janeiro: Notrya, 1993, p. 131–142. P. 131.

¹⁶⁰ MARQUES, Vagner Aparecido. **O irmão que virou irmão: rupturas e permanências na conversão de membros do PCC ao pentecostalismo na Vila Leste - SP**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013. P. 102.

¹⁶¹ CUNHA, Christina Vital da. **Oração de Traficante: uma etnografia**. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

¹⁶² O prestígio e a autoridade moral dos evangélicos estão diretamente relacionados com a sua atuação enquanto interlocutores dos moradores das favelas e mediadores da mensagem divina. Cunha observou, inclusive, o fortalecimento moral, material e simbólico dos líderes evangélicos que se aproximam dos traficantes de drogas, e não a degradação moral, como poderia ser de se esperar, dada a imagem e o estatuto de bandidos ligados aos traficantes. Isto pode ser devido à visão de que os evangélicos são dotados de poder de salvação. A

rede. Além disso, a interpretação dos fatos como vontade divina e a sua crença na proteção de Deus permitiria ao evangélico elaborar os perigos e ameaças a que estão submetidos os moradores das favelas.

Com isso, as redes formadas pelas Igrejas pentecostais parecem representar uma base de segurança em meio ao desamparo social e ao confronto entre o crime organizado e a polícia¹⁶³. Considerando que são formadas redes de solidariedade e de proteção em torno da Igreja, da família e do movimento social, com a criação de laços afetivos, é possível afirmar que o sentimento de pertencimento ajuda a controlar o medo e que a formação dessas redes funciona como importante mecanismo empregado pelos moradores das favelas para se sentirem protegidos em um contexto de violência cotidiana. Além disso, o vínculo religioso-identitário nestes locais é importante na medida em que protege a pessoa da estigmatização própria de áreas mais vulneráveis à ação das agências sociais de controle. Dito de outro modo, em locais comumente associados à criminalidade, a identidade religiosa opera como mecanismo que supostamente afasta o sujeito de uma subjetividade deteriorada pela associação com a marginalidade e confere um valor simbólico positivo que distingue a pessoa do seu meio¹⁶⁴.

O prestígio dos evangélicos é reconhecido pelos próprios traficantes das favelas, que, muitas vezes, se aproximam dos pentecostais. A expressão "traficante evangélico", empregada por Cunha, indica a aproximação estabelecida pelos traficantes com a religião evangélica, por meio da participação de cultos e de campanhas, das doações e financiamentos de eventos, por exemplo. Isso não quer dizer que haja uma identificação com a identidade evangélica, mas uma relação entre atores que ocupam um lugar no tráfico e a comunidade evangélica¹⁶⁵. A pesquisadora destaca uma afinidade na visão de mundo, sobretudo no que diz respeito ao simbolismo da guerra espiritual. Nas palavras de Cunha: "Essa aproximação, que se revelou, em muitos casos, uma afinidade de perspectivas sobre o mundo, expressa o reconhecimento por parte dos traficantes do poder de agir sobre o mundo a partir de uma intervenção, de uma influência divina, do Espírito Santo"¹⁶⁶.

evangelização de traficantes serve como demonstração do poder de Deus. CUNHA, Christina Vital da. **Oração de Traficante**: uma etnografia. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. P. 286.

¹⁶³ Cunha identificou nas entrevistas realizadas uma associação feita pelos moradores das favelas entre a presença de evangélicos e o sentimento de segurança e tranquilidade.

¹⁶⁴ CUNHA, Christina Vital da. **Oração de Traficante**: uma etnografia. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. P. 189/190.

¹⁶⁵ *Ibid.* P. 364/365.

¹⁶⁶ *Ibid.* P. 400.

A pesquisadora destaca as "combinações entre universos e atores sociais tomados até então como díspares, incomunicáveis em termos das práticas/linguagens - gramaticais e corporais - ativadas"¹⁶⁷. A incorporação dos traficantes pelas Igrejas evangélicas se daria, na compreensão da pesquisadora, em razão da ausência de culpabilização individual do bandido, que seria acolhido e ouvido, sendo condenada apenas a sua atividade, e não a pessoa em si. Segundo Cunha, os traficantes são percebidos pelos evangélicos "como depositários de um Mal e não como essencialmente Maus. Os traficantes têm, nesta perspectiva, uma responsabilidade individual sobre a falha que faz com que o Mal atue sobre seus corpos e mentes, mas não são, nesta perspectiva, iguais ao Mal"¹⁶⁸. Outro motivo para a abertura desses espaços de sociabilidade para estes atores sociais é o interesse das Igrejas de crescerem e se fortalecerem politicamente e a acirrada disputa pela cooptação de fiéis¹⁶⁹.

Tendo em vista que as denominações pentecostais se destacam entre os setores mais empobrecidas da população, bandidos e crentes convivem nas periferias urbanas, marcadas pela presença de quadrilhas de narcotraficantes e pela violência policial. Assim como Cunha, Cesar Pinheiro Teixeira¹⁷⁰ afirma que não há oposição direta entre bandidos e crentes, porque os últimos veem os primeiros de acordo com uma visão espiritual que interpreta a violência como obra do Demônio. Estabelece-se, com isso, uma relação de autoridade moral em que os crentes buscam converter os bandidos. De acordo com Teixeira, os pentecostais estabelecem uma relação de autoridade moral com os traficantes nas favelas do Rio, porque, para os pentecostais, o bandido seria alguém usado pelo Diabo. Todavia, a figura do bandido não representaria a personificação do mal, porque o Diabo poderia influenciar qualquer pessoa.

Cunha afirma não ter encontrado pessoas que tivessem assumido as duas identidades, de crente e de bandido, embora os traficantes participassem das atividades da Igreja. "Os traficantes, pela intensa evangelização, pelas missões de evangélicos em sua direção e, muitas vezes, pela identificação com a religião familiar, se aproximam das redes evangélicas para buscar proteção, para oferecer apoios e assim se sentirem colaboradores da obra de Deus"¹⁷¹. Assim, embora seja estabelecido um vínculo entre duas redes supostamente

¹⁶⁷ CUNHA, Christina Vital da. **Oração de Traficante**: uma etnografia. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. P. 14.

¹⁶⁸ *Ibid.* P. 411.

¹⁶⁹ *Ibid.* P. 272/273.

¹⁷⁰ TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. **A construção social do "ex-bandido"**: um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

¹⁷¹ CUNHA, Christina Vital da. **Oração de Traficante**: uma etnografia. Rio de Janeiro: Garamond, 2015. P. 361.

opostas, a pesquisadora narra não ter observado, na sua extensa pesquisa de campo em duas favelas do Rio de Janeiro, um sujeito portador de dupla identidade.

Como observa Ronaldo de Almeida, o pentecostalismo não exclui as pessoas da participação de suas atividades, mas é o rito do "batismo nas águas" que supostamente marca a entrada para uma comunidade¹⁷². Mesmo assim, a participação dos traficantes nas ações da comunidade evangélica já aponta para as ambiguidades dessa integração e a inexistência de uma rígida fronteira entre estes dois universos. Isso indica que há variadas formas de viver a religião e de estar no crime, ou seja, existe uma multiplicidade de identidades que podem ser experimentadas sem serem excludentes umas das outras. A seguir, serão examinados dois cruzamentos dessas identidades.

3.1 CONVERTIDO CRIMINOSO

O emprego da palavra "identidade" não é adotado no sentido de uma entidade imutável. Pelo contrário, a identidade é concebida ao longo de todo este trabalho como o resultado da combinação de elementos que caracterizam o sujeito e que se contradizem todo o tempo, alterando-se constantemente. A identidade é concebida como uma matéria fluida e, portanto, permeável. A primeira configuração identitária a ser analisada é a do convertido criminoso. Em sua dissertação de Mestrado, Vagner Marques analisa o processo de conversão de membros e ex-membros do PCC ao pentecostalismo. Procurando compreender o significado dessa conversão, o pesquisador procede a um estudo de caso de um sujeito que se identifica como "irmão" do PCC e "irmão" da Igreja. Nesse cenário, Marques reconheceu um trânsito entre duas redes de engajamento que ditam regras supostamente opostas, mas que, mesmo assim, mantém um equilíbrio de forças que compõe o jogo social naquele universo. O pesquisador aponta que, diferentemente da situação de conversão às denominações pentecostais tradicionais, a conversão à uma Igreja sem vinculação institucional e sem filiação com grandes convenções não determina um corte na biografia e trajetória de vida do sujeito, tampouco um ascetismo de rejeição do mundo. Pelo contrário, Marques detecta que a conversão, nestes casos, está marcada pela continuidade da vinculação com a rede anterior, o PCC, e pela interpenetração dessas duas redes de engajamento. Isso quer dizer que há uma permeabilidade entre essas duas fontes de

¹⁷² ALMEIDA, Ronaldo de. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil**: continuidades e rupturas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 111–122.

ordenação social, que não apenas sustenta a circulação entre uma e outra, mas que opera como condição de vida nas periferias das grandes cidades. Haveria, portanto, no mesmo espaço social, uma coexistência entre redes autônomas e, aparentemente, antagônicas, que oferecem sentido de ser, crer e viver e, com isso, se legitimam e são legitimadas pelos seus atores.

Cesar Pinheiro Teixeira também identifica a sobreposição das duas identidades. Segundo o pesquisador, a natureza de bandido e a natureza de crente podem se acomodar em uma única subjetividade ambígua: bandido evangélico.

Se o "ex-bandido" é uma figura ambivalente, que possui uma subjetividade em constante conflito – ora podendo prevalecer sua "natureza de bandido", ora podendo prevalecer a "nova criatura", e sempre com a possibilidade de "rompimento" e posicionamento em um dos "lados" possíveis da Batalha Espiritual; o "bandido evangélico" seria uma figura ambígua: seria portador de uma subjetividade que mescla harmonicamente identidades e práticas sociais reconhecidas como contraditórias.¹⁷³

Essa formulação também aparece na pesquisa de Amílcar Cardoso Vilaça de Freitas com adolescentes. O autor aponta que mesmo não indicando intenções de abandonar a carreira criminal, "a maioria dos adolescentes mostrou crer na construção espiritual cristã dentro do arcabouço da interpretação pentecostal"¹⁷⁴. A partir da análise de entrevistas com jovens entre 17 e 21 anos internados em unidades socioeducativas da Região Metropolitana de Vitória, no Espírito Santo, Freitas relata que adolescentes ministram cultos dentro dessas unidades e que parte dos jovens incorporaram crenças do pentecostalismo e, mesmo assim, não abandonaram práticas criminosas. De acordo com o pesquisador, esses adolescentes interpretam a internação/ privação da liberdade como um livramento da morte oferecido por Deus, sendo que este é representado como símbolo da bondade.

Em consonância com Mariano¹⁷⁵, que já vinha apontando a mudança na cultura pentecostal no que se refere aos dogmas às prescrições de conduta, Vagner Marques registra as transformações vividas no significado da conversão, indicando que a conversão não implica mais em ascetismo intramundano nem se processa como uma mudança radical de valores e de comportamento, pelo menos nas "quebradas da fé". Se antes a conversão era marcada pela renúncia ao passado e profunda interiorização dos novos valores religiosos,

¹⁷³ TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. **A construção social do "ex-bandido"**: um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. P. 115.

¹⁷⁴ FREITAS, Amílcar Cardoso Vilaça de. Para quem do bem e do mal: pentecostalismo e criminalidade. **Ciências Sociais e Religião**, Campinas, v. 19, n. 27, p. 32–46, 2017. P. 38.

¹⁷⁵ MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

hoje, a conversão não determina, necessariamente, mudança de valores, linguagem, estética e de estilo de vida. Nas palavras de Marques:

As igrejas pentecostais exerciam significativo controle social sobre as condutas dos novos convertidos, determinando comportamentos, vestuário, gestos, falas, lazer, etc., mas este cenário vem sendo transformado à medida que verificamos aberturas nos usos e costumes de santidade, uso de mídia eletrônicas, mudanças no apoliticismo pentecostal e abertura marcante na postura sectária e ascética que durante décadas foram marcas determinantes do *ethos* pentecostal.¹⁷⁶

Apesar disso, Vagner Marques afirma que a Historiografia e a Sociologia da Religião sempre identificaram a conversão ao pentecostalismo com uma ruptura e nunca descobriram as relações de continuidade, os trânsitos e a manutenção da conexão entre pentecostais e PCC. O pesquisador explica que a dinâmica social da comunidade no extremo leste da cidade de São Paulo é marcada pelo trânsito entre redes de engajamento. A conversão, na periferia, não significaria, assim, o rompimento de relações com membros do Partido nem seria acompanhada de uma transformação radical na identidade do converso. Sem ignorar que o pentecostalismo não é homogêneo e contém diferenças internas, distinções estas de ordem doutrinária, proselitista, estética, institucional e política, Marques esclarece que as formas tradicionais do pentecostalismo eram marcadas por um modelo paulino de conversão, cujo conteúdo remete ao livro de Atos dos Apóstolos.

Tal perspectiva ancora-se no texto de Atos dos Apóstolos, onde a partir de uma aparição repentina de Jesus na estrada de Damasco, Paulo, que era perseguidor dos cristãos, recebe um chamado para a anunciação do evangelho de Cristo. Com este chamado, sua vida muda radicalmente ao ponto de parte significativa do Novo Testamento ter sido escrita por ele, o apóstolo que se converteu ao cristianismo a partir de uma experiência pessoal.¹⁷⁷

A conversão paulina tomava o sujeito como um ser passivo, sendo que o processo de conversão deveria operar uma grande transformação da sua identidade. Em outras palavras, a conversão paulina envolveria uma mudança dramática de crenças capaz de alterar vida do converso de forma radical.

Durante décadas, as categorias definidoras sobre os pentecostais eram totalizantes, a conversão religiosa pautava-se sempre em uma característica que exigia um forte apelo emocional, passividade e renúncia absoluta do converso. A conversão

¹⁷⁶ MARQUES, Vagner Aparecido. **O irmão que virou irmão: rupturas e permanências na conversão de membros do PCC ao pentecostalismo na Vila Leste - SP.** 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013. P. 22.

¹⁷⁷ Marques explica que o modelo paulino foi utilizado para a conversão de indígenas e africanos escravizados durante o processo colonial, como forma de assegurar o monopólio católico e conter a ameaça protestante. Esse propósito, entretanto, não prosperou, dado o dinamismo das práticas indígenas e africanas, que teriam promovido um sincretismo com as práticas católicas impostas pelos jesuítas. Mais tarde, os portugueses teriam propagado um catolicismo popular, que se mescla com as tradições religiosas nativas, somadas ao calvinismo e ao judaísmo. "As pretensões de um catolicismo hegemônico e uniforme não se concretizam" à medida em que a conversão paulina não surte efeito na colônia brasileira. *Ibid.* P. 81-83.

religiosa a partir do olhar dos próprios pentecostais era o resultado de uma crise e um radical processo de mudança e renúncia.¹⁷⁸

Entretanto, o pesquisador identifica uma mudança no paradigma da conversão. A nova forma de conversão se processaria lenta e gradualmente e não seria mais resultado de "um evento catalisador de uma crise emocional"¹⁷⁹. Nesse sentido, a conversão não figuraria mais como uma mudança imediata motivada por razões estritamente emocionais e externas, mas significaria uma mudança progressiva determinada por uma decisão racional. Haveria, assim, um contínuo desenvolvimento de novos papéis e a incorporação de uma nova linguagem, firmando-se um compromisso pessoal com a organização religiosa. Isso significa que a conversão não determina mais uma mudança abrupta e imediata que divide a vida da pessoa em antes e depois. A conversão não implica mais uma ruptura radical e definitiva, mas admite que indícios do passado sejam mantidos e relativizados, o que justifica o trânsito do converso por redes que compuseram e continuam compondo sua trajetória.

Na visão de Marques, é exatamente essa nova forma de conversão que permite que um irmão do PCC seja também um irmão da Igreja. Isto é, esse modelo de conversão como um processo gradual explicaria a mudança no repertório de papéis que o sujeito exerce na dinâmica social. O pesquisador estuda a atuação do PCC na rua, propondo-se a avaliar os critérios de adesão ao PCC fora da prisão, sua organização nesses locais, bem como a relação do grupo com os moradores do bairro e explica que, com o advento do PCC, há uma remodelação nas relações cotidianas das favelas e a instalação de uma nova dinâmica. "As favelas e bairros controlados pelo PCC apresentam uma dinâmica própria, com leis próprias, relações de poder e controle, assistência e punições"¹⁸⁰. Marques aponta que, na periferia do extremo leste da cidade de São Paulo, o pentecostalismo convive com o PCC de modo pacífico, sem conflitos. Embora formem redes distintas, não seriam estanques, mas permeáveis.

Outro fator que colabora com essa situação é o fato de que a maioria das denominações pentecostais localizadas nas periferias são autônomas e não apresentam vinculação institucional. "O pentecostalismo da permeabilidade ocorre em igrejas pequenas, não institucionalizadas, sem filiações com as grandes convenções"¹⁸¹. Não há, portanto, um controle verticalizado dessas denominações, as quais configuram a sua própria forma de

¹⁷⁸ MARQUES, Vagner Aparecido. **O irmão que virou irmão: rupturas e permanências na conversão de membros do PCC ao pentecostalismo na Vila Leste - SP**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013. P. 106.

¹⁷⁹ *Ibid.* P. 106.

¹⁸⁰ *Ibid.* P. 53.

¹⁸¹ *Ibid.* P. 107.

professar uma fé, incorporando elementos do pentecostalismo. "As igrejas pentecostais existentes na região não possuem uma tradição no interior do pentecostalismo; quase não há livros de registros e de condutas e o controle social dos pastores sobre os seus membros é significativamente baixo se comparado a outras denominações tradicionais"¹⁸².

Como as Igrejas pentecostais da periferia não têm vinculação institucional com grandes convenções evangélicas, passam a depender de negociação com outras redes de engajamento para se estabelecerem no local. Ou seja, essas pequenas Igrejas não possuem força para romperem com outras redes. "As redes evangélicas não possuem, neste caso, força social e dinâmica interna suficiente para substituírem integralmente as demais redes de sociabilidade"¹⁸³. A manutenção das Igrejas nesse ambiente está condicionada à contatos, assimilações, negociações, concessões e permanências de outras congregações e redes sociais ali existentes. A presença de membros do PCC nas Igrejas é, portanto, sintoma da necessidade de articulação das Igrejas com as outras redes de engajamento. É por isso que a conversão permite a continuidade no relacionamento com outras redes.

O trânsito é livre e esse entrecruzamento obrigaria, inclusive, as pessoas que ali residem a circular e interagirem nos dois meios. Segundo Marques, a coabitação de várias redes de engajamento em um mesmo território obriga os moradores a trocas e interações sociais com todas elas. Ou seja, o trânsito aparece como condição de vida naquele lugar, já que essas redes coabitam o mesmo espaço. "A permeabilidade das redes de engajamento é a condição de vida na periferia, a coabitação nesse mesmo território obriga as pessoas a essas trocas e interações sociais"¹⁸⁴. De acordo com o pesquisador, a interação entre essas duas redes de engajamento, embora não sem tensões, ainda é o modo de manter o seu equilíbrio na comunidade. Saber transitar por essas redes é indispensável para viver nesses locais¹⁸⁵.

Vagner Marques sugere que Igreja e facção operam como redes de sociabilidade e de proteção num ambiente marcado pelo descaso do Poder Público. Tendo em vista que a atuação do Estado na periferia ocorre prioritariamente pela via da repressão policial¹⁸⁶, havendo uma flagrante negligência no fornecimento de serviços públicos básicos, como

¹⁸² MARQUES, Vagner Aparecido. **O irmão que virou irmão: rupturas e permanências na conversão de membros do PCC ao pentecostalismo na Vila Leste - SP.** 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013. P. 23.

¹⁸³ *Ibid.* P. 24.

¹⁸⁴ *Ibid.* P. 24.

¹⁸⁵ *Ibid.* P. 97.

¹⁸⁶ Marques afirma que há uma inversão de legitimidade à medida em que os policiais militares constroem suas práticas sobre bases corrompidas e alicerçadas no abuso de poder e o PCC forma uma rede de proteção e ajuda mútua aos moradores da favela. "O legítimo torna-se ilegítimo, e o ilegítimo é legitimado a partir de negociações, tramas de poder e disputas cotidianas". *Ibid.* P. 36.

saneamento, assim como a pouca ou nenhuma oferta de acesso à lazer, esse território torna-se um ambiente propulsor para a disputa de novas ordens. A omissão estatal no que se refere a políticas públicas de saúde, educação e cultura torna esse espaço um candidato a ser "invadido" por outras formas de sociabilidade. Verifica-se, então, a concorrência e a coexistência de normas estatais, leis do PCC e prescrições pentecostais.

Assim, é importante destacar um elemento que atravessa todas essas ordens e que, algumas vezes, justifica a irmandade, seja com a Igreja, seja com o crime: a marginalização e vulnerabilidade social. Ante a extrema desigualdade social, a carência de direitos básicos e ausência de políticas públicas de apoio à comunidade nas grandes periferias urbanas, organizam-se redes responsáveis por oferecer o que não é prestado pelo Estado. Entre elas, destacam-se organizações religiosas, lideranças de bairro e facções. Soma-se a isso os interesses políticos e econômicos que estimulam a participação nessas redes¹⁸⁷.

O pentecostalismo possui extrema aceitação nos meios mais vulneráveis. De acordo com Marques, nas periferias, as Igrejas são instaladas nas dependências da própria casa dos pastores, os quais afirmam formar suas congregações após convocação divina¹⁸⁸. O aumento da presença religiosa nessas localidades parece ser sintoma da banalização do mal, da deterioração institucional e da desagregação social¹⁸⁹ que caracterizam os bairros pobres. O fracasso da justiça e das políticas públicas compromete a vida social e a ordem pública, promovendo a atuação do movimento religioso e o retorno das moralidades absolutas. Nas palavras de Alba Zaluar:

A adesão religiosa recente é provavelmente a consequência da falta de restrições morais e, em países em que a justiça trabalha lenta e injustamente, da falta de lei. [...] Se as pessoas não encontram nas esferas jurídicas e políticas as soluções para estes problemas, o medo e o sentido de um iminente colapso da ordem e da vida social as fazem procurar na religião e na privacidade, mais próximas a elas, o refúgio familiar e restrito para essa ameaçadora bola de neve. Nesse processo, elas podem encontrar uma nova prisão e um novo perigo de conflagração: o diabo identificado com o próximo.¹⁹⁰

Assim, é possível afirmar que a entrada para a Igreja, tal qual o ingresso no mundo crime, pode ser movido por essa situação de exclusão social. Nesse sentido, as duas redes de engajamento gozam de confiança por parte da população, legitimando as suas ações nestes

¹⁸⁷ MARQUES, Vagner Aparecido. **O irmão que virou irmão: rupturas e permanências na conversão de membros do PCC ao pentecostalismo na Vila Leste - SP**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013. P. 43.

¹⁸⁸ *Ibid.* P. 42

¹⁸⁹ ZALUAR, Alba. O Crime e a Não-cidadania: Os Males do Brasil. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 109–134. P. 126.

¹⁹⁰ *Ibid.* P. 131.

espaços e permitindo as múltiplas combinações de identidades, permeadas por ambiguidades e contradições.

Dessa forma, PCC e Igreja conformam duas redes de engajamento, porque oferecem sentido de ser e viver, formando dois ordenamentos sociais. Essas regras, entretanto, não implicam em um confronto. É possível conceber, inclusive, que as duas redes (Igreja e PCC) têm, em tese, o mesmo objetivo: a luta contra o mal. Assim, a despeito de os membros do PCC serem representados pelos pastores como instrumentos do desvio promovido pelo Diabo e movido por sua ira¹⁹¹, a sobreposição de pertencimento só é possível porque ambas as redes teriam como finalidade combater o Diabo e resolver problemas da comunidade¹⁹². Haveria, portanto, uma complexa relação simbiótica entre Igreja e facção na cidade e, como será visto, também na prisão. Porém, antes de analisar as condições do exercício religioso na prisão, é preciso examinar outras formas de permeabilidade entre crime e religião.

3.2 CRIMINOSO CONVERTIDO

Como visto, as fronteiras entre o mundo do crime e o mundo da fé são porosas. Identificou-se, nas pesquisas analisadas, que há um trânsito entre estes dois universos aparentemente incomunicáveis. De um lado, crentes "bandidos" compartilhando duas identidades: irmão do crime e da Igreja; de outro, "bandidos" que se converteram e se tornam "ex-bandidos", embora sujeitos a constante desconfiança. A segunda configuração identitária a ser analisada é a do "bandido" que virou crente. Em sua dissertação de Mestrado, Mariana Magalhães Pinto Côrtes desenvolve uma análise do conteúdo do processo de conversão ao pentecostalismo, especialmente de pessoas rotuladas pelo sistema de justiça criminal que usam suas histórias de vida como testemunho do poder da religião. As Igrejas pentecostais, de acordo com Côrtes, parecem mais interessadas na conversão de sujeitos em conflito com a justiça do que as Igrejas protestantes históricas¹⁹³. Os pentecostais adotam como forma de atuação a pregação junto aos bandidos, recrutando fiéis que habitam as

¹⁹¹ MARQUES, Vagner Aparecido. **O irmão que virou irmão: rupturas e permanências na conversão de membros do PCC ao pentecostalismo na Vila Leste - SP.** 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013. P. 74.

¹⁹² Vagner Marques identifica uma fusão entre as figuras de irmão da Igreja e do Partido nos momentos em que Kadu, o personagem principal do seu estudo de caso, propõe-se a resolver algum problema da comunidade, com a finalidade de manter a ordem. Esse entrecruzamento daria origem a um híbrido. *Ibid.* P. 75/76.

¹⁹³ CÔRTEES, Mariana Magalhães Pinto. **O bandido que virou pregador: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores.** 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005.

prisões e os bairros populares. Os evangélicos muitas vezes convencem os bandidos a abandonarem as práticas "malignas" por meio da exortação ao Demônio.

Nota-se que a própria cosmovisão determina uma aproximação maior entre as novas denominações pentecostais e os sujeitos em conflito com a justiça, por duas razões: primeiro, porque parece que o neopentecostalismo atrai uma participação maior dos estratos mais pobres da população - clientela preferencial do sistema de justiça criminal -, em contrapartida ao protestantismo histórico; segundo porque as doutrinas protestantes tradicionais são caracterizadas pelo ascetismo e apresentam um código de conduta mais rígido que as novas denominações pentecostais, que teriam dissolvido o sectarismo e o ascetismo morais e promovido um processo de acomodação ao mundo, admitindo um modo de ser mais ligado ao imaginário popular, como procurou-se demonstrar no capítulo anterior. A estratégia do movimento pentecostal de aproximar a Igreja da cultura popular para angariar fiéis acaba aproximando a Igreja da comunidade e, conseqüentemente, gera mais adesão também entre a população carcerária, constituída majoritariamente por pessoas oriundas das grandes periferias urbanas. Nas palavras de Côrtes:

A ética protestante tradicional da disciplina ascética e individualizante, de controle dos impulsos e paixões, não parece possuir eficácia diante da experiência de indivíduos seduzidos pelas promessas e eventuais benesses da sociedade de consumo, pela afirmação sem limites do poder da arma, pelo dinheiro e pela disposição para matar, envolvidos por relações sociais em que as éticas vocacionais são declinantes.¹⁹⁴

Além disso, se for considerado que, muitas vezes, as motivações que podem conduzir o sujeito ao expediente criminoso, dentre elas a pobreza - não apenas como um problema econômico, mas um problema político -, a exclusão da sociedade de consumo, a precariedade de espaços públicos de sociabilidade e o declínio de um modelo ético universal de regulação de comportamento, podem funcionar também como estímulos à conversão religiosa, infere-se que o mundo do crime e o mundo da fé podem possuir uma mesma via de acesso. Isso significa que, embora não haja uma relação causal entre a adesão à ideologia da Teoria da Prosperidade disseminada pelas denominações neopentecostais e a promessa simbólica oferecida pela prática de crime, especialmente o narcotráfico, a propaganda do processo de conversão tem semelhanças com os interesses que podem conduzir o sujeito ao crime. Em outras palavras, é possível que se busque respeito, influência e inserção em espaços de sociabilidade tanto por meio da conversão religiosa quanto por meio da adesão a uma

¹⁹⁴ CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **O bandido que virou pregador**: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005. P. 23.

organização criminosa, porque ambas conjugam uma rede de engajamento que confere ao sujeito um estatuto de membro.

Côrtes afirma que um dos motivos que levam os sujeitos que vivem um cotidiano violento a aderirem a uma religião é justamente o medo. Num universo marcado pela vingança, traição e pela desconfiança, os riscos de seguir uma carreira criminosa podem conduzir à conversão religiosa¹⁹⁵. A precariedade da posição do sujeito no universo simbólico do mundo do crime e sua existência descartável dispõe um elemento importante na compreensão do processo de conversão religiosa. Nesse contexto em que o reconhecimento e legitimidade social são frágeis, a conversão marca uma ruptura entre a vida pregressa e a nova identidade, purificada, livre de perseguições e de ameaças, porque protegida por Deus e pela nova irmandade. Como aduz a pesquisadora, trata-se de uma ruptura que promove dois recortes: um recorte temporal, que distingue o passado mundano e o presente santificado; e um outro recorte espacial, que separa o mundo do crime do mundo do crente¹⁹⁶.

Assim, a conversão, embora permeada de ambiguidades, determina uma clivagem na identidade e, também, no cotidiano do sujeito, negando aquilo que antes era evocado como instrumento de poder e reconhecimento. "A radicalidade ética do perdão é a própria antítese da 'disposição para matar'. A renúncia à virilidade, ao *ethos* guerreiro, ao prestígio do crime e ao ganho supostamente fácil de dinheiro, em nome da aceitação de Jesus Cristo, demarca uma diferença de disposição perante o mundo e a vida."¹⁹⁷ Abandona-se, dessa forma, o "ethos da masculinidade"¹⁹⁸, afirmado através da ostentação e da violência.

Essa renúncia à identidade de bandido seria acompanhada de uma mudança, mesmo que aparente, na postura e na conduta do converso. Ainda que não se processe uma mudança internalizada, de consciência ou de valores morais que orientem o comportamento do indivíduo, percebe-se uma mudança performática, ou melhor, uma mudança na forma como o sujeito se posiciona na condução da própria vida. E é exatamente essa nova identidade de converso que, reconhecida por antigos aliados e, também, por inimigos - ainda que

¹⁹⁵ CÔRTEES, Mariana Magalhães Pinto. **O bandido que virou pregador**: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005. P. 45.

¹⁹⁶ Essa distribuição fica evidente nas unidades carcerárias em que a comunidade evangélica conta com celas separadas.

¹⁹⁷ CÔRTEES, Mariana Magalhães Pinto. **O bandido que virou pregador**: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005. P. 46.

¹⁹⁸ ZALUAR, Alba. Teleguiados e chefes: juventude e crime. In: ZALUAR, Alba. **Condomínio do Diabo**. Rio de Janeiro: Revan; UFRJ, 1994, p. 100–116.

desconfiados -, evita retaliações por traições ou faltas praticadas no passado e que o livra dos expedientes violentos e das imprevisibilidades da vida no crime. "Assim, em relações sociais e ambientes extremamente violentos, uma variável nova entra na explicação para o fenômeno complexo da conversão religiosa: a necessidade de interrupção do ciclo de vinganças irremediáveis"¹⁹⁹.

Mariana Côrtes analisou testemunhos antigos e recentes e constatou que, nos testemunhos gravados entre os anos 30-60, as narrativas eram estruturadas em torno de um sentimento de culpa e do arrependimento, bem como de uma internalização de um rígido modo de agir. "Nestes relatos, a menção ao diabo era inexistente ou praticamente nula"²⁰⁰. De outra parte, nos testemunhos gravados a partir da década de 90 e nas entrevistas realizadas, "desaparecem as referências ao pecado, à culpa, à crise de consciência e a necessidade de assumir uma disposição ética de engajamento no mundo"²⁰¹. Na nova configuração da conversão promovida pelas Igrejas neopentecostais, a culpa dá lugar à vitimização e não se demanda dos futuros conversos o trabalho de transformação de si mesmo próprio das religiões de negação do mundo, trabalho de interiorização em que o novo adepto deveria neutralizar dentro de si quaisquer resquícios do seu passado mundano, purgando os erros e expiando os pecados, numa fabricação interna, profunda e, às vezes, dolorosa, de purificação da trajetória biográfica²⁰².

Segundo Côrtes, considerando que, na nova configuração da conversão, o passado não é reconhecido e reinventado, mas excluído, porque dominado pelo Demônio, a adesão à uma Igreja neopentecostal não oferece ao adepto oportunidade de reconstrução da sua trajetória, mas o torna refém de um arranjo sobrenatural que o enreda em um emaranhado de figurações absurdas. O discurso presente nas performances dos ex-bandidos pregadores deixa escapar as incongruências da conversão. Nas palavras da autora:

A conversão religiosa e a adesão a uma congregação de fiéis não repõem sua história esfacelada. Ao contrário, a conversão religiosa lhes oferece um discurso de transformação de vida que, ao invés de tentar recuperar seu passado, o destrói em figurações absurdas e esquizofrênicas de opressão e possessão demoníacas, ou ainda, como vimos, invoca uma doença mental e uma ausência de consciência que reduz a pessoa no passado à condição de bicho ameaçado: defendendo, atacando, matando e fugindo. Se a conversão religiosa não lhes repõe a história de vida, ela não é capaz também de lhes oferecer um sentido para o mundo e para sua

¹⁹⁹ CÔRTEES, Mariana Magalhães Pinto. **O bandido que virou pregador**: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005. P. 47.

²⁰⁰ CÔRTEES, Mariana Magalhães Pinto. **Diabo e fluoxetina**: formas de gestão da diferença. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2012. P. 342.

²⁰¹ *Ibid.* P. 342.

²⁰² *Ibid.* P. 186.

existência particular e, muito menos, proporcionar-lhe a internalização de uma disposição ética capaz, em última instância, de discriminar as coisas e orientar rumos, ficando os sujeitos quase sempre reféns da magia mais elementar, vendo sua experiência no mundo transformada num “jogo de azar” radicalmente incerto.²⁰³

É exatamente por isso que não seria possível romper com o universo simbólico do mundo do crime. De acordo com Côrtes, a Igreja não atua como uma agência social compensatória que articula uma rede de solidariedade suficiente para conter a expansão da violência. A ausência de suporte racional para a construção de uma história com sentido deixa o fiel à deriva, ou melhor, suscetível ao retorno à identidade de bandido. Em razão disso, os convertidos apresentam performances ambíguas que portam uma condição de liminaridade, isto é, que sustentam simultaneamente a condição de bandido e de pregador.

Ao que parece, o neopentecostalismo alterou a configuração da conversão e as novas denominações pentecostais não ofereceriam sentido para a trajetória biográfica da pessoa, tampouco uma disposição ética que orientasse sua vida. Antes, o converso reconhecia os pecados do passado e se reconstruía seguindo os preceitos morais da religião. Nessa nova forma da modernidade, o passado de pecados seria descartado e todo erro seria atribuído ao Demônio. Haveria, assim, uma vitimização por parte do converso, que não precisaria lidar com o remorso nem formular um rumo a partir dessa nova moralidade. A Igreja suprime qualquer possibilidade de significado da historicidade da pessoa e não atua como uma agência reguladora do seu comportamento. Se ela não fornece uma rede de solidariedade que permita ao adepto construir uma trajetória de sentido, ela não rompe com o universo simbólico do mundo do crime, facilitando o trânsito e a permeabilidade entre a identidade do crente e a identidade do bandido.

Nesse sentido, a conversão ao neopentecostalismo não ofereceria uma ruptura com o passado. Pelo contrário, estabeleceria uma continuidade do estado de precariedade social. A Igreja sustentaria, assim, a condição de desacomodação permanente, justificando a oscilação do converso entre esses dois arranjos improvisados: congregação do crime e da fé. Para Côrtes, a conversão às novas vertentes da religião evangélica não é capaz de romper com o expediente violento, com a marginalidade e a vulnerabilidade social, tampouco de colaborar com a construção sólida de um jeito de representar a sua história e a sua experiência no mundo. O ex-bandido pregador não consegue abandonar o passado por inteiro e não pode se

²⁰³ CÔRTEES, Mariana Magalhães Pinto. **O bandido que virou pregador**: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005. P. 118.

entregar completamente ao futuro de pregador, permanecendo na fronteira entre o ser bandido e o ser crente.

A mudança na configuração da conversão evangélica, em sua versão radicalizada do neopentecostalismo, - perda de sentido da trajetória biográfica e abandono da dimensão ética - mantém a ligação entre a identidade do crente e a identidade do crime. Ao contrapor testemunhos antigos e testemunhos mais recentes, Côrtes aponta a substituição do remorso e da assunção de culpa pelas explicações sobrenaturais e pela vitimização. Nessa linha, sugere que a conversão assentada na magia não é capaz de conferir um sentido unitário para a narrativa de transformação de vida. Esse arranjo precário permite compreender o fácil trânsito entre o mundo do crime e o mundo da fé²⁰⁴. Essa ideia de que a conversão não implica em ruptura também está presente na obra de Christina Vital da Cunha²⁰⁵, que aponta a aproximação de traficantes com a religião evangélica nas favelas do Rio de Janeiro²⁰⁶. Nesse sentido, a conversão pode ser concebida como um empréstimo de um universo simbólico, havendo uma flexibilização das fronteiras entre religião e crime, entre o sagrado e o profano.

Também buscando compreender a conversão de pessoas envolvidas com o crime à religião pentecostal, Cesar Pinheiro Teixeira opera com o conceito de sujeição criminal, indicando que se trata de uma construção social do sujeito e seu reconhecimento como bandido, e analisa a transformação da natureza e personalidade do sujeito que abandona as práticas criminais e adota uma "vida honesta", bem como a interpretação que é feita por esse sujeito da sua condição de ex-bandido. Assim, Teixeira explora o processo de construção da identidade de bandido e de crente, duas figuras que integram o cotidiano das periferias das grandes metrópoles no Brasil²⁰⁷. O estudo se propõe a compreender a categoria "bandido", passando pela análise do processo de conversão dos bandidos ao pentecostalismo, que nem sempre é capaz de excluir esse rótulo, sem que se pretenda avaliar a instrumentalidade da conversão religiosa como meio de proteção. O objetivo é conhecer as histórias de vida dos "ex-bandidos" que teriam passado por um processo de conversão religiosa ao

²⁰⁴ CÔRTEES, Mariana Magalhães Pinto. **O bandido que virou pregador**: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005. P. 111.

²⁰⁵ CUNHA, Christina Vital da. **Oração de Traficante**: uma etnografia. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

²⁰⁶ A veracidade da conversão poderia ser questionada se entendida como ruptura, mas isto não vem ao caso quando a conversão marca apenas a inserção no campo religioso.

²⁰⁷ A formação da sujeição criminal acompanharia as desigualdades estabelecidas pela estrutura sócio-econômica brasileira, selecionando os indivíduos pertencentes às camadas sociais mais pobres como candidatos mais fortes à sujeição criminal. A partir desse raciocínio, pode-se afirmar que sujeição é um dispositivo de criminalização da pobreza.

pentecostalismo clássico. Com vistas a entender como os pentecostais constroem o significado da categoria "ex-bandido" e como os indivíduos a experimentam, Teixeira realizou dez entrevistas na região metropolitana do Rio de Janeiro²⁰⁸.

O termo "bandido" é empregado para indicar uma forma de agir, sentir e pensar do sujeito envolvido com práticas criminosas. Esse modo de ser é caracterizado pela disposição para matar, pela posse de arma de fogo, etc.²⁰⁹. A categoria "bandido" indica um nicho de incriminação de práticas violentas e atinge, seletivamente, um grupo de pessoas, justificando prisões, ações truculentas da polícia e mortes²¹⁰. Trata-se de uma representação social do indivíduo envolvido com práticas criminosas, que apresenta disposição para empregar a violência e um modo de agir característico, sendo que essas marcas sociais devem ser assimiladas pelo sujeito e reconhecidas pela comunidade. Em outras palavras, a categoria "bandido" pressupõe a assimilação de uma subjetividade intrinsecamente criminosa e o reconhecimento dela²¹¹. "Bandido" não indica apenas um rótulo de desviante, porque a construção dessa subjetividade não ocorre apenas por meio de acusações sociais. "Bandido" também não é só sinônimo de identidade deteriorada, porque essa identidade não é gerada apenas da disputa sobre as ideias sobre o que é "normal"²¹².

Após apresentar as ideias de Howard Becker sobre disputa por significações morais, isto é, pela definição do comportamento desviante, Teixeira afirma que a teoria da rotulação é limitada, porque não basta o sujeito abandonar as práticas rotuladas como desviantes para que o rótulo se desconecte dele. O autor entende que essa teoria não explica os rótulos irreversíveis²¹³ e explica que, enquanto a teoria da rotulação tem aplicação num âmbito microsociológico, a teoria da sujeição criminal proposta por Michel Misse se debruça sobre a articulação entre estrutura e ação, isto é, entre a ótica macro e micro. "Sujeição criminal" é a construção social de uma identidade, e não apenas de um rótulo. Assim, o pesquisador trabalha com o conceito de sujeição criminal como resultado de um processo social que

²⁰⁸ TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. **A construção social do "ex-bandido"**: um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

²⁰⁹ *Ibid.*

²¹⁰ FREIRE, Jussara; TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. Sociabilidade violenta, o bandido e Deus: Considerações sobre a gramática da violência urbana. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 124–150, 2019.

²¹¹ TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. De "Corações de Pedra" a "Corações de Carne": algumas considerações sobre a conversão de "bandidos" a Igrejas Evangélicas Pentecostais. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, p. 449–478, 2011.

²¹² TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. **A construção social do "ex-bandido"**: um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. P. 47.

²¹³ *Ibid.* P. 49.

condensa determinadas práticas e seus agentes sob uma classificação. Michel Misse opera com autores do interacionismo simbólico como Erving Goffman e Howard Becker e formula um conceito de sujeição criminal que pressupõe, mas ultrapassa as ideias de estigma e rótulo elaboradas por eles. Goffman denomina de estigma o resultado de uma identidade social deteriorada e Becker aponta que rótulo é o status negativo atribuído aos sujeitos que apresentam determinados comportamentos. Misse reconhece que "criminoso" é um rótulo e que a categoria "bandido" é produzida pelas agências de controle social formal e pela moralidade pública. O rótulo de "bandido", sinônimo de marginal ou delinquente, expressa uma aversão da população por pessoas marcadas por um estilo de vida que provoca insegurança na vida cotidiana das cidades.

Para os expoentes da teoria social, crime significa construção social, processo de interpretação que tem como substrato o exercício de um poder de definir a situação. "O crime é definido primeiramente no plano das moralidades que se tornaram hegemônicas e cuja vitória será inscrita posteriormente nos códigos jurídicos"²¹⁴. Entretanto, Misse complementa que a "mortificação do eu", conceito desenvolvido por Goffman, é estendida e ampliada, intensificando-se a subjugação e condensando-se um conjunto de práticas aos seus agentes que permite seja fixado o atributo social de "bandido", uma classificação relativamente estável, capturada na interação social e aceita pelo próprio acusado e, assim, derivada da produção social da sujeição criminal. O processo de sujeição dos agentes ligados a certas práticas criminais configura uma cultura criminal associada a esses sujeitos. Essa subjetividade é caracterizada como essencialmente criminosa, incorrigível. Segundo Misse, na sujeição criminal, os processos de deterioração da identidade seriam potencializados em situações de profunda desigualdade social e privação de recursos de resistência à estigmatização que se sobrepõem aos demais papéis sociais desempenhados pelo indivíduo.

O rótulo "bandido" é de tal modo reificado no indivíduo que restam poucos espaços para negociar, manipular ou abandonar a identidade pública estigmatizada. Assim, o conceito de sujeição criminal engloba processos de rotulação, estigmatização e tipificação numa única identidade social, especificamente ligada ao processo de incriminação e não como um caso particular de desvio.²¹⁵

A ideia de "sujeição criminal" indica três estágios da representação social do "bandido": a seleção do sujeito a partir de sua trajetória criminalizável; a expectativa de que viva uma experiência de aprisionamento ou que tenha relação com pessoas que viveram essa

²¹⁴ MISSE, Michel. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido". **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, São Paulo, n. 79, p. 15–38, 2010. P. 22.

²¹⁵ *Ibid.* P. 23.

experiência²¹⁶; a crença de que sua ação não poderá ser justificada racionalmente ou que será justificada de uma maneira previsível. Sujeição criminal é resultado de um processo social de constituição de uma identidade para o qual contribuem: 1) a tipificação de determinadas condutas que provocam a exclusão dos seus autores; 2) criação de expectativas de que o curso de ação desse sujeito seja criminalizável, isto é, crença de que a trajetória de determinados sujeitos será marcada pelo conflito com a justiça e; 3) autorreconhecimento no rótulo²¹⁷. Em síntese, "trata-se de um processo de inscrição do crime na subjetividade do agente"²¹⁸, que classifica o agente como cruel, irrecuperável, perigoso, justificando, no limite, seu extermínio. Sujeição criminal significa a reiteração de um tipo social que conduz à incorporação de uma identidade social negativa e sua acomodação. Em outras palavras, a sujeição criminal deriva da combinação entre atribuição (expectativa) e autoidentificação/ representação/ assimilação/ incorporação de um papel social, determinando a socialização numa subcultura.

De acordo com Amílcar Freitas, sujeição criminal é uma identidade assumida e reconhecida como ligada a práticas que rompem como normas sociais e que, portanto, sejam rotuladas como desviantes e ilegais. Trata-se de uma subjetividade produzida pela combinação entre o curso de ação individual positivado como criminoso e reforçado como tal pelas expectativas sociais. Nesse sentido, constitui-se uma identidade que reproduz o estereótipo de criminosa e que é progressivamente associada com uma sociabilidade fora do normal²¹⁹.

²¹⁶ O autor destaca, entretanto, que as práticas criminosas não produzem, necessariamente, sujeição criminal. Assim, indivíduos envolvidos com o sistema de justiça criminal podem não ser socialmente inscritos nesse processo de subjetivação. Não basta, portanto, que, em sua trajetória, o sujeito apresente algum comportamento desviante; é necessário que, no curso da história, suas condutas rompam com as representações sociais da normalidade, levando-o a assumir o status negativo que é atribuído a ele. A sujeição criminal é expressa pela ligação subjetiva entre a transgressão e o caráter, a origem, o meio social e a biografia do indivíduo, mas é preciso reconhecer que nem toda transgressão é interpretada como vinculada ao sujeito.

²¹⁷ Nas palavras de Misse: "O conceito de 'sujeição criminal' é proposto com a finalidade de determinar três dimensões incorporadas na representação social do 'bandido' e de seus tipos sociais. A primeira dimensão é a que seleciona um agente a partir de sua trajetória criminável, diferenciando-o dos demais agentes sociais, através de expectativas de que haverá, em algum momento, demanda de sua incriminação. A segunda dimensão é a que espera que esse agente tenha uma 'experiência social' específica, obtida em suas relações com outros bandidos e/ou com a experiência penitenciária. A terceira dimensão diz respeito à sua subjetividade e a uma dupla expectativa a respeito de sua autoidentidade: a crença de que o agente não poderá justificar sensatamente seu curso de ação ou, ao contrário, a crença em uma justificação que se espera que esse agente dê (ou que possa ser dada legitimamente a ele) para explicar por que segue reiteradamente nesse curso de ação criminável". MISSE, Michel. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria "bandido". **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política, São Paulo, n. 79, p. 15–38, 2010. P. 24.

²¹⁸ *Ibid.* P. 25.

²¹⁹ FREITAS, Amílcar Cardoso Vilaça de. Para quem do bem e do mal: pentecostalismo e criminalidade. **Ciências Sociais e Religião**, Campinas, v. 19, n. 27, p. 32–46, 2017.

Conforme explica Teixeira, a sujeição criminal não se satisfaz com o rótulo de criminoso atribuído ao sujeito em função da infração à norma penal, exigindo, para sua configuração, que esse rótulo estabeleça um vínculo com a subjetividade do indivíduo, fazendo com que ele se reconheça e seja reconhecido como "bandido". "Na incriminação, há uma relação direta entre uma prática incriminada e o rótulo. Na sujeição criminal, a prática incriminada apenas medeia a relação entre o rótulo e a subjetividade do incriminado"²²⁰. Não é a imputação de um ato criminalizado que torna o indivíduo bandido, mas uma condição subjetiva reconhecida por si e pelos outros como criminosa. A sujeição criminal depende, portanto, de uma internalização de normas e valores utilizados no mundo do crime, como a disposição para matar. O termo "criminoso" perde seu significado jurídico, que denota um sujeito que comete uma conduta contrária aos valores, infringindo a norma, e passa a designar um sujeito que possui um peculiar modo de agir, pensar e sentir decorrente de experiências violentas vividas²²¹. Dessa forma, pode-se afirmar que a sujeição criminal se desenvolve a partir de práticas criminosas, mas nem todas as pessoas envolvidas com práticas criminosas assimilam essa categoria social, incorporando-a. Trata-se de um processo de subjetivação que compreende o aprendizado de uma maneira de ser, pensar e agir, de um estilo de vida.

Em suma, a idéia de sujeição diz respeito a uma representação social (construída sócio-historicamente) que pode vir a ser assimilada como uma forma de "individualidade", de "personalidade". Contudo, isso não quer dizer que a sujeição criminal só exista quando assimilada subjetivamente. Ela se faz presente dentro e fora das interações sociais; ao mesmo tempo em que é construída e atualizada nelas, orienta-as.²²²

Aos indivíduos marcados pela sujeição criminal, o destino reserva prisão ou morte, fato que confirma a sua "natureza criminosa". São sujeitos que, no limite, são destinatário de políticas de extermínio. Em vista disso, a conversão ao pentecostalismo aparece como uma alternativa a esses destinos.

A partir desse marco teórico, com a finalidade de compreender os impactos que a conversão ao pentecostalismo imprime na sujeição criminal, Teixeira se propõe a avaliar a atuação das Igrejas pentecostais em relação aos "bandidos" e sua presença nas comunidades

²²⁰ TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. **A construção social do "ex-bandido"**: um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. P. 52.

²²¹ FREIRE, Jussara; TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. Sociabilidade violenta, o bandido e Deus: Considerações sobre a gramática da violência urbana. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 124–150, 2019.

²²² TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. **A construção social do "ex-bandido"**: um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. P. 53.

onde há forte presença do narcotráfico. Teixeira afirma que, no seu percurso empírico, culpa e arrependimento faziam parte do discurso dos "ex-bandidos"²²³, sendo que seus entrevistados justificam a entrada no crime em função da injustiça social²²⁴. Com isso, ele aduz que sua pesquisa chegou a conclusões diferentes da de Côrtes.

Sendo assim, estes dados etnográficos que eu trago para a discussão questionam as conclusões de Côrtes (2007) sobre o "declínio ético do sujeito", mostrando que a compreensão pentecostal de "bandido" – ou de maneira geral, da "ação do Diabo no mundo" – pode se complexificar bastante, uma vez que, para os pentecostais, o motivo que leva os indivíduos a cometerem crimes não pode ser apenas pensado como simples possessão demoníaca.²²⁵

A partir da análise das narrativas colhidas em entrevistas e de testemunhos gravados e vendidos no mercado religioso, Mariana Côrtes destaca que os testemunhos mais antigos não continham referência ao Diabo. Havia, neles, reconhecimento do pecado como falha moral, internalização da culpa, arrependimento pelos erros, tomada de consciência e mudança de conduta. A conversão seria marcada pela incorporação de uma religiosidade de caráter ético e esta ajudaria a compor uma racionalização da história de vida do sujeito, ou melhor, a conferir significado para a sua trajetória biográfica. Em contrapartida, nos novos testemunhos dos bandidos convertidos, as narrativas seriam marcadas pela ausência de sentido e indefinição das motivações da ação, que seriam atribuídas à interferência do Diabo. Nesse sentido, a ação do Diabo aparece como imprevisível e subtrai a autonomia do indivíduo. Não há assunção de culpa, mas uma espécie de vitimização, uma vez que a responsabilidade pelo crime é atribuída ao Diabo.

Quando a experiência de mundo se restringe aos imponderáveis do acaso ou do azar, os sujeitos deixam de ser sujeitos dotados de ética, que sabem o que fazem, escolhem o que fazem e respondem pelo que fazem, para serem marionetes de um drama encenado pelo diabo e seu séquito de demônios.²²⁶

Assim, enquanto os novos testemunhos culpabilizariam o Diabo pelos crimes cometidos, os antigos testemunhos justificariam a culpa pela necessidade. Em sentido semelhante, Cecília Mariz explica que, como para uma religião que dá ênfase à teologia da guerra espiritual, o Diabo é a única fonte do mal, o indivíduo não tem responsabilidade pelo

²²³ O termo "ex-bandido" designa o indivíduo que resolveu renunciar à vida no crime e aceitar Jesus. Não coincide, portanto, com a ideia de "ex-presidiário", cujo estigma de criminoso prevalece, não indicando o abandono das práticas criminosas. O termo "ex-bandido" pode ser percebido também como todo tipo social desviante - seja prostituta, homossexual, alcoólatra - que pretende a sua "recuperação" por meio da conversão.

²²⁴ TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. **A construção social do "ex-bandido"**: um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. P. 88.

²²⁵ *Ibid.* P. 64.

²²⁶ CÔRTEES, Mariana Magalhães Pinto. **O bandido que virou pregador**: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005. P. 64.

pecado, porque não tem escolha. Considerando que o indivíduo é possuído pelas forças diabólicas e que todas as ações têm origem sobrenatural, isto é, são obras do espírito maligno, forma-se uma concepção de indivíduo sem autonomia, que é visto como vítima do Diabo. Em função disso, para Mariz, os testemunhos dos conversos não retratam arrependimento, mas reforçam a libertação.

Em alguns testemunhos se descreve o mal que se perpetrou, com muitos detalhes, e talvez até com certo 'exagero', pois quanto maior foi o pecado, maiores foram a libertação e a glória do poder de Deus. O indivíduo não tem vergonha do mal que fez, do mesmo jeito que não a tem da doença que sofreu, pois não foi o responsável por nenhuma delas. O diabo é o verdadeiro responsável.²²⁷

Tendo em vista que a cosmovisão pentecostal representa o bandido como um indivíduo possuído pelo Demônio, as Igrejas evangélicas oferecem bens e serviços para sua salvação, identificando o bandido como um cliente em potencial e disputando espaço nesse comércio com outras Igrejas. "A concorrência no mercado religioso, pela prestação de serviços de salvação, fez dos bandidos alvo da pregação religiosa dos evangélicos, enquanto faz das demais congregações religiosas, especialmente as afro-brasileiras, alvo dos ataques constantes dos pastores"²²⁸. Com a oferta de rituais de exorcismo, o empreendimento pentecostal reforça sua estratégia proselitista de recrutamento de fiéis.

Zaluar aponta que, nas favelas e bairros populares do Rio, a conversão às novas denominações pentecostais, que enfatizam a necessidade de destruição do Diabo através de rituais de exorcismo, aumentou entre as camadas menos politizadas da população. Essas seitas propagam a expulsão de espíritos malignos que teriam se apropriado dos corpos das pessoas e associam esses espíritos a divindades cultuadas por outras religiões. "Nestas novas seitas pentecostais é, sobretudo, o exorcismo que importa; mais do que a adesão a uma ética de conversão, a uma vida inteiramente nova e a uma maneira de comportar-se inteiramente diferente e moralmente boa"²²⁹. Como o comportamento do indivíduo possuído é atribuído à atuação dessa força maligna, as novas denominações pentecostais não parecem se preocupar com prescrições comportamentais ou com uma orientação ética. Nesse cenário, desenha-se uma "luta pela posse exclusiva da verdade" que estimula conflitos religiosos e cenas de intolerância religiosa.

A comparação entre entrevistas e testemunhos recentes e testemunhos antigos permitiu que Côrtes concluísse que as denominações neopentecostais não atribuem um

²²⁷ MARIZ, Cecília L. O Demônio e os Pentecostais no Brasil. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 45–61. P. 56.

²²⁸ ZALUAR, Alba. O Crime e a Não-cidadania: Os Males do Brasil. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 109–134. P. 120.

²²⁹ *Ibid.* P. 129.

sentido unitário ao mundo "capaz de oferecer ao adepto a possibilidade de localizar um lugar no espaço social garantido pelo estabelecimento regular de uma conduta cotidiana eticamente fundamentada."²³⁰. Côrtes identifica nos novos testemunhos uma desordem linguística e uma historicidade fragmentada. Com a vitimização do converso pela ação do Diabo, processa-se um declínio ético do sujeito, que não precisa mais conferir sentido para o passado nem possuir uma narrativa do presente dotada de significado e coerência lógica, sendo suficiente atribuir a responsabilidade pelas próprias maldades às forças incontroláveis do Diabo.

Duas exigências, próprias de uma religiosidade dotada de racionalidade teórico-prática, são abandonadas pelas estratégias proselitistas do empreendimento neopentecostal: 1) a exigência do sentido: conferir uma narrativa racionalmente coerente para o mundo e mais precisamente, para o sujeito em particular, sua posição no espaço social e sua trajetória biográfica; 2) e a exigência da ética: oferecer uma casuística moral de orientação da conduta cotidiana que permita ao sujeito, de forma autônoma, tomar decisões, definir rumos, fazer escolhas e arbitrar com retidão nas situações de ruptura, tensão, conflito e indecisão.²³¹

De acordo com a pesquisadora, nos testemunhos antigos, a conversão religiosa opera como regeneração do sujeito, com a internalização de novos valores morais. Assim, a conversão é resultado do reconhecimento dos pecados e da obtenção do perdão. Contudo, essa exigência de sentido e de ética teria sido abandonada pela vertente neopentecostal que enfatiza a influência do Diabo nas ações dos indivíduos.

As religiões não-europeias, no Brasil, não identificam um mal absoluto e localizado e, portanto, não representam o mal como uma encarnação de entidades diabólicas que podem ser exorcizadas. Isso é próprio das tradições cristãs. Para as religiões afro-brasileiras, os exus são espíritos terrenos do bem e do mal que "servem de intermediários ou mensageiros dos orixás"²³². Essa cosmovisão não propaga uma doutrina dualista que sustenta uma separação absoluta entre o bem e o mal. O maniqueísmo é característico das religiões cristãs.

Para compreender o discurso católico a respeito da categoria bandido, Alba Zaluar faz uma alegoria entre a Cidade de Deus descrita por Santo Agostinho e a favela carioca homônima. Primeiro, a pesquisadora explica que a Cidade de Deus foi definida por Santo Agostinho como o "lugar onde imperava o amor de Deus, aquém e além do amor ao ego. É o lugar, portanto, em que o interesse particular deve ser superado, em nome desse amor

²³⁰ CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **O bandido que virou pregador**: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005. P. 73

²³¹ *Ibid.* P. 79.

²³² ZALUAR, Alba. O Crime e a Não-cidadania: Os Males do Brasil. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 109–134. P. 115.

maior. Na cidade, assim sagrada, impera a comunidade acima da violência e do conflito"²³³. Em contrapartida, na Cidade de Deus, favela do Rio de Janeiro que concentra um conjunto habitacional populoso e é dividida por facções, o espírito comunitário seria encontrado apenas no exercício da caridade e nas regras de respeito aos moradores que sobreviviam aos conflitos armados e às ameaças da organização criminosa. Assim, no discurso católico, os bandidos simbolizavam o interesse material e o amor ao ego, sentimentos que não faziam parte da Cidade de Deus de Agostinho.

De outra parte, na cosmovisão pentecostal, o maniqueísmo moralista faz o bandido ser representado como um ser fraco possuído pelo Diabo. Dessa forma, bandidos são identificados com a encarnação do mal e, muitas vezes, interpretam essa possessão. A demonização do criminoso é tão intensa que este deixa de ser associado apenas com a desordem social e passa a representar uma ameaça ao reino de Deus²³⁴.

No discurso evangélico, a idéia do mal absoluto aparece com mais clareza e abrangência. Bandidos não são apenas o oposto do espírito comunitário; eles estão verdadeiramente possuídos pelo demônio. A oposição radical entre bem e mal constrói as próprias identidades, o ser do cristão no caminho certo e o ser diabólico do bandido. Como o diabo veio à Terra para roubar, matar e fazer mal aos outros, os bandidos são seus agentes. Na tradição bíblica, a ambição, a ganância, a vontade de ser tão poderoso quanto Deus é que geram o diabo, o anjo caído que quis se igualar a Deus.²³⁵

A influência do Diabo na conduta dos indivíduos é dividida por algumas denominações neopentecostais dissidentes do protestantismo clássico em possessão e opressão. A primeira é a completa dominação do corpo, da mente e da vontade da pessoa, sendo o Diabo inteiramente culpado por todas as ações, sejam elas boas ou ruins. Caracterizada pela preponderância absoluta da vontade do Diabo nas ações do indivíduo, a possessão é representada pela imagem emblemática do mendigo "por opção", isto é, daquele que se sujeita à mendicância não por necessidade, mas que teria voluntariamente renunciado à própria disposição para lutar pelas coisas do mundo. Essa divisão entre possessão e opressão tem por finalidade evitar que o sucesso também seja atribuído à ação demoníaca. A opressão é a forma de interferência demoníaca que não toma por completo a cabeça do sujeito. Com isso, autoriza-se a manipulação do discurso, permitindo que as maldades sejam atribuídas ao Diabo e as conquistas ao sujeito. Assim, a figura do Diabo só serve para isentar o converso da culpa pelo erro, mas não pode retirar o mérito pelas vitórias alcançadas²³⁶.

²³³ ZALUAR, Alba. O Crime e a Não-cidadania: Os Males do Brasil. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 109–134. P. 119.

²³⁴ *Ibid.* P. 116-118.

²³⁵ *Ibid.* P. 120.

²³⁶ "O diabo não pode ter, portanto, preponderância nas ações dos indivíduos porque se de um lado inocenta

De acordo com Côrtes, a explicação racional dos acontecimentos é substituída por interpretações sobrenaturais determinadas pela conveniência, o que provoca o declínio do sentido como história que define posição do indivíduo perante a existência social e, também, o declínio da ética como conjunto de valores que orienta a conduta e a vida do sujeito. Os novos testemunhos marcam o abandono de uma disposição ética, reduzindo as possibilidades de inserção no mundo oferecida aos sujeitos. Há, portanto, uma alteração significativa em duas dimensões intrinsecamente relacionadas: perda de sentido do discurso, com fragmentação irracional da história de vida do indivíduo; e perda de uma disposição ética duradoura para nortear a própria conduta e posição no mundo.

A análise das mudanças histórico-sociais no conteúdo da conversão religiosa mostra que os padrões de conduta são liquefeitos e os novos conversos são situados num horizonte sem futuro. Com a emergência de uma nova modernidade, a configuração da conversão evangélica teria sido alterada, de modo que esta não seria mais capaz de produzir uma transformação de vida duradoura, com a renovação moral do pecador²³⁷. A conversão, nos novos testemunhos, não se processaria mais com arrependimento dos pecados, admissão de culpa e investimento moral no futuro, com a incorporação de uma conduta ética estável e duradoura, mas como uma condição a ser firmada apenas mediante a concessão de milagres divinos e o atendimento das necessidades e pedidos do "candidato à fiel". Assim, não se processaria uma revisão das escolhas e da história de vida, tampouco um livre redimensionamento da conduta. Em contrapartida, articular-se-ia um acordo "estabelecido diretamente com Deus, cujos termos são exigentes das duas partes, como se Deus fosse considerado um igual e não uma entidade soberana e transcendente a que, em princípio, se deve temor e obediência. Como igual Deus é cobrado e até mesmo chantageado"²³⁸. Em síntese, a nova moda da conversão religiosa é "aceitar Jesus", mas não firmar compromisso enquanto este não atender as necessidades mais urgentes do adepto.

algumas, retira de outras o mérito, negligenciando o merecimento dos sucessos conquistados, supostamente produto do esforço de quem conseguiu vencer por conta própria e não simplesmente porque o diabo teria se ausentado e a glória de Deus se anunciado. O diabo só tem preponderância absoluta no perdedor absoluto, naquele que mesmo ajudado e suprido em suas necessidades básicas, continua "sujo", naquele que se tornou mendigo não por força da necessidade, mas por uma renúncia do mundo, das coisas do mundo, do agonismo do jogo social, da luta por obter ou melhorar continuamente o capital simbólico adquirido ou adquirível, renúncia do investimento, do interesse e disposição para cumprir as exigências de uma ideologia da competência". CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **O bandido que virou pregador: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005. P. 78.

²³⁷ *Ibid.* P. 112.

²³⁸ *Ibid.* P. 108.

Em sentido contrário, Teixeira mostra que as pessoas entrevistadas por ele assumem a responsabilidade pelas suas ações e indicam que são as suas próprias escolhas que podem servir ao Diabo. Assim, o pesquisador conclui que "é possível haver, na interpretação que os pentecostais fazem sobre os "bandidos", influência maligna e vontade individual numa mesma ação"²³⁹. Para Teixeira, a cosmovisão pentecostal pode interpretar as ações criminosas como decorrentes de uma possessão na qual o Diabo exerce o domínio sobre o corpo e controla as ações do sujeito, sendo que, neste caso, afasta-se a responsabilidade individual, mas também pode considerá-las fruto das escolhas pessoais ruins do sujeito ou, ainda, resultado dessas duas opções, na hipótese em que há influência do Diabo, mas esta não exclui necessariamente o livre arbítrio da pessoa.

Há uma relação dialética e tensa entre a adoção de certo estilo de vida e a influência maligna: por se comportar de determinado modo, o indivíduo abre "espaço" para a agência do mal em sua vida; ao mesmo tempo em que a agência do mal em sua vida o leva a aderir a determinado modo de viver.²⁴⁰

Teixeira aproxima essa relação entre possessão e escolha individual da relação entre rótulo e sujeição criminal. Ele explica que a ideia de rótulo destaca a estigmatização social de uma conduta considerada desviante, enquanto o conceito de sujeição criminal explora a constituição da subjetividade a partir desta acusação social, colocando ênfase na assimilação deste rótulo. Em sentido semelhante, a demonização do curso de ação do sujeito pode ser interpretada como um rótulo capaz de ser absorvido pelo sujeito, integrando a sua subjetividade. Se as ações criminosas do bandido são compreendidas como influência do Diabo, a associação entre Diabo e crime feita pelos pentecostais pode reforçar a sujeição criminal à medida em que, ao assimilar o discurso religioso, o sujeito pode se reconhecer como mau, assim como pode oferecer a possibilidade de superação da sujeição criminal por meio da conversão²⁴¹.

Freitas reforça esse entendimento, indicando que as ferramentas discursivas de ordem religiosa oferecem uma explicação para o envolvimento com a criminalidade e indicam a sua superação. Na cosmovisão pentecostal, há uma batalha espiritual entre Deus e o Diabo, sendo que o mal comportamento do ser humano pode ser atribuído à influência dessas forças sobrenaturais. Assim, esses atores podem mobilizar a narrativa pentecostal para mitigar os efeitos da sujeição criminal²⁴². O indivíduo pode negar a sujeição criminal e

²³⁹ TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. **A construção social do "ex-bandido"**: um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. P. 65.

²⁴⁰ *Ibid.* P. 66.

²⁴¹ *Ibid.* P. 67.

²⁴² FREITAS, Amílcar Cardoso Vilaça de. Para quem do bem e do mal: pentecostalismo e criminalidade.

atribuir a responsabilidade por suas ações à influência maligna do Diabo ou pode se identificar com a identidade criminoso e justificá-la como escolha. "No primeiro caso, é o mal que justifica a sujeição criminal do indivíduo; no segundo, é a sujeição criminal que justifica a influência maligna na vida do 'bandido'"²⁴³.

Assim, na visão desses autores, considerando que sujeição criminal é a incorporação de uma identidade negativa que lhe é imputada socialmente e a sua acomodação a um tipo definido, o pentecostalismo, ao ratificar a condição de sujeição criminal do sujeito por meio do aparato simbólico representado pela guerra espiritual entre Deus e o Diabo, permite que o sujeito tenha consciência dessa condição e, também, contribui para o reconhecimento da possibilidade de transformação²⁴⁴. É justamente o fato de reconhecer-se "bandido", interpretando essa categoria a partir da cosmovisão pentecostal, que permite ao indivíduo lidar com sua sujeição criminal e transformar a sua subjetividade por meio da conversão. Tanto a sujeição criminal quanto a conversão religiosa dizem respeito a processos contínuos de assimilação de determinada "verdade" sobre si e sobre o mundo, constituindo uma forma de ser, pensar e agir. A conversão não é interpretada como um processo abrupto, que ocorre de maneira automática, sem mediações, mas como uma ação continuada de reconstrução biográfica, que configura uma nova estética, um novo comportamento e um novo modo de falar. A conversão religiosa é vista como uma alternativa de saída da vida no crime, tal qual o trabalho honesto. Carteira de trabalho, junto com a carteira de membro da Igreja, atestam a identidade oposta à do bandido.

Para Teixeira, a conversão do "bandido" ao pentecostalismo não significa apenas a adoção de uma nova visão de mundo e de novos valores, mas a transformação da própria natureza do indivíduo. Nessa linha, é importante ressaltar que Teixeira conclui que a sujeição é transformada pela conversão, mas não anulada. Isto quer dizer que a sujeição criminal é convertida em sujeição religiosa, uma vez que o pentecostalismo absorve a lógica da sujeição e promove a construção de uma identidade muito semelhante, porque assujeitada. Essa condição não pode ser generalizada para todo tipo de conversão, mas é observada na conversão de bandidos, os quais precisam reiterar continuamente a sua condição de crente, esquivando-se do pecado que marca a sua subjetividade.

Assim, o "ex-bandido" através da conversão religiosa, deve se entregar a uma outra sujeição identitária (em que identidade social, prática social e rótulo aplicado

Ciências Sociais e Religião, Campinas, v. 19, n. 27, p. 32–46, 2017.

²⁴³ TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. **A construção social do "ex-bandido"**: um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. P. 68.

²⁴⁴ *Ibid.*

socialmente devem estar combinados harmonicamente). Ao mesmo tempo em que a religião fornece ao sujeito criminal instrumentos simbólicos e sociais através dos quais ele pode se "transformar" e lidar com a sua sujeição, ela o trancafia em uma nova identidade – que necessita o tempo inteiro ser reiterada, vivida, experimentada. Na esperança de se "libertar" de uma subjetividade marcada socialmente pelo crime, o "bandido" se converte ao pentecostalismo. Entretanto, para não ser mais "bandido", o indivíduo deve ser, a todo momento, "crente". Assim, esta solução que diz de si mesma ser a "única saída", embora seja capaz de agir sobre a "subjetividade criminosa do bandido", assujeita-o num outro registro identitário. Ao sujeito criminal, parece restar-lhe apenas a sujeição.²⁴⁵

No processo de conversão, o bandido terá de provar a sua transformação em dois espaços de sociabilidade: na comunidade evangélica e na comunidade mais ampla. Tendo em vista que, na comunidade evangélica, a crença é compartilhada, é possível que, neste espaço, o indivíduo consiga se livrar da sujeição criminal. Entretanto, nos demais espaços, a desconfiança poderia pairar sobre o processo de conversão, mantendo a sujeição criminal²⁴⁶. Identifica-se uma desconfiança do retorno à sociabilidade convencional, no sentido de questionar se a conversão opera como estratégia para se livrar da perseguição dos inimigos e dos agentes de segurança pública.

De acordo com Freitas, os jovens em conflito com a lei entrevistados por ele narram que ser crente na unidade socioeducativa é mais fácil, porque há menos tentações. Dessa forma, o comprometimento religioso precisará ser comprovado na rua²⁴⁷. Para Teixeira, o próprio "ex-bandido" testa o "poder do evangelho" na sua transformação. A condição de "ex-bandido" é instável e certas ações podem devolver-lhe a sujeição criminal. Assim, há sempre o risco de que o "ex-bandido" ceda às investidas do Diabo e, por isso, o sujeito precisa estar vigilante, tentando domar a sua natureza.

A condição de crente, desse modo, na tentativa de "transformar a natureza do bandido", parece recobrir ou se acumular sobre a sujeição criminal – as duas coisas (ser "bandido" ou não o ser) são sempre possíveis e a todo momento é preciso provar (para si e para os outros) que se é (ou que não se é) uma delas.²⁴⁸

A figura do ex-bandido estabelece, portanto, uma perene ameaça de regresso à condição anterior. A condição de bandido pode ser acessada a qualquer momento, porque o sujeito é portador de um conhecimento e de recursos simbólicos provenientes de sua experiência anterior. Assim, "ex-bandido" representa um estado ambivalente e, em função

²⁴⁵ TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. **A construção social do "ex-bandido"**: um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. P. 114.

²⁴⁶ *Ibid.* P. 107.

²⁴⁷ FREITAS, Amílcar Cardoso Vilaça de. Para quem do bem e do mal: pentecostalismo e criminalidade. **Ciências Sociais e Religião**, Campinas, v. 19, n. 27, p. 32–46, 2017. P. 39/40.

²⁴⁸ TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. **A construção social do "ex-bandido"**: um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. P. 113.

disso, a conversão precisa ser comprovada a todo tempo, sendo que qualquer deslize pode reanimar a sujeição criminal.

Mesmo após a conversão e estando fora das atividades criminosas, o indivíduo pode recorrer à sua sujeição criminal. Porém, como pentecostal, o "ex-bandido" deve manter total controle sobre a possibilidade de acessar os registros que aludam à sua condição anterior. Há que se ter, a todo o momento, cuidado com os modos de falar, de se vestir, de andar, de se relacionar com os demais.²⁴⁹

A condição de crente está sempre ameaçada pela possibilidade de acesso à identidade criminal. Nessa transição identitária, o bandido convertido experimenta a construção permanente de uma nova subjetividade, sendo testado continuamente. Há uma influência mútua entre a figura do crente e do bandido: a experiência no crime deixa marcas sobre a condição de crente e a experiência na Igreja deixa marcas sobre a condição de bandido que retornou ao crime²⁵⁰.

²⁴⁹ TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. De “Corações de Pedra” a “Corações de Carne”: algumas considerações sobre a conversão de “bandidos” a Igrejas Evangélicas Pentecostais. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, p. 449–478, 2011. P. 472.

²⁵⁰ TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. **A construção social do “ex-bandido”**: um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

CAPÍTULO 4

RELIGIÃO NA PRISÃO

O *locus* de análise condiciona o exercício da religião e estabelece novos parâmetros e novas dinâmicas. O exercício da religião dentro da prisão, embora, inevitavelmente, guarde relação com o exercício da religião extra-muros, configura também novas identidades. Em razão disso, é necessário avaliar as influências desta instituição na performance religiosa e identificar qual a conotação do ser evangélico intra-muros.

4.1 PRISÃO, FACÇÃO E COMUNICAÇÃO: TRAÇOS DE UMA INSTITUIÇÃO POROSA

Muitos pesquisadores e pesquisadoras²⁵¹ veem na instituição prisional semelhanças com o conceito de "instituição total" formulado por Erving Goffman em etnografia feita em 1955 em hospital para doentes mentais localizado nos Estados Unidos. Goffman qualificou de instituição total um local fechado onde um grupo de pessoas vive sob vigilância de uma organização burocrática e tem as suas atividades controladas por ela²⁵². Outros vão além e empregam as ideias de Goffman como pressuposto teórico de suas investigações²⁵³. De outra parte, Rafael Godoi esclarece que a prisão não é simplesmente uma instituição de

²⁵¹ Entre eles, podem ser indicados: BICCA, Alessandro. **Os eleitos do cárcere**: etnografia sobre violência e religião no sistema prisional gaúcho. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005; ANDRADE, Eliakim Lucena de. **“A Rua dos irmãos”**: uma etnografia na prisão. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, 2014.

²⁵² GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Tradução Dante Moreira Leite. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

²⁵³ Embora não tenha sido feito um mapeamento de todas essas pesquisas, a título de exemplo, é possível citar algumas: SCHELIGA, Eva Lenita. **“E me visitastes quando estive preso”**: sobre a conversão religiosa em unidades penais de segurança máxima. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000; DIAS, Camila Caldeira Nunes. **A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo**: religião e violência na prisão. São Paulo: Humanitas, 2008; ARAÚJO, Fábio Firmino de. **Mercado de almas aflitas**: crime, castigo e conversão religiosa. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, 2008; LIMA, Ana Paula de Melo. **Religião entre grades**: a assistência religiosa católica e os presidiários. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011; GONÇALVES, Hilton de Miranda. **A conversão religiosa como instrumento de tutela dos direitos fundamentais no Conjunto Penal de Jequié-Bahia**. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Segurança Pública) - Faculdade de Direito, Universidade Federal da Bahia, 2015; NUNES, Ana Idalina Carvalho. **Discurso religioso no cárcere**: caminhos e possibilidades. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017. Nestes trabalhos, a prisão é caracterizada como uma instituição total, destacando-se a separação com o mundo externo, o controle das necessidades pelas autoridades, a realização de todas as atividades no mesmo local e a distribuição de castigos e benefícios de acordo com a obediência às regras.

confinamento, mas um espaço poroso, havendo intercâmbios entre dentro e fora. O autor concebe a expressão "vaso comunicante" para designar as múltiplas conexões entre indivíduos e grupos de indivíduos que circulam ou promovem a circulação de bens e serviços. Nas suas palavras:

Pode ser considerado um vaso comunicante toda forma, meio ou ocasião de contato entre o dentro e o fora da prisão. Trata-se de uma articulação particular que, ao mesmo tempo, une duas dimensões da existência social e define uma separação fundamental entre elas. Os vasos colocam em comunicação dois "mundos", no entanto, não são desprovidos de bloqueios: neles, múltiplas negociações, determinações, poderes e disputas operam a diferenciação do que entra e sai, dificultando ou facilitando acessos, registrando (ou não) as passagens e estabelecendo destinações.²⁵⁴

Godoi infere que o sistema de abastecimento de recursos (bens, informações) é custeado pela rede de amigos e familiares do preso; que a pena é sentida como uma experiência de espera indefinida; e que o sistema de processamento da execução penal é alheio ao conhecimento do preso, dependendo, assim, de auxílio externo, seja de familiares, seja de voluntários. A partir de suas descobertas sobre o funcionamento cotidiano da prisão, o pesquisador destaca que os fluxos que se operam na prisão é que permitem que ela continue operando e que esses fluxos são movidos pelos vasos comunicantes²⁵⁵.

A maior parte desses vasos são vias institucionais, previstas pela legislação, como visita de familiares, atendimento de advogados particulares ou defensores públicos, saída temporária, saída para trabalho e estudo, liberdade condicional, correspondência postal, jumbo²⁵⁶, pecúlio²⁵⁷, televisão, rádio, assistência religiosa, social ou jurídica (visita de agentes religiosos, conselheiros da comunidade, defensores dos Direitos Humanos e outros voluntários que, eventualmente, desenvolvem projetos na prisão). Há, ainda, os vasos comunicantes informais ou ilegais, subterfúgios que escapam ao controle institucional, como bilhetes ou pipas, celular (conhecido na cadeia como radinho), etc.²⁵⁸.

Como se vê, a assistência religiosa é um dos vasos comunicantes mencionados por Godoi. Algumas Igrejas atuam não apenas oferecendo conforto espiritual aos presos, mas também como agências de assistência social, fornecendo bens e informações sobre a família e o processo do preso. A partir dessa formulação, é preciso destacar que, embora o foco

²⁵⁴ GODOI, Rafael. **Fluxos em cadeia**: as prisões em São Paulo na virada dos tempos. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015. P. 73.

²⁵⁵ *Ibid.*

²⁵⁶ Sacola enviada pela família ao preso, que inclui material de limpeza e higiene e alimentação.

²⁵⁷ Conta bancária onde é depositado salário dos que trabalham ou fundos disponibilizados pela família, sendo que parte desses recursos só pode ser sacada quando da libertação e parte pode ser mobilizada em compras de mercadorias reguladas pela administração prisional.

²⁵⁸ GODOI, Rafael. **Fluxos em cadeia**: as prisões em São Paulo na virada dos tempos. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

dessa pesquisa seja a prisão, é preciso reconhecê-la como parte da sociedade e, nesse movimento, reconhecer que o exercício da religião na prisão não pode ser interpretado como isolado das influências externas. Nesse sentido, inclusive, é que a expansão do campo evangélico na cidade, como será descrito nos próximos capítulos, também deve ser considerada na interconexão com o seu crescimento na prisão. Com isso, não se ignora que a prisão apresente muitas das características narradas por Goffman, mas procura-se entender o controle e a vigilância sem desconsiderar as múltiplas influências externas sobre a vida do preso.

A continuidade entre a prisão e a cidade não impede, contudo, que a prisão provoque rompimentos. É importante ressaltar, assim, que a dinâmica religiosa na prisão não é necessariamente igual à dinâmica religiosa na rua. Há relevantes diferenças que serão destacadas no decorrer deste trabalho. Por exemplo, as distinções doutrinárias e de usos e costumes entre denominações pentecostais parecem não se reproduzir na prisão. As disputas entre as denominações evangélicas, seja no campo doutrinário, seja na arregimentação de fiéis, não se replicam na prisão. Se há preponderância de uma denominação em detrimento de outra, isto parece ser decorrência exclusiva dos arranjos político-administrativos entre a gestão prisional e os líderes religiosos.

É nesse sentido que se reconhece a relevância de pensar a prisão sem desconsiderá-la como um universo próprio e, também, sem ignorar o intercâmbio promovido pelos vasos comunicantes. Para Luiz Claudio Lourenço, é um equívoco tratar a prisão como uma instituição que isola o indivíduo da sociedade mais ampla, pois, segundo ele, há conexões com o mundo extramuros, ou, para usar expressão cunhada por Godoi, vasos comunicantes que acionam trocas de informações, bens e serviços. Assim, Lourenço ressalta a manutenção de laços sociais e o estabelecimento de novos vínculos: "Ao analisar a literatura do campo de estudos prisionais é mais plausível supor que existam reconfigurações relacionais do que uma quebra de laços imposta de maneira unilateral pelas instituições de reclusão"²⁵⁹.

Ana Gabriela Mendes Braga também afirma que o conceito de instituição total não pode ser aplicado ao Brasil devido às condições específicas de superlotação, falta de controle do Estado e corrupção²⁶⁰. Esses três fatores condicionam a manutenção da prisão à uma gestão compartilhada pela administração prisional com os presos, determinando uma espécie

²⁵⁹ LOURENÇO, Luiz Claudio. O jogo dos sete erros nas prisões do Brasil: discutindo os pilares de um sistema que não existe. **O público e o privado**, Fortaleza, n. 30, p. 285–302, 2017. P. 290.

²⁶⁰ BRAGA, Ana Gabriela Mendes. **Reintegração social: discursos e práticas na prisão - um estudo comparado**. 2012. Tese (Doutorado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 2012. P. 35.

de autogestão. Braga reforça a ideia de que a prisão não produz uma cultura completamente distinta e independente da cultura dominante. No entanto, reconhece que a prisionização gerada pela segregação faz com que esse universo seja essencialmente diferente dos espaços de troca da sociedade mais ampla²⁶¹.

De acordo com Rafael Godoi, a prisão no Brasil hoje, além de não ser instituição total, não funciona como um aparelho disciplinar, com obediência estrita, vigilância hierárquica e regulação de corpos individuais, nos moldes preconizados por Michel Foucault em sua conhecida obra temática sobre as prisões. Foucault levanta a hipótese de que na modernidade as instituições pretendem transformar o indivíduo, discorrendo sobre as formas de exclusão e de encarceramento²⁶². Segundo Godoi, a prisão faz a gestão de grandes agregados populacionais²⁶³. Na esteira do que este autor defende, Felipe Athayde Lins de Melo considera que a política prisional utiliza o confinamento com o objetivo de controle populacional e que a prisão não é um dispositivo isolado da sociedade mais ampla, assumindo, assim, os fluxos e as dinâmicas como elementos substanciais para o funcionamento dessa engrenagem, que serviria, na sua visão, mais para administrar a população e menos para disciplinar os corpos²⁶⁴. Referindo-se a "Vigiar e Punir", Lourenço também afirma que as prisões não lograram a composição de corpos dóceis, adestrados e úteis.

O poder unilateral e disciplinador descrito por Michel Foucault na gênese e no projeto da prisão moderna nunca se concretizou de maneira eficaz dentro dos muros de nossas prisões (FOUCAULT, 1996). Se as prisões foram pensadas com o fim de docilizar os corpos dos apenados não podemos dizer que elas são eficazes. Contudo, como aponta o próprio Foucault, elas foram sim eficientes na produção de delinquentes e dentro de um aparelho de gestão de ilegalismos.²⁶⁵

No mesmo sentido, Victor Pimenta entende que a noção de disciplina e adestramento para o trabalho, presente em Foucault, não se aplica à realidade brasileira, visto que a maioria dos presos no país não tem acesso a trabalho e, quando tem, são alocados em atividades que pouco contribuem para a utilização de sua mão-de-obra no mercado. Nas palavras do

²⁶¹ BRAGA, Ana Gabriela Mendes. **Reintegração social**: discursos e práticas na prisão - um estudo comparado. 2012. Tese (Doutorado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 2012. P. 38.

²⁶² FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramallete. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

²⁶³ GODOI, Rafael. **Fluxos em cadeia**: as prisões em São Paulo na virada dos tempos. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015. P. 37.

²⁶⁴ MELO, Felipe Athayde Lins de. **O dispositivo penitenciário no Brasil**: disputas e acomodações na emergência da gestão prisional. 2018. Tese (Doutorado em Sociologia) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2018. P. 220.

²⁶⁵ LOURENÇO, Luiz Claudio. O jogo dos sete erros nas prisões do Brasil: discutindo os pilares de um sistema que não existe. **O público e o privado**, Fortaleza, n. 30, p. 285–302, 2017. P. 291.

pesquisador: "a concepção da disciplina penitenciária voltada ao adestramento para o trabalho assalariado (à transformação dos delinquentes presos em *dóceis* trabalhadores) deve ser lida com ressalvas, quando utilizada para a compreensão da realidade brasileira"²⁶⁶. Além disso, Pimenta sugere que a prisão não serve como ferramenta de disciplina, porque o Estado não a controla, sendo a vigilância, na prisão, exercida pela própria população prisional²⁶⁷.

Lourenço também assevera que as prisões não estão sob controle unilateral do Estado. A manutenção da ordem interna está condicionada a concessões da equipe gestora às lideranças dos internos e a negociações entre administração e organizações criminosas cuja formação é facilitada pela condição de precariedade dos cárceres. É a carência no atendimento às necessidades básicas dos presos, como alimentação, saúde e assistência jurídica, que deixa espaço para a criação, disseminação e consolidação das facções. Percebe-se uma grande influência dos presos nas práticas institucionais. Há, na verdade, investimentos recíprocos entre política penitenciária e política faccionária. Não apenas o preso é produto da prisão, mas a prisão também é resultado das ações dos presos. São as incidências mútuas que conformam instituição e institucionalizado.

Camila Caldeira Nunes Dias, ao avaliar as transformações ocorridas nas prisões paulistas com a expansão do PCC, esclarece que a disciplina imposta por esta facção reinventa a sociedade disciplinar tal como formulada e descrita por Foucault²⁶⁸ e que a sociabilidade prisional é moldada por um frágil equilíbrio entre esse jogo de forças e resistências. Segundo Dias: "*A disciplina do Comando* tem um alcance maior que o de apenas um conjunto de prescrições comportamentais: ela define um modo de ser e pauta a construção de uma identidade específica - a do *ser ladrão*"²⁶⁹. A pesquisadora analisa as mudanças nos comportamentos dos presos por ocasião da consolidação de uma rede de interdependência entre os sujeitos que integram e/ou convivem com o PCC, concluindo que o equilíbrio de poder, a acomodação e estabilidade das relações entre os atores que compõem essa complexa rede são precários, entre outros motivos, pela imposição de um autocontrole que não é consciente e refletido.

Para Godoi, a prisão não é considerada um depósito de gente supérflua nem um mecanismo incapacitante, mas uma tecnologia produtiva que estimula a organização de

²⁶⁶ PIMENTA, Victor Martins. **Por trás das grades**: o encarceramento em massa no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 2018. P. 154.

²⁶⁷ *Ibid.* P. 115.

²⁶⁸ DIAS, Camila Nunes. A produção da Disciplina pelo encarceramento. **O público e o privado**, Fortaleza, v. 26, p. 35–51, 2015. P. 36.

²⁶⁹ *Ibid.* P. 37.

coletivos de presos à medida que são essas redes que fornecem assistência jurídica e material à população carcerária²⁷⁰. O próprio funcionamento do sistema penitenciário incitaria os presos a se mobilizarem e se articularem com agentes para além dos muros, na medida em que a atuação estatal e o encarceramento massivo da população aumentam a carência de bens e serviços. Esse transbordamento das facções para o outro lado do muro não serviria para subverter a prisão, mas para fazê-la funcionar. Assim, pode-se inferir que as facções sustentam a própria manutenção do sistema prisional²⁷¹. A gestão do cotidiano prisional compartilhada pela administração com as facções revela um reconhecimento de que não é possível controlar a população carcerária em face não apenas da quantidade de presos, mas também da escassez de recursos. A precariedade das instalações prisionais induz a necessidade de articulação entre os presos e, por consequência, a formação de facções. Dessa forma, as facções comandam as reações da população prisional em face da violência institucional e promovem um novo ordenamento da gestão prisional no Brasil.

Nesse sentido, Camila Dias, Laís Kuller, Josiane Brito e Mayara Gomes afirmam que o PCC é simultaneamente resultado da política de encarceramento e condição para a sua continuidade. De acordo com as pesquisadoras, a prisão é o principal vetor do "crime organizado". A precária condição de encarceramento provocada pelo encarceramento massivo, pela estrutura física insalubre, pela insuficiência de agentes de vigilância, de oferta de atividades e de assistência material acaba fortalecendo as facções prisionais.

Em termos gerais, o encarceramento massivo fortalece e empodera cada vez mais o PCC, constituindo-se, assim, um poderoso círculo vicioso onde os elementos nele presentes se alimentam e se reproduzem reciprocamente, estabelecendo entre si uma relação simbiótica: quanto mais se encarcera, mais se fortalece o PCC e, ao mesmo tempo, o Estado só tem condições de manter o encarceramento no ritmo atual porque conta com a capacidade do PCC de impor e manter a ordem no espaço prisional de forma efetiva. [...] Neste sentido, paradoxalmente, a hegemonia conquistada pelo PCC no mundo do crime em São Paulo torna-se grande aliada do processo de encarceramento em massa vigente no Estado.²⁷²

Ao comparar as condições em que viviam os homens pobres na sociedade agrária e as novas formas de criminalidade, Mariana Côrtes explica que a incorporação de técnicas empresariais à gestão da criminalidade, isto é, a aproximação da criminalidade violenta aos

²⁷⁰ GODOI, Rafael. **Fluxos em cadeia**: as prisões em São Paulo na virada dos tempos. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

²⁷¹ O uso da expressão "sistema prisional" não ignora o alerta de Luiz Claudio Lourenço de que não existe, nas prisões brasileiras, uma padronização dos procedimentos relativos à informação, gestão e segurança. LOURENÇO, Luiz Claudio. O jogo dos sete erros nas prisões do Brasil: discutindo os pilares de um sistema que não existe. **O público e o privado**, Fortaleza, n. 30, p. 285–302, 2017. P. 297.

²⁷² DIAS, Camila Nunes; KULLER, Laís Boás Figueiredo; BRITO, Josiane Silva; GOMES, Mayara de Souza. O encarceramento em massa como política pública de Segurança: efeitos perversos e consequências nefastas. **Revista Teoria e Debate**, São Paulo, n. 137, 2015. P. 13.

modelos de aquisição de lucro e de competição no mercado, com divisão do trabalho e distribuição de funções especializadas, teria estimulado o uso da violência como forma de resolução de conflitos no mundo do crime. A autora indica que as disputas no mundo do crime passam a ser pautadas por uma mediação comercial e que o abandono de valores de reciprocidade, honra e lealdade pode ser visto especialmente na resolução de conflitos entre o baixo escalão do crime organizado²⁷³. Côrtes descreve o que chama de autonomização do mundo do crime, isto é, um reconhecimento da figura do criminoso em oposição à figura do trabalhador. O universo criminal ganha autonomia e ocorre um processo de sistematização de valores que compõe essa lógica interna de legalidades próprias desse contexto. Essa autonomização, contudo, teria permanecido marginal, porque embora compartilhe das mesmas necessidades da coletividade, não compartilha uma linguagem universal.

Por isso, o termo "poderes oblíquos" é mais pertinente que o termo "poder paralelo", criado pela imprensa, para caracterizar o poder exercido pelo crime organizado. "Poder paralelo" supõe uma autonomia que na realidade não existe, seja porque sua autonomização cultural se dá de maneira relativa, seja porque não foi capaz de autonomizar seus propósitos últimos, seja porque depende para seu funcionamento da cobertura e da participação de setores do Estado. O termo "poderes oblíquos" é mais apropriado por dois motivos: 1) é no plural, indicando assim uma maior heterogeneidade de modalidades possíveis de crime e posições distintas na hierarquia e não uma uniformidade monolítica e auto-sustentável, como sugere o singular; 2) o adjetivo "oblíquos" indica relações sociais transversais à sociedade inclusiva e dela dependentes.²⁷⁴

Bruno Shimizu qualifica as relações desenvolvidas por esses grupos com o Estado de simbiótica, destacando os arranjos de poder travados por essas duas instâncias²⁷⁵. Confundem-se, especialmente no ambiente prisional, as regras do Estado e as regras do crime, delimitando um espaço onde várias ordens convivem em aparente harmonia. Assim, percebe-se que a rede de relações constituída por esses grupos configura identidades, padrões de lealdade e de solidariedade, relações de poder, formas de sociabilidade e formas de organização importantes para compreender a dinâmica prisional.

Percebe-se, assim, que, para examinar o papel da religião evangélica na prisão, é necessário compreender, antes, o papel das facções, grupos de pessoas de dentro e de fora das prisões que se articulam ao Estado na administração de práticas criminalizadas. Importa esclarecer que o termo facção é empregado neste trabalho como sinônimo de organização criminosa, crime organizado e coletivo prisional, sendo que nenhuma dessas expressões é

²⁷³ CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **O bandido que virou pregador**: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005. P. 40.

²⁷⁴ *Ibid.* Nota de rodapé p. 39.

²⁷⁵ SHIMIZU, Bruno. **Solidariedade e gregarismo nas facções criminosas**: um estudo criminológico à luz da psicologia das massas. São Paulo: IBCCrim, 2011. P. 88.

tomada em sentido jurídico. Ao destacar o papel do Estado na formação desses grupos, procura-se, nesta pesquisa, não corroborar os equívocos praticados pelos trabalhos que identificam esses grupos com a parte da população que já é público-alvo do sistema de justiça criminal²⁷⁶. Assim, na análise da construção ou manutenção da identidade evangélica nas instituições prisionais, é imperioso considerar a coexistência de um código de conduta imposto pelo Estado e seus instrumentos legais coercitivos e outro derivado da regulamentação determinada pela facção.

4.2 CONVERSÃO NA PRISÃO

Como procurou-se demonstrar, uma interpretação sobre a identidade evangélica na prisão deve levar em consideração as múltiplas forças internas e externas que governam esse espaço. É justamente esse complexo e precário arranjo que faz com que a vivência dentro dessa instituição seja em alguma medida diferente do seu entorno, fazendo com que ela seja

²⁷⁶ Fernando Salla e Alessandra Teixeira criticam os trabalhos produzidos nas Ciências Sociais sobre crime organizado que não levam em conta na sua definição as relações com o Estado e o seu papel nesta configuração, bem como as articulações entre as atividades econômicas lícitas e ilícitas, reforçando a ideia normativa que identifica como organização criminosa os coletivos prisionais e os grupos que comandam o tráfico de drogas nas periferias dos grandes centros urbanos. Salla e Teixeira indicam que, com isso, os pesquisadores estariam corroborando a falsa ideia de neutralidade da definição jurídica de crime e da atuação das agências estatais que, em verdade, promovem o controle, a criminalização e a repressão orientadas por critérios econômicos e raciais. Segundo Salla e Teixeira, ao concentrar os estudos na população perseguida pelo sistema de justiça criminal, negligenciando, segundo estes autores, as dinâmicas que protegem autores de crimes do colarinho branco, a criminologia crítica e radical acaba intensificando a associação entre crime e pobreza e o estereótipo que torna os jovens negros e pobres que habitam territórios dominados pelo "crime organizado" fortes candidatos à incidência do controle policial e penal. Assim, Salla e Teixeira indicam que a forma como os pesquisadores têm mobilizado categorias e discursos para descrever o crime organizado acaba reforçando a imunidade da criminalidade econômica ao sistema de justiça criminal e, também, a repressão racista e classista operada pelo Estado. "A criminologia crítica e radical, sobretudo como foi incorporada no Brasil, manteve seu olhar sobre o contingente alcançado pelo sistema de controle e repressão, evidenciando, pela precariedade e homogeneidade de seu perfil (pobres, racializados, jovens, autores de crimes comuns), a seletividade do sistema, sem, contudo, adentrar as dinâmicas que operacionalizam essa seletividade e que deixam à margem do controle a criminalidade econômica. Com isso, a categoria "crime organizado" manteve-se no debate como um elemento discursivo que operaria para criminalizar ainda mais fortemente a criminalidade pobre e desorganizada". Esta abordagem, de acordo com Salla e Teixeira, aproxima-se da dimensão normativa da definição de crime, sendo contraproducente. Buscando precisão conceitual e analítica, os autores sugerem a aplicação da noção foucaultiana de "gestão diferencial dos ilegalismos", para que sejam destacados o papel desempenhado pelo Estado no controle e repressão às atividades criminosas, ou melhor, a simbiose entre os grupos organizados e o Estado. Dessa forma, Salla e Teixeira pretendem evitar que o "crime organizado" seja identificado apenas com a criminalidade capturada pelo sistema penal, deixando escapar da análise os ilegalismos das elites, e fortalecendo, com isso, a atuação das instâncias estatais voltada para as classes de baixa renda. Como exemplo de fatores que contribuem para a discussão sobre o papel do Estado na definição do conceito de crime organizado, os autores mencionam que o encarceramento em massa, a organização e distribuição de presos em unidades de segurança máxima e as privações no fornecimento de bens, informações e serviços são políticas estatais que geram efeitos na configuração dos coletivos na medida em que fomentam laços internos e externos à prisão e impulsionam a composição de redes de relações. SALLA, Fernando; TEIXEIRA, Alessandra. O crime organizado entre a criminologia e a sociologia: limites interpretativos, possibilidades heurísticas. *Tempo Social*, v. 32, n. 3, p. 147–171, 2020. P. 152.

objeto de investigações interdisciplinares. A primeira questão a ser compreendida nesse contexto é justamente o sentido dado à palavra conversão. Ana Paula de Melo Lima, em pesquisa realizada na Penitenciária Regional de Barbacena, estado de Minas Gerais, procurou analisar o uso que o preso faz dos subsídios religiosos. A partir dos dados colhidos em campo e da bibliografia consultada, Lima distingue adesão e conversão, apontando que a conversão ocorre predominantemente em relação à religião evangélica, enquanto a adesão seria mais comum na religião católica²⁷⁷.

A conversão corresponderia a um grau mais avançado do que a adesão, na medida em que aquela exigiria uma absorção completa dos preceitos religiosos. Embora ambas ofereçam ao preso novas referências para organização da identidade, conversão e adesão diferenciam-se pela intensidade com que os preceitos religiosos afetam a vida do fiel. Lima afirma que a ação católica nas prisões é mais voltada para a conscientização sobre os valores cristãos do que propriamente para a conversão²⁷⁸. Dos apontamentos de Lima sobre a assistência católica nas prisões, pode-se inferir que, enquanto a Igreja católica preocupa-se mais em estimular a reflexão do preso sobre as suas responsabilidades e intenções e em reduzir as fronteiras entre o isolamento e a liberdade, as Igrejas evangélicas preocupam-se mais com a doutrinação e o proselitismo religioso. De qualquer modo, ambas podem oferecer conforto espiritual, conferir sentido à vida do preso e preencher lacunas deixadas pela perversa atuação/omissão estatal.

De acordo com Alba Zaluar, tudo indica que o trabalho dos evangélicos têm mais sucesso na prevenção de crimes, enquanto o trabalho católico teria maior êxito na resolução de problemas de acesso a bens e direitos, como à água, esgoto, lixo, luz. "Enquanto os evangélicos ocupam seu tempo com a pregação e a conversão individual, e defendem soluções individuais para os problemas coletivos, os católicos continuam apostando na mobilização coletiva, na comunidade para resolvê-los"²⁷⁹. Nesse sentido, a autora qualifica

²⁷⁷ LIMA, Ana Paula de Melo. **Religião entre grades**: a assistência religiosa católica e os presidiários. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011. P. 81.

²⁷⁸ Em pesquisa realizada entre 2001 e 2002 nos Presídios Hélio Gomes e Nelson Hungria, no Complexo Frei Caneca, Edileuza Santana Lobo também identifica que a ação católica é mais voltada para a reflexão e conscientização sobre os atos cometidos e para a defesa dos direitos dos presos, enquanto a atuação evangélica é direcionada para a conversão individual. Segundo Lobo, a atuação católica nas prisões foi enfraquecida com o avanço do movimento evangélico, apresentando menos visibilidade e participação. LOBO, Edileuza Santana. Católicos e evangélicos em prisões do Rio de Janeiro. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 61, p. 22–29, 2005.

²⁷⁹ ZALUAR, Alba. O Crime e a Não-cidadania: Os Males do Brasil. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 109–134. P. 130

o modelo de trabalho evangélico como de "sociabilidade restrita e de pregação" e o modelo católico como de "comunidade local, trabalho coletivo e de liderança autoritária".

Na prisão, enquanto as Igrejas evangélicas parecem se preocupar com as "dores da alma", a atuação da Pastoral Carcerária²⁸⁰ - entidade ligada à Igreja Católica - é voltada para o encaminhamento de denúncias de torturas, maus-tratos e violações de direitos humanos praticados contra as pessoas privadas de liberdade. Assim, o serviço católico é prestado por meio do trabalho da Pastoral Carcerária, que tem uma atuação mais voltada para a assistência jurídica, psicológica e social do que propriamente religiosa. Segunda Camila Dias²⁸¹, ao contrário das Igrejas pentecostais, as Igrejas católicas se preocupam mais com o respeito aos direitos humanos por parte da administração prisional do que com a assistência religiosa (realização de missas, por exemplo)²⁸². A diferença entre as assistências católica e evangélica na prisão pode ser explicada por um dado trazido por Juliano Spyer. O autor, que conviveu com famílias evangélicas durante os dezoito meses em que passou fazendo pesquisa em um bairro periférico de Salvador, relata que um de seus interlocutores, um pastor, explicou que a concepção de caridade para evangélicos é diferente da concepção católica, porque a tradição protestante tem caráter individualista, de modo que a principal ajuda que poderia ser oferecida a alguém seria justamente a conversão²⁸³.

Ana Paula Lima explica que a adesão religiosa seria típica da tradição católica e indicaria um menor envolvimento do sujeito com a religião, na medida em que esta representaria apenas uma parte da sua identidade, ao passo que, na tradição protestante, a religião influenciaria todos os campos da vida. A conversão levaria o preso a modificar o seu universo discursivo, dando novo sentido aos acontecimentos e fazendo com que o preso adotasse novos comportamentos, o que poderia conduzi-lo à construção de uma nova

²⁸⁰ Ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Pastoral Carcerária é uma pastoral social que atua junto às pessoas presas e suas famílias. **O que é a Pastoral Carcerária**, disponível em: <<https://carceraria.org.br/a-pastoral-carceraria>>, acesso em: 11 jun. 2021.

²⁸¹ DIAS, Camila Caldeira Nunes. **A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo: religião e violência na prisão**. São Paulo: Humanitas, 2008.

²⁸² Apesar dessa constatação ser feita também por outros autores, como Rafael Godoi, Ana Paula de Melo Lima, ao acompanhar a assistência da Pastoral Carcerária na Penitenciária Regional de Barbacena, Minas Gerais, conclui que a Pastoral Carcerária de Barbacena presta assistência exclusivamente religiosa. De acordo com a pesquisadora, a Igreja católica procura levar o preso a refletir sobre suas ações no mundo, estimulando-o a seguir as leis dos homens e as leis de Deus e justificando que o sofrimento imposto pela privação da liberdade é resultado de uma dívida com a sociedade. Lima explica que, no discurso da Pastoral Carcerária, a pena corresponde a uma penitência que leva o sujeito a se redimir dos seus pecados junto à justiça dos homens. LIMA, Ana Paula de Melo. **Religião entre grades: a assistência religiosa católica e os presidiários**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011. P. 100.

²⁸³ SPYER, Juliano. **Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam**. São Paulo: Geração Editorial, 2020. P. 115.

biografia. A conversão implicaria em uma mudança de identidade não exigida pela adesão. Dessa forma, a conversão seria mais comum mediante a assistência evangélica²⁸⁴, porque a doutrina protestante repercute não apenas na vida religiosa, mas na vida cotidiana, isto é, na aparência, nos hábitos e costumes²⁸⁵.

No mesmo sentido, Camila Dias explica que as práticas evangélicas, diferentemente das católicas, marcam uma ruptura biográfica que provoca uma sistematização do comportamento e é notada num ideal de pertença a um grupo. De acordo com Dias, a conversão às religiões evangélicas supõe que o indivíduo conheça os dogmas e a doutrina e tenha o seu comportamento orientado por ela. Destaca, assim, que nem toda adesão religiosa pode ser chamada de conversão. A conversão exige que seja seguido um sistema de crenças orientado por uma cosmovisão, envolvendo uma mudança profunda e radical que passa pela transformação nas crenças, valores, no comportamento, na identidade e no universo discursivo. A pesquisadora registra também que a religiosidade evangélica no interior da prisão se distancia da prática religiosa fora da prisão, porque a adesão às Igrejas evangélicas na prisão implica na aceitação de todas as suas regras e na participação de todas as suas atividades, bem como no abandono de todas as atividades proibidas pela Igreja (consumo de álcool e drogas, prática de esportes, etc.)²⁸⁶.

Esclarecidas as diferenças entre conversão e adesão e entre a tradição católica e a tradição evangélica na prisão, é importante compreender como a conversão evangélica tem sido interpretada. Verificou-se que, a despeito de a conversão poder ser compreendida como um processo gradual de mudança no repertório de papéis que o sujeito exerce na dinâmica social²⁸⁷, Camila Dias aponta que é preciso considerar as disposições institucionais que delineiam as prerrogativas pessoais do indivíduo na prisão. Isto porque a conversão, no interior dessa instituição, é influenciada por fatores extra-religiosos. A autora apresenta os resultados de pesquisa realizada entre os anos de 2003 e 2004 na Penitenciária I de São Vicente e na Penitenciária do Estado de São Paulo. Dias analisa a imagem dos conversos na

²⁸⁴ LIMA, Ana Paula de Melo. **Religião entre grades**: a assistência religiosa católica e os presidiários. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011. P. 89/90.

²⁸⁵ "Na concepção evangélica, religião e vida cotidiana são inseparáveis. O compromisso de tornar visível a opção religiosa e, a demonstração da condição de 'crente' é vista como testemunho da fé". LOBO, Edileuza Santana. Católicos e evangélicos em prisões do Rio de Janeiro. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 61, p. 22-29, 2005. P. 26.

²⁸⁶ DIAS, Camila Caldeira Nunes. **A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo**: religião e violência na prisão. São Paulo: Humanitas, 2008. P. 90/91.

²⁸⁷ MARQUES, Vagner Aparecido. **O irmão que virou irmão**: rupturas e permanências na conversão de membros do PCC ao pentecostalismo na Vila Leste - SP. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

dinâmica prisional sob a perspectiva teórica do interacionismo simbólico, interpretando o papel do evangélico na vivência prisional a partir das influências recíprocas entre papéis sociais encenados e projetados pelo/sobre o indivíduo. A pesquisadora entende que, nesse universo, não é possível pensar em um processo lento de transformação no que diz respeito à mudança de identidade. Pelo contrário, para ela, a prisão exige uma delimitação rápida e rígida de qual identidade será assumida. Isto porque a inclusão em uma categoria implica, necessariamente, a exclusão de outra e o repertório de categorias na prisão é bastante limitado, não oferecendo aos seus habitantes uma margem mais larga de escolha²⁸⁸.

Em função disso, a conversão religiosa, na prisão, é tratada como uma ruptura biográfica radical, que representa o abandono súbito de uma identidade em favor de outra. Quando o indivíduo resolve assumir um novo papel, este papel já está definido anteriormente pelo grupo, cabendo a ele apenas se ajustar e aprender a desempenhá-lo, desintegrando as estruturas de significações anteriores. Assim, segundo Dias, a conversão não se processa gradativamente, mas de forma repentina e radical, sendo muito comum atribuí-la à ocorrência de milagres para justificar a abrupta mudança. "O milagre significa a prova da existência de Deus e de um plano divino para sua vida. Representa o ponto de ruptura com a biografia passada e o surgimento do 'homem novo' que deixou todos os vícios e está em busca de 'santificação'"²⁸⁹.

Além disso, de acordo com Dias, os convertidos fazem uma reinterpretação biográfica a partir do novo universo discursivo propiciado pela religião, o que confere sentido para a sua história. A doutrina religiosa seria aplicada para explicar os fatos que levaram o sujeito a ter a sua liberdade restringida, bem como as humilhações e os constrangimentos vividos na prisão. A pena seria interpretada como um castigo autorizado por Deus em face dos erros cometidos no passado e o tempo de privação de liberdade seria compreendido como um tempo de aprendizado que poderia ser dedicado ao conhecimento do Evangelho²⁹⁰. Dias também identifica, nas entrevistas, assunção de culpa pelos atos praticados, de modo que o passado é visto como um período de erros, porém importante para o despertar da consciência religiosa, e o presente é entendido como um momento de

²⁸⁸ "Na prisão (instituição total cujas disposições atuam direta e constantemente sobre a identidade de seus integrantes, mutilando-a e despedaçando-a continuamente), quando questões relativas à constituição de uma nova ou à transformação da velha identidade estão envolvidas, exige-se do indivíduo, rapidamente, uma definição. Na prisão, não existe meio-termo em relação ao que se é: ou o indivíduo é *malandro*, *bandido*, ou não é. Ou é *guarda* ou é *preso*. Ou é crente ou não é". DIAS, Camila Caldeira Nunes. **A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo: religião e violência na prisão**. São Paulo: Humanitas, 2008. P. 104.

²⁸⁹ *Ibid.* P. 105.

²⁹⁰ *Ibid.* P. 125 e ss.

aprendizado e de preparação para o futuro. Segundo Dias, seus informantes não justificam o passado criminoso como resultado da interferência do Diabo, conseguindo dar sentido à sua trajetória. Nas palavras da autora: "O sentido é recomposto e o mundo social, por fim, reordenado de forma significativa"²⁹¹. Assim, como Dias, Eva Lenita Scheliga afirma que seus informantes sempre retrataram o mal como afastamento de Deus e não como ação do Demônio. Sua hipótese é que isso se deve ao fato de que a maioria dos informantes se vinculava a Igrejas mais tradicionais²⁹².

Para verificar como as pessoas presas elaboram a experiência de criminalização vivenciada, Carlos Augusto Teixeira Magalhães realizou a análise dos efeitos do envolvimento com o crime, da acusação, da condenação e do aprisionamento sobre o indivíduo rotulado e examinou a possível existência de certas variáveis que favoreçam a sua sujeição²⁹³. Assim, o pesquisador procurou compreender, por meio do exame de narrativas de pessoas condenadas pelo sistema de justiça criminal, como a reação social voltada para o agente de condutas criminalizadas contribui para a constituição da criminalidade²⁹⁴. Magalhães considera que a definição de condutas indesejáveis volta a vigilância e perseguição para segmentos da população que são vistos como seus praticantes em potencial. Esse processo de incriminação preventiva enseja a acusação, a condenação e a sujeição criminal, concebida como a incorporação das características individuais que explicariam a propensão para a prática de atividades criminosas. A sujeição indica, portanto, a identificação com o próprio estigma. Nesse sentido, é possível afirmar que o rótulo afeta a subjetividade na medida em que é absorvido e reproduzido.

Parte das pessoas entrevistadas por Magalhães se reconhece no rótulo, assume a situação de sujeição e se apresenta como um sujeito criminoso²⁹⁵. Nestes casos, os motivos

²⁹¹ DIAS, Camila Caldeira Nunes. **A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo**: religião e violência na prisão. São Paulo: Humanitas, 2008. P. 140.

²⁹² SCHELIGA, Eva Lenita. **“E me visitastes quando estive preso”**: sobre a conversão religiosa em unidades penais de segurança máxima. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000. P. 121.

²⁹³ MAGALHÃES, Carlos Augusto Teixeira. **O crime segundo o criminoso**: um estudo de relatos sobre a experiência da sujeição criminal. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. P. 21.

²⁹⁴ *Ibid.* P. 44.

²⁹⁵ Ao estudar a perseguição da população negra pelo sistema de justiça criminal estadunidense, Michelle Alexander ratifica as conclusões de Carlos Magalhães, indicando que a aceitação do rótulo de criminoso é uma estratégia autossabotadora, pois acentua a exclusão social. No mesmo sentido, no Brasil, Ana Luiza Pinheiro Flauzina afirma que o sistema penal fez com que os negros assimilassem a inferioridade, naturalizando-a. Em suas palavras: "Nestes termos, dentro da empresa mercantil que formulou sua arquitetura punitiva a partir do discurso racista da inferioridade negra, o manejo do sistema penal, principalmente pela difusão do medo e seu poder desarticulador, cumpriu um papel fundamental nos processos de naturalização da subalternidade. Ou seja, os mecanismos de controle, mais do que manter a população negra na posição da subserviência, deveriam ser capazes de fazer com que os negros internalizassem, assumissem a inferioridade como parte da constituição

indicados para o cometimento de crimes são a influência de amigos, a desestruturação familiar e o desejo de consumo. De acordo com o pesquisador, na interpretação do seu envolvimento com o crime, os entrevistados "procuram aqueles fatores que fazem sentido em sua própria percepção subjetiva e que, ao mesmo tempo, seja sustentado convencionalmente de alguma forma"²⁹⁶. Magalhães explica que muitos entrevistados tentam aliviar sua responsabilidade com indicação de várias "desculpas" para o comportamento criminoso: "Costumam se justificar dizendo que foram conduzidos por alguma força independente da vontade. As drogas, a bebida, a natureza de ladrão ou as quase sempre presentes más companhias têm a preferência nos discursos de neutralização da culpa"²⁹⁷. Na maioria dos casos, o envolvimento com o crime é apontado como consequência do uso de drogas, das más influências ou da desestruturação familiar. O crime é entendido como resultado de uma variedade de fatores fortuitamente arrançados. Infere-se, assim, que não há responsabilização pelos atos praticados, interpretação que é ratificada quando os entrevistados sugerem que não enxergam possibilidade de mudanças e saída do crime em função da dificuldade de conseguir emprego.

Nessa trilha, o envolvimento com o crime é narrado como algo inevitável, uma espécie de destino, e a passagem pela prisão é vista como natural e inerente à sua condição de criminoso. Em outras palavras, a prisão representa um risco assumido ou, no mínimo, consciente e "o risco é visto como uma parte inseparável da atividade"²⁹⁸. Muitas pessoas próximas estão presas e, muitas vezes, os próprios entrevistados já foram presos ou já passaram por instituições de menores, de modo que a prisão pode acontecer a qualquer momento; a prisão é aguardada e sua aproximação é gradativa. Já se fez esta mesma leitura em pesquisa sobre a representação do pertencimento para membros de facção que estavam presos²⁹⁹, ocasião em que se identificou que a experiência de encarceramento é percebida pelos integrantes da facção como inevitável e a passagem pela prisão é naturalizada. Ao relataram suas perspectivas de futuro, os informantes indicaram que a prisão é esperada, o que permite concluir que ela não é percebida como uma experiência de ruptura. O ingresso

de seu caráter". FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo Negro Caído no Chão**: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro. 2006. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, 2006. P. 50. ALEXANDER, Michelle. **A nova segregação**: racismo e encarceramento em massa. Tradução Pedro Davoglio. São Paulo: Boitempo, 2017. P. 250.

²⁹⁶ MAGALHÃES, Carlos Augusto Teixeira. **O crime segundo o criminoso**: um estudo de relatos sobre a experiência da sujeição criminal. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. P. 111.

²⁹⁷ *Ibid.* P. 179.

²⁹⁸ *Ibid.* P. 121.

²⁹⁹ BAZO, Andressa Loli. **Leis do cárcere e inclusão social**: uma análise institucional do discurso de uma facção. Belo Horizonte: D'Plácido, 2019.

nas práticas criminais é narrado de maneira automática e a chegada à prisão é simbolizada pelo verbo "cair". Nesse sentido, pode-se afirmar que o emprego do verbo "cair"³⁰⁰ como sinônimo de ser preso e o contexto no qual ele é empregado indicam que a prisão representa uma perda previsível para quem processou a sujeição criminal.

Magalhães também considera na sua análise os efeitos da religião sobre a sujeição criminal. "As religiões evangélicas têm uma presença muito forte no ambiente da cadeia e as suas concepções são utilizadas com frequência pelos presos nos relatos que constroem"³⁰¹. O pesquisador separa a condição das pessoas que se converteram à religião evangélica, afirmando que elas costumam atribuir o envolvimento com o crime à influência do Demônio. Nesse sentido, a causa do crime não é identificada nas más influências nem na deterioração familiar ou no uso de drogas, mas por força da ação do Diabo. O autor também afirma que a conversão opera como uma ruptura com a criminalidade, impedindo a reincidência. Para seus entrevistados, Deus é o único que pode mudar o homem e impedi-lo de praticar novos crimes³⁰². Dessa forma, Magalhães avalia que uma das estratégias mais eficientes para amenizar a sujeição é justamente a filiação religiosa, porque, por meio dela, o preso procura provar a sua mudança. Com a conversão, o preso assumiria um novo discurso, que lhe permitiria reconfigurar a sua interpretação do passado, atribuindo a poderes malignos o seu envolvimento com o crime, poderes estes que passariam a ser combatidos por força da sua crença em Deus³⁰³.

³⁰⁰ BAZO, Andressa Loli. **Leis do cárcere e inclusão social**: uma análise institucional do discurso de uma facção. Belo Horizonte: D'Plácido, 2019. P. 104.

³⁰¹ MAGALHÃES, Carlos Augusto Teixeira. **O crime segundo o criminoso**: um estudo de relatos sobre a experiência da sujeição criminal. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. P. 99.

³⁰² "Os discursos da influência do mal e da conversão são interessantes por que são os que mais "desresponsabilizam" o agente pelos seus atos. Tanto no aspecto da prática do crime, como no aspecto da recuperação. O agente foi levado pelas forças do mal ao envolvimento como as atividades ilícitas e será salvo pelas forças do bem pelo fato de ter aceitado a salvação religiosa. Os convertidos foram os que mais se preocuparam durante as entrevistas em se apresentarem como pessoas que não tinham mais nenhum envolvimento com o crime. O crime seria uma coisa do passado da qual já estariam livres pela graça divina. É claramente o relato mais eficaz, pelo menos do ponto de vista do seu produtor, em relação ao objetivo de negar e romper com o processo da sujeição criminal". *Ibid.* P. 106.

³⁰³ "Entre as tentativas de neutralizar a sujeição, a mais eficiente – do ponto de vista do próprio entrevistado – seria aquela que é sustentada pela conversão religiosa. Os entrevistados que se apresentaram como convertidos a alguma denominação evangélica procuraram se mostrar como novas pessoas, diferentes daquelas que, no passado, praticaram crimes. A conversão propicia um relato convincente sobre a existência anterior de uma criminalidade que deixa de existir após a entrega religiosa. Após a conversão, a pessoa que tinha envolvimento com o crime não existe mais. Foi substituída por uma nova pessoa que conhece e aceita a ação de Deus em sua vida. As causas do envolvimento com o crime, para os entrevistados convertidos, estão relacionadas às influências malignas, que cessam após a conversão. Esses entrevistados estão entre os poucos que se mostram confiantes no futuro, pois crêem que Deus lhes oferecerá um emprego no momento em que saírem da prisão. O 'sucesso', por assim dizer, do relato da conversão está ligado ao fato de que os pastores estão sempre presentes pregando nas prisões; os próprios presos formam grupos separados e organizam cultos frequentes. Há nitidamente um esforço coletivo de sustentação do sentido de realidade que é construído por meio dos relatos

Buscando compreender o sentido dado à religião a partir de entrevistas que focavam na história de vida dos internos do presídio da polícia militar "Romão Gomes", Maria Carolina Andery explica que a crise de identidade é caracterizada pela perda de sentido e busca por novas respostas e pelo surgimento de novas necessidades a serem atendidas, revelando um processo permanente de metamorfose em busca de emancipação³⁰⁴. Concebendo a identidade como resultado de um processo de desenvolvimento e articulação entre a individuação e a socialização, isto é, como um processo de formação que ocorre em certas condições materiais e históricas e integra natureza e cultura, Andery procura o significado social da religião e sugere que as transformações identitárias são resultado da ressignificação da experiência como forma de atribuir sentido a ela e alcançar a emancipação. Por outro lado, como visto no capítulo anterior, Mariana Côrtes³⁰⁵ mostra que nem todos os conversos conseguem conferir sentido à sua trajetória. Nessa linha, Rita Laura Segato identifica que, no Centro de Internação e Reabilitação do Distrito Federal, mais conhecido como presídio da "Papuda", existe um monopólio cristão de acesso à superioridade moral, explicando que as religiões cristãs, especialmente as evangélicas, dominam o discurso sobre o bem e o mal, impedindo a reflexão e responsabilização com a imposição dos seus dogmas³⁰⁶.

Considerando a configuração das relações sociais estabelecidas no ambiente prisional, Dias procura situar a prática evangélica num contexto regulado por valores e normas específicas. Assim, a pesquisadora analisa a mudança de valores, crenças, normas de conduta, regras morais, comportamentos e forma de interpretar os acontecimentos gerada pela conversão. A mudança de comportamento decorrente da conversão religiosa é interpretada por Dias como uma transição do mundo do crime para o mundo do trabalho. A trajetória biográfica do indivíduo seria reconstruída a partir do discurso religioso, que atribuiria novos sentidos à sua história de vida pretérita e conformaria a sua identidade

da conversão religiosa". MAGALHÃES, Carlos Augusto Teixeira. **O crime segundo o criminoso**: um estudo de relatos sobre a experiência da sujeição criminal. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. P. 197/198.

³⁰⁴ ANDERY, Maria Carolina Rissoni. **Emancipação e submissão por meio da religião?**: histórias de vida no Presídio da Polícia Militar "Romão Gomes". 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

³⁰⁵ CÔRTEES, Mariana Magalhães Pinto. **O bandido que virou pregador**: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005; CÔRTEES, Mariana Magalhães Pinto. **Diabo e fluoxetina**: formas de gestão da diferença. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2012.

³⁰⁶ SEGATO, Rita Laura. Religião, vida carcerária e direitos humanos. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 61, p. 40-45, 2005.

segundo os preceitos evangélicos, moldando, com isso, o seu futuro por via do trabalho, da educação e da manutenção de vínculos familiares³⁰⁷.

Com a conversão ao pentecostalismo, a pena passaria a significar a expiação da culpa, servindo simultaneamente de castigo, redenção e aprendizado. Ao encontrar justificativa na pena, o convertido atribuiria sentido ao passado, percebendo a transgressão à lei como uma violação da lei divina e encontrando no presente o tempo de reconhecimento dos seus erros que lhe permitiria o retorno à sociedade. Para além de reconstruir o significado da trajetória do indivíduo, na leitura de Dias, o discurso religioso permitiria traçar uma perspectiva de futuro no mundo do trabalho³⁰⁸. Essa atribuição de novos sentidos ao passado, presente e futuro decorrente da adesão a novos valores permitiria reestabelecer ordem para a vida e, com isso, legitimaria a reconfiguração das normas de conduta³⁰⁹. A passagem do mundo do crime ao mundo do trabalho, ou a substituição das práticas ilícitas por uma atividade cuja remuneração, via de regra, é muito inferior àquela obtida ilicitamente, seria justificada em face do valor atribuído ao trabalho e legitimada pela condenação do pecado da ganância³¹⁰. O retorno ao convívio social seria forjado a partir do resgate dos laços rompidos com a família, ou, quando isto não fosse possível, a Igreja atuaria como suporte para a manutenção da consciência social e da ordem moral que deve orientar as ações do indivíduo³¹¹.

Tendo realizado sua pesquisa com um grupo evangélico vinculado a Assembleia de Deus e denominado de Estrela do Cárcere, na Penitenciária Estadual do Jacuí, no município de Charqueadas, Rio Grande de Sul, entre os anos de 2003 e 2004, Alessandro Bicca mostra como os evangélicos transitam por valores e códigos do universo prisional para obter status perante os demais presos. O pesquisador explica que os integrantes do grupo evangélico Estrela do Cárcere utilizam sua trajetória no crime como recurso discursivo de evangelização, ressignificando o passado para oferecer testemunho do poder de Deus, tal como identificado por Córtes nos depoimentos dos bandidos que viraram pregadores³¹². Para

³⁰⁷ DIAS, Camila Caldeira Nunes. Conversão evangélica na prisão: sobre ambigüidade, estigma e poder. **Plural – Revista do Curso de Pós-graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 13, p. 85–110, 2006. P. 88.

³⁰⁸ *Ibid.* P. 88.

³⁰⁹ "A conversão religiosa permite, em suma, uma reinterpretação biográfica, dentro do aparelho legitimador da nova realidade proposta pelo discurso religioso. Esse aparelho legitimador promove a harmonização do passado, do presente e do futuro do indivíduo, descartando alguns traços e eventos, re-significando outros, produzindo, desta forma, um conjunto de acontecimentos que são plenamente significativos. Afasta-se, assim, o caos e a anomia, e restaura-se a ordem e o sentido da vida do converso [...]" *Ibid.* P. 88.

³¹⁰ *Ibid.* P. 89.

³¹¹ *Ibid.* P. 92.

³¹² CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **O bandido que virou pregador: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores**. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de

ter acesso e interlocução com as lideranças dos presos que definem as regras e hierarquias da instituição, os evangélicos precisam gozar de prestígio e honra. De acordo com Bicca: "A honra está em não trair os 'códigos da cadeia', que implica em ter hombridade - revidar as agressões sofridas -, manter a palavra até as últimas consequências, não delatar os demais presos e resolver todas as questões internamente na galeria"³¹³.

Além disso, o trânsito entre os dois códigos de conduta revela também um trânsito entre o mundo do crime e o mundo da fé. Conforme narra Bicca, a justificativa dada às transgressões praticadas por evangélicos, seja por aqueles que já apresentavam trajetória religiosa antes de serem presos, por aqueles que cometeram alguma infração dentro da prisão ou por aqueles que conviviam com o grupo evangélico e retornaram à prisão por terem reincidido no comportamento delituoso após saírem em liberdade, é de que a conversão não teria se completado. A maioria dos evangélicos alega que somente após sofrimento e dificuldades compreenderam verdadeiramente a "palavra do Senhor" ou foram tocados pelo amor de Deus. A transgressão, na prisão ou fora dela, é explicada como resultado de um afastamento provisório de Deus. Ao mesmo tempo, alguns não garantem que não vão mais praticar crimes, porque podem sucumbir a poderes malignos. Asseguram que estão convertidos e explicam que precisam estar atentos às tentações. Com isso, reservam-se a possibilidade de empregar novamente o mesmo discurso de conversão caso voltem a ser presos³¹⁴.

Ana Beatriz de Vilhena Pereira concorda com Bicca ao afirmar que, para sobreviver na prisão, o evangélico precisa transitar entre dois códigos: do crime e da Igreja³¹⁵. Isto porque a Igreja está dentro da prisão e a prisão é governada pelo código da massa. A Igreja pode estar separada, mas não está isolada nem imune à dinâmica prisional. Assim, das pesquisas apresentadas, pode-se inferir que a transformação da identidade traduz um processo de negociação com os grupos que ocupam a prisão. Apesar de ser possível afirmar uma identidade evangélica, essa identidade se comunica e se molda pelo ambiente, constituindo-se no/pelo jogo de forças das leis, valores e hábitos articuladas pelos grupos de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005.

³¹³ BICCA, Alessandro. **Os eleitos do cárcere**: etnografia sobre violência e religião no sistema prisional gaúcho. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. P. 68.

³¹⁴ *Ibid.* P. 55-60.

³¹⁵ PEREIRA, Ana Beatriz de Vilhena. **“São os evangélicos que seguram essa cadeia, se não fossem eles, quem iria converter os mauzão?”**: considerações sobre o papel do “proceder evangélico” na prisão. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017. P. 32/76/90.

presos e agentes de segurança, assim como pelos demais "vasos comunicantes" - familiares, agentes religiosos, advogados, etc..

4.3 EFEITOS DA CONVERSÃO NA AUTORREPRESENTAÇÃO DO EVANGÉLICO, NAS INTER-RELAÇÕES E NA DINÂMICA PRISIONAL

Em pesquisa realizada em 1999 na Prisão Provisória de Curitiba e na Penitenciária Central do Estado do Paraná, unidades de segurança máxima vinculadas ao DEPEN/PR, Eva Lenita Scheliga³¹⁶ analisa a conversão de presos a religiões protestantes de orientação pentecostal, tomando a conversão como sinônimo de mudança de discursos e práticas e estudando a reelaboração do vínculo entre a vida social e a prática religiosa dentro do que considerou ser uma "instituição total". A pesquisadora conclui que a conversão religiosa não provoca mudanças apenas na cosmovisão e na conduta do converso, mas nas relações travadas com outros detentos e com funcionários da prisão. Nesse sentido, de acordo com Scheliga, a conversão religiosa torna possível uma mudança de status do preso, moldando a sua disposição social e simbólica no mundo e na prisão.

Segundo Edileuza Lobo, os administradores das unidades prisionais entendem que evangélicos geram menos conflitos e tornam o ambiente calmo³¹⁷. No mesmo sentido, Alessandro Bicca aponta que os evangélicos são conhecidos por não se envolverem em problemas disciplinares³¹⁸. Para Scheliga, os funcionários do quadro técnico-administrativo da instituição apresentam grande desconfiança sobre a conversão dos detentos, mas, independentemente disso, os classificam como mais tranquilos e fáceis de lidar. Assim, os funcionários da prisão seriam céticos em relação ao papel ressocializador da religião, mas considerariam que, independentemente da veracidade da conversão, os evangélicos dão menos trabalho e contribuem para a manutenção da estabilidade e disciplina na instituição. De outra parte, na ótica dos convertidos, por sua vez, a conversão promoveria mudanças de comportamento e de atitudes e reconfiguraria a representação social a respeito deles, redefinindo a dinâmica prisional, especialmente no que diz respeito à segurança³¹⁹.

³¹⁶ SCHELIGA, Eva Lenita. **“E me visitastes quando estive preso”**: sobre a conversão religiosa em unidades penais de segurança máxima. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

³¹⁷ LOBO, Edileuza Santana. Católicos e evangélicos em prisões do Rio de Janeiro. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 61, p. 22–29, 2005.

³¹⁸ BICCA, Alessandro. **Os eleitos do cárcere**: etnografia sobre violência e religião no sistema prisional gaúcho. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

³¹⁹ SCHELIGA, Eva Lenita. **“E me visitastes quando estive preso”**: sobre a conversão religiosa em unidades

No campo da Ciência da Religião, Ana Beatriz de Vilhena Pereira realizou pesquisa na Penitenciária Professor Ariosvaldo de Campos Pires, em Juiz de Fora, Minas Gerais, entre os anos de 2015 e 2016, e teve experiência como professora de história da unidade durante o segundo semestre de 2012. A partir das informações colhidas em campo, a autora defende que existe um "proceder evangélico" na prisão, o qual consistiria simultaneamente no código de condutas e na subjetividade dos presos evangélicos. De acordo com ela, o "proceder evangélico" na prisão "existe enquanto *função* - de acalmar e ordenar as relações da dinâmica social da prisão; e a de *produtor de sentido e conforto* para o indivíduo que se encontra em situação de degradação moral, o preso"³²⁰. A autora infere que a religião serve à manutenção da ordem na prisão ao estimular o controle dos impulsos e que "a religião surge como salvação em meio ao caos"³²¹, conferindo sentido para a situação de sofrimento vivida na instituição. Pereira sustenta que os presos convertidos sofrem uma reforma moral subjetiva que repercute nas interações com o grupo evangélico e que os detentos não evangélicos, agentes religiosos externos, agentes penitenciários e demais funcionários, ao interagirem com o "proceder evangélico", atualizam o sentido e as práticas desse código. Dessa forma, a manutenção do "proceder evangélico" dependeria da atuação de pastores externos que figuram como líderes e exercem forte influência sobre os detentos com seu trabalho de evangelização. De acordo com a autora, este trabalho estabelece um código ético e forma uma comunidade de discípulos, o que contribui para a manutenção da ordem na prisão.

Em pesquisa realizada entre os anos de 2013 e 2016 no Presídio Cataguases, em Minas Gerais, cujo objetivo era analisar o efeito do discurso religioso sobre os presos, Ana Idalina Carvalho Nunes conclui que o discurso religioso não provoca uma mudança imediata de valores, mas pode ensejar uma apropriação polissêmica em que o discurso religioso pode ser utilizado para fundamentar os posicionamentos do preso. Entre as possibilidades decorrentes da apropriação do discurso religioso, Nunes destaca que este pode levar o preso a ressignificar a sua caminhada, pode servir como conforto, pode ajudá-lo a conquistar postos privilegiados junto à direção e pode, inclusive, ser utilizado como explicação para a prática de crimes³²².

penais de segurança máxima. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

³²⁰ PEREIRA, Ana Beatriz de Vilhena. **“São os evangélicos que seguram essa cadeia, se não fossem eles, quem iria converter os mauzão?”**: considerações sobre o papel do “proceder evangélico” na prisão. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017. P. 33.

³²¹ *Ibid.* P. 34.

³²² NUNES, Ana Idalina Carvalho. **Discurso religioso no cárcere**: caminhos e possibilidades. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de

Nunes concebe a ação religiosa como uma submissão ideológica com aptidão para a ressocialização do preso e afirma que a religião seria responsável por trazer aceitação ao sujeito, levando-a a suportar melhor a sua posição na cadeia, na família e na sociedade em geral. Assim, a religião teria um papel fundamental de levar o preso a se conformar com sua situação e a se submeter às normas, ainda que acriticamente. A autora defende que a ação religiosa pode ser considerada como um instrumento ressocializador porque leva o sujeito a aceitar o seu estado de miserabilidade, voltando-se para o seu adestramento. "O discurso religioso pode garantir a resignação e a igreja poderá lhe dar o acolhimento que fã-lo-á sentir-se importante"³²³. Nesse sentido, sugere que a atuação dos grupos religiosos nas prisões fortalece o processo de degradação da identidade do preso, sendo que esta mutilação seria condição para a sua ressocialização.

Nunes aplica os conceitos de "instituição total" e de "mortificação do eu" formulados por Goffman, defendendo a atualidade dos estudos deste autor e sua compatibilidade com as prisões brasileiras. Segundo a autora, ao ter a sua autoimagem destruída pelo aprisionamento, o sujeito busca se adaptar às circunstâncias e ressignifica a sua percepção de si mesmo a partir das interações com os grupos sociais que participam do cotidiano prisional. De acordo com Nunes, essa ressignificação, quando movida pela ação religiosa, pode assumir quatro formas: uma ressignificação temporária, em que o sujeito busca forças para superar as dificuldades imediatas; uma ressignificação profunda, em que o sujeito faz uma revisão da sua caminhada a partir do discurso religioso; uma ressignificação polissêmica, em que conta com a ajuda de Deus na sua trajetória no crime; e uma ressignificação crítica, em que o sujeito se apropria do discurso religioso para refutá-lo. Qualquer destas formas o levaria a modificar a sua forma de perceber a si mesmo e ao mundo.

Hilton de Miranda Gonçalves avalia, por meio de pesquisa empírica realizada no Conjunto Penal de Jequié, na Bahia, se a conversão religiosa cria condições de desenvolvimento humano dentro da prisão e funciona como um meio capaz de amenizar as violências e arbitrariedades próprias desse ambiente. Gonçalves infere que a religião na prisão pode ter dois papéis diametralmente opostos: de um lado, pode servir de suporte para a conquista de melhores condições de vida após o cumprimento da pena, colaborando com

Fora, 2017. P. 103.

³²³ NUNES, Ana Idalina Carvalho. **Discurso religioso no cárcere: caminhos e possibilidades**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017. P. 116.

a emancipação do preso; de outro, pode determinar a forma de se vestir, de se expressar e de se comportar, revelando um processo de assujeitamento.

A religião pode renovar as esperanças dos presos com expectativa de apropriações materiais e espirituais na melhoria da sua qualidade de vida; pode representar, de outra banda, limitações pessoais profundas, tendo em vista que a igreja influencia a vida do evangélico, como a forma de se vestir, os hábitos da fala e formas de expressão, os cuidados com o corpo e mente, ou seja, atua em todos os níveis dos sentidos humanos, implicando no direcionamento de comportamentos, revelando um processo libertador, por um lado, e totalitário por outro, o que o qualifica como naturalmente complexo, porque é contraditório no seu âmago.³²⁴

No mesmo sentido, Fábio Firmino de Araújo, em pesquisa realizada na Penitenciária de Segurança Máxima Criminalista Geraldo Beltrão, localizada em João Pessoa, no estado da Paraíba, afirma que "os princípios norteadores da fé cristã têm contribuído sistematicamente para minimizar conflitos de ordem interpessoal entre prisioneiros"³²⁵. Essas conclusões parecem corroborar as ideias de que a conversão conduziria a uma (re)aproximação da família, assim como a uma convivência mais pacífica entre detentos e entre detentos e funcionários. Ana Paula de Melo Lima atribui quatro papéis à religião na prisão: como proteção à violência; como redenção pela prática de um crime; como ocupação em meio ao ócio; como possibilidade de contato com o mundo em meio ao isolamento.

Em respostas as privações e humilhações sofridas no cárcere, a religião surge como um possível meio de fuga ou de auto-proteção das mazelas ali vividas. Em resposta ao arrependimento do crime cometido, os valores religiosos surgem como um possível meio de libertação das culpas. Em resposta a vida ociosa vivida na prisão, a religião aparece como um possível meio de lazer. E por último, em relação ao isolamento produzido pelo encarceramento, a religião configura-se em uma possibilidade de contato com o mundo exterior, através da interação com os agentes religiosos.³²⁶

Camila Dias também reconhece alguns aspectos positivos da conversão às Igrejas pentecostais, como combate ao vício em drogas, organização de estratégias de sobrevivência, enfrentamento à pobreza, fortalecimento de laços familiares, renúncia à cultura da violência, recuperação da autoestima, revalorização do sujeito³²⁷. Para a autora, a Igreja é capaz de reconstruir os laços dos indivíduos com suas famílias e de aproximá-los da comunidade, resgatando vínculos existentes, estimulando novas formas de solidariedade e

³²⁴ GONÇALVES, Hilton de Miranda. **A conversão religiosa como instrumento de tutela dos direitos fundamentais no Conjunto Penal de Jequié-Bahia**. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Segurança Pública) - Faculdade de Direito, Universidade Federal da Bahia, 2015. P. 69.

³²⁵ ARAÚJO, Fábio Firmino de. **Mercado de almas aflitas: crime, castigo e conversão religiosa**. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, 2008. P. 114.

³²⁶ LIMA, Ana Paula de Melo. **Religião entre grades: a assistência religiosa católica e os presidiários**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011. P. 80.

³²⁷ DIAS, Camila Caldeira Nunes. **A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo: religião e violência na prisão**. São Paulo: Humanitas, 2008. P. 153.

diminuindo o sentimento de desenraizamento social³²⁸. No entanto, a pesquisadora destaca que os evangélicos são destinatários de uma política de vigilância opressora. Nas suas palavras: "Mais do que possibilidade dada àqueles que assim desejam, a pertença religiosa é o resultado das formas violentas e autoritárias que regem as relações sociais na prisão e da completa ausência do Estado no exercício de suas responsabilidades sobre aqueles que estão sob tua tutela"³²⁹.

Apesar de poder atuar no sentido de redução da violência física, Gonçalves indica que a religião também pode ser fonte de opressão. Ao analisar a relação entre as Igrejas evangélicas e o crime organizado nas prisões, Gonçalves afirma que é preciso reconhecer que o crime organizado não é o único aglutinador de poder dentro das instituições penais e que, embora as Igrejas tenham objetivos distintos do crime organizado, ambos imprimem sentido de controle e dominação das pessoas e do meio social onde atuam. O autor menciona que a origem do crime organizado está atrelada às lutas contra a opressão estatal. Para Gonçalves, as Igrejas evangélicas, assim como o crime organizado, também reivindicariam a garantia de direitos existenciais mínimos, buscando legitimar suas ações em valores como respeito e solidariedade. Outras características comuns a ambos os grupos seriam a obediência, a disciplina, a ordem e a hierarquia³³⁰.

Se é certo que a dominação hierarquizada da religião na cadeia é fonte de poder, é imperioso concluir que a religião pode ser meio eficaz na busca pela proteção e consagração dos direitos humanos fundamentais, valendo-se de meios não violentos para alcance dos seus objetivos, o que favorece a legitimidade social de suas ações.³³¹

"De forma subjacente à formação de um poder", Gonçalves acredita que "a religião funciona como uma fonte de resgate e legitimidade social do preso"³³², porque o módulo evangélico, na leitura do autor, oferece ao detento um ambiente seguro, dentro de uma instituição marcada por violências das mais diversas ordens, o que indica a existência de um paradoxo, uma vez que proteção e dominação parecem caminhar juntas. Segundo Bicca, para os evangélicos, os demais presos vivem em ambiente marcado pela violência, pela vingança e pela promiscuidade, enquanto aos evangélicos é reservado um espaço próprio, supostamente melhor do que aquele destinado aos demais presos e protegido das ameaças

³²⁸ DIAS, Camila Caldeira Nunes. **A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo: religião e violência na prisão**. São Paulo: Humanitas, 2008. P. 169.

³²⁹ *Ibid.* P. 248.

³³⁰ GONÇALVES, Hilton de Miranda. **A conversão religiosa como instrumento de tutela dos direitos fundamentais no Conjunto Penal de Jequié-Bahia**. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Segurança Pública) - Faculdade de Direito, Universidade Federal da Bahia, 2015. P. 72 e ss.

³³¹ *Ibid.* P. 76.

³³² *Ibid.* P. 103.

externas. Além disso, os evangélicos teriam acesso a uma comunidade de apoio emocional e material durante e após o cumprimento da pena, o que lhes renderia "perspectivas futuras de inserção e ascensão social"³³³. No entanto, neste ambiente reservado, os evangélicos teriam as suas ações constantemente avaliadas e a violência não seria mais percebida assim apenas porque o discurso religioso a justificaria como castigo pela desobediência à "vontade divina".

Em etnografia que busca compreender a presença religiosa pentecostal no cotidiano de uma instituição carcerária e quais os impactos da convivência entre internos religiosos e internos que não são religiosos em termos de mudança de comportamento e construção da realidade, Eliakim Lucena de Andrade realizou entrevistas com internos da Casa de Privação Provisória de Liberdade Professor Clodoaldo Pinto (CPPL II), localizada em Itaitinga, município da Região Metropolitana de Fortaleza, no Ceará. A partir do pressuposto de que existe uma relação de dominação exercida pela religião sobre os atores que integram o universo prisional, instrumentalizando e legitimando uma determinada ordem, o autor procurou analisar as "formas como os internos da CPPL II são moldados, submetidos a certas rotinas, tornando-os maleáveis e, assim, transformando-os segundo determinados mecanismos e esforços"³³⁴. Andrade defende que os evangélicos pentecostais utilizam a crença religiosa "com intuito de instrumentalizar, impor e legitimar uma determinada ordem, contribuindo para afirmar a dominação de um grupo sobre outro"³³⁵. O pesquisador sustenta que a religião atua como um mecanismo de controle contínuo do comportamento dos internos. No entanto, para Andrade, o vínculo com a religião revelaria também uma possibilidade de acesso a direitos que, em regra, não são garantidos à população prisional. "Assim, os presos veem na religião uma oportunidade para se diferenciar da massa carcerária e angariar privilégios entre a administração das unidades"³³⁶.

Os motivos e os efeitos da conversão são largamente discutidos, porque a sua autenticidade é objeto de desconfiança no universo prisional. Nesse cenário, Scheliga classifica os presos em convencidos, convertidos, participantes e falsos convertidos. Convencidos seriam aqueles que não processaram a transformação, embora acreditem na sua mudança. Estes se comportariam como crentes, mas não teriam vivenciado internamente

³³³ BICCA, Alessandro. **Os eleitos do cárcere**: etnografia sobre violência e religião no sistema prisional gaúcho. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005. P. 58.

³³⁴ ANDRADE, Eliakim Lucena de. "**A Rua dos irmãos**": uma etnografia na prisão. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, 2014. P. 12.

³³⁵ *Ibid.* P. 21.

³³⁶ *Ibid.* P. 26.

uma mudança capaz de reconfigurar a sua postura no mundo. A distinção entre convencidos e convertidos não se assentaria no comportamento exterior, mas nas atitudes do preso, "compreendidas como ações determinadas por atributos baseadas num conjunto de disposições assimiladas que produziriam ações reconhecidas como corretas"³³⁷. Assim, não bastaria a adoção de um *ethos* religioso e a frequência a cultos. A transformação estaria condicionada a uma "tomada de atitude".

O que os definiria como "convertidos" seria algo que estaria além das "aparências". Comportamentos podem ser rotinizados, controlados pelo detento e pelos pares, mas, de acordo com os convertidos pesquisados, as "atitudes" não. Mudanças de atitude, ainda de acordo com esta lógica, somente seriam produzidas a partir da intervenção de uma força divina.³³⁸

Considerando que o comportamento poderia ser simulado, não bastaria uma mudança de comportamento para assegurar a conversão, mas uma internalização de atributos que repercutiria no jeito como o indivíduo se posiciona no mundo. Essa internalização de atributos é que é chamada de "atitude", sendo o comportamento apenas a sua exteriorização. As atitudes estariam vinculadas às características do converso: calmo, educado, verdadeiro, paciente, solidário, enquanto o comportamento referir-se-ia ao modo de falar, à ausência de vícios, à participação das atividades religiosas e à forma de agir.

Segundo Camila Dias, na prisão, o evangélico precisa demonstrar que uma mudança se operou em sua vida por meio das suas ações e interações cotidianas. Não basta introjetar o papel evangélico, é preciso interpretá-lo. Na sociedade mais ampla, um indivíduo desempenha vários papéis, de acordo com o contexto em que se insere. Entretanto, na prisão, como todas as atividades são realizadas num único local, os padrões de conduta e a aparência ligada ao papel de evangélico se impõe de forma mais intensa. Assim, após a conversão religiosa, o preso deve submeter todas as suas ações às determinações da Igreja e performar durante todo o tempo o papel de evangélico para validar essa nova identidade perante os outros presos e, também, perante os funcionários da prisão. Nas palavras da autora:

A conversão religiosa implica não apenas uma mudança na visão de mundo, nos valores, na identidade, no universo discursivo do indivíduo, mas também uma demonstração socialmente reconhecida dessa transformação. Trata-se, pois, de uma transformação não só subjetiva e interior, mas sobretudo exteriormente perceptível.³³⁹

³³⁷ SCHELIGA, Eva Lenita. "E me visitastes quando estive preso": sobre a conversão religiosa em unidades penais de segurança máxima. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000. P. 115.

³³⁸ *Ibid.* P. 137.

³³⁹ DIAS, Camila Caldeira Nunes. **A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo: religião e violência na prisão.** São Paulo: Humanitas, 2008. P. 177.

Dias afirma que os evangélicos são facilmente distinguíveis dentro da cadeia por sua aparência, reproduzindo o estereótipo do pentecostalismo tradicional com seu ascetismo sectário - não podem usar bermuda, camiseta sem manga, chinelo - e pelos seus modos contidos e obedientes, e relata um grande número de atividades religiosas realizadas pelos membros da Igreja. De acordo com a pesquisadora, a distinção de comportamento dos evangélicos serve para demonstrar o seu compromisso com a religião, sendo que as atividades religiosas realizadas na prisão são oferecidas como formas de interação que visam a evitar a exposição do preso evangélico aos vícios e práticas constitutivas do universo prisional. A identidade evangélica seria conservada por meio da desqualificação dos valores que colidem com aqueles propostos pela religião, assim como pela ocupação do tempo do indivíduo com as atividades religiosas³⁴⁰. Como forma de conservar a identidade religiosa, seriam desenvolvidas uma série de atividades que cuidariam de manter os convertidos obedecendo às regras de conduta impostas pela religião e evitar as influências nocivas do ambiente prisional.

Além disso, a constituição de um espaço exclusivamente destinado aos evangélicos também promove a sua distinção da massa carcerária. O isolamento físico dos convertidos, isto é, a separação do grupo religioso em determinadas celas serve para sustentar a construção de um novo ideal de vida ligado aos valores da Igreja. No entanto, isso não se configura como um benefício, mas representa "a tentativa de escapar às tentações e às armadilhas existentes no cotidiano prisional, que poderiam comprometer seriamente a consolidação da identidade religiosa e o desempenho convincente do papel de evangélico"³⁴¹.

Conforme indica Dias, as estratégias de ocupação integral do tempo do evangélico e separação da massa carcerária serviriam, no dizer dos presos evangélicos, para não se contaminarem com o pecado e a cultura criminosa, e no dizer dos presos não evangélicos, por rejeição da massa carcerária àqueles que não cumprem com as normas do proceder³⁴². Para Bicca, a disposição de um local destinado a reunir apenas o grupo evangélico serve, em primeiro lugar, para diminuir movimentação de presos para os cultos³⁴³. De qualquer modo,

³⁴⁰ DIAS, Camila Caldeira Nunes. Conversão evangélica na prisão: sobre ambigüidade, estigma e poder. **Plural – Revista do Curso de Pós-graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 13, p. 85–110, 2006. P. 92.

³⁴¹ DIAS, Camila Caldeira Nunes. **A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo: religião e violência na prisão**. São Paulo: Humanitas, 2008. P. 191.

³⁴² *Ibid.* P. 228/229.

³⁴³ BICCA, Alessandro. **Os eleitos do cárcere: etnografia sobre violência e religião no sistema prisional gaúcho**. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

apesar do afastamento do evangélico da massa carcerária, aquele é vigiado por todos que convivem na prisão³⁴⁴. Nesse sentido, Dias afirma que a representação idealizada do papel evangélico é exigida pela massa carcerária ao mesmo tempo em que a posição dos evangélicos é deslegitimada na prisão³⁴⁵.

Ser crente na cadeia significa estar sempre na berlinda, sujeito ao descrédito por um deslize qualquer, por uma palavra, um gesto, um olhar. Significa estar sendo vigiado permanentemente, cobrado em todos os seus atos e em todas as suas falas, sendo obediente e submisso, sem jamais levantar a voz ou afrontar quem quer que seja. Ser crente dentro da prisão é a expressão mais acabada de uma identidade mutilada na possibilidade de representar papéis diversos do religioso, na impossibilidade de demonstrar insatisfação, de perder a calma, de não querer ou não admitir ser humilhado. É a expressão da total perda da autonomia, da personalidade.³⁴⁶

Dias aponta que, para a massa carcerária, a conversão seria um expediente utilizado por presos que buscam proteger-se das sanções aplicadas pela massa carcerária em função da infração ao seu código de condutas. Assim, a conversão ocorreria para o preso buscar refúgio nas alas evangélicas, espaços separados destinados apenas para esses grupos. Com isso, a despeito de terem de se submeter à rotina religiosa e à privação de alguns costumes, como fumar, os presos convertidos teriam garantida sua integridade física. Isso indica que o evangélico é constantemente deslegitimado na prisão. De um lado, a massa carcerária exerce um controle constante desses presos, atentos ao menor deslize que indique que a conversão não se operou. De outro, os agentes penitenciários não se importam se a conversão é verdadeira ou não, porque a adesão a esse grupo facilita a manutenção da ordem na prisão³⁴⁷. Segundo Scheliga, para os funcionários da instituição, a falsa conversão é sinônimo de malandragem, enquanto para os detentos, a falsa conversão significa covardia³⁴⁸.

Dias enfatiza que a posição do evangélico na prisão é precária e explica que, de um lado, há um grande número de atividades a que o convertido está obrigado a participar e, de outro, também há atividades que ele não está autorizado a se envolver³⁴⁹. De acordo com a pesquisadora: "Aos evangélicos, assistir televisão e ouvir rádio lhes é facultado, com a condição de que seu acesso seja restrito às programações religiosas. A prática de exercícios

³⁴⁴ DIAS, Camila Caldeira Nunes. *A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo: religião e violência na prisão*. São Paulo: Humanitas, 2008. P. 182.

³⁴⁵ *Ibid.* P. 211.

³⁴⁶ *Ibid.* P. 224.

³⁴⁷ *Ibid.*

³⁴⁸ SCHELIGA, Eva Lenita. "E me visitastes quando estive preso": sobre a conversão religiosa em unidades penais de segurança máxima. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000. P. 138.

³⁴⁹ DIAS, Camila Caldeira Nunes. Conversão evangélica na prisão: sobre ambigüidade, estigma e poder. *Plural – Revista do Curso de Pós-graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v. 13, p. 85–110, 2006. P. 93.

físicos e jogar futebol, no entanto, são terminantemente proibidos"³⁵⁰. A pesquisadora explica que, embora os líderes evangélicos justifiquem tais restrições em função da violência que pode decorrer dessas atividades e das influências perniciosas que disputam lugar na prisão, defendendo uma completa devoção à Igreja, a segregação dos evangélicos é operada, principalmente, por parte da massa carcerária³⁵¹.

Dias marca as tensões e ambiguidades das relações entre os evangélicos e a massa carcerária e ressalta o descrédito dos convertidos: "Há uma desconfiança constante pairando sobre os presos evangélicos, ligada a uma suposta ausência de sinceridade na sua devoção religiosa"³⁵². Isto se deve ao fato de que a conversão, na prisão, pode ocorrer por razões alheias àquelas propriamente religiosas, como para evitar as sanções decorrentes de violações às normas que regulam as relações sociais entre os presos. A conversão, ao promover o isolamento do indivíduo em face da massa carcerária, poderia evitar inclusive a sua morte. Por esse motivo, a identidade evangélica seria desacreditada, devendo ser permanentemente sustentada pelo convertido por meio da obediência aos preceitos, regras e normas que caracterizam o estereótipo pentecostal na prisão³⁵³. Na percepção de Dias, para tentar conferir credibilidade à pertença religiosa, muitos convertidos tentam inclusive buscar no passado a existência de vínculos com a religião, os quais teriam sido retomados na prisão³⁵⁴. Assim, a despeito de a conversão configurar uma ruptura com o passado, na maioria das vezes, os presos evangélicos procurariam alguma ligação nesse mesmo passado que permitisse atestar a sinceridade da sua conversão por meio de algum vínculo pretérito com a religião³⁵⁵.

Além de buscar conferir credibilidade para a conversão no seu passado, os presos evangélicos também projetariam no futuro fora da prisão a comprovação da sua mudança, uma vez que, de acordo com discurso corrente na prisão, é mais fácil ser evangélico na prisão, porque fora dela há mais tentações. A confirmação da sua identidade religiosa ficaria, portanto, condicionada à manutenção desse vínculo fora da prisão, o que demonstra a precariedade da situação dessa população e o seu descrédito perante a massa carcerária³⁵⁶.

³⁵⁰ DIAS, Camila Caldeira Nunes. Conversão evangélica na prisão: sobre ambigüidade, estigma e poder. **Plural – Revista do Curso de Pós-graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 13, p. 85–110, 2006. P. 97.

³⁵¹ *Ibid.* P. 97.

³⁵² *Ibid.* P. 98.

³⁵³ *Ibid.* P. 98/99.

³⁵⁴ *Ibid.* P. 101.

³⁵⁵ DIAS, Camila Caldeira Nunes. **A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo: religião e violência na prisão**. São Paulo: Humanitas, 2008. P. 235.

³⁵⁶ *Ibid.* P. 238.

No que tange à decisão de se converter, Dias afirma que se, a princípio, os evangélicos atribuem suas escolhas à interferência divina ou ao arrependimento da entrada no mundo do crime, os relatos dos convertidos sugerem que os conflitos com a massa carcerária teriam influenciado decisivamente na sua adesão ao grupo dos evangélicos³⁵⁷. Nas palavras da pesquisadora:

Mais do que uma opção religiosa, a pertença evangélica na cadeia, aparece como decorrência de algumas situações criadas no cotidiano prisional, que, por vários motivos tenham tornado impossível o convívio com os demais. Uma vez tendo feito essa "escolha" o indivíduo é obrigado seguir as rígidas normas comportamentais da igreja, sob pena de ser obrigado a pedir seguro, transferência para outra cadeia ou ter sua vida colocada em risco.³⁵⁸

Camila Dias chega à conclusão de que as relações sociais estabelecidas entre o grupo evangélico e a massa carcerária conformariam uma situação de descrédito e ilegitimidade. A autora sugere que os evangélicos não desfrutam de respeito, uma vez que se desligam do mundo do crime. Isto porque a conversão serviria de subterfúgio aos presos que teriam infringido as normas atinentes ao mundo do crime, faltas que deixariam de ser cobradas em função da conversão. Haveria uma dicotomia entre o papel de evangélico, próprio do mundo do trabalho, e o papel de "malandro", representativo do mundo do crime, sendo que a migração deste para aquele geraria uma situação de tensão e desconfiança, porque decorreria sobretudo de infrações às normas do mundo do crime.

Assim, a conversão serviria de proteção ao preso cujo convívio com a massa carcerária teria se tornado insustentável. Em contrapartida, seu descredenciamento do mundo do crime o sujeitaria à uma constante desconfiança e vigilância. De acordo com Dias, a identidade religiosa na prisão "É a expressão da total perda da autonomia e da personalidade. É reduzido a alguém que, a fim de manter sua integridade física, é destituído de sua integridade moral"³⁵⁹. Esse controle permanente da conduta dos evangélicos seria efetuado não apenas pelos pastores, mas principalmente pelas facções prisionais que organizam a gestão do cotidiano prisional. Desse modo, de acordo com Dias, o comportamento evangélico na prisão não seria determinado pela doutrina das Igrejas, mas regulado pela massa carcerária. Daí a uniformidade apontada pela pesquisadora em relação às diversas denominações evangélicas dentro da prisão, a despeito das diferenças em termos de concepções e comportamentos apresentados fora da prisão³⁶⁰.

³⁵⁷ DIAS, Camila Caldeira Nunes. Conversão evangélica na prisão: sobre ambigüidade, estigma e poder. **Plural – Revista do Curso de Pós-graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 13, p. 85–110, 2006. P. 102.

³⁵⁸ *Ibid.* P. 106.

³⁵⁹ *Ibid.* P. 107.

³⁶⁰ *Ibid.* P. 104/105.

Dias assinala que as Igrejas atuam indistintamente na prisão, isto é, a renovação da liturgia operada pelo neopentecostalismo não processa a mesma diferenciação no universo prisional. No mesmo sentido, Maria Carolina Andery destaca o sincretismo presente no presídio da polícia militar "Romão Gomes", informando que muitos internos frequentam mais de um culto³⁶¹. Rita Segato também constatou que, na "Papuda", "há uma única igreja evangélica unificada, que não admite, naquele espaço, diferenciação de denominações, para não perder a posição de maioria dentro do presídio"³⁶². Edileuza Lobo e Ana Beatriz Pereira, por sua vez, ressaltam o que vieram a qualificar de "ecumenismo". Lobo avalia que, nos Presídios Hélio Gomes e Nelson Hungria, no Complexo Frei Caneca, os agentes religiosos "não enfatizam a denominação a qual pertencem constituindo uma espécie de 'ecumenismo evangélico' cujo objetivo é minimizar as diferenças doutrinárias em favor da unidade do grupo"³⁶³ e Pereira percebe na Penitenciária Professor Ariosvaldo de Campos Pires uma "unificação de práticas oriundas da doutrina cristã"³⁶⁴, afirmando que o "'proceder evangélico' constitui-se em uma comunidade de sentido que é construída pela síntese subjetiva que os indivíduos fazem de elementos de diversas Igrejas e doutrinas"³⁶⁵. Na prisão, não importa, portanto, se os grupos religiosos são vinculados a Igrejas mais ou menos tradicionais, de modo que todas as doutrinas e rituais são matizados num estereótipo clássico que impõe retidão e abstinência. Portanto, na prisão, a religião evangélica é uniforme e homogênea, prevalecendo ainda o sectarismo ascético, uma vez que o evangélico precisa provar o tempo todo que é evangélico para não ter a sua identidade física violada pela massa carcerária. Este é mais um dado que prova que a identidade do converso é colocada em dúvida e que a permanente desconfiança sobre as suas intenções impõe ainda mais restrições à vida privada de liberdade.

Ao discutir as tensões que marcam as relações entre massa carcerária e os evangélicos, Dias avalia que não há vantagens materiais ou simbólicas decorrentes da conversão religiosa na prisão. Para ela, a prática religiosa não promove uma transformação

³⁶¹ ANDERY, Maria Carolina Rissoni. **Emancipação e submissão por meio da religião?: histórias de vida no Presídio da Polícia Militar "Romão Gomes"**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012. P. 50.

³⁶² SEGATO, Rita Laura. Religião, vida carcerária e direitos humanos. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 61, p. 40–45, 2005. P. 43.

³⁶³ LOBO, Edileuza Santana. Católicos e evangélicos em prisões do Rio de Janeiro. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 61, p. 22–29, 2005. P. 26.

³⁶⁴ PEREIRA, Ana Beatriz de Vilhena. **"São os evangélicos que seguram essa cadeia, se não fossem eles, quem iria converter os mauzão?"**: considerações sobre o papel do "proceder evangélico" na prisão. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017. P. 65.

³⁶⁵ *Ibid.* P. 13.

positiva na imagem do preso. Pelo contrário, ela suprimiria sua autonomia ao impedir que o indivíduo assumisse outros papéis diversos do religioso, submetendo-o ainda à uma ininterrupta vigilância. Nesse sentido, a autora sugere que a identidade religiosa surge como uma forma sutil de violência constitutiva das relações sociais prisionais.

As pesquisas apontam, assim, que a conversão poderia criar e resgatar vínculos e trazer conforto para o preso, mas ela também acaba mascarando um tipo de violência mais sutil e, por isso mesmo, mais devastadora. Ao que parece, a religião oferece duas possibilidades paradoxais: conformar o indivíduo, anulando a sua subjetividade, e libertar o indivíduo, permitindo a superação do estigma atribuído pela prisão. Nesse sentido, as pesquisas indicam que, ao colaborar com a manutenção da ordem na prisão, a conversão pode tanto favorecer quando impedir a emancipação do detento.

PARTE 2
RELIGIÃO NA PRISÃO: ANÁLISE EMPÍRICA

CAPÍTULO 1

MÉTODO: BARREIRAS E ESTRATÉGIAS PARA A REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Desde a introdução, procurou-se demonstrar que o propósito dessa pesquisa era conhecer a subjetividade daqueles que estão vinculados a religião evangélica na prisão. Entretanto, antes de falar dos sentimentos e das experiências dos participantes da pesquisa, é importante esclarecer que o cientista não é movido exclusivamente pela lógica e pela razão e que o pensamento científico não é neutro ou isento de valorações. Como escreveu Rubem Alves: "Foi a emoção que fez com que o objeto se constituísse, em meio à multiplicidade indefinida de objetos possíveis, como o objeto do meu conhecimento"³⁶⁶. Por isso, os motivadores dessa investigação são identificados desde o seu início.

Não há conhecimento neutro. De acordo com Lidia Reis de Almeida Prado, a neutralidade é um conceito forjado no século XVIII como sinônimo de isolamento ou imunidade a influências externas. A neutralidade significava, portanto, o uso da racionalidade e implicava na pureza do conhecimento³⁶⁷. Não parece, porém, que se possa destituir a pesquisadora dos seus conteúdos internos e pressupor que a pesquisa não seja influenciada pela educação, pelos valores, vínculos familiares e pessoais, posição econômica e social, opinião política, traços intelectuais e temperamentais da pesquisadora³⁶⁸. Nesse sentido, é imprescindível registrar que esta pesquisa foi produzida por uma mulher jovem, branca, de classe média, sem filiação religiosa, com vistas à obtenção do mais elevado título acadêmico.

Sustenta-se que não é possível separar sujeito cognoscente de objeto cognoscível, porque, sobretudo em pesquisa empírica, o observador integra a realidade. Afirmar que não existe discurso científico desinteressado não implica, de outra parte, supor que o conhecimento produzido não possa ser validado por rígidos critérios de cientificidade. Pelo

³⁶⁶ ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005. P. 20.

³⁶⁷ PRADO, Lidia Reis de Almeida. Neutralidade e imparcialidade dos juízes? *In*: GROENINGA, Giselle Câmara; PEREIRA, Rodrigo da Cunha. (coord.). **Direito de Família e Psicanálise**: rumo a uma nova epistemologia. Rio de Janeiro: Imago, 2003, p. 301–309.

³⁶⁸ O caráter pessoal da pesquisa qualitativa também é destacado por Jean-Pierre Deslauriers e Michèle Kérisit: "Se a pesquisa for realmente baseada no cotidiano e na experiência das relações sociais, o objeto de pesquisa da abordagem qualitativa jamais será neutro". DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento de pesquisa qualitativa. *In*: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução Ana Cristina Nasser. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 127–153. P. 133 e 145.

contrário, o conhecimento, embora movido por emoções, deve ser objetivo, o que implica num esforço de exposição das emoções, ou melhor, num processo em que se tornam conscientes as valorações que determinaram a investigação científica. Dessa forma, é importante que, na avaliação dos resultados da pesquisa, seja considerada a influência da experiência de vida e dos valores pessoais e sociais da pesquisadora, que precisa trazer à consciência seus matizes individuais, sem que se coloque no centro de sua construção e sem que o foco seja localizado na relação entre pesquisador e objeto³⁶⁹. Em função disso, as conclusões da pesquisa deverão apontar os problemas encontrados, o papel da pesquisadora e de suas emoções e hesitações, assim como o trabalho de criação e reconstrução da realidade por meio da interpretação dos dados, observando a transparência na formulação dos resultados.

Outro ponto importante que merece ser discutido é que, se o conhecimento não é neutro, a quais interesses ele atende? Rubem Alves afirma que "toda teoria, toda pesquisa, esconde uma intenção prática"³⁷⁰. Tendo em vista que o marco teórico que orienta esta pesquisa pressupõe que a inclusão social seja operada *apesar* do cárcere, é preciso reforçar que a prática que inspira essa teoria e que por ela é inspirada visa a valorizar o sujeito em sua autonomia de construir um projeto de "vida boa". Como discorre Sérgio Salomão Shecaira:

A partir do pensamento crítico da realidade fenomênica, o observador científico se insere na própria realidade a ser observada. Ele busca alternativas para transcendê-la e transformá-la. Isto é, seu conhecimento se insere em uma forma de concepção de mundo que pressupõe a transformação de seu objeto de estudo. Passa, pois, a compor um conceito de práxis. Não se contenta com a existência, mas sim com a essência, pois pretende uma ampla compreensão do fenômeno estudado para servir de guia transformador da realidade posta.³⁷¹

Em face disso, os principais destinatários dessa pesquisa são justamente aqueles que figuram como seus participantes. Isto porque falar *sobre* o objeto, e não *com* o objeto, é o mesmo que oferecer o conhecimento a outros que não os envolvidos nesse processo. Reconhece-se, assim, a relação entre saber e poder e recusa-se a tratar o ser humano como matéria-prima de apropriação do conhecimento, o que traz consequências diretas para as escolhas de pesquisa e para o emprego da linguagem, porque a linguagem também é instrumento de transformação social. A linguagem adotada nesta pesquisa deve alcançar os

³⁶⁹ Jean-Pierre Deslauriers e Michèle Kérisit situam a crítica à redação de um artigo científico que seja transformado em ensaio literário, uma vez que a descrição do fenômeno social que é objeto de estudo perde espaço para a descrição da relação do seu observador com o objeto. *Ibid.* P. 146.

³⁷⁰ ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005. P. 21

³⁷¹ SHECAIRA, Sérgio Salomão. **Criminologia**. 5. ed. rev. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2013. P. 39/40.

seus interlocutores, uma vez que articular conceitos, categorias e um estilo inacessíveis àqueles que são estudados não os mantém intocados. Pelo contrário, há o risco de "que o conhecimento *sobre eles* funcione praticamente como conhecimento *contra eles*"³⁷².

Dessa forma, a linguagem científica pode ser empregada por sua precisão e rigor muitas vezes inexistentes na linguagem comum, mas nem sempre a linguagem científica é usada em função da formação de categorias necessárias à compreensão do objeto, estando frequentemente associada a rituais monopolizados pela comunidade científica³⁷³. Assim, uma linguagem acadêmica só deveria ser empregada quando pudesse melhorar a linguagem ordinária, reduzindo a possibilidade de uma interpretação equivocada, ou melhor, removendo ruídos próprios da comunicação.

1.1 PROCEDIMENTOS E INCURSÃO EM CAMPO

Uma pesquisa empírica exige a discriminação precisa das técnicas de coleta de dados, da amostra e dos procedimentos empregados, bem como da técnica de análise do material colhido, porque os resultados de uma pesquisa só podem ser validados se os procedimentos adotados pela pesquisadora forem claramente identificados³⁷⁴. Em vista disso, nas próximas páginas, procurou-se apresentar detalhadamente o caminho percorrido pela pesquisadora para a incursão em campo, procurando-se justificar as escolhas realizadas durante esse percurso.

Considerando que a pergunta que dá ensejo à presente pesquisa só poderia ser respondida por meio da escuta ativa das pessoas que vivem a religião evangélica na prisão, especialmente daquelas que se converteram por ocasião do aprisionamento³⁷⁵, realizou-se

³⁷² ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005. P. 23.

³⁷³ "É possível criar uma terra de linguagem crítica, uma ilha utópica do saber, enquanto esperamos que os homens para ela imigrem. Uma possibilidade, entretanto, é inserir na própria linguagem do cotidiano a pergunta crítica, para problematizá-la no seu próprio interior, subvertendo as suas certezas, revelando as contradições que se aninham no seu seio, minando, desta forma, os fundamentos da sua consistência". *Ibid.* P. 27.

³⁷⁴ Lee Epstein e Gary King explicam que uma pesquisa empírica deve permitir replicação e isto só ocorre na medida em que todos os dados são especificamente fornecidos. "O bom trabalho empírico adere ao *padrão da replicação*: outro pesquisador deve conseguir entender, avaliar, basear-se em, e reproduzir a pesquisa sem que o autor lhe forneça qualquer informação adicional". EPSTEIN, Lee; GARY, King. **Pesquisa Empírica em Direito**: as regras de inferência. Tradução Fábio Morosini (coord.) *et. al.* São Paulo: Direito GV, 2013. P. 47.

³⁷⁵ Sobre os argumentos que justificam a utilização da entrevista qualitativa como recurso metodológico para realização da pesquisa e sobre as questões relativas às interações sociais que a entrevista implica, bem como sobre as complexas possibilidades de análise, vide: POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. *In*: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução Ana Cristina Nasser. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 215–253.

pesquisa de campo, com entrevistas de pessoas que habitavam as alas evangélicas das prisões. Para a coleta dos depoimentos, foi adotada a estratégia qualitativa³⁷⁶ baseada em entrevistas semidiretivas, também chamadas de semiestruturadas³⁷⁷, com pessoas presas em duas instituições localizadas no município de Maringá, no Paraná: a Casa de Custódia de Maringá (CCM) e a Colônia Penal Industrial de Maringá (CPIM), ambas situadas na Estrada Velha de Paçandu. A princípio, o projeto incluía entrevistas também na Penitenciária de Maringá (PEM). No entanto, a pesquisadora não logrou êxito no encontro com o diretor de referida unidade e, em contato com o DEPEN/PR³⁷⁸, soube que a autorização para realização da pesquisa estava pendente apenas de autorização desta unidade, tendo optado por dispensá-la para não inviabilizar o cronograma da pesquisa, entendendo-se que isto não comprometeria os seus resultados, expectativa que se confirmou posteriormente, quando, no decorrer das entrevistas, percebeu-se que boa parte dos entrevistados também haviam passado por esta unidade e que seus depoimentos foram suficientes para entender a dinâmica evangélica nos estabelecimentos locais.

³⁷⁶ Em reflexão sobre questões epistemológicas de metodologia, Álvaro Pires enfatiza a dificuldade em se delimitar e distinguir a pesquisa qualitativa da quantitativa, que conformaria uma construção fechada ou até mesmo incorreta. Em primeiro plano, Pires afirma que não existe uma *metodologia* qualitativa ou quantitativa, mas apenas *pesquisas* qualitativas ou quantitativas, vez que a metodologia é uma só, mesmo que várias sejam as estratégias aplicadas a técnicas de observação empírica, formas de amostragem ou modalidades de tratamento de dados. Pires nega que a pesquisa qualitativa seja caracterizada por uma posição epistemológica única, pelo emprego de uma técnica particular de coleta de dados e tampouco pela finalidade da pesquisa. De outra parte, o autor elencou algumas características que geralmente podem ser atribuídas à pesquisa qualitativa. São elas: "[...] a) flexibilidade de adaptação durante seu desenvolvimento, inclusive no que se refere à construção progressiva do próprio objeto da investigação; b) capacidade de se ocupar de objetos complexos, como as instituições sociais, os grupos estáveis, ou ainda, de objetos ocultos, furtivos, difíceis de apreender ou perdidos no passado; c) capacidade de englobar dados heterogêneos, ou, como sugeriram Denzin e Lincoln (1994: 2), de combinar diferentes técnicas de coleta de dados; d) capacidade de descrever em profundidade vários aspectos importantes da vida social concernentemente à cultura e à experiência vivida, justamente devido à sua capacidade de permitir ao pesquisador dar conta (de um modo ou de outro) do ponto de vista do interior, ou de baixo; e) finalmente, por sua abertura para o mundo empírico, a qual se expressa, geralmente, por uma valorização da exploração indutiva do campo de observação, bem como por sua abertura para a descoberta de 'fatos inconvenientes'(Weber), ou de 'casos negativos'". PIRES, Álvaro P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução Ana Cristina Nasser. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 43–94. P. 90.

³⁷⁷ Sobre estratégias adotadas na realização das entrevistas semiestruturadas, vide: XAVIER, José Roberto Franco. Algumas notas sobre a entrevista qualitativa de pesquisa. In: MACHADO, Máira Rocha (org.). **Pesquisar empiricamente o direito**. São Paulo: Rede de Estudos Empíricos em Direito, 2017, p. 119–160. Ainda sobre o mesmo assunto: SCHOSTAK, John; BARBOUR, Rosaline S. Entrevista e grupos-alvo. In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (org.). **Teoria e Métodos de Pesquisa Social**. Tradução Ricardo A. Rosenbusch. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 99–107.

³⁷⁸ A Secretaria de Segurança Pública e Administração Penitenciária (SESP) é formada por Departamento Penitenciário (DEPEN), Polícia Civil e Polícia Militar.

A Casa de Custódia de Maringá é um estabelecimento penal de segurança máxima, destinado a presos provisórios do sexo masculino, inaugurada em 09 de junho de 2008³⁷⁹. Embora destinada a presos provisórios, a CCM abriga cerca de 1200 presos, entre provisórios e condenados. Parte de sua estrutura foi incorporada por *shelters*, celas modulares feitas de aço e concreto. A Colônia Penal Industrial de Maringá é uma unidade destinada a presos que cumprem pena em regime semiaberto. Este estabelecimento tem capacidade para 330 presos, estando ocupado, em julho de 2019, por 343. Desse total, 197 estariam trabalhando, sendo 119 em "canteiros"³⁸⁰ externos e 78 internos³⁸¹. A Penitenciária Estadual de Maringá é um estabelecimento de segurança máxima destinado a presos do sexo masculino que cumprem pena em regime fechado. Estima-se que, em julho de 2019, a PEM estivesse alojando cerca de 500 presos. No município de Maringá, quando uma pessoa do sexo masculino é presa, ela faz o seguinte caminho: é levada à 9ª Subdivisão Policial, conhecida por sua precária estrutura e pela falta de condições de segurança e de alojamentos adequados para a custódia dos presos - sua estrutura foi explodida em cerca de três quartos por acordo da Prefeitura com o Governo do Estado em função de graves problemas estruturais -; após passar pela 9ª SDP, a pessoa é encaminhada para a CCM, onde é instalada no *shelter*, até ser encaminhada para uma galeria; na sequência, o preso pode ser transferido para a PEM, conforme critério de antiguidade³⁸²; por fim, após progredir de regime, o detento é transferido da PEM ou da CCM para a CPIM.

A escolha do *locus* de pesquisa foi realizada com base em um juízo de conveniência e oportunidade e pode ser explicada por duas circunstâncias principais: primeiro, em razão de as unidades pesquisadas contarem com alojamentos destinados exclusivamente para pessoas identificadas com a religião evangélica; segundo, devido à facilidade de acesso encontrada pela pesquisadora, que, em seu histórico, registra graves dificuldades enfrentadas no estado de São Paulo, onde se situa seu programa de pós graduação. Natural de uma pequena cidade do interior do Paraná, a pesquisadora fez sua graduação em Direito na Universidade Estadual de Maringá. Posteriormente, mudou-se para São Paulo para cursar o Mestrado na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. No início de 2016, no curso do programa de Mestrado, a pesquisadora não recebeu anuência do Secretário de

³⁷⁹ Informações extraídas do site do DEPEN. Disponível em: <<http://www.depen.pr.gov.br>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

³⁸⁰ Canteiro de trabalho é a expressão usada para indicar uma situação de trabalho de qualquer espécie.

³⁸¹ Informação fornecida por funcionários.

³⁸² Por abrigar menos presos, a PEM teria mais oportunidades de remição de pena. Em tese, nesse encadeamento, o detento iria sendo transferido para unidades com estrutura melhor.

Administração Penitenciária do Estado de São Paulo para que seu projeto fosse analisado pelo Comitê de Ética da Secretaria, inviabilizando a execução da pesquisa, que foi posteriormente desenvolvida no Estado do Maranhão, por influência de seu orientador. Ciente das dificuldades de realização de pesquisa em prisão, que já se revelam na obtenção de autorização de entrada nas unidades, a pesquisadora ainda avaliava qual o melhor Estado para a realização da pesquisa, quando soube, por um colega do curso de Doutorado e também agente penitenciário, que, em Maringá, havia três unidades prisionais que reservavam espaços específicos para o cumprimento de pena daqueles que se apresentassem como evangélicos ou, no mínimo, estivessem dispostos a viver como um. Em função dessa divisão, que parecia interessante à pesquisa, bem como da facilidade de acesso à direção proporcionada pela existência de um primeiro contato com alguém que trabalhava dentro do sistema, estas unidades foram escolhidas para a realização do campo.

A partir desse momento, a pesquisadora entrou em contato com os gestores dessas unidades, solicitando uma reunião, ocasião em que poderia se apresentar e entrevistá-los, com o objetivo de conhecer a dinâmica da unidade e confirmar as possibilidades de realização da pesquisa. O primeiro contato com os diretores das três unidades foi feito em maio de 2019 e a primeira visita ocorreu em 05 de julho do mesmo ano. Nessa oportunidade, foi possível conhecer brevemente apenas duas das três unidades, CPIM e CCM. Essas conversas não foram gravadas e esse contato inicial serviu como uma primeira aproximação. A negociação e gestão dos papéis no meio social que figura como campo de pesquisa consiste em estratégia empregada para viabilizar a coleta de dados. "A resistência das pessoas ou dos grupos que serão pesquisados, a escolha dos informantes, as reações psicológicas a determinadas situações e os papéis que pode desempenhar o pesquisador no campo, são percebidos como muitas das realidades com as quais é preciso compor"³⁸³.

Nessa primeira visita, a pesquisadora foi recebida por funcionários da Colônia Penal Industrial de Maringá e apresentada ao seu diretor. De acordo com funcionários, durante os cultos ministrados por pastores externos - que podem se estender até a madrugada -, os presos são reunidos na quadra. Estas atividades religiosas não geram remição, embora exista projeto para tanto. Após a visita à CPIM, a pesquisadora foi conduzida por um agente até a Casa de Custódia de Maringá, onde conheceu o assistente da direção da unidade, que, em

³⁸³ DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução Ana Cristina Nasser. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 127–153. P. 139.

breve conversa, também se colocou à disposição para viabilizar a realização da pesquisa. Com relação à terceira unidade pretendida, a PEM, não foi possível visitá-la, porque o diretor não havia respondido a mensagem da pesquisadora solicitando o agendamento de uma reunião. Apesar disso, o primeiro contato com funcionários das duas unidades visitadas e que, na maioria dos casos, já haviam trabalhado em outras unidades do Estado, serviu para confirmar que as três unidades escolhidas para realização da pesquisa ofereciam condições favoráveis para pensar a identidade evangélica na prisão.

Dessa forma, a pesquisadora submeteu o projeto de pesquisa à apreciação do Comitê de Ética da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo por meio de ofício endereçado ao Presidente da Comissão de Pós-Graduação e, após obter aprovação, solicitou anuência do Departamento Penitenciário do Paraná, nos termos da Portaria nº 68/2019, em 07 de outubro de 2019. Como indicado anteriormente, o pedido contemplava as três unidades previamente escolhidas: CPIM, CCM e PEM. Porém, a pesquisadora soube que o andamento do processo estava comprometido pela falta de resposta da direção da PEM. Em função disso, em 04 de dezembro, a pesquisadora manifestou a desistência de realização da pesquisa nesta unidade, tendo em vista que o atraso poderia comprometer o cronograma e após constatar que é comum que os internos da PEM já tenham passado pela CCM e, após progredirem de regime, são encaminhados para a CPIM. Assim, sem ignorar a diferença entre a estrutura e dinâmica das unidades, entendeu-se que isso não comprometeria os fins da pesquisa. Com isso, em 16 de dezembro de 2019, a Direção do DEPEN autorizou a realização da pesquisa na CCM e na CPIM.

A delimitação da amostra³⁸⁴ foi feita junto à direção das duas unidades. Solicitou-se apenas que fossem encaminhadas pessoas que se auto-identificassem como evangélicas e que residissem no alojamento ou na galeria destinada à Igreja³⁸⁵. Apesar disso, durante as entrevistas, constatou-se, no caso da CPIM, que os três primeiros entrevistados não moravam no alojamento evangélico, mas em um quarto localizado na parte da frente da unidade, ao lado da cozinha, e que outro entrevistado morava no seguro. Os entrevistados que moravam

³⁸⁴ O conceito de amostra é extraído de Álvaro Pires: "Ela reside, assim, menos nas ideias parciais e conexas de seleção ou de totalidade - que me parecem, contudo, inevitáveis, por sua vez, no número de situações -, do que na ideia de considerar uma pequena quantidade de qualquer coisa para esclarecer alguns aspectos gerais do problema: trata-se de pesquisar isso para basear aquilo". PIRES, Álvaro P. *Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico*. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução Ana Cristina Nasser. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 154–211. P. 163.

³⁸⁵ A palavra Igreja com inicial maiúscula será empregada para designar uma confissão religiosa ou para indicar a ideia de instituição, enquanto a palavra igreja com inicial minúscula servirá para designar a galeria evangélica ou um espaço destinado à prática de rituais religiosos.

na parte administrativa, logo na entrada da unidade, eram responsáveis pelo preparo das refeições dos funcionários e pela limpeza. Eles ocupavam um pequeno alojamento com seis camas e tinham livre circulação pelo setor administrativo³⁸⁶. Também é importante registrar que, de todas as dez pessoas entrevistadas na CPIM, apenas uma não se identificou como evangélica, indicando ser católica. Este preso era um dos que moravam na parte administrativa e, ao que parece, foi escolhido pela direção porque, mesmo sendo católico, participava de atividades evangélicas. Os demais se identificaram como evangélicos, embora alguns informaram não terem sido batizados. Na CCM, dos dez entrevistados, todos moravam na galeria evangélica, mas dois não se reconheciam como evangélicos, declarando morar na galeria apenas por conveniência.

No total, foram entrevistados vinte presos, sendo dez de cada unidade e, conforme avançou-se com a transcrição e análise, identificou-se a saturação da amostra diante da repetição dos discursos. Cada preso foi entrevistado uma única vez e as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas, para análise. Todas as falas foram transcritas respeitando-se a linguagem do entrevistado e preservando suas expressões, sem que fosse realizada qualquer tipo de correção do uso do vernáculo. Nas citações de trechos das entrevistas, procurou-se reproduzir com a maior fidelidade possível o modo pelo qual os entrevistados se expressaram, preservando-se, inclusive, os erros de português. Foi assegurado o sigilo da identidade e registrada a manifestação de aceite da entrevista em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento que firmou acordo escrito mediante o qual o voluntário da pesquisa autorizou sua participação, com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos e riscos a que se submetia, com a capacidade de livre consentimento e sem qualquer coação. O TCLE esclarecia o objetivo do trabalho, seu método, indicava a gravação de áudio e a divulgação dos dados, bem como a possibilidade de retirada do consentimento a qualquer tempo.

Com vistas a conhecer a percepção dos sujeitos entrevistados a respeito da influência da Igreja no seu projeto de vida, o roteiro de perguntas serviu apenas de suporte para condução da entrevista, não configurando um questionário engessado. As entrevistas tinham por fim conhecer aquilo que os presos traziam à consciência como condições do exercício da fé. Assim, elas foram conduzidas de forma flexível, permitindo intervenções dos interlocutores. As questões norteadoras da conversa abordaram sua história de vida, a rotina do interno dentro e fora da prisão, seu cotidiano, como se dá a ocupação do espaço e do

³⁸⁶ O diretor comentou que era mais conveniente que os presos morassem ali, pois, assim, os demais não ficavam pedindo para eles levarem comida para o convívio.

tempo na instituição. Perguntou-se também sobre uma situação marcante vivida e sobre suas perspectivas de vida.

Por fim, é preciso reconhecer os limites metodológicos da pesquisa, que se circunscreveu a uma cidade e a duas unidades destinadas ao cumprimento de pena de pessoas do sexo masculino. Assim, não é possível afirmar que o exercício da religião em unidades femininas se processe da mesma forma³⁸⁷. No entanto, com relação à delimitação espacial e geográfica, embora seja necessário tomar o cuidado de não generalizar os perfis dos entrevistados e a dinâmica prisional, percebeu-se, no decorrer da análise, que muitas das constatações feitas assemelhavam-se aos achados de outras pesquisadoras e pesquisadores que realizaram seu campo em diversos Estados do país.

1.2 DIÁRIO DE CAMPO

A Colônia Penal Industrial de Maringá é dividida em 14 alojamentos, estando 4 desocupados, aguardando reforma, e 10 ativos, sendo 6 do convívio, 1 da Igreja e 3 do seguro. Cada alojamento conta com menos de 40 vagas, sendo que o da Igreja teria capacidade para 32 pessoas e estaria ocupado por pouco mais de 20. Nessa unidade, os dias de pátio, de visita e a escola são compartilhados entre Igreja e convívio, não havendo separação. O diretor dessa unidade é pastor, e, ao que parece, isso acaba influenciando a propagação de atividades religiosas. Muitos entrevistados fizeram referência a ele e indicaram intenção de participar da sua Igreja. O estímulo à participação religiosa pode ser evidenciado na quantidade de agentes religiosos externos que desenvolvem atividades na unidade: Igreja Adventista do Sétimo Dia, Igreja Presbiteriana Independente, Igreja Batista Renovada, Igreja Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Católica.

As entrevistas na CPIM foram realizadas nos dias 07 e 10 de janeiro de 2020. Para o primeiro dia de entrevistas, foi cedida a sala dos professores, localizada logo na entrada da unidade, junto à parte administrativa. Para chegar a essa sala, bastava cruzar o portão de entrada - aberto pela agente que fazia o controle das saídas de trabalho dos presos, apenas com o clique de um botão - e passar por outras duas portas de vidro, sempre abertas. Como a escola estava em período de férias, todo o corredor estava vazio, exceto pela presença da pedagoga da unidade, que ficava numa sala próxima. Neste primeiro dia, foram realizadas

³⁸⁷ Como explica Laura Vargas, um recorte de gênero é necessário, pois a prisão feminina configura dinâmicas específicas e particulares. VARGAS, Laura Ordóñez. Religiosidade: mecanismos de sobrevivência na Penitenciária Feminina do Distrito Federal. *Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, n. 61, p. 30-39, 2005.

quatro entrevistas. O segundo dia de entrevistas na CPIM ocorreu em 10 de janeiro de 2020. Assim como no primeiro dia, a primeira entrevista do segundo dia ocorreu em uma sala da escola, com a porta fechada e sem a presença de agentes. No entanto, após esta entrevista, a entrevistadora foi apresentada ao diretor de segurança, que solicitou que as demais entrevistas fossem realizadas na enfermaria. Isto porque a movimentação dos presos implicava também e necessariamente a movimentação dos agentes e, como a escola estava de férias, não havia agentes nesta parte do prédio. O diretor de segurança manifestou expressa preocupação com a segurança da entrevistadora e orientou o seu encaminhamento para a enfermaria, local de intensa circulação de pessoas. Mesmo tendo sido encaminhada para a enfermaria, o diretor de segurança entendeu que a entrevista deveria ser realizada com a porta aberta, de modo que o agente que fazia a segurança da entrevistadora tivesse visão da sua situação, ou, no caso de se entender ser conveniente fechar a porta, o agente deveria ficar dentro da sala. Nesse contexto, a entrevistadora avaliou que fazer a entrevista de portas fechadas com a presença do agente dentro da sala comprometeria o material a ser analisado, uma vez que inibiria a fala não só do preso, mas a própria condução das perguntas. Ocorre que, apesar desse rearranjo, não foi possível realizar a entrevista nesse local, porque ele estava recebendo obras de reparo, o que gerava muitos ruídos, atrapalhando a gravação do áudio. Em função disso, o diretor de segurança providenciou o rápido retorno da entrevistadora para uma sala de aula, incumbindo um agente de realizar a segurança. Dessa forma, as seis entrevistas do segundo dia foram realizadas em um local sem fluxo de pessoas, com a porta semiaberta e um agente próximo o suficiente para ver entrevistadora e entrevistado e distante o suficiente para não ouvir a entrevista. Assim como no primeiro dia, os presos se sentaram de frente para a entrevistadora e de costas para a porta, de modo que só a entrevistadora podia ver o agente de segurança, o que permite afirmar que as condições para a realização das entrevistas foram favoráveis, oferecendo o mínimo constrangimento possível e permitindo que elas fossem conduzidas com alguma privacidade.

Após a terceira entrevista do segundo dia, as entrevistas foram interrompidas e, posteriormente, a pesquisadora veio a saber que isso ocorreu porque o agente que a acompanhava foi chamado a atuar na situação de um preso encontrado com 45g de maconha durante o banho de sol no pátio. A pesquisadora aproveitou esse período para conversar com outros funcionários e para almoçar no refeitório deles, onde os presos com quem tinha conversado no primeiro dia preparavam a refeição. Após o almoço, outro agente foi incumbido de fazer o encaminhamento dos entrevistados e a entrevistadora voltou a fazer as entrevistas na sala de aula, agora de portas fechadas novamente. Isso foi possível em função

da presença da pedagoga, que trabalhava numa sala próxima e que deu toda a assistência para a pesquisadora, aceitando inclusive estender o seu horário de trabalho para que as entrevistas não fossem interrompidas novamente.

Concluídas as 10 entrevistas na CPIM, a pesquisadora buscou continuar o trabalho na Casa de Custódia de Maringá. A CCM é dividida em 3 blocos contendo 400 presos cada. Ou seja, há um total de 1200 presos no total, quase quatro vezes o número de pessoas encarceradas na CPIM. Diferente da CPIM, que é uma unidade destinada ao cumprimento de pena em regime semiaberto, a CCM é um estabelecimento penal de segurança máxima destinado, em tese, a presos provisórios. Não se tem uma estimativa da proporção de presos com condenação transitada em julgado que ocupam a unidade, mas todos os entrevistados se encontravam nessa situação. De acordo com a direção, não há separação entre presos provisórios e presos condenados, porque isso dificultaria o trânsito de internos. Assim, são eleitos outros critérios para distribuição de presos na unidade, considerando-se as rivalidades entre facções, os desentendimentos de rua, entre outros critérios que levam em conta a dinâmica e o funcionamento da unidade, buscando otimizar o processo de circulação de presos e agentes. Um funcionário explica que, por exemplo, se há dois irmãos na unidade, um preso cautelarmente e outro já condenado, e fosse feita a separação segundo esse critério, a mãe desses presos precisaria ir até a unidade em dois dias diferentes para visitar os filhos. Assim, também para evitar esse tipo de situação, irmãos são alocados juntos. Aponta-se que a distribuição de presos é feita seguindo "o perfil de ressocialização, não o perfil processual". Além da otimização do trânsito de pessoas e da prevenção de conflitos entre grupos rivais, um fator que, na visão administrativa, justifica essa dinâmica, é o "princípio da não-contaminação", segundo a qual "uma maçã podre é capaz de estragar todas as maçãs saudáveis contidas em um cesto".

No que se refere à atividade religiosa, a CCM contém uma galeria destinada exclusivamente para a Igreja, sendo ela dividida em dois pisos, cada um deles destinado para uma confissão. Assim, há apenas duas confissões: Igreja Adventista do Sétimo Dia e Igreja Universal do Reino de Deus. Cada piso conta com 4 celas³⁸⁸, sendo que cada uma das celas é ocupada por 8 presos, totalizando 32 presos em cada Igreja. Segundo a direção, essa divisão ocorre meramente por um fator instrumental, considerando a dificuldade de movimentação dos presos. Desse modo, os presos seriam divididos assim para que fossem retirados juntos para as atividades das suas respectivas Igrejas. Além disso, é importante destacar que, na

³⁸⁸ Também chamadas pelos entrevistados de "cubículo", "barraco" e "x".

CCM, a Igreja não tem contato com o convívio, porque o pátio é pequeno, sendo liberada uma galeria por vez para o banho de sol.

A pesquisadora também entrou em contato com o assistente da direção da CCM em janeiro de 2020, que explicou que o diretor estava de férias e ficou de avaliar as condições para realização das entrevistas. No entanto, em razão do alto fluxo de presos da unidade e da ausência do diretor, a pesquisa ficou suspensa e assim permaneceu em virtude da adoção de medidas de isolamento visando à contenção da transmissão da covid-19. Durante esse período, a pesquisadora procurou manter contato com funcionários da instituição, que relataram a grave repercussão da crise sanitária dentro das unidades. Em vista do altíssimo risco de contágio da doença e dos indícios de que a pandemia se estenderia indefinidamente, a pesquisadora entrou em contato com a direção da CCM em janeiro de 2021 para avaliar a possibilidade de realização das entrevistas por videoconferência, considerando que o cenário mundial indicava a necessidade de manutenção das medidas de isolamento social e isso teria levado as instituições a fazerem adaptações, como a instalação de computadores.

Nesse cenário, todas as entrevistas na CCM foram realizadas por videoconferência, em uma plataforma do governo em que são realizados também os atendimentos dos advogados. A pesquisadora se comunicava com funcionários da unidade por meio do chat da plataforma e os entrevistados apareciam em uma cabine, algemados. Em algumas entrevistas, foi possível ouvir outros presos se comunicando em cabines vizinhas. As entrevistas aconteceram nos dias 21 e 22 de janeiro de 2021. Todos os 10 presos entrevistados pertenciam à Igreja Adventista do Sétimo Dia, grupo religioso com a atuação mais antiga e mais popular no sistema prisional da região de Maringá.

A entrevistadora informou à direção da unidade e aos funcionários responsáveis pelo sistema de videoconferência que a entrevista era sigilosa, não podendo haver interferência na reunião. Apesar disso, em determinadas entrevistas, a entrevistadora percebeu que outro dispositivo era conectado à reunião. Por isso, esclareceu novamente sobre a confidencialidade da entrevista, pedindo que não houvesse qualquer interferência, tendo recebido uma explicação no sentido de que não era possível ter acesso à sessão e que o dispositivo que a entrevistadora via conectado em alguns momentos não era resultado da entrada de algum agente na reunião. Em todo caso, isso aconteceu em poucas entrevistas e por curtos períodos. Mesmo assim, não é possível afirmar que a entrevista não tenha sido ouvida por outras pessoas, porque os presos eram encaminhados para a sala em pares e conduzidos por um agente que, eventualmente, parecia permanecer no local e ter acesso ao que o entrevistado falava. Em alguns casos, a presença de outras pessoas na sala ficou

evidente, como nos momentos em que outros presos estavam sendo atendidos também por sistema de videochamada, assim como nos casos em que os entrevistados indicaram que o próximo entrevistado já aguardava para realizar a entrevista no mesmo local e, particularmente, em um caso em que foi possível ouvir um agente de segurança repreender o preso por suas reclamações do tratamento recebido na unidade.

O quarto e último entrevistado do primeiro dia de entrevistas na CCM falou com a entrevistadora como se estivesse concedendo uma entrevista para um canal de denúncia. O entrevistado expressamente mencionou que esperava que o vídeo tivesse amplo alcance e que pudesse contribuir com a melhora das condições de saúde, alimentação e habitação da CCM. O entrevistado narrou uma situação em que a cela onde morava no convívio teria sido invadida por guardas como retaliação pela ofensa proferida por um interno, afirmando que, nessa ocasião, saiu correndo para não ser agredido, caiu e fraturou o ombro, não tendo recebido qualquer avaliação ou tratamento médicos. Ao explicar que a galeria evangélica é mais tranquila, dentre outros motivos, por não sofrer com esse tipo de ação de agentes de segurança, o entrevistado fez um apelo para que seu discurso reverberasse uma melhora da condição de aprisionamento vivenciada. Ocorre que, ao final da entrevista, gravada em áudio, é possível ouvir um agente de segurança repreendendo o entrevistado: "É uma entrevista ou você tá falando mal de guarda? Pode encerrar aí. Não, você tá falando sim que eu to escutando. Pode encerrar. Pode encerrar. To escutando tudo que você tá falando aí que tá sendo maltratado". Percebeu-se que o entrevistado saiu da entrevista intimidado e, no dia seguinte, as implicações desta situação foram claramente notadas nas entrevistas que se seguiram. O primeiro entrevistado após esta ocorrência estava claramente desconfortável com a entrevista, mostrando-se muito cuidadoso em escolher o conteúdo do que falava e a forma como falava.

1.3 TÉCNICA DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Com a descrição das condições de acesso e permanência nas unidades, bem como da mediação construída para elaboração da pesquisa, procurou-se revelar todo o complexo cenário em que ela é executada, assim como demarcar os limites que a condicionam. Conforme procurou-se demonstrar com a apresentação dos procedimentos adotados e do diário de campo, a pesquisa na prisão explora um terreno dinâmico e movediço. Nesse contexto, o recorte empírico, assim como o objeto da investigação, vai sendo construído na prática, revelando a complexidade das relações sociais desenvolvidas nesse espaço. A

realização de pesquisa em prisão coloca uma série de burocracias e obstáculos a serem vencidos. Além das aprovações éticas exigidas por qualquer pesquisa que envolva seres humanos, a pesquisa em prisão exige esclarecimentos constantes e repetidos sobre os seus objetivos. Na prisão, a pesquisadora é constantemente acompanhada, não tendo acesso livre e irrestrito ao ambiente ou aos seus habitantes sem a interferência imediata de funcionários. O ambiente prisional é cercado por desconfiança e a presença de uma pesquisadora suscita desconforto às pessoas que trabalham ali e, inclusive, à própria pesquisadora, que depende do deslocamento das funções de segurança e da movimentação dos presos para conseguir desempenhar o seu trabalho. Sem desconsiderar, portanto, o limite do alcance das entrevistas, serão esclarecidas as possibilidades de análise e síntese das informações levantadas.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, com a devida autorização dos participantes. Posteriormente, foram integralmente transcritas e analisadas em duas etapas: uma análise vertical, que separou os principais pontos da fala do entrevistado de forma individual, indicando algumas categorias iniciais que se destacavam; e uma análise horizontal, que confrontou todas as entrevistas, procurando categorizar seus principais pontos a partir das semelhanças e diferenças identificadas. Estas categorias serviram para sistematizar o conteúdo menos a partir das perguntas que foram feitas e mais a partir dos dados que foram obtidos. Assim, a análise horizontal consistiu em um processo comparativo. A fim de compreender quem é o evangélico na prisão e como ele representa a si mesmo, a pesquisadora procurou sistematizar todos os dados obtidos em campo - sejam aqueles resultados das entrevistas formais, sejam aqueles frutos de conversas informais com funcionários da instituição - e apresentá-los a partir das categorias desenhadas no/pelo campo.

Todas as entrevistas foram analisadas conjuntamente, sem que fosse feita uma separação de entrevistados de unidades diferentes, porque todos os entrevistados do regime semiaberto já haviam passado pelo regime fechado e, invariavelmente, conheciam as galerias evangélicas das outras unidades. Assim, não se constatou nos depoimentos diferenças relevantes que estivessem vinculadas exclusivamente à unidade em que o entrevistado estivesse cumprindo pena. Como todos os entrevistados estavam presos há muito tempo³⁸⁹, percebeu-se que eles já haviam passado por várias unidades e tinham larga

³⁸⁹ Este dado pôde ser identificado nas narrativas dos entrevistados. Ao contarem do crime, da prisão e da conversão, eles acabavam oferecendo parâmetros para concluir que têm longa trajetória nas cadeias. Assim, é

experiência no sistema prisional, o que inegavelmente contribuiu com o material colhido nas entrevistas.

As entrevistas seguem o modelo semi-estruturado, em que, embora haja um roteiro pré-estabelecido para sua condução, privilegia-se a espontaneidade do entrevistado, buscando ressaltar as chaves que, para ele, se mostraram como as mais importantes de serem ditas. Em geral, a entrevistadora dava início à entrevista com o pedido: "me conta sua história de vida". A grande maioria dos entrevistados narrou parte daquilo que provavelmente julga definir a sua trajetória ou, no mínimo, ter uma especial relevância na ordem dos fatos que o levaram a ser quem é, estar onde está e ter o que tem. Alguns, entretanto, mostraram-se desconfiados com a pergunta, retrucando: "mas que parte?" ou "como assim história de vida?". Alguns também se recusaram expressamente a falar de sua história por entender que história é sinônimo de passado e o seu passado está atravessado pelo crime, que deve ficar no passado e não ser revivido, nem na forma de narrativa. Alguns mais quietos, outros mais falantes, cada um a sua maneira permitiu que a entrevistadora apreendesse, se não a sua história, pelo menos as representações religiosas no seu cotidiano prisional.

O caminho anterior à análise foi extenso. Foram realizadas entrevistas individuais com vinte internos, sendo que dez cumpriam pena em regime semiaberto na Colônia Industrial de Maringá e os outros dez cumpriam pena em regime fechado na Casa de Custódia de Maringá. A partir da narrativa dos participantes da pesquisa, os discursos foram analisados, respeitando-se as convergências e divergências que apareceram, buscando, com isso, respostas à pergunta inicial de pesquisa. É importante ressaltar que as ambiguidades não foram eliminadas, mas explicitadas e aprofundadas, porque "elas não revelam erro ou imprecisão, mas a complexidade e contraditoriedade"³⁹⁰ próprias das relações sociais, das experiências e dos sentimentos expressados. Nesse momento, além de assumir as próprias contradições e levar em consideração o conhecimento indireto adquirido no campo, a pesquisadora também não descartou os fatores emocionais de simpatia e de antipatia que se projetam sobre o entrevistado, assim como os preconceitos involuntários ou inconscientes que poderiam tê-la acompanhado. Pensar o sentido que a experiência religiosa assume na vida da pessoa presa e os sentimentos que esse processo envolve implica em desestabilizar conhecimentos pré-concebidos e colocar luz sobre aquilo que o indivíduo diz de si, por si.

importante mencionar que a entrevistadora não perguntou para todos há quanto tempo estavam presos, mas que esse dado foi extraído a partir das datas indicadas nas histórias contadas.

³⁹⁰ SAWAIA, Bader. Introdução: Exclusão ou inclusão perversa? *In*: BADER, SAWAIA (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. P. 07.

Procurou-se, com isso, desorganizar as convicções que mutilam a complexidade da vida social e que reduzem o sujeito a categorias homogêneas e inertes, para conhecer, da sua ótica, a sua experiência religiosa na prisão. Foi feito, portanto, um exercício de estranhamento em que se procurou investigar a inconsistência na consistência, mantendo uma atitude de constante vigilância e questionamento.

Procurou-se, também, afastar as pretensões de verdade, numa recusa consciente às certezas, porque verdade implica em intolerância com o discurso que a nega. Nas palavras de Rubem Alves: "A invocação da 'verdade' é o instrumento de que se valem os inquisidores, nas suas múltiplas versões, para matar - ou silenciar - aqueles que têm idéias diferentes das suas"³⁹¹. Ao fim e ao cabo, a realidade foi interpretada de forma relativa, ressaltando que aquilo que se apreende do real não necessariamente corresponde aquilo que o é, de fato. Ao trabalhar com as representações da fé para a pessoa encarcerada, seria incoerente negar que a própria análise também exprime uma representação. A teoria revela um esforço de análise do processo de conversão e contribui para a sua compreensão, mas não encerra de forma categórica as possibilidades analíticas. A realidade é fragmentada e a análise não dá conta da sua complexidade.

Procedeu-se, assim, à uma análise das entrevistas com vistas a compreender as narrativas e experiências religiosas do preso. Procurou-se observar como os entrevistados organizaram o discurso a respeito da conversão e identificar os recursos empregados por eles durante a sua explanação. Foi analisada a descrição que os entrevistados fizeram das suas trajetórias de vida, destacando as argumentações, associações causais e as justificativas formuladas por eles para atribuir sentido às suas experiências. Não foi feita uma abordagem psicologizada dos relatos, rejeitando-se a busca por uma profundidade significativa. Buscou-se definir o expediente evangélico na prisão a partir da definição das particularidades das vivências e percepções de cada entrevistado, cuidando para não reduzir, com isso, a individualidade de cada um, mas desenvolver uma composição possível, marcada por ambiguidades, contradições, tensões e impasses sobre os sentidos negociados e as identidades disputadas no complexo arranjo prisional.

A análise das entrevistas procura evitar as armadilhas do discurso, sem, contudo, deslegitimar a fala dos informantes. Nesse sentido, é importante ressaltar que o propósito da pesquisa não foi questionar a veracidade da conversão, mas examinar como os presos mobilizam a identidade evangélica e em quais circunstâncias acionam a fé que dizem ter em

³⁹¹ ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005. P. 11/12.

Deus, proclamando as doutrinas professadas nas Igrejas pentecostais. Assim, serão apontados os disparadores da conversão e discutidas as experiências religiosas e trajetórias dos presos que moram na ala evangélica. Sem ignorar as individualidades de cada uma das narrativas, são reconhecidos os elementos comuns que permitem elaborar categorias de análise, organizadas em três capítulos temáticos: história de vida e conversão; características das alas evangélicas na prisão; relações entre Igreja e facção.

CAPÍTULO 2

CONDENADOS CONVERTIDOS: HISTÓRIA DE VIDA REPARTIDA ENTRE CRIME E IGREJA

Em suas narrativas, os entrevistados relatam histórias de vida marcadas essencialmente por duas experiências: o conflito com a justiça/prisão e a admissão na igreja³⁹²/busca de Deus. A experiência religiosa consiste em um processo marcado por idas e vindas, "quedas" humanas e resgates divinos. Os entrevistados apontam que sucumbiram ao crime, mas foram socorridos pelo poder de Deus. Ao contarem suas histórias de vida, muitos entrevistados esclarecem que se converteram³⁹³ na prisão, indicando que este momento de crise teria desencadeado a "vontade de mudar" e, com isso, a adesão religiosa. São relatadas situações consideradas sofridas e dolorosas, histórias de privação material, desagregação familiar, abandono pelos pais, alcoolismo. Em algumas entrevistas, são narradas histórias de salvação: primeiro, contam dos problemas que enfrentaram, com ênfase nos desarranjos familiares; depois, como o sofrimento teria permitido sua (re)conexão com Deus.

Em extensa e contínua fala, Tadeu³⁹⁴ conta sua história de vida a partir do marco temporal do trabalho. Não fala de infância nem de família. O entrevistado inicia sua narrativa contando sua idade, naturalidade, criação, origens, percursos, lugares onde trabalhou, funções que exerceu e atividades profissionais. Na sequência, emenda:

Quando aposentei, a gente, com tempo demais, bebia muito, muito jogo, muita coisa, fiz algo de errado, o qual vim parar aqui nesse lugar que eu to tirando já desde 2010, e assim por diante. Eu não era evangélico na rua, sempre tive chamada, tive bençãos e nunca dei atenção, não dava ouvido, não tinha tempo pra Deus, mas depois cá aqui, eu vi que era o melhor caminho, a melhor escolha, a qual eu busco hoje, gosto de tá sempre na igreja.

³⁹² A palavra igreja será sempre grafada com inicial minúscula quando designar o alojamento ou a galeria evangélica.

³⁹³ A palavra conversão será empregada como sinônimo de adesão religiosa, porque, embora reconheça-se que a conversão pressupõe ritual de passagem, percebeu-se, no decorrer da pesquisa, que apesar de muitos presos não terem se convertido, na prisão, eles participam das atividades religiosas e seguem a rotina evangélica indistintamente. Assim, é importante registrar que a adesão não implica, necessariamente, na conversão. A conversão se processa mediante o ritual do batismo, que representa um maior compromisso com a Igreja. Já a "adesão" compreende não apenas a conversão, mas também alguma aproximação com as religiões protestantes. Apesar dessas diferenças, identificou-se, na análise das entrevistas, que, apesar de nem todos os entrevistados terem sido batizados, os moradores da igreja não demonstraram distinções significativas nas suas leituras do mundo, da prisão e da religião. Dessa forma, optou-se por indicar pontualmente os entrevistados que compartilhavam o espaço com os evangélicos, seguindo as suas regras e participando das suas atividades, mas que não se reconheciam como tal.

³⁹⁴ Pseudônimo.

Percebe-se, a partir da análise da fala de Tadeu, que o crime está ligado aos prazeres mundanos, como beber e jogar. A prisão marca um rompimento com a vida de trabalhador aposentado. Tadeu justifica a infração cometida ao usar a expressão "a gente", que indica que qualquer pessoa nessas circunstâncias poderia cair em "tentação", mas logo relata sua redenção no encontro com Deus. Assim, a separação entre mundo do trabalho e mundo do crime e a oscilação entre um e outro ficam evidentes no discurso do entrevistado, que fala em recaídas e em chamados de Deus, os quais são retratados como possibilidade de resgate. O vínculo com a Igreja é descrito pelo entrevistado como a melhor escolha, um caminho que, embora pudesse ter sido seguido na rua, antes que ele se envolvesse com o crime, só fez sentido na prisão. Percebe-se uma mudança brusca no seu discurso: Tadeu afirma que foi preso e, sem conectivo, denomina-se evangélico. Com isso, expressa que, mesmo tendo recebido estímulos variáveis para se dedicar aos desígnios de Deus na rua, não teria despertado para essa finalidade naquele momento, vindo a acordar apenas depois de ter sido preso.

Tadeu se tornou evangélico na prisão, embora relate uma oportunidade "desperdiçada" de seguir o caminho de Deus quando ainda não havia tomado o "caminho errado". O entrevistado conta sua história como testemunha do poder de Deus e do dom de revelação concedido por Ele a uma pessoa que teria antecipado o seu destino. Outro ponto que se destaca é a modulação entre o ser "meio crente" e ser "crente crente". Tadeu explica que é preciso seguir o código de conduta crente para ser evangélico de verdade, mas indica que há outros graus de adesão religiosa.

Quando eu tava na rua, antes de eu cair preso, eu tive um problema de saúde, hoje eu to meio travado, mas aí também hoje já a idade já tá bem mais avançada. Eu acho que é artrose. Eu travei um joelho e eu não conseguia abaixar de jeito nenhum. Aí um rapaz chegou em mim e falou assim - e ele não era crente crente, ele ia lá, mas não era crente, converter, porque ele bebia cerveja, ele tinha mulher amante, quem é crente num usa mais esse caminho - ai ele falou "vou te levar numa senhora, numa mulher que tem aí, ela tem um dom de Deus, vi muita gente receber a cura, vou te levar lá". Falei "não, rapaz, isso aqui eu já to marcado cirurgia, só to aguardando pelo SUS, eu, é só cirurgia". Ele falou: "não, segunda-feira eu venho aqui te buscar já, é 8 horas começa o trabalho lá". Aí eu fui, sabe? Cheguei lá, essa mulher começou a orar, ela me revelou. Que a pessoa que busca Deus, tem aquelas pessoas que têm dom de revelação. Ela falou: "tem um senhor que ta vindo aqui pela primeira vez e Deus tá me mostrando, ele tá com uma enfermidade no joelho, e Deus manda falar pro senhor que o senhor tá recebendo a bênção nessa hora". Aí eu olhei, o diabo é sujo, não me manifestei nada, fiquei quieto, falei "o Maurinho foi lá falar pra mulher tudo que eu tinha pra ela tá falando aí para me convencer". Recebi o troco na hora. Eu tava com uma dor no peito muito forte, a qual eu não falei nem para minha mulher, não falei pra ele, pra ninguém. Que se eu falo pra ele, eu ia confirmar que ele tinha falado. Ai eu resisti àquilo, quase não tava aguentando nem respirar, aquela dor no peito, né? Aí ela falou assim: "e esse senhor, Deus mandou falar pro senhor agora, o senhor tá com uma dor muito forte no peito, mas Deus tá te livrando desse mal, tem te incomodado, essa ansiedade que o senhor tá aguardando a sua aposentadoria é que

tá trazendo esse transtorno pro senhor, mas Deus tá te mandando falar pra você que você tá livre desse mal". Aí eu levantei de pé, meu joelho que era travado, hora que eu levantei de pé assim, meu joelho deu um estralo tão grande que até assustei. Falei "meu Deus do céu". Ali já movimentei tudo. Ela falou "é com o senhor mesmo que eu to falando e quero pedir pro senhor, a hora que terminar o culto, o senhor vem aqui na frente que eu quero fazer uma oração exclusiva pro senhor". Ela falou tudo que eu esperava que eu aguardasse sem ela saber de nada. Então Deus age. Deus age na vida de cada um. Só que ali eu podia ter me convertido, tá buscando Deus, que eu tinha saído do caminho das coisas erradas que eu andei. Não dei ouvido. Fui lá, ainda fiz uma promessa, falei para minha esposa. Que ela disse "o senhor tem um bom dinheiro pra receber e em breve vai tá saindo na sua mão". E eu tava desempregado por causa daquele problema no meu joelho. Foi as portas se abrindo pro Senhor. Isso foi na segunda-feira; na terça-feira - eu lembro como se fosse agora -, eu tava sentado assim na cama rezando só de zorba, porque a gente é relaxado quando é católico (risos), porque hoje, por mais que... eu tenho que pôr uma roupa pra falar com Deus; se pra mim ir na presença dum juiz, dum pessoa de autoridade eu vou vestido, por que pra falar com Deus que é autoridade maior eu vou de qualquer forma? Sem nu. Aí que que eu fiz... Falei assim: "bem, essa mulher" - que ela não tinha salário nada, fazia aquele trabalho ali de livre e espontânea vontade e tinha gente que ajudava, porque ela tinha criança pequena. Aí falei: "vou dar 500 reais pra essa mulher". Saiu o dinheiro, peguei 113 mil na época, falei vou dar 500 reais praquela mulher. Minha mulher pegou no pé: "não, porque..." O Diabo botou, é uma coisa que a gente nunca deve prometer. O dia que prometer, cumpra-se. Caí preso daí uns quatro, cinco meses, esse dinheiro aí foi [som com a língua], evaporou. Então hoje eu sei, porque eu leio a Bíblia, antes não lia a Bíblia. Hoje eu não vou deitar, dormir sem num ler uma palavrinha da Bíblia, todo dia eu tiro um momentinho. Já fiz pregações dentro da galeria, do pátio assim pra 40/50 pessoas, dentro dos cubículo. Então é algo importante a gente buscar Deus.

Tadeu retrata em sua narrativa um caso em que Deus o teria chamado, mas ele não teria ouvido. Assim, usa um episódio do passado para legitimar a sua crença de que Deus já havia se manifestado antes em sua vida. Nesse sentido, Tadeu reinterpreta o passado a partir do seu novo jeito de ver e viver a vida. Prova disso é que todos os acontecimentos são justificados como resultado da ação de Deus ou do Diabo. Na história, Tadeu coloca a revelação recebida em dúvida, mas vai confirmando-a gradativamente. Após se convencer de que havia presenciado um milagre, Tadeu se propõe a recompensar em dinheiro a bênção recebida em forma de cura. No entanto, não cumpriu a promessa e sente-se punido por isso. A história de Tadeu é narrada como uma história construída por uma figura trabalhadora e honesta que, por deslize, sofreu um desvio de rota.

Eu fui trabalhador, aconteci, caí numa besteira, tô pagando, num é fácil, mas tem que pagar. Mas toda vida fui trabalhador, num fui envolvido com essas pouca vergonha, com bagunça, deixei me levar por uma situação a qual nunca devia ter deixado. Mas tenho a consciência que eu errei e que tem que pagar. E aqui estou pagando. Ta acabando, mais um pouquinho de dia tô em casa, minha família não me abandonou, vem aqui me visitar.

O crime é apontado como um evento que destoa da sua história. Tadeu se define como trabalhador e se distancia do perfil criminoso. Afirma que o crime foi um deslize, um desvio de caminho, mas que nunca foi envolvido com o crime, ou, em suas palavras, "com

essas pouca vergonha, com bagunça". O trabalho norteia todo seu discurso. Desde sua história de vida contada como história de trabalho até a preocupação com a aposentadoria. Isso o diferencia de outros presos que cumprem pena por outros crimes. O crime cometido é representado por Tadeu como resultado da combinação entre jogo e bebida, mas o crime não o define.

Miguel conta que, segundo seu pai, ele teria sido adotado. No entanto, Miguel não acredita na história da adoção, porque suspeita que seja filho do pai com uma amante. Como os pais se separaram, foi criado um pouco pela mãe adotiva e depois ficou com o pai, que o abandonou, deixando-o aos cuidados da madrasta. Diz que esse período foi complicado e que o contato com a Igreja evangélica lhe proporcionou uma vida diferente, melhor. Narra sua conversão e indica que ela está ligada ao sentimento. Converteu-se porque foi tocado pelo "poder de Deus". A vida longe de Deus é qualificada como uma vida atribulada. Conforme conta, após a conversão, passou a ter uma vida correta e frequentava a igreja até ser traído e acabar "se perdendo". Associa a vida correta ao trabalho, ao casamento, à família e à Igreja, e, de outro lado, perder-se significa levar uma vida boêmia, desregrada, de quem se entrega aos prazeres "carnais". O rompimento com a Igreja ocorre com a traição sofrida, que o levou a beber, fumar, frequentar festas e andar com pessoas de reputação ruim, segundo relata. Teve sua vida negativamente transformada. Afirma que se perdeu e se sentiu abandonado por Deus. Primeiro, foi abandonado pelos pais, depois, pelo Pai. Para piorar, foi preso. Miguel narra o crime, uma tentativa de estupro da qual alega ser inocente. De todo modo, na prisão ouviu o chamado de Deus, que ficou "martelando" na sua cabeça. Voltou para a Igreja com a mensagem de outro preso, que foi solto no mesmo dia que lhe deu o "sermão". Miguel parece associar o chamado de Deus ao alvará do colega. Assim como passou um tempo desacreditando em Deus, desconfiou quando o colega lhe falou que estava aguardando o alvará e já ia sair. Parece que quando o alvará "cantou", se converteu. Uma situação é contada imediatamente na sequência da outra, sem qualquer ruptura, como se precisasse de uma prova ou de uma nova inspiração para se encontrar novamente com Deus.

Minha vida foi meio atribulada até os 17 pra 18 anos. Aí onde foi que eu conheci uns colegas da Igreja Congregação, né? E aí sempre me chamava eu pra ir pra igreja, eu comecei a frequentar a igreja com ele e acabei sentindo algo diferente e aonde que eu fui descer as águas, me batizei. [...] Daí Igreja, trabalho, né, certinho, me casei, tive uma boa esposa, uns belos filhos, né. Tava indo tudo beleza, até que um dia veio a traição. Aí na minha traição que minha esposa me traiu, eu desiludi. Eu desiludi, daí acabei bebendo, começando a beber, daí comecei fumar cigarro, coisa que não fazia, comecei ir pra festa, ir pra baile, andar com más companhia, né? E eu fui me perdendo cada dia mais e o pessoal me chamava pra igreja, eu falava que outro dia eu ia, que não era o momento ainda. E eu achava que Deus tinha esquecido de mim e acabei me perdendo... até aonde que eu fiquei afastado da igreja acho que pelo menos uns 7 anos. Daí eu arrumei outra mulher, fui morar

junto, era só atribulação, não dava certo, porque não era uma coisa que era de Deus também, era uma coisa que era da carne, eu acho. Aí separei, tive um filho com ela também, fiquei pagando pensão, aí arrumei outra, mesma coisa, num deu certo. Aí até que eu cheguei num ponto, quer saber, vou ficar sozinho, vou curtir a vida. Comecei curtir a vida demais. Aí já usei droga também, já comecei usar uma maconha, depois passei pra cocaína. Aí depois eu vi que num tava me fazendo bem, eu parei, falei eu nunca fui criado nisso, né, mas nem tava pensando em Deus praticamente mais pra mim. Ele esqueceu de mim e eu também já não ligava mais. Meu negócio era beber, fumar, festar e trabalhar, igual um louco. Trabalhava o mês inteiro, pegava o salário, quando pegava o salário na sexta, no sábado, tava pedindo cigarro emprestado pro meu colega, porque o meu dinheiro tinha acabado. Tinha gastando com mulherada, festa, tudo que é de direito, né, na vida carnal. [...] E nisso eu acabei vindo preso. [...] Aí um dia lá nós dormindo no chão, né, quatro pessoas junta num corredorzinho pequeno e eu tava pensando aqui, falei "é Deus, mas por que que tá acontecendo isso comigo?" Aí veio uma voz na minha mente. "Simples, você esqueceu de mim. Só isso, eu nunca esqueci de você, mas você esqueceu de mim". Aí tipo, essa voz ficou martelando na minha cabeça um bom tempo. Passou mais uns três meses chegou um pastor numa igreja lá numa dominação da Igreja Assembleia, né? Daí ele começou a falar com todo mundo, que eu não lembro o nome dele hoje. Ele começou a falar com um e com outro e daí eu falei assim: mas esse rapaz tá falando com todo mundo, que será que é, né? Aí eu me aproximei pra mim saber o que que é, curiosidade, né. Daí ele falou: "rapaz, olha, eu preciso falar com você antes de ir embora, eu vou embora hoje e eu preciso falar com você". E eu, como a gente é ser humano, fiz pouco caso. Tsc, ir embora hoje, para. Daí ele falou: "busca um café pra mim, vamo conversar". Aí eu fui lá no fogão, peguei um café, levei pra ele e ele olhou bem certo em mim e falou: "ó, que aconteceu com você é permissão de Deus e você sabe que Deus tem um ministério pra entregar na sua mão, só que já tá na hora de você pegar e desenvolver, você pegar e estudar mais a palavra, que Deus tem grandes coisa para revelar pra você, só que você virou as costas, você tá dando prioridade para os prazeres da carne, então tudo que você fizer, você vai ter que prestar conta, então se eu fosse você, a sua vida aqui vai ser passageira, isso aqui não é o final do mundo não, isso aqui num piscar de olho você tá lá fora, então se eu fosse você hoje, voltava pros braços de Deus enquanto é tempo, que Ele tem grandes coisas pra você e você não tá deixando ele trabalhar na sua vida. E eu falei o que eu tinha que falar pra você eu já falei, agora eu vou esperar o meu alvará e vou embora". Aí eu fiquei meio assim, né. Aí foi questão de eu ir no banheiro, voltar, o alvará dele cantou. Daí eu me assustei, falei "opa, o negócio é sério, né". Daí eu fiquei martelando. Eu comecei a estudar a palavra, daí eu li a Bíblia de Gênesis a Apocalipse uma vez, daí eu falei, não, mas eu vou ler de novo, ler de novo, 5 vezes eu li a Bíblia, pra mim poder começar a entender qual que era o mistério de Deus.

Percebe-se que a história de vida e a experiência da conversão estão atreladas no discurso de Miguel. A experiência religiosa surge espontaneamente na sua entrevista e um primeiro dado que pode ser identificado na fala de Miguel é a separação e o trânsito entre dois mundos narrados como opostos: mundo do trabalho/religião e mundo da vadiagem/crime. O entrevistado explica as razões que o levaram a circular por um e outro, bem como descreve as circunstâncias que marcaram sua vida em cada um deles. Além disso, é possível notar também que a Igreja aparece em dois momentos de sua trajetória: antes e depois do crime. A religião surge em momentos difíceis. Primeiro, na juventude e, depois, na prisão. Dois momentos em que teria se sentido abandonado à própria sorte. Duas vezes abandonado por Deus.

Lázaro afirma ser católico, embora declare participar de todas as atividades religiosas realizadas na prisão, independentemente da filiação institucional. Sobre sua história de vida, Lázaro destaca a criação recebida da família e o trabalho como método de educação, indicando que a ausência de vícios é sinônimo de vitória. Deus aparece seis vezes. Lázaro dá graças a Deus por ter saúde, afirma e repete que tem fé e crê em Deus, aponta que tem as duas coisas mais importantes da vida, que, na sua visão, são saúde e Deus, reforça que tem fé em Deus e saúde e termina dizendo que é persistente e não perde a fé.

Minha experiência de vida desde a minha infância já comecei a trabalhar bem novo, né? E com 8 anos de idade já trabalhava na roça. Então pra mim foi bom que educou, né, que às vezes a criança em vez de trabalhar, estudar, vai pro caminho errado, né? Então pra mim eu achei bom começar a trabalhar novo, pelo menos na parte de educação pra mim serviu bastante como experiência, não peguei vício nenhuma, né. E meus pais também soube dar boa educação e graças a Deus tenho uma boa saúde, tenho fé em Deus, creio em Deus e do mais a gente vai levando. Mais importante da vida da gente eu acho que é primeiramente é Deus e a saúde. Sem essas duas coisas se torna difícil pra, pra gente vencer, seja qualquer idade, né? Então tendo os dois a gente vence com força e vontade, né, tem que mostrar força e vontade da gente também, né? Se a gente não tiver força e vontade num adianta a gente ter fé em Deus e ter saúde se a gente não se esforçar um pouquinho, né? E sem sacrifício, a minha experiência que eu tenho até hoje é... sem sacrifício a gente não vence nada não. Tudo tem que ter o sacrifício e persistir, né. Nunca desistir e nunca desanimar. Eu mesmo sou persistente (risos), porque dificilmente eu joga a toalha, não desanimo não pra buscar Deus, buscar o trabalho, então eu sou bem persistente nessas partes aí, dificilmente eu perco a fé, sempre eu tenho esperança que tudo que eu vou vencer, né. [...] Jamais eu achei que eu ia ser preso, né? Do nada assim a gente, pra falar a verdade eu to preso mais porque eu conheci pessoas erradas, né? Se eu tivesse conhecido pessoas que serve o caminho reto de Deus, eu não estaria caído nessa cilada.

O entrevistado associa o êxito na vida ao trabalho, educação, saúde e fé em Deus. No entanto, aponta que é preciso fazer algum sacrifício, ter força e vontade para vencer. Lázaro se qualifica como uma pessoa que preenche todos os requisitos para vencer, pois é persistente, tem saúde e fé, recebeu boa educação e foi introduzido muito cedo no mundo do trabalho. Deus faz parte da sua história de vida. Como consequência disso, o entrevistado não coloca o crime como parte de sua história. A prisão aparece na sua vida como um evento que não combina com sua história. Lázaro não se julga culpado por estar preso, atribuindo às más companhias essa má sorte. Lázaro associa a prisão à uma cilada, sugerindo que caiu nessa emboscada porque conheceu pessoas erradas, que não seguem o caminho de Deus. Assim, o entrevistado indica que foi desviado do caminho, caindo na prisão. A história de Lázaro se confunde e se confronta com a de outros entrevistados.

Isac é de conversa fácil. Ele começa a narrar sua história de vida contando que é trabalhador e tem uma família exemplar. Com isso, Isac indica que não se reconhece no estereótipo de criminoso. Isac conta que largou tudo em São Paulo e mudou-se para o Paraná

para que a esposa pudesse cuidar da irmã dela. Recém-chegado ao Estado, Isac teria sido roubado e atribui a esse fato seu envolvimento com a justiça. O entrevistado disse que fez a pior besteira de sua vida influenciado por pessoas que gostam de fazer o mal. Isso teria lhe rendido uma condenação de 32 anos de prisão. Isac explica que foi enganado pelo sobrinho. Este seria o responsável por roubar sua casa e sua liberdade. Apesar de tudo isso, ou em função de tudo isso, afirma que Deus tocou seu coração. A partir daí, Isac começa a resgatar no passado os sinais que Deus já havia enviado a ele. Isac diz que antes de tudo isso acontecer, ao entrar pela primeira vez em uma igreja, havia recebido a revelação de que perderia tudo, patrimônio e liberdade, menos a família. Segundo Isac, a mulher que fez a revelação acertou. Primeiro, perdeu a liberdade. Depois, o patrimônio. Depois de ter perdido tudo, menos a família, Isac teria aceitado Jesus como único e legítimo salvador.

Eu sempre fui trabalhador, 47 anos da minha vida, sempre trabalhando, família exemplar, eu vim pro Paraná, você vai entender um pouco, porque a irmã da minha mulher tava com câncer terminal, tava com 95% do estômago já tinha sido tirado. Eu deixei meu negócio, eu era empresário em São Paulo no ramo de gráfica. Eu tenho casa em São Paulo e vim pra cá, loquei um lugar pra ficar perto da irmã da minha mulher. Mesmo assim como eu tinha algumas influências, fui trabalhar com o prefeito Zezinho, ia colocar, a gente ia fazer uma facção de roupa com a Morena Rosa e eu acabei também montando uma lanchonete e roubaram a minha casa. Eu tinha 30 dias de Paranavaí, roubaram a minha casa. E o que aconteceu? Foi um desespero, né, porque eu sou pai de cinco filhas, desespero é total, porque eu saía pra trabalhar e minhas filhas ficavam em casa, as menores, né. Então cabei fazendo a maior besteira da minha vida, acreditando em pessoas, né, que gosta de fazer o mal, resumindo, peguei 32 anos de cadeia. Sou condenado por dois homicídios triplamente qualificados, né? E depois de tudo isso, depois de tudo isso, depois de dois anos que eu já estava condenado, eu descubro que foi meu sobrinho que roubou minha casa e que ele matou as pessoas que não tinha nada a ver, né. Isso foi uma facada no meu coração e da família, né? E aí to aqui pagando, mas eu não acreditava em Deus, eu só acreditava no meu dinheiro, que comprava tudo a hora que eu queria e quando eu queria, né? E hoje eu sou um homem de Deus, Deus tem tocado no meu coração. E graças a Deus tá tudo dando certo, eu tive uma revelação, você acredita em revelação? Eu cheguei em Paranavaí, depois de uma semana, eu entrei em uma igreja, eu nunca tinha entrado em uma igreja e a mulher pegou assim a minha identidade, ela fazia revelação, né? Ela pegou a identidade de duas pessoas, na terceira foi a minha, tava eu, minha mulher e minhas filhas, e ela olhou pra mim assim, falou assim - não sabia se ela me conhecia ou não - "esse homem é um homem estranho em terras estranhas, Deus manda falar pra ele que ele vai perder tudo que ele tem, todos os bens, vai passar a maior dificuldade da vida dele e ainda vai ser preso, vai ficar um bom tempo atrás das grades, ele só não vai perder a família". E aí eu mesmo não acreditava nas coisas que ela falava (risos), né, e aí, é... ela falou assim: "mas Deus tá falando, se ele entregar a vida pra o Senhor Jesus, Jesus tem um compromisso na vida dele que tudo que o inimigo tomar da vida dele, Deus vai dar em dobro pra ele". Até então eu não acreditava e ela falou assim, falou meu nome e falou assim: "você aceita o Senhor Jesus como senhor e salvador da sua vida?" Eu falei: "eu não acredito em você". Quinze dias passou e eu tava preso. E ainda não tava bom, ainda não tava bom, a prisão ainda não tava bom, acho que o inimigo queria que eu descesse mais ainda no fundo. Sabe quando as pessoas assim, a família leva as coisas pro detento, leva as coisas, mantimento, essas coisas? E pra mim chegava muita coisa, bastante coisa mesmo, porque minha vida sempre foi boa, mas foi acabando sem eu perceber. Quatro meses se passou, chegou apenas uma sacola amarela escrita com letras garrafais "papai, nós te amamos" e do outro lado minha

mulher falava assim "eu te amo, amor". Apenas um doce de leite. Eu nem percebi qual o motivo daquele doce de leite. Apenas coloquei dentro da caixa de isopor e fiquei, né. E no outro dia era dia de visita. Minhas filhas chegaram, a primeira coisa que falou foi do doce de leite, eu já passei pra elas, né, que ficaram completamente alegres, né? Não sabia também o motivo que ela tava tão pequena, né? Uma tinha 5, outra tinha 9 anos na época. Hoje faz 10 anos que eu tô preso. E aí minha mulher ficou no canto assim, com o semblante totalmente diferente do que eu conheci ela, as meninas saíram meio-dia, eu ficava com a minha mulher do meio-dia até as 5h da tarde, né? Ficava junto com ela. Aí eu falei pra ela: "que que tá acontecendo?". Aí ela falou assim: "Deus abandonou a gente". "Que que tá acontecendo?" "A empresa não tá dando certo, a lanchonete que você montou eu não consigo administrar, a Pick Up eu bati num Corsa, acabei derrubando um muro, tive que pagar o Corsa e o muro, e o nosso deu PT, a caminhonete eu fui sair e esqueci que tinha que colocar água, acabou estourando o cabeçote, bom, esses quatro meses, três meses, eu to sem pagar aluguel, água e luz do lugar onde você locou a lanchonete e em casa faz um mês que eu não pago o aluguel e nem água, situação tá completamente difícil". Aí tentei resolver da minha maneira, né, a situação, né, porque pedi pra vender algumas coisas que a gente tinha na lanchonete, né? Aí beleza, a gente chorou e eu orei pra ela, né? A gente só sabia orar o Pai Nosso, nós dois ali chorando. E aí eu perguntei do doce de leite, toda vez que eu pergunto do doce de leite, eu sinto que eu volto atrás e eu me emociono muito. Foi essa a decisão que eu tomei pra Deus, né? Então quando eu perguntei do doce de leite, aí ela começou a chorar e ela não parava, ela não parava de jeito nenhum, eu falei assim: "você vai acabar tendo um troço, né". Aí ela bebeu a água que eu dei pra ela e ela falou assim: "o doce de leite eu e as suas filhas, ontem, a gente sentou na mesa ontem pra saber quem precisava mais do doce de leite". Porque era a única coisa que tinha na minha casa. Aí eu falei pra Deus, se eu mudar a minha vida, eu entrego a minha vida pra ti, e foi isso que aconteceu, a minha história de vida.

Percebe-se que Deus faz parte da história de vida de Isac, uma história dramática cheia de reviravoltas. Segundo ele conta, tinha muitas posses, o que lhe rendia uma vida boa com a família. No entanto, teria sido enganado por um sobrinho, que, ao que sugere o entrevistado, teria roubado sua casa e matado os falsos culpados. Isac teria vindo para o Paraná em função do estado de saúde da cunhada, mas teria sido traído pelo sobrinho. O maior erro de sua vida é descrito como acreditar em pessoas que gostam de fazer o mal. Teria sido preso por acreditar nessas pessoas. Na prisão, sua fortuna foi desaparecendo. Conta um episódio em que a esposa lhe envia exclusivamente um doce de leite na sacola de mantimentos e chora na visita, ao saber que os negócios iam mal. É este episódio, segundo conta, que o leva a entregar sua vida à Deus. Antes de ser preso, contudo, já havia tido uma revelação. Ao visitar uma igreja, uma mulher já havia anunciado que ele iria ser preso e perderia tudo. Não acreditou e, depois, viu tudo que ela havia dito acontecer.

Nem todos os entrevistados parecem se sentir confortáveis para contar a sua história. Muitos deles acham a pergunta muito ampla e perguntam o que a entrevistadora quer saber. Quando isso acontece, a entrevistadora pede ao entrevistado para contar os fatos da sua vida que julga relevantes. O que se intui nestes casos é que os entrevistados relacionam a história com passado e passado com crime. Muitos, inclusive, afirmam expressamente que não

querem falar de crime. No curso das entrevistas, percebeu-se que um dos fatores que pode motivar isso, além, evidentemente, do fato de que alguns podem não querer falar do crime por constrangimento ou desconforto, é que muitos não querem falar do crime porque uma das regras da Igreja é não falar de crime e não relembrar o passado. O conjunto das análises permitiu identificar que uma forma de a Igreja se diferenciar do convívio é justamente estimulando o diálogo de outros assuntos e bloqueando o acesso a esse tema como forma de impedir que a pessoa se sinta novamente tentada a praticar alguma conduta criminosa. Ao que parece, alguns entrevistados entendem que conversa sobre crime é conversa de criminoso. Natan é um dos entrevistados cuja resposta à primeira pergunta é completamente furtiva. Natan mora no seguro, se denomina evangélico, mas declara não seguir as regras da Igreja. Após perguntar o que a entrevistadora queria dizer por história de vida, ele responde:

Ah, o que eu acho importante, primeira coisa, é o ar que a gente respira, né, isso é a coisa mais importante né. Viver sempre buscando a Deus, mesmo desviado a gente tem que tá focado com Deus, orando e tentando fazer o bem pros outros, né, fazendo o bem pra receber o bem, sem maldade, sempre tá no caminho de Deus.

Diferente da maioria dos entrevistados, Natan parece não querer contar a sua história. Natan não conta sobre sua infância, sua família, sua profissão nem sobre seu crime. Natan se limita a comentar apenas aquilo que julga ser um modelo de vida a ser seguida. Para o entrevistado, mesmo os "desviados" devem dedicar sua vida a Deus.

Mauro começa contando que era católico até os 21 anos, mas que nessa idade começou a usar drogas com seus amigos. Esclarece que, na sua visão, usar drogas não é tão grave quanto roubar. Descreve sua família como uma família humilde e relata que brigou com o pai, que tinha um problema de saúde. Na sequência, explica que o pai teve um derrame e que o médico recomendou à família que não o deixasse nervoso, porque isso poderia colocar sua vida em risco devido a seu histórico de saúde. No meio da história, anuncia que irá narrar o que teria mudado sua vida, e conta que sua cunhada teria convidado a família para uma ceia evangélica. Conta que também foi convidado, mas não pôde ir, porque estava cuidando da casa de um amigo que morava sozinho e tinha saído. Segundo conta, seu pai teria falecido logo após essa ceia, ocasião em que teria recebido a "Palavra", se arrependido de todos os pecados e aceitado Jesus. Mauro explica que estava com amigos e que tentou chegar em casa várias vezes, mas algo reiteradamente o impedia. Conta que recebeu a ligação de sua cunhada avisando que havia acontecido algo grave em casa e que ele precisava estar lá. Mesmo assim, teria continuado "curtindo" com os amigos, até que sua cunhada ligou novamente para informar que seu pai teria falecido. Na sequência, narra seu sofrimento e

esclarece que, por esse motivo, teria se envolvido com tráfico de drogas. Entretanto, afirma ser grato a Deus por ter sido preso na sua primeira atividade, porque isso o teria levado a conhecer e estudar a Bíblia.

Minha história. Então, eu sempre, sempre fui da religião né, religião católica assim, desde criança, até que cumpri os meus 21 anos, e andava, andava assim como uma pessoa normal vamos dizer assim, muitas vezes mexendo com coisa que eu não devia ali no ambiente da amizade assim. Graças a Deus nunca, com meus amigos, meus parentes, vizinhos assim, não entrou assim no nosso coração graças a Deus, nossa mente de fazer coisas erradas tipo assim, roubar ou fazer algum tipo de crime, graças a Deus, mas começamos a ouvir falar, começamos a ouvir falar assim às vezes nas drogas, essas coisas, e começamos a utilizar, mas, é... Mas da minha família mesmo, graças a Deus sempre fomos uma família bem humilde, bem tranquila e... que eu vou te dizer, graças a Deus ninguém mexeu com coisas que é fora do normal na minha família. Aí quando eu cumpri 21 anos, eu briguei uma vez com meu pai por uma bobeira, uma coisa tão simples. E ele já tinha um derrame né. [...] Até que um dia - o que vai acontecer agora isso aí foi o que mudou a minha vida -, ele, a minha cunhada que era evangélica mais apartada, que mora com meu irmão na minha casa - eles moram ali porque ajuda minha mãe -, ela convidou meu pai, e a minha mãe pra ir numa ceia assim evangélica, convidou, foi lá, tudo. [...] E meu pai foi, foi lá, aí foi tão forte pra ele né, resumindo mais a história, foi tão forte para ele aquele dia que ele recebeu umas palavras assim, eu acredito que foi de Deus mesmo porque ele estava sentindo já que ele ia partir né, estava se despedindo né, às vezes a pessoa - não sei se você já ouviu falar de muitas pessoas que aconteceu isso com elas. E aí o pastor foi e falou para ele, falou para ele assim que se ele se arrependia de tudo que ele já fez na vida dele, de todos os erros que ele já cometeu e que se ele aceitava Jesus, Jesus Cristo, se ele acreditava que Jesus um dia morreu aqui na terra por nós, porque se ele aceitava Ele como único salvador. Eu acredito que meu pai sentiu isso aí tão forte no coração que ele aceitou, ele aceitou e compreendeu e entendeu na hora essas palavras, né, do pastor. E foi tão forte isso pra ele, que foi quase meia-noite esses tempo, eles começaram a se recolher, acabou a ceia, ele foi em casa e quando ele sentou na cama dele, ele soltou uma veia que chama, na parte lateral aqui, e faleceu meu pai ali no momento. Depois de ter aceitado, né. E aí eu estava, como eu era usuário, né, eu era usuário da maconha, eu estava usando ela, eu tava em outros lugares usando ela e curtindo como se fala com os amigos aí, compartilhando umas piadas. E eu, cada vez que eu tava chegando perto de casa, eu parava, eu parava, por algum momento. E era alguma coisa já falando pra mim tipo assim chegar em casa pra eu poder ver meu pai pela última vez, mas tinha alguma coisa me parando. Hoje eu entendo isso, mas no momento eu não entendia. [...] Então pra resumir mais, foi esse um dos motivos que eu me envolvi pra trazer coisas erradas aqui no Brasil e graças a Deus eu agradeço a Deus que foi na primeira vez que eu fiz, já deu errado e me serviu bastante, porque aqui no Brasil eu conheci a verdadeira palavra, que é a Bíblia né. Eu nunca mexi numa Bíblia, hoje eu estou estudando as duas Bíblias, eu estou estudando a católica e a evangélica e fazendo grandes comparações. E meus olhos foram abertos de uma tal maneira que não dá para explicar assim, eu acredito que a Bíblia fala assim, Deus fala que é pra gente pedir sabedoria pra Ele, que Ele dá.

A história de vida de Mauro começa com o rompimento com a religião e termina com o resgate da palavra de Deus. Segundo sugere, aos 21 anos teria brigado com o pai, começado a usar drogas e se afastado de Deus. Entretanto, a morte do pai e o envolvimento com o tráfico teriam permitido que ele se reconectasse com Deus. A leitura da Bíblia, com isso, permitiria que os fatos do passado fossem reinterpretados e que a experiência de perda ganhasse sentido, sendo responsável pela sabedoria conquistada com a leitura da Palavra

sagrada. Mauro marca distância com o mundo do crime e também rejeita o rótulo de criminoso. Qualifica-se como uma pessoa normal e aponta que é religioso desde criança. Afirma que nunca roubou, apenas mexeu com drogas. Mauro conta um episódio que teria provocado uma mudança em sua vida. Trata-se de uma experiência subjetiva. Mauro diz que seu pai foi convidado a ir até a igreja evangélica e lá aceitou Jesus pouco antes de morrer. Após a morte do pai, Mauro foi preso com drogas. Mauro afirma que a prisão serviu para que ele conhecesse a "verdadeira Palavra". Conta que está estudando a Bíblia e que, com isso, está ganhando muita sabedoria, abrindo os olhos.

Ao ser solicitado a contar a sua história de vida, Valdir questiona: "Desde pequeno ou desde que eu caí preso?". A entrevistadora, então, responde: "Como você achar melhor, o que foi importante na sua vida, que marca a sua existência". E assim o entrevistado assume a sua história a partir do olhar para a religião:

Quando eu era pequeno eu fui batizado né na Católica, fiz primeira comunhão, fiz catecismo tudo, só que não frequentava muito a igreja não, né. Aí com passar do tempo quando surgiu o padre Marcelo Rossi eu já vi que tinha alguma coisa errada com católico, eu já não achava aquilo certo, mas depois que eu caí preso, que a mãe Ruth foi lá visitar a gente lá, aí ela começou a ensinar o evangelho pra nós, aí eu não lia muito a Bíblia ainda também, aí depois quando eu fui transferido pra CCM, aí eu comecei a ler mais a Bíblia, fui batizado nas águas, e comecei a entender melhor né, a Bíblia, e ver que o evangélico era mais certo do que o católico. [...] Só que hoje eu quero conhecer mais outras igrejas, né, a Batista Renovada, todas pra ver qual que vai agradar melhor a mim. Aí eu batizei mais na Adventista mais por causa da mãe Ruth, né.

Valdir relata que foi criado como católico, tendo recebido os sacramentos da Igreja, mas que não participava de atividades religiosas, podendo ser classificado na clássica categoria de "católico não praticante". Explica que se decepcionou com o catolicismo, quando a figura de um padre se tornou famosa. Afirma que não achava a religião católica correta, mas não explica exatamente o que o teria levado a chegar a essa conclusão. Ao ser preso, teria sido apresentado à Igreja evangélica, mas ainda não teria tido motivação suficiente para se converter. Porém, indica que, ao ser transferido para outra unidade prisional, começou a ler a Bíblia e se batizou, agora nas águas do Evangelho. O entrevistado, por fim, esclarece que foi batizado na Adventista do Sétimo Dia, mas que pretende conhecer outras igrejas para ver qual lhe agrada mais.

Davi tem uma história que destoa da história da maioria dos entrevistados. Ele já era evangélico antes de ser preso. Conta que cometeu um "crimezinho", que nem crime pode ser considerado, na sua visão. Davi é evangélico há 40 anos, mas rompeu com a Igreja que frequentava. O entrevistado relata que pertencia à Igreja Presbiteriana do Brasil, uma Igreja

histórica, mas que, atualmente, está acompanhando a Igreja Missionária. A entrevistadora pergunta quando o entrevistado mudou de Igreja e ele narra:

Foi depois da cadeia, porque eu tive problema realmente decepcionante com a minha igreja, porque quando eu fui preso, né no caso, infelizmente eles, a igreja nos abandonou, entendeu? A minha esposa ficou sozinha, né, que o meu filho fazia pouco tempo que tinha casado, a filha já fazia 15 e nesse meio tempo eles simplesmente abandonou, nem a mim aqui nem a minha esposa lá. Aquilo lá doeu pra gente né, que a gente frequentava, tinha Ministério, né? [...] Normalmente tem um líder e o colíder, no caso o casal. Aí a gente forma esses grupos, aí começamos a fazer esse trabalho e eu era um desses líderes da igreja, além de inclusive pregar, lecionar escola bíblica e outras coisas mais, ou seja, vamos falar uma coisa clara, eu era um crente ativo dentro da igreja, tá!? [...].

Davi teria se sentido abandonado pela Igreja após ter sido preso, relatando que nem ele nem sua família receberam qualquer apoio, mesmo ambos tendo trabalhado ativamente na Igreja. Segundo narra, além de atividades de ensino bíblico, ele e sua esposa coordenavam um grupo que reunia casais, oferecendo ajuda em situações de conflito no casamento e formando, em tese, uma fraternidade. Davi explica que, ao ser preso, deixou de ser bem-vindo à Igreja, mesmo todos sabendo e, inclusive, usufruindo da atividade que o levou a ser preso.

A partir do momento que aconteceu, a igreja virou as costas pra gente. E perto da minha casa tem uma igreja missionária, entendeu? Aí o que aconteceu, a minha filha ela se revoltou também, começou a ir nessa missionária, o pastor da missionária começou a dar atenção pra minha esposa e pra mim na cadeia, entendeu? Aí eu me vi praticamente na obrigação de mudar de igreja. Por quê? Porque eu passei a ter digamos alguém que desse apoio pra minha família. A minha igreja me abandonou, a nova igreja me acolheu, você tá entendendo? Pra mim, eu não me sinto como se eu fosse um traidor, tá, é mais como se eu fosse traído, tá certo?

O entrevistado reforça que foi abandonado pelos irmãos da Igreja, os quais qualifica como "coparticipantes" do crime pelo qual teria sido condenado. Davi afirma que foi traído por uma Igreja e acolhido por outra. Assim, percebe-se que a história de Davi é incomum, pelo menos dentro da prisão. Na maioria dos casos, os evangélicos se converteram após a prisão, resgatando no passado vínculos muito frágeis com a religião, como um membro da família evangélico, alguma atividade religiosa pontual que já tenha participado ou mesmo uma revelação que tenha recebido.

Daniel responde a primeira pergunta afirmando que nunca foi envolvido com o crime. Apesar disso, a sua história de vida está centrada nele. Sua fala gira em torno da situação que o levou a ser preso, e ele atribui esta consequência ao envolvimento com más influências. Assevera que não se envolveu com o crime, mas foi envolvido por ele. Ou seja, se envolveu com pessoas que o envolveram no crime. Seja como for, antes disso, se identifica como uma pessoa trabalhadora, que mesmo muito jovem já conquistou posses com

seus esforços, posses estas que teriam sido perdidas para o crime. O entrevistado reforça que possui uma identidade ligada ao trabalho e que o crime não integra a sua identidade, mas um acontecimento inesperado que roubou todo o resultado do seu trabalho.

Eu tenho 27 anos, nunca fui envolvido com o crime, mas aos 20 anos eu conheci a maconha. Eu comecei fazer uso. Por não ser envolvido com o crime eu precisava de pessoas que tivessem acesso à droga pra mim usar, e nisso eu envolvi com amizades erradas, pessoas que realmente traficavam, porém eu sempre trabalhei, dos 15 anos até os 22 que é quando eu caí preso, eu era fotógrafo, fiz vários cursos e viajei várias lugares no Estado do Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso. Acredito eu que meu erro foi realmente as amizades erradas, porque eu com 20 anos já possuía uma moto e um carro próprio no meu nome e uma casa alugada. Nada fruto do tráfico de drogas, tudo fruto do meu próprio trabalho. E perdi tudo isso pro tráfico, pro crime. Tudo que eu conquistei trabalhando, lutando, eu perdi.

A história de Daniel segue o seguinte percurso: adolescência marcada pelo trabalho e declínio provocado pelo uso de drogas. A história de Daniel é uma história de perda. Sua narrativa é centrada na perda e, segundo ele conta, tudo que conquistou foi perdido para o tráfico. Assim, Daniel escolhe contar a história que o levou a ser preso. É essa a sua história de vida.

Durante toda a entrevista, Daniel registra que nunca foi envolvido com o mundo do crime e que pertence ao mundo da igreja, procurando confirmar isso na forma como fala. Ele diz: "Como eu falei, eu nunca fui envolvido com o crime, então eu não tenho, como eles falam, guerra com ninguém, que seria problema de vida ou morte. Por eu já ter servido a Deus um pouco lá fora, então eu já conheço um pouco da palavra". Daniel marca distância com o mundo do crime desde a escolha das palavras. Percebe-se que o entrevistado faz uma separação que se revela no uso da linguagem. Ele diferencia a linguagem do mundo da igreja e a linguagem do mundo do crime e explica quando uma expressão é usada por um ou outro grupo. No trecho acima, Daniel afirma que não tem guerra com ninguém e deixa claro que guerra é um termo empregado por quem é envolvido com o mundo do crime, que não é o seu caso.

Nunca quis isso pra minha vida, como eu falei eu nunca fui do crime, eu nunca fui criminoso, porém pra sobreviver e se adaptar eu tive que aprender regras. [...] Eles chamam de disciplina. É, exemplo, eles falam rateagem se eu pegar algo da pessoa que está junto comigo, na sociedade a gente fala que é roubo, mas entre eles chamam rateagem. Alimentação é sagrado, uma parte que a facção pelo menos coloca a disciplina é interessante pelo menos nessa parte, é... se eu tenho, todo mundo tem também, não é obrigatório você dividir, só que se eu vou comer e tem mais cinco junto comigo pra comer, normalmente as pessoas se dividem de coração aquilo que têm. E aqueles que não são da facção são chamados de, eu esqueci o nome, mas tem um nome pra pessoa que não é da facção, só que respeita à disciplina, você seria companheiro. O companheiro ele não pertence à facção, porém ele convive com a facção no meio dela. É proibido agressão entre qualquer um que esteja na cadeia da facção, exceto quando é um julgamento. Então um julgamento se a pessoa fez algo de errado, se eu agredir uma pessoa, eu vou passar

pelo meu julgamento e conseqüentemente a pessoa que eu agredi terá um tempo estabelecido, eu não posso reagir, pra descontar o que eu fiz com ela. Eles falam que sangue se paga com sangue e vida se paga com vida.

Daniel também conta que já foi convidado várias vezes a participar da facção, mas que teria negado. Neste trecho, marca novamente o seu afastamento ao esclarecer conceitos empregados pela facção, deixando claro, desde a linguagem, que não pertence a esse universo. O entrevistado repete durante toda a sua entrevista que nunca pertenceu ao crime e procura se separar no/pelo discurso. No entanto, esclarece que, mesmo quem não pertence à facção, precisa seguir suas regras.

Quando Daniel fala de termos usados pela igreja, como o termo "desviado", ele se inclui na comunidade discursiva que emprega essa expressão, dizendo "que é assim que a gente chama quando a gente conhece a palavra de Deus e sai, a gente fala que a gente é desviado". Em contrapartida, quando usa linguagem do crime e da facção, emprega a terceira pessoa do plural: "eles falam". Daniel se coloca do lado da sociedade e representa a facção como um grupo externo a ela. Isso fica exposto nas seguintes partes: "eles chamam de disciplina", "eles falam rateagem", "na sociedade a gente fala que é roubo", "eles falam sangue se paga com sangue e vida se paga com vida". O entrevistado também relata detalhes do julgamento processado pela facção e, novamente, marca a distância com a linguagem do crime, explicando conceitos como "aval" e "gatorade".

Por ser um julgamento, não é só um que julga, você passa pelo menos por cinco pessoas te julgando, cinco porque tem que ser um número ímpar pra dar um resultado final. [...] Por nunca ter sido envolvido com o mundo do crime eu fiquei horrorizado. Eu ouvi pessoas dando... eles falam aval, aval pra tirar vidas, aval pra quebrar perna, braço, aval pra ser espancado, aval pra tomar cocaína com água, que eles chamam gatorade. Esse gatorade ele causa, quando a pessoa usa muito droga, overdose instantânea.

Assim, destaca-se a separação de comunidades discursivas. Ao que parece, evangélico não pode usar expressão de cadeia, porque evangélico não pertence ao mundo do crime.

Mateus conta sua história a partir do marco temporal da infância. O entrevistado resgata o passado como para construir sentido para o presente, indicando as possíveis situações que contribuíram com sua prisão. Mateus conta que foi criado apenas pela mãe, que era muito pobre e trabalhava na roça. Além disso, explica que acompanhava a mãe no trabalho, porque foi expulso da escola. Conta que, na roça, aprendeu as "coisas do mundo" e se envolveu com o crime. Assim, o entrevistado narra fatos encadeados, ligando o seu passado ao presente.

Ah eu posso falar para você que eu tenho 42 anos né, eu sou de uma família pobre, minha família quando eu me conheci por gente já trabalhava na roça. Meu

pai morreu eu tinha 6 anos de idade, fui criado pela minha mãe, minha mãe trabalhava na roça, aí com 7 anos ela me colocou na escola, no primeiro ano, aí eu acabei sendo mandado embora da aula, acabei matando aula, minha mãe trabalhava na roça e não tinha tempo pra cuidar de mim, aí acabei sendo mandado embora da escola, aí minha mãe passou a me levar pra roça junto com ela, passei a ficar com ela, aí ela ia trabalhar, eu ficava com ela na parte que o sol tava frio, assim meio frio a parte bem cedo, aí a tarde ela me deixava no ônibus. E aí eu fui crescendo, aí comecei a ajudar ela, comecei a trabalhar também, ganhar minha diária, às vezes era algodão, comecei a trabalhar catando por quilo, ajudando ela nos final de semana, ela pegava o cheque, fazia as comprinhas pra nós, fazia feira, e assim fui vivendo junto com ela, né, dona. E durante esse tempo aí fui conhecendo bastante gente, que é roça, né, tudo misturado, né, e fui aprendendo com pessoas diferentes, coisas do mundo, daí já não tava estudando mais, aí fui crescendo, e assim eu trabalhei na roça até uns 14, 15 anos, aí depois comecei a engraxar sapato, aí já comecei a fumar cigarro, fui aprender a fumar cigarro, aí passei a conhecer as drogas, que era cola na época, né, aí maconha, aí comecei ir pros riozinho com os colega, comecei acabei conhecendo pessoas que já usava há muito tempo. Eu fui me infiltrando no mundo errado, aí larguei de trabalhar de vez, já não estudava também, minha mãe não podia fazer muita coisa que ela era sozinha, tinha uns irmão mais pequeno, ela tinha que trabalhar, não tinha tempo para cuidar de mim, daí eu até ajudava ela um pouco, né, aí ela num começou a se incomodar, mas depois começou a dar trabalho, eu comecei a roubar, polícia começou a ir em casa, eu fui ficando fora de casa 1 dia, 2 dias, aí acabei ficando 1 semana. Aí senhora, falar a verdade pra senhora, minha vida até um tempo atrás foi muita tristeza, dei muita tristeza pra minha família, fiquei muito tempo longe delas, já tirei, já saí daqui acho que uma sétima, oitava vez que eu tô preso, sempre o artigo 155, e minha vida tá sendo isso daí pra frente agora, senhora.

O entrevistado fala sobre sua família, conta que perdeu o pai na infância, explica que foi expulso da escola e que acompanhava a mãe no trabalho desde muito cedo. Mateus vai narrando os episódios mais importantes de sua vida e explica quais circunstâncias o levaram a ser preso. Relata que, na roça, teria conhecido pessoas de todos os tipos. Com essas pessoas teria aprendido muitas "coisas do mundo". O mundo aparece repetidamente no discurso de Mateus. O mundo é associado ao lugar do pecado, do erro, da maldade. Conta que deixou a roça e começou a engraxar sapato, ocasião em que teria passado a consumir drogas. Numa sequência causal, Mateus explica que deixou de trabalhar e que passou a dar trabalho, já que passava dias longe de casa, que roubava e que era procurado pela polícia, magoando sua família. Termina sua história com a oitava prisão. Após a prisão, o entrevistado completa sua história emendando no presente o que espera do futuro. Afirma que está buscando Deus e que espera mudar verdadeiramente.

Essa não é a primeira cadeia que eu tô cumprindo, né, sou residente. E hoje eu to aqui na igreja evangélica, to buscando a Deus, to me afirmando cada vez mais, buscando o conhecimento do Senhor, pedindo a Deus que Ele me dê força pra mim mudar verdadeiramente, sair lá fora, mudar de vida, construir uma família e viver esse restinho de anos que eu tenho de vida, e conciliar com o Senhor que o maior objetivo hoje é conseguir o perdão de Jesus Cristo, né, me santificar e esperar a volta Dele, que tá próxima, né.

Ele troca a palavra reincidente por residente, mas, na verdade, residente é uma palavra que parece se aplicar perfeitamente para definir a sua condição. Mateus foi preso

oito vezes, voltando sempre para aquela que tem sido a sua casa nos últimos anos, a prisão. Em seguida, o entrevistado declara o seu intuito de buscar Deus. Mateus assevera que seu propósito é quebrar esse ciclo de permanência na cadeia. Ele afirma que espera uma mudança de vida e uma conciliação com Deus para que seja perdoado, santificado e possa viver os anos que lhe restam de vida esperando o retorno de Jesus. Dessa forma, a história de vida de Mateus é constituída de passado, presente e futuro: uma infância difícil, várias prisões e Deus como salvação.

Ao ser solicitado a contar sua história de vida, Emanuel questiona: "Vida?". A entrevistadora responde: "Isso.", mas o entrevistado ainda devolve: "É... que parte? Toda?". A entrevistadora pede então que ele lhe conte o que julgar importante, o que teria marcado sua vida, e o entrevistado muito sucintamente diz de onde vem, quantos anos tem, que morava com a mãe e que, quando passou a morar com o pai, caiu preso. Diz: "[...] e sempre vivi com minha mãe, uns tempo eu vim morar com meu pai, cometi alguns assaltos aí e acabei caindo preso". Como se vê, a história de vida de Emanuel é resumida à origem, idade e prisão. Ao que parece, cair preso marca o fim da vida. O entrevistado termina sua breve história com a queda, súbita como sua linha do tempo. Simples: foi morar com o pai, cometeu alguns assaltos, caiu preso, fim da história.

A entrevista de Tiago é a mais longa de todas. O entrevistado tem uma narrativa bem fluida e articulada, de modo que foram necessárias apenas pouquíssimas perguntas, todas feitas no sentido de compreender melhor algum ponto mencionado pelo entrevistado visando ao esclarecimento de situações relatadas espontaneamente por ele. A entrevistadora interveio muito pouco na condução da fala de Tiago, permitindo que ele construísse o seu enredo a partir daquilo que julgava importante. Assim, Tiago passa mais de vinte minutos respondendo a primeira das quatro perguntas realizadas: qual a sua história de vida?

A minha história de vida, dos nove anos pra cá ela foi muito conturbada, eu vim de uma família que, como que eu posso explicar melhor pra você, que ela já vem assim num mundo dos bichos, com alcoolismo, com vícios do cigarro, já vem, já se envolveu com pessoas erradas, com coisas erradas e eu sempre morei com minha mãe, então devido eu ter morado esse tempo com a minha mãe, que na verdade até hoje eu moro com ela, então creio que um pouquinho da experiência de vida que eu venho tendo até aqui ela vem um pouquinho assim, vamos se dizer como que eu posso falar, ela vem um pouquinho do exemplo que eu vi acontecer quando era pequeno. Porque eu creio que a partir do momento ali de uma certa idade, você passa a entender, o que que é certo, o que que é errado, qual que é o caminho certo, qual que é o caminho errado, qual que é velhas amizades. Então a partir desse momento eu comecei a ver assim o lado bom e o lado ruim. Só que eu fui procurar o que? Eu procurei andar pelo caminho, pelo caminho errado. Eu procurei a seguir os exemplos do que vi quando eu era pequeno. Então a partir desse momento eu passei a conhecer o que que era droga, eu passei a conhecer o que que era vamos se dizer assim uma balada, más companhias. Pelo fato não julgo minha família, porque eles não me obrigaram a fazer nada, eles não pegaram

na minha mão e falaram assim pra mim: "vai você tem que usar, vai você tem que pegar, vai você tem que roubar". Não, eles não fizeram isso, só que eu creio que os exemplos dos filhos, primeiramente vem dos pais da gente. Então eu procurei a seguir um pouco desses exemplos pensando que ia ser o melhor pra mim. Aí naquele tempo já ouvia que naquele caminho você podia ter tudo que você quisesse. Então que aconteceu, eu fui fazendo essas escolhas, fui crescendo e tomando as escolhas erradas na minha vida.

Tiago começa falando que os últimos nove anos de sua vida foram os mais difíceis. No entanto, na sequência, resgata a sua criação desde a infância e passa a apontar como a família contribuiu para as decisões que tomou na vida e as consequências advindas dessas decisões. O entrevistado compara o mundo em que foi criado com um mundo de animais. Afirma que sua família possuía vícios e era envolvida com pessoas e coisas erradas. Conta que sempre morou com a mãe e que, ao tomar o caminho errado, estava apenas seguindo o seu exemplo. Tiago explica que conheceu as drogas na infância e teve amizades ruins. Também indica que, embora reconheça a existência de livre arbítrio, não sofreu boas influências nas escolhas que fez, tendo aprendido que poderia alcançar todos os seus desejos se se mirasse no modelo familiar que teve. Assim, teria feito muitas escolhas erradas que, naquele momento, lhe pareciam promissoras.

E com nove anos eu comecei passar dentro de um presídio, já passei dentro de cadeia de menor, com dezoito anos eu já comecei cair preso de maior, então eu acho que eu já vivi uma experiência de vida, eu já vi de tudo que esse mundo ele oferece pra nós pra aqueles que vivem no caminho errado. E chegou num tempo que a minha vida ela chegou no limite, porque eu pensava que pra mim era bom a vida que eu vivia, de você no caso ter droga, você no caso ter dinheiro, no caso você ter as mulheres que você sempre quis, então pensava que aquilo ali era uma vida pra gente: "Ah eu tô vivendo assim pra não tá faltando nada para mim, eu tô tendo tudo que eu quero então pra mim tá bom, então eu vou continuar vivendo essa vida".

O entrevistado afirma que aos nove anos já começou a habitar instituições "reformatórias". Segundo sugere, chegou a cumprir medida socioeducativa de internamento e, desde que alcançou a imputabilidade penal, começou a passar por unidades prisionais. Assim, conclui que, por sua experiência, já conhece todos os resultados de escolhas erradas. Tiago explica que interpretava a sua vida como uma vida boa, porque tinha dinheiro, acesso a drogas e às mulheres que almejava. Concebia a ideia de vida boa como uma vida com dinheiro, drogas e mulheres. Na sua visão, nada lhe faltava, porque tinha tudo que precisava para ser feliz. Como isso era suficiente, mantinha-se orientado por tais ambições.

Só que quando a gente, hoje, como a gente é cristão, a gente começa a seguir os caminhos de Deus, a gente vê que realmente a vida da gente nesse mundo ela é passageira, a gente só tá aqui de passagem. E aquilo que eu vivia é o caminho errado, não é aquilo que verdadeiramente Deus proporcionou pra nós, pelo fato de tudo de errado que eu fiz na minha vida. Eu já, acho que eu já cometi muitos erros que chegou num ponto de eu perder relacionamento, de eu perder confiança da família, de eu tomar minhas próprias atitudes, eu tomar minhas próprias escolhas,

escolhas que foram erradas pra mim, e chegou num tempo que eu passei pela morte, então eu creio que a partir daquele momento eu passei conhecer e acreditar que Deus realmente Ele existe, que existe milagre, porque tudo que eu passei na minha vida até hoje eu tiro de experiência pras pessoas que tão começando agora no mesmo caminho que eu comecei e não tá durando, vamos se dizer, não dura um ano, não dura meses, tá entrando no mesmo carrinho, no mesmo caminho, tá morrendo por causa de dívida com droga, tá morrendo na mão da polícia, tá morrendo por causa de desavença. Só que eu já passei por tudo isso aí e até hoje eu to de pé, até hoje eu to vivo, no caso o que, porque Deus quando Ele tem um propósito na vida da gente, Ele vai cumprir. Então você não vai ser levado enquanto Deus não cumprir o que ele tem na sua vida. Eu tiro um exemplo, eu levei um tiro que passou três centímetros do lado do meu coração, não atingiu órgão nenhum, só atingiu minha clavícula, ou seja, aí eu pergunto: "Ah, mas é de Deus?". "É de Deus, irmão. Como que uma pessoa leva um tiro, passa três centímetros do lado do seu coração, não atinge órgão nenhum, e você ainda tá vivo?". Tem pessoas que a gente tira exemplo que hoje em dia ela toma um tiro, dependendo do lugar que ela leva, ela morre. Ou seja, todos esses anos que eu venho passando, Deus Ele sempre vem ponhando a mão, Deus Ele sempre vem dando um livramento, só que eu não conseguia enxergar. Por quê? Porque eu via com os olhos, como assim, eu via com os olhos maligno.

Tiago vira a chave e passa então a reinterpretar o seu passado a partir da sua identidade presente, a identidade de cristão. Mostra que o que antes julgava como uma vida boa não corresponde àquilo que hoje entende como uma boa vida. Sob esse novo olhar, o entrevistado reavalia as suas escolhas, apontando que havia trilhado um caminho ruim e que Deus teria algo melhor a oferecer. Explica que seus erros provocaram grandes perdas: perda de afeto e perda de confiança. Por pouco, não teria perdido também a vida. São essas perdas, assim, que parecem configurar o vínculo criado com Deus. Tiago indica expressamente que tais perdas o levaram a acreditar em Deus e narra a sua situação de quase-morte como um testemunho do propósito divino. De uma perspectiva cristã, Tiago credita todos os acontecimentos aos desígnios de Deus. Assim, assevera que deve sua vida a Deus e que hoje consegue ver isso, porque vê com olhos de cristão, e não de bandido.

Eu fazia aquilo, que assim como existe o bem, existe, eu fazia aquilo que o mal gostava. Então chegou num ponto assim que já não é a primeira vez que nem eu falei pra Doutora que eu passo dentro dum presídio, já não é a primeira vez também que eu passo dentro duma galeria evangélica, já não é a primeira vez que eu busco a Deus, entendeu? E eu tiro um pouco de exemplo também que Deus Ele pode tudo na vida da gente quando a gente quer, porque eu tenho uma irmã que ela viveu quase a mesma história do que eu, só que ela se envolveu com droga, ela se envolveu com pessoas errada e ela se envolveu com prostituições. E ela conheceu uma pessoa que hoje é meu cunhado, naquele tempo também ele, ele era desviado do caminho de Deus, ele veio de uma família que o pai dele é pastor, a mãe dele é pastora, só que ele era desviado também, ele já foi pastor, então ele vivia nos caminhos errados também. Então eles se conheceram e tomaram a decisão de "vamos ter uma vida, vamos construir uma família e vamos buscar a Deus". Ou seja, ela viveu a mesma história de vida do que eu, ela mudou, hoje ela tem um casamento restaurado, hoje ela também é uma obreira numa igreja lá fora, hoje Deus tem dado pra ela tudo que outrora no passado ela queria nos caminhos errado. Então eu tiro de exemplo: se Deus foi que mudou a vida dela, por que que Deus não pode mudar a minha vida? Fácil não é, mas também não é difícil.

O entrevistado reforça o quanto sua vida foi conturbada, com idas e vindas de prisões e, segundo afirma nesse trecho, com idas e vindas da Igreja também, indicando que a conversão consiste em um processo intermitente e tão conturbado quanto a sua própria história, já que é parte dela. Tiago sugere que já havia tentado buscar Deus antes e que não havia obtido sucesso, mas afirma que acredita na mudança, dando como exemplo a história de sua irmã, que, assim como ele, teria se desviado do caminho de Deus, mas reencontrado o caminho correto e se tornado uma serva Dele. Assim, Tiago afirma que é possível mudar e sugere que essa mudança depende de uma escolha da pessoa.

A gente tem que querer, e muitas pessoas olham para a gente com os olhos errados, julga a gente "ah, mas ele cometeu um crime, ele tem que ficar preso". Sim, a gente tem que ficar preso, a gente tá pagando pelo nosso erro. Só que é que nem a Bíblia ela, a Bíblia ela nos ensina o que? A gente não devemos julgar o nosso próximo, que ela fala: "quem não tem pecado atire a primeira pedra". Eu não sei o dia de amanhã, você não sabe o dia de amanhã. Hoje eu posso tá preso, hoje você tá me julgando, amanhã você pode estar no meu lugar. "Não, mas eu não vou fazer isso". Você não sabe o dia de amanhã, você não sabe que você pode acontecer. Ou seja, então eu creio que eu posso falar pra você que Deus Ele existe e que eu sou um milagre Dele, depois de tudo que eu passei. Já passei por várias perseguições de desavença, eu já fiz parte de facções criminosas. Então assim, pra quem viveu nesse mundo, pra quem passou o que eu passei, que hoje tem várias histórias que eu creio que você deve ter sentado com pessoas que teve quase a mesma história, que a história do, vamos se dizer assim, de uma pessoa que ela se encontra dentro de um cárcere, se você for parar pra ver, ela se resume na mesma, ela muda algumas partes só, mas o que ela cometeu, o que ela fez, o que ela viveu, ela vai se resumir na mesma. São drogas, são más companhias, são destruição no casamento, são destruição dentro da família.

Tiago afirma que é preciso se esforçar para mudar e que a condenação pelo seu crime é promovida não apenas pelo sistema de justiça, mas também pelas pessoas, as quais são igualmente pecadoras. Na nova interpretação dos fatos, o entrevistado serve como testemunha do milagre de Deus, sustentando que teria sido salvo por Ele. Nessa parte, Tiago faz também uma importante reflexão, indicando que a maioria dos presos possui uma história de vida parecida, ou pelo menos narrada a partir das mesmas circunstâncias, que costumam ser resumidas em envolvimento com substâncias ilícitas, problemas na família e influências ruins.

Então hoje eu to tendo a oportunidade mais uma vez que Deus tá me dando de realmente reconhecer que Ele é na minha vida, assim como Ele é na vida sua, assim como Ele é na vida de todos nesse mundo, só que muitos não querem reconhecer isso. Por quê? Porque preferem atender os desejos que este mundo oferece. "Ai eu tenho pouco pra viver na, eu tenho pouco neste mundo, então eu vou viver, eu vou curtir, eu tenho que curtir enquanto eu to vivo". Só que as pessoas que não conhecem a Deus, as pessoas que não lê a Bíblia, ela não sabe a consequência que no fim dessa história, essas pessoas que não teme a Deus, não busca a Deus, ela não vai arrumar salvação. A carne da gente ela vai ficar, mas e o nosso espírito que é o mais importante? Que você precisa ser salvo. Então muitas pessoas hoje não dá valor no que Deus tem pra vida da gente.

O entrevistado reitera que Deus está lhe oferecendo uma oportunidade de reconhecê-lo e afirma que muitos optam por atender aos desejos do mundo ao invés de reconhecer o poder de Deus. Tiago faz aqui uma repartição entre os desejos terrenos e as preocupações espirituais e sugere que as pessoas que procuram atender à própria vontade, satisfazendo-se com os prazeres da carne, no fim da história, não terão salvação.

"Ah, mas você já falou isso várias vezes e pra você ver, você se encontra dentro de um presídio de novo, você se encontra na presença de Deus". "Sim, dou glória a Deus, porque mais uma vez Ele tá me dando uma oportunidade". Quantos que não queria ter essa oportunidade que eu to tendo hoje e não pôde ter porque já foi ceifada a vida dele? Então eu agradeço todo dia por essa oportunidade, pra que eu também posso chegar lá fora e não viver de palavra, e mostrar para as pessoas quem eu fui no passado e quem eu sou hoje, quem que fez de mim a pessoa que eu sou hoje. "Ah, mas é um Deus que não existe, é um Deus invisível, como que você vê esse Deus?". "Você vê ele quando você sente Ele no seu coração". Que a partir do momento que você busca a Deus de corpo e alma, você sente Ele. Quando você vai fazer alguma coisa errada, você sente no seu coração que você tá sendo, que você tá fazendo errado. Então aquilo ali é o Espírito Santo dele te cobrando.

Tiago dialoga consigo mesmo, simulando interferências externas, questões que provavelmente já ouviu e precisou responder. Com isso, o entrevistado sugere que deve provar constantemente a sua mudança e a sua fé em Deus, ou melhor, deve demonstrar que não é (mais) criminoso. Tiago parece se sentir coagido a demonstrar o tempo todo que é uma nova pessoa e que cultiva novos valores, procurando de todas as formas dar testemunho da existência de Deus e do seu poder de transformação das pessoas.

[...] Então hoje eu procuro assim um relacionamento com Deus, ter mais a proximidade de Deus. E como eu venho de uma família conturbada, eu vou ser bem sincero pra você, eu penso assim em sair, a única pessoa que eu tenho pra mim ficar é minha mãe. Eu penso em sair daqui já nem ficar perto, nem morar com a minha mãe mais. Se for preciso, se for possível sair daqui procurar uma ajuda de uma igreja, pra mim ficar lá um tempo eu vou fazer isso. Não é questão de eu não ter lugares pra mim ficar, eu tenho, tem mais famílias, mas são minhas famílias são pessoas que vivem no caminho errado. "Ah, mas você tem que morar lá, porque você tem que fazer o que você tá falando, você não tem que resgatar?". "Sim, eu tenho." Mas eu posso muito bem ficar num lugar longe, porque se eu ficar na onde tem vícios, na onde tem coisas erradas, eu vou tá despertando aquela pessoa que outrora eu era no passado. E quando eu for ver, eu vou tá cometendo os mesmos erros que ele, ou seja, tudo que eu fiz pra Deus foi em vão. E aquilo vai ter uma consequência de novo na minha vida. [...] Então a história um pouco assim da minha vida que eu consigo resumir é em cima disso, é de quem eu fui, de quem eu era e de quem eu sou hoje.

O entrevistado novamente fala do modelo de família em que foi criado, afirmando que precisa manter alguma distância da família para não voltar a cometer os mesmos erros do passado, influenciado por ela. Afirma que precisa se manter longe dos vícios e das coisas erradas para que a pessoa que foi no passado não seja acordada. Dessa forma, não pode voltar a morar com a família para não ser novamente contaminado por ela. Tiago termina a sua história de vida voltando para o mesmo ponto que começou: o relacionamento complicado

que mantém com a família, uma mistura de abandono e maus exemplos. Em síntese, a sua história é dividida entre passado e presente, entre o caminho do mal e o caminho de Deus, sendo a mudança o seu maior desafio e também a sua maior conquista.

Luís explica o encadeamento de todas as etapas da sua vida, desde a infância. O entrevistado narra linearmente os fatos que conferem sentido ao seu presente, indicando os acontecimentos mais determinantes da sua vida. Assim, explica tudo o que julga tê-lo levado a tomar as atitudes que o afastaram da família e o aprisionaram na cadeia. Luís conta que seus pais se separaram quando ele ainda era uma criança e que ele ficou morando com a mãe, a qual iniciou um novo relacionamento. Explica que, aos nove anos, saiu de casa porque não se dava bem com o padrasto, passando a morar com outra família, com a qual viveu por mais dez anos. Luís conta que trabalhava na roça, tirando leite e mexendo com gado, conta também que se casou ainda jovem e teve três filhos, mas que não vivia bem com a esposa, porque não recebeu educação para isso, já que não teve um modelo de família. Luís relata que agredia a esposa e os filhos, reforçando que não recebeu exemplo dos seus próprios pais. Diz que era bruto e não sabia lidar com a família que construiu. O entrevistado conta que mudou para a cidade do sogro e começou a passar necessidade, pois era acostumado a trabalhar na roça e não sabia trabalhar na cidade. Segundo explica, isso o levou a consumir drogas. Em função disso, teria recebido ajuda de um grupo vinculado à Igreja católica, sendo internado para tratamento da dependência química. Após quinze dias internado, teria abandonado o tratamento e voltado a consumir drogas. Assim, teria sido afastado da família pelo sistema de justiça. Sua esposa teria sido levada para a casa do pai junto com seus filhos, sendo determinado ao entrevistado que mantivesse distância mínima de trezentos metros dela. Luís conta que, nesse momento, passou a morar na rua e pedir esmolas. Vivendo como mendigo, corria muito risco de vida. Passando muita necessidade, Luís resolveu voltar a trabalhar e alugou uma casa de fundo. Ocorre que, segundo explica, seu vício impedia que ele se mantivesse no emprego e todo o dinheiro conseguido com o trabalho era usado no consumo de drogas. Com isso, não teria pago o aluguel, o que teria irritado o locador do imóvel. Luís conta que, quando bebia, ficava violento e que, nessas condições, ao ouvir o locador reclamando da falta de pagamento do aluguel, teria acabado agredindo-o com uma faca. Luís foi preso em flagrante por tentativa de homicídio.

Bom, eu quando eu era pequeno, eu fui separado do meu pai, separado da minha mãe. Eu tive nove irmãos e nós vivemos uma vida separada, meu pai largou da minha mãe, nós era muito novo. Daí a minha mãe ficou com nós uns tempo, aí ela arrumou um padrasto para nós e eu peguei, acabei não combinando com esse padrasto, nós saiu fora de casa, né? Eu separei da família, eu tinha a idade de nove anos. Aí eu fui morar com uma família que eu era ali de Guaraçu aqui do Paraná,

eu fui morar em Colorado, uma família de outro lugar, né, aí eu fui morar com eles. Aí eu vivi com eles até a idade de dezenove anos. Eu trabalhava mexendo com gado, tirando leite e mexendo com roça. Aí eu peguei e vim pra Mandaguari, aí em Mandaguari eu peguei e arrumei uma esposa, se casei, né? Aí eu peguei trabalhando sempre na roça, sempre trabalhando, trabalhei na usina, né. E eu tive três filhos, três filhos com essa esposa, mas não vivia muito bem, porque nós dois era bastante novo, nós não tinha muito, nós não tinha muito conhecimento da vida e eu pelo fato de eu ter sido criado sem pai e sem mãe, eu não tive muita educação familiar, educação, né? Não tive muita educação de pai, de mãe, né? Eu não tinha um jeito certo assim pra seguir o exemplo assim de pai de mãe. E pelo fato de eu não ter exemplo de pai e de mãe, eu era uma pessoa muito bruta dentro de casa pra minha esposa, pros meus filhos, era sem educação, bruto, eu não sabia lidar com eles, muitas vezes aí eu acabava espancando a minha esposa, espancando os meus filhos, né, pelo fato de eu não saber viver com eles, não tinha vivência certa. Aí eu peguei e mudei, no noventa e sete eu acabei mudando pra Mandaguari, que é a terra que ela morava, né, que tem o pai dela, e chegou ali eu peguei comecei passar necessidade dentro de casa, porque eu não sabia trabalhar na cidade. Aí eu comecei mexer envolver com droga, comecei a fumar pedra, né, fumar maconha, beber pinga e eu comecei a passar necessidade dentro de casa, né. Comecei a passar necessidade dentro de casa, aí o campo do Vicentino da Igreja Católica me ajudaram um pouco, né? Aí eu, internaram eu, falaram pra mim se eu num largasse das drogas e voltasse a trabalhar de novo, eu ia perder a minha família. Eu acabei não acreditando neles, né, pelo fato de eu tá usando droga, eu peguei e não acreditei e eu não consegui ficar no internamento, né. Eu fiquei só quinze dias e acabei abandonando o internamento. E eu voltei pra minha casa, cheguei lá e comecei, continue usando drogas, né. Aí pelo fato de eu usar droga, aí veio o juiz de menor com a polícia e com a turma do Vicentino e tirou a minha família de mim, né, tomou os meus filhos de mim, tomou a minha esposa, levou a minha esposa pra casa do pai dela, levou os meus filhos de mim e separou eu deles. Isso foi em noventa e sete, aí distância de trezentos metros, eu não posso chegar perto da família. E nesse tempo aí eu fiquei pelas ruas pra lá e pra cá, andando com uma mala nas costas, fiquei pedindo esmola, pedi esmola no sinaleiro, morava na rua mesmo, dormia na rua. Aí eu pegava usava droga com esse dinheiro que eu pedia pras pessoas, aí eu peguei e acabei enjoiei de ficar na rua. Aí eu peguei, tava passando correndo muito risco de vida, muito, passava fome, passava sede, passava necessidade das coisas. Eu peguei resolvi, resolvi arrumar uma casa de novo, alugar uma casa e trabalhar. Aí eu fui pra cidade de Astorga, chegando lá em Astorga lá eu peguei aluguei uma casinha, arrumei um trabalho e comecei a trabalhar. E pelo fato de eu ser usuário de droga, eu não consegui afirmar no trabalho, eu trabalhei durante trinta dias e era pra mim ter pagado o aluguel do rapaz, eu acabei não pagando o aluguel pra ele. Eu peguei o dinheiro dele e fui usar droga, né? Acabei usando droga e ele ficou nervoso comigo. Aí no que ele ficou nervoso comigo, aí eu cheguei morar no fundo da casa do dono da casa mesmo, né? O dono morava na frente e eu morava na casa de fundo. Aí pelo fato de eu não pagar o aluguel, ele pegou e chegou lá e viu eu usando droga, viu eu bebendo pinga dentro de casa, aí ele começou a reclamar pra mulher dele e eu escutei ele reclamar e xingando eu, falando que eu era folgado, que era isso aquilo, eu acabei ficando, eu já tava bêbado, acabei ficando violento, né? Aí eu peguei e chamei ele. Chamei ele e ele pegou e veio pra conversar comigo, e eu perdi a noção da coisa, né? Aí tinha uma faquinha em cima da mesa, umas faquinha de serra, eu acabei pegando aquela faquinha, acabei desferindo nele, machucando ele. E eu peguei, saí correndo, né, daquilo ali. Eu cheguei, aí eu ia indo pro lado da delegacia. Aí chegou no meio do caminho, eu encontrei o carro da polícia, aí já tava procurando eu, já fazia em torno de quase meia hora que tinha acontecido o caso, aí eles pegou e levou eu pra delegacia, prendeu eu e autuou eu em flagrante, né, por tentativa de homicídio simples, artigo 121. Aí eu peguei, pegou e trouxe eu pra cá pra Maringá, né? Aí eu fiquei lá na nona, fiquei dois meses, um mês lá embaixo na nona subdivisão. Aí trouxeram eu aqui na CCM. Aqui na CCM eu peguei já to com, só lá embaixo eu fiquei um mês e aqui eu já to com um ano e dois meses, né, entre tudo eu to com um ano e três meses de preso. Mas eu to

sofrendo bastante porque eu nunca puxei cadeia, né, a minha cadeia eu sempre tive preso umas duas, três vezes, mas sempre foi assim coisa de quinze dias, vinte dias, né? Pessoas me acusavam que eu tinha roubado, coisas assim, mas nunca provou que eu era ladrão, mas esse tempo eu nunca tinha ficado preso na minha vida. Aí eu acabei, cheguei aqui, fiquei, aí eu fiquei um ano lá no convívio. Tinha muito assim é conhecimento de viver, mas eu sofri bastante, né, sofri bastante, fui judiado, né, pelos, pelo meu jeito mesmo de não ter conhecimento, de não saber viver com as coisas, não saber lidar com a situação, aí eu acabar sendo, sofrer muito por causa disso, né.

O entrevistado esclarece que sofreu muito na cadeia. Luís sugere que já tinha sofrido muito na vida, mas que se surpreendeu com o sofrimento vivido na prisão. Luís reforça que sempre foi pessoa bruta, sem educação, sem preparo para uma convivência harmônica e, na sequência, indica que pediu para morar na galeria evangélica e procurou a ajuda de Deus para se livrar do vício, tornando-se uma pessoa melhor.

O discurso de Moisés confunde a entrevistadora. Ele usa muitas alegorias, cita passagens bíblicas e relata histórias pouco lineares. Moisés conduz a entrevista desde o começo. A entrevistadora só consegue fazer três perguntas-chave: Qual sua história de vida? Você mora na galeria evangélica? Quando você foi morar na galeria evangélica? Mesmo assim, a entrevistadora não consegue orientar a fala de Moisés conforme o propósito da pesquisa. O seu discurso é composto por longas narrativas cujo sentido não foi apreendido. Ele começa com:

Ó, posso começar? Então pra mim começar tem que ser assim, não sei se você vai conseguir me ouvir o dia de hoje o que eu tenho para dizer não, tudo não. Que às vezes não é o suficiente o tempo que tem pra mim poder falar não, e pra mim poder começar eu vou ter que ser como um professor e depois eu me por aluno que a minha cruz é grande, deve ser do tamanho dessa prisão ou um pouco maior ainda. É assim ó: havia um jovem, ele era um policial, e ele tinha uns parentesco, e tinha uma moça que era parente dele, era uma prima dele. E houve um furto na cidade e roubando e pegaram essa moça e mataram ela, certo? Aí o rapaz foi preso, que teve umas pessoas testemunhas que arrolou contra ele, mas só que não foi, a maioria foi a favor, por exemplo, foi cinco a favor, três contra, no júri ele ganhou. E antes de acontecer isso veio um anjo e falou pra ele assim que a verdade o libertará, né. E ele negou. Aí pela segunda vez o anjo tornou nele, pela segunda vez falando que a verdade ia libertar. E ele negou. Então a justiça tem uma fenda sobre os olhos, certo? Quando você fala a verdade, a justiça se manifesta, quando você não fala a verdade, e não tiver tiver depoimento correto que seja algo contra você, num tem como a justiça se manifestar. Ela pode até te absolver, mas a justiça de Deus não falha, que Ele é o juiz maior, e já tem as autoridades nomeadas por Deus, certo? Então o que que aconteceu? Que ele negou, né. Aí o policial sabia que ele tinha matado, aí o policial pegou a pistola a hora que cantou a liberdade dele, deu uma mídia tão grande na frente da delegacia, inclusive na frente da delegacia tinha um Cristo Redentor, bem em cima da delegacia, e deu uma mídia tão grande, reportagem, tanta reportagem, uma multidão. Aí o policial tirou a pistola dele e disparou a pistola (sons de tiros), pipocou tudo, 7 balas a pistola dele, nenhuma atingiu o rapaz. Ele se sentiu um Deus, ele deu um passo fora da delegacia, dois passos, no segundo passo que ele deu caiu um Cristo Redentor em cima da cabeça dele e espatifou, porque ele não quis dizer a verdade. Então agora você pode dizer que eu to disposto a responder. Agora eu sou o aluno e você é a professora, certo?

A entrevistadora procura compreender o que isso representa e Moisés afirma que essa história é uma passagem que está gravada na tábua do coração. A entrevistadora faz várias tentativas para interromper Moisés, mas raramente ele a escuta. Ele chega, senta-se, pede para começar a falar e não para. A entrevistadora não entende o sentido das coisas que ele fala. Assim, foram poucas as citações utilizadas na composição da análise. Quando o entrevistado finalmente termina sua primeira história e permite à entrevistadora falar, a primeira pergunta feita é: qual sua história de vida? Mesmo assim, a narrativa de Moisés é permeada por metáforas.

Ah, minha vida tem sido um lamaçal. Eu nasci num caminho perfeito, né. Deus me trouxe no caminho perfeito, porque Deus escreve certo em linhas retas. Jesus intercede certo por linhas tortas, mas quem que entortou essa linha? Foi Jesus? Não. Foi eu mesmo. Jesus jamais faria isso se Ele, se o próprio pai Dele me trouxe reto em linhas retas, pra mim seguir um caminho certo, mas eu vou opnei por um caminho mais largo, que era o caminho mais fácil, a qual esse caminho me custou, ponhei um saco nas costas, esse saco era furado. Tudo que eu ponhava nesse saco não enchia. Minha cruz era pequenininha, porque a cruz pesada Jesus já carregou. Mas quem disse assim que Jesus já carregou a cruz pesada e a gente não tem, conforme nossos atos, nossas atitudes, inclusive esse saco a gente vai ponhando as coisas erradas dentro desse saco, opinando pro caminho mais largo, que é o caminho mais fácil, é o caminho da perdição e esse saco ele é furado, tudo que você põe não para dentro desse saco, certo? Então eu fui ponhando as coisas e foi vazando e cada vez minha cruz crescendo mais, por isso que hoje eu digo que a minha cruz é grande, pode ser do tamanho dessa prisão ou até maior. Mas eu to disposto a carregar, então se eu for dizer a verdade, eu to disposto dizer, agora se for para dizer mentira é bom ficar por aqui mesmo, nem dá continuidade. [...] Então eu fiz muitas coisas erradas, roubei, furtei, assaltei. Não, assaltei assim, assaltei geladeira, a prateleira, assalto assim na mão limpa. Nunca fiz um assalto do 157. Inclusive surgiu um assalto uma vez numa tentativa de 157, é que os rapaz ia me pegar, aí eu peguei e eu achei uma faca na lavanderia embaixo, que era um sobrado, aí eu peguei puxei a faca, uma faca de açougueiro pra abrir com a mesa, abrindo caminho. Aí eu peguei, passei no meio dos dois, foi o único assalto que aconteceu na minha vida. Aí soltei a faca, joguei a faca e soltei a trouxa de roupa de marca também pra eles não continuar atrás de mim, aí eles pegaram as roupas e voltaram embora pra casa deles. O resto da minha vida foi tudo 155, 180. Verdadeiramente eu estou arrependido, que quando Deus tem uma obra na vida do ser humano, Ele, Deus já me escolheu lá no ventre da minha mãe, foi revelador por pastores, por pastoras, por irmã, por irmão que traz a divina revelação do Espírito Santo de Deus. [...] Eu não sou perfeito, eu não sou uma flor que se cheira, eu não sou nenhum jasmim, nenhum buquê de flor, mas eu tenho esperança de me limpar. Eu não to tirando os carrapichinho, os picão, né, da minha vida. E volta e meia tenho que ta me peneirando, tirando umas cronchinha também né, pra não prejudicar mais tarde, né.

Moisés aponta que nasceu perfeito, mas foi cometendo erros no caminho e hoje carrega uma cruz muito pesada. O entrevistado narra episódios de crimes que teria praticado, afirma que está arrependido e que Deus tem uma obra a realizar em sua vida. Ao que parece, ao indicar que nasceu perfeito, Moisés sugere que sua vida não era para ter tomado o rumo que tomou. No entanto, ao escolher o caminho mais fácil, perdeu-se, praticou crimes e foi preso. Após a prisão, estaria sendo resgatado por Deus, que já tinha planos para ele desde

antes de ele ter nascido. Por fim, Moisés indica que está se limpando para, mais tarde, não se prejudicar novamente. Dessa forma, parece que os crimes praticados configuram um desvio no caminho perfeito que Moisés poderia ter trilhado e que já teria sido revelado antes mesmo de ele nascer. Arrependido de ter tomado o caminho errado, o entrevistado indica que está se "peneirando" para tomar o caminho que Deus havia preparado para ele.

O discurso de Samuel é todo muito bem encaixado. Samuel articula bem as ideias e apresenta seus relatos de forma linear e compreensível. O entrevistado emprega uma linguagem formal e fala com muita polidez e serenidade. Não titubeia em nenhum momento e apresenta uma fala clara e consistente. O entrevistado conta sua versão da própria história com detalhes, apresentando um juízo de valor sobre suas escolhas.

A minha história de vida. Bom, meu nome é [...], eu tenho 23 anos, sou natural de Astorga, Paraná e sou de família normal, humilde, trabalha, na rua trabalhava, mas acabei me envolvendo com droga, coisa errada, na rua eu trabalhava com eventos, eu sou DJ, eu tenho meu som, meu trabalho, mas meu maior erro foi me envolver com drogas. Os meus 14 anos de idade, eu já comecei trabalhar com som, com eventos, fazendo festas e normal, naturalmente nas festas, droga, bebida. E aí já fui me envolvendo, primeiramente a maconha, depois a cocaína. E com a minha profissão eu ganhava um certo dinheiro, mas nos dias de hoje o consumismo seduz de uma tal maneira que pra mim já não tava bom aquilo que eu ganhava. Normalmente dava pra mim ganhar dez mil, quinze mil durante o mês, mas pra mim não era bom, aí eu comecei me envolver com outras coisas erradas, e me envolver com assaltos, 157. Eu roubava caminhoneta Hilux, Amarok, Frontier, as caminhonetes do ano e vendia essas caminhonete e dinheiro que eu pegava, gastava a maioria em droga, dinheiro, mulheres e desvalorizava totalmente a minha vida, não me importava mais se eu tomaria um tiro. Colocava uma pistola na cintura, me achava o dono do mundo, acima de qualquer um, acima de qualquer pessoa, que nada poderia me deter, que eu era tudo. E acabei me envolvendo com uma quadrilha e dentro dessa quadrilha, dia 5 de julho de 2017, me envolvi num assalto, assalto de caminhonete. E estávamos eu e minha quadrilha já em posse do refém dentro da casa, chegou o sobrinho da vítima e entrou do nada, mas a pessoa eu não sei qual foi a reação dela, ela foi e disparou a direção do sobrinho da vítima, não acertou mas ele conseguiu correr, aí já estava numa tentativa de latrocínio, no caso. E pegamos a vítima e saímos, levamos caminhonete, pegamos todos os bens que ele tinha, levamos, mas o erro, um integrante da minha quadrilha chegou e cometeu o erro extremo, acabou tirando a vida da vítima. E quando eu assaltava sozinho, eu tinha êxito e nunca agredi, nunca atirei em nenhuma vítima, mas essa pessoa, não sei se por inexperiência no que estava fazendo, acabou ceifando a vida da vítima. E hoje eu me encontro condenado a 46 anos de cadeia no 2/5 por tentativa de latrocínio e latrocínio consumado, artigo 157, inciso II e artigo 157, inciso III do Código Penal.

Samuel se apresenta, diz seu nome, idade, origem e profissão. Conta que sua perdição foi as drogas. Explica que tinha profissão ganhava bem, mas foi seduzido pelo dinheiro e passou a roubar carros, concluindo que o rumo tomado desvalorizou sua vida. Samuel afirma que se sentia poderoso na posse de uma arma. Na sequência, explica o episódio que teria desencadeado a sua prisão: um assalto praticado por uma quadrilha da qual ele fazia parte. Explica que um integrante do seu grupo cometeu um erro que ele nunca havia cometido:

matou a vítima. Por isso, teria sido condenado por latrocínio. Comenta também que quando praticava os roubos sozinho, não cometia erros. Não precisava usar de violência. No entanto, por falta de experiência, um membro da quadrilha cometeu esse erro, fato que teria aumentado a pena do entrevistado. Como se vê, a história de Samuel começa no envolvimento com o crime, mas logo sofre a interferência divina.

E muitos, diferente de mim, buscam, diz "ah, minha já acabou, a minha vida já não tem mais jeito". Sim, eu também achava isso, eu achava isso. Eu já tentei tirar minha própria vida duas vezes pelo fato da minha condena ser muito alta e eu ter descreditado de mim mesmo, descreditado de tudo, mas eu achei uma nova caminho, eu achei, tive uma nova escolha pra minha vida, algo que mudou completamente a minha vida. E se alguém quer mudar de vida, se alguém quer ser restituído tudo aquilo que você perdeu, você como um criminoso, tem que ir para igreja, porque é o melhor caminho, porque indubitavelmente falando, Deus tem sido na minha vida 100% de mudança, não chegou ao 100% ainda, mas Deus tá trabalhando nisso. E pela minha confiança eu não sei se você tem alguma religiosidade, se você crê em alguma coisa, eu não sei, mas na minha vida eu creio, agora eu creio, antes eu não crê. Eu idolatrava o crime, pra mim o crime era tudo.

Samuel explica que, pessoas como ele, que foram condenadas a penas muito longas, acabam pensando que não tem nada mais a perder. Samuel expressa que, sendo muito jovem e tendo uma pena muito alta, acabou descreditado de si mesmo, tentando o suicídio. No entanto, de uma forma repentina, conta que encontrou um novo caminho e fez uma nova escolha que "mudou completamente" a sua vida: ir para a Igreja. O entrevistado sugere que a única forma de um criminoso mudar de vida e recuperar o que perdeu é procurando a Igreja. Ele conta que Deus tem operado mudanças na sua vida. Assim, reafirma sua mudança: antes idolatrava o crime, hoje idolatra Deus.

Eu jamais me imaginaria pregando a palavra pra alguém, eu jamais me imaginaria falando de Deus pra alguém, eu jamais me imaginaria até mesmo lendo uma Bíblia. Mas esse Ministério, esta obra da nossa preciosa mãe Ruth Almeida Shneider, que é responsável pelo esse projeto da Igreja Adventista do Sétimo Dia, ela tem resgatando, ela teve resgatando diversas vidas através desse projeto e... eu chegar, eu cheguei, eu lia a Bíblia apenas como um livro, eu não tinha nenhum entendimento, nada, eu lia apenas uma, um livro comum como qualquer outro livro - eu sempre gostei de leitura. E hoje eu leio a Bíblia, eu tenho discernimento, eu posso te explicar versículo, capítulo, tudo aquilo que Deus vem falando comigo, porque eu tenho sido usado, tenho sido usado como uma ferramenta na mão de Deus, tenho se tornado, eu me tornei dentro da igreja um levita pelo meu conhecimento com a música, porque minha, a música na minha vida sempre foi tudo pra mim a música.

Com a mudança para a igreja, Samuel teria sido resgatado e passado a pregar a palavra, buscando resgatar novas almas para Deus. Samuel afirma que se transformou em uma ferramenta a serviço de Deus. Na adoração à Deus, ele se reconhece como um membro da tribo evangélica na cadeia, representando um servo de Deus e identificando na adoração o seu sacerdócio.

Hoje eu, antes eu usava isso para glorificar o crime, fazendo rap para o crime. Hoje não, hoje eu escrevo, componho louvores, louvo ao Senhor, instruo aqueles que necessitam, porque muitas vezes as pessoas chegam assim como eu cheguei, chegou completamente voltada para o mundo dentro da igreja, mas a minha missão no meu trabalho é mostrar o caminho, redirecionar essas pessoas pro caminho da salvação, o qual eu alcancei. Ainda não posso dizer que estou salvo, porque ainda sou coberto de pecados, ainda sou errante, mas eu reconheço, eu tenho Deus no meu coração e posso ser influência para alguém, mas uma influência boa, muito pelo contrário do que eu era antes, eu era uma influência má. Que todos que me conheciam queria ser igual a eu, queria ter o dinheiro que eu tinha, queria ter o conhecimento que eu tinha do crime e ter tudo aquilo que eu tinha, porque diversas vezes quando eu tava no crime, eu tinha dinheiro, eu tinha droga, tinha arma, fazia os eventos da minha festa, era a pessoa que mais fazia evento na festa, todo mundo me conhecia, sabia o meu nome. Mas eu era um espelho, mas um espelho daquilo que era ruim. Hoje por mais que eu esteja encarcerado, por mais que seja, esteja preso, pra mim já é uma vitória, porque eu venho alcançando vidas, os quais vai chegar lá fora e não vai perder uma vida, não vai perder sua vida pro crime, não vai chegar trocar um tiro com a polícia, não vai perder sua vida com drogas, num vai perder, vai alcançar a salvação, vai alcançar Deus em sua vida, porque Deus é bom, Deus tem sido em minha vida tão bondoso, algo que nem eu acreditava, eu não acreditava, realmente, não acreditava, me considerava ateu. Mas hoje eu sou fiel, tenho fé em Deus, eu creio em Deus e faço de tudo pra resgatar almas assim como eu fui resgatado.

Samuel conta que deixou de glorificar o crime para glorificar a Deus. Hoje, seus dons seriam todos dedicados ao Senhor. Samuel indica usar o seu testemunho para convencer outros presos a procurarem o caminho da salvação. Ele afirma que ainda não está salvo e que não completou a totalidade da mudança de vida, sugerindo que sua conversão também é progressiva. Mesmo assim, esclarece que pode ser agente transformador, indicando àqueles que, como ele, estavam desorientados, o caminho da salvação. Dessa forma, Samuel sustenta novamente a sua mudança, contrapondo a sua antiga e a sua nova representação. Afirma que antes era má influência, um modelo para quem queria conseguir dinheiro, drogas e armas com o crime, sem errar. Por outro lado, atualmente serve de exemplo e testemunha do poder de transformação de Deus, trabalhando para que pessoas como ele não morram envolvidos no/pelo crime.

Aldo começa afirmando que sua história de vida foi complicada. O entrevistado relata que, por volta dos treze anos, começou a se envolver com drogas, más companhias, "coisas do mundo" e coisas erradas. São qualificadas como "coisas erradas" as coisas mundanas ou terrenas. Essa narrativa é comum a boa parte dos entrevistados. Quase todos usam o verbo envolver e atribuem às drogas e às más influências os erros cometidos. Aldo conta que até os vinte anos não estudava nem trabalhava, dedicando-se integralmente às coisas erradas. No entanto, essa idade serve de marco para uma mudança de postura em sua vida, porque, segundo conta, passou a sofrer influência de pessoas que se guiavam pelos valores do trabalho. Assim, Aldo indica que passou a trabalhar e constituiu sua própria

família, vivendo honestamente por cerca de três anos, quando novamente teria sido influenciado por más companhias.

A minha história de vida ela foi meio complicada, ela foi meio sofrida, porque já de cedo eu tinha, comecei com uns treze, quatorze anos, já comecei se envolver em coisa errada, as coisas do mundo, comecei a envolver com drogas, com mal companhia, porque sempre na vida da gente começa assim. Aí tinha minhas mãe, tinha meu pai que sempre avisava pra mim não se envolver com essas pessoas que poderia me levar pro mau caminho. Aí comecei a conhecer a droga, comecei a conhecer bebida com quatorze anos. E nisso daí eu não parei, eu só continuei indo, não estudava, só ficava mexendo com coisa errada na rua. O que que aconteceu, isso daí eu fiz vivendo até uma experiência quando eu tava com dezenove anos da minha vida, dezenove pra vinte anos. E sempre fui alertado pra mim não se envolver com essas coisa errada. Trabalhar, nunca procurei trabalhar, sempre envolvendo com essas coisas erradas. Aí num certo tempo da minha vida, que a maioria dela já falei pra senhora aí que foi envolvida com coisa errada, com droga, com bebida e com mal companhia. Aí quando tava chegando uma certa altura duns vinte anos, eu comecei ter outro pensamento, ou seja, eu comecei envolver com pessoas que já trabalhava, entendeu? E nessa parte comecei envolver com pessoa que trabalhava, eu já comecei a namorar, eu já comecei a conhecer uma mulher. Aí através de eu conhecer essa mulher, namorando com ela, com meus vinte anos, aí eu tive já uma experiência já de começar me dedicar a trabalhar, já não tava tendo aquele prazer nas coisas do mundo mais. Eu tava me dedicando a trabalhar, gostei de trabalhar, de ganhar o dinheiro ali do meu trabalho mesmo. Aí eu peguei comecei namorar com essa mulher, peguei e fui morar junto com ela, tive um filho com ela depois de dois anos morando com ela. Vinte, depois vinte e um, até vinte e dois anos fiquei com ela, trabalhando e vivendo com ela. Então essa foi uma parte da minha vida que foi tranquila, ou seja, eu arrumei uma família, consegui montar uma família através do meu esforço trabalhando e vivendo honestamente. Aí quando aconteceu que eu tava com uns vinte e três anos, fiz vinte e três anos já vivendo essa experiência de família, morando sozinho e trabalhando, sustentando minha família, o que que aconteceu? Eu fui, desviei por mau companhia de novo, ou seja, deixava minha mulher em casa e saía pra poder curtir balada, curtir essas coisas erradas do mundo aí, com mau companhia de novo o inimigo me usou. Aí um certo dia eu me envolvi com uns meninos na época de 2009, eu me envolvi com uns meninos na época que eles eram menores de idade e eles tava começando aquela experiência que um dia eu comecei. Em vez de eu ter pegado, eu não tinha uma mente assim firmada, própria de uma visão que que era o errado ou não, só pra mim era tudo errado tava tudo bem, as coisas fácil, né? Aí essa mulher que eu morava com ela, a mãe do meu filho, sempre ela me alertava também, entendeu? Pra você ver, sempre tem alguma pessoa que avisa, ela vinha me falando assim: "não me deixa sozinho, cuida do seu filho, vamos viver nossa vida, trabalhar". Não, comecei envolver com esses dois moleques menores, aí eu me envolvi com esses dois moleques menores aí que eram o [...] e o [...], aí foi quando eu nunca se envolvi com o crime, ou seja assim, eu mexi com droga, eu tomava bebida alcoólica, mas nunca assim roubei ou tirei a vida de ninguém, eu nunca mexi com criminalidade. Daí que que aconteceu, eu envolvi com esses menores aí e numa certa etapa dessa, desses vinte e três anos meu, eu acabei que se envolvi com eles quando eles fizeram um crime, ou seja, quando eles praticou um crime eu tava junto com ele naquele crime que eles praticou, ou seja, assim, eu compartilhei também junto com eles do crime também, você entendeu? Que foi o que, que foi um roubo seguido de morte. Pra você ver, eles mataram, tiraram a vida de uma pessoa e só de eu tá envolvido junto, ou seja, eu compartilhei dos bens ali também que eu roubei, daí que que aconteceu? Isso ocasionou pra mim uma prisão, aí foi nos vinte e três anos dessa minha vida aí que eu se envolvi com o crime, né, que eu tive essa experiência de mexer com roubo seguido de morte, com esses dois menores, aí me ocasionou que eu vim pra dentro de uma prisão. Aí desde 2009 eu to dentro da prisão.

Aldo afirma que possuía os dois elementos que caracterizariam uma vida honesta: família e trabalho. No entanto, teria sido desviado novamente pelas más companhias e usado pelo inimigo, voltando a se envolver com as "coisas do mundo". Nessa época, afirma que se envolveu com meninos menores de idade que praticavam as mesmas ações que ele havia praticado quando adolescente. Como não tinha consolidado a diferença entre certo e errado, assevera que não foi capaz de instruí-los e acabou envolvido com o crime. Aldo afirma expressamente que mexia com drogas e coisas erradas, mas não era um criminoso, porque nunca havia roubado ou matado alguém.

Vale destacar que essa é uma outra marca comum nas entrevistas realizadas. Muitos dos entrevistados reconhecem sua responsabilidade por apreciar as coisas terrenas e não se importar com as coisas espirituais, mas poucos se identificam com o crime. Aldo é um deles. O entrevistado fala que nunca havia cometido um crime, embora fosse envolvido com drogas. Mesmo no caso em que supostamente teria participado do crime praticado pelos dois meninos, Aldo recusa a ideia de ter contribuído para essa ação, afirmando que simplesmente teria usufruído dos objetos roubados, mas sem ter compactuado com o roubo e com a morte decorrente do roubo. Aldo encerra sua história em 2009, quando foi preso pela participação nesse crime, uma participação que teria sido determinada pela justiça, mas que ele expressamente não reconhece quando afirma que os menores praticaram o crime e ele apenas estava junto, que os menores tiraram a vida de uma pessoa e ele somente se beneficiou dos produtos do crime alheio.

Nesse cenário, foi possível perceber que a maioria das histórias de vida narradas pelos entrevistados tem início com aquilo que eles julgam tê-los conduzido à prisão. As histórias começam, invariavelmente, indicando o rompimento marcado pela prisão. Assim, os entrevistados procuram demonstrar que, embora presos, não são criminosos. O crime é retratado como um acontecimento destoante das suas histórias. A maioria dos entrevistados consignam que não têm vocação para o crime, tendo sido influenciados por pessoas ao seu redor, sido vítimas de uma injustiça ou das suas próprias histórias de vida. Assim como Dias³⁹⁵ e Scheliga³⁹⁶, percebe-se que as práticas criminosas não são atribuídas ao Diabo. A maioria dos informantes dessa pesquisa atribuem a outras influências a responsabilidade pelos crimes pelos quais foram condenados e presos, sendo que a figura do Diabo aparece

³⁹⁵ DIAS, Camila Caldeira Nunes. **A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo**: religião e violência na prisão. São Paulo: Humanitas, 2008. P. 125.

³⁹⁶ SCHELIGA, Eva Lenita. **“E me visitastes quando estive preso”**: sobre a conversão religiosa em unidades penais de segurança máxima. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000. P. 121.

ligada quase que exclusivamente às tentações que podem impedir a definitiva confirmação da conversão.

A análise das entrevistas com presos que se converteram ou que ocupam espaços destinados àqueles que se identificam com a religião evangélica aponta que seus esforços são empregados no sentido de se livrar do rótulo de criminosos. Assim, os evangélicos podem ser identificados com aqueles que, segundo Magalhães³⁹⁷, tentam mitigar a situação de sujeição, indicando que a propensão ao crime pode ser contida por fatores externos, sendo que, no caso dos evangélicos, este fator é a intercessão divina. O crime é representado como uma experiência ruim resultante de diversas influências. Mesmo nos casos em que são relatadas situação de desagregação familiar e uso de drogas, a prisão é representada como um evento inesperado. Mesmo aqueles que reconhecem o crime como um erro pessoal e elaboram a culpa, não se reconhecem como criminosos. Ou melhor, todos os entrevistados negociam o status de criminoso, ora evitando falar do passado, narrando seu encontro com Deus e repudiando as práticas e gírias da cadeia, ora se apropriando delas como estratégia de sobrevivência no universo prisional. Assim, se combatem a sujeição criminal, por outro lado, não conseguem negar a sua história, uma história marcada pela prisão.

Nem todos os entrevistados quiseram contar expressamente suas histórias. Mas as histórias contadas apresentam alguns pontos em comum. A conversão religiosa é retratada como um processo progressivo, marcado por idas e vindas, um caminho em que Deus vai deixando pistas que apenas tardiamente são reconhecidas. Os dados indicam que, na prisão, não se pode ser evangélico e criminoso ao mesmo tempo. No entanto, o pertencimento religioso deriva de um movimento constante de idas e vindas, avanços e recuos, vicissitudes, quedas, ambiguidades e desafios. Assim, não é possível afirmar nem que a conversão, na prisão, configura uma drástica e repentina ruptura com os papéis desempenhados anteriormente. A análise dos depoimentos aponta para mudanças atravessadas por concessões, de modo que uma transformação definitiva só poderia ser afirmada quando o candidato a converso recebesse prova do poder de Deus. Nesse sentido, a conversão na prisão só pode ser compreendida como uma negociação entre aquele que se denomina evangélico e os atores que com ele interagem - sejam evangélicos, sejam membros de facções, sejam funcionários da prisão - assim como entre o evangélico e Deus. Assim, a conversão aparece sempre como incompleta, pendente de confirmação.

³⁹⁷ MAGALHÃES, Carlos Augusto Teixeira. **O crime segundo o criminoso**: um estudo de relatos sobre a experiência da sujeição criminal. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

A trajetória dos entrevistados é marcada por sofrimento, rompimento de laços, abandono e desintegração de estruturas. Ainda que a prisão não seja necessariamente a experiência mais marcante de suas vidas, visto que ela aparece repetidas vezes nas histórias de vida de alguns informantes, é o cenário no qual a conversão se opera e, como tal, exerce forte influência nas decisões tomadas pelo indivíduo, nos moldes do que o paradigma das inter-relações sociais e o conceito de ator situado permitem compreender. Assim, não se acredita em determinações individuais ou sociais, mas em predisposições, sendo estas tomadas no sentido de um impulso ou de um facilitador da conversão. As consequências da prisão sentidas por alguns detentos, como abandono da família, humilhações, violências e solidão, somadas aos sucessivos fragmentos da história de vida dos sujeitos e avaliadas em sua conjuntura, permitem compreender a conversão religiosa como uma mudança provocada por uma crise por perda³⁹⁸. A conversão, assim, pode derivar da necessidade de suprir a perda de laços familiares, de amigos, de trabalho, de liberdade, de intimidade e, muitas vezes, a perda de um horizonte de sentidos e expectativas. Com isso, a conversão de pessoas encarceradas indica a busca de um arcabouço conceitual capaz de conferir sentido para o passado e o presente, e de fornecer uma orientação para o futuro. A conversão, assim, é representada por alguns como possibilidade de salvação.

2.1 RELIGIÃO, VULNERABILIDADE E PRISÃO

Segundo sugerem muitos entrevistados ao relatarem suas histórias de vida, a adesão religiosa é resultado de uma situação de vulnerabilidade física e/ou emocional. Na maioria dos casos, a conversão decorre de uma situação de crise, sendo que esta, muitas vezes, é despertada pela privação da liberdade.

Carlos conta que se tornou evangélico na prisão e explica como isso aconteceu. Ele diz que não foi para a galeria evangélica na sua primeira prisão. No entanto, seu parceiro, isto é, uma pessoa que teria sido presa junto com ele, foi para a galeria evangélica porque sua família era evangélica. Ser de família evangélica é o mesmo que ter "berço evangélico" e este é um ponto relevante que influencia na forma como o preso é visto. O entrevistado

³⁹⁸ Alvin August de Sá avalia que a experiência de ser preso provavelmente será para o indivíduo uma experiência eminentemente crítica de crise por perda. A crise decorre de uma experiência emocionalmente nova e intensa para o indivíduo, na qual ele não encontra resposta. Essa perda se manifesta em múltiplos setores da vida: perda da liberdade, do emprego, da convivência com a família e amigos. SÁ, Alvin August de. **Criminologia Clínica e Execução Penal**: proposta de um modelo de terceira geração. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011. P. 293.

explica que, durante esse período em que ficou no regime fechado, assistia ao trabalho de evangelização dos presos, os quais, à época, eram autorizados pela direção a realizar cultos no pátio e passar de galeria em galeria convidando os internos a se juntarem à comunidade evangélica. Nessa época, Carlos ainda não teria aceitado Jesus. No entanto, segundo conta, quando estava para sair daquela unidade prisional, Carlos foi obrigado a voltar para cumprir uma sanção por falta grave e, nessa ocasião, passou três meses na galeria da igreja.

Eu passei por uma cadeia, eu já passei por uma condenação de 2010 até 2013 pra 14, nessa época eu não, eu não participei do, eu não fui para o alojamento evangélico, né? Eu não fui pra galeria evangélica, que a gente fala galeria né no caso lá do sistema fechado e, mas eu tinha o meu parceiro que foi preso junto comigo, ele tava lá e ele sempre chamava, eles faziam um trabalho, eles saíam daquela galeria deles lá e iam orar, fazer cultos na hora do pátio, fazer cultos nas outras galerias, né, isso no sistema fechado, lá na CCM, no caso. E ali eu comecei a conhecer a palavra através de estudo bíblico. Eu era católico, eu era católico, né, na verdade não tinha conhecimento nenhum. Conheci, sabia quem era Jesus Cristo que era filho de Deus, então, mas não tinha conhecimento da palavra que Deus deixou pra gente, né, que é o caminho. E aí eu eu não participei, aí que aconteceu, no, quando eu fui - é até uma coisa assim que eu vejo o propósito de Deus -, quando foi naquela vez, quando foi pra mim sair daqui, Deus permitiu que eu voltasse lá com uma falta grave pra mim ir pra galeria evangélica. Cheguei lá, eu tive que ir pra galeria evangélica. Eu fiquei três meses, aí fui embora, aí me deram meu alvará pra mim ir embora.

Carlos podia ser qualificado como aquilo que se chama de católico não praticante, ou seja, a pessoa que se formou católica, mas não tem conhecimento da religião, identificando-se com o catolicismo apenas em virtude de uma criação ou de uma formação básica na Igreja católica, que lhe conferiria este título. Ao narrar esta história, o entrevistado já começa a dar indícios de que não apenas seu comportamento teria sido transformado pela conversão, mas também a interpretação que faz dos fatos. Carlos conta que já estava no regime semiaberto quando, na sua leitura, por providência divina, teria cometido uma falta grave cuja consequência teria sido seu retorno para o regime fechado e seu encaminhamento para a galeria evangélica, onde teria morado por três meses. Conforme conta:

Aí tá tudo bem, saí, fui pra casa em 2013 e tal, aí fiquei, fiquei em casa um tempo tal, aí me envolvi com, envolvido com drogas, usuário, né, dependente químico. Aí eu peguei e me internei num, me internei e lá eu me converti, realmente lá eu comecei, eu tive, tive uma experiência com Deus, entendeu? Realmente senti o poder do Espírito Santo na minha vida e lá eu me converti. Lá eu me batizei, entendeu, me batizei e continuei. Aí tive nesse nesse tempo de, 2013 eu saí, 2015 eu me batizei, tive um, tive uma recaída nesse tempo, entendeu? Aí depois eu renovei minha aliança com Deus, quando eu vi que, eu falei assim, não, não, o caminho é Deus mesmo. Renovei minha aliança com Deus, só que nesse tempo, a minha, a minha... é, essa condenação que eu to preso agora, ela tava recorrida, ela tava apelada, no caso ela tava em Brasília, entendeu? Aí ela voltou confirmada, né? Eu apelei, mas eles não aceitaram a minha apelação, ela voltou confirmada 11 anos. Aí o promotor pediu minha prisão. Eu já tinha renovado minha aliança com Deus. Aí eu voltei quando, aí eu fui, eu fui preso, aí eu fui lá pra CCM, aí fui pra galeria evangélica.

Carlos esclarece que foi solto e ficou em sua casa por um tempo, mas como era usuário de drogas, precisou se internar em uma clínica de tratamento de dependentes químicos. Segundo conta, foi neste momento que se converteu, motivado pelo sentimento. Em outras partes da entrevista, ele reforça que se converteu quando foi internado na clínica de tratamento para dependência química, embora já conhecesse a galeria evangélica em decorrência do contato com seu amigo e do trabalho realizado pelos presos da igreja com todos os presos da unidade. Parece que é o sofrimento que desperta a presença de Deus em sua vida. Teria sentido o poder do Espírito Santo nesse momento de provação em que precisava se livrar do vício. É possível concluir que seu batismo foi motivado por uma situação de especial vulnerabilidade. Apesar da conversão, teria tido uma recaída, mas isso não teria lhe impedido de "renovar sua aliança com Deus". Convertido e convencido de que Deus era o caminho, recebeu a notícia de que sua condenação teria sido confirmada em segunda instância e que sua prisão havia sido pedida. Agora crente de carteirinha, foi encaminhado de volta para a galeria evangélica.

Ao ser questionado sobre o seu vínculo religioso, Daniel explica que frequentava uma Igreja evangélica na infância, por influência familiar. No entanto, alega que abandonou a Igreja porque era jovem e "precisava conhecer o mundo". O entrevistado explica que se desviou do caminho de Deus e conheceu a felicidade efêmera.

Quando eu era pequeno a minha tia me levava na igreja Assembleia de Deus. Mas como eu era pequeno ainda eu não tinha conhecimento sobre o que eu tava conhecendo. Dos 14 aos 16 anos por vontade própria comecei a frequentar uma igreja evangélica, mas por ser jovem ainda eu precisava conhecer o mundo, eu tinha necessidade dentro de mim de conhecer e explorar o mundo ainda, embora conhecesse um pouco da palavra, eu me desviei do caminho, que é assim que a gente chama quando a gente conhece a palavra de Deus e sai, a gente fala que a gente é desviado. Eu fui desviado do caminho do Senhor, conheci o mundo, conheci toda a felicidade momentânea e descobri que tudo isso é passageiro.

A fala de Daniel pode sustentar que participar da Igreja é um impeditivo para conhecer e explorar o mundo. A religião e o mundo são colocados em polos opostos, que não se combinam. Essa fala mostra que quando há algum vínculo religioso, até a linguagem deve ser adequada, como pode se ver em "quando a gente conhece a palavra de Deus e sai, a gente fala que a gente é desviado". Daniel reitera que o mundo está ligado à felicidade momentânea, passageira, o que sugere que Deus representa a felicidade eterna. Preso, Daniel indica que se reconciliou com Jesus recentemente, quando precisou buscar ajuda para se tratar da depressão. Ao que parece, Daniel procurou a galeria evangélica para se afastar das drogas, porque, no convívio, morava com traficantes e tinha acesso às drogas. O entrevistado

indica que procura, na igreja, ajuda para a mudança. Assim, Daniel parece procurar cura na igreja: cura para a depressão e para a dependência química.

Eu aceitei Jesus dos 14 aos 16 anos e me reconciliei agora na cadeia. Eu to preso há 5 anos e 3 meses, mas só nos últimos 4 meses foi que eu decidi dar um passo e abandonar pessoas de má influência, porque aqui a gente convive com todo tipo de pessoas, ladrão, assassino, traficante. E eu acredito que o ambiente que a gente tá influencia bastante. Eu já fui diagnosticado com depressão, inclusive já fiz uso de remédios, mas coloquei na minha cabeça que o remédio não tava me ajudando e sim me manipulando. E eu tive uma conversa com uma psicóloga, a psicóloga falou pra mim que ela tinha depressão. E aquilo entrou na minha cabeça, como que uma pessoa que tem depressão pode me ajudar eu com depressão? Eu entendi que eu precisava de uma ajuda a mais, uma ajuda diferente, que eu creio que essa ajuda veio pela fé, vem de Jesus. Embora eu tenha ido pra igreja, não foi a igreja que me curou da depressão. Ainda não sou 100% curado, mas eu creio que foi Deus, que através da igreja sim está usando tudo que pode pra me libertar. Eu tinha crises de depressão, eu chegava a me agredir quando eu não conseguia controlar a abstinência de droga, hoje eu não faço uso da droga porque, como eu falei, eu saí de perto das pessoas traficantes, usuários, saí do espaço que eu tava e fui em busca de algo melhor, que são pessoas que também estão buscando a Deus. A gente fala convívio, no convívio eu tinha acesso à celular, eu tinha acesso à droga, o que eu quisesse, e eu abri mão de tudo isso pra ficar perto de pessoas que estão no mesmo intuito que o meu, que é uma abundância de vida verdadeira. Eu não acredito que a cadeia mude as pessoas e a ressocializem, mas sim a pessoa por vontade própria tem que querer. Não adianta você ajudar uma pessoa que não quer ser ajudada, ela vai cometer os mesmos erros. Agora quando você quer ajuda e aceita ajuda e se ajuda também, aí eu vejo a mudança, eu falo por experiência própria.

Daniel explica que teria se reencontrado com Deus na cadeia. Conta que tem depressão e que estaria buscando na igreja o apoio necessário para se curar da dependência química. O entrevistado esclarece que saiu do convívio, onde tinha contato com más influências e onde também tinha acesso à droga. Daniel sugere que a mudança de alojamento pode colaborar com sua melhora, já que no alojamento evangélico não há consumo de drogas e, ao invés de más influências, há pessoas que buscam a Deus, ou, nas suas palavras, pessoas que buscam a "abundância de vida verdadeira". Daniel não atribui a sua mudança à uma proposta de ressocialização da instituição prisional, mas à sua vontade e persistência. Segundo conta, a sua "reconciliação com Deus" também teria sido motivada pelo rompimento de um relacionamento. Daniel narra uma história de perdas e parece que foram essas perdas que o levaram a procurar a igreja. Assim, percebe-se que a igreja aparece como último recurso em uma situação de extrema vulnerabilidade física e emocional.

Eu perdi tudo que eu tinha quando eu caí preso, perdi minha moto, meu carro, meu cachorro devido à vida que eu tava vivendo. Eu nunca usei crack, nem cocaína, mas eu era usuário de maconha. E pela maconha muitos dizem "ah é só um cigarro, não dá nada", e eu perdi tudo isso pra maconha. E mesmo assim ainda continuei fazendo uso. Então eu creio que eu estava cego. Na cadeia eu conheci uma pessoa, já conhecia antes de eu cair preso, a gente se conhecia, mas não tinha nenhuma relação, e a gente começou a se comunicar através do celular há muito tempo atrás, e através dessa nossa comunicação a gente estabeleceu uma relação. Quando eu vi que novamente eu tava perdendo a pessoa que eu amava pra droga eu decidi dar um basta. A partir desse momento eu falei que eu não queria mais ser usuário de

droga e muito menos deixar a depressão tomar conta de mim. Foi aí que eu percebi que eu precisava mudar de vida, mas mudar de verdade, e não só da boca pra fora. Porque falar que mudou é muito fácil, agora buscar a verdadeira mudança não é. Alguns são repentinos, alguns são mais devagar, mas eu acredito que foi mesmo quando eu tava realmente perdendo tudo de novo pela segunda vez pras drogas.

Daniel narra os múltiplos processos de perda que teria vivido: perda do patrimônio, perda da saúde psíquica, perda da liberdade e, por fim, perda da namorada. Tudo isso parece ter influenciado o entrevistado a "aceitar Jesus".

Preso há nove anos, com a infância marcada por passagens por instituições de correção, as lembranças de Tiago são lembranças de prisões. Na sua leitura, colhendo o resultado das suas decisões, Tiago resolve tentar algo diferente e entrega sua vida para Deus.

Quanto tempo ó, é... vou dizer pra Doutora, dos nove anos para cá, eu não tenho um aniversário na rua, eu saía, ficava um mês, dois meses na rua, voltava preso. Então eu num, eu passei assim eu creio vou falar bem a verdade pra Doutora, a minha história sobre situação de vida, a minha vida praticamente foi dentro de um presídio, de todos esses anos, e eu nunca tive, as lembranças que eu tenho são lembranças ruins, eu nunca tive lembranças boas. E o que que eu ganhei com isso até hoje pelas consequências da vida que eu escolhi, das atitudes, das decisões que eu tomei? É isso, a cadeia. Num é isso que eu quero pra mim, não é esse exemplo que eu quero pra minha filha, não só pra ela como pra minha família. Eu quero chegar lá fora, e poder mostrar pra eles que Deus Ele muda quando as pessoa quer, não é clínica que muda, não é pastor que muda, não é igreja que muda, é Deus que muda.

O entrevistado explica que sua vida é marcada por passagens por instituições prisionais. Tiago indica que vê a cadeia como resultado das suas escolhas, das suas decisões e das suas ações. A fala de Tiago também indica que já está cansado dessa vida e que deseja mudança. Assim, a sua conversão e a promessa de mudança parecem estar atreladas à fadiga da vida no crime. Soma-se a isso também um importante fator: Tiago saiu da facção e precisa de proteção.

[...] E eu creio que tudo que a gente passa na presença de Deus, as dificuldade, as luta, tudo tem um propósito também. Se hoje você tá passando por uma dificuldade aqui, é porque lá na frente Deus tem algo melhor pra você, então não adianta você também querer "Ai eu sirvo a Deus, eu to orando, eu to buscando e Deus não tá me ouvindo". Porque não é a hora certa de Ele te dar aquilo que você tá pedindo. Tudo tem um tempo certo na presença de Deus, tem tempo de colher, tempo de plantar, tempo de colher, tempo de chorar, tempo de sorrir, tudo tem um tempo certo. Não adianta eu querer falar para você "Ai eu tô buscando a Deus hoje e amanhã eu já quero aquilo que eu to pedindo pra Deus". Não. Tudo tem um propósito na vida da gente e tudo a gente tem que pagar um preço. Será que você tá fazendo por merecer também aquilo que você tá pedindo para Deus? Porque buscar a Deus não é só você falar que você é crente não, irmão, não é só você falar que você vai dentro de uma igreja não. Não é só você louvar a Deus não. Buscar a Deus não é só desse jeito não. Então hoje eu tiro experiência assim, sei que eu vou passar por críticas, por dificuldade lá fora. Não vai ser fácil? Não vai ser fácil. Mas eu creio que Deus Ele tá no controle de tudo, Ele tem o melhor para mim, Ele sabe o que é melhor para mim, Ele sabe o que é melhor pra Doutora, Ele sabe o que é melhor pra cada um de nós. Então não adianta a gente querer as coisas no tempo da gente, não adianta a gente querer as coisas do jeito que a gente quer, não, não é o jeito que a gente quer, porque a Bíblia mesmo ela fala que o homem ele

pode fazer plano, mas a resposta ela vem só de Deus. E se você não recebeu aquilo que você pediu pra Deus ainda é porque não é a coisa certa pra você. Às vezes você tá orando pra Deus te dar uma esposa ou pra Deus reconciliar um casamento seu, não aconteceu? Não é a hora certa, não é o tempo certo, às vezes não é a pessoa certa, então Deus Ele tá preparando. E assim como eu to três anos dentro da unidade, durante esse tempo já era pra mim ter ido embora já, faz tempo, só que como eu vivia cego, eu vivia no caminho errado, eu mexi com contraversão dentro da unidade. Então como eu mexi com contraversão, então hoje eu to pagando pelo erro do que eu fiz. [...] Só que eu precisei passar por tudo isso porque não era a hora certa ainda de eu sair pra rua, eu não tava preparado, porque se eu tivesse saído pra rua, hoje eu não taria a buscando a Deus, não taria na presença de Deus. Hoje eu não sei nem se eu taria vivo, se eu tivesse lá fora, então tudo tem um propósito de Deus.

Tiago explica que é preciso ser resiliente, aceitar as dificuldades e confiar nos propósitos de Deus. O entrevistado reforça todo tempo que a pessoa deve agir para melhorar e, simultaneamente, confiar nas ações de Deus. Assim, afirma que o sujeito deve fazer por merecer a graça de Deus. Por fim, ao interpretar o seu passado segundo a sua nova visão de mundo, Tiago afirma que precisou passar por tudo que passou para reconhecer a figura de Deus. Durante a sua narrativa, o entrevistado conta que poderia estar morto se não estivesse preso. Com isso, a prisão é percebida como uma oportunidade de estar na presença de Deus.

Luís conta que não recebe visitas na cadeia e que não tem mais vínculos com a família. O entrevistado afirma que já sofreu muito e que pede uma chance a Deus para mudar de vida. Luís fala sobre as condições da prisão e sugere que desconhece sofrimento maior, mesmo tendo passado necessidade e morado na rua.

E eu to sofrendo bastante, né, aqui na cadeia a gente não tem, né, eu que nem eu to aqui, eu não tenho visita de ninguém, meus irmão tudo me abandonaram pelo fato de eu ser usuário de droga, né? A minha esposa, meus filhos já tem mais de dez anos que eu não vejo eles né? Eu fui afastado deles, daquele tempo pra cá eu nunca mais eu tive contato com meus filhos, nunca mais tive contato com a minha esposa, né? E eu to sofrendo muito, né, psicologicamente, o fato de eu tá sozinho, né, tá sozinho nessa daí, eu to muito arrependido, eu to aqui pedindo a Deus pra que se Deus abrir uma porta pra mim, se der mais uma chance pra mim em liberdade, pra que eu possa mudar de vida, que eu apanhei bastante dessa vez, né? Agora eu já sofri, agora eu aprendi que essa aqui não é uma vida eu eu possa viver, uma vida digna que eu possa ter futuro no lugar desse aqui não, porque aqui a gente é muito maltratado demais. A gente passa fome, a gente não tem alimentação adequada, né aqui a gente não tem um lugar certo assim pra gente ficar assim de boa assim, a gente passa frio, porque a gente dorme no chão, né? Aqui os guarda aqui eles maltratam a gente, a gente sofre muito pelo fato, muito psicológico que eles faz aqui, porque eles também não pode ser manso pra ladrão, mas você sabe que aqui os ladrão se eles for muito manso também pros ladrão, começa a querer aproveitar deles. Então eles têm que ser bruto mesmo, mas a gente reconhece que é muito sofrimento aqui, né? A gente passa muito, sofre muito psicologicamente, né, gente é muito judiado, né? E a gente, eu não desejo isso daqui pra ninguém. Eu peço às pessoas que ouvir esse vídeo, se chegar a ver um dia, pra que procura buscar a palavra de Deus, procura buscar entendimento melhor, procura buscar médicos, psicólogo, né, pra fazer um tratamento, as pessoas que tiver vício, procurar uma clínica, se internar e sair dessa vida, que isso não é vida de gente não, né? Isso aqui não é uma vida que eu desejo nem pro meu pior inimigo, né. Eu não tenho rixa de ninguém, esse rapaz que eu machuquei lá eu peço perdão pra ele, peço perdão pra Deus, né, peço perdão pra todo mundo, né, porque apesar de

eu ser uma pessoa trabalhadeira, eu reconheço que todo mundo erra no mundo, todo mundo erra, mas a gente não pode ficar errando direto, né, que a gente pode ter a chance, né, mas a gente não pode viver errando não, porque se a gente voltar aqui, se a gente ficar preso, voltando, fazendo as mesmas coisas na rua, não, isso aqui não é não, não é lugar de gente não isso aqui, pode parar com essa vida aqui, isso aqui não é lugar de ninguém não. Eu peço pras pessoas que ouvir esse vídeo aqui ó que não caia nessa besteira de ficar com essas drogas, com essas bebidas aí não, abandona esse negócio de cadeia, que isso aqui não é lugar de gente não, não é verdade?

Luís encerra sua história de vida fazendo um apelo. Várias vezes, ele reclama melhores condições de vida na prisão, desejando que sua fala tome alguma repercussão e provoque mudanças na cadeia. O entrevistado pede expressamente à entrevistadora que divulgue o seu apelo. Luís reporta o seu sofrimento, afirma ter mudado e declara sua ânsia de que a sua mudança traga a ele melhores condições de vida. Assim, Luís parece ter procurado a ajuda de Deus quando se sentiu abandonado à própria sorte na prisão.

Ao narrar sua história de vida, Samuel conta que achava que sua vida tinha acabado e que tentou se matar, porque foi condenado a uma pena muito alta. O entrevistado também relata que chegou ao fundo do poço, perdendo todo o dinheiro que tinha ganhado. Só lhe restou o amor da mãe, a qual tinha esperança de que ele mudasse. Assim, o entrevistado sugere que procurou a galeria evangélica no momento em que deixou de ser patrão e passou a ser empregado.

Pra mim foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido nesse período no qual eu estive preso, foi a melhor coisa que me aconteceu, porque quando, normalmente nas comarca, na comarca você tem acesso a tudo, você tem acesso à droga, à cigarro, à celular, só perdição. Então todo aquele dinheiro o qual eu conquistei com a vida outrora no passado, de assaltos, de roubo, eu perdi tudo aquilo que eu tinha e tudo aquilo que eu não tinha. Perdi por causa de drogas, por causa de celular, eu tinha, eu era considerado, as pessoas dizem patrão dentro de uma comarca, dizem dessa maneira, patrão, pelo meu status, pelo meu dinheiro. As pessoas se aproximavam de mim, porque eu tinha condição de ter droga, eu tinha dinheiro, eu tinha tudo, mas eu perdi tudo e cheguei a fazer faxina pra poder sustentar meu vício no cigarro, pra poder fumar um cigano, eu fazia faxina pra outro. Eu perdi completamente tudo que eu tinha. Então quando eu cheguei aqui, eu comecei a pensar em minha vida um novo propósito, um novo rumo pra minha vida, alguma coisa que eu poderia mudar, pois pra minha mãe, pras pessoas que me amam, eu só dei desgosto, eu só dei, eu só tive, eu só trouxe sofrimento praquelas pessoas as quais me amavam. Mas hoje, hoje minha mãe se alegra, hoje minha mãe é feliz. E nunca, nunca me abandonou, por mais que eu era totalmente perdido, ela tinha a esperança que eu pudesse mudar e porventura eu mudei. Posso ter passado por tudo isso, posso ter chegado no fundo do poço, mas eu mudei, Jesus meu pai me alcançou.

Samuel indica que, na delegacia, era conhecido como patrão, porque tinha dinheiro para adquirir drogas e celular, itens supervalorizados num ambiente em que são proibidos. O entrevistado conta que gastou todo o dinheiro que ganhou na vida com tais mercadorias na prisão. Assim, depois de perder tudo para o vício, quando se encontrava no fundo do

poço, Jesus o teria resgatado. Na galeria evangélica, Samuel estaria longe do acesso à perdição e, com isso, mais perto de Deus.

Após ouvir a história de vida de Aldo, a entrevistadora lhe pergunta quando ele teria passado a frequentar a Igreja. Antes, porém, de relatar seu vínculo com a Igreja, Aldo termina de explicar seu vínculo com a prisão. O entrevistado conta que ficou no sistema fechado de 2009 até 2017, ocasião em que teria progredido para o regime semiaberto. Aldo narra que, no regime semiaberto, conseguiu um emprego e passava o dia na rua, voltando para a unidade prisional apenas para passar a noite. Qualifica essa experiência como tranquila. No entanto, indica que, insatisfeito, voltou a se envolver com coisa errada e passou a vender droga dentro da unidade prisional. Prestes a sair, levou uma rasteira do Diabo, caiu e retrocedeu. No semiaberto, Aldo não apenas passava o dia todo na rua trabalhando como tinha direito à saída temporária, ocasião em que ficava com a família. Apesar disso, afirma que foi pego pelo inimigo e voltou para o sistema fechado, passando um mês completamente isolado cumprindo falta grave. Aldo afirma que passou esse período sem comunicação com ninguém e que começou a refletir sobre o que tinha vivenciado, passando a enxergar uma luz de esperança onde só havia escuridão. Foi nesse momento que Aldo afirma que decidiu pedir a transferência para a galeria evangélica em busca de uma mudança de vida. No entanto, não conseguiu mudar para lá, sendo encaminhado para uma galeria do convívio, onde teria passado meses junto com "pessoas erradas do mundo".

Depois que eu vim preso agora, depois de eu tá, de 2009, daí eu fiquei 2009, daí eu fiquei até 2007 trancado assim dentro do sistema penitenciário, fechado na direta, sem tomar o ar da liberdade, pra você ver. Aí no tudo essa experiência que eu passei dentro da prisão de 2009 até 2017, aí chegou a etapa da minha vida, eu correndo atrás dentro do sistema de ganhar remição, de estudar, do artesanato, sempre corri atrás de remição, aí eu consegui o benefício de ir pro semiaberto, 2017 eu cheguei no semiaberto, tava no semiaberto, tranquilo, que que aconteceu? Depois de três meses consegui um emprego na rua, tava trabalhando no setor lá que se chama Cocamar aqui no Estado do Paraná, em Maringá, né, tava trabalhando na empresa, ganhando meu salário, só ia pra dentro do semiaberto pra dormir. Mas não tava bom aquilo dali pra mim de novo, eu fui envolver com coisa errada de novo, fui mexer com droga, fui querer vender droga dentro do semiaberto onde não podia. O que que aconteceu nesse um ano e três meses que eu tava dentro do semiaberto? Aconteceu que o inimigo pegou, o Diabo ele me deu uma rasteira. E esse, esse tombo que eu levei lá atrás no semiaberto, que eu já tava com meu pé na rua, que eu podia ver minha família, tinha minha saída temporária de visitar meus familiares, voltava só pra dormir dentro da alojamento, não tava bom pra mim. Que que aconteceu? Eu voltei pra trás de novo, retrocedi, voltei aonde que eu se encontro hoje aqui, no sistema fechado. E nesse sistema fechado que eu voltei aqui em dezembro de 2018, que eu me encontro até hoje, foi a experiência que eu tive aproximação de chegar na galeria evangélica. Eu voltei em 2018 e eu fiquei uns trinta dias num lugar isolado, aonde que eu não tinha acesso de comunicação com ninguém, que eu comecei a refletir tudo aquelas consequência que aconteceu da minha vida, eu comecei a ter uma decisão, uma decisão, ou seja, eu comecei a enxergar uma luz aonde que ali naquele lugar eu não tinha esperança nenhuma. Essa luz foi o que? De eu tomar uma decisão de ir

pra uma galeria evangélica pra mudar de vida, pra não mexer com mais nada de coisa errada. Tá bom, corri atrás, não consegui nos trinta dias que eu fiquei. Aí eu fui pra dentro do convívio. No convívio eu fiquei mais alguns meses ali, ou seja, envolvido com aquelas pessoa errada do mundo, que não tinha vontade de mudar de vida nem nada, sempre continuar mexendo com o crime, a coisa errada. Aí num certo dia tava chegando a minha audiência, ou seja, eu voltei aqui pra o fechado novamente com uma falta, acusado dum tráfico de droga, e com o remanescente meu da minha condena alto. Então se dá alguma coisa errada que ali de eu seja condenado no tráfico e o remanescente, eu ia ter que ticar mais uns dez anos novamente trancado pra mim poder pisar na rua. Ó pra você ver o tamanho da consequência que levou. Aí eu refleti naquilo dali, que que eu fiz um certo dia? Peguei e falei com Deus, coisa que eu nunca tinha feito na minha vida. Lá dentro do convívio, na minha cama, separadinho, eu falei com Deus: "se o senhor me dá um livramento no dia da minha audiência no fórum, eu vou fazer um propósito que eu nunca mais vou mexer com nada de coisa errada na minha vida, nunca mais eu vou usar droga, nunca mais eu vou mexer com álcool, nunca mais eu vou mexer com nada de coisa errada, eu vou ser uma pessoa honesta na minha vida". Daí aconteceu, eu fui pra uma audiência, o advogado não me deu experiência de nada, não me deu é, esperança de nada que eu poderia ter alguma chance, só Deus mesmo. Ou seja, cheguei na audiência, aonde que a expectativa era zero, mas daí eu vi a mão de Deus agir na minha vida, Ele deu esse livramento pra mim, eu fui absolvido daquele tráfico que eu tava sendo condenado. Ali eu já vi o trabalhar de Deus, ali eu já vi que Deus existe de verdade mesmo na minha vida. Aí a partir dali quando eu retornei pro convívio, eu já comuniquei minha família pra correr atrás da, de dá um jeito de eu vir pra galeria evangélica, que eu ia me converter desses maus caminhos, dessas coisas erradas que eu fiz e aí eu vim pra cá, pra galeria evangélica onde que eu me encontro até hoje já nela.

Aldo explica que regrediu do regime semiaberto para o regime fechado em virtude de uma acusação por tráfico de drogas. Aliás, ele mesmo mencionou antes que foi querer vender drogas onde não podia. No entanto, apesar de ter sido punido por falta grave, informa ter sido absolvido do crime de tráfico. Conforme narra Aldo, o próprio advogado havia explicado que as chances de ser condenado eram muito altas e, como consequência disso, teria sua pena aumentada vertiginosamente. Aflito com a proximidade da audiência que iria determinar os seus próximos anos, Aldo conta que pediu a intercessão de Deus pela primeira vez em sua vida. O entrevistado aponta que teria pedido a Deus um livramento, prometendo-lhe, em troca, abandonar droga, álcool e tudo de errado, para ser uma pessoa honesta. Aldo afirma ter recebido esse livramento ao ser absolvido de uma condenação que se antecipava como certa. Com isso, Deus teria provado a sua existência e Aldo teria se convertido.

Dessa forma, o entrevistado postula sua transferência para a galeria evangélica, indicando sua mudança de vida. Aldo pede essa transferência após passar trinta dias em isolamento, momento em que teria se convencido de que a galeria evangélica poderia trazer alguma esperança em meio a tantas perdas. No entanto, seus esforços de mudança se intensificam após receber a ajuda de Deus. Pode-se concluir que a sua fragilidade é compensada pela força de Deus.

A partir dessas narrativas, identifica-se que a adesão religiosa ocorre em momentos de crise por perda. Em muitos casos, o preso, ao se ver em estado de sofrimento, busca a igreja com a esperança de acolhimento. Os informantes sugerem que o pertencimento à igreja pode significar apoio para a superação dos problemas enfrentados. Em estudo anterior sobre as relações de pertencimento entre presos ligados à facção, avaliou-se que o pertencimento à facção revela, na verdade, um novo tipo de aprisionamento³⁹⁹. No que diz respeito à religião, as entrevistas sugerem que a adesão religiosa é capaz de estimular a sua reintegração social por meio da assistência material e simbólica que permitem ao evangélico (re)construir a sua história e o seu projeto de vida. Diferente da adesão à facção, a adesão religiosa parece oferecer uma chance de superar essa crise por meio da aproximação gerada pela assistência religiosa. Dessa forma, avalia-se que, diferente da facção, que enreda a pessoa em um caminho sem volta, aprisionando-a dentro ou fora da prisão, a conversão religiosa pode favorecer a expansão de si próprio.

2.2 ADESÃO RELIGIOSA E MUDANÇAS

Há, na narrativa dos entrevistados, a descrição de uma progressiva mudança de vida ocasionada pela conversão religiosa. A conversão é descrita como uma transformação em que haveria um afastamento das "coisas do mundo" e a adoção de novos valores e práticas, constituindo-se, assim, um novo universo simbólico. Isso revela o caráter ascético, marcadamente protestante, da adesão religiosa na prisão. Os entrevistados apontam que antes priorizavam os prazeres da carne e que, ao se mudarem para a igreja, abandonaram as "coisas do mundo", as quais se objetificam em vícios e brigas. Abandonar as "coisas do mundo" significa, na linguagem dos evangélicos, retomar o controle sobre a própria natureza humana. Os vícios referem-se, invariavelmente, ao uso de cigarro, bebida alcóolica e outras drogas. Os vícios são percebidos como negativos, embora antes da adesão religiosa tivessem outro significado e pudessem fazer parte do cotidiano dessas pessoas. Percebe-se, assim, que o abandono do vício seria possível apenas mediante a adoção de uma moral ascética, que estaria relacionada ao controle dos impulsos e à submissão às prescrições evangélicas.

Ao que parece, as transformações afetam várias dimensões da subjetividade, provocando mudanças no comportamento, na moralidade e, também, nas características do indivíduo. Os entrevistados se descrevem como calmos, responsáveis, verdadeiros e

³⁹⁹ BAZO, Andressa Loli. **Leis do cárcere e inclusão social**: uma análise institucional do discurso de uma facção. Belo Horizonte: D'Plácido, 2019.

ordeiros, qualidades adquiridas apenas após a adesão religiosa. A sobriedade e austeridade reivindicadas evocam a santidade pentecostal. Os evangélicos são conhecidos nas unidades penais por respeitarem as regras e apresentarem bom comportamento carcerário. Com isso, identifica-se a sustentação de uma mudança não apenas de hábitos, mas também uma mudança que se precipita na própria identidade da pessoa, que passaria a se portar e se expressar de uma forma diferente. De acordo com aquilo que se pôde extrair da análise vertical e horizontal das entrevistas, o preso, após a conversão, percebe a si mesmo e ao mundo de uma nova forma e, nessa linha, reinterpreta o seu passado e confere sentido à sua nova rotina na busca por um futuro que se revela pela promessa de salvação eterna.

Tadeu anuncia a distinção entre os hábitos e habilidades cultivadas pelas pessoas que frequentam a igreja e aquelas que não frequentam. Na sua fala, o entrevistado destaca a influência dos relacionamentos nas decisões tomadas.

Eu logo que caí, já na comarca, na nona, primeiro mês, tinha um rapaz que era evangélico, ele caiu, ele tinha matado a esposa dele, ele ficou ali uns tempo, família dele vinha todo dia de visita, vinha. E ali juntava as irmã dele, o pai, fazia oração, e a gente ia participando, totalmente diferente da gente que é católico, porque eu minha vida inteira praticamente fui católico, mas não seguia. Quantas vezes eu tava arrumado pra sair pra ir pra igreja, chegava os companheiro de jogo, jogatina, cacheta, essas coisas, eu ao invés de ir pra igreja, eu ia jogar, muitas vezes saía discussão e com isso a gente vai arrumando inimidade. Aí eu vejo que aquele que quer buscar o caminho de Deus é totalmente diferente, essas coisas, já não existe: beber. Pra começar, as pessoas que eu tinha de amizade, a maioria já morreu por causa de bebida. Inclusive um cunhado morreu com 55 anos com problema de fígado, deu aquele, inchou tudo, nossa é até feio de ver as fotos dele ficou. E quantas pessoas que eu tinha, companheiro que era de boteco, de cachaçada, morreram. Então hoje eu vou em casa, não bebo. Fumar eu já tinha parado [...] Quando eu comecei a buscar Deus eu vi diferença maiores ainda. A gente passa a ter mais um pouquinho de sabedoria, que é o que a gente deve ter. Eu era muito estúpido, muito ignorante [...].

A adesão religiosa decorre de influência de terceiros e é narrada como impulso para uma mudança de hábitos. O catolicismo é retratado como uma religião que não implica reforma de vida, ao contrário da religião evangélica, cuja adesão seria responsável pelo abandono de vícios. A vida antes do encontro com Deus é descrita como uma vida entregue aos prazeres mundanos, enquanto a religião evangélica seria responsável por determinar uma conduta disciplinada, livre de excessos. Se, de um lado, a pessoa que não pratica a religião é qualificada como corrompida pelos maus costumes, com disposição natural para o consumo de substâncias entorpecentes, a pessoa que frequenta a igreja evangélica, além de cultivar hábitos melhores, seria mais sábia e moderada. Em várias partes de sua fala, o entrevistado procura demonstrar as grandes transformações operadas pela Igreja, ou melhor, pelo próprio Deus.

Uma pessoa do PCC, eu vi quando o rapaz saiu lá do... levantou lá do banco dele que ele tava ouvindo o culto, foi lá pedir pra ele que queria mudar, que queria ir pra igreja, que não queria mais ta no mundo do crime. [...] Pra senhora ver, quando a pessoa ouve a palavra e abre o coração e aceita, Deus trabalha e opera e ele possa ser, fazer um renovo, ter uma mudança de vida e abandonar o mundo do crime. Isso é algo especial. Muitos talvez deixa regredir, porque diz que aquele que começa a buscar Deus e olha pra trás é igual o porco que dá um banho nele, soltou e ele vai na lama e vai se revolver na lama, é igual cachorro que vomita e volta lamber seu vômito. Isso é bíblico, quando volta pra trás. Aí desanda. Mas se ele permanecer, passar pelas provações, a gente tem que passar pela prova dando glória a Deus, porque Deus ajuda e auxilia. E pedir auxílio ao espírito santo de Deus que ele trabalha na mente de cada um, porque não é fácil, mas também não é difícil. Difícil pra aquele que "ah, vou largar isso pra lá". Aí se complica.

Tadeu relata um culto que comoveu, nas suas palavras, até o "chefão do PCC". Segundo Tadeu, o louvor toca o coração dos presos, estimulando a mudança de vida. No entanto, nem todos sustentam essa mudança. Nesse trecho, Tadeu compara o preso que abandona a igreja e volta para o mundo do crime com dois animais. Tadeu sugere que as pessoas que não se mantêm firmes na Igreja são fracas e cedem às provações. Com isso, ele marca a separação entre dois mundos: o mundo do crime e o mundo da Igreja. Ao mesmo tempo, o entrevistado sugere que passar do primeiro para o segundo exige um grande esforço, ao passo que voltar para o primeiro é muito fácil. Assim, regredir é sempre uma ameaça que acompanha o evangélico preso, já que vive na fronteira entre dois mundos distintos.

Miguel usa uma alegoria para explicar a personalidade da pessoa que ainda não foi tocada pela palavra de Deus e conta do amadurecimento vivenciado e das virtudes adquiridas por ocasião da conversão. Assim, uma pessoa evangélica seria, para Miguel, uma pessoa mais desenvolvida.

Porque às vezes tem gente que, eu já levantei como um animal, um cavalo, tá nem aí com a vida, se vai fazer sol, se vai chover. Hoje eu vejo a vida totalmente diferente, antes eu via de uma forma, apesar de eu ter... não sei se eu batizei num momento de emoção, né, por ter bastante irmão em minha volta, mas eu senti uma virtude diferente na minha vida também. Aí por isso que eu descii as águas, se não realmente eu não teria descido. E... hoje eu me vejo assim que não sei se é porque eu amadureci mais e a palavra, ela fala bem mais clara, a gente vai pegando mais sabedoria ao passar do dia, você vai lendo, porque a gente às vezes. Eu lia antes, pegava mesma coisa de ler um jornal, pegava papapa e já era. Hoje não, eu leio com atenção, depois releio de novo, quero saber o que aquilo fala comigo ou com qualquer pessoa. Ela começa a despertar a gente, a gente começa amadurecer. A partir do amadurecimento da gente, você começa a ficar sábio, aí você sabe distinguir o que é o certo e que é o errado, você fala "isso aqui pode, isso não pode, isso pode, isso não pode, isso tá certo, isso tá errado". Você aprende a falar com as pessoas, você aprende a ter uma delicadeza de conversar com as pessoas, não tem estupidez, não tem maldade, não tem xingamento. Então você é livre, você tem o livre arbítrio, a escolha do bem e do mal.

Ao que parece, Miguel teria sido batizado por influência coletiva, num comportamento espontâneo, sem reflexão prévia. No entanto, afirma que a conversão

religiosa promoveu grandes mudanças na sua conduta, mais especificamente com relação ao seu amadurecimento emocional. Segundo Miguel, a pessoa que segue a palavra aperfeiçoa a sua forma de comunicação e aprende a se relacionar melhor com as outras pessoas. Miguel equipara a si mesmo antes da conversão a um cavalo, destacando sua brutalidade e o descaso com a vida. Depois da conversão, teria sido despertado pela Palavra e adquirido virtudes, como a sabedoria e a delicadeza. Com a sabedoria, conseguiria distinguir o certo do errado e poderia escolher o bem. Segundo sugere, a liberdade é uma conquista derivada da conversão. Ao que parece, para o entrevistado, ser evangélico é sinônimo de estar livre.

Após contar sua história e afirmar que teria sido escolhido e usado por Deus, presenciando milagres e maravilhas em sua trajetória, Isac relata sua mudança de vida. Ao que parece, foi preciso mudar de hábitos para se tornar uma pessoa melhor. A mudança começa pelo lazer, que passa a ser restrito. Segundo relata, precisou deixar de se divertir para se entregar a Deus.

Não foi fácil, não foi fácil porque a minha mulher até hoje não é evangélica. Eu aceitei o Senhor Jesus aqui em 2015, né, e foi difícil, porque a gente tinha uma vida, uma vida que a gente era boêmio, a gente cantava, a gente saía pra todo lugar, a gente se divertia. E uma vida completamente de entrega, né, eu tive uma vida de entrega. Mas, com o decorrer do tempo minha mulher também foi observando que era o melhor caminho também. Você acredita que há dois meses atrás, ela mandou uma carta pra mim, ela mandou uma carta - apesar de vir, ela mandou uma carta - falou: "tudo que Deus, eu peço pra Deus, Ele tá fazendo na minha vida, eu to tão contente com Deus", né, e eu chorei muito, porque eu não esperava isso dela, né? E aí ela ela falou assim: "medita no salmo (risos), medita no salmo - você sabe o que é salmo, né? -, medita no salmo 137 5 37, versículo 5", e eu meditei, e muitas vezes quando eu trago a palavra de Deus, eu falo desse salmo que é "entrega os seus caminhos ao Senhor, confia nele e o mais ele fará", né? Tudo na essência. Então logicamente que Deus não muda, mas eu mudei pra melhor, porque eu era uma pessoa estourada, hoje eu sou uma pessoa que eu consigo assimilar quase todas as coisas da minha vida. E com sabedoria, lógico, né.

Ao entregar seus caminhos à Deus, Isac teria vivido uma mudança não apenas nos seus hábitos, mas também na sua personalidade. Teria melhorado as suas características e adquirido sabedoria. Antes, seria estourado. Com a mudança, teria se tornado uma pessoa mais compreensiva, capaz de assimilar com retidão tudo que acontece. Isac afirma que sua mudança impacta não só seu estilo de vida, mas também sua convivência com os outros presos. De acordo com ele, a sua mudança é notada pelos presos. Ele afirma que passou a ser tratado de forma diferente, passando a ser visto como uma pessoa de Deus, que se comunica direto com Deus. Por isso, recebe muitos pedidos de oração.

Mudou o meu relacionamento, porque eu não tenho mais aquele relacionamento com aquele preso que dá trabalho. Eu trago pra mim as pessoas que dá trabalho e transformo, quem transforma é Deus, eu tento levar amor pra essas pessoas, a maior parte das pessoas aqui na cadeia nunca teve uma proximidade, é desprezado pela mãe, pelo pai, pelos amigos, se sente um lixo e quando ele entra na casa de Deus, ele vai saber que tem uma pessoa que ama ele, do jeito que ele é, que nós

tamos na mesma batalha. Então isso faz uma diferença tão grande no meu coração, né, não dá nem pra dizer. E outra coisa: as pessoas ao meu redor também me vê como uma outra pessoa, uma pessoa de Deus. Isso é muito bom, porque você passa assim, "preciso de uma oração, Paulo, você faz para mim, minha vida tá de ponta cabeça". Isso é muito bom, é gratificante.

Isac explica que, primeiro, se distanciou do convívio com presos que causam problemas. No entanto, afirma que procura mostrar para esses presos que eles são amados por Deus independente de qualquer circunstância. Distancia-se para não se igualar, mas aproxima-se para ser reconhecido e transformar. Isac reitera que a Igreja transforma as pessoas. Ele diz:

Sabe que o inimigo existe. Não sei se você sabe. Agora de João 10:10 diz que o ladrão veio pra matar, roubar e destruir, mas ele veio pra que você tenha vida e vida em abundância. Muitos casos, a gente se reúne de oração, a gente coloca a mão na pessoa, o Demônio sai dela. É uma coisa louca. Você deve pensar: esse cara deve ser louco (risos), mas na verdade é real, porque ele existe. Nós fizemos um culto agora sábado, é, foi sábado, não, foi domingo agora. Então manifestou lá o Diabo no menino ali, né? E foi liberto, então não só disso. Como eu falei pra você, tem pessoas que até acho que no âmbito familiar não teve um carinho, então quando a pessoa vai, ela vê uma mudança que a gente tá junto, "se precisar de alguma coisa, eu to aqui, não esquece que eu te amo em Jesus Cristo, nós tamo junto na jogada, né, e vamos lá e vamos", né? E aí ele cria um espírito, uma ânsia dentro dele, o que tava morto começa a viver, aí se sente importante e ele começa a fazer as coisas certas e ele não pensa mais em fazer o mal, ele não pensa mais em usar droga. Ele pensa "eu preciso ficar na casa de Deus, eu preciso arrumar uma parceira, casar, ter uma família". Ó o pensamento dessas pessoas. E tem muitos que vão lá e ainda pensam em roubar, em matar, em tá lá escondido, mas são transformados. Isso é o grande prazer da gente, né, é ver uma pessoa transformada, até pra conversar.

Isac cita uma passagem bíblica, sugerindo que o mal também é útil. O entrevistado sugere que ainda que o preso procure a igreja para buscar benefício próprio, sem que tenha realmente o propósito de mudar e largar o crime, mesmo assim, ele pode ser "transformado". Conforme narra Isac, ainda que o sujeito esteja possuído pelo Diabo, a sua libertação é possível. Assim, na percepção do entrevistado, além de oferecer acolhimento, a Igreja oferece a libertação do vício e do crime, ou melhor, das obras do Demônio, ressuscitando o Deus que estava morto. No mesmo sentido, continua:

A palavra de Deus em Atos 1:8 diz que "descereis sobre vós poder e autoridade, serei minha testemunha", né? Então eu mesmo sou testemunha de muitas coisas que aconteceram, pessoas completamente sem solução médica e foram curadas. E isso trouxe as pessoas pra Deus, que eles não acreditaram nem mais nem eles acreditava nele, mas Deus transforma.

Assim, a narrativa de Isac assume a forma de um testemunho. Ele narra revelações, milagres e exorcismos. Conta a história de um preso agressivo que perturbava toda a cadeia e se tornou um "exemplo de pessoa"; conta que pessoas drogadas se livraram do vício, tiveram o semblante alterado e se tornam saudáveis; conta que uma mulher teria sido curada

do câncer após beber uma água que ele havia orado; conta que um preso com trombose que não conseguia mexer o braço teria conseguido fazer isso após uma oração na cela; conta que, após ele ter se colocado à disposição para receber uma benção de Deus em um culto realizado no pátio da unidade com 150 detentos, sua filha teria conseguido engravidar mesmo tendo o útero estéril; conta também que ele mesmo teria previsto uma rebelião. Isac conta muitas histórias sobrenaturais. Fala de avivamento, de libertação, de revelação e de cura.

A entrevistadora pergunta a Natan como uma pessoa deve viver quando ela segue uma religião evangélica e o entrevistado aponta para as mudanças ocasionadas pela conversão religiosa. De acordo com Natan, a pessoa passa a se sentir bem, muda seu jeito de pensar e agir, seu jeito de tratar as pessoas e sua convivência com a família. Para Natan, a Igreja propicia um sentimento de comunidade.

Vou tirar por mim, né, que é melhor. Eu quando eu tava no mundo, antes de eu casar - quando eu casei na real eu morava com a mulher -, eu era o cara que nem o diabo podia comigo, eu era atentado mesmo, não é à toa que eu levei nove facadas de briga, envolvido com droga. Quando uma pessoa me chamou pra ir para a igreja, eu falei que eu não ia. Aí foi insistindo, insistindo, insistindo, aí eu peguei e fui. Fui e não gostei da igreja. Só que não daquela igreja. Aí eu fui até, porque é assim, a gente, eu chamo, convido a senhora para ir pra minha igreja, mas talvez a senhora não sente bem com a minha igreja. Aí a senhora vai, é bom, eu vou procurar outra que eu vou me sentir bem. E foi o que aconteceu comigo. De lá para cá eu aprendi que Deus, na diferença da minha vida foi muito, muito, que eu era muito envolvido lá fora, não com, com crime, esses negócio não, era mais com bebida, drogas, essas coisas que eu fazia, brigava muito. Mas depois que eu conheci, que eu me batizei, foi bem diferente né, mudou muito o pensamento de agir, tratar a família, que eu não tinha convivência com a minha mãe, com meu pai, com a minha família em geral eu não tinha. Desde os meus 13 anos eu nunca tive essa coletividade que eu tenho hoje com eles, antigamente eu, era eu sozinho no mundo, só eu e, que nem vou falar pra senhora, não é nem Deus, porque nem Deus era comigo naquela época, eu achava, né, mas depois que eu conheci Jesus mesmo, mudou muito, com a família, com esposa, com filho.

O entrevistado divide o mundo e a Igreja. São dois mundos diferentes, com modos de vida diferentes. No primeiro mundo, o mundo nomeado de mundo, Natan afirma que agia semelhante ao Diabo, envolvido em brigas, com álcool e drogas. Teria sido convidado a participar de uma Igreja que não teria gostado, mas logo teria encontrado outra que o levou a se sentir bem. Natan afirma que a conversão mudou seu pensamento e sua conduta, aproximando-o da família. Antes do batismo, vivia sozinho, sem família e sem Deus. Depois, teria se reconectado com ambos. É importante destacar a mudança de comportamento narrada pelo entrevistado e a oposição entre os dois mundos que teria integrado. São mundos diferentes, porque são identidades diferentes. Mas tanto os mundos quanto as identidades habitam o mesmo lugar e a mesma pessoa, porque são repartidos por uma transformação.

É igual eu to falando pra senhora, é bem diferente né. O que eu tava vivendo quando eu pus o pé na igreja, mudou muito, saúde mudou, o pensamento, meu pensamento era só de ficar bebendo, brigando, essas coisas. Então quando eu fui

pra igreja mudou muito. É outra, outra vida, eu nasci de novo no mundo que eu tava. A senhora vê eu gordo desse jeito aqui, eu era só o pó, seco por causa de droga, não podia, não conseguia nem ficar perto da minha esposa, já brigava com ela. Tinha, meu negócio é só ficar em bar, em boteco tudo. Quando eu fui para igreja eu dei mais valor a todos.

As mudanças declaradas pelo entrevistado alcançam não apenas seu pensamento e a convivência com a família, mas até sua saúde. Natan ressalta a diferença entre a vida no mundo e a vida na igreja: "É outra, outra vida, eu nasci de novo no mundo que eu tava".

Então por isso que a gente tem que se abraçar com Deus e pedir, igual eu perdi meu moleque esses dias, esses tempo aí, em 2009, perdi o meu moleque com 19 anos, acabou de fazer 19 anos, tava fazendo coisa errada, a polícia foi lá e matou. Tava com muito ódio no coração, porque os cara mandou ele pra lá. Só que o que eu fiz, ponhei meu joelho no chão e pedi pra Deus confortar meu coração pra mim não voltar o que eu era antes. Então por isso que eu falo para senhora, Deus na minha vida Ele mudou muito, porque se eu não tivesse na igreja, eu não tivesse ouvindo a palavra de Deus, buscando a Deus mesmo afastado de uma igreja fixa, eu tinha feito cagada, eu não tinha voltado para cadeia de saidinha, tinha nada, tinha voltado a aprontar de novo. Então por isso que eu falo para senhora, Deus na minha vida Ele mudou muito, muito, sobre tudo.

Natan conta a história da morte do filho para provar sua mudança. Ele sugere que, se não tivesse realmente mudado, não teria voltado para a prisão após sair para o velório do filho. Natan reforça, com isso, que Deus teria feito uma transformação em sua vida.

Carlos explica que dia de batismo na cadeia é dia de festa, porque é preciso comemorar a conversão de um criminoso usado pelo Diabo. A conversão, segundo Carlos, muda a natureza da pessoa, porque Deus doma o espírito do converso.

Eles iam nos pátio, nos pátio de sol, na hora do pátio de sol eles entravam e faziam o culto e tal, convidava quem queria ir pra galeria, mudar, né, se converter, batismos, vários batismos já participei dentro da unidade, várias batismo e... batismo todo dia de batismo era dia de festa, né, sempre tinha um bolo, refrigerante, um salgado e todo mundo se alegrava, muito louvor, entendeu? E realmente se alegrava em Cristo, porque você sente aquela comunhão né? Você vê aquele monte de pessoas ali que outrora era criminosa, né. Uns matou, outros roubou, outros traficou, muitas coisas assim né, que a gente sempre fala assim, a gente era cavalo do Diabo naquela época, né, que o Diabo usava a gente pra fazer certas coisas, porque a partir do momento que você se converte, que você tem uma experiência com Deus, você realmente vê isso. Você fala "nossa, naquela época realmente eu era", porque a pessoa, a pessoa, eu vejo assim hoje, hoje nesse tempo que eu to com minha aliança com Deus eu vejo assim, a gente quando a gente tá com Deus, além da pessoa ter a natureza dela, tem pessoa que tem a natureza meia ruim, não é ruim assim, tem a natureza meio diferente, né? E tem pessoa que tem a natureza boa, mas quando você tá com Deus, você é sempre bom. Às vezes você pode querer se explodir, pode querer às vezes alterar um pouco, mas você tem meio que uma temperança, você não vai ser que nem você era antes, agora se você tá no mundão, aí o cara não pense em nada. Aí é onde o cara comete crime, faz muitas coisas.

O entrevistado conta que o batismo é uma festa regada a comida e muito louvor, ocasião em que as pessoas entram em comunhão e se alegram em Cristo. Além disso, Carlos relata as mudanças provocadas pela conversão. Afirma que a aliança com Deus resulta em

algum tipo de equilíbrio que torna a pessoa mais ponderada e menos agressiva. A pessoa que outrora era criminosa, após batizada, deixa de ser. Com essa fala, Carlos marca as diferenças entre o antes e depois da conversão. Afirma que a conversão transforma a própria natureza da pessoa. Em sua análise, mesmo que a pessoa possa ter a natureza ruim, sua aliança com Deus a impede de agir de forma ruim, porque Deus tempera a natureza da pessoa, impedindo que ela venha a explodir. Em contrapartida, quem não faz aliança com Deus continua no "mundão" e não tem nada a perder. Assim, o entrevistado indica que a mudança é promovida por Deus, que vence a luta contra o Diabo e impede que ele use as pessoas em proveito do mal.

Em outro trecho da entrevista, Carlos conta sobre o processo de transferência de presos do convívio para a galeria evangélica e nega que haja algum caso em que a Igreja teria rejeitado o candidato a crente, isto é, barrado o ingresso de um preso que queria se mudar para a galeria evangélica. De acordo com ele, toda pessoa pode mudar. A mudança é o princípio básico da conversão. A mudança é prova do poder de Deus.

Aí falou "vamos trabalhar, vamos estudar, vamos estudar assim, vamos vamos trazer ela pra perto de nós". Pra quê? Pra ir aí ela convivendo com a palavra e os cultos, entendeu, pode ser que a pessoa mude. Pode ser não, a pessoa muda, não tem como, Deus quebranta, e... só que aí tá aquele negócio, às vezes persevera, eles têm que perseverar, você vai ter lutas, vai ter, vai ter, você vai ter batalhas, vai ter vários obstáculos. Só que você tem que perseverar nesse caminho, né, porque a pessoa, porque não é fácil, pra uma pessoa que já, já teve do outro lado, entendeu, é a mesma coisa, você sai, você sai na rua, a maioria olha e fala assim "ó, matou, roubou, agora tá dando uma de crente lá". E às vezes não é nada disso, né, a pessoa realmente tá de coração aberto, né, tá bem, entendeu? E a gente escuta muito isso aí.

Como se observa desse trecho, o ideal de arregimentação de fiéis próprio da Igreja evangélica também não nega esforços na cadeia. Com o trabalho de evangelização durante o banho de sol dos presos, o grupo de evangélicos não apenas aceita qualquer um, como convida toda a população carcerária a participar dos seus rituais, assumindo a missão de convertê-los e transformá-los.

Ao explicar como a conversão refletiu em sua vida, Valdir conta que era nervoso e briguento, mas que, após se tornar evangélico, adquiriu paciência e vontade de aprender: "Ah, de dizer assim eu era muito nervoso, né, muito briguento, mas hoje é, tenho mais paciência, tenho mais vontade de aprender, sempre que eu to lendo a Bíblia, tenho alguma dúvida eu pergunto pro pessoal que entende mais, hoje tenho mais interesse que antigamente, né". Valdir procura mostrar que desenvolveu características melhores, como a paciência e a tolerância. Assim, a conversão seria responsável por aperfeiçoar o caráter do converso, por

aprimorar o seu espírito e estimular o seu conhecimento. Ao ser solicitado a contar alguma situação marcante de sua vida, indica novamente a conversão:

Quando eu aceitei Jesus assim, quando eu comecei a ler a Bíblia e aceitei Jesus assim eu fiquei mais em paz, comecei a jejuar, começou a vim as bênção pra mim. Então essa é a coisa que mudou. Porque quando eu tava lá fora não era do crime, mas não tinha aquela paz, tudo, só queria saber coisas mundana, coisa da carne. Hoje a mentalidade é mais com o espírito, porque queira ou não queira quando você começa a entender das coisas você quer a vida eterna, né, a salvação, tudo. Aí até já sonhei duas vezes com Jesus vindo, então muda muito, porque a gente não pensa mais em ter carro, casa, mulheres, essas coisas, né, mais coisa da carne, né. Hoje já não tem muito isso, né. Antigamente tinha mais pesadelo também, mas com as bênçãos aí quase não tenho mais pesadelo, consigo dormir mais tranquilo, essas coisas, mudou muito mesmo.

Valdir relata que, ao aceitar Jesus, recebeu muitas bênçãos e encontrou a paz. Afirma que agora procura se dedicar às coisas divinas e busca a salvação e a vida eterna. A conversão é descrita pelo entrevistado como uma mudança em sua vida, mudança esta que teria lhe trazido paz e tranquilidade, graças concedidas por Deus. Além disso, teria deixado de se preocupar com as coisas mundanas, descritas como coisas da carne, e passado a dar atenção para as coisas divinas, próprias do espírito.

Davi explica que a religião pode transformar grandes criminosos. Não é o seu caso. Diferente da maioria dos entrevistados, Davi já era evangélico antes de ser preso e nem considera que tenha cometido um crime.

[...] porque muitos de nós não fomos bonzinhos no passado, entendeu? Eu graças a Deus essa parte não querendo me orgulhar, mas eu to aqui porque eu mexi com eletrônica do Paraguai, o meu crime nem chega a ser um crime, é descaminho, entendeu? Mas não que isso me torne melhor do que os outros, tá? Todos nós aqui somos digamos criminosos, tá? Só que tem uns ali que são criminosos feios tá, que matou, que roubou, né? Só que Jesus mudou a vida dele a partir daquele momento ele realmente mudou, ele passou a ser uma nova criatura, tá? [...] A partir do momento que você aceitou a Jesus, tá, você, não é você que quer, o espírito santo passa a habitar dentro de você, tá, e mesmo que você não queira tá, o Espírito Santo vai mudando você de dentro pra fora.

Evangélico de carteirinha, Davi atesta a transformação operada pela conversão. De acordo com o entrevistado, o criminoso vira uma nova criatura. Assim, para Davi, Jesus provoca uma mudança de vida tão intensa que os verdadeiros criminosos são transformados em verdadeiros crentes. Ademais, para Davi, a mudança depende menos da vontade da pessoa do que da vontade de Deus. Dessa forma, de acordo com o entrevistado, quando a pessoa aceita Jesus, o Espírito Santo passa a transformá-la. Essa transformação também aparece como sinônimo de cura no discurso de Davi: "Vou te explicar: a igreja é como um hospital, tá? No hospital só vai as pessoas doentes, tá certo? Então se você chegou na igreja, eu sou obrigado a te aceitar tá? Eu não posso fazer restrição que você é prostituta, que você é um gay, que você é uma drogada, você tá entendendo?". Davi usa uma metáfora para

explicar o papel da Igreja, indicando que as pessoas que procuram a Igreja são pessoas doentes. Por isso, todas as pessoas devem ser acolhidas, sem restrição, para que sejam curadas e transformadas. Em seu exemplo, o entrevistado expressa um arraigado preconceito contra prostitutas, homossexuais e usuários de substâncias entorpecentes, indicando que essas pessoas precisam ser curadas e transformadas pela Igreja, o que serve para atestar o poder da mudança, que é recorrente na fala de Davi. Ele afirma que a prisão não é lugar de mudança e que a única mudança possível na prisão é a mudança operada pela religião. Assim, num lugar que não favorece a mudança, aceitar Jesus é a única opção.

Então normalmente às vezes a pessoa muda, mas normalmente não muda. Por quê? Porque aqui não é lugar de mudança. A cadeia não muda ninguém, tá entendendo? O que muda a pessoa é aceitar Jesus, esse realmente é transformado. Por quê? A mudança não vem de dentro pra fora, é de fora pra dentro. Jesus muda é o seu interior, tá? A vamos dizer a sua casca vai continuar sendo a mesma, mas o seu coração vai ser transformado. [...] A transformação acontece, entendeu? Você se torna uma nova criatura, não tem como, tá? A partir do momento que o Espírito Santo entrou em você, você não é mais você.

A mudança, para Davi, é obra de Deus e do Espírito Santo, que penetra na vida da pessoa e a converte em uma nova criatura. Dessa forma, a mudança parece ser a chave do discurso de Davi: é ela que serve para legitimar a identidade do evangélico, porque ela é pressuposto dessa identidade.

Mateus foi batizado na prisão. O entrevistado esclarece que se batizou na Igreja Adventista do Sétimo Dia, mas que, ao ser solto, abandonou a Igreja e voltou para o crime, tendo sido preso novamente. De volta para a cadeia, foi novamente para o alojamento evangélico pedir a Deus para nunca mais ser preso.

Que essa não é a primeira vez que eu passo aqui na CCM, é a segunda vez. Então da outra vez eu batizei, saí pra rua, não firmei, cabeí caindo na besteira de novo, né. Agora eu to de novo aqui, to de novo na igreja evangélica buscando a Deus, pedindo a ele que me dê força pra mim dessa vez agora pra não voltar nunca mais.

Mateus foi batizado, não confirmou a conversão, caiu no crime novamente e foi preso. De acordo com Mateus, ao ser batizado, o converso recebe uma cartilha indicando como deve agir. Ao que parece, a cartilha orienta o novo evangélico a deixar o passado e renovar-se. Seu passado é perdoado para que ele possa se reerguer.

Eles passa pra gente uma cartilha, que é uma cartilha que fala da, assim do básico né, como a gente se consagrar do Senhor, a gente deve fazer, como que a gente tem que permanecer depois, né. [...] Fala que, como que fala, como que eu digo, a gente tem que se preparar, né, se preparar é, que as coisas velhas fica pra trás, que tudo se começa, tudo se faz novo, que a gente devemos seguir aquele caminho verdadeiramente e nossos pecados é perdoado ali e tudo começa tudo novo e que Deus perdoa todos os nossos pecados ali pra trás, e que se a gente seguir da forma que Deus quer né, que fala na Bíblia, né, a gente fazer tudo da vontade do Senhor do jeito que ele quer, e conseguir ser batizado pelo Espírito Santo, aí a gente vai conseguir ir pro céu, né.

Assim, o batismo consiste em um ritual que marca o rompimento com o passado e a construção de um novo caminho. O converso é perdoado de todos os seus pecados para que consiga deixar tudo para trás. Apagado o passado, ele seria capaz de se preparar para seguir a Deus e alcançar o reino dos céus. Ao ser questionado em que momento da vida decidiu se batizar e como isso aconteceu, Mateus explica que estava cansado e que viu o batismo como uma oportunidade imperdível, pois já conhecia Deus e intuiu que aqueles eram os planos de Deus para que ele se sentisse melhor.

Ah, eu me senti cansado já, né, senti que aquilo ali era uma oportunidade boa pra mim, que era uma oportunidade única, que eu nunca tinha recebido uma proposta daquela na vida, senti no coração que ia ser bom pra mim. E outra, é uma coisa de Deus, né. Eu já sabia quem era Deus, sabia que eu sou uma criatura Dele, feita por Ele com amor e com carinho. E aquilo ali fazia parte dos planos que ele planejou pra mim.

O entrevistado afirma que se sentia cansado e que a sua conversão ocorreu porque ela estava nos planos de Deus. Ao que parece, o batismo foi uma oportunidade que surgiu na prisão, lugar onde oportunidades não surgem com facilidade. A entrevistadora pede para o entrevistado descrever a sua vida antes e depois de entrar para a Igreja e ele reporta mudanças no modo de ser, de se expressar, nos pensamentos e sentimentos e até na qualidade do sono.

Ah antes, ah antes eu não tinha muita esperança, a visão era outra, né, até o tratamento assim, o meu modo de ser, de eu conversar com as pessoas era totalmente diferente, não pensava muitas coisas boas. Hoje eu sinto que eu to mais próximo de Deus, tenho mais amor pelo meu próximo, desejo o melhor pra ele e sinto mais aliviado, durmo mais tranquilo, pois eu oro antes de dormir, oro quando eu acordo, aqui nós faz culto todo dia na nossa cela que nós tamo, nós faz culto todo dia, um dia é trazido a palavra por um, tem uns irmão escolhido, né, aí um dia traz a palavra, outro dia nós canta louvores, é uma hora a duração todo dia. Eu sinto que, sinto mais próximo do Senhor, eu fico aliviado, sinto mais tranquilo, sinto mais paz, e mais próximo de Deus, né.

Conforme relata, antes de buscar Deus não tinha esperança e não pensava coisas boas, enquanto depois que teria se aproximado de Deus, teria passado a tratar melhor as pessoas, se sentir mais tranquilo e dormir melhor. Mateus indica que mudou a visão, o modo de ser e de conversar com as pessoas. Em outro momento da entrevista, Mateus é solicitado a falar sobre a sua vida na rua, narrando que vivia uma vida "desgovernada", que parece ser sinônimo de vida irresponsável, sem compromisso.

Ah na rua falar pra você a verdade, na rua eu às vezes trabalhava, às vezes não trabalhava. A minha vida na rua era desgovernada, viu, dona, falar a verdade pra você. Me preocupava lógico a minha vida né, mas eu não tava muito preocupado não, tava fazendo muita coisa errada, que hoje aqui eu paro pra pensar aqui, eu poderia ter feito tudo diferente, ter dado mais valor né à minha liberdade e ter ficado de boa né e hoje eu não estaria aqui nesse lugar né, se tivesse buscado a

Deus primeiramente, feito a vontade dele, hoje eu não tava aqui, longe das pessoas que eu amo.

Segundo sugere Mateus, só Deus poderia governar a sua vida e determinar um destino diferente. Na rua, Mateus parecia viver sem regras, trabalhando quando tinha vontade, despreocupado com a consequência de suas ações. No entanto, indica que, se tivesse substituído a sua vontade pela vontade de Deus, não estaria preso.

No decorrer da entrevista, Emanuel conta que fugiu da cadeia duas vezes. Explica que mora na galeria evangélica há quatro meses, mas que já tinha passado antes por ela. Assim, a entrevistadora pergunta ao entrevistado como tem sido essa experiência, e Emanuel responde:

Ah é bom, você procura mais a Deus, você chega mais perto de Deus, conhece coisas melhores, tem a chance de mudar de vida e você passa a ver um outro lado da vida né, um lado que você não vê quando na verdade você tá vivendo conforme a própria vontade. Um lado da vida diferente, digamos assim, você vê a vida por outro lado. [...] É que na verdade quando a gente tá digamos assim vivendo por nós mesmos no mundo, a gente vê a vida somente por uma visão assim um pouco limitada, porque a gente vive pensando no hoje, no amanhã, nas coisas materiais, nas coisas terrenas. Porque uma coisa que o mundo proporciona coisa material e coisa terrena, e quando a gente passa a servir a Deus a gente começa a ver por um outro lado, que a gente vê além das coisas terrenas, que seria as coisas espirituais e as coisas que vêm além do mundo, no caso seria uma vida que você se abstém de fazer a sua própria vontade pra fazer a vontade de Deus, almejando uma vida melhor, que seria uma vida vindoura, que no caso seria a vida eterna a qual Deus nos proporciona àqueles que deixa de viver uma vida aqui pra si mesmo pra viver uma vida aqui pra Deus. Então as coisas do mundo passa a não ter tanto valor como têm normalmente.

O entrevistado narra a sua percepção sobre viver em uma galeria evangélica na prisão. Segundo ele, nessa galeria, a pessoa estaria mais próxima de Deus e teria a chance de mudar de vida, passando a enxergá-la de forma diferente. Ao indicar a sua representação da vida como evangélico, o entrevistado explica que existem dois modos de viver. De acordo com Emanuel, sem Deus, a pessoa segue a própria vontade, vive por si mesmo, autocentrada. O entrevistado concebe essa vida como limitada, porque esse modo de viver teria por objetivo alcançar bens materiais, próprios de uma vida mundana ou terrena. De outro lado, uma vida concebida a serviço de Deus estaria desligada das coisas terrenas. Neste caso, as coisas materiais dariam lugar às coisas espirituais e a vontade pessoal seria substituída pela vontade de Deus. Essa vida é qualificada como uma vida melhor, uma vida vindoura. Segundo Emanuel, quem dedica a vida a Deus é presenteado com a vida eterna. Em síntese, quem segue a vontade de Deus ao invés de sua própria vontade e deixa de dar valor às coisas terrenas pode viver a vida eterna e quem vive a vida eterna compreende que as coisas do mundo não têm o mesmo valor que as coisas espirituais. Assim, revela-se uma contraposição entre coisas do mundo e coisas de Deus, desejos pessoais e desígnios divinos. Emanuel

também esclarece que essa mudança de vida seria conduzida por Deus: "Nenhum ser humano muda nenhum ser humano, é impossível isso. Quem muda o ser humano é o Espírito Santo de Deus. Então quando uma pessoa ela decide mudar de vida é porque Deus toca no coração dela e ela simplesmente obedece".

Depois de explicar que essa mudança teria se processado em sua vida em virtude de desígnios divinos, o entrevistado explica em que momento isso ocorreu em sua vida, indicando que a sua conversão foi movida pelo sofrimento gerado pela prisão.

É porque lá fora, antes de cair preso, eu nunca tive uma família evangélica, essas coisas, nem conheci igreja na verdade, conheci assim de ouvir falar, né, mas nunca tinha frequentado. Mas o que que levou, eu acho que a circunstância contrastante, porque aqui dentro você pensa bastante né.

Assim, o entrevistado atribui a Deus a responsabilidade por fazer com que o sujeito perceba a existência de dois modos de vida possíveis, um mundano e um divino. Além disso, relata que só veio a ter contato com essa nova forma de conceber a vida depois de ser preso, alegando que antes disso nunca havia frequentado uma igreja porque sua família não é evangélica. O entrevistado aponta que a "circunstância contrastante" provocada pela prisão é que o teria levado a pensar em se aproximar da igreja. Depois de afirmar que foi batizado na prisão, Emanuel explica como isso repercutiu em sua vida:

Antes é igual eu tinha falado, você tem uma visão totalmente diferente, depois você tem outra visão. Só que quando eu saí e fui pro semiaberto e tal, aí eu voltei a fazer as coisas que eu fazia, então quer dizer, eu voltei a sofrer as consequências que eu já tinha sofrido antes, mas muda bastante coisa, muda o jeito de pensar, o jeito de falar, o jeito de agir, o jeito de viver.

Assim, Emanuel reitera que, na sua percepção, a religião promove múltiplas mudanças no comportamento e na visão do converso, alterando seu jeito de pensar, de se expressar, de agir e de viver. Entretanto, mesmo defendendo a transformação provocada pela conversão, Emanuel confessa que ele não teria mudado, pois voltou a agir como agia antes, tendo sido preso novamente. Assim, Emanuel esteve na galeria evangélica, fugiu, foi preso novamente e voltou para a galeria evangélica. Como se vê, a mudança que alega ser processada pela conversão não teria ocorrido com ele, uma vez que teria voltado a seguir a sua própria vontade, ignorando a vontade de Deus.

Tiago aponta que é seu dever orar pela libertação das pessoas que não tiveram o encontro com Deus que ele teve e mostra que esse encontro o fez reavaliar suas ações. O entrevistado apresenta a sua nova forma de ver o mundo e de conduzir a sua própria história. Tiago relata como se sente ao buscar Deus e indica também os desafios para se manter fiel a Ele, seguindo o caminho correto e não se deixando desviar para o caminho do mal. Assim, sustenta que precisa se manter firme neste propósito.

Só que as pessoas não querem enxergar dessa forma, e hoje em dia a gente somos julgados assim: "por mim apodrece na cadeia". Só que eu não posso pensar o mal dela, não posso pensar o mesmo do que ela, ao contrário, eu tenho que amar ela, tenho que orar por ela, porque ela não tá liberta, ela não teve esse encontro que eu tive ainda com Deus, ela não aceitou Deus na vida dela, porque a partir do momento que você aceita Deus, você começa a ver as coisas diferente na sua vida acontecer, você pega desgosto das coisas que você fazia no passado, das coisas erradas, porque o que é lindo, já Deus tá habitando na vida, na sua vida. Então, eu vejo a minha vida hoje diferente assim, por mais que a gente somos pecadores, a gente somos falhos, a gente não somos perfeitos, então se a gente não procurar, nós que hoje buscamos a Deus, se a gente não procurar força em Deus, se a gente não procurar tá buscando em oração Deus pra Deus nos dar força, infelizmente se a gente chegar lá fora ou aqui dentro a gente vai voltar pro mesmo caminho, porque existe duas lutas na nossa vida: entre o bem e o mal. Então eu hoje eu escolho o que? Hoje eu escolho essa vida, que é seguir o caminho de Deus. Por mais que se eu chegar lá fora, não vai ser fácil, eu vou ter que construir uma família [...]

Tiago soa ressentido com a família durante toda a entrevista, seja quando fala da falta de exemplo, seja quando indica questionamentos que parecem já terem sido feitos a ele, desafiando-o a provar sua mudança e sua crença. Assim, afirma que quer ser para a filha o exemplo que não teve em sua família, oferecendo a ela o afeto e a compreensão que sente não ter recebido. Ao que parece, Tiago se sente abandonado e julgado pela própria família, mas afirma que mudará o curso da sua história, agindo diferente e amando mesmo aqueles que não acreditam nele.

A pessoa te ama ali, a Bíblia, a Bíblia ela não é só um livro que você pega e lê e joga ela de lado. A Bíblia você tem que assim, você lê ele e Deus Ele te revela muitas coisas dentro dela. Ali é o próprio Deus falando com você. "Ah, mas você tá preso, eu quero ver na hora que você sair na rua, que vai ter mulheres, vai ter amizades, vai ter drogas, vai ter coisas que as pessoas vão te dar assim da mão beijada". Sim, isso aí eu sei que eu vou enfrentar isso aí na rua. Só que eu tenho que saber resistir a essas coisas, eu tenho que procurar o que? Se eu to no caminho de Deus, eu tenho que procurar o que? A viver dentro de uma igreja, a procurar pessoas que tão dentro duma igreja, só que nem todos que também tão dentro duma igreja tão ali pra buscar Deus, alguns tão ali pra ficar criticando a vida do seu próximo, até um, alguns tá ali também pra ficar procurando relacionamentos, e isso é errado, isso tem consequências.

As perguntas feitas a si mesmo e que parecem reproduzir perguntas já respondidas por ele às pessoas que não acreditam na sua mudança são constantes no discurso de Tiago. O entrevistado reitera a existência de tentações e riscos, apontando os desafios a serem enfrentados na vida em liberdade, os quais deverão testar a sua conversão. Tiago indica que precisa resistir a essas coisas e procurar o apoio de uma Igreja. No entanto, afirma que mesmo na Igreja poderia ser criticado.

Então tudo que a gente passa na vida da gente tem uma consequência e hoje eu to aqui, eu to pagando por essa consequência, e por várias outras que eu tomei outrora lá atrás no passado. Então eu penso assim da minha vida, hoje em dia eu sou muito feliz por mais que eu se encontro dentro de uma cadeia, eu sou feliz pelo fato de eu tá de pé, de eu acordar com vida, de eu aos poucos tá conquistando o, vamos se dizer assim, o respeito da minha família. Hoje eu sou feliz assim de poder chegar perto de uma pessoa, vamos se dizer assim, pra pegar um exemplo, hoje em dia a

gente se encontra muitas pessoa jovem aqui dentro que tão chegando hoje dentro de uma cadeia, tá sabendo o que que é uma cadeia, e você poder dizer pra ela "irmão, não segue esse caminho, porque eu vou falar pra você, isso aqui não é vida para ninguém". Então se você quer viver uma vida tranquila, busca Deus. Não é fácil? Não, mas o mesmo caminho errado que você buscava lá fora, você desejava ter um carro, uma mulher bonita, uma família, Deus ele pode te dar o melhor disso aí, basta você querer. Se você continuar nessa vida, infelizmente o seu caminho é outro. Então hoje em dia a gente que se encontra dentro de uma galeria evangélica dentro de um presídio, a gente somos exemplo. Eu acho que às vezes Deus Ele criou o presídio também pra isso, pra punhar pessoas como a gente dentro e pra ganhar pra Ele também. Porque através do nosso testemunho, através do nosso modo de agir, o nosso modo de falar, que as pessoas vai ver uma mudança, porque você vê hoje em dia muitas pessoas que são viciada em drogas, ela não muda de um dia pro outro, tem umas que ela coloca na mente que ela só depende daquilo, ela já não consegue mais mudar. Mas hoje a gente somos exemplos, a gente que tamos nos caminhos de Deus. "Ó irmão, eu fui assim, eu vivi mais de 18 anos na vida do crime, eu vivi mais de 18 anos nos vícios das drogas, eu pensava que eu já passei por clínicas também, mas não resolve, a única esperança da gente mudar é Deus, não tem outra pessoa que pode fazer isso na vida da gente".

O entrevistado continua narrando sua história pela sua nova forma de ver o mundo e reforça que sua experiência serve de testemunho de uma grande mudança de vida. Tiago afirma que usa sua experiência para dar exemplo, provando que as escolhas que fazia antes não trazem boas consequências. Assim, Tiago indica que o caminho errado resultaria em uma vida conturbada, enquanto o caminho correto levaria a uma vida tranquila. O entrevistado, com isso, se vê, nesse novo modelo, como um exemplo de vida, concebendo a prisão inclusive como uma estratégia de Deus para alcançar as pessoas. Tiago explica que o evangélico tem um modo de agir e de falar diferente, e que isso serve de prova do poder de Deus de mudar as pessoas. As mudanças de Tiago são constitutivas de sua história de vida e se manifestam a partir da elaboração de novos sentidos.

Tiago explica que depois que se mudou para a galeria evangélica, passou a ter uma nova visão de mundo. O entrevistado indica acreditar que as suas experiências do passado serviram como aprendizado, para que ele se fortalecesse e conseguisse enfrentar os desafios impostos pelo Diabo. De acordo com Tiago, o Diabo usa mulheres, drogas e armas para tentar afastar a pessoa de Deus. Segundo Tiago, ao mudar de vida, a pessoa precisa ser exemplo para as outras, estimulando nelas a mudança.

Então a partir do momento que eu cheguei ali, hoje eu posso dizer pra você que eu vejo as coisas diferente na minha vida. Hoje eu não ponho obstáculo, hoje eu não ponho dificuldade, hoje eu vejo as coisas que acontece como consequência da vida da gente, que a gente cometeu no passado, porque tudo a gente vai pagar pelo que a gente tá fazendo, não vai passar nada em branco, entendeu? E hoje eu procuro assim, pretendo, eu creio vou sair daqui eu pretendo sair daqui continuar no mesmo caminho. Acho que Deus Ele permitiu que eu passasse por tudo que eu passei pra ver a experiência de vida que eu vou enfrentar lá fora, porque se eu sei que se eu chegar lá fora lá, assim como existe Deus existe o Diabo, o Diabo ele vai fazer de tudo pra querer me derrubar, ele pode usar, ele vai usar mulheres, ele vai usar droga, ele vai usar arma, então assim tudo que o mundo oferece que é de ruim ele vai usar pra tentar me tirar da presença de Deus, mas em cima disso aí

vem o que? Vem você buscar a presença de Deus, você evitar lugares, pessoas, num é mais você ter mais as mesmas amizades, mas você também não vai poder, não é porque você mudou de vida que você vai desfazer dela. Você vai mudar, você vai ser o exemplo que aquelas pessoas que viam você antes, no passado com uma arma, fazendo coisa errada, hoje ela vai ver você e ela pode ver você de terno, de Bíblia, então aquilo ali já, aquilo ali é um testemunho, então assim, a pessoa ela vai olhar você assim "nossa, aquela pessoa, quem ela era, que a pessoa que eu conheci, quem ela é hoje, por que que, se ela mudou, por que que eu não posso mudar?".

Decretado pela facção e convertido a uma religião, Tiago começa a narrar a mudança na sua visão. Destaca-se, primeiro, a mudança na sua interpretação. Tiago fala das provações que precisa enfrentar para se manter próximo de Deus e, segundo sugere, o evangélico deve ser exemplo e se diferenciar de bandido. Bandido usa arma e droga, evangélico usa terno e Bíblia.

Então é na onde porque é na onde que você vai chegar, porque Deus ele pode te mandar você dentro de uma favela, ele pode mandar você dentro de uma boca de tráfico, pra você fazer ali vamos se dizer você pregar o evangélico, que eu já vi muitos vídeos de pessoas que servem a Deus entrar dentro de uma favela, parar baile funk, de salvar pessoa que era pra morrer ali na hora. Ou seja, você vai ser testemunha, falar: "Irmão, eu fui essa pessoa que você é hoje, o que você ganha nessa vida?". "Ah, eu to tendo isso, eu to tendo aquilo". "Tá, você tá tendo isso, mas tudo que você ganha nessa vida, você perde, você pode viver 20 anos traficando, roubando, na hora que você cai preso, o que o diabo ele te dá, ele te toma, a hora que você cai preso você perde tudo, porque daí vem gasto com advogado, vem gasto com, dependendo do lugar que você for, com passagem, vem gasto se tiver filha lá fora pra você sustentar sua filha, adiantou isso aí para você? Você viveu 20 anos lá, guardou um monte de dinheiro, mas você tá desfrutando do que você ganhou? Você não tá desfrutando". "E você?". Fala: "Eu não, eu vou desfrutar, porque eu sei que se eu continuar, se eu viver nessa vida, eu sei que eu não vou passar por lá, que Deus tem o melhor para mim, entendeu?".

Tiago reforça que evangélico é exemplo e que dá testemunho da sua vida. Para Tiago, ao mostrar a sua mudança para melhor, os evangélicos salvam pessoas do tráfico. Assim, de acordo com Tiago, eles têm a missão de evangelizar e de converter bandido.

[...] Minha família eu já pedi perdão pra minha família, pra me dar mais um voto de confiança pra mostrar verdadeiramente pra eles que eu mudei, que se eles quiserem acreditar, eles acredita também, entendeu? Só que eu vou mostrar pra eles o que? Através do que? Uma pessoa quando eu chegar lá fora eles vai ver que eu já não sou mais aquela pessoa que, pensa em fazer coisa errada que fala em gíria, que só fala em droga, eles vai ver uma pessoa que chega lá fora ele vai falar do amor de Deus, ele vai falar de Deus, ele vai falar do que Deus tem feito na vida dele. Então é assim, então cabe a eles ou não me perdoar, eu já fiz minha parte. Então assim, e viver a vida enquanto a gente tem o tempo ainda pra viver, porque eu temo, eu creio que o mundo ele tá, ele tá na verdade, ele tá acabando, ele já tá, se você ler a Bíblia mesmo assim você vai ver que vários profetas das coisas que tá acontecendo hoje são bíblicos. Então a vinda de Cristo ela tá próxima, então eu to procurando a minha salvação e procuro também a trazer pra presença de Deus aqueles que ainda não vieram. Porque aqueles que vão ser salvo vão viver com alegria, com amor, com paz, agora aqueles que não vão ser salvos vão viver chorando, vai procurar a Bíblia não vai achar mais que não vai ter, vai procurar pastor não vai ter, então vai viver no fogo, vai sofrer. Isso aí eu não desejo nem prum inimigo meu. Então hoje pra mim servir a Cristo é assim.

Novamente, Tiago fala em oferecer prova da sua mudança, prova essa que pode ser verificada no modo de falar e de se expressar, assim como no conteúdo do que se fala. O entrevistado indica que passa a se preocupar com a sua salvação, pois quer viver em paz. Embora Tiago reitere que serve de exemplo, ele também reforça a desconfiança sobre a sua conversão e sobre a sua mudança. Primeiro, isso fica evidente na forma como conduz o seu discurso, endereçando perguntas a si mesmo e mostrando para a entrevistadora que já está acostumado a ser tratado como um falso evangélico. Aliás, o próprio entrevistado conta, no início da entrevista, que fingia ter mudado e frequentava a igreja para convencer a própria família. Ao que parece, agora luta para provar que mudou de verdade.

Então a gente hoje a gente somos exemplos, mas muitas pessoas não querem enxergar, em vez de ela enxergar, elas querem nos julgar. "Tá falando isso porque tá preso, lá dentro é fácil você falar, lá dentro é fácil você buscar Deus, eu quero ver na hora que você tiver aqui fora que as tentações são grande, que você vai ver cigarro, você vai ver droga". Mas disso aí eu já sei que eu vou encontrar isso aí, porque que nem eu falei pra Doutora, não é a primeira vez que eu venho buscando a Deus, então eu já passei por esse tipo de experiência, então se hoje eu to aqui de novo é que pra que eu chegue lá fora de novo e possa saber lidar com esse tipo de situação. Quando vir uma pessoa me oferecer um cigarro, me afastar, "olha eu não fumo mais". Uma pessoa te oferecer uma cerveja, "não bebo mais". Uma pessoa vim chamar você pra dar vamos se dizer uma volta, um rolê, "ó irmão, hoje eu já não faço mais essas coisas". "Ah, mas você mudou mesmo". Eu falei: "Eu mudei, irmão, eu mudei porque eu sei a vida que eu quero pra mim, eu sei o exemplo que eu tenho que dar pra minha filha". E isso eu tenho que ser, eu tenho que mostrar também pra aquelas pessoas que só viviam me criticando: "aquela pessoa não tem mais jeito, ela já não muda mais".

O entrevistado revela, assim, desconfiança sobre a sua mudança. Ele mesmo sugere que ser evangélico na cadeia é fácil, porque a privação da liberdade implica também a privação dos bens mundanos. Na rua, com livre acesso às tentações, é que a sua fé seria testada. No caso de Tiago, a volta para o crime teria comprometido ainda mais a crença das pessoas na sua crença em Deus. No entanto, o entrevistado afirma que foi preso novamente para que, ao ser solto, esteja realmente preparado para resistir a todas as provas.

[...] Pra você buscar a Deus, você pode buscar Ele em qualquer lugar, e não é você buscar só de falar "ai, eu sou crente, ai eu vou pra igreja". Crente até o Diabo foi, até o Diabo é, ele pode se dizer como um crente. O crente é você viver o que a Bíblia te ensina, é você viver o que Deus te ensina a fazer, é você se afastar das pessoas, é você pregar a palavra Dele, é você falar de amor, é você saber perdoar o seu próximo, é você saber ajudar a quem precisa, em vez de apontar o dedo, em vez de julgar "ah, aquela pessoa ali ó o caminho que ela tá, tá errada". "Mas o irmão, antes de você querer olhar pro erro daquela pessoa, olha pro seu". Hoje eu tiro de experiência, eu não posso julgar uma pessoa que vive nessa vida, porque um dia eu fui daquele jeito, eu fui assim também. Então a gente devemos, como cristão a gente devemos ter paciência com essas pessoas que ainda não tiveram assim, não se converteram a Deus. Não é simplesmente porque eu sou um cristão que eu tenho o direito de julgar. Quem julga é só Deus. Se eu fazer isso aí, eu to tomando o lugar de Deus. Então não posso fazer isso aí. Em vez de fazer isso aí eu tenho que dobrar meu joelho e orar pra assim como Deus me libertou pra que Deus possa libertar ela também.

A prova da identidade evangélica é descrita por Tiago nessa parte da entrevista. De acordo com ele, não é suficiente nomear-se crente, mas é preciso agir como um e, para isso, é preciso viver conforme os ensinamentos bíblicos. Segundo Tiago, não basta ir para a igreja. É preciso pregar a palavra de Deus. Em toda sua fala, Tiago ensina como um crente deve se comportar, indicando que o crente deve se diferenciar pelo seu jeito de pensar, de se apresentar e de agir.

Luís explica que pediu a transferência para a galeria evangélica, porque contava com a ajuda e o apoio de Deus para melhorar a sua situação. Queria que Deus o livrasse dos vícios. O entrevistado indica que, desde que se vinculou à Igreja, se sente melhor, com saúde, mais consciente e com esperança de voltar a trabalhar e construir uma vida livre das drogas, uma vida em que não seja uma ameaça para as pessoas nem para si mesmo. Na galeria evangélica, perto de Deus, conseguiria ficar sem droga e, assim, se tornaria uma pessoa mais compreensível, tolerante, pacífica. O sofrimento acentuado o teria levado a rever sua condição.

Mas aí eu peguei há três meses atrás, eu peguei e pedi pro guarda pra ele transferir eu pra vim pra igreja, né, que eu queria buscar Deus pra ver se Deus melhorasse um pouco pra me ajudar eu naquele vício que eu tinha que eu sentia bastante falta da droga, bastante falta da bebida ainda. Aí eles pegaram e arrumaram pra mim vim aqui pra igreja. E eu já to com três meses dentro da igreja, né, to sentindo bem, to buscando a Deus e graças a Deus as coisas melhorou pra mim, né, a minha situação melhorou, a minha saúde melhorou, a minha ideia voltou melhor, né, começou agora a fazer até plano pra quando eu sair daqui, para mim ter uma melhora de vida, pra mim procurar um trabalho de novo, pra mim voltar a ser uma pessoa digna, né, uma pessoa de trabalho, uma pessoa que não ofereça risco pra ninguém, porque pelo fato de eu usar droga, pelo fato de eu ser uma pessoa que sou alcoólatra, eu oferecia muito risco pras pessoas pelo fato de eu ficar muito violento. Quando eu bebia, quando eu usava droga eu ficava brabo, eu ficava muito violento. E agora eu sem a droga, sem a bebida, há um ano e três meses que eu to aqui, eu senti muita diferença ne mim, né, que eu fiquei mais manso, eu fiquei uma pessoa boa, eu fiquei uma pessoa que eu compreendo as pessoas quando fala, reconheço que eu to errado, né, reconheço o erro que eu fiz, né? Eu não dou conselho pra ninguém pra fazer o que eu fiz, né, pra largar de bebida, largar de cigarro, largar dessas droga, isso não traz futuro pra ninguém.

Luís atribui à vivência na galeria evangélica a superação do vício em drogas. Além disso, explica que se tornou uma pessoa dócil. O entrevistado afirma que nunca havia se interessado por religião porque foi criado "solto". Ao que indica, Luís não teria recebido a educação e o apoio familiar que esperava. Por isso, afirma que não foi incentivado a procurar Deus. Embora se qualifique como desconfiado dos testemunhos que assiste na televisão, assevera que hoje acredita em Deus e oferece a Ele a chance de provar o seu poder, transformando a vida do entrevistado. Luís aponta que é preciso ter fé, se entregar e levar Deus a sério para que Ele possa operar na vida das pessoas.

[...] eu não tinha assim aquele, aquela vocação pra igreja mesmo, né, porque a gente é criado solto, a gente sem pai sem mãe, não tinha, a gente não tinha, como é que eu falo é, a gente não tinha um incentivo de pai, de mãe, de irmão, tinha incentivo de ninguém, a gente acabava criando solto, a gente acabava sendo uma pessoa que não tinha religião, uma pessoa que era incrédula no mundo. Então a gente eu pensava assim que Deus nem existia, eu nem sabia que essas coisas era verdade, até hoje mesmo, muitas vezes, eu olho na televisão, eu vejo lá os pastor fazendo aquelas coisas lá, aqueles testemunhos deles lá, muitas vezes eu até hoje eu ainda não consigo acreditar, pelo fato de eu nunca ter dado chance pra Deus fazer alguma coisa na minha vida, né. Aí só que agora eu to buscando a palavra de Deus, to ponhando na cabeça que aquilo lá é verdade sim, se a gente realmente, se a gente tiver fé em Deus, se a gente se entregar e começar a levar a sério mesmo, eu tenho certeza que Deus muda sim a vida da pessoa, viu.

Com isso, o entrevistado parece evocar o poder de Deus para ter a sua vida transformada. Luís parece solicitar a ajuda de Deus e, com isso, ter prova da sua existência. Dessa forma, a prova do poder de Deus é identificada pela mudança que ele espera na sua vida. O entrevistado conta que procurou, na Igreja, a sua cura. Ele parece esperar um milagre: a sua libertação.

Ah eu pelo fato de eu tá me sarando, né? Que quando eu tava na rua eu era internado direto nas drogas, na bebida, né? Eu não tinha parado pra pensar o que que era melhor pra mim ainda na vida. Aí depois que eu vim preso, né, a gente para pra pensar, a gente vê na igreja os pastores, muitas pessoas recebendo um milagre, muitas pessoas sendo libertas de drogas, sendo liberta de coisas erradas do mundo, então a gente, eu quero dar uma chance assim pra mim mesmo pra ver se eu tenho condições de ter uma nova vida também, né, uma nova chance também, né, buscar um novo jeito de ser, né. [...] A gente mesmo que tem que querer parar de usar droga, a gente mesmo que tem que querer parar de fazer coisas erradas. A decisão vem é da gente mesmo, de cada um, não é verdade?

Luís relata que, depois de ter sido preso, ocasião retratada como a mais sofrida de toda a sua vida, sentiu a necessidade de mudar sua vida e seu jeito de ser. Assim, explica que buscou na Igreja a cura para o vício em drogas. Entretanto, o entrevistado reforça que não depende exclusivamente de Deus, destacando o seu papel para alcançar essa metamilagre.

Tulio relata que muitos presos da galeria evangélica "se escondem debaixo da Bíblia", porque não têm suporte da família e, ao caírem presos no mundo do crime, acabam fazendo dívida e fingindo ser evangélicos para escaparem da facção. Apesar de reconhecer a existência de falsos evangélicos na cadeia, Tulio afirma que os verdadeiros evangélicos veem isso como uma oportunidade de transformação:

Veja bem, você já ouviu quando fala assim "se não vem pelo amor, vem pela dor"? Às vezes só do fato da pessoa ter feito uma pra ir pra evangélica por ela tá com uma dívida e ela tá no risco de tomar, apanhar dos outros presos por essa dívida, e ela faz uma pra ir pra evangélica, quem vai me dizer que aos poucos ela naquela galeria mesmo se escondendo, a palavra de Deus, ou a vontade dela vai mudar. Por que quem me diz que essa pessoa não pode sair dali mudada? Quem me diz que se essa pessoa continuar ali, ela não vai ficar transformada? Pode ser que sim,

mas pode ser que não. Mas só que então, então não vai dum pastor que tá ali na igreja falar pra ele sair dali, então porque às vezes essa é a oportunidade dele.

Com isso, o entrevistado afirma que a convivência na Igreja é capaz de transformar a vontade da pessoa. Portanto, Tulio não vê como algo ruim que um preso esteja na galeria evangélica apenas para não ser agredido no convívio. Afinal, crente ou não, precisará encarar Deus de perto, seja pelo amor, seja pela dor. Assim, a entrada para a igreja, mesmo que utilizada como uma estratégia de sobrevivência, é vista pelo entrevistado como uma oportunidade de mudança e transformação. Aliás, para Tulio, a sua própria conversão é prova de que a rotina evangélica converte o preso. A entrevistadora pergunta o que motivou o entrevistado a ser batizado e pede para ele narrar essa experiência, sendo que ele esclarece:

Ah, foi o dia a dia, sabe, o pouco a pouco. Você sabe, você já ouviu aquele termo "água mole em pedra dura tanto bate até que fura"? Então foi basicamente isso, aos pouco, às vezes pela minha ignorância nunca abri o olho pro evangelho ou pra qualquer coisa assim do cristianismo, eu nunca tinha visto assim. Então ali você pode ficar de canto, você pode se esconder, mas é um cubículo de 16 metros quadrados, então, de 12 metros quadrados, então não tem pra onde você se esconder, você pode mais que tentar se esconder, mas só que a palavra ela vai começar a entrar na sua mente aos poucos, aos poucos e quando você vai ver, sem perceber você acaba tá no meio deles louvando, pregando, você tá envolvido já, entendeu?

Como afirma Tulio, o espaço é pequeno e não há lugar para se esconder. O interno acaba sendo inserido nos rituais religiosos e, querendo ou não, aderindo às práticas da Igreja.

Samuel mora há cerca de nove meses na galeria evangélica e conta que pediu para ser transferido para lá, pois começou a não se identificar mais como criminoso. Ao narrar sua história de vida, o entrevistado diz que recebeu um chamado.

Eu pedi, eu pedi para o chefe de segurança a minha transferência para a ala evangélica, porque pra mim eu já tive, comecei a ter nojo, desgosto do crime, pra mim já não descia mais, não, eu já não me encaixava mais como um criminoso. Eu queria mudar de vida. Mas você pode tá achando "mas será que não é tarde demais, será que sua vida não foi?". Pra mim eu pensei pode ser tarde demais, mas eu posso dar orgulho pra quem me ama, porque eu tinha tudo, eu perdi tudo, mas o que eu ainda tenho é bom. É humilde? Mas me ama. É pouco? Mas me sustenta, me dá forças para poder vencer isso, por amor primeiramente a Deus e por amor à minha família que eu venho me tornando um homem melhor.

O entrevistado explica que mudou a sua representação de si mesmo e indica que o amor pela família o teria influenciado a mudar. A principal mudança descrita por Samuel faz parte da sua história de vida: ele afirma que deixou de glorificar o crime para louvar a Deus. Ao descrever as atividades da galeria evangélica, Samuel apresenta o seu testemunho, representando-se como luz na escuridão. Assim, com base na sua própria mudança, o entrevistado destaca que sua missão é garantir a mudança de outras pessoas.

Eu sou um dos responsável para trazer o conhecimento da palavra pra aqueles que ainda não conhecem a palavra. Como diz a palavra, eu sou como se eu fosse luz

para aqueles que ainda se encontram nas trevas. Sou usado nas mãos de Deus como uma ferramenta para consertar aqueles que outrora no passado era igual a eu, igual eu fui, que às vezes muito chegam, mas não se adaptam à igreja e sente a vontade de retroceder, voltar pra trás, mas eu sou responsável por não permitir que isso aconteça, para trazer a palavra, pregar o evangelho e mostrar que Jesus ama esses irmãos. Porque muitas vezes as pessoas pensam "ah, mas que que Deus, que que Deus vai querer comigo, o que que Deus espera de mim?". Uma passagem na Bíblia que há mais festa no céu quando um pecador se arrepende do que noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento.

De acordo com Samuel, a ele cabe levar a Palavra para aqueles que não a conhecem. Samuel representa a si mesmo como luz para aqueles que se encontram nas trevas, como um instrumento que conserta as pessoas, levando-as em direção a Deus. Samuel afirma que é responsável por manter o candidato a servo de Deus dentro da Igreja e por impedir que ele retroceda. Em síntese, a função de Samuel é trazer mais pessoas para a Igreja. Ao destacar o seu papel e empregar a linguagem em consonância com a sua nova orientação ("como diz a palavra", "uma passagem na Bíblia"), o entrevistado reforça a sua própria mudança discursiva.

[...] Eu componho louvores, canto pra Deus, faço o meu melhor pra Deus e o testemunho da minha vida tem sido um testemunho muito forte pra mostrar pra aqueles que ainda se encontra aprisionado, escravizado pelo pecado que há saída, que sempre há saída, mas muitos pensam "ah, mas você tá tão fiel, você confia tanto em Deus e por que que sua vida não muda, por que que você continua preso?". Eu respondo pra eles porventura "tudo aquilo que eu plantei eu também colherei, se no passado eu plantei pecado, eu pequei erros, porventura também colherei o fruto dessa, dessa plantação, e se hoje eu planto o bem, eu planto a palavra do Senhor, no futuro brevemente eu creio que receberei a recompensa". Isso é o que me alegra, que me dá força pra continuar todos os dias: saber que um dia eu herdarei o reino dos céus, porque eu serei salvo, porque eu tenho buscado isso, sentido. É difícil, porque muitos acham que ser crente, simplesmente ser crente, é fácil, mas não é fácil, pois a Bíblia mesmo nos diz, porque caminho, é estreito o caminho que leva à salvação, é largo, é espaçoso, é o espaço, é a porta para a perdição. Não é fácil. Se você achar na Bíblia alguma passagem, alguma palavra, alguma coisa breve que significa que seria fácil, eu nunca mais prego o nome do Senhor, porque não existe na Bíblia, não existe relato nenhum que indica que a vida cristã é fácil. Eu não me importo com as dificuldade. Eu não importo que o inimigo possa se levantar contra mim, mas eu não me importo, porque meu Deus tem trabalhado na minha vida, tem agido na minha vida. E eu tenho certeza disso, porque contra relatos não há argumento. Então Deus tem sido, mostrado, não só pra mim, mas para os demais que vê a minha vida, o quão grandioso foi Deus em minha vida.

Samuel assume as consequências das ações de seu passado como prova de que é preciso mudar para ser recompensado. Assim, percebe o pecado como aprisionador, sugerindo que aqueles que não seguem Deus são escravizados pelo pecado. Samuel se apresenta como testemunha do poder de Deus e, considerando que sua função na Igreja é convencer aqueles que, como ele, não acreditavam na existência de Deus, de que este é o melhor caminho, cabe a ele instruir o preso a persistir. Samuel procura fornecer provas de que o caminho até a salvação é árduo, mas recompensador.

Identifica-se, assim, que os entrevistados afirmam que a conversão processa mudanças de duas ordens intimamente relacionadas: mudanças de hábitos e comportamentos, verificadas externamente, e mudanças internas, que se manifestam nos seus atributos pessoais. As mudanças externas poderiam ser notadas no jeito de se cuidar e de conversar com as pessoas, por exemplo. Os evangélicos acionam uma nova identidade corporal e procuram se diferenciar principalmente pelo jeito de falar, adequando seu vocabulário, evitando gírias e recorrendo a passagens bíblicas para sustentar suas convicções. A configuração de uma comunidade discursiva legítima não apenas uma outra forma de linguagem, mas uma outra forma de viver, marcando a resistência e o enfrentamento à compreensão de outro sentido. Nessa trilha, devem ser cordiais com todas as pessoas, obedecer aos guardas e não se misturar com a massa, sendo que essas mudanças comportamentais se refletem diretamente nas suas qualidades, sendo conhecidos por sua disciplina e retidão.

Os evangélicos procuram demonstrar mudanças de ordem corporal, comportamental, bem como de pensamento e interpretação. A religião, nesse sentido, forneceria um novo sistema explicativo que justificaria o sofrimento causado pelo aprisionamento, possibilitando a reconstrução da trajetória do detento. Resultado dessa transformação é a construção de uma nova visão de mundo, a partir da qual a experiência de aprisionamento é reinterpretada como proteção e o sofrimento é justificado. Assim, a ação religiosa pentecostal oferece, por meio do seu sistema de crenças, um modelo explicativo para o sofrimento, auxiliando o converso a reorganizar a sua trajetória. Ocorre que, mais do que uma ruptura biográfica, a conversão de detentos revela o desejo de que a sua condição na instituição prisional e no mundo sejam alteradas. Tendo em vista que a religião faz a mediação entre a natureza humana e a divina, o converso, muitas vezes, negocia a sua mudança com Deus, cobrando e esperando dele um futuro promissor.

2.3 PERSPECTIVA DE FUTURO

Diferente dos membros de facção entrevistados por esta mesma pesquisadora em outra investigação, os quais não demonstravam perspectiva de futuro e representavam-se como presos aos laços criados com o grupo⁴⁰⁰, os presos que moram nos espaços reservados para os evangélicos ou que assim se identificam relataram planos para um futuro após a

⁴⁰⁰ BAZO, Andressa Loli. **Leis do cárcere e inclusão social**: uma análise institucional do discurso de uma facção. Belo Horizonte: D'Plácido, 2019. P. 146.

prisão. Todos os entrevistados indicaram que enxergam o futuro como sinônimo de liberdade. A maioria dos projetos está ligada ao trabalho, estudo e família, como se pode ver adiante.

Tadeu planeja uma vida tranquila ao lado da família. Conta que pretende vender uma casa e que já pensou em morar no sítio, mas talvez tenha mudado de ideia. Quer a sua casa e a companhia da sua esposa.

Olha, o meu sonho, eu [...] quero ter minha casinha, levantar de manhã cedo e fazer uma caminhada. Eu e minha véia, que esses problema que eu to de artrose aqui dentro que começou novamente... se precisar de cirurgia. Porque talvez Deus age. Talvez não. Deus age. Mas tem a causa que Deus ordena que os médicos faça o serviço também.

Tadeu enxerga futuro para si. Confia no futuro que Deus lhe reserva: uma vida de sossego no interior. Confia que Deus resolverá seus problemas de saúde, seja promovendo a cura direta, seja operando através do médico.

E assim a gente vai em busca do dia a dia da gente, ganhando a liberdade. E... prometer pra Deus que nunca mais caio. Pedir ajuda, auxílio de Deus para que tira tudo aqueles laços de provocações que vinha na frente da gente antes que a gente. Antes muitas vezes além das provocações que vinha, a gente corria atrás. Hoje, não, esse caminho é restrito. E tem fé em Deus que no erro que eu tive nunca mais acontece. Porque errar uma vez... já não devia, né? Mas, se persistir, é burrice. Então esse laço aí nunca mais me pega.

A entrevista é finalizada com essa fala de Tadeu, que reforça a percepção de que o seu crime não se repetirá, porque Deus o livrará das tentações.

A entrevistadora pergunta a Lázaro qual o seu projeto de vida e, ao invés de priorizar em sua narrativa os planos para o futuro, ele se dedica principalmente a explicar o seu passado. Lázaro indica como foi condenado e apresenta sua frustração com a justiça. Embora aponte a intenção de retomar os seus negócios, o primeiro e mais importante plano de Lázaro é ganhar a liberdade.

Ah planos que eu tenho é dar andamento nos meu negócio, né, que eu larguei na rua [...] eu tenho minha consciência tranquila que eu to preso, mas não prejudiquei ninguém não, num matei, num roubei, nunca esforcei ninguém a lugar nenhum, nunca incentivei nada, né. Mas é às vezes a justiça não pensa assim, né? Essa pessoa lá, a palavra da mulher falar que você fez isso, o juiz, o promotor acata a palavra da mulher. Ainda se for de menor e que as minhas as que foi contra mim é de menor, então nesse caso aí eu sai perdendo, que eu era de maior e elas era de menor, não tinha nem como eu, o juiz me liberar, eu ganhar eles dá pela, a lei né, a lei determina que abaixo de 14, dos 14 aos 12 anos é adolescente, dos 12 anos pra baixo é criança, dos 15 anos ao 18 anos é de menor, aí dos 18 anos aos 21 anos já é considerado já de maior, né. Então baseado na lei as pessoa que me acusou tinha a idade bem abaixo disso aí, então não tinha nem como eu escapar, né, mas falar que eu prejudiquei alguém, não prejudiquei nem enganei também. Não cometi crime bárbaro, de morte, nada. Tenho minha consciência tranquila que se eu erreí foi pelas palavras das pessoas que me acusou, não tinha nem como eu reverter, né, arrumei advogado, gastei bastante, mas não teve como converter não, foi difícil, mas eu, mas importante que eu to com saúde, né, tenho fé em Deus e... esses dois anos aí, eu tenho esperança que o próximo ano, mais tardar na metade

do ano que vem eu ganho a liberdade, do ano que vem, que fica faltando pouco, né? Eu posso tirar de tornozeleira o restante, que é crime de 1/6, a juíza pode conceder pra mim tirar de tornozeleira, então tenho fé que o ano que vem eu ganho a liberdade.

Lázaro reforça a negação da identidade com o crime e atribui sua condenação à uma determinação da Justiça que, segundo ele, prioriza a palavra da mulher e da criança em detrimento da palavra do homem adulto. Assim, aparentemente, considera que teria sido vítima da lei. Apesar disso, Lázaro considera que tem o que precisa: saúde e fé em Deus. O resto, é considerado recuperável. Lázaro indica na sua fala que pretende retomar o trabalho na rua. Seus planos de vida incluem dar andamento ao seu negócio, que, segundo informa, teria sido tocado de forma displicente por outra pessoa durante os quase dez anos em que se encontra preso. Desse modo, vislumbra a liberdade para o seu futuro próximo e planeja dar continuidade ao trabalho que exercia antes de ser preso.

Ao ser questionado sobre seu projeto de vida e suas perspectivas para o futuro, Isac aponta que tinha um grande plano, mas precisou perdê-lo para encontrar-se com Deus. Apesar disso, Isac ressalta que tem metas, porque, para ele, um homem sem metas é um homem sem rumo.

Meus planos? Pro futuro? Sabe que eu e minha mulher tinha um plano tão grande, né, que eu tive que fazer uma conversão aí pra aceitar Deus na minha vida e, mas logicamente que um homem sem, sem meta, não tem rumo nenhum. Eu tenho metas, né? Então meta a gente tem, mas eu sei que eu já não sou mais criança, eu entrei na cadeia com 47 anos, hoje eu to com 57, né? As coisas aconteceram muito rápido, e a velhice vem mesmo né, mas eu queria deixar pelo menos a minha família bem, as minhas filhas bem encaminhada, né? Eu ensino hoje muito as minhas filhas a, porque eu não matei ninguém, eu não tirei a vida de ninguém, eu levei né, e tenho que pagar por isso. O que eu to passando aqui foi as minhas decisões, né, mas eu falo pras minhas filhas até hoje: não ande com pessoa errada, mesmo que você, não ande, porque as consequências são drásticas. Eu ensino elas, tentando ir pro caminho certo, né. Eu não tenho mais planos com as minhas filhas, eu tenho plano agora com minha mulher, fazer ela ser a melhor e mais feliz mulher do mundo, né? Esse é a minha meta, porque ela tá há 10 anos comigo tirando a mesma cadeia, né? E nunca me deixou, isso é muito importante, então eu vou fazer ela feliz (risos).

Suas metas, conforme conta, incluem deixar as suas filhas amparadas e aconselhadas. Isac diz que procura ensinar às filhas a não confiar nas pessoas erradas e não repetir o erro cometido por ele. Fora isso, afirma que pretende fazer a esposa feliz, pois ela o acompanhou em toda a sua longa jornada na prisão. Isac também conta que gostaria de voltar para sua cidade de origem, mas que não sabe o rumo que Deus pode dar à sua vida. Ele relata que na sua última saída de portaria recebeu uma oferta de emprego em uma cidade próxima de Maringá e que esta é uma grande oportunidade para o seu retorno à liberdade.

Natan conta seus planos para o futuro. Primeiro, ele declara o que espera: espera tomar vergonha e voltar a frequentar a igreja. Depois, retrata isso como um projeto: trabalhar e voltar para a igreja.

Criar vergonha na cara primeiramente e voltar pra igreja. Primeiro é mudar de vida né, arrumar um serviço, construir tudo o que eu perdi no passado, casa, menos a família, que a família só Deus que vai decidir qual família pra mim, mas o meu plano fixado é esse aí. É sair, arrumar um serviço, comprar outra casa pra mim e voltar pra igreja, voltar, mas voltar firme. Não é eu ir hoje, amanhã não ir, depois ir, não. Vou voltar firme de novo, ficar 24, não é 24 horas, né, mas todo dia de culto tá ali. Tipo um compromisso que você vai ter, tipo a senhora tem um compromisso de tá tal tal lugar todo dia, eu quero tá todo dia na igreja. Esse é meu objetivo de vida na rua.

No fim, parece que Natan aspira voltar a ser um legítimo evangélico, ou pelo menos declara isso. Neste caso, precisará seguir as condições impostas pela Igreja, mas, na rua, pode escolher quais condições estará disposto a seguir. Seja como for, voltar para a Igreja exige disciplina, e ele afirma que planeja assumir este compromisso.

Questionado sobre suas perspectivas para o futuro e seu projeto de vida, Carlos indica que precisa se esforçar para continuar frequentando a igreja. O entrevistado afirma que não pode se deixar desviar para outro caminho. Por isso, precisa se manter participativo na igreja e perseverante no caminho de Deus. Além disso, pretende montar sua casa, trabalhar e estudar. Carlos confia que Deus lhe trará muitas bênçãos e preparará o seu caminho.

Eu agora eu tenho que, meu plano agora é eu conseguir, primeiro eu tenho que perseverar né, nesses caminho, do Senhor, continuar frequentando a igreja, continuar ligado com o pessoal da igreja, entendeu? Seja através de, de ajuda, de obra, de qualquer coisa, participativo, entendeu? Participativo. Não se desligar pra não dar brecha pra ir pra outros caminho. Porque a partir do momento que eu sei que se eu tiver ali eu vou tá bem, e minhas perspectivas é continuar, eu tenho que, nossa, eu to com, eu to com, eu tenho que montar outra casa, eu vou continuar, eu tenho trabalho já, tenho promessa de trabalho, entendeu? Eu agora vou ver agora a que área que eu vou trabalhar, se é de logística ou se é, ou de, praticamente eu trabalhava ou de motorista ou de entrega e, e tem também os estudos, né? Mas a minha perspectiva agora é muito boa, é de viver o tempo que eu perdi, e bem, viver bem. Ficar rico você não vai ficar, vou viver bem, vamos viver bem, vamos comer bem, vamo andar bem, vestir bem, vamo morar bem, tudo dentro, claro, do limite, né. Tudo correto, no caso. Porque o meu maior problema, o meu maior problema que eu, que eu to pagando pena foi por causa da dependência química. Por causa da droga, através da dependência química a gente faz coisas às vezes que a pessoa até não quer, né. Aí ela paga. Tem a consequência, mas as minhas perspectivas são muito boas, são agora de continuar firme, entendeu? Continuar firme e construir, construir uma coisa que agora vou ter que praticamente dar o início, o start, começar tudo de novo. Apesar que eu já venho fazendo isso, né, a partir do momento que eu cheguei aqui no semiaberto, que eu tive a oportunidade, você viu o que eu falei pra você que eu já fiz? Consegui colocar minha habilitação em dia, fiz curso profissionalizante [...]. A gente faz muitos planos, mas a palavra diz lá em Provérbios 16:1, ela diz assim que um homem faz muitos planos, mas a resposta correta vem da boca do Senhor. Então muitas coisas a gente tem que procurar resposta na palavra de Deus também, às vezes a gente faz plano, a gente acha que aquilo vai ser legal, tal tal tal, fica na ansiedade de fazer isso, fazer aquilo, mas às vezes não é aquilo que Deus tem para você, às vezes você vai e quebra a cara. Fala "nossa, fiz tudo isso e num deu certo". Mas não era aquilo o propósito

que Deus tem na tua vida. Então vamos colocar em oração, vamos ver realmente se é aquilo e Deus vai preparar, vai colocar pessoas no seu caminho pra te ajudar. Isso daí é... eu sempre falei assim: a bênção é automática. Às vezes você não precisa ir atrás, ela vem de encontro com você, você só tem que saber tomar posse dela. A partir do momento que você tá em obediência com Deus. É, isso daí é, eu já tive várias bênçãos, vários livramentos de morte já, tá entendendo, e depois do acontecido eu vejo que realmente foi o poder de Deus na minha vida, porque senão, só pela misericórdia do Senhor que eu to aqui hoje conversando, falando com você. O revólver já falhou na minha cabeça, já levei facada de não atingir nenhum órgão fatal, entendeu. Isso aí é só misericórdia de Deus na minha vida que permitiu, que fechou a sepultura, porque senão, não tava aqui hoje. E muitos não vê esse lado, né. A partir da pessoa começa, a pessoa se converte, começa a conhecer, sente o poder de Deus na vida dela, é diferente. Ela vê as coisas espiritualmente, você vê o mundo, tem o mundo natural e o mundo espiritual.

O entrevistado conta dos seus planos de trabalho e estudo e reafirma que deverá ser perseverante em seguir os caminhos de Deus. Ao que parece, é necessário um contínuo esforço para permanecer frequentando a igreja e agindo conforme a sua doutrina. Afastar da igreja é sinônimo de aproximar do crime. Daí a necessidade de continuar seguindo o caminho correto, sem se desviar. Em todo caso, apesar de vislumbrar um futuro bom, Carlos explica que os planos do homem se submetem aos planos de Deus e que só a Ele cabe o destino do homem, pois Deus está no comando. Ao final, Carlos indica que será guiado pelos propósitos de Deus, que já o livrou muitas vezes da morte.

Questionado sobre seus planos para o futuro, Valdir conta que se preocupava muito se seria rejeitado pelos amigos e vizinhos, mas que tem recebido apoio e incentivo de ambos. Assim, o entrevistado espera voltar para a sociedade: "Sair, voltar trabalhar, voltar pra sociedade, os amigos tá aceitando, que encontrei muitos amigos quando saí de portaria, ficava pensando muito se seria muito rejeitado assim, os próprios vizinhos não rejeitou [...]". Como se vê, o entrevistado faz planos de trabalhar e ser acolhido pelos amigos e vizinhos. Valdir pretende voltar para sua comunidade.

Daniel conta que seus planos para o futuro incluem estudar, trabalhar, casar e ter filhos.

Eu era fotógrafo e pretendo fazer isso como hobby, atualmente eu estou esperando pra reiniciar o meu curso de barbearia, eu pretendo abrir um salão de barbeiro, cabelo e barba [...]. Tenho a intenção de me casar com a pessoa que eu to junto, ter minha família, meus filhos, porque meu sonho é ser pai, mas pra isso eu preciso estar estabilizado financeiramente, preciso ter minha fonte de renda, por isso a barbearia, e fazer uma faculdade.

Daniel demonstra que tem perspectiva de retomar aquilo que perdeu quando foi preso.

Mateus explica que seu projeto de vida consiste em ser transformado por obra de Deus e do Espírito Santo. Depois de ter sido preso oito vezes, o entrevistado indica que seu

plano é mudar. Mateus diz que não quer mais praticar as condutas que antes não conseguia evitar.

Então, meu projeto, meu projeto é conseguir me santificar com Deus, me tornar um templo do Espírito Santo, e que Ele venha habitar e venha transformar meu coração, mudar minha vida, meus pensamentos, venha me transformar pra que eu possa deixar todos os desejos da carne que eu tinha pra trás e ser uma nova criatura na presença do Senhor, ser transformado por Ele e conseguir alcançar o alvo que é o Senhor Jesus, né, alcançar o alvo, e deixar as coisas da carne pra trás, o pecado. Reduzir! O nome é reduzir, né, não deixar, a gente não vai conseguir deixar jamais, mas pelo menos reduzir e permitir que o Espírito Santo faça morada no meu coração da forma certa pra que possa me orientar a evitar de fazer os mal que antes eu não consegui evitar.

Conforme conta, pretende se santificar, tornando-se templo do Espírito Santo para que Ele transforme seu coração e mude sua vida. A mudança de vida alcança a mudança de pensamentos e a renúncia aos desejos mundanos. Essa mudança, porém, não é absoluta. Mateus se corrige e explica que não se trata de abandonar todos os pecados, meta considerada impossível, mas de evitá-los. Assim, conta com o apoio de Deus para ser transformado e para que sua nova versão seja capaz de apresentar novos pensamentos e novos desejos.

Tiago fez parte do PCC e conjectura que pode estar livre do decreto da facção, porque, segundo ele, em Maringá, há facções mais fortes do que o PCC. Assim, faz planos de seguir a sua vida e resistir às dificuldades.

[...] porque ele funciona assim, quando você acontece um caso de você ser decretado, eles vai até aonde eles tiver que ir pra te procurar. Então assim são dessa forma, só que em Maringá não acontece isso aí porque em Maringá existe outros tipos de pessoas que manda mais que eles. Só que eu também já não pretendo também ficar aqui não é nem pelo fato disso aí, é pelo fato que chegou num ponto que se eu ficar aqui eu só vou ter lembranças ruins, só passei coisas ruins na minha vida aqui nessa cidade. "Ah, mas tá bom, mas você acha que você foi pra outro lugar, você não vai encontrar droga?". Vou, eu sei que eu vou encontrar, mas você quer conhecer pessoas novas, você quer conhecer lugar novo, entendeu? Viver num, tem lugar, tem cidade pequena aí que você vive é a maior paz a cidade. Então é aquilo que eu falei pra Doutora, são coisas de você evitar. Não é porque você é um cristão, você serve a Deus, que as coisas não vai vim pra você, você vai correr dos problema, isso aí não é verdade, é o contrário, não adianta você correr dos problemas, os problema ele vem até você. E se você for desanimar por qualquer coisinha que acontecer na sua vida irmão, eu vou dizer pra você que você não tá sendo cristão, você não tá confiando em Deus.

Apesar do risco de ser perseguido pela PCC, Tiago apresenta suas perspectivas de vida. O entrevistado afirma que pretende mudar de cidade para construir novas lembranças e conhecer novas pessoas. Tiago procura a paz de uma cidade pequena, onde possa se livrar das coisas erradas que marcaram seu passado, crente que pode contar com o apoio de Deus para não desanimar e para lidar com os problemas que a vida pode vir a colocar no seu caminho.

Luís conta que seu projeto para o futuro inclui arrumar um trabalho. No entanto, o mais importante parece ser não voltar a usar drogas. Luís explica que essa era sua grande perda.

Eu quero sair daqui, eu quero arrumar um trabalho digno onde eu possa trabalhar, ganhar o meu próprio dinheiro, pagar certinho a minhas conta e parar com esse negócio de droga, parar com esse mundo de bebida, parar com essas coisas aí, que esse mundo aí não dá camisa pra ninguém. E eu, eu sou uma pessoa que eu sou trabalhador, eu tenho bastante gente pra trabalhar, porque eu sou da roça, né, então não falta serviço pra mim. Aí eu posso pegar qualquer tipo de serviço, não falta pra mim, mas só que pelo fato de eu ser usuário de droga, eu não tinha jeito, né, que eu trabalhava quinze, vinte dias no mesmo lugar, aí eu pegava o dinheiro, saía pra usar droga, ficava um tempão no meio do mato fumando droga, quando eu voltava pra o serviço eu era dispensado do serviço pelo fato de eu não comparecer no serviço.

Assim, Luís planeja voltar a trabalhar, mas, principalmente, libertar-se do vício. Como explica, uma coisa está atrelada à outra: o trabalho depende da sobriedade.

Para Tulio, a conversão provocaria uma melhora da pessoa, que, por consequência, também poderia esperar um futuro igualmente melhor: "Ah, eu, a linha de raciocínio hoje pra uma melhora já é outra, né? Eu já penso em vencer da melhor forma e sem, e sem querer se por em cima de ninguém. É da melhor forma, entendeu? Eu já penso no futuro já distante, eu penso no futuro distante, mas agindo da melhor forma". Na sequência, a entrevistadora pergunta a Tulio qual o seu projeto de vida para o futuro, e ele responde:

Meu? Você sabe que isso é relativo, né? [...] Porque vai do momento, vai da situação. Mas nesse momento? Nesse momento eu pretendo terminar meus estudos, que eu to estudando já, eu to acabando de quinta a nona e pretendo acabar o primeiro, segundo, terceiro, fazer o primeiro, segundo e terceiro, né? E depois eu vou tentar, tentar fazer uma faculdade. [...] Mas se não der, porque é relativo, você não sabe do amanhã, eu to pensando isso hoje, porque normalmente eu sou sozinho, eu não tenho ninguém junto de mim. Eu não tenho uma visita, eu não tenho família, eu não tenho ninguém que zela por mim nesse momento, que fica junto comigo. Mas eu não sei do amanhã, aí eu não sei o que que pode acontecer amanhã, vai que eu arrumo alguém, eu to com uma mulher, são muitas coisas, não dá para saber do amanhã, mas só que, assim, não dá pra traçar aquela meta. Eu tenho uma meta, mas só que eu não tenho o caminho traçado ainda.

O entrevistado almeja a conclusão de seus estudos. Segundo sugere, pode ser que venha a se casar e constituir uma família, mas não pode planejar isso, porque é sozinho e não recebe visita. De todo modo, é importante ressaltar que Tulio espera um futuro melhor.

Ao relatar seu projeto de vida, Samuel reforça sua missão de levar a Palavra e trazer fiéis para a Igreja. Além disso, indica que pretende ter filhos e viver a vida que foi preparada por Deus: "O meu projeto pro futuro é primeiramente sair deste lugar e resgatar alma pra Cristo, constituir a minha família, ter o orgulho dos meus filhos e trabalhar, ter uma vida justa, a qual Deus tem preparado pra mim". Ao se conceber como salvo por Deus, Samuel planeja um futuro em que retribui a benção recebida, convencendo mais pessoas a seguir o

seu caminho. Além disso, percebe-se que a sua nova forma de ver a vida permite-lhe acreditar que Deus já lhe reservou uma vida justa.

A aproximação da família e a valorização do trabalho presentes na fala da maioria dos entrevistados remetem à recuperação da credibilidade social. Percebe-se, assim, que eles prometem reunir esforços para evitarem as tentações e manterem-se evangélicos. As mudanças, conforme narradas, ainda estão pendentes de confirmação. Mas, nas suas leituras, Deus está no comando e o futuro será melhor do que o presente. Magalhães observou o mesmo tipo de referência em suas entrevistas. Segundo o pesquisador: "Os convertidos sempre afirmam com convicção que conseguirão reconstituir suas famílias, que conseguirão emprego e que não se envolverão mais com o crime porque Deus estará agindo em suas vidas"⁴⁰¹. A religião exerce um papel importante na idealização de um futuro distante do crime. A filiação religiosa evangélica é interpretada como uma garantia contra a possibilidade de envolvimento com atividades criminosas. Os evangélicos esperam que Deus tenha preparado novas oportunidades para eles.

⁴⁰¹ MAGALHÃES, Carlos Augusto Teixeira. **O crime segundo o criminoso**: um estudo de relatos sobre a experiência da sujeição criminal. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. P. 155.

CAPÍTULO 3

ALOJAMENTO EVANGÉLICO: UM SUPOSTO LUGAR DE PAZ E TRANQUILIDADE

A religião (re)define as fronteiras espaciais e simbólicas que separam os diferentes grupos na prisão. A concessão de um espaço exclusivo para os evangélicos morarem indica não apenas que são reunidas pessoas que compartilham o mesmo código de crença e de conduta, mas também aponta para certa conveniência para a administração prisional, uma vez que os evangélicos são considerados pelo quadro de funcionários como mais obedientes. Mas não são apenas os funcionários que enxergam menos riscos de transgressões e rebeliões entre os evangélicos. Os próprios entrevistados se qualificaram como calmos, responsáveis e ordeiros, como procurou-se demonstrar no capítulo anterior. Decorrência disso é a caracterização do alojamento evangélico como um lugar de paz e tranquilidade. Essa representação está diretamente associada aos princípios éticos e valores morais pregados pela religião, como respeito e solidariedade.

Os entrevistados indicam que as relações entre os evangélicos devem ser pautadas pela confiança e pela ordem, sendo que todos descrevem o alojamento evangélico como um lugar sossegado. Alguns, inclusive, declaram não serem evangélicos e residirem nesse local apenas para fugir do transtorno que seria viver no convívio. O convívio é retratado como um lugar de tribulação, ao passo que a igreja é vista como um lugar em que se pode viver em paz, longe do barulho, dos vícios e das ameaças da massa carcerária.

Como consequência da mudança sustentada pela conversão e da melhora no caráter, Miguel também descreve uma melhora no tratamento recebido. Ao relatar a rotina do alojamento evangélico, Miguel estabelece um parâmetro de comparação com as práticas da facção:

Todo mundo se dá bem, eu vejo o amor um pelo outro que tem, né? Claro uma facção aí que nem tem o PCC, outras facções, aí tem uns três tipos de facções aí, você não vê o olhar da pessoa de sinceridade, né? Ele já vê você com maldade, já quer te matar, eles quer tirar o que você tem, eles quer te vender, eles quer que você participa com eles, ponhar você na obrigação de fazer algo lá fora pra eles e a ala evangélica que eu vejo assim são todos que vieram desses lugar aí de facções, alguns não, né, aí você começa a observar o amor pelo outro, a saudação, né? O outro repartir um pedaço de pão. Você fala: "olha, eu tenho isso aqui, precisa?" Uma pasta, uma escova de dente, até um chinelo, uma roupa, né?

Como se vê, a ala evangélica é descrita como um lugar onde as pessoas exercem a compaixão e a solidariedade, onde o tratamento é igualitário, onde não há brigas, ou, nas palavras de Miguel, "contendas". Assim, o alojamento evangélico é representado como um

lugar de paz e de troca, enquanto os demais são identificados como lugares de guerra e de egoísmo.

Lázaro destaca a diferença entre o alojamento da igreja e o do convívio, indicando que o primeiro é caracterizado pela ausência de vícios e por ser mais tranquilo. Para Lázaro, isso é consequência do propósito compartilhado pelos evangélicos: buscar Deus.

A 26 é mais sossegada, que num pode ter vício nenhum e as outras alas sempre têm aqueles um que têm o vício, né? [...] Mais tranquilo assim que parece que, você tando buscando a Deus parece que é, até o ar parece que é diferente, né? [...] Pessoa que tem o vício, sei lá, parece que o vício fala mais alto, eles não consegue, pessoa fraca, né. Se a pessoa não tiver opinião, não larga do vício.

A ala 26 à qual Lázaro se refere é o alojamento evangélico. Portanto, Lázaro explica que, em comparação com os alojamentos do convívio, o alojamento evangélico é "mais sossegado", livre de vícios, que é o exato oposto da virtude. Vício é, na acepção de Lázaro, coisa de pessoa fraca, de pessoa sem opinião. A igreja, ao contrário, seria composta por gente sem vício, comprometida com Deus.

A ideia de que a igreja seria um lugar mais tranquilo para o cumprimento da pena também se repete em outro trecho da entrevista de Lázaro. Ao afirmar que a facção respeita a igreja, Lázaro sugere que a liberdade chega mais rápido para quem está na igreja, porque os evangélicos não praticam faltas disciplinares e, conseqüentemente, não sofrem sanções administrativas que prolongam a pena: "Eles sabe que as igreja vem trazer paz, né? Todo mundo que tá lá, tem preso, eles tá fazendo uma pra ganhar a liberdade o mais rápido possível, pra não ter atrito, não atrasar a cadeia, trabalhar, né?". Assim, de acordo com Lázaro, a facção reconhece que a igreja se propõe a trazer a paz e procura evitar atritos. Desse modo, a galeria evangélica não atende apenas os evangélicos, mas todos aqueles que querem distância dos conflitos que ocorrem no convívio e que buscam cumprir a sua pena da forma mais rápida e sossegada possível. Ao que parece, os presos que moram em galerias evangélicas preferem se submeter às regras dessa galeria e participar das atividades religiosas do que correr o risco de viver com a massa carcerária e sofrer as conseqüências desse convívio.

Antes de conseguir ir para o alojamento evangélico, Mauro morava com o convívio. Ao ser questionado sobre como é morar no alojamento evangélico e no convívio, o entrevistado explica que o alojamento evangélico não tem coisas do mundo, como o vício. Em contrapartida, no convívio há coisas do mundo, coisas que a administração prisional proíbe e coisas que podem derrubar o sujeito e desviá-lo do caminho de Deus.

A diferença é que ali tem muita adoração a Deus, não tem coisas do mundo, que é o vício, por exemplo. E várias coisas assim que, que a casa proíbe, lá não tem. Por

quê? A diferença é que lá, lá você está desligado um pouquinho de Deus, por mais que você siga, tem mais coisas que pode te derrubar, coisas erradas que às vezes a gente fazia e que às vezes talvez é um vício que você já se libertou, mas cada dia é um, é uma vitória, né.

Segundo informa, a igreja é livre de vício e de violações às normas administrativas da unidade. A igreja não admite que um interno tenha celular, por exemplo, item proibido pela direção. E como também não aceita a circulação de drogas, os evangélicos estão menos sujeitos a terem recaídas, seja com relação ao consumo de drogas, seja com relação ao retorno para o crime. Para Mauro, o alojamento evangélico consolida a libertação e mantém o interno longe da derrota, porque ele está mais próximo de Deus e mais distante das coisas do mundo.

Ao explicar a diferença entre o convívio e o alojamento evangélico, Valdir destaca dois pontos: primeiro, que no convívio tudo é liberado, ao passo que na igreja tudo é proibido; segundo, que no convívio não há amizade, enquanto na igreja há mais que amizade, há irmandade. De acordo com Valdir, a igreja é marcada pela solidariedade e compaixão que falta ao convívio.

É que lá é tudo liberado, né, droga, celular, programação é, como se diz, é, prostituição né que se diz ver Faustão por causa das bailarinas, filme de sexo, então já na igreja não, nem filme de violência assim a gente pode assistir, né, tem que saber qual filme que seja mais adequado pra gente, e fora os culto, louvar, que eu gosto muito de louvar, né, então a gente para, tem um rapaz que toca violão, a gente começa a louvar, nós dá aquela comunhão, harmonia, né, então totalmente diferente do convívio. No convívio geralmente é cada um por si ou você só tem amigos se tiver sacola, essas coisa, né. Se não tiver isso, aí o pessoal já coloca você de lado.

São, portanto, as regras do alojamento evangélico que marcam a distinção com os alojamentos do convívio, onde é possível conseguir droga e celular, bem como assistir a qualquer programa da tv. Além disso, o alojamento evangélico é caracterizado, segundo Valdir, pela harmonia e comunhão. Conforme relata, no convívio, quem não tem bens de consumo é excluído, ao passo que na igreja tudo seria dividido.

O alojamento evangélico é representado por vários entrevistados como um lugar tranquilo para se cumprir a pena. Valdir, por exemplo, declara que alguns presos procuram a igreja porque a galeria evangélica é mais tranquila e os presos podem ficar lá dormindo, exceto aos sábados, quando o culto é obrigatório.

Porque geralmente vai pra igreja quem quer mudar mesmo. Tem aqueles que vai pra igreja lá e quer, num quer saber de drogas, essas coisa, e vai lá porque é um lugar mais tranquilo, só que daí acaba sendo contagiado e fica mais participativo, e tem aqueles que não é participativo, fica lá, mas também não dá trabalho, né, fica lá dormindo lá, não dá trabalho, mas quando faz sexta-feira e domingo o culto lá, se ele quiser ficar dormindo ele fica, mas quando é no sábado que a gente desce lá embaixo, aí é meio que obrigado a ir, né.

Nesse trecho, Valdir revela que, além do preso que está se escondendo do convívio, há dois outros tipos de presos que buscam a igreja: aqueles que buscam a salvação e aqueles que buscam apenas tranquilidade e conforto.

A entrevistadora pergunta a Davi como é viver no alojamento evangélico e o entrevistado é assertivo. Ele afirma que o alojamento evangélico é um local saudável, onde é possível dormir tranquilamente: "Eu diria assim poucas palavras: bênção, um ambiente saudável, é onde você dorme tranquilamente, ta?". Na sequência, Davi destaca a diferença do convívio:

Misericórdia, a começar pela fumaça. Normalmente 24 horas por dia é cigarro. [...] É uma das grandes coisas tá, e o ambiente entendeu, ali todo mundo é "por favor", "em nome Jesus", "Deus te abençoe", entendeu, "vai com Deus", e é tudo, a gente acorda no meio da noite pra fazer oração, entendeu? O irmãozinho vai sair pra trabalhar, eu to acordado: "que Deus te abençoe, que Deus abençoe o seu dia", entendeu? Como eu já morei em outros, a gente sabe bem a diferença, entendeu. É bem diferente, é bem diferente, entendeu.

Davi enfatiza que o ambiente no alojamento evangélico é abençoado, porque é proibido fumar e também porque as pessoas são cordiais. Dessa forma, o alojamento evangélico é descrito como um lugar saudável, ao passo que o alojamento do convívio é representado como um local poluído.

Para Daniel, o convívio é um ambiente mais pesado, porque os presos conversam sobre crimes, ao passo que no alojamento evangélico os presos falam sobre seus planos de reconstrução: "O ambiente do convívio eu sinto ser mais pesado, porque as pessoas falam mais sobre maldade, sobre o que querem fazer entre roubos, essas coisas, e na ala evangélica a gente procura mais falar coisas boas que edificam a Deus e a nós mesmos". O entrevistado reitera as diferenças entre o alojamento evangélico e o convívio ao fim da entrevista, indicando que se sente tranquilo, apesar de estar preso, por estar em um ambiente mais leve.

Eu me sinto muito bem agora onde eu estou, o ambiente é totalmente diferente. Como eu disse, o convívio é um ambiente mais pesado por ter cigarro, droga, celulares, pessoas a fim de cometer crimes, pessoas que não aprenderam com seus erros e vão repeti-los de novo, e onde eu me encontro hoje eu me sinto mais em paz, apesar de ser uma cadeia, a gente tem consciência disso, mas buscamos aprender com nossos próprios erros sobre sair daqui vitoriosos pra não voltar mais.

Daniel descreve o alojamento evangélico como um ambiente de paz, onde os presos fazem planos de superação. Assim, o convívio é o lugar do crime, lugar onde as pessoas circulam itens ilícitos, como celulares e drogas, e onde planejam e articulam novos crimes. A igreja é o contrário do convívio. A igreja é a casa de Deus, onde as pessoas só conversam sobre coisas boas e onde podem se sentir bem.

Mateus conta que esperou três meses até conseguir ser encaminhado para a galeria evangélica e relata que se sentiu ansioso nesse período, porque a galeria evangélica seria mais tranquila. Nas suas palavras: "Eu fiquei ansioso né, tipo, querendo vir pra cá o mais rápido possível né, porque aqui é mais tranquilo, tem mais paz, né". A entrevistadora pergunta como é a rotina nessa galeria e pede para o entrevistado descrever um dia comum. Mateus conta que acorda, liga a tv no canal evangélico, assiste louvores, pregações e milagres. Além dos canais evangélicos, assiste jornais e novelas evangélicas.

Ah, nós acorda, nós já acorda, nós coloca no canal evangélico pra nós ouvir a, é uns louvores, aí tem uns louvores, aí tem uma pregação de um pastor e daí nós fica vendo os milagre que os pastores fica fazendo na, ele falando aquele pastor RR Soares, e assim nosso dia vai passando, aí nós no xadrez nós procura ficar mais nesses canal evangélico, né, assistindo, aí nós assiste um jornal, jornalzinho estadual, aí depois nós assiste Jornal Hoje, aí nós assiste O Lugar de Paz, no canal 39, adventista. Aí a tarde nós assiste uma novela nova que começou agora na Record, que é Gênesis, e tem vários outros programinha que a gente assiste também evangélico também no sábado, no domingo.

Como se vê, na sua fala, a rotina é resumida a assistir à televisão, especialmente a programas evangélicos. Um dia de paz na cadeia é um dia assistindo à tv.

Emanuel afirma que a diferença entre morar na galeria do convívio e morar na galeria evangélica é o "modo de viver" e a entrevistadora pergunta como é o modo de viver no convívio e como é o modo de viver na igreja. Ele responde que:

O dia a dia né, o dia normal é, você vive pra si próprio, normal, ouvindo música, cantando, falando, assistindo outros tipos de coisa. Já na galeria evangélica você vive mais à procura de umas coisas mais espiritual, das coisas de Deus, né, um louvor, um culto, essas coisas que puxa mais pras coisas de Deus.

Novamente o entrevistado afirma a diferença entre dois mundos: um dedicado a si mesmo e outro dedicado a Deus. No primeiro, vive-se ouvindo música, cantando, falando e assistindo à tv. No segundo, vive-se louvando, cultuando e procurando fazer apenas aquilo que está ligado a Deus. Emanuel narra o dia na galeria evangélica:

Acorda, né, faz uma oração, lê a Bíblia, assiste uns canal evangélico, assiste um pouco de jornal, aí depois assiste mais uns canal evangélico, aí assiste jornal, aí depois assiste uma, aí tá assistindo uma novela agora que começou na Record, que é a Gênesis, né, que fala do início da criação, aí depois vai dormir. É basicamente esse o dia a dia.

O dia de Emanuel também parece ser resumido a atividades evangélicas e a programações de televisão. O entrevistado conta o dia a partir dos programas que assiste na tv, emendando um no outro até o dia terminar.

Conforme narrou em sua história de vida, Luís passou a maior parte do tempo morando com o convívio, tendo sido transferido há pouco para a galeria evangélica. Apesar

disso, o entrevistado demonstra profunda convicção sobre as diferenças entre as duas galerias.

A diferença é o seguinte, é que lá eles não tem é... as pessoas é mais solta lá né, lá eles pode fazer qualquer coisa, lá eles pode fumar, pode usar droga, lá eles, as palavras deles são tudo palavras de baixo calão, fala besteira, não tem educação, né? E é briga, é contenda direto, eles brigando com polícia, a polícia brigando com eles, os guarda volta e meia entra lá, quebra todo mundo no pau, sem mais sem menos, né? Então é uma coisa que é diabólica, aquele lugar lá é a casa do Diabo mesmo, né.

Luís explica que no convívio há consumo de drogas e que a comunicação é vulgar, seja porque os presos empregam uma linguagem mais grosseira, usando palavras consideradas rudes e indelicadas, seja porque o conteúdo seria inapropriado. Além disso, a galeria do convívio seria marcada pelas constantes brigas entre presos e entre presos e agentes penitenciários, assim como por episódios de atuação do grupo de operações especiais da polícia, que faria buscas nas celas e acabaria violentando pessoas. Por isso, Luís qualifica essa galeria como a casa do Diabo.

Agora a casa evangélica é diferente, o lugar da evangélica aqui, eles respeita a gente e nós acaba respeitando ele, né, já é totalmente diferente, aqui tem Deus, aqui a gente ora todo dia, a gente faz uns culto na parte da manhã, continua na televisão, temos culto, né, a gente fica mais calmo, a gente fica mais consciente, a gente consegue se colocar um juízo normal, né?

Por outro lado, a galeria evangélica seria uma casa respeitável, onde presos e guardas mantêm uma boa relação. Na evangélica, a rotina seria marcada por cultos, louvores, orações e programas de televisão evangélicos. Os presos desta galeria seriam mais calmos, cordiais, respeitosos e conscientes.

Porque lá no convívio é muito abalado o psicológico da gente, é muito abalado, que você acaba ficando mais louco ainda do que quando você tivesse na rua, né? Porque lá o Diabo é solto, lá o Diabo é solto e ele anda no meio do povo. Lá você tá dormindo lá meia-noite, uma hora da manhã, a polícia entra quebrando tudo, arrebenta você no cacete sem você fazer nada, né, sem você pagar, fazer nada. Aí eles chega lá e mete o cacete, bate em todo mundo. Que nem eu mesmo apanhei lá duas vezes, até quebraram o meu ombro, né tá quebrado aqui ó, não tenho tratamento nenhum, até agora não me deram nem um comprimido, já faz mais de seis meses que quebraram meu ombro, né, eu não tive nem um comprimido pra mim beber, isso aqui tá sarando só na força de Deus mesmo, né? Por causa do seguinte: eles xingaram um guarda lá, o guarda ia passando pro lado de fora, sei lá quem é que foi, xingou o guarda, aí o guarda entrou lá dentro, ninguém queria se apresentar pra falar quem é que foi que xingou o guarda, e aí o guarda entrou lá dentro de todo mundo e bateu em todo mundo. Eu fui sair correndo, aí escorreguei no chão, bati com esse ombro daqui ó, com a clavícula na parede, quebrou esse osso aqui ó, e tá quebrado até agora e eu não tomei nenhum comprimido até agora por fato, por causa disso, né? E todo dia eu sinto dor nisso daqui e na igreja evangélica graças a Deus tá tudo bem esses três meses que eu to ali, não teve nenhuma briga, não teve nenhuma contenda, os guardas já trata a gente bem melhor ali, alimentação é melhor, né, então a gente busca a palavra de Deus, a gente fica mais calmo, a gente não fica com briga dentro de casa, dentro do barraco, nada. E graças a Deus a minha vida tá mudando dentro da igreja, né? Eu

to ficando mais calmo. To começando pensar melhor no que eu vou fazer lá fora quando eu sair daqui.

Por fim, Luís reitera todas as diferenças apontadas: a galeria do convívio é casa do Diabo, enquanto a galeria evangélica é casa de Deus; a galeria do convívio é marcada pela agressão recíproca entre presos e guardas, a galeria evangélica é marcada pelo respeito mútuo entre presos e guardas; a galeria do convívio é habitada por pessoas grosseiras e rudes, a galeria evangélica é habitada por pessoas calmas e conscientes.

A entrevistadora também pergunta a Tulio como ele percebe a vivência no convívio e como é a rotina dessa galeria, e ele responde:

Ah, senhora, que que eu posso dizer, eles... tem aqueles que procuram passar o seu tempo falando coisas boa e tem uns que só passam falando de crime. Aí tem programação de televisão, tem tudo um, ó, não tem algo específico que eu possa dizer pra senhora, porque é relativo, vai dar situação, vai do dia, vai de um acontecimento, vai, vai de várias coisas.

Novamente, percebe-se a reserva e a cautela do discurso de Tulio, sempre medindo as palavras. Para ele, supostamente não há nada a ser dito. A entrevistadora pergunta, na sequência, se o entrevistado passou por alguma experiência marcante na cadeia e resposta de Tulio é:

Ah, não tem não. O que que eu posso dizer, eu num, nada assim me deixa mais é, nada me deixa surpreso assim, nada me deixou assim, porque eu já sei que aqui é uma cadeia, aqui tudo é normal, a senhora me entende? Então nada me assusta, nada me assombra e nada me deixou assim com alguma coisa marcante assim não.

Tulio afirma expressamente que não tem nenhuma experiência marcante para contar, porque não se surpreende na cadeia. Na sequência, a entrevistadora pergunta como é a rotina na galeria evangélica. Agora, Tulio é assertivo e fala, inclusive, do convívio.

Lá na ala evangélica lá já é bem diferente do convívio. [...] A diferença é que a coletividade entre nós, entre vamos ponhar 95% é bem mais afetiva do que, do que você tá no convívio, porque no convívio você tem que manter aquele porte, "ó, eu sou bravo, ah, eu fiz aquilo de crime, eu fiz aquilo e eu sou bandido e eu fiz aquilo", a senhora me entende? Agora na igreja não, você simplesmente é mais um ser humano, um ser humano que tá procurando uma melhora. Já no convívio você tem que procurar ponhar uma pose de, pra não ser, desculpa pela palavra, ser um Zé Ruela... Embora muitos não seja, às vezes é primário, mas quer manter pra, pra dizer que é alguém assim no mundo do crime.

De acordo com o entrevistado, na galeria evangélica os presos são mais humanos e afetivos, porque buscam aperfeiçoar o seu caráter. Em contrapartida, no convívio, o preso precisa sustentar um status de bandido, mesmo que não seja um, para não parecer fraco, medroso, tolo e descartável. O crime não admite "Zé Ruela".

A diferença assim até com, até com, em respeito ao guarda também, nós tipo assim, eu falo por mim e por muitos que eu vejo ali na igreja evangélica, o nosso tratamento até mesmo com guarda e o guarda com nós, a senhora me entende? Porque nós estamos ali e muitos guardas vê que nós estamos ali buscando, embora

tem pessoas ali às vezes que tá ali só pra ganhar remição, porque, ou tá ali uma certa forma escondido, né, ali se escondendo debaixo da Bíblia, mas só que ainda porém assim eles respeita nós, não que eles não respeita o convívio, mas só que dá pra, é perceptível que o tratamento é outro, né.

Tulio também afirma que há uma considerável diferença entre convívio e igreja com relação ao tratamento dos guardas. Tulio indica que os evangélicos são tratados de forma melhor do que os demais presos. Para o entrevistado, haveria um respeito recíproco entre crentes e guardas, mesmo a galeria evangélica sendo habitada não apenas por evangélicos verdadeiros, mas também por presos que se escondem debaixo da Bíblia em busca de alguma suposta proteção.

Ao narrar sua história de vida, Samuel já antecipa como é morar no convívio. De acordo com ele, este espaço é marcado por vingança, traição, ódio, tráfico e armas de fogo. Segundo Samuel, no convívio, as pessoas idolatram o crime e disputam quem está num nível mais alto da hierarquia do crime.

Mas eu estava, sempre tirei, to tirando 3 anos e 6 meses de cadeia, mas algum pouco tempo na igreja evangélica, pois recebi um chamado. Talvez muitas pessoas não podem, que não conhece a Deus, não sabe, não entendem, mas eu espero que possa aprender e buscar aquilo que eu estou aprendendo hoje e reconhecer o como Deus é bom na sua vida, porque dificilmente, dificilmente eu acredito na reabilitação de algum preso, de algum detento estando no convívio, estando longe do caminho de Deus, pois quando você se encontra dentro do convívio, você terá somente pessoas pensando em vingança daquilo que fizeram se porventura perdeu a sua esposa por uma traição, por alguma coisa. Às vezes a pessoa foi entregue por uma outra pessoa e sabe quem foi, acaba querendo ceifar a vida dessa pessoa por ódio, às vezes muitos tem dívidas de drogas, as pessoas devem pra essa pessoas, já vai cobrar, e cobrar da pior maneira, diversas vezes você escuta pessoas dizendo só coisas de tráfico, só negócios de armas de fogo, de tudo um, de tudo de pior, de tudo que você possa imaginar que é o pior pra você em relação ao crime, você acaba escutando. Então às vezes muitas pessoas que chegam primárias, como eu cheguei primário, ficar vivendo nesse mundo, esse mundo do convívio, vai querer, vai tirar isso da sua vida, idolatrar o crime, achar que aquilo que ele tá fazendo ele vai ser respeitado, ele será um patamar mais elevado no crime. Aí muitas vezes muitos acabam perdendo a sua vida, muitos nem mesmo chega aonde eu cheguei, aos 23 anos de idade, muitos acabam morrendo bem antes, perdendo a sua vida bem antes, alguns, alguns não chegam, igual no meu caso, quando sai pra fazer um assalto, quando sai pra cometer algum crime, quando não volta morto, assim num latrocínio, e acaba sendo, ficando muito tempo preso dentro da cadeia.

O entrevistado relata que, na prisão, teria recebido um chamado de Deus e sido transferido para a galeria evangélica. Samuel justifica a sua reabilitação por essa mudança de galeria. O entrevistado afirma que desconfia da reabilitação de presos que moram no convívio, porque, segundo indica, no convívio, o preso se encontra longe de Deus. Conforme explica, no convívio, os presos pensariam apenas em vingança, seja vingança por uma traição matrimonial, seja vingança pelo não pagamento de uma dívida no tráfico de drogas, por exemplo. Além disso, os assuntos no convívio envolveriam apenas comércio ilícito de

entorpecentes e de armas de fogo, bem como conversas sobre ações criminosas. Para Samuel, a convivência com essa cultura seria capaz de influenciar o recém-chegado a se especializar no crime, idolatrando esse universo e buscando reconhecimento e poder. No entanto, essas pessoas acabariam mortas ou presas. Não foi o caso de Samuel, que se sente salvo por Deus, sugerindo que passa por um processo de reabilitação na galeria evangélica. O entrevistado descreve a galeria evangélica como um lugar completamente diferente do convívio.

Na igreja evangélica, você tem uma paz interior que dificilmente, é bem difícil explicar, mas é uma paz, porque o convívio, você só passa por tribulação, você só passa muitas vezes as pessoas não gostam de você, não existe motivo algum pra não gostar de você, mas não gosta, implica, tem as discussões, intrigas, muitas vezes até mesmo um preso às vezes sai, agride o outro, aí tem que ficar mudando de uma galeria pra outra. Na igreja, você não encontra isso, não encontra isso. Por quê? Pode, muitos ainda não estão preparados, mas a maioria está com um propósito na vida, que é mudar, um propósito que é buscar Deus. Então tudo isso que nós passamos na igreja é completamente diferente do que passamos no convívio.

O convívio é associado à tribulação e a igreja é associada à paz. Tribulação é um termo bíblico que indica o período mais aflitivo da história humana, tempo de sofrimento e dificuldades na terra, momento que antecede o julgamento de Deus. Assim, o convívio é caracterizado por discussões, intrigas e violência física. De acordo com Samuel, é difícil conviver no convívio, o que justifica o constante trânsito de presos. Por outro lado, na igreja reinaria a paz, porque ainda que nem todos estejam preparados para servir a Deus, a maioria tem o mesmo propósito de vida. Para Samuel, embora nem todos os moradores da igreja estejam preparados para mudar, a maioria elenca a mudança como propósito de vida e é isso que, na sua visão, justifica a grande diferença entre a galeria evangélica e a galeria do convívio.

A entrevistadora pergunta a Aldo como que é viver na galeria evangélica e o entrevistado sugere que é o caminho da salvação. De acordo com Aldo, a prioridade de todos os presos da galeria evangélica é Deus, porque o propósito deles é o mesmo, independentemente de terem sido batizados. Assim, ao que parece, na igreja, é possível enxergar a luz.

Na galeria evangélica foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida, esse caminho da salvação aqui que eu me encontrei hoje. Viver dentro de uma galeria evangélica é uma experiência muito maravilhosa, muito bom, porque é separado do convívio, a galeria evangélica, ela assim é voltada todas as prioridades a Deus: uma televisão que nós temos acesso dentro da nossa cela, então a televisão ali as prioridades é culto, é só prioridade a Deus. Dentro da onde que nós mora mesmo do cubículo, do x que se encontra em oito, oito presos que mora ali dentro, todo mundo tá no mesmo propósito ali, ou seja, aqueles que já se converteu, que se batizou ou os que não se batizou, tudo no mesmo propósito, na esperança de Cristo, de Jesus, tá entendendo? Nós estudamos a Bíblia, nós fazemos nosso culto

no dia a dia pra Deus, nós louvamos, é muito bom demais, é uma experiências assim que eu vi que o livramento que Deus deu na minha vida quando eu andava lá atrás no meu passado no vale da sombra e da morte, a mão de Deus Ele me deu livramento lá. Hoje eu to na galeria evangélica, eu reconheço, eu testemunho hoje o que Deus fez na minha vida que eu não via. Hoje eu consigo enxergar essa luz, tá entendendo? Muito bom demais.

O entrevistado exalta as qualidades da galeria evangélica e afirma que se mudar para ela significou, para ele, livrar-se da escuridão e encontrar o caminho da salvação. Aldo explica que a galeria evangélica fica separada das galerias do convívio e que a rotina é toda voltada para a saudação a Deus. Dessa forma, as atividades contemplam estudos bíblicos, cultos, louvores e a televisão prioriza canais religiosos. Isso ocorre, segundo Aldo, porque os presos, batizados ou não, têm um propósito comum, que é dedicar a vida a Deus. Portanto, Deus é a prioridade de toda a galeria. A pedido da entrevistadora, Aldo narra o dia na galeria:

O dia a dia na galeria evangélica é muito bom, porque ela já se inicia numa manhã que nós tomamos nosso café da manhã, aí quando é dez horas da manhã nós se reunimo todo mundo, direto dali os oito se reúne, ou seja, nós já tem um compromisso de todo dia, uma hora por dia, nós se reúne pra nós fazer culto, nós presta um culto pra Deus, ou seja, nós desliga a televisão, se reúne os oito, aí que que acontece? Aí nós pega e vai louvar, nós canta louvores pra Deus nessa uma hora. Cada um tem uma oportunidade de louvar uma vez, vai louvando, vai louvando e nós vamos cantando a Deus até completar essa uma hora. E quando é no outro dia, nós tem a oportunidade também de falar da Bíblia, de falar da palavra de Deus também um pro outro. Ou seja, isso, o conhecimento e a sabedoria do céu que Deus vai me dando, eu tenho também a experiência de passar pros meus irmãos que tá ali também junto comigo ali aquilo que eu to aprendendo pra eles aprender também, ou seja, os ensinamento de Jesus Cristo ali ele é pnhado em prática no dia a dia, entendeu? E durante o dia depois do culto, aí as programação da televisão é só evangélica que nós assiste e o jornal pra nós se manter informado do que tá acontecendo lá fora, tá entendendo? E é uma rotina que nós tem assim mesmo assim que ela não torna cansativa nenhum momento, porque quando nós não tamos fazendo um estudo da Bíblia, nós tamos reunidos falando de Deus, é muito bom.

Segundo explica, há dias dedicados a louvores e dias dedicados à pregação. Seja como for, a rotina envolve uma hora de culto presencial e outras horas de programação televisiva evangélica. Em contrapartida, Aldo qualifica a rotina do convívio como turbulenta, agitada e desregrada.

Então, a rotina do convívio ela era muito turbulenta, porque a rotina do convívio ela não tem assim horário, ou seja, assim, é muito agitado, é só falação de, é, você só escuta pessoas falando de crime, que vai matar, que vai sair, que vai roubar, que vai destruir, você só vê pessoa usando droga, você só vê pessoa voltado àquelas coisas que um dia que eu vivia lá atrás eu compartilhava junto, sabe? As pessoas que, ou seja, assim, tão vivendo escravizada pelo mundo das drogas, o mundo do engano do diabo.

Segundo Aldo, no convívio, os presos usam drogas e só falam de crime, porque são escravizados pelo vício e enganados pelo Diabo. Assim, o convívio é retratado como o exato oposto da igreja.

Preso há quase quatro anos, Raimundo mora há seis meses na galeria evangélica e afirma que não quer ser batizado. Conta que a família é evangélica e que ele mesmo frequentava a Igreja Congregação Cristã, mas que não se identifica como crente. O entrevistado explica que não está disposto a seguir as regras da Igreja e abandonar a bebida, embora goste de frequentar os cultos.

A minha família é tudo crente, eu vou na igreja lá e falo que eu sou crente lá, mas não sou crente não, que eu sou acostumado de já ir tudo de camisa de manga comprida mesmo. Aí eu ia na igreja e eles começava a pegar no meu pé assim fazendo festa lá: "ô irmão, vamo lá, vamo lá, amanhã você vai lá em casa?". Eu falava pra eles: "não, não sou irmão não, não adianta, eu por enquanto eu sou católico, eu não fui batizado ainda". "Ah, mas você vem na igreja". Eu falei: "eu venho aqui porque eu gosto, né". Eu ia com as minhas irmãs e falo não adianta, aí eu trabalho de pedreiro, trabalho de pedreiro e pintor, aí quando tinha serviço eles passava pra mim "ô irmão, tem um serviço pra você fazer lá, tá". Aí topava na rua, apresentava eu pro outro irmão que é crente como irmão, eu falava: "não, não sou irmão não". Aí falava pra mim: "o senhor falou que eu sou irmão aqui, eu to pecando, o senhor vai falar que eu sou irmão e depois o senhor vai ver eu lá no bar, eu só não mexo com droga, eu bebo cerveja, bebo minha pinga, então depois o senhor vai ver eu lá no bar, então eu tenho que falar o que é verdade".

Raimundo não se qualifica como crente, embora frequente a igreja e use camisa de manga comprida, preenchendo dois dos requisitos para ser classificado como um. Além disso, como dizem, Raimundo "tem berço evangélico". Ter "berço evangélico", como dizem alguns dos entrevistados, é sinônimo de ser herdeiro da cultura evangélica. Nesse sentido, nascer em berço evangélico é um elemento legitimador da conversão. Mesmo assim, o entrevistado destaca que não foi batizado. Raimundo conta que é reconhecido como irmão pelos crentes, mas que faz questão de ressaltar que não é irmão, para não ser julgado quando for encontrado no bar bebendo cerveja ou pinga. Assim, Raimundo sugere que prefere deixar claro que não é crente, porque crente não pode ir ao bar e Raimundo não quer ser um crente pecador. Entre ser irmão e ir ao bar, Raimundo prefere ir ao bar. Apesar de não se apresentar como crente, o entrevistado explica que é reconhecido como tal não apenas na rua, mas também na cadeia.

Eles acha que eu sou crente porque eu sou assim meio quieto, eu não converso, mas não é que eu sou crente, eu sou assim aqui e sou na rua assim mesmo, entendeu? Eu falo pra eles dentro da igreja mesmo. Falo com o dirigente. Falo "não, eu não sou". Porque depois vocês vai me topa lá na rua, igual eu falo pra muitos lá que tá buscando a palavra de Deus lá, aí tem uns que erra na palavra lá, ainda fala pro outro "ou, mas você tá errado", mas se tá errado, mas se tá falando a palavra de Deus, mesmo que ele errar, ele começou agora, ele vai consertar, porque não começa de uma vez já seguindo já pra batizar e já é pastor. Tem que esperar a vontade do cara. E eu falo pra eles também: "eu quero ver na rua se vai ser pregado desse jeito que você tá pregando aí" Tem um monte que fica: "ah, que eu sou crente e tal, tá com a Bíblia ali". Mas depois sai, vai cometer crime, vai fumar droga, essas coisa. Aí é o mais pecado que tem. Então eu não batismo que eu não to preparado.

Novamente, Raimundo reforça que não é crente, porque não dá pra ser crente e frequentar boteco. O entrevistado também comenta que há vários presos que passam todo o tempo de cadeia pregando, mas quando saem, voltam para o crime, sendo que, para ele, o maior pecado é se dizer crente e não agir como um. O entrevistado inclusive critica o fato de que, na cadeia, o crente pode jogar bola. Para ele, crente que é crente não pode fazer isso. Crente, na ótica de Raimundo, é pessoa quieta, discreta, vestida de camisa de manga comprida, que não frequenta bar nem joga futebol.

[...] o certo mesmo da igreja, igual quando eu cheguei aqui eu falei pro dirigente, quando eu cheguei eu estranhei também, falei "mas joga bola tudo?". "Joga." Falei: "mas como que joga bola?". Porque o crente, eu tenho meu cunhado, a minha irmã mesmo é crente, só que crente que é crente mesmo não joga bola, num faz nada disso aí. Não é o certo não, né.

Apesar de enfatizar que não é crente, Raimundo mora na galeria evangélica. O entrevistado explica que morava no convívio e pediu para mudar para a galeria evangélica, porque queria sossego: "Ah, eu quis vim pra igreja, né, porque eu sou mais sossegadão, eu gosto de ficar, diz que a igreja é mais quieta, né? O convívio é mais barulhento um pouco, né, tem jogo de baralho, tem essas coisas". Assim, o entrevistado indica que procurou, na igreja, silêncio e sossego. Ao narrar a rotina da galeria evangélica, Raimundo afirma que, depois do almoço, "fica de boa descansando" e assistindo à televisão.

A gente levanta, já faz as oração, depois prega o louvor, almoça, aí depois fica de boa descansando, aí curte os hino na televisão evangélica também, né. [...] Igual lá fica chato você não participar, né. E eu também gosto, entendeu? Mas os outros fica o dia inteiro lendo a Bíblia, eu não, vou ver só o culto mesmo ali no horário certo e os louvor na televisão, agora eles fica o dia inteiro, eu não fico o dia inteiro não, porque pra busca a Deus não precisa ficar o dia inteiro, tem que ter fé.

Raimundo explica que os presos não são obrigados a participar de todas as atividades religiosas, mas afirma que gosta dos cultos. O entrevistado esclarece que não passa o dia envolvido com as atividades religiosas e que nenhum preso precisa fazer isso. Na sua visão, não é preciso dedicar o dia inteiro à oração para buscar Deus. O entrevistado indica que, embora a galeria evangélica seja organizada em torno de atividades religiosas, a participação dos internos não é compulsória. De qualquer maneira, é importante seguir a rotina estabelecida, não atrapalhando o regular andamento das práticas religiosas e, eventualmente, integrando-se como forma de também ser integrado. Nesse sentido, ao não perturbar a ordem da galeria, o interno consegue a tranquilidade que busca.

Toda a entrevista de Raimundo gira em torno disso. Ele repete insistentemente que não é crente e que só quer sossego. Ao ser questionado sobre seu projeto de vida para o

futuro, por exemplo, Raimundo reforça que não é crente e que também não pretende ser. Segundo ele, ainda não está preparado.

Olha, pro meu futuro eu tenho assim desde, de meu pensamento desde pequeno já mesmo, mas é, num é a igreja que, a igreja não tá mudando nada eu assim em mim não, entendeu? Que eu já sou assim da rua mesmo, eu não sou assim de perder noite de sono com negócio de balada, eu não mexo com droga, nada, eu bebo a minha pinguinha, a minha cerveja no final de semana em casa, só isso.

O entrevistado faz questão de enfatizar que está na igreja por conveniência. Afirma que não é do crime, mas que a igreja também não exerceria qualquer influência sobre ele. Assim, para Raimundo, a galeria evangélica representa apenas um lugar mais tranquilo para cumprir sua pena.

Percebe-se, então, que os espaços evangélicos na prisão não são habitados exclusivamente por pessoas convertidas, mas também por aquelas que aceitam alguns dos valores compartilhados pelos evangélicos, respeitando e, eventualmente, participando das suas atividades. Além disso, a galeria evangélica é considerada "tranquila" não apenas pela ausência de conflitos entre os seus habitantes, mas também pela ausência de conflito com os agentes penitenciários. Conforme indicado pelos entrevistados, o tratamento dispensado aos evangélicos pelos agentes penitenciários tende a ser menos rigoroso, pois eles não representam perigo para a ordem institucional.

3.1 IGREJA SEM PLACA: INDISTINÇÃO ENTRE RITUAIS E CÓDIGOS DE CONDUTA RELIGIOSOS DENTRO DA PRISÃO

A análise das entrevistas com os autodeclarados evangélicos e, também, com aqueles que não se consideram assim, mas convivem na igreja, indica que os rituais religiosos praticados na prisão são indistintos. Percebe-se que os presos evangélicos não fazem diferença entre a interpretação bíblica dada pelas mais diversas denominações religiosas e que, inclusive, muitos deles sequer se incomodam com a profunda disputa travada entre catolicismo e pentecostalismo. Nota-se uma verdadeira fusão de doutrinas evangélicas na construção da subjetividade religiosa dos presos. Sintetiza-se uma pluralidade de práticas religiosas de origem cristã, de tal modo que é comum que os presos participem de todas as atividades ligadas à igreja, seja ela católica ou pentecostal.

Embora a atividade de cunho religioso nas prisões de Maringá seja desenvolvida na maioria das vezes por pastores vinculados a igrejas pentecostais e neopentecostais, há, eventualmente, a visita de padres. De qualquer modo, o que se identificou é que todos os

presos entrevistados tiveram dificuldade de reconhecer filiação a alguma igreja. Todos os entrevistados indicaram frequentar todo tipo de culto oferecido na unidade, independentemente do nome da igreja. Muitos apontaram, inclusive, que a galeria evangélica "não tem placa de igreja" e admite qualquer preso que esteja disposto a seguir as suas regras.

Em Maringá, a igreja que tem maior atuação nos presídios é, sem sombra de dúvidas, a Igreja Adventista do Sétimo Dia. O trabalho dessa Igreja é amplamente conhecido no sistema carcerário do município, sendo conduzido pela famosa "mãe Ruth", como é conhecida a senhora Ruth Anitta Shneider Tesche, constantemente citada nas entrevistas realizadas e, também, muito conhecida na comunidade local por seu trabalho evangélico nas prisões⁴⁰². Apesar do trabalho desenvolvido por esta Igreja ser o mais difundido, percebe-se que os presos não se definem a partir do vínculo com ela, mas do vínculo com a religião de um modo genérico. Quando há alguma filiação institucional, esta se fundamenta exclusivamente na disposição das regras impostas pela Igreja na rua. Como na prisão todos os presos da galeria evangélica seguem as mesmas regras, qualquer que seja a sua filiação, a existência de laço institucional perde efeito para a combinação de regras da prisão, que se sobrepõem a qualquer distinção possível entre as leis que caracterizam as denominações evangélicas. Assim, mesmo na CCM, onde parte da galeria recebe assistência da Igreja Adventista do Sétimo Dia e a outra parte recebe assistência da Igreja Universal do Reino de Deus, nota-se duas características extremamente relevantes para a compreensão do exercício religioso na prisão: um hibridismo religioso e uma vinculação genérica ao segmento religioso sem pertença a uma confissão.

Deve-se destacar, contudo, que apesar de todos os presos afirmarem expressamente que não se incomodam com as interpretações bíblicas distintas operadas pelas religiões, alguns deles manifestaram categórico preconceito com as religiões de matriz africana, não tendo sido identificado, nessas unidades, a realização de práticas religiosas dessa origem. Assim, a indistinção entre práticas religiosas na prisão se refere apenas às religiões cristãs, ficando excluídas as religiões afrobrasileiras. Grosso modo, também é possível identificar nas entrevistas realizadas que essa indistinção entre práticas religiosas forjadas nas unidades prisionais é percebida como parte desse contexto, porque os entrevistados reconhecem que, fora da prisão, as Igrejas organizam os seus rituais de outra forma.

⁴⁰² Ruth Shneider já deu entrevistas para vários canais de comunicação. Algumas delas estão disponíveis na internet. Vide <https://www.youtube.com/watch?v=2fTe7zC0qcM&feature=share>; <https://www.youtube.com/watch?v=t7nRTZ0eSNs&feature=share>; <https://www.youtube.com/watch?v=2XNf-Rejq-E&feature=share>; <https://www.youtube.com/watch?v=3bTwCSOeabc&feature=share>.

Miguel afirma que os cultos realizados na prisão não são iguais àqueles realizados nas Igrejas da rua. Entretanto, em sua visão, as diferenças percebidas não interferem na crença professada na prisão, porque toda crença estaria fundamentada na Bíblia.

Os cultos daqui não é igual de lá, né. Tem umas coisa que é totalmente diferente, mas a palavra não importa de onde vem. Eu vou atrás da palavra, né? Aí eu to no culto, eu adoro Deus como todos adora, participo, né? Porque a Bíblia fala pra gente cultuar, não importa onde, né? [...] Então não tem como você falar, independente de qualquer dominação, se é Congregação, se é Assembleia, Adventista ou a igreja Católica, mas todos leva pra uma direção, direção Jesus Cristo. A mesma coisa você pegar um Fusca, um Corolla, um Honda Civic. São três igrejas diferentes, vamos por, a Congregação, a Assembleia e Católica. Qual é a direção? Rio de Janeiro, Cristo Redentor. Tudo num lugar só. Então eu creio que num... as dominações de igreja sempre todo mundo fala "irmão, vamos amar o próximo", amar a Deus sobre todas as coisas desse mundo, né, primeiramente, depois amar o próximo.

Como se vê, as religiões evangélicas se confundem e se misturam na prisão. O que importa, para a maioria dos presos, é participar do ritual religioso, seja ele qual for. O que importa é ouvir a Palavra e louvar. Para Miguel, todas as Igrejas apontam a mesma direção. O curioso, entretanto, é que neste e em outros trechos de sua entrevista, Miguel troca a palavra denominação por dominação. Ao se referir às denominações cristãs, o entrevistado reitera que todas as "dominações" levam a um único caminho: Jesus Cristo.

Embora Lázaro se classifique como católico, o entrevistado declara participar de todas as atividades religiosas na prisão. Afirma ser crente em Deus, mas recusa o batismo na Igreja evangélica, porque foi criado católico e, na sua leitura, não faz diferença qual religião a pessoa segue.

Ali na PEM ali já me convidaram pra batizar na Adventista, né? Mas eu não aceitei não, porque eu fui batizado na Católica, né? Batismo é um só. [...] Eu creio em Deus, eu pra mim evangélico é aquele que ouve e pratica. Que pra mim Deus é um só, religião é... tem várias, né? Tem Adventista, Assembleia, Congregação Cristã no Brasil, é, Católica, tem várias. Então crente verdadeiro pra mim é aquele que ouve e pratica, né? Aquele que segue o caminho. Não adianta a pessoa falar assim, ó: "eu sou de tal religião, vou na igreja". Mas não adianta nada a pessoa ouvir e não praticar, ir na igreja e não seguir os caminhos retos de Deus. Então o verdadeiro evangélico pra mim é aquele que, que ouve e crê e busca, né? E que lê os versículos da Bíblia Sagrada e obedece. [...] Desde a minha prisão de 2010, sempre eu fiquei em X evangélica. Aí fui transferido pra PEM, fiquei em x evangélica, culto sempre eu frequentei, nunca abandonei a segmento da igreja evangélica nas penitenciárias que eu passei, eu passei, essa aqui é a terceira, né? Então quando tem culto aí eu vou. Domingo mesmo a gente teve culto, embaixo aqui. Foi pouquinha a gente, mas eu fui no sábado e fui no domingo.

O entrevistado afirma que participa de todas as atividades religiosas e que desde que foi preso, ficou alojado em alojamento evangélico. Entretanto, não parece que é a sua crença que justifica a destinação para galerias evangélicas, mas o seu crime. Lázaro foi condenado por crime sexual contra criança, infração expressamente condenada pela massa carcerária. Além disso, embora ele afirme ter sempre morado em galeria evangélica, na unidade onde

se encontra, está alocado na parte administrativa, onde faz serviço de limpeza. De todo modo, o entrevistado reforça que é o comportamento do indivíduo que importa, insistindo na sua participação das atividades evangélicas. Assim, para ele, não importa se a pessoa foi batizada ou em qual Igreja foi batizada, mas se as suas ações condizem com as prescrições bíblicas. Com isso, Lázaro enxerga o exercício religioso na prisão como um só, mas, contraditoriamente, assume a sua vinculação com a catolicismo e se nega a aderir ao pentecostalismo.

Isac explica que não tem filiação religiosa. Nas suas palavras: "eu sigo Cristo". O entrevistado afirma que foi batizado pela Igreja Adventista, mas que não assumiu compromisso com ela, porque o agir de Deus é indistinto.

Mesmo porque eu me batizei em 2015 na Adventista, mas eu não assinei nada, porque eu falei pra eles assim: "ó, eu to me batizando, mas não pela denominação, e sim pelo meu coração". [...] Eu não vejo assim denominações, eu vejo agir de Deus, né? [...] Na PEM nós, lá tem a católica, tem a evangélica. E a evangélica, ela se divide em várias denominações, né, Batista, Plenitude, Adventista, né? Então eu aprendi algumas coisas com isso, mas na Bíblia mesmo. Então eu conversei com uma pessoa lá que ele era católico, e eu falei pra ele assim: "Por que que vocês não segue as coisas da Bíblia certo? Como adorar imagem se Deus fala que não pode adorar imagem na minha Bíblia e na sua, né?" E aí ele falou assim: "Não, mas a gente não adora imagem, a gente olha a imagem, mas a gente adora Deus naquela imagem, né?" Aí eu falei uma pergunta pra ele que mudou todo meu pensamento: "Você sente a presença do Espírito Santo na sua vida?". Aí ele falou assim: "Como o sol que tá clareando nós dois aqui eu sinto a presença de Deus na minha vida". Aí eu falei assim: "Quem sou eu, se Pedro - na parte bíblica, Pedro ele teve uma visão do céu, né, e veio só coisas imunda, e ele falou assim 'eu não como isso', e aí Deus falou pra ele assim 'o que eu abençoar, tá abençoado". Então se Deus coloca na vida da pessoa e, e, e sente, faz essa pessoa sentir a presença, quem sou eu pra falar o contrário? A essência num é denominações, a essência é você ter no seu coração Deus e ter um segmento. Não importa, agora eu só não aceito as coisas contrário, que é macumba, essas coisas assim que mexe com magia, com o mundo espiritual completamente diferente, mas se Deus, um anjo de Deus tocou em Cornélius e falou pra ele assim: "vai lá no Pedro lá e fala pra ele vir aqui", aí Pedro foi e depois os discípulos ainda questionou ele, falou assim "ué, mas por que que você foi na casa do Cornélio, ele não era gentil, não era contra a gente, judeu?". Falou assim: "mas se o anjo que Deus tá com ele, o Espírito Santo tocou na vida dele, eu vou fazer o que?" Então cada um tem o seu seguimento, não importa a denominação, eu creio nisso.

No decorrer de toda a entrevista, Isac cita muitas passagens bíblicas. Nessa parte, usa alegorias para esclarecer que não se prende a nenhuma denominação evangélica e que o que importa é adorar a Deus. Por outro lado, expressa nítido preconceito com as religiões afrobrasileiras, revelando justamente aquilo que a literatura já apontou sobre as doutrinas neopentecostais, que se apropriam de rituais típicos do espiritismo e das religiões de matriz africana, mas que os condenam. Isac rechaça magia, mas faz exorcismo (conhecido, na linguagem evangélica, como culto de libertação). Isac não aceita macumba, mas acredita em

milagre e revelação. Dessa forma, percebe-se que, para Isac, excluída a umbanda e o candomblé, todas as religiões revelam o agir de Deus⁴⁰³.

Com relação às denominações evangélicas, Carlos explica que não se destacam diferenças nas interpretações bíblicas, mas apenas diferenças de forma de louvar ou glorificar a Deus. De acordo com ele, umas são mais discretas e outras mais exaltadas. No entanto, todas teriam o mesmo objetivo.

As interpretações às vezes não são tão diferentes, aí vai como você recebe a palavra, né, mas é... a diferença é que umas é mais fervorosa, a gente fala "é fogo na canela" e o pessoal grita, pula, dança, outras já são mais calmas. Tem igreja que é "glória a Deus, aleluia!", tem outras que não, que são quietas, eles medita, intercedendo em oração, presta atenção é claro no pastor que tá lá na frente no altar, mas não abrem a boca pra dar um glória a Deus. Diferença que eu vejo é essa, porque a palavra de Deus quando vem de encontro com você, sempre ela vem, nunca volta vazia. A pessoa que tá realmente de coração aberto ela recebe, entendeu?

Na visão de Carlos, há uma só Palavra, de modo que as diferentes igrejas se distinguiriam apenas nos rituais. Umas seriam mais barulhentas e outras mais silenciosas. Assim, para ele, não importa a Igreja, importa a Palavra de Deus.

Questionado se tem alguma religião, Mauro responde que não, que segue apenas a Bíblia, porque muitos usam a Palavra de Deus para extrair vantagem financeira. Assim, explica que prefere estudar diretamente a Bíblia, para não se deixar levar a erro. Para o entrevistado, o que importa é conhecer a Bíblia e, para conhecê-la, é preciso estudá-la por si só. Mauro afirma que quem não estuda a Bíblia diretamente pode ser enganado e que isso é muito comum, pois a Palavra de Deus passou a ser comercializada por falsos profetas e o nome Dele passou a ser utilizado por pessoas cujo coração não o contempla. Dessa forma, o entrevistado sugere que apenas o conhecimento garante a libertação.

Agora mesmo não, eu me, eu me foco mais só na própria Bíblia mesmo. Por quê? Porque uma parte eu li assim que Deus falou assim: a verdadeira religião é aqueles que cuidam das viúvas e dos órfãos, que dá atenção àquelas pessoas. Então eu me deixo levar mais por isso, porque às vezes uma religião tem muitas coisas ali que às vezes faz a gente errar né, tem as vezes, hoje em dia tem muito comércio, hoje em dia tem muitos falsos profetas que falam muito do nome de Deus, mas o coração está totalmente longe dele, mais por economia, por, ele vê mais o futuro dele nisso né, e utiliza de uma forma errada as coisas de Deus, né. Justamente por isso. Porque a Bíblia mesmo fala "conhecereis a verdade e a verdade os libertará". E um pastor uma vez falou pra mim: "quando você conhece aqui esta palavra aqui até lá o fim, não tem ninguém que te engane a respeito da palavra de Deus". Quando alguém está falando e você está vendo que ele está falando de acordo tudo que está dentro de uma Bíblia, você entende, na hora você compreende o que ele está falando. Às vezes se você tem o entendimento da Bíblia e você está vendo ele

⁴⁰³ Isso também apareceu na pesquisa de Camila Dias. A autora afirma que em suas entrevistas as experiências ligadas às religiões afro-brasileiras são associadas com práticas demoníacas. DIAS, Camila Caldeira Nunes. **A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo: religião e violência na prisão**. São Paulo: Humanitas, 2008. P. 125.

falando alguma coisa, você já percebe que às vezes ele já tá indo, está desviando algumas coisas que às vezes não está de acordo com a palavra.

Mauro diz não ter filiação religiosa porque, segundo ele, está escrito na Bíblia que Deus falou que religião é cuidar das viúvas e dos órfãos. O entrevistado explica que procura seguir apenas a Bíblia para não ser enganado por falsos profetas que usam o nome de Deus para ganhar dinheiro. Para Mauro, a verdade está na Bíblia. Por isso, o entrevistado diz que procura estudar tanto a Bíblia católica quanto a evangélica. Com isso, reconhece as suas distintas interpretações, mas não se posiciona e usa uma metáfora para explicar a sua religiosidade:

Tem coisas que é tão difícil de explicar, que só se você ou alguma pessoa experimentar, vai entender. Igual eu falei para muitos, eu explico de uma forma assim: tem um chocolate aqui, e eu e você nunca na vida experimentamos, tá bom, a gente não sabe o sabor, o gosto, nunca experimentou, mas já ouviu falar, né, já ouviu falar muito do chocolate, que é isso, que é gostoso, tem algumas pessoas que consome, e fica alegre, fica mais animada. [...] Aí você experimenta [...] e te dá uma alegria, entendeu? [...] Então enquanto a gente não experimentar nunca ninguém vai entender o como é que é um caminho com Deus e um caminho sem Deus.

Na sua fala, a presença de Deus é retratada como uma experiência subjetiva, um encontro pessoal que só pode ser compreendido quando é vivido. Assim, não haveria uma explicação racional para a experiência religiosa. O testemunho revela algo muito íntimo que só poderia ser constatado por quem compartilha da mesma fé.

Valdir indica que frequenta várias Igrejas na prisão e explica que o alojamento da igreja não se restringe a uma única confissão. Justifica que, em comum, todos os presos do alojamento seguem a Bíblia.

No alojamento tem a igreja, só que daí, tipo assim, não tem placa de igreja, né. Só que nós segue o que a Bíblia pede, né. Então Batista Renovada vem aqui fazer visita, a gente assiste o culto deles, a Adventista. Às vezes católico vem, mas no católico a gente num vai, a maioria num vai né.

De acordo com Valdir, os evangélicos participam dos cultos de todas as Igrejas evangélicas, independentemente de qualquer filiação. O entrevistado foca no que existe de comum entre as religiões evangélicas, que é a Bíblia. Os evangélicos, na prisão, não seguem Igreja. Os evangélicos, na prisão, seguem apenas a palavra de Deus. Apesar de ter sido batizado na igreja Adventista do Sétimo Dia, Valdir explica que, na prisão, participa de todos os cultos. Por outro lado, o entrevistado anuncia que, em liberdade, fará uma escolha. O entrevistado reforça que, embora tenha se convertido à Igreja Adventista do Sétimo Dia, não concorda com a sua doutrina e pretende mudar de Igreja. Não pretende seguir a Igreja Adventista, porque não gosta da ideia de guardar o sábado. Apesar de, na prisão, Igreja não

ter placa, na rua, é preciso escolher uma placa, sendo que essa escolha parece ser realizada em função das regras e restrições de cada Igreja.

Tanto é que quando eu sair definitivo eu vou atrás da igreja, mas quando é portaria, como é poucos dia eu prefiro dar mais atenção pro meu pai, né, apesar que tem uma igreja bem do lado, mas só que é Adventista, eu meio que não tô querendo mais seguir a Adventista, né, por causa do guardar o sábado e eu vejo que tem que guardar o sábado, mas não é bem desse jeito, né. Eu vejo os cultos na televisão da Batista Renovada, quero conhecer lá como que é com o pastor Celso e todas igrejas pra ver qual que é melhor, qual que me agrada mais pra mim seguir, né.

Como se vê, a conveniência parece ser um critério na escolha da filiação. A diferença doutrinária não parece ser relevante para que os presos escolham uma confissão, uma vez que frequentam todas - ou quase todas - as atividades religiosas na prisão. Nesse sentido, nenhum entrevistado manifestou preocupação sobre a interpretação bíblica disputada pelas diversas denominações evangélicas. A preocupação, quando surge, diz respeito exclusivamente às regras impostas por elas. Dessa forma, parece que o fator principal para a escolha da Igreja a ser seguida na rua ou mesmo para o ingresso no alojamento evangélico é a disposição pura e simples para seguir certas prescrições e, conseqüentemente, para se abster daquilo que é proibido pelas denominações.

A entrevistadora pergunta a Davi sobre a diferença entre as Igrejas e o entrevistado afirma que não existe diferença com relação à interpretação bíblica e doutrinária nem com relação às práticas.

Não, existe diferenças aí de doutrinas, entendeu, usos e costumes, normalmente a interpretação bíblica é uma só. [...] O que Deus quer de nós é o coração. Deus deixou bem claro isso daí: sacrificio não quero, eu quero obediência. Então Deus quer nossa obediência, que é o nosso servimento a ele, entendeu?

Assim, o entrevistado indica que não há diferenças, porque Deus é um só e Ele só quer obediência, não se importando com os costumes. Apesar disso, na sequência, Davi explica que existe uma diferença grande entre a igreja neopentecostal e a igreja chamada Palavra. De acordo com Davi, a grande diferença é o barulho. O entrevistado afirma que a igreja neopentecostal é uma igreja que faz pregação avivada, que faz muito "auê", muito barulho, muito "Glória a Deus", "Aleluia", "Louvado seja o Senhor", muita "falação de línguas". Explica também que a igreja neopentecostal se pauta na ideologia da "cura e prosperidade", sendo que essas Igrejas seriam procuradas por pessoas em busca de cura de alguma doença, de alguma enfermidade, ou em busca de emprego e riqueza. Em contrapartida, segundo Davi, a igreja Palavra não promete cura e prosperidade, mas apenas a verdade.

A chamada Palavra é aquilo que a gente vem dizer a verdade, entendeu, porque Jesus Ele veio ao mundo pra falar a verdade, Ele não veio pra te prometer

prosperidade, Ele quando chegou Ele falou "no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, porque eu venci o mundo", então Jesus Ele não veio te prometer riquezas, te prometer coisas grandiosas, tá? Ele disse que isso é possível, tá, mas ele falou bem claro: tereis aflições. Ou seja, você vai passar por tribulação, se você não passar por tribulação, é porque você realmente não tá servindo ao Senhor, que uma das coisas claras que a gente vê, isso daí aqueles que servem a Deus, é que aqueles que não servem ao Senhor, Satanás não vai perder tempo, não vai gastar munição contigo, você tá entendendo? Ele vai gastar munição a quem tá servindo a Deus, tá. E é o que Jesus deixou bem claro: você vai ter tribulação, você vai ter aflição, se você não tá tendo, te cuida, olha para sua alma, olha pro seu interior. Será que eu tô servindo a Deus?

Dessa forma, o entrevistado acaba marcando grandes diferenças entre as Igrejas evangélicas, diferenças essas que extrapolam os usos e costumes e que dizem respeito à doutrina pregada por cada uma delas. Apesar disso, reitera que, na cadeia, nada disso importa. Há várias Igrejas, há várias religiões, mas um único interesse.

Agora ali nós temos diversas, é digamos religiões, né? Tem o da Presbiteriana, tem o da Batista, tem o da Adventista, tem o Congregação Cristã, mas ali não tá tendo conflitos de interesse, todo mundo se ajuda, todo mundo se une, entendeu? Ali nos professamos uma única fé, aqui nós não temos uma religião, nós servimos a Cristo, só isso, entendeu. [...] O Deus vai tá na Católica, na Assembleia, na Congregação, na Presbiteriana, em todas, tá? Existem formas diferentes de servir ao Senhor, mas o Deus é um só.

Davi reconhece que existem diferenças, mas explica que essas diferenças desaparecem na prisão. Mesmo que a Adventista seja a Igreja mais atuante nas unidades prisionais pesquisadas e que ela possa ser classificada, de acordo com Davi, como uma igreja Palavra, na prisão, as doutrinas e os rituais se unem por uma única missão.

Ao explicar as regras do alojamento evangélico, Daniel também mostra que as regras são as mesmas, independente de filiação religiosa.

É proibido o uso de bebidas alcoólicas, proibido o uso de drogas, celulares, falso testemunho e contendas, que seria brigas entre nós mesmos. [...] Não são intituladas placas, exemplos Adventista do Sétimo Dia, Assembleia de Deus, a gente não tem um nome, é só galeria evangélica, mas a gente evita programas que sejam vulgares.

Daniel esclarece que o alojamento não é dividido em função de denominações evangélicas. Assim, o entrevistado deixa claro que o alojamento evangélico não leva nome de Igreja. Nas suas palavras: não há placa de Igreja.

Identifica-se, assim, que as diferenças doutrinárias entre os grupos evangélicos não são relevantes no interior das unidades penais pesquisadas. Na CCM, onde há uma galeria evangélica dividida entre duas igrejas, Adventista de Sétimo Dia e Igreja Universal do Reino de Deus, esta divisão só se justifica pela facilidade de movimentação dos presos para os cultos, sendo que não há, pelo menos no discurso dos presos entrevistados - todos integrantes da Adventista - diferenças no código de conduta de uma e outra Igreja. De outra parte, na

CPIM, essa indiferenciação se manifesta no trânsito dos evangélicos por diferentes denominações. Essa mobilidade segue critérios de conveniência, sendo que os internos - mesmo aqueles batizados - declararam que participam de todos os cultos e que farão a escolha de qual Igreja seguir apenas quando estiverem livres, oportunidade em que avaliarão a compatibilidade das prescrições de cada uma com as suas disposições pessoais.

Dessa forma, os dados apresentados corroboram o que já havia sido identificado por Edileuza Lobo⁴⁰⁴, Rita Segato⁴⁰⁵, Camila Dias⁴⁰⁶, Maria Carolina Andery⁴⁰⁷ e Ana Beatriz Pereira⁴⁰⁸: as diferenças constitutivas das vertentes pentecostais não aparecem nas práticas religiosas dentro da prisão, justificando o emprego do termo evangélico como referência a todos os perfis cristãos não católicos, uma vez que, nesse universo social específico que é a prisão, os evangélicos compõem um grupo homogêneo. Dessa forma, as diferenças organizacionais, teológicas e litúrgicas que, em outras circunstâncias, ensejam crenças e comportamentos distintos, desaparecem nas instituições prisionais, dando lugar a práticas religiosas uniformes e um modo de "ser evangélico" comum. Ao que parece, os detentos minimizam diferenças doutrinárias entre as diversas denominações em favor da consolidação de um espaço evangélico na prisão. Assim, os evangélicos conseguem manter a unidade do grupo e incentivar a conversão de outros detentos.

Consequência dessa indistinção religiosa na prisão é que o detento não tem escolha. Para se mudar para a igreja, ele precisa aderir a um código moral que é comum a qualquer denominação evangélica, distinguindo-se, porém, do código da massa. Assim, na prisão, não há autonomia sequer para escolher a qual Igreja se vincular, porque a igreja é uma só. Porém, muitos entrevistados anunciam que essa escolha será feita na rua, observadas as prescrições e rituais de cada denominação.

⁴⁰⁴ LOBO, Edileuza Santana. Católicos e evangélicos em prisões do Rio de Janeiro. *Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, n. 61, p. 22–29, 2005.

⁴⁰⁵ SEGATO, Rita Laura. Religião, vida carcerária e direitos humanos. *Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, n. 61, p. 40–45, 2005.

⁴⁰⁶ DIAS, Camila Caldeira Nunes. *A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo: religião e violência na prisão*. São Paulo: Humanitas, 2008. P. 101.

⁴⁰⁷ ANDERY, Maria Carolina Rissoni. *Emancipação e submissão por meio da religião?: histórias de vida no Presídio da Polícia Militar "Romão Gomes"*. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

⁴⁰⁸ PEREIRA, Ana Beatriz de Vilhena. *"São os evangélicos que seguram essa cadeia, se não fossem eles, quem iria converter os mauzão?"*: considerações sobre o papel do "proceder evangélico" na prisão. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

3.2 ROTINA EVANGÉLICA NA PRISÃO: REGRA SOBREPOSTA A REGRA

A rotina diária do preso que mora na galeria evangélica na prisão inclui vários momentos de cultos, leituras bíblicas e orações e é caracterizada por restrições de variadas espécies. O alojamento evangélico conta com leis para reger seu grupo social, a fim de ordenar a convivência na igreja. Existem regras de convívio adicionais e sobrepostas àquelas prescritas pela instituição. Algumas coincidem com determinações legais e administrativas e outras são somadas a estas na tentativa de garantir a distinção entre os evangélicos e a massa carcerária. Essa composição do código de conduta da religião e da prisão é que configura o status do evangélico na prisão e redefine as relações com a massa e com os funcionários da instituição. Revela-se, assim, a distribuição do poder de punir e a capilarização das técnicas disciplinares.

Segundo informa Tadeu, os evangélicos seguem as regras da unidade e evitam ser confundidos com a massa na medida em que não compartilham da mesma comunidade discursiva. Os crentes não falam como presos, embora estejam presos. Dessa forma, procuram afastar-se da massa carcerária, seguindo rígidas prescrições comportamentais e rejeitando o acesso a bens de consumo supervalorizados dentro da prisão, como celulares e drogas.

Olha, aqueles que mora dentro da ala evangélica evita aqueles que quer fumar, aqueles que quer ter... a turma fala "radinho", é linguagem de cadeia, mas é celular, droga, maconha, essas coisas, dentro da igreja você tá livre desse... Se vem alguém que quer trazer alguma coisa não é permitido pelo..., porque sempre tem um cabeça dentro da igreja que não aceita esse tipo de coisa. Se você quer vir para buscar Deus, você vai vir para buscar Deus. Você vai vir, por mais que você ainda não foi convertido, quer se converter, então esse é o caminho. Nós acolhemos de braços aberto. Mas se for pra querer vir pra cá trazer transtorno, cigarro, maconha ou cocaína, ou celular, não tem brecha. Então isso é um alívio para aqueles que busca a Deus. Isso é muito importante, porque quando cai algo dentro da galeria que você tá, fica mal visto.

Como se vê, na ala evangélica vigoram leis mais rígidas do que as próprias diretrizes dos estabelecimentos prisionais e também mais rígidas do que as prescrições das Igrejas da rua. Na prisão, por exemplo, o evangélico não pode fumar e não pode ver determinados canais de tv, práticas perfeitamente admitidas em outras circunstâncias. O exercício religioso na prisão impõe uma espécie de reclusão dentro da própria reclusão.

Por outro lado, Tadeu explica a vantagem das proibições impostas: como faltas disciplinares não são admitidas na igreja, também não há sanções coletivas e retaliações por parte dos guardas.

Ó, igual falo pra senhora, dentro da igreja não aceita radinho, pessoa, porque o problema do convívio é o seguinte: se a geral pega um negócio lá, eles quer que

todo mundo abraça a causa. O cara que não tá fazendo parte ali, eles querem que entre. Vai ter condena. Então isso aí complica muito. Eu conheço várias pessoa que fala "ah, não, não aguento mais saber de tá lá"... Veio um aval do PCC lá de cima, todo mundo tem que aceitar. Vamos pegar, vamos pegar cadeia [...] Se tá no convívio, todo mundo tem que... Então muitos se atrasam sem dívida, sem culpa, a senhora entendeu? Então isso, na igreja não existe esse tipo de coisa.

Ao ser questionado sobre como funciona a rotina em uma galeria evangélica na prisão, Lázaro explica e justifica as regras que impõem restrições ao acesso à programação da televisão. Afirmo que é preciso saber usar a televisão e que essa experiência foi importante para ele, tendo aprendido com a disciplina imposta por cada cela da igreja por onde já passou. Nesse contexto, também afirmo que a prisão foi uma experiência de aprendizado e que ela pode servir para aprender sobre violar a lei ou sobre seguir as ordens.

A rotina que... todos cubículo têm televisão, né, é, rotina é muito, é assim, a gente não pode assistir tudo que tem na televisão. É, já passei em X evangélica que a gente num assistia novela, não assistia Faustão, tinha as programação certa pra gente assistir, né. Mas era jornal e futebol era liberado, né, mas dependendo da X evangélica, a gente num podia... tinha regra, né, não assistir tudo que... Que a televisão é igual carro, você tem que saber usar. Se não nem tudo pode assistir, então pra mim foi uma grande experiência de num assistir, seguir as ordens, né. Cada cubículo tinha uma ordem né, então pra mim foi uma grande experiência e cada vez a gente vai aprendendo cada vez mais, né? A gente nunca sabe de tudo, sempre, sempre a gente tem algo mais a aprender. A gente nunca sabe de tudo, então a prisão pra mim foi uma grande experiência. Que aqui é um colégio pra quem quer aprender, é uma faculdade, agora aqueles que não quer aprender, é uma faculdade do crime. Pra pessoa que quer aprender, se ele puxar um ano de cadeia, ela aprende. Agora, aqueles que não quer aprender, pode puxar 5, 10 que sai daqui ele vai cometer crime, que eu conheci pessoa que puxou vários anos de cadeia e aí você tá ali assistindo um jornal, quando vê, a pessoa cai em cilada roubando. E então quer dizer que você vê que aquela pessoa passou por vários ano na cadeia e não aprendeu, né. Igual na liberdade também, né? Tem, tem pessoa que não quer aprender, não busca, não aprende. Parece que é o dom, né. Cada um tem um dom, cada um tem um QI, né? É, é o ser humano, né, cada um são identificado cada um com outro. Tem uns que tem o crime já na memória, né. Esses aí, é igual o vício, né? Um dia eu quando eu tava lá na PEM lá, tinha uma professora que ela veio dar curso de ervas medicinais pra nós, né, aí ela tava comentando que tinha um aluno dela que foi internado 27 vezes. Quanto vício, né? Então, se foi internado 27 vezes e não aprendeu, é porque não quer aprender mesmo, né? Não precisava de ser 27 vezes. Uma vez, duas, se a pessoa quer aprender, com uma vez só aprende, mas nem todos pensa assim, né.

O entrevistado explica que existem regras na galeria evangélica, como a proibição de assistir determinadas programações na tv. Nas suas palavras: "televisão é igual carro, você tem que saber usar". Ou seja, é feito um filtro de quais canais e programas são adequados para os crentes, restringindo-se aquilo que é considerado inapropriado. Lázaro qualifica como uma grande experiência viver tais restrições, sugerindo que seguir as ordens da galeria seria algo favorável e positivo, tendo aprendido muito com esta ordem. O entrevistado parece confundir galeria evangélica, ordem e prisão e associar tudo à uma disciplina ou a uma pedagogia responsável pelo crescimento e aprendizado dos presos. Para

ele, a prisão é uma faculdade, que pode ensinar a seguir o caminho de Deus ou o caminho do crime. Assim, a prisão é vista como uma oportunidade de aprendizado. Na leitura de Lázaro, esse aprendizado só não é bom por escolha exclusiva do preso, que é levado por suas próprias fraquezas de volta para o crime. O crime é equiparado ao vício, sendo que, para Lázaro, a pessoa não aprende a se livrar dele por exclusiva falta de força de vontade. Segundo a visão de Lázaro, a prisão e a religião, juntas, oferecem uma oportunidade de aprendizado que só não é aproveitada por aqueles que seguem viciados no crime. Seja como for, o que se destaca é que o exercício religioso se confunde com a prisão porque complementa a sua disciplina. Ainda sobre as regras da galeria evangélica, Lázaro aponta:

Não falar palavrão, não brigar, que é o principal, né. E se alguém entra em briga com alguém dentro do X - que às vezes pode acontecer e já aconteceu, né -, aí o dia de pátio eles faz uma reunião lá, né? [...] Cada cubículo tem um chefe, de... cada cubículo, da CCM tem, onde eu passei na PEM tem, sempre tem um que, que passa as ordens, né.

Nesta parte, o entrevistado explica como são resolvidos os conflitos entre presos evangélicos. Segundo ele, é feita uma reunião no pátio, para que um peça desculpa ao outro e, caso o conflito seja mantido, é preciso fazer uma troca de cela. Com isso, identifica-se uma combinação de regras que interessam também à administração.

Ao ser perguntado sobre como é a rotina em uma ala evangélica na prisão, Isac começa dizendo que, para ele, "não foi nada difícil", o que, por si só, já indica que outras pessoas podem ter encontrado alguma dificuldade. O entrevistado descreve a ala evangélica como um lugar com proibições: não pode fumar, falar palavrão, brigar e assistir determinadas programações na tv. A ala evangélica é lugar de buscar a Deus e, para alcançá-lo, Isac explica que é preciso abandonar as coisas da terra.

Bom, pra mim não foi nada difícil, porque eu queria encontrar Deus, mas tem algumas coisas e de, nós temos normas, né. Logicamente que fumar não pode, falar palavrão não pode, é, é, briga não pode, né? Então é essas coisas a gente já fala... televisão, muitas vezes, só coisas evangélicas, né? Mas pode assistir um filme, pode assistir uma notícia, mas não ficcionar o seu pensamento só naquilo. A gente tem outro propósito, né? A gente, nossa linha é buscar, né, as coisas do céu, né, não da terra, né, porque aquele que ama as coisas da terra não pode adorar Deus. A visão é mais ou menos essa, né? Que a gente tem. [...] Eu vou explicar pra você. Se a pessoa tá na igreja com a cabeça lá fora, então ele não tá na igreja, ele tá apenas o corpo dele tá na igreja, né? E com o tempo ele vai acabar desistindo, mas tem aquele que vem por uma situação difícil, por uma perda, por um, por uma morte na família, por um desespero, por coisas assim. Acontece que não tem saída. E eles vão lá pra buscar Deus, então a gente tem que ter preparado com essas pessoas pra que as outras não contaminem essas pessoas, né. Essas pessoas são essencial, são as mais fráglil e as que mais precisa de Deus não, todas precisam de Deus, né? Mas a gente tem que saber qual linha de pensamento e aonde essas pessoas querem chegar.

Segundo Isac, as pessoas procuram Deus após um processo de perda e sofrimento. O entrevistado explica que as pessoas que procuram a igreja devem ser isoladas do convívio para não se contaminarem e se manterem firmes no propósito de buscar Deus. Para adorar a Deus, há que se buscar as coisas do céu, abdicando das coisas da terra. Para isso, é preciso seguir as regras da igreja. Questionado sobre as punições ao descumprimento das regras da igreja, Isac explica:

A primeira é verbal, a segunda - logicamente a gente usa os temas bíblicos, né? A primeira a gente conversa, ensina e orienta; a segunda a gente ensina e corrige; e a terceira a gente pede pra se retirar da igreja. É uma tristeza, por que quem somos nós pra tirar uma pessoa da igreja se Jesus Ele foi atrás, né? Quem somos nós, mas tem que ter uma norma. Por quê? Porque os outros sabe que tem uma norma, né. Não é rigidez, porque todo mundo concorda, porque quando você entra na porta, tem lá, e você vai ler. Eu concordo. Você concorda com isso? Então seja bem-vindo na nossa casa. Não é verdade? Então não é nada forçado, mas se a pessoa vai pra lá e depois começa a contaminar a outra pessoa que tá com Deus assim, falando "vamos fazer isso aqui, vamos...". Então eu acho que não é certo.

Como se vê, o preso que descumprir as regras da igreja recebe uma advertência verbal, podendo inclusive ser expulso do alojamento. A expulsão serve para evitar que aquele que orienta sua conduta conforme as diretrizes da igreja não seja contaminado pelo infrator. Segundo Isac, as normas estão escritas e coladas na porta do próprio alojamento, sendo que a entrada para a igreja está condicionada à adesão às suas normas.

Ó, eu acho que é uma decisão aí é muito íntima, é do coração. Por quê? Porque não envolve só a o grupo igual de uma cadeia, envolve sua vida particular, sua vida sentimental, sua vida emocional, né? Eu acho que essas escolhas cada um tem que fazer a sua, né? Aonde que a pessoa quer chegar? [...] aqui a pessoa tem o livre arbítrio de escolher: "não, eu não quero, quero ficar no convívio".

Nessa parte, Isac enfatiza que toda pessoa tem o livre arbítrio, podendo escolher se quer residir no alojamento evangélico e seguir as normas da igreja. Portanto, para o entrevistado, não há qualquer coação, já que as normas, além de serem claras, são de conhecimento de todos. Trata-se de uma escolha particular do sujeito que impacta toda a sua vida dentro e fora da prisão, cabendo apenas a ele decidir o seu caminho.

Apesar de a prisão implicar na sobreposição de regras dispostas por todos os coletivos que integram o seu universo, não se pode ignorar que, tradicionalmente, fora da prisão, a Igreja também dispõe de um código de conduta a ser seguido pelo converso. Isso também aparece na fala dos entrevistados. Natan afirma que é evangélico, mas está afastado. O entrevistado explica que, embora esporadicamente frequente cultos na cadeia e já tenha participado da Igreja evangélica antes de ser preso, hoje não segue as regras/costumes para ser considerado um legítimo evangélico. Isto é, não se comporta como crente, porque não se dedica à Igreja. Apenas participa de algumas atividades, "sem compromisso".

Na real hoje eu to bem afastado, mas eu sou evangélico. Eu já vivi muito tempo na igreja. [...] Eu tento buscar Deus, às vezes encontro. Porque eu vou ser sincero com a senhora. É, tem coisa aqui dentro que a pessoa fala e não cumpre, então para mim ou eu sigo focado naquilo ou eu não sigo, entendeu? Aí magoa muito eu, igual quando eu, como vou falar pra senhora, eu passar numa rua, eu vejo a senhora caída lá e não poder ajudar a senhora. Eu virar a cara e ir embora. Então pra mim eu acho que não é certo aquilo dali. Então eu tento seguir o correto. [...] A pessoa, vamos supor, a senhora tá aqui dentro, a senhora conheceu Jesus aqui dentro. Tem pessoas que seguem a palavra correta, mas tem pessoas que leva as coisas muito na brincadeira. E isso pra mim me entristece muito, mesmo com eu desviado - desviado não, que desviado diz que é o bicho né -, afastado da Igreja, eu me sinto mal por isso. [...] Só que pra mim os crente vou ser sincero com a senhora, crente de dentro da cadeia, que se batiza, fala que é bispo, fala que é pastor, tá ali, prega aquela benção, mas chega ali no canto, já quer brigar com irmão, já quer discutir, já quer falar piadinha que não agrada a gente, entendeu? Então pra mim me entristece isso aí, que daí pra mim eu já levo que tá brincando com a palavra de Deus. [...] Eu fiquei oito anos na igreja na rua. Antes de eu vir preso, eu fiquei oito anos. A minha vida era igreja-serviço-casa-e-monte, orando no monte. Então eu aprendi uma doutrina e levar a palavra de Deus com sinceridade, sem, a senhora não viu hoje, os outros vê eu brincando, mas quando eu tava na igreja, não via eu brincando, não via eu dando risada à toa, sempre cabeça baixa, só, olhava pro olho da senhora igual eu to olhando agora se a senhora perguntasse alguma coisa pra mim. Se não era sempre cabeça baixa. Então por isso que eu aprendi desse jeito, que a palavra de Deus a gente tem que levar ela certa. Não adianta a gente, eu tava levando, ter acabado de orar aqui já olho pra senhora pra começar com piadinha que não agrada a Deus.

Natan se incomoda com a "falta de seriedade" de alguns crentes. Segundo informa, alguns evangélicos não seguem o protocolo de Igreja. Para ele, evangélico não pode fazer brincadeira, não pode discutir. Para ele, evangélico deve andar de cabeça baixa. Natan segue aquilo que acha correto. Como não quer se submeter aos propósitos da Igreja, qualifica-se como um "evangélico afastado". Fala do seu vínculo com a Igreja antes de ser preso, afirma participar de algumas atividades da Igreja na prisão, mas escolheu não assumir a identidade evangélica. A distância lhe permite agir ao seu modo sem ter uma postura cobrada pela massa. Natan afirma que há pessoas que se intitulam crentes, mas não seguem a palavra correta, porque fazem piada e brigam. Segundo Natan, fazer piada com as pessoas é brincar com Deus e discutir com irmão não agrada a Deus. Por isso, o evangélico não deve fazer essas coisas. O entrevistado explica que, quando era evangélico praticante, um verdadeiro crente, levava a palavra de Deus a sério. Sua vida era resumida à "igreja-serviço-casa-e-monte", ou seja, louvar-trabalhar-descansar-orar, sem brincadeiras, de cabeça baixa, curvado à Deus. Com isso, percebe-se que crente é aquele que vive intensamente a religião. Por outro lado, questionado sobre as diferenças entre viver a religião na prisão e fora dela, Natan critica as restrições impostas pela igreja da prisão.

Se levar a palavra de Deus, fala religião, não importa o que ela seja, a católica ou a evangélica, se a senhora tiver firme com Deus, eu acho que seria, o correto é a mesma coisa. Se a gente, eu vou pôr por mim, eu, igual teve um irmão esses dias que falou para mim: "ah, mas dentro da minha galeria na cadeia, eu não posso assistir televisão, eu não posso assistir esse programa, eu não posso assistir

aqui". É uma coisa que eu já achei errado. Eu achei errado por que? Ah mas vou assistir o Faustão. Ué por que você não pode assistir o Faustão? Pode passar uma reportagem que vai interessar você. "Ah mas eu sou evangélico". Qual que tem a ver? "Ah mas tem mulher de short curto lá". Eu olho pra pessoa, eu olho, se a senhora for uma crente, então a hora que a senhora sair lá fora tem que furar os dois olhos da senhora, porque se a senhora não tiver firme com pensamento ali, não vai adiantar nada, se a senhora tá na rua, a senhora vê o jeito que tá hoje em vista de antigamente, as mulher andava bem mais vestida, bem mais confortável, hoje a mente do cara tem que tá focada corretamente num objetivo, que é firmar com Deus e ficar. Agora eu vou julgar a senhora, eu moro num barraco evangélico, mas não posso assistir isso por quê? Porque passa isso passa aquilo? Eu acho que não é meu coração que tem que decidir o que eu quero da minha vida? Eu tenho que assistir o que eu quero, se eu falar assim ó: "eu vou sair daqui, eu vou matar a pessoa ali". Você acha que Deus vai agradecer? Não vai.

O entrevistado sugere que é preciso ser coerente e agir em liberdade da mesma forma que agia enquanto estava preso, porque a palavra de Deus é a mesma. Assim, independentemente da religião professada, Natan entende que não pode haver diferença de conduta. Em outras palavras, o correto é correto em qualquer lugar, seja na prisão, seja na rua. Portanto, só haveria uma via para seguir. Natan não mora no alojamento evangélico e critica as regras aplicadas pela igreja. Para ele, as pessoas devem seguir o próprio sentimento e fazer aquilo que agrada a Deus. Por isso, não segue as regras da igreja.

Carlos conta que muitos presos do convívio pedem para ir para a galeria evangélica. O entrevistado afirma que alguns são tocados no coração. No entanto, o ingresso na galeria só aconteceria após uma avaliação do candidato. De acordo com Carlos, a pessoa precisa ser transparente para ser admitida na igreja. Isso quer dizer que ela precisa revelar se tem algum conflito com o convívio. Além disso, precisa aceitar a doutrina da igreja e seguir a cartilha da galeria.

E tem muitos que, que vão lá no convívio, que às vezes Deus toca no coração também e resolve mudar de vida. Aí eles vêm e pedem aí pra gente, aí a gente vamos ver a situação da pessoa, né, que que tá acontecendo, se ela tem alguma briga, se ela tá correndo, que que é que tá acontecendo, tem uma certa doutrina na igreja, né. Aí só que aí tudo é conversado né, só que tem que ter uma certa assim, vamos dizer assim, a gente fala transparência, a pessoa ela tem que ser verdadeira, não importa o que for. Mas ela tem que passar pra gente pra gente saber quem a gente tá acolhendo dentro da igreja. Aí a pessoa na igreja tem a doutrina que tem os horários de culto, tem os dias né que a pessoa tem que participar, a pessoa participa [...]. Reúne o pessoal, faz o curso, tem programações de televisão, não são todas que é assistida, entendeu, mas a prioridade é programação evangélica, o canal evangélico, louvores, a gente escuta muito louvor, entendeu, pela televisão e é assim que a gente convive dentro do alojamento evangélico, em oração, muita oração.

Assim, a transferência do convívio para a galeria evangélica exige e, simultaneamente, impõe uma mudança de vida. Em função disso, conforme descreve Carlos, é feita uma análise do pedido do preso para ser transferido. Os evangélicos procuram conhecer a motivação do candidato a novo morador da galeria e condicionam a permissão

para morar na galeria à transparência do candidato. Ele, em tese, precisa esclarecer se tem algum conflito no convívio e apresentar o seu histórico. Aceito, terá que se submeter à rotina da galeria, participar dos cultos, dos cursos bíblicos e viver fazendo muita oração. Além disso, deve se acostumar a não assistir mais à programação de tv proibida na galeria evangélica. Essa proibição, aliás, é justificada por Carlos no seguinte trecho:

Como é que você é evangélico, você tá mudando de vida e você vai ficar assistindo o negócio que tem roubo, que tem droga, que tem prostituição, que tem adultério, que é o que mais tem, é tudo contra as leis de Deus, você vai ficar assistindo um negócio daquele ali, num convém né, não convém ao alojamento esse negócio de filme com cenas de sexo, é, cenas fortes essas coisas também a gente não assiste também não.

Importante destacar ainda que, se a dinâmica prisional impõe um conjunto de regras, os grupos que organizam essa dinâmica também controlam a sua aplicação. Durante a sua entrevista, Carlos menciona várias vezes a palavra "cobrança", indicando que, se o preso não seguir as regras da igreja, será cobrado por isso. Como as regras não interessam apenas à igreja, a cobrança também não é feita só por ela.

Não tem uso de nenhuma substância, ou cigarro, bebida ou até celular a gente não usa, não tem, isso aí não tem, não existe no alojamento evangélico, entendeu? E até mesmo as pessoas que nem aqui mesmo muita gente sai pra trabalhar, às vezes a pessoa sai, vai trabalhar e volta, você não sabe, porque você não tá vendo o que a pessoa tá fazendo lá na rua, né, pessoal voltar meio alterado também é cobrado, entendeu, pode ocorrer até uma saída do alojamento, se a pessoa não, vamos supor, a pessoa tá saindo lá, tá fazendo um monte de coisa errada lá na rua e depois volta aqui, vai pro alojamento evangélico.

Como se vê, o controle não chega a ser frustrado nem no regime semiaberto, embora a pessoa possa sair e passe o dia trabalhando fora da unidade. O que é feito na rua também é cobrado. O evangélico é cobrado por cada uma das suas ações. O evangélico é cobrado pela igreja e pelo convívio, o que leva a concluir que, se ele agir errado, será condenado pelo convívio e expulso pela igreja, lhe restando apenas o seguro, que representa a exclusão absoluta.

Mauro explica que o alojamento evangélico é composto por pessoas de diferentes entendimentos, sendo que algumas delas ainda estão começando a aprender sobre a Palavra de Deus e, de acordo com o entrevistado, "servem erradamente a Deus". A entrevistadora pergunta a Mauro o que é servir erradamente a Deus e ele responde:

Tem uma lei dentro da Bíblia, porque a Bíblia é mundial né, tem uma lei dentro da Bíblia que é muito simples de entender. Às vezes a pessoa faz uma coisa a mais. Por quê? Porque no tempo de Jesus também existiam os judeus, né, os judeus que não acreditavam nele, eles faz, eles, como se diz, eles agregavam leis humanas às coisas de Deus. E Jesus falou pra eles "vocês dão atenção à tradição de homens e deixam de lado o Estatuto de Deus", falou pra eles. Então hoje em dia também existe isso. Tem pessoas, tem religião ali que estão fazendo mais leis humanas, dando mais, venerando mais essas coisas ali e estão, sem querer, estão deixando

de lado o que tá escrito lá na própria lei de Deus, né, que são coisas simples, mas às vezes a pessoa lê, lê sem, sem direção de Deus e acaba entendendo de uma outra forma, e aí começa as coisas, um entendimento diferente, né.

Segundo sugere Mauro, embora as leis bíblicas sejam perfeitamente compreensíveis, muitas pessoas distorcem a sua leitura e criam regras que destoam das leis de Deus. Portanto, para o entrevistado, há um jeito certo de servir a Deus, que, muitas vezes, é ignorado mesmo por quem afirma estar servindo a Ele. Assim, segundo Mauro, há que se tomar cuidado com as regras criadas por aqueles que se dizem evangélicos, porque, muitas vezes, ao invés de simplesmente seguir o Estatuto de Deus, eles podem estar criando leis que vão de encontro com a lei de Deus.

Valdir explica que a ala da igreja de cada unidade prisional tem regras diferentes. Assim como as normas, a rotina também é diferente, porque a rotina é determinada pela norma. De acordo com o entrevistado, a principal restrição mencionada e sentida pelos evangélicos parece ser a proibição de assistir a determinados canais de televisão. Essa proibição é comentada por todos os entrevistados e sua relevância pode ser interpretada como consequência da falta de atividades oferecidas no sistema prisional. Aos presos, parece que só resta assistir à tv. Aos evangélicos, menos que isso.

Bom, na CCM lá a gente era em menos gente, né, que nosso alojamento era em 6, aí 1 hora da tarde a gente fazia um culto, lia uma palavra, cantava uns louvores, depois, era normal né, bem dizer assim só esse horário que a gente fazia de igreja, né, o resto era televisão normal, essas coisas. Aí quando eu vim aqui pro CPIM aí não, aí já é mais, um pouquinho mais rígido que se diz, toda sexta, sábado e domingo tem culto, tem horário pra coisa evangélica e poucos pra normal na televisão, tipo futebol pode assistir e alguns filmes, mas muitos programas já não pode assistir, então tem que dar mais horário pra coisa da igreja, né, que nem os culto que passa na televisão ou mesmo louvar, né.

Conforme indica Valdir, as restrições não são comuns às igrejas de todas as cadeias, sendo algumas mais flexíveis que outras, com mais ou menos atividades religiosas, umas mais Igrejas e outras menos Igrejas.

O mais relevante critério apontado para que o preso seja admitido no alojamento evangélico e não seja expulso dele é o cumprimento das regras do alojamento. Como relata Davi, embora se espere que o preso se torne evangélico, isso não é exigido. Entretanto, é necessário que mude seu comportamento e se adeque à rotina dos da igreja, seguindo as suas regras e vivendo de acordo com as suas prescrições.

Aí o que eu posso e devo exigir depois de um certo tempo? A sua mudança. Se não aconteceu mudança, infelizmente, mas aconteceu conosco aí pessoas que ficou com nós ali 6 meses e não foi convidado a sair, ele não se tornou evangélico, mas não deu trabalho nenhum, vivia de bem com todo mundo, não tem porquê de tirar, você tá entendendo? [...] Aqui dentro você tem que respeitar nós, você tá entendendo, é assim que funciona a igreja, nós não podemos digamos assim forçar nada, e nós temos que aceitar porque isso faz parte da nossa doutrina, você tá

entendendo? Eu venho como estou, agora a mudança quem vai proporcionar é o Espírito Santo, então você pode e deve ter qualquer defeito, você vai ser bem-vindo em nosso meio, desde que você queira. A única imposição é isso: "ó, Andressa, nós termos essa disciplina a cumprir, você vai conseguir se encaixar?", "mas qual que é?", "ó, nós não aceitamos aqui dentro droga, não aceitamos bebida, não aceitamos no caso cigarro", "ah, não, isso daí pra mim é mole". Então beleza, então você vai ser bem-vindo, né?

Davi explica que, para morar no alojamento evangélico, basta seguir as regras do alojamento evangélico. Assim, não precisa se converter, mas tão somente obedecer. O único requisito para não ser expulso é não causar problema e não causar problema é sinônimo de seguir religiosamente as normas da igreja. Além disso, Davi afirma que os crentes são as ovelhas da cadeia, porque não fazem mal a ninguém: não prejudicam a facção e não desobedecem a direção. É possível extrair da análise da entrevista de Davi que as regras da igreja são úteis para a administração e para a facção.

Nós não, digamos, não quebramos nada, nós não brigamos com os guardas, nós somos todo, tipo as ovelhinhas, entendeu? Os guardas não brigam com a gente e nós não brigamos com os guardas, entendeu? [...]. E na véspera do ano novo, tem uma dessas galerias aí que já mudou nesse lugar, teve acho que dois ou três aí que já meteram o pé, já quebraram a parte nova ali e fugiram, entendeu? Aí pergunta lá ao pessoal, nós nunca fizemos nada e nunca vamos fazer, entendeu? Tanto é que uma das primeiras coisas que foi feita, né, o chefe da guarda chamou, né, no caso o nosso líder lá pra conversar. Que que vocês estão sabendo? Nós também não somos dedo duro, nós não tamos aqui pra dedar ninguém, "ó a gente tem ouvido mais?", "o que que vocês", "não, nós não vamos apoiar", entendeu? Que a igreja não apoia coisas ruins, entendeu? Nós estamos aí pra apoiar coisas boas, você veio com uma proposta de mudança, você é bem-vinda, agora se você veio pra tipo tumultuar a nossa igreja, vai ser mal-vinda, nós vamos te colocar pra fora, [...] mês atrás mais ou menos teve um lá que infelizmente nós tiramos pra fora, entendeu? Porque tipo assim, o crente ele não pode ser bobo, ele tem que ser justo, tá certo, e foi um desse que entrou lá, tava fumando droga no nosso banheiro lá e tal, e aí foi falado e ele foi ficar bravo aí, entendeu? Aí infelizmente nós tivemos que chamar lá os guardas e levar ele, ele tá lá no seguro agora, entendeu? [...] foi falado que ele tava dando problema e que se ele não saísse ia ter consequências, e os guardas sabe que nós nunca ameaçamos nada, se ameaça pode acontecer, então eles tipo atende o que a gente pede, entendeu? Que nós nunca pedimos nada de anormal pra eles, então se eu pedir por exemplo pra tirar você, eles sabem que alguma coisa de errado você tem, porque senão pode acontecer, porque até então nós não permitimos, você tá entendendo? Então aconteceu faz um mês mais ou menos, nós tivemos que tirar alguém do nosso meio, tá, é aquela chamada, me perdoa o termo, mas aquela batata podre de dentro do saco (risos).

Davi retrata a confiança depositada pela direção da prisão no agrupamento evangélico. O entrevistado aproveita para explicar que, embora os crentes colaborem com a administração cumprindo as regras da cadeia, de outra parte, recusam-se a fazer o papel de delatores e ajudar a direção a identificar culpados por alguma infração. Conforme o entrevistado, a igreja não apoia a indisciplina, mas não atua contra a própria classe, porque também está presa. Por outro lado, é possível dizer que a atuação dos evangélicos se confunde com a dos guardas na medida em que, mesmo não praticando delação, policiam o

seu alojamento, aplicando aos infratores a maior sanção possível, sua expulsão. Ao sugerir que crente não pode mentir, mas também não pode delatar, Davi mostra que crente na prisão precisa transitar entre dois códigos: do crime e da igreja.

Mateus explica que, na CCM, a galeria da igreja é vizinha da galeria do seguro e também fica próxima da galeria do implante⁴⁰⁹, mas que os evangélicos não podem ficar conversando com os vizinhos, pois isso configura, nas suas palavras, uma "contravenção".

Nós não pode ficar comunicando, que já não é bom, nós tamo numa igreja, nós não pode ficar com comunicação assim com eles, se torna contravenção. E nós não pode, né? [...] Porque na verdade nós tamo buscando a Deus, eles não tão, aí os palavreado dele é outro, os desejos deles são outros e nós não pode muito se envolver assim, porque nós tamos buscando a Deus, nós não pode se envolver em qualquer conversa, assim, você entende? [...] Então, nós não conversa, porque eles ficam do outro lado da galeria. Eles ficam do outro lado, daí nós não procura ficar gritando muito de uma galeria pra outra pra não dar mau exemplo, porque às vezes os funcionários mesmo eles não gosta que fica gritando.

Dessa forma, Mateus indica que os evangélicos são proibidos de conversar com a massa carcerária, porque não compartilham os mesmos desejos, os mesmos interesses, os mesmos assuntos e se distinguem inclusive no linguajar. Os evangélicos têm outro modo de se comunicar, diferenciando-se na escolha do vocabulário, no volume da voz e no conteúdo daquilo que falam. Mateus sugere que o grupo não usa palavras inapropriadas, não grita e não conversa sobre determinados assuntos. Segundo Mateus, os evangélicos devem falar baixo e não devem estimular a gritaria na cadeia, evitando usar este recurso para contactar presos das galerias próximas. Os evangélicos consubstanciam, assim, dois dos seus objetivos: não desagradar os funcionários e dar exemplo de boa conduta, bem como ter a aprovação dos demais presos.

O entrevistado conta que, além de ficar gritando e conversando com o pessoal do implante e do seguro, os evangélicos também não podem conversar entre si sobre os acontecimentos do passado, que incluem os crimes cometidos e as coisas do mundo supostamente abandonadas. A justificativa dada para a existência dessa norma é a de que falar coisas erradas poderia estimular o desejo de realizá-las, o que prejudicaria o converso na medida em que o afastaria de Deus. Assim as regras da igreja buscam inibir a vontade de voltar para o crime. Quanto mais perto do crime, mais longe de Deus.

No barraco, na cela que nós tá nós tem umas normas lá né, num ficar falando muitas coisas do crime, coisas do passado que aconteceu, evitando de falar desejos de fazer coisas erradas, coisas do mundo que fazia tempos atrás né, pra não ficar alimentando o nosso coração de desejos que pode nos prejudicar futuramente e

⁴⁰⁹ Galeria do implante é o setor onde ficam os presos que trabalham e ganham remição de pena. Assim, trata-se de uma área onde moram os presos que fazem artesanato e, a cada três dias trabalhados, tem um dia de pena descontada.

nos afastar da presença do Senhor, e nós respeita um o outro ali o máximo possível, permanecendo na presença do Senhor no nosso dia a dia.

Portanto, de acordo com Mateus, são regras da galeria evangélica: não se misturar com a massa carcerária, não gritar, não usar expressões do mundo do crime, não falar sobre crime e passado.

Antes de ir para a galeria evangélica, Tiago conta que mexia com "contraversão". O entrevistado usa várias vezes a palavra "contraversão", que parece remeter à palavra contravenção. Contravenção, na linguagem jurídica, é uma pequena infração penal. Contravenção, na cadeia, é sinônimo de falta grave.

Contraversão é você ter celular dentro da cadeia, é você ter droga, é muitas vezes você desrespeitar um funcionário, dependendo do que você falar com o funcionário. Então são coisas que são proibido dentro de um presídio, é você ter faca, você ter ferro, então são coisas, isso são contraversões, entendeu? E antes de eu voltar pra esse caminho eu fazia isso, eu mexia com contraversão, eu caí com celular, eu caí com chip e isso dá falta grave, então isso ela tipo assim ela aumenta um pouco da sua pena, tem que ficar um tempo a mais.

A fala de Tiago sugere que, no convívio, contravenção é proibida pela administração prisional. Na galeria evangélica, contravenção é proibida também pela igreja.

Ao distinguir a galeria evangélica da galeria do convívio, Luís pontua a questão da disciplina. De acordo com o entrevistado, os evangélicos não podem mexer com "contraversão". Assim, Luís indica que a igreja segue a ordem da prisão. Além da disciplina da prisão, os evangélicos devem seguir também a disciplina da igreja, que proíbe brigas, xingamentos, conversas sobre crime/passado e programas de televisão considerados promíscuos. Assim, a igreja veda tudo que possa desvirtuar o evangélico da sua missão.

Na galeria evangélica aqui, nós não pode mexer com contraversão, né, que, bom em todos os lugares não pode mexer com contraversão nenhuma, certo? Mas só que aqui na igreja evangélica nós não mexe que nós não tem acesso de celular, né? Nós não tem acesso com droga, né? Nós não tem, não faz, é... nós não fica assim escondendo coisa de guarda, né. Tudo que acontece, nós tamos falando com o guarda, nós tamos conversando com eles, eles tá sempre sabendo o que que tá acontecendo com nós todos os dias, né? Se acontece alguma coisinha, uma briguinha, uma discussãozinha, né, já tem o dirigente, e ele acaba passando pra frente, passando pro guarda, o guarda vem, se for um caso de tirar ele da galeria, se for um caso de briga, de agressão, eles tiram da galeria, né. Então ali é um lugar que é rígido mesmo, né, que a gente tem que seguir certinho mesmo, a gente tem a disciplina dentro da igreja. Que a gente tem que seguir a disciplina também da igreja, que a disciplina é não ficar xingando, não ficar falando palavrão, não ficar voltando àquele velho passado né, lembrando de, conversando sobre droga, conversando sobre morte, sobre crime. O que é passado também na televisão é tudo monitorado, né? Nós não pode assistir qualquer tipo de canal, nós não pode assistir qualquer tipo de programa, só mesmo, nós só assiste os programa que é evangélico e algum jornal que é liberado pra nós assistir pra nós saber da notícia do Brasil e do mundo e agora á no convívios eles, é contraversão direto, eles mexe com droga, eles fuma pedra dentro da cadeia, eles traz celular num sei no que, que jeito que eles traz, né. Briga direto com a polícia, eles debate com a polícia, briga

entre eles lá dentro mesmo, né? Então é muito diferente mesmo a situação entre um e outro.

A infração às normas da administração prisional é classificada como "contraversão". Na galeria evangélica, a posse de droga ou celular configura uma infração mais grave do que no convívio. Assim, os evangélicos colaboram com os guardas. A galeria evangélica é cuidada por um dirigente, preso responsável por evitar ou resolver as contendas e por determinar a expulsão do infrator da galeria. A disciplina da igreja parece ser mais rígida que a disciplina da cadeia. Trata-se de uma disciplina que se sobrepõe à outra: não pode ter droga e celular; não pode falar palavrão; não pode falar sobre o passado, sobre crime e sobre morte, sendo que muitos entrevistados, inclusive, não se mostraram confortáveis de contar a sua história, sugerindo que essa era uma prática proibida pela igreja. A programação de tv é monitorada e o comportamento dos presos também.

A entrevistadora pergunta como é a relação da igreja com o convívio e Aldo esclarece que, na CCM, a galeria da igreja é separada e não tem acesso ao convívio. Também explica que os evangélicos são proibidos pela igreja de manter contato com o convívio, porque os presos do convívio só falam de coisas mundanas. Entretanto, segundo Aldo, quando se encontram no atendimento, única oportunidade de contato, os evangélicos pregam o amor de Deus, oferecendo esperança àqueles que ainda não encontraram o seu caminho.

Então, relação com o convívio, nós não temos acesso com o convívio. Por quê? Aqui onde nós se encontramos aqui na galeria evangélica, ela só tem oito x, ou seja, é oito igreja só, e dessas oito igreja ela não tem contato com os outros internos assim do convívio, nós não pode ter comunicação com eles assim, porque já é proibido nós ter comunicação com eles, porque assim, na galeria evangélica, nós não é permitido assim ficar tendo acesso com eles, porque eles não falam de Deus, ou seja, assim, eles tão falando as coisas mundanas, então esse acesso que nós não tem, que nós vamos ter com eles, é quando nós se encontra no atendimento, que nem hoje mesmo como nós veio pro atendimento, aí nós encontra eles do convívio assim. Aí nós vai, vamos falar do amor de Deus pra eles também, tá entendendo? Aí dá uma esperança pra eles sair dessa vida também, é assim o contato que nós tem com eles.

Assim, Aldo sugere que os evangélicos vivem isolados e assim devem permanecer. Ele também esclarece os motivos pelos quais a igreja impediria o convívio dos evangélicos com os criminosos, indicando que a igreja não pode ser envolvida com "contraversão".

Porque senão assim, a igreja, a galeria evangélica, ela não tem contraversão, então ela não tem nada que é de coisa errada nela. Então se começar a ter esse acesso com o convívio, já começa assim a compartilhar com aquilo que nós já viveu que nós não vive mais, tá entendendo, e pode prejudicar assim a experiência de quem tá chegando agora na igreja que tá procurando uma mudança, tá entendendo?

Os evangélicos são proibidos de se comunicar com o convívio não apenas para manter a igreja longe de infrações e de coisas erradas, mas também para impedir que os

novos e ainda volúveis candidatos a conversos sejam seduzidos novamente pelo mundo do crime. Assim, eles precisam ser mantidos longe de qualquer tentação que possa prejudicar a sua mudança. Para garantir o compromisso com Deus, a igreja bloqueia o acesso ao convívio, mas também ao passado.

A existência de regras é descrita por alguns dos entrevistados como oportunidade de aprendizado, sendo que, às vezes, a própria prisão é retratada como uma nova chance de vida. Camila Dias e Carlos Magalhães identificaram a mesma alusão em suas pesquisas. Magalhães⁴¹⁰ conta que seus informantes declararam que, se não estivessem presos, poderiam estar mortos, indicando que a prisão é interpretada por eles como proteção divina. Dias⁴¹¹ avalia que a prisão é interpretada pelos conversos como ocasião em que podem se dedicar à religião, sendo que isso configura uma tentativa de provar que já podem retornar ao convívio social, após o reconhecimento dos erros.

Observa-se que a sociabilidade na prisão é regulada por leis do Estado, regulamentos do órgão gestor das unidades prisionais, regras da direção da unidade, normas das facções e prescrições próprias da igreja, sendo que estas últimas reproduzem regras de convivência social gerais e, também, criam normas específicas à margem da sociedade mais ampla. A sobreposição de ordenamentos revela os arranjos de poder que são forjados na prisão e que legitimam a sua manutenção enquanto instituição de controle e vigilância. Ainda que a religião usualmente imponha restrições à vida do converso, determinando o seu comportamento e limitando a possibilidade de assumir outras identidades, na prisão, há mais regras e o controle e a vigilância são mais incisivos.

⁴¹⁰ MAGALHÃES, Carlos Augusto Teixeira. **O crime segundo o criminoso**: um estudo de relatos sobre a experiência da sujeição criminal. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006. P. 126.

⁴¹¹ DIAS, Camila Caldeira Nunes. **A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo**: religião e violência na prisão. São Paulo: Humanitas, 2008. P. 131 e ss.

CAPÍTULO 4

CONVERTIDOS CONDENADOS: RELAÇÃO ENTRE IGREJA E FACÇÃO

As conexões entre igreja e facção aparecem nas entrevistas de boa parte dos informantes e algumas delas já foram descritas nos capítulos anteriores, para explicar a desconfiança, o controle e a vigilância dos convertidos. No discurso dos entrevistados, a facção aparece como liderança que, simultaneamente, autoriza e controla a igreja. Contudo, além de dividirem o espaço, igreja e facção apresentam outras convergências. Assim como a facção, a igreja na prisão também tem um líder, alguém que tem a palavra final.

Tadeu afirma: "Tem umas certas exigências pra acompanhar televisão. Faustão eles não aceita" e a entrevistadora pergunta a quem ele se refere. Tadeu responde:

O PCC não aceita, aqueles que vêm pra igreja é pra buscar Deus, então eles dão um certo limite. Ali na CCM eles era rígido. É o que eu tava falando pra senhora: quando junta uma turminha assim que monta uma igreja entre eles, eles acaba querendo passar pano, quer jorgar sujo. Fica até tarde vendo televisão ligada baixinho, que ninguém vai ouvir, mas tão vendo programação que é ilícita. E não tem nada... Faustão, mas tem muita coisa para quem tá preso. Ó, aquilo que os olhos não vê, o coração não sente. Que tem muita coisinha ali, a senhora sabe, eu não quero entrar em detalhes, mas a senhora sabe, tem coisa que a pessoa que tá aí, que não tem sua família, que não tem uma visita, acaba se complicando por ta vendo certas programação... os filmes tarde da noite é filme indecente, então isso não é legal e o PCC não aceita.

Num primeiro momento, fica ambíguo, na fala de Tadeu, se as proibições que regulam o comportamento dos evangélicos na prisão são impostas pela igreja ou pela facção. Mas o entrevistado afirma e reforça: quem dita as regras é o Primeiro Comando da Capital. A igreja assume essas regras, mas segue sendo comandada pela facção, fazendo suas as regras da facção e provando, no dia a dia, com o cumprimento das diretrizes emanadas pelo mundo do crime, a veracidade da conversão. Como pode-se notar, o código de conduta da igreja e da facção se confundem a tal ponto de ser difícil de compreender quem criou as regras seguidas pelos presos.

O controle exercido pela facção sobre a igreja é descrito por Tadeu em várias oportunidades. Segundo sugere, a facção não admite retorno para o mundo do crime depois que a pessoa o abandonou para entrar para a igreja. No caso narrado por Tadeu, a volta pra o crime é punida com a morte.

Eu conheci um que perdeu a vida porque era uma pessoa muito considerada no crime, o Israel, até tem um primo dele que ta aqui, ta na igreja. Ele saiu do crime, foi para igreja, tava uma maravilha, já era chamado de pastor. Ele não era formado em Teologia, mas era um pastor dentro do conhecimento de palavra que ele tinha,

trazia a palavra, era uma pessoa maravilhosa. Saiu pra rua, a mulher dele era budista e não aceitava. E aí ele voltou pro crime por causa da mulher que não aceitava ele ser evangélico. A mulher chegou largar dele, ele foi buscar no Rio de Janeiro - que ele era carioca - foi buscar no Rio de Janeiro, ele foi buscar a mulher no Rio de Janeiro, voltou e foi pro crime. [...] Dez dias, mataram ele com o maior requinte de crueldade, arrancaram olho, estocaram ele, furaram ouvido. Quer dizer, mas isso é uma ordem já do mundo do crime: você pode sair, mas aceita. Mas se você voltar, você perde a vida. E ali tem a prova que o diabo atua mesmo.

Também é possível extrair da fala de Tadeu que, se há algum tipo de proteção na igreja, essa proteção tem um custo bastante alto, podendo ser pago com a própria vida. Como se vê, a igreja não está imune ao comando do Comando. Pelo contrário, talvez ela conforme o grupo que sofra a maior incidência de controle e vigilância. Nesse sentido Tadeu relata:

O PCC aqui na CCM, o PCC atuava, que se eles sabia eles mandava, eles fala "se joga, nao fica ai pra se esconder não". Porque ai eles enfraquece o lado deles, porque quem tá na igreja não quer abraçar a causa duma rebelião. Quando teve a rebelião ali em 2010, em 2011, eu tava ali. A igreja, além disso, tinha o - já é falecido também -, o pastor [...]. Ele acolheu a igreja e muita gente que ele conhecia que buscava Deus que tava no seguro. Ele acolheu e o pessoal não debateu contra ele. Aquele dia ele falava "esse menino aqui vai com nós". Ele liberou. Aqueles que era meio vida torta foi enrolado em colchão, foi amarrado, foi pendurado em caixa d'água e quem tá, quem ele sabia nos culto que ele acompanhava, vinha fazer palestra na portinhola assim, aqueles que dava ouvindo, ele sabia, conhece, o cara conhece quem é do crime, quem tá querendo uma mudança, ele acolheu tudo com ele e não sofreram. Teve um rapaz que ele levou 35 estocada com ferro quente. Eu graças a Deus, orei, pedi a Deus, a minha, a porta do nosso cubículo não abriu. A turma bateu, bateu, não conseguiram quebrar, aí eu tava assim, tem o [...], do PCC de Paranaíba, a gente tirou triagem junto, e o mundo do crime, eles acolhe muito quem não é cagueta, por mais que você vai falar a verdade, eles não aceita. "- Ó, os cara lá fuma, os cara lá tem radinho, os cara lá tem droga". Se eles souber, [gesto e som cortando pescoço], é forca, eles não aceita. Então quando nós tava na triagem, eles fumava, eles falava assim "ó véio, fica tranquilo aí, fica de boa". Eu deitado com calor tudo enrolado na cobertura virava pra não ver que eles tavam fumando, se chega um guarda não vê que eu tô olhando. Eu falava faço isso aqui pra mim tá fora. Se cai o barraco, vocês sabem que eu to fora. "- Não, fica de boa". Pois quando teve a rebelião, ele falou "o veíio, ta me conhecendo não, véio?". Todo mundo tudo enrolado só os zóio de fora. Eu fui "claro que to, [...], você é o [...], rapaz, nós tirou triagem junto". "- Ó veio, eu vou subir lá em cima, vou ta falando com o [...], que é o voz lá em cima e vou ta dando uma fala por você que você é de boa, você nao é cagueta, você nao é pilantra". Pois foi lá na mesma hora chegou lá com o chefe daquela época era o [...]: "- o véinho aqui é de boa, não é cagueta, não é pilantra, dá uma força pra ele pro que precisar". Aí ele chegou e perguntou assim: "ó, já chegou a voz duns 2 ou 3 que ta aqui, mais agora o senhor, vocês quer que tenta abrir essa porta? Eu não sei o que tem nessa porta, parece que é uma borracha, não quebra de jeito nenhum... vocês quer permanecer aí ou quer que quebra?" Ai os outros, tinha uns que tava com a faca no pescoço, né: "não pelo amor de Deus fala pra ele pra nós ficar aqui". Ai eu falei "não, deixa nós aqui então". Deitei e dormi a noite inteira enquanto tava todo mundo lá desesperado. E eu fiquei de boa, não levei um arranhão, não levei uma pedrada, ninguém se machucou, porque estava junto comigo. Que que eu fiz a hora que começou? Muitos "não, porque nós morre mas mata também, vamos fazer estoque". Falei "não, vamos orar, vamos pegar as Bíblia, vamos buscar Deus, que é segurança". E ali se confirmou. E na hora da oração pastor [...] também passou lá e orou por nós. Não conseguiram abrir a porta, ele passou e fez uma oração pra nós lá e eu falei pros menino "vamo orar, vamos buscar a Bíblia, vamos se apegar com Deus, porque se Deus for na nossa vida essa porta se transforma que inimigo nenhum vai abrir". E se cumpriu. Então isso daí

pra cá foi mais agradável ainda buscar Deus, porque eu sei que Deus tá ali pra mim.

O entrevistado explica que, durante essa época, ainda não participava da igreja. Estava no seguro e, conforme conta, teve a proteção de um membro da facção que o conhecia da triagem. Apesar disso - ou em função disso - atribui a Deus ter sobrevivido a essa rebelião. A igreja é retratada como algo disfuncional para a facção, porque não colabora com ela - pelo menos não com ação, já que a omissão dos evangélicos pode ser um potente reforço ao poder da facção. Dessa forma, os convertidos dançam a música conforme toca o PCC, configurando um grupo vulnerável dentro da prisão. Apesar de aparentar ser intocável, é possível perceber que a igreja é completamente subordinada à facção.

A relação entre igreja e facção aparece de forma ambígua na fala de Tadeu. Várias vezes a entrevistadora precisa interrompê-lo para perguntar se ele está se referindo à igreja ou à facção. No entanto, em todas elas, fica claro que a igreja segue as diretrizes da facção, embora as regras de uma e de outra sejam distintas. Assim, é possível concluir, a partir do discurso de Tadeu, que há dois ordenamentos distintos, mas ambos são escritos pela facção. No sistema prisional, a facção assume o poder de legislar, de julgar e também o de administrar a convivência e a rotina de todos os presos.

Eu vou falar uma coisa pra senhora: quem está de coração aberto para buscar Deus não olha pro crime do outro, não quer saber que eu fiz, que o outro fez, porque para Deus não tem pecadinho nem pecado. Se eu matei, roubei, trafiquei - quantas família o traficante não destrói? É lógico, quem tem um crime hediondo, que estuprou, que tem certos crime que é..., nem o seguro mesmo num aceita. Igual aquele que eles fala Maníaco da Torre, nossa, quando foi pra vir ali pra PEM, falou que ia vir, a turma balançou, falou "não, nós num aceita esse homem aqui". [...] Então esse é um crime que ninguém aceita... estupro de vulnerável, de criança, é complicado certas situação.

Entrevistadora: A igreja não aceita?

A igreja aceita, o convívio que não aceita. Mas aqui, é o que eu falo, ninguém quer saber o que que cometeu, o que que aconteceu com ninguém, eles quer buscar Deus e quando vê que a pessoa tá ali dedicando na busca, porque quando a pessoa não tenta enganar, Deus age. É igual eu falei pra senhora, fui ali pra CCM na igreja, quiseram se levantar. Era assim, as pessoas estava em constrangimento que quando tem uma pessoa que tem um crime assim, quando chega, eles sai fora. Se tá 3, 4 ali conversando, você chega e "ah eu tenho que ver tal coisa, tenho que ver", sai e você fica sozinho. Mas foi por poucos dia, porque acabou essa crise que tava ali. Ai o rapaz foi pra lá e passou a fala, pronto. Aí fui acolhido, abraçado por todo mundo.

Num primeiro momento, o discurso de Tadeu é compatível com aquilo que ele prega: não se deve julgar o outro, pois, para Deus, não existe diferença entre os homens. Entretanto, ao mesmo tempo em que afirma que um crime não é pior que o outro, Tadeu faz uma pausa para refletir sobre as consequências sociais do tráfico de drogas, revelando que, na sua opinião, este crime é tão ou mais grave que um homicídio. Na sequência, Tadeu faz uma

expressa ressalva a crimes sexuais, indicando que segue a mesma moral da facção, condenando esse tipo de infração. A entrevistadora então pergunta a ele: a igreja não aceita pessoas que tenham cometido esse tipo de crime? E ele retifica sua resposta, voltando ao seu discurso inicial, em que afirmava que Deus e, portanto, a igreja, não coloca diferença entre os pecados do homem. No fim, Tadeu conta que ele mesmo foi repellido em função do seu crime, tendo sido acolhido após ordem da facção.

Miguel traça um paralelo entre igreja e facção, contrapondo essas duas opções de vida que se destacam na prisão. Para ele, tudo que a igreja pode oferecer, a facção é capaz de tirar. O entrevistado afirma que a igreja é a única saída da facção. De acordo com ele, quando o preso se cansa da facção, ou melhor, quando ele vê que sua vida está sendo consumida por demandas da facção e percebe que não teve contrapartida por seus esforços, quando a pessoa se vê enredada e obrigada a fazer aquilo que não quer em nome da facção, só lhe resta correr para a igreja. A igreja, segundo Miguel, devolve a dignidade destruída pela facção. Facção é sinônimo de guerra e morte. Igreja é sinônimo de paz e vida. Para Miguel, igreja e facção compõem duas espécies de irmandade completamente diferentes, duas realidades que não se confundem, senão pelo trânsito entre uma e outra.

Teve muitas pessoas da facção que aceita a igreja que realmente se entrega. Alguns aceita pra poder sair da criminalidade porque não aguenta mais, porque é muito terrível, é muita dor de cabeça. E porque, na verdade, a facção, pra mim, eu creio que ela é uma seita do lado contrário, um adversário assim, porque você entrega sua vida por aquilo ali que não te dá alegria, não te dá nada. Ela não te responde, não sei nada, por exemplo, "ah vou melhorar sua vida". Não, ela só te leva você pro fundo do poço. A facção ela não tem nada pra oferecer que eu vejo no momento assim o... no dia a dia, alegria é só droga, tirar a vida do próximo. A facção fala assim: "ó você vai lá em tal lugar lá tem fulano de tal tal você mata pra mim". Se você é da facção você tem que fazer isso. Se você não fazer isso, você vai pagar o preço, com a sua vida ou da sua família. Você não vai querer ver seus filhos morrer, então você se obriga a fazer uma coisa que você não quer, e de repente você faz isso, acontece, tira a vida de uma pessoa. Aí que que acontece, você vai preso, você fica respondendo lá fora, teus filhos tá jogado, sua esposa, seus pais, suas mães e a facção não te ajuda em nada. E além disso você tem que ajudar a facção. Então eu não vejo a facção uma coisa boa que nem todo mundo chega, dá a vida, faz tatuagem, uma marcação no corpo, quer ser mais valente do que o outro, do que eu mesmo, do que qualquer outra pessoa, num vejo a facção nenhuma. E daí tem alguns que cai na real ali e vê que não é aquilo que acontece que você vê lá "ah, meu filho lá tá precisando de material para estudar, um remédio, a minha mãe tá doente, precisa de uma cadeira de roda". Precisa de um hospital, uma coisa melhor, né, a facção não te dá nada. Que que você faz? Você se obriga chegar, renunciar a facção e aceitar Jesus, né, que nem todo mundo fala. Você só sai da facção pra igreja. Aí você vai pra igreja onde você pode começar uma vida nova fazendo os curso, né, porque a igreja, além de ela te dar a palavra, ela te ensina você a buscar o meio de vida melhor que você possa viver melhor e dar uma vida mais digna pra família. Que você pode estudar, você pode se formar, ir pra faculdade. A igreja faz isso, a facção já não faz isso. A facção ela tira, a igreja ela te dá, ela multiplica. Realmente que todas as pessoas aí, eu não vi ninguém que não seja da igreja que não fala bem. Agora você vai na facção, é só guerra, briga, morte, só o que num presta. Facção ela te ensina só coisa ruim, pra você traficar, você refinar droga, pra você fazer sequestro, pra você assaltar um

banco. A facção ensina você matar, ensina você fazer veneno. A facção, ela só ensina coisa que não presta. A igreja, não, ela ensina um caminho bom. [...] A igreja ensina a gente amar o próximo, a facção não. Ela: "ta vendo aquele irmãozinho lá - ele chama de irmão - tá vendo aquele irmãozinho lá? Tem que passar ele". Que que é passar? Tirar a vida. É só isso que a facção ensina. Eu num vejo ela... uma relação boa, falar assim "ah, facção deu uma casa pro Fulano lá, porque ele passou lá uma carreta de droga, uma carga de cigarro". A facção nunca deu, a facção só ganha. Ah, a facção deu arma, deu punhal. A facção só faz isso. Então, não vejo a facção como um... um lado bom, eu vejo a facção com uma seita demoníaca que só quer destruir as famílias, tanto faz a minha como a sua, de qualquer um, eles não tá nem vendo se é meu filho que vai usar drogas, se é o seu, é de Ciclano ou de Fulano. A facção ela quer vender, ela quer ganhar, só subir na vida. E vários aí, tem muita gente envolvida, poderosos, grande, e incentiva os mais pequeninhos e quem que cai mais na prisão é os mais sem noção que num... entra numa seita que num sabe o que tá fazendo. Hoje mesmo, se eu quiser sair da igreja e ir ali, me batizar na facção, eu batizo. Pra mim sair, só se for pra igreja de novo. Mas a facção não tem nada pra me oferecer. Só quer me tirar.

Ao comparar igreja e facção, Miguel aponta como principal diferença o fato de que a facção não dá retorno. O entrevistado explica que a facção exige muito do faccionário e não oferece uma compensação pelos sacrifícios realizados. Assim, conforme Miguel, um faccionário precisa abdicar da própria família e se dedicar integralmente às atividades da facção, cumprindo ordens para cooperar com o tráfico de drogas ou para eliminar pessoas cuja morte foi determinada pelo grupo. Assim, a facção é comparada à uma seita demoníaca que levaria a pessoa ao fundo do poço. Uma pessoa batizada pela facção teria uma vida marcada por constantes ameaças e perdas. No discurso de Miguel, a perda que se destaca é a perda da liberdade, ou melhor, perda da dignidade. Enquanto o lugar da facção é um lugar de guerra, briga e morte, o lugar da igreja é um lugar de paz, sabedoria e virtude. Para Miguel, a facção tira, a igreja dá. Miguel reforça o tempo todo que a igreja é a única via possível para sair vivo da facção, indicando que existe uma perseguição que atravessa os muros da prisão.

Nós aqui dentro, vamos praticamente que nós temos uns 250 faccionários aí dentro. Lá fora tem muito. Lá fora cada bairro é no mínimo... todo mundo sabe da vida de todo mundo. [...] Tudo lugar tem facção. Então, você acha que você tá escondido, num tá. [...] porque a partir do momento que você entrou: ou é igreja ou é morto. Porque num tem como você ficar de boa, tranquilo, porque eles não quer perder, eles quer ganhar. [...] Vamo ponhar assim, o peixe morre pela boca, pelo seu próprio anzol que você joga.

De acordo com o entrevistado, a facção constitui uma rede muito bem conectada e articulada, de modo que não há escapatória. Para Miguel, o preso não tem onde se esconder, senão na igreja.

Isac explica a relação da igreja com a facção. Segundo o entrevistado, os evangélicos não se comportam como a massa carcerária. Evangélico não bate em porta, evangélico não faz gritaria, evangélicos não faz "ponte", evangélico não se mistura com facção. No entanto,

apesar de não fazer parte de facção, evangélicos claramente obedecem a ela. Isac afirma que a igreja recebe total apoio da facção e a entrevistadora pergunta qual a conotação desse apoio. Isac esclarece que a facção manda na cadeia e logo se corrige para apontar que ela acha que manda. De qualquer modo, de acordo com Isac, a facção também é temente a Deus e cobra rigor no cumprimento das regras da igreja. Segundo Isac, a facção gosta das coisas certas e não admite brincadeira com as coisas de Deus.

Bom, a gente como liderança, a gente trata esse aspecto com rigor, né, porque a gente não faz parte da facção, a gente não bate em porta, a gente não faz gritaria, a gente não faz é... como se diz, ponte - ponte é o cara tá lá no cubículo, fala "ou, pega aí o negócio pra passar pra outro" - não, a gente não faz isso, a gente é exemplo, e a gente tem total, total apoio da facção criminosa, total apoio. Por quê? Porque se a pessoa buscar Deus, não é pra ficar com brincadeira.

O que significa esse apoio?

Apoio é assim, se a pessoa tá, tá, vai fazer alguma coisa errada, né, como eles manda na cadeia, pensa que manda na cadeia, né, eles vão lá e fala assim: "Tem alguma coisa errada? Tem alguém dando trabalho? Tem alguém usando droga? Tem alguém desmerecendo a palavra de Deus?". Porque eles são temente a Deus também, né. E aí a gente fala "Não, tá tudo bem, tá tudo bem". Só isso, a gente ter respaldo deles, porque eles gosta das coisas certas, né? Eles gosta das coisa certa. Se vai buscar Deus, busca Deus. Não fica com brincadeira com as coisas de Deus, porque eles são temente a Deus também, né.

Como se vê, para Isac, evangélico não faz bagunça, evangélico não tumultua, evangélico não dá problema para a administração prisional. Ser evangélico não é brincadeira. Em contrapartida, os demais presos fazem barulho e perturbam a casa. Apesar das diferenças, a facção, nas palavras de Isac, "apoia" a postura do evangélico, porque sente medo de Deus. Esse apoio descrito por Isac se parece mais com uma cobrança. O respaldo narrado serve para manter a ordem e a disciplina na prisão, para vigiar e controlar os presos. Assim, o evangélico não é cobrado apenas pela igreja, mas também pela facção. Se o convertido desmerece a palavra de Deus, ou melhor, se ele descumpre as normas do alojamento, será advertido por isso. E essa advertência pode vir da igreja, da facção ou da própria administração.

Apesar de afirmar expressamente que a facção respeita a igreja, conforme Isac, um preso que decide abandonar a vida no crime pode ser decretado sem coragem. Ou seja, o apoio e o respeito mencionados por Isac parecem assumir a forma de controle, vigilância e desprezo.

A facção, o mundo faccionado, entrar é muito fácil, pra sair é que é problema. Pra sair você é decretado ou até decreto de, de, de de... não ter coragem, de.. (risos), é, tem uns decreto louco aí que o pessoal fala.

Entrevistadora: Como assim ser decretado?

Decretado é a pessoa que, não é pra morte, tem uns que é pra morte, uns que faz as coisas errada, né, nessa facção, são decretado pra morte, né, roubo, essas coisas assim, né, é, talaricagem, né, pegar mulher de outro, né. Então isso daí não é, esses são ou ir pra outra, pra outra facção, saindo daquela, né. Então esses daí são

decretado, tem uns que não são. São por causa que eles, eles, muito vão pra igreja, "eu não quero mais saber de crime, eu vou na igreja". Essa semana mesmo a gente trouxe, fizeram um culto aí, dois irmãos chorou, Deus tem tocado no coração dessas pessoas e aí a vontade deles é deixar tudo e ir pra igreja, mas eles vão para igreja e eles são decretado, né, como, é, é, não tem coragem, né, foi fraco, é decretado, mas não vai fazer parte mais do comando, aí não pode mais voltar pra vida do crime, se não eles pode sofrer as consequência.

De acordo com Isac, se o facção infringir as normas da facção (não pagar dívida de droga, trair um colega com a sua mulher, etc.), ele é decretado morto. Por outro lado, se quiser sair da facção e entrar para a igreja, é decretado fraco. Importante lembrar que outros entrevistados também mencionaram a fraqueza. Assim como aqueles que deixam o crime e se refugiam na igreja são considerados fracos, aqueles que não permanecem na igreja também o são. Como já mencionado, de acordo com os entrevistados, quem não segue a reta linha de Deus e não aguenta as regras da igreja "não tem opinião". Da mesma forma, quem não consegue se livrar de um vício também é considerado sem opinião. Na realidade, exige-se opinião para se sustentar no crime ou na crença, porque essas parecem ser as únicas formas de sobreviver à prisão.

Quando a cadeia lá virou que eu falei pra você, eles tinham sete nomes pra matar. Todos eles decretado... ou como facção rival ou tipo, dívida, que usa droga e não paga, essas coisas assim. Mas graças a Deus, nenhuma vida foi embora naquele dia, né. Então são decisões que a pessoa tem que tomar na vida, né? Vai dar errado? Vai trazer consequências com certeza. Eu nunca vi, eu to há 10 anos nesse lugar aqui e eu nunca vi uma pessoa que faz coisa errada, lá na frente dar certo. Ou vai ser presa ou morta.

Como se vê, o entrevistado sugere que é preciso ter posição dentro da prisão. Ele afirma que o preso precisa tomar decisões e que essas decisões têm graves consequências para a sua história. A facção não gosta de brincadeira, como disse antes.

Natan vê a igreja como um espaço neutro na prisão. Para ele, a igreja estaria protegida dentro da cadeia, porque, assim como Isac, Natan acredita que a própria facção acredita em Deus. Ele diz: "Pode ver que até eles errado eles acredita um pouco na palavra de Deus, né". Nesse sentido, a igreja pode representar a estação entre o crime e a direção. Embora não se reconheçam como criminosos, em algum momento, os evangélicos já foram rotulados assim. Porém, ao procurar se afastar dessa identidade, precisam de apoio da direção e contam com o aval da facção.

Carlos explica como se dá a admissão de um preso na galeria evangélica, indicando que o líder realiza uma espécie de entrevista com o candidato, buscando conhecer as suas intenções e esclarecer as regras da igreja. No entanto, segundo sugere, não basta querer ser evangélico para entrar para a igreja. O processo de transferência depende de autorização da facção. Assim, o líder da igreja avalia a condição do preso para evitar conflito com a facção.

Por isso, é imprescindível que se conheça a situação do preso junto à população carcerária, identificando se há alguma dívida ou alguma contenda entre o preso que solicita a transferência e a facção. Ir para a igreja significa desligar-se do crime. Dessa forma, o desligamento é cobrado pela igreja e pela facção.

Geralmente eles pedem né, chega, fala "eu quero é, eu quero tá indo lá pra igreja", eles fala "eu quero tá indo lá pra igreja com vocês e tal, tem vaga lá?". Fala assim: "tem, irmão, tem vaga lá sim", entendeu? Aí que que a gente faz, geralmente é o líder, né? Geralmente, né, chama a pessoa, os dois conversam, aí é perguntado pra ele o que que tá acontecendo, se ele é, primeira pergunta que é feita é se ele já é evangélico. Porque tem muitos, tem bastante que é conhecedor da palavra, que vem de berço evangélico, que cometeu algum crime e tá preso, mas já conhecia a palavra, então muitos Deus toca no coração, daí ele pega e volta pros caminhos do Senhor, entendeu? Aí é onde ele fala "não, eu já sou evangélico tal tal, tive uma recaída, tive problema que eu me afastei dos caminhos do Senhor, quero voltar e tal tal". Aí quando, sempre é perguntado qual que é sua situação na frente da população carcerária, porque tem muitas coisas que acontece dentro às vezes de ele tá devendo um doce, uma comida, alguma coisa, né? Porque ou ele tá, ou ele tá fugindo de alguma coisa que ele fez lá no passado, entendeu? Porque a partir do momento que a pessoa vai pra igreja, ela tá se desligando do crime, entendeu? E aí a população, no caso população, eu digo o convívio, a gente fala convívio, né, o convívio no caso não aceita que a pessoa vá pra igreja, que a pessoa vá pra igreja e continue fazendo as coisas erradas, vamos dizer assim, não é aceito isso daí, é cobrado, entendeu? Então, por isso que é, por isso que é perguntado isso antes da pessoa entrar, se ela tá devendo alguma coisa, se ela tá devendo, primeiro ela vai ter que arcar, vai ter que resolver. O problema que ela tiver, primeiro ela vai ter que ter resolvido o problema dela, entendeu, pra ela tá vivendo junto. Porque, por que como é que ela vai viver lá dentro com pessoas cobrando em volta dela? É uma situação difícil que a gente tem dentro do sistema carcerário é isso, conflitos, vamos dizer assim.

Como se vê, ter berço evangélico é um fator relevante, que indica um atributo positivo da pessoa, legitimando a sua mudança. Conforme relata o entrevistado, existem muitos evangélicos "da rua" que habitam a prisão. Trata-se de evangélicos que deixaram de seguir a palavra de Deus, se desviaram do caminho, tiveram uma "recaída", cometeram crime, foram presos e querem voltar para os caminhos de Deus. No entanto, qualquer vínculo pretérito com a igreja não é suficiente. O candidato à novo morador da galeria evangélica precisa apresentar um atestado da sua situação perante a população carcerária, explicar se tem alguma dívida ou se está tentando fugir de algum problema, pois o preso pode estar procurando se esconder de alguém ou ocultar o próprio passado. Esse interrogatório realizado pelo líder da igreja serviria para garantir ou, no mínimo, tentar garantir que a transferência implique no rompimento com o mundo do crime. O ingresso na igreja deveria significar o desligamento com o passado e a construção de um novo futuro. Do passado, só se pode resgatar o vínculo religioso. Caso contrário, a pessoa pode ser cobrada. A cobrança é uma constante no discurso de Carlos, seja com relação à dívida com o convívio, seja com relação à promessa de mudança de vida. Carlos reforça a necessidade de que a pessoa não

traga mais conflito para a igreja. Segundo o entrevistado, primeiro, ela precisa resolver os próprios problemas com o convívio. Com isso, justifica a necessidade de que tudo seja conversado e de que o candidato seja avaliado, como pode ser visto no seguinte trecho:

Tem pessoas que às vezes correm pra ir, vou falar pra você assim, tem pessoas que escolhe pra ir pra igreja, mas não é pra se converter, não é pra mudar de vida, é pra ficar lá quietinho no canto dele pra ninguém enxergar ele, pra ninguém lembrar dele. Por quê? Porque deve, fez coisa errada, porque um crime é errado, mas dentro dele você tem que fazer certo, um crime ele é errado, mas você tem que fazer certo. Se você não fazer ele certo, você é cobrado.

O pedido de transferência é visto, assim, com desconfiança. Conforme relata Carlos, há presos que procuram se esconder na igreja, tentando se furtar de suas responsabilidades no mundo do crime. Para o entrevistado, existe "o certo no errado". Segundo Carlos, é preciso agir segundo as regras do crime, porque o crime também tem regras. O entrevistado reforça a ideia de que a igreja produz uma mudança de vida, ou melhor, de que a facção condiciona o ingresso na galeria evangélica à essa mudança. Nesse ponto, igreja e facção se aproximam. Ambos os grupos cobram mudança, ambos os grupos cobram a observância das suas regras.

A gente tem dois ou três lá que tão com a gente, tá bem graças a Deus, pessoal realmente é, realmente mudou de vida, porque assim, eles na facção, vamos supor, eles têm as regras deles, né? Então às vezes a pessoa descumpriu alguma regra, alguma coisa, ela vai ter a consequência, e tem muitos às vezes que eles vão assim, vamos supor, eles falam, a oportunidade, você tem oportunidade, ou você foge ou você, ou você é decretado ou você muda de vida, você para com tudo, só que você não vai... pessoa vai pra igreja e ele não pode mexer mais com nada, não pode se envolver com nada. Aí se ele, que nem no caso, se eles ficar sabendo que vai, que a pessoa se envolveu com alguma coisa, aí eles cobram, aí é cobrado, essa pessoa é cobrada. É realmente na igreja a pessoa tem que mudar de vida.

De acordo com Carlos, há apenas três caminhos para sair da facção: fugir, mudar ou morrer. Dessa forma, a facção determina o futuro do faccionado. Se ele migrar da facção para a igreja, não pode mais se envolver com o crime, porque o crime é controlado pela facção, que não admite concorrência. Por consequência, a igreja também é controlada pela facção, como garantia de que o ex-faccionário e atual evangélico não vá trair o grupo.

Para Carlos, a situação mais marcante de sua vida foi assistir a rebelião de 2011 na CCM. O entrevistado teria ficado impressionado ao ver a cadeia virada, mas especialmente tocado ao ver a reunião dos evangélicos em um pátio. Os crentes teriam sido liberados pela facção e se dirigido à quadra, onde ficaram orando para que não houvesse mortes.

A rebelião de 2011 na CCM [...]. O pessoal da igreja tava com medo, né, porque foi aberta a cadeia inteira, saíram abrindo tudo e tal, e tava aquele, a rebelião, tava aquela loucura [...]. Então aí na rebelião nós fomos lá, aí foi dada a autorização, o aval que fala, a autorização pra tirar os irmãos da igreja, né [...]. Aí que que aconteceu? A igreja pegou, se reuniu, todo mundo saiu dos cubículo, aí foi descendo, entendeu, foi descendo, foi indo até o outro pátio longe, né, o outro pátio

no bloco 1, aí lá a igreja ficou reunida em oração. A rebelião não aconteceu morte nenhuma, né? Porque era bandeira branca que eles fala né. É... a rebelião, a cadeia virada de cabeça pra baixo, negócio louco, o pessoal evangélico todo reunido num pátio, numa quadra, fala pátio é a quadra onde joga bola, toma banho de sol, reunida em oração. Em oração intercedendo por tudo aquilo que tava acontecendo.

O que se pode extrair desse trecho da fala de Carlos é que os evangélicos também sofrem os impactos das ações da facção. Embora possam ser poupados de algumas situações, na hierarquia de forças disputadas na prisão, a igreja está no fim da cadeia.

Mauro explica que muitas vezes a igreja é usada como refúgio, como um esconderijo para aqueles que infringiram alguma norma do convívio. O entrevistado esclarece que o mundo do crime também tem regras e que alguns presos preferem ir para a igreja, porque lá não seriam atingidos. Mauro afirma que ninguém pode fazer escândalo na igreja e explica que isso significa que a igreja é um espaço guardado por Deus e respeitado pelos homens. Assim, os homens do crime, por mais fortes que sejam, se sentiriam intimidados pela igreja, porque é nela que se manifesta a presença de Deus.

Às vezes as pessoas usam a igreja para fugir de algum problema, fugir de algum problema, algumas vezes ele, ele deve alguma coisa para alguém ou aquele homem ele fez alguma falha com aquele convívio, porque eles querendo ou não ele tem, tem as leis deles, né, o mundo do crime tem uma lei e se você erra tem de ser punido. [...] E justamente eles vão pra igreja porque lá, ninguém pode ir lá e fazer um escândalo né, então justamente eles usam essa expressão. [...] É tipo assim, porque uma igreja são lugar onde vamos dizer assim que Deus habita. Por quê? Porque as pessoas invocam o nome dele, justamente como não sei se você entende né, muitos lugares aí eles invocam coisas erradas, coisas ruins, às vezes espíritos ruins, coisas anormais e acontece. Da mesma forma também na igreja muitos estão aí de coração, muitos estão mais entendidos já, como é Deus, quem é Deus ou o que Deus quer de mim. Então não pode, muitas pessoas por mais que sejam do crime, ou sejam forte, eles vão lá e eles respeitam o lugar. E aí que você percebe que realmente Deus está lá, porque é uma presença que até o próprio homem que faz maldade, que não quer saber de nada, ele chega no momento lá e respeita, não tem coragem de fazer um escândalo ou de ir e pegar aquele menino que tá se escondendo e fazendo, entendeu? Tem um respeito lá.

Mauro fala sobre as leis do crime. De acordo com Mauro, se o preso infringe alguma lei do crime, tem de ser punido. No entanto, para fugir da punição, é possível que o preso procure se esconder na igreja, porque, segundo Mauro, ninguém pode fazer escândalo na igreja, já que a igreja é casa de Deus. Assim, para Mauro, a igreja é respeitada inclusive pela facção.

Na sequência, o entrevistado procura demonstrar o poder de Deus ao relatar casos de ex-faccionários que teriam sido perseguidos pela facção e protegidos por Deus. Segundo Mauro, Deus protege quem entrega sua vida à Ele. O entrevistado conta casos de pessoas que já deveriam estar mortas, porque foram cobradas por suas ações junto ao mundo do crime, e estariam vivas porque teriam sido protegidas por Deus. Mauro descreve marcas de

balas no corpo dessas pessoas como marcas de Deus. Assim, a autoridade de Deus é reforçada, porque ela se mostra mais forte que a perseguição do crime.

Por exemplo muitos ali eram tipo, no Rio de Janeiro tem lugares que são mais rígidos né, mais difícil, o crime é mais cobrado, é mais certo assim, certo de forma errada eu falo. E eles, quando eles começaram a entregar, irmão que foi do PCC começaram a entregar sua vida pra Deus, muitos tentaram arrancar a vida deles e não conseguiam, muitos levaram tiros, tem furos aqui na garganta, às vezes na coxa, na perna, na barriga, tem lugares que é impressionante, né, você vê assim que muitos já era pra estar morto, mas a palavra diz que quando você tem a marca de Deus, até você entender qual é o teu propósito que Deus tem aqui na vida, não morre. Então eu já vi várias pessoas que estavam assim por um fiozinho de morrer de não morrer, e são respeitadas por quê? Pela autoridade, pelo conhecimento que Deus deu para ele assim de falar de Deus com aquela autoridade que você vê a expressão nas pessoas. [...]

Mauro relata, como exemplo do poder de Deus, casos em que membros da facção teriam se emocionado ao ouvir a palavra de Deus. Assim, para o entrevistado, até a facção tem respeito por Deus. Para sustentar essa ideia, ele aponta casos de pessoas que teriam sido tocadas por Ele.

E tinha esses irmãos ali, que eram fortes, respeitados, que quando começou a sentir a presença, começou o irmão a falar tão fortemente da palavra, começaram a derramar lágrimas, e irmão que são respeitados e que muitos respeita talvez porque ele quando faz ou quando é na hora de fazer uma violência, ele faz sem duvidar, né, então essas pessoas começam a derramar lágrimas sentindo no coração, que Deus realmente fala pra eles, né. E ali que eu vi, ali que eu vi a diferença, de alguém que tem respeito por Deus, porque são coisas que as pessoas às vezes falam que é impossível, né, mas eu já vi que realmente não é impossível, acontece de uma forma difícil de explicar, né, mas acontece.

De acordo com Mauro, até as pessoas ligadas ao mundo do crime, que fazem o "certo pelo errado", se curvam aos desígnios de Deus, percebendo a sua autoridade maior. Dessa forma, Deus está acima da facção, seja protegendo aqueles que fogem do crime, seja tocando o coração daqueles que ainda permanecem no crime.

Ao explicar como a igreja avalia os pedidos de transferência recebidos e quais os critérios de admissão no alojamento evangélico, Valdir conta que é preciso checar se o preso tem alguma dívida e está querendo se esconder na igreja.

Depende, se vem direto da CCM ou da rua assim, aí entra, agora se tiver no convívio, tem que ver se ele não tá devendo, porque muita gente fala assim "às vezes foi pra igreja só pra se esconder", né, porque saiu devendo, as drogas, essas coisas lá dentro lá e vai lá se esconder, aí antes de receber, a gente vê. Daí aqueles que já saiu por dar trabalho assim aí também não é aceito, faz uma votação, que nem tinha um lá que sempre dava trabalho, saiu, voltou, saiu, queria voltar de novo, daí fez votação e a maioria decidiu que ele não deveria voltar, tanto é que nem o convívio queria aceitou ele, ele foi parar no seguro, né, então se vem do convívio ou de outra galeria, primeiro vai ver se ele tá devendo alguma coisa, num sei que lá, se pode aceitar, aí vai aceitar, se não, agora quem vem da rua a gente não conhece não sabe, né. [...] Agora se a pessoa for cagueta, essas coisas, daí é pedido, vai perguntar primeiro pro pessoal da facção se pode aceitar ou não, aí se eles falar que pode receber, aí a gente recebe, se não não, como daí o pessoal do convívio não aceitou.

Conforme explica, se o interno já vem de uma ala evangélica de outra unidade prisional, não há nenhum óbice para o seu ingresso; se vem da rua, também não, porque não é conhecido; em contrapartida, se vem do convívio, precisa ser avaliado, porque pode estar querendo fugir de algum problema e a igreja precisa manter a boa relação com o convívio. Como se pode notar, a igreja não quer conflito com o convívio. Quando o preso é rejeitado pela igreja e pelo convívio, só lhe resta o seguro. Isso demonstra que o ingresso na galeria evangélica não está apenas condicionado à permissão da igreja, mas também e, principalmente, da facção.

Davi explica que a relação entre igreja e convívio é pacífica, sem conflitos. O entrevistado reforça que os evangélicos não incomodam os demais. Embora proibam celular e drogas dentro das suas dependências, não denunciam os presos que fazem uso destes bens longe do seu espaço, violando apenas as regras do sistema. Dessa forma, segundo Davi, os evangélicos não incomodam a facção. Assim, é possível concluir que a igreja tem um pacto velado de cooperação com a facção.

Vamos falar o termo mais claro assim, nós não fedemos e não cheiramos pra eles, entendeu? Se eu ver por exemplo, né, você fumando ali um cigarrinho de maconha, eu não vou falar nada, entendeu. [...] Eles sabem que nós não mexemos com eles, entendeu? Então eles se dá muito bem conosco. E muitos ainda fala, tem muitos ali, eu não sou líder, mas por eu tipo estar sempre pregando na igreja tudo, muitos me buscam como se eu fosse o líder, entendeu? E ali tem os chamados líder de PCC, líder de Ferro-velho, líder de não sei o quê lá, tem os nomes ali. Aí eles chega e fala "o, velhinho, o seu Antônio, se precisar de qualquer coisa nós tamos aí e tal". [...] E aí o que a gente pode e deve fazer, nós não podemos ter rixa, tá, nós temos que ser, vamos dizer assim, um exemplo onde a gente passar, tá. Eu tenho que deixar minha boa impressão pra você. Por quê? É o chamado perfume de Jesus. Jesus veio, Ele se doou, Ele morreu na cruz, sofreu pra poder deixar esse bom exemplo e é isso que nós temos que fazer aqui, entendeu?

Para Davi, a missão da igreja na prisão é dar exemplo. Ao que parece, dar o exemplo é sinônimo de não desobedecer a administração nem a facção. Dessa forma, a igreja procura manter um acordo com a facção, que pode ser identificado em toda a dinâmica prisional, como na transferência de presos de um alojamento para outro. No que diz respeito à divisão dos presos em galerias, Davi explica que, quando um preso é rejeitado pelo convívio, a sua transferência é negociada com a igreja e com a facção. De acordo com Davi, é preciso fazer um acordo em que o preso aceita seguir a disciplina da igreja. Caso ele não siga, será punido pela facção.

Os guardas vem conversar com a gente, entendeu, os guardas falam "ó, tal pessoa aí, eles não estão aceitando mais na cadeia, só tem vocês e o seguro, eu quero saber se vocês vão acolher eles ou não", aí é onde entra, né, no caso o nosso disciplina, né, o nosso líder ali que vai conversar, por exemplo a Andressa chega, "ó, Andressa, nós tamos sabendo do seu problema assim assim assim assado, nós queremos aceitar você aqui, mas nós queremos um compromisso seu e queremos

uma mudança. A partir de hoje você vai ter que andar dentro da nossa disciplina, você não vai ser obrigada a mudar da sua religião, mas a partir de hoje aqui dentro você não vai poder praticar tal tal e tal coisa, você aceita?" Sim ou não? "Ah, não, aí eu quero ver então". Então daí infelizmente enquanto você tem a sua dúvida aqui você não vai entrar, nós temos que te aceitar, mas você tem que aceitar a nossa disciplina, tá entendendo? A partir do momento que nós aceitamos, o, vamos dizer o PCC, o Ferro Velho vai aceitar a nossa vamos dizer assim a nossa decisão. E aí o PCC, o líder do PCC vai conversar contigo antes de sair, "ó, Andressa, você tá indo lá pra igreja tá, mas se nós soubermos que você está indo lá pra enganar e que você sair do caminho de Deus lá, aí nós vamos te pegar", é assim que funciona, infelizmente é assim. E tem muitos que morrem por causa disso, entendeu? Porque ele entra ali pra se proteger, pra se enganar, entendeu, e isso aconteceu muitos, infelizmente.

Como se vê, a igreja também segue uma cartilha, e a disciplina serve tanto para a facção quanto para a igreja. Segundo sugere Davi, para o preso ir para a igreja, a facção deve dar o aval. Assim, o preso precisa assumir dois compromissos: um com a igreja e outro com a facção. Suas normas se combinam e se complementam. Dessa forma, não adianta o preso tentar enganar a igreja, porque estará enganando a facção. Se a igreja pode expulsá-lo, a facção pode matá-lo.

Emanuel explica que, na CCM, igreja e convívio não se misturam, porque o pátio é pequeno e cada grupo é levado ao banho de sol separadamente. Além disso, o entrevistado separa igreja e facção, indicando que cada grupo tem sua lei: "Na verdade todo lugar que você habita tem uma lei, né. Então quer dizer, lá tem uma lei e aqui tem outra. A diferença é essa, a diferença. Toda a base da lei é o respeito". De acordo com o entrevistado, todo lugar tem uma lei. Na cadeia, há leis diferentes em espaços diferentes. Entretanto, não é possível ignorar o cruzamento entre esses ordenamentos.

Tulio precisou de entendimento com o Comando para ser aceito na cadeia, pois ajudou a prender um membro da massa. Ao comentar a relação da igreja com o Comando, ele afirma que, se o preso se propõe a procurar Deus, o Comando "dá liberdade" a ele, não podendo mais interferir na vida dele.

A partir do momento que um reeducando, um preso, ele faz a sua e faz uma pra ir pra ala evangélica e procura Deus, ele, o comando ele dá liberdade do preso, qualquer, até faccionário fazer isso daí. A partir desse momento, ele não pode interferir na vida daquele preso, se eles quiser parar alimentação por algum motivo, o que mais ignorante ou banal que seja, nós não temos como evangélicos aqui na galeria evangélica, não temos o dever nem a obrigação de fazer parte daquilo, a senhora me entende?

Tendo em vista que a facção controla - ou busca controlar - toda a unidade, a galeria evangélica também está no raio de incidência do grupo. Apesar de Tulio insistir que a facção deixa de interferir na vida do preso quando ele procura Deus, na verdade, o controle está no próprio ato de decidir pela não interferência. Como o próprio entrevistado aponta: "o

comando ele dá a liberdade". Quem tem a liberdade concedida parece não ter liberdade alguma, pois é tratado como posse. Afinal, o preso depende de permissão da facção até para buscar Deus. Se, posteriormente, ela dispensa a participação do evangélico em motins, por exemplo, não é porque não manda na igreja, mas justamente porque a controla. Além disso, pode-se avaliar que a colaboração da igreja é desprezada, porque o evangélico é percebido como uma pessoa fraca, incapaz de se manter no crime e carente de proteção da direção.

Eles não pode ser, não pode encostar em nenhum de nós. Bom, pelo menos o estatuto do comando já diz isso, né? Não to aqui pra pregar nada do comando, eu gostaria que a senhora me entendesse, mas só que o comando diz que não pode né, nem abrir a galeria evangélica. Se eles chegar pegar virar a cadeia, alguma coisa, eles vai chegar e falar, vai chegar e querer abrir a bocuda, nós não tem a obrigação, nós não tem o dever de cooperar com nenhum deles em algum motim, em alguma coisa, a senhora entende?

O entrevistado também explica que, em caso de rebelião, a facção não pode se voltar contra a igreja, que deve permanecer intocada. Segundo conta, o estatuto da facção não apenas dispensa a cooperação dos evangélicos como proíbe que a galeria deles seja aberta. Ao que parece, não se trata de uma relação de proteção, isto é, de zelo da facção com a igreja. Pelo contrário, esse tratamento dispensado pelo comando à igreja indica uma completa exclusão da igreja, no sentido de que ela não tem utilidade para a facção.

Percebe-se, assim, que a relação entre igreja e facção é complexa, porque os evangélicos estão presos e, assim, não podem ignorar que a direção também negocia a gestão da prisão com a facção. As entrevistas indicam uma osmose entre ordenamentos e um ajuste entre facção, direção e igreja, sendo que a igreja parece estar no polo mais fraco e mais vulnerável desse arranjo de forças.

4.1 VIGILÂNCIA SOBREPOSTA A VIGILÂNCIA: DESCONFIANÇA DO CRENTE NA PRISÃO E A GALERIA EVANGÉLICA COMO SEGURO

A obediência às regras é um dos testes que comprovam - ou não - a conversão do preso. Isto é, a alegada mudança de vida é submetida a escrutínio diário, sendo provada, entre outros fatores, pelo cumprimento das normas de comportamento impostas aos evangélicos. Paira sobre o evangélico uma suspeita sobre as suas intenções advinda tanto dos funcionários da prisão quanto dos demais detentos, inclusive dos próprios evangélicos. Em função dessa suspeita, o grupo de presos ligados à igreja sofre muito mais com o exame contínuo dos seus movimentos do que os demais detentos. O controle e a vigilância sobre os

crentes se manifestam na cobrança constante de que se cumpram determinadas prescrições, sendo que o preso pode ser banido do alojamento se infringir as regras do grupo religioso.

A somatória de regras que se combinam e se complementam fazem do sistema prisional aquilo que ele é: objeto de controle e arquétipo de vigilância. Com relação à galeria evangélica, o que se observa é que há uma imbricação entre mecanismos ostensivos e sutis de regulação do cotidiano. Esse controle, ao que parece, apresenta dois efeitos: coloca o crente à prova todo o tempo e serve para legitimar a sua identidade. Assim, embora os entrevistados afirmem que recebem um tratamento melhor que os demais, as restrições impostas na igreja e a desconfiança que os persegue fazem com que a identidade religiosa na prisão seja percebida como umas das mais vulneráveis.

Nesse sentido, a galeria evangélica poderia ser equiparada à uma galeria de seguro, porque, embora os presos alojados nessas galerias gozem de alguma confiança por parte da administração prisional e estejam, em alguma medida, separados da massa carcerária, essa separação oferece uma proteção meramente simbólica e superficial, já que essas galerias só não são invadidas por um princípio de "não derramamento de sangue" disseminado pela facção. Nesse contexto, é possível afirmar que a igreja só encontra uma espécie de apoio da facção enquanto seus propósitos não colidem com os interesses daquela.

Tadeu sugere que as regras da galeria evangélica servem para atestar o estatuto de crente na prisão. O entrevistado indica que é preciso resistir para ser crente e essa resistência aparece expressa não apenas como uma resistência às provações mundanas, mas também à desconfiança generalizada dirigida aos crentes não só pelo coletivo de presos e pela administração prisional, como pelos seus próprios pares. O preço que se paga por estar na igreja é ser ainda mais vigiado: o preso é vigiado pelo Estado, pela facção e, no caso do crente, também pela igreja.

Inclusive tinha cara que era do PCC, se converteu, chegou lá, foi com nós. Foi difícil do pessoal aceitar, porque eles achava que "esse cara é PCC, ta vindo aqui pra querer ta investigando, pra ta olhando aqui pra nós depois querer pegar cadeia". Não. Inclusive tem um rapaz, quando eu fui ali, a turma queria ponhar o pé. Dois rapaz que tava lá que conheceu a gente. Falar se tem uma igreja - que nós era duma igreja que foi tudo seguro -, o homem, um agente, falou "não, vocês merecem ta na igreja que eu vejo vocês busca Deus de verdade, aí levou nós pra lá pra igreja. Aí chegou lá, uns fica meio cismado, acha que a gente tá indo lá só pra esconder atrás da Bíblia, que é, muitas pessoas acha que ta indo pra galeria evangélica pra esconder atrás da Bíblia. Mas aí o próprio agente, seu [...], olhou assim falou "não, vou levar vocês para igreja, eu falo e assino embaixo, vocês merecem estar na igreja, vocês busca Deus, não é igual os farofa que tem aí não", aí ele levou a gente pra lá, chegou lá, a turma ficou meio com o pé atrás com a gente, sabe, aí mandou carta já pro PCC, pro Comando que era lá do convívio, que tinha gente do seguro invadindo pra lá. Dois rapaz tava lá, um inclusive foi pastor, caiu preso porque tem os seus deslizos, não tem esse ou aquele, não vai dizer que porque eu sou evangélico não tem tentação. Tem, mas a gente tem que saber resistir e sair do

caminho, do caminho do mal. Então era o [...] e o [...]. Voltou pro convívio, falou "ó, se tem alguém que busca Deus lá, que louva, que prega, é o pessoal que tá lá na igreja sete, que é do seguro; os demais, a maioria tá se escondendo, não passa numa peneira". Aí até hoje ele é evangélico, muito, uma pessoa maravilhosa, que é o [...]. O vulgo dele no Comando era [...]. Aí ele mandou mandar uma carta desse tamanho: quem está pra se esconder atrás da Bíblia - que chegou uma fala deles que tinha gente que era do convívio tá indo pra lá só pra se esconder, que tava vendo filme, tava vendo Faustão, que via um monte de programações que é ilícita pra quem é cristão - se jogasse porque o dia que eles pegasse eles ia quebrar braço e perna (risos)...o Comando mandou essa mensagem, uma carta. Aí uns par dele vazou fora, porque eles tava fumando escondido dentro da igreja, porque vamos supor, junta uma maloquinha ali, todo mundo conhece, esconde, mas o tal do cigarro, maconha, não tem quem esconde, porque de lá do outro cubículo você sente o cheiro, não tem como falar assim "não fumei". Aí começou a chegar a fala lá, aí mandou a mensagem pra eles, mandou uma carta assinada que quem tivesse se escondendo... e os veínhos que tava lá que era eu e mais cinco irmão... falou pros cara que era para permanecer, que diz que buscava Deus, e aqueles que tivesse se escondendo que ia ter o troco, "um dia nós descobre". Aí foram uns par deles foram embora, voltou pro convívio. Aí quando nós tá lá na PEM já uns dois anos, chegou esse [...]. E eu sabia quem ele era, o [...] de nome, mas a pessoa eu não conhecia. Chegou e foi justo pra minha igreja, onde tava, que cada... era 10 cubículo de igreja, sabe. Cada uma ali tinha seu culto de noite no local e quando você ia no pátio era todo mundo junto. Aí esse [...] chegou "é, eu sou o [...], eu era do Comando, mas hoje eu quero mudança pra minha vida, porque o crime nunca me deu lucro, só tive prejuízo, inclusive to aqui, a minha mulher, meu filho sofrendo na rua e eu aqui aprisionado então quero um renovo de vida, comecei a buscar Deus, sempre tocou no meu coração buscar Deus, minha mulher é evangélica e eu nunca aceitei, minha mulher sempre orava por mim pedindo para mim, pelo amor de Deus larga esse mundo que senão você um dia vai ser ceifado, eu não acreditava, mas um dia uma senhora chegou lá e falou assim "aqui meu filho, eu não te conheço, num sei de onde você veio, o que você faz - e ele tinha fugido -, mas se você não abandonar esse mundo, você vai perder sua vida". Aí ele disse que começou a tocar no coração dele... aí veio pra cá e aceitou, aí foi morar com nós, aí eu falei "ó, eu sou o [...], que foi uma carta lá pedindo pra tirar nós de lá que depois veio a resposta que foi o [...] e o [...] pedindo falando que é nós" e aí ele me abraçou, falou "olha, se eu não tivesse dado o aval pra você lá hoje, você podia não me aceitar aqui também, você e os demais", falei "pois é, com uma mão se lava a outra e com as duas a gente toma banho inteiro". É um dos maior amigo que eu tenho dentro da cadeia hoje. Então isso é algo especial, que é assim: Deus age na vida daquele que busca. Tudo vai dar certo, pode vir contratempo, mas se você persistir, você vence. Vence por quê? Quem anda com Deus não tá sozinho: o inimigo por mais que ele queira se levantar, ele cai; o inimigo se levanta pra cair, mas o cair é do homem e o levantar é de Deus; quando Deus te levanta, você permanece.

Esse extenso trecho da entrevista revela muito sobre o universo prisional, mas mostra principalmente como o evangélico na prisão é vigiado. Há, no mínimo, três fontes de controle: administração prisional, facção e igreja. O converso precisa provar para os funcionários, para os membros do Comando, assim como para o pastor e seu rebanho que "mudou", ou melhor, que aceitou Jesus. Tadeu indica que a adesão religiosa é caracterizada pela desconfiança constante dirigida por todos os atores que integram esse universo ao suposto converso. Como no seguro ficam alojados presos condenados por crimes que a facção não admite no convívio - nas palavras de Tadeu, "o seguro é quem tem crime hediondo, crime contra mulher, essas coisa" -, a adesão religiosa pode significar a busca por

proteção contra as ameaças simbólicas e reais representadas pela facção. Em função disso, todo o conjunto de pessoas que, de alguma forma, habita a prisão, desde presos a agentes, fica "cismado", "com o pé atrás".

Tadeu atesta a todo momento a veracidade da sua adesão religiosa, apontando que muitos presos, de fato, se escondem atrás da Bíblia e praticam atos considerados ilícitos na ala evangélica. O termo ilícito indica que a igreja se apropria de um universo simbólico que lhe permite legislar, exercer sua jurisdição e governar os crentes. Em outras palavras, há leis que regulam o comportamento dos crentes e, se estas leis não são cumpridas, o "falso crente" pode sofrer alguma sanção, como a expulsão da ala evangélica. Além disso, o preso que se "esconde atrás da Bíblia" também está sujeito às normas e sanções da facção ("quebrar braço e perna"), numa espiral de vigilância e violência constantes.

De outra parte, ao mesmo tempo em que retrata desconfiança e controle, Tadeu aponta para uma parceria e uma troca entre igreja e facção, uma convivência que se estabelece dentro da prisão e é atravessada pelas regras da prisão, que se somam às regras da facção e da religião e que, de alguma forma, não se colidem, formando uma complexa e tênue composição que permite o convívio de Deus com o Diabo, ou do evangélico com o criminoso.

Apesar de ser possível perceber o controle ininterrupto sob o comportamento dos evangélicos na prisão, a maioria dos entrevistados afirma que é fácil ser crente na prisão, porque neste ambiente a pessoa ainda não estaria exposta às tentações que se apresentam com a liberdade. Diante das restrições impostas pela privação da liberdade, a atividade religiosa é vista, muitas vezes, como o único entretenimento possível. No entanto, é preciso ressaltar que participar de atividades religiosas na prisão não é o mesmo que morar na galeria evangélica. As atividades religiosas podem ser frequentadas por todos os presos, enquanto a galeria evangélica é acessível apenas àqueles que se propõem ou fingem se propor a seguir o específico ordenamento comandado supostamente pela igreja.

Questionado sobre como percebe a vivência na igreja dentro da prisão, Miguel explica que participar da igreja na prisão pode representar apenas a escolha por alguma atividade, já que não há muitas opções de atividades na prisão. Assim, o entrevistado indica que muitas pessoas participam ativamente das atividades religiosas na prisão e afirmam que mudaram, mas não são capazes de manter essa postura depois de soltas. Para o entrevistado, é preciso ter opinião, isto é, manter a palavra e frequentar a igreja durante as saídas temporárias e após a extinção da pena.

Ó, aqui dentro tem que ter opinião. Falar a verdade procê, porque todo mundo fala assim, às vezes tem pessoas que pega Bíblia, fala "ai eu mudei". Ninguém muda de um dia pro outro. Ele leva tempo. E pra você viver aqui dentro, você tem que viver lá fora também. O que você viver lá fora eu creio que tem que viver aqui dentro também. Eu, quando eu saio de saída, eu vou pra igreja, mesmo jeito que eu vou aqui dentro. [...] Aqui dentro pra todo mundo é fácil, pegar uma Bíblia, ah vai ter culto hoje, vamos, porque não tem outro lugar pra ir a não ser no culto. Você quer ver uma gente diferente, que nem eu tô vendo a senhora, a senhora vem aqui, se a senhora não vem eu não vou saber que a senhora existiu. Então pra mim ver umas pessoas diferente eu vou no culto, porque as outras cara todo dia eu tô vendo. [...] Aí você quer ver algo diferente, vai no culto. Aí vem umas irmã de fora, vem uns pastor de fora, vem um coral de fora, essas coisas assim. Aí você vê, mas... é, aí que nem diz eu, pra ir ali é fácil. Agora tem vez que a pessoa vai sair daqui e vai continuar lá fora. Porque aceitar Jesus aqui dentro é facinho. Quero ver lá fora. Lá fora que tem festa, tem baile, tem bebida, tem droga, tem tudo. E nem todos que aceita aqui, sai ali fora, eles sai a mesma coisa de você soltar um boi do curral, ele sai louco correndo, nem sabe que lugar que vai. Então a gente tem que ter uma opinião. Quem, por exemplo, se entrega realmente de verdade, ele vai sair daqui "não, eu já passei por isso, é uma tempestade, já fui alto, caí, já levantei, caí de novo, mas eu sei que o meu caminho é esse". Então qual é o caminho? É Jesus Cristo. A gente tem que se afirmar ali. [...] Depois vai pro bar, já vai lá ver um monte de mulherada, de amigo, bebida, festa, droga, tudo que ele quer. Quer dizer, ele não, desejo da carne, né? Porque a alma prefere outra coisa.

Miguel relata a desconfiança que paira sobre o preso evangélico, indicando que a escolha pela igreja na prisão não é resultado apenas de um "chamado de Deus", mas de falta de opção. A igreja oferece uma alternativa de atividade num universo de oportunidades escassas. O entrevistado explica que é preciso ser coerente e viver as mesmas restrições quanto à bebida, drogas e lazer na rua. Para ilustrar a situação do preso que frequenta a igreja na prisão e, na rua, se deslumbra com a oferta de estímulos "mundanos", Miguel compara o preso que sai para a rua com o boi que é solto do curral. Nas suas palavras: "ele sai louco correndo, nem sabe que lugar que vai". Assim justifica a necessidade de manter a firmeza das escolhas, ou melhor, de "ter uma opinião". É preciso ter opinião para resistir aos desejos da carne e para manter alimentando apenas a vontade da alma. Assim, rompe-se com o terreno/mundano e alcança-se o divino.

Valdir explica que foi faxina na 9ª DP por 3 anos e 7 meses e que teria se juntado à galeria evangélica logo que foi transferido para a CCM, seguindo orientação da irmã Ruth.

Trabalhava lá, pagava alimentação tudo pros preso, é tipo, se diz, preso de confiança. [...] Depois eu fui transferido pra CCM, depois de eu ser condenado tudo, aí eu vim pra CCM, fiquei 1 ano e 8 meses na CCM [...]. Aí eu cheguei ali, já pedi pra ir para a igreja. Primeiro eu fiquei três dias no AVI que fala. AVI é como se diz, triagem, a triagem. Mas só que não fiquei muito tempo, só fiquei uns 3 dias e depois já pagaram eu lá na igreja da CCM.

O que se percebe da análise conjunta das entrevistas é que a igreja é composta por um público determinado: ex-faccionários, presos do seguro, presos de confiança da direção (que trabalham para a administração na faxina, limpeza, alimentação ou tranca). A

entrevistadora pergunta a Valdir se é seguro ficar na igreja quando há algum problema com o crime e o entrevistado responde:

Não, ela vai lá e vai ficar tranquila, mas o problema vai ser na rua, né, aí é outra coisa. Primeiro nós reza, na igreja aqui que é um pouquinho seguro, né, mas não totalmente, porque se eles decidirem que é coisa grave, eles vão buscar ele até no seguro, em qualquer lugar eles vão buscar pra pegar ele.

Na sua leitura, não há lugar seguro para o preso condenado pelo Comando. Embora a igreja seja quase um seguro, para Valdir, nem o próprio seguro é seguro, porque a perseguição da facção está além da prisão. Além disso, importante destacar que, apesar de o entrevistado afirmar expressamente em determinado momento da entrevista que a igreja é respeitada na cadeia, ele também aponta que ela é mal falada. Segundo sugere, isso ocorre porque aceita pessoas que rejeitam o Comando ou que são rejeitadas por ele.

A igreja bem dizer é meio que mal falado nas cadeia também [...] porque fala que a maioria que vai lá é pra se esconder, né, então. E por causa que a pessoa quer mudar de vida e geralmente o pessoal do crime não quer que muda. Você vai pra igreja pra salvar almas, né, e eles não quer perder almas pra igreja né, então.

Assim, Valdir explica que a igreja precisa do aval da facção para receber o preso, mas ressalva que, mesmo que seja dado o aval para que a pessoa seja aceita, esta pessoa é vista com desconfiança pela facção. Além disso, Valdir aponta que a mudança para a igreja não é desejada pela facção, porque ela representa a perda de um soldado.

A entrevista de Davi foge a todos os protocolos e talvez nem possa ser concebida como uma entrevista propriamente dita. A suposta entrevistadora não tem grandes chances de lhe fazer perguntas. Assim neste caso, o roteiro, que servia para garantir minimamente uma estrutura e assentar a fala sobre determinados tópicos, acabou sendo abandonado. Tentando evitar que a entrevista se transformasse em uma palestra, a entrevistadora procura chamar a atenção para pontos da própria fala do entrevistado. Assim, muitas das questões que foram feitas para outros entrevistados não foram feitas para Davi, embora boa parte dos temas tenham sido espontaneamente levantados pelo entrevistado, sendo possível extrair análises valiosas de seu discurso.

Como se poderá notar durante toda a fala de Davi, seu tom é sempre explicativo e quase todas, senão todas as suas frases são encerradas com as expressões "entendeu?", "você tá entendendo?", "tá certo?", "tá?". Antes que a entrevistadora possa lhe introduzir alguma questão, Davi já começa oferecendo algumas instruções. Colocando-se numa posição professoral, Davi chega dizendo que a maioria dos presos da galeria evangélica são novos, não tem muita experiência de vida e, portanto, não teriam muito o que falar na entrevista. Além disso, o entrevistado prevê que a entrevistadora não enfrentará problemas com as

entrevistas na CCM, porque esta é uma unidade de regime fechado. Por outro lado, como a CPIM é uma unidade de regime semiaberto, muitos presos estariam trabalhando fora no momento da entrevista e estas seriam, na sua visão, as pessoas certas para serem entrevistadas, porque seriam mais sérias, comprometidas com a religião e, por consequência, com o trabalho. Davi sugere que a entrevistadora converse com pessoas qualificadas por ele como "mais responsáveis". A entrevistadora lhe questiona então se a sua sugestão é que sejam entrevistadas pessoas que têm mais tempo de cadeia ou mais tempo de religião, ao que o entrevistado aponta claramente o seu propósito, que é guiar a pesquisa por meio da prova da mudança promovida pela religião. Tempo não é um critério considerado por Davi, mas qualificação. Percebe-se que o que lhe preocupa é a prova da verdadeira conversão. Ele faz referência a um preso que seria novo na religião, mas que já teria demonstrado uma grande mudança. Para justificar as suas recomendações, o entrevistado explica que para se tornar um verdadeiro crente, é preciso passar por uma grande mudança: "Normalmente, né, uma das profundas mudanças do ser humano é quando ele tem realmente um encontro real com Deus, ele muda, ele muda a cabeça dele, a maneira de pensar, a maneira de agir, né? Em tudo, né, no caso". Com isso, Davi já está promovendo uma separação entre aqueles que provam ser crentes e aqueles que ainda estão em fase de teste. De acordo com Davi, os verdadeiros crentes, aqueles que teriam sofrido a mudança, estavam trabalhando, porque, segundo ele, são pessoas sérias, que precisam sustentar a família, diferentemente das pessoas que não trabalham e passam o dia no alojamento. A intenção de Davi era que a entrevistadora não falasse com os jovens cujo comprometimento com a religião ainda não era seguro, na sua percepção. Dessa forma, ele já faz um alerta:

E a maioria desse pessoal que eu to te falando, né, eles daí eles têm vontade e necessidade de sair pra trabalhar fora, pra buscar o sustento dele e da família que está lá fora, entendeu? E a maioria desses que ficam ali, são mais tipo assim molecão, né, que não tem muito né, têm muitos que até aceita "ah, eu sou crente" pra poder fugir de alguma coisa, entendeu? Já aconteceu de pessoas aparecerem na nossa galeria né, no caso, pra que depois a gente descobriu, porque ali era fácil de ele conseguir esconder droga, porque lá os agentes não batem, porque eles têm confiança na gente, entendeu? Uma das coisas que você chega, entra na nossa galeria, tá escrito bem grande "disciplina na nossa galeria: é proibido celular, droga, bebida, todas essas coisas". A cadeia não permite? Nós não aceitamos aqui dentro, entendeu? Nós temos vamos dizer assim uma seriedade, né? E tem pessoas que vendo aquilo lá fala "opa, não tem melhor lugar pra mim esconder minha droga do que aqui que os guardas nunca vem revistar, entendeu?"

Como se vê, desta parte, que é composta por uma orientação prévia à entrevista, já podem ser extraídas muitas informações. A primeira delas é que, de acordo com Davi, existem falsos conversos na galeria, que simulam a sua identidade para fugir de algum problema ou para esconder droga, uma vez que haveria um relacionamento diferenciado

entre os evangélicos e os guardas, tendo sido estabelecida uma relação de troca: os evangélicos não descumprem as regras e os guardas não fazem vistoria na galeria. Conforme relata Davi, há uma disciplina na galeria evangélica e as regras que garantem essa disciplina são expressas, escritas em letras grandes e fixadas na porta para o conhecimento público. Com isso, o entrevistado revela que o alojamento evangélico também é procurado por presos que buscam se esconder ou esconder alguma coisa.

A entrevistadora aproveita para questionar como funciona o ingresso na galeria evangélica e o entrevistado explica que há uma conversa simples com o líder, sendo que só é perguntado se o candidato concorda com as normas. Assim, Davi afirma que é muito fácil enganar o líder e ingressar na galeria, porque há pessoas que se mostram dispostas a seguir as regras, mas que em uma semana já estão dando uma "escapadinha". O entrevistado explica que todos os dias os presos saem para andar no pátio, ocasião em que saem do alojamento e voltam sem serem revistados. Nessa ocasião, segundo Davi, o falso crente tem a oportunidade de "trabalhar com drogas" e retornar para o alojamento evangélico, onde não seria revistado. Com isso, Davi justifica novamente a sua orientação de que os novatos do alojamento evangélico não sejam entrevistados, uma vez que não houve tempo hábil ainda para que o seu compromisso com a igreja fosse testado e provado.

Tem pessoas ali que fuma, consome droga ali meio à vontade no convívio, que infelizmente existe, você sabe disso, a gente não vai fazer negação disso, né? E quando ele tá com uma dívida meia grande, aí ele corre lá pra igreja, entendeu, pede abrigo pra gente, entendeu, aonde ele tenta convencer né a gente lá que ele quer mudança de vida, "eu quero ir pra igreja", entendeu?

Na sequência, o entrevistado diz expressamente que não recomenda que os quatro novos moradores do alojamento sejam entrevistados. Apesar disso, explica que os moradores do alojamento evangélico que já haviam passado pela entrevista não estariam entre esses novatos. Aponta que, embora alguns fossem novos na galeria, não seriam novos na fé, preenchendo o requisito que ele entendia pertinente para a realização da entrevista. O critério de escolha, para Davi, deveria ser o histórico, de modo que só as pessoas consideradas, nas suas palavras, "bem crentes", estariam habilitadas. Davi já era o nono entrevistado na CPIM e, ao que tudo indica, queria evitar apenas que o décimo entrevistado fosse incluído na pesquisa. Boa parte da sua fala foi ocupada por essas orientações. Apesar disso, o conteúdo da justificativa revela várias dimensões do "ser evangélico na prisão", como se pode notar no seguinte trecho:

De vez em quando a gente tem o testemunho, né? Por exemplo a minha esposa conversa, vamos fazer de conta que você é presa também, a minha esposa conversa com a sua esposa, entendeu? E aí conversa "o bem, ó, a esposa do Fulano de tal falou", ah então a gente já tem quando as pessoas é crente, né, no caso, a gente já

conhece eles de longe, entendeu? Assim como o pessoal da droga também, né? Diz que tem aquela marca. Os crentes também temos as marcas.

Nesta parte, Davi indica que a cadeia não é um ambiente isolado. Pelo contrário, trata-se de um universo que, embora tenha características específicas, não deixa de ser atravessado pela rua e pelas práticas extra-muros. Como procurou-se demonstrar no quarto capítulo da primeira parte, a prisão é porosa. O entrevistado explica que, mesmo dentro da cadeia, é possível saber o histórico do preso por meio da dinâmica que sustenta o funcionamento do sistema. Assim, os visitantes conversam e as informações são cruzadas para que seja possível distinguir o verdadeiro do falso converso. Aliás, além da separação entre verdadeiro e falso, o entrevistado faz distinção entre mais e menos crente, a partir do histórico da pessoa, sobretudo quando esse histórico contempla uma longa passagem pela cadeia. Como sintetiza Davi, os crentes têm marcas, marcas estas que permitem distingui-los dos demais. A entrevistadora então lhe pergunta qual é a marca do crente, ao que o entrevistado responde:

Ah provavelmente a sinceridade, né, no caso, pessoa mais dócil, mais fácil de lidar, né, pessoa mais espontânea, entendeu? Uma pessoa que tá sempre falando a verdade, dificilmente ela vai mentir, né? Porque uma das características pra gente servir a Deus diz que nós não devemos mentir. Não sei se você conhece mais ou menos a ideologia, né, da Bíblia, porque o diabo é o pai da mentira, então nós não podemos mentir, entendeu? Hoje se você me fizer uma pergunta e eu mentir pra você, eu não to mentindo pra você, eu to mentindo pra Deus, certo? Então uma das características dos crentes, entendeu?

Na leitura de Davi, a principal característica do crente é a sinceridade e a docilidade. Segundo o entrevistado, falar a verdade é requisito essencial para servir a Deus, uma vez que a mentira seria filha do Diabo. Nessa linha, pode-se concluir que, como ninguém é capaz de enganar Deus, não faz sentido mentir, afinal, quem mente, mente para Ele. Em vista disso, os crentes se reconhecem, como explica Davi:

Então a minha esposa já sabe por exemplo, né, que você sendo um preso também, que a sua esposa é mulher também de um cara crente, que lá na CCM ou lá na PEM já se encontraram, então a gente já tem conversações, eu já sei né que Fulano de tal era uma boa pessoa lá. É, por exemplo eu vim da CCM há seis meses, oito meses atrás, né, no caso, mas de lá a gente já traz notícias também, entendeu: ó Fulano de tal lá ele era crente, mas chegou aqui mudou, Fulano de tal lá tava lá na nossa galeria, mas infelizmente ele deu BO lá, ele foi de volta pro convívio. Então tudo isso daí a gente querendo ou não traz, porque nós temos reuniões entre nós, entendeu? E isso daí tem que ser passado porque nós não podemos viver no mundo de mentira, tá certo? Se você vai fazer parte da minha galeria, nós somos todos irmãos, e onde tem a irmandade, tem que ter o amor, tem que ter a confiança, nós temos que viver nessa união perfeita, entendeu?

Assim, Davi esclarece que é possível saber que a pessoa é verdadeiramente evangélica quando o seu histórico é conhecido. Segundo conta, a pessoa faz um "nome", isto é, a sua reputação se constrói no dia a dia, de modo que as pessoas que moraram com o preso

sabem dizer se ele é uma "pessoa de Deus", ou seja, uma pessoa realmente convertida, com "disciplina" comprovada. De boca em boca, a informação é propagada pelos visitantes e pelos presos, de modo que todos ficam sabendo de qualquer "boletim de ocorrência" a que o preso tenha dado causa, ficando registradas no seu histórico todas as marcas do seu passado que permitem que o seu presente seja julgado e o seu futuro determinado. Ser crente é dar prova da sua identidade o tempo todo. A desconfiança é a principal justificativa para a vigilância e ela é reiterada por Davi em outra parte da entrevista:

Alguns vê a gente como, vamos dizer assim, uma alternativa de escape, como eu te falei, é a pessoa vai, faz dívida lá e corre pra igreja. Mas tem muitos ali que acredita na sinceridade nossa, porque nós já provamos mais de uma vez que ali tem seriedade no caso, sabe. Normalmente nos sábados e domingo nós temos culto embaixo [...]. E ali a gente dá os testemunhos né que fala, e a maioria, alguém sempre conhece alguém ali, você tá entendendo? E aí alguém fala "opa, ó o seu Antônio", "não, realmente, o seu Antônio eu conheço ele da rua, o seu Antônio ele realmente não é do crime, ele tá aqui por causa disso, disso e daquilo". Então muitos deles acreditam em nós como pessoas realmente professas, como pessoas praticantes, e tem alguns deles que acha que a gente tá ali por fingimento, entendeu, pra poder escapar daquela peneiragem, entendeu? Porque os guardas nos tratam diferente, tá? Isso é normal. Por quê? [...] porque nós nunca damos trabalho pra eles, eles nos tratam bem, entendeu? Aí só que isso daí graças a Deus não gera concorrência com eles. Eles sabem que nós não prejudicamos eles, entendeu? Que já aconteceu muitas vezes aí de acontecer e nós não dedurarmos, entendeu? Porque nós não estamos aqui, nós não somos polícia, você tá entendendo? Nós somos presos. Então eu tenho que ser igual a você, agora se você tem o seu vício, problema seu, eu posso tentar te aconselhar, mas eu não posso dedar pra ele pra te ferrar por causa disso, você tá entendendo? Eu posso tentar te ajudar, não te atrapalhar. E é o que a gente faz, entendeu, aqui dentro da cadeia né, a igreja tenta ajudar os outros, e é isso que a gente sempre faz.

Davi revela que o crente precisa provar a sua identidade religiosa para a massa carcerária. O entrevistado afirma expressamente "nós já provamos mais de uma vez", o que indica que há uma dúvida constante sobre a mudança da pessoa. Em regra, a ida para a igreja parece ser percebida como um subterfúgio. O crente dá testemunho da sua conversão e procura com sua conduta provar que mudou, mas ele depende de que as pessoas acreditem nessa mudança e reverberem a sua nova reputação. Caso contrário, ele será visto com desprezo, como alguém que está fingindo ser evangélico para escapar do convívio. O entrevistado também reforça que os evangélicos recebem tratamento diferenciado por parte dos guardas, porque não dão trabalho. E evangélico não apenas não dá trabalho para guarda, como também não cria problema para o convívio. Evangélico não dedura preso, porque evangélico também está preso. Por isso, não há concorrência, mas coexistência.

Ao falar sobre a relação entre igreja e facção, Daniel explica que é possível que membros da facção mudem para a igreja. Isto ocorreria, porque, segundo Daniel, o mundo do crime comporta três destinos: lesão, morte ou prisão. Assim, a melhor saída do crime é,

na visão de Daniel, a igreja. O entrevistado conta que já viu irmão da facção virar irmão da igreja.

A pessoa da facção vê que aquilo não é o que ela quer pra ela, que é um mundo, como diz vários hinos, que só leva à cadeia, cemitério ou cadeira de rodas, o mundo do crime. E quando a pessoa, eu falo que abre os olhos e consegue enxergar o que que ela tá vivendo, ela sai do mundo do crime e procura a Deus. Há somente um meio de sair da facção, que seria se convertendo pra igreja ou abandonando de vez o crime e virando trabalhador. Porém se a pessoa abandona o crime, a facção no caso, e cai novamente, aí corre o risco de vida, porque seria considerado entre eles traição.

Daniel explica que é possível migrar para o mundo do trabalho/da igreja e ser salvo. Neste caso, é proibido o retorno para o crime. De acordo com Daniel, se a pessoa volta para o crime, corre risco de vida, porque isto é interpretado pela facção como traição. A entrevistadora pergunta se uma pessoa condenada pela facção é admitida pela igreja e o entrevistado explica que a igreja admite, mas que, por segurança, a pessoa vai para o seguro. Daniel explica que há uma negociação entre líderes da facção e da igreja para que uma pessoa do crime seja aceita na/pela igreja.

Se a pessoa já foi condenada pela facção, ela vai ser perseguida, mesmo buscando a Deus. [...] Se for determinado a morte da pessoa, ela pode passar 1, 2, 10 anos, mas eles têm uma lista, não sei como funciona essa lista, quem tem acesso, e o nome dela fica na lista até eles acharem. [...] Pra pessoa sair do convívio e ir pra igreja, tem que ser um liderante da facção vim e conversar com o nosso, não pastor, mas dirigente, que fala que seria o nosso líder da ala evangélica, porque tem que ter entre nós também uma pessoa a frente pra manter todo respeito, pra manter a ordem.

Assim, revela-se um acordo firmado entre aqueles que representam cada um dos dois grupos. Percebe-se, no entanto, que há um frágil equilíbrio entre igreja e facção e que, por mais que a igreja represente um local seguro para o preso, se ele for condenado pela facção, esta segurança pode ser meramente provisória.

Tiago conta que passou a frequentar a Igreja dentro da prisão e que, embora depois de ser solto tenha ido algumas vezes à igreja na rua, não teria mudado de vida nessa ocasião. Como afirma, participou algumas vezes de atividades da igreja onde sua irmã trabalhava para convencer a família de que tinha mudado. No entanto, explica que, nessa oportunidade, ainda apresentava uma visão mundana, porque sua vontade de mudar ainda não tinha despertado.

Eu fui passar a frequentar a igreja mesmo foi dentro dum presídio, foi dentro da cadeia. A minha irmã que nem eu falei pra você, a minha irmã lá fora lá, eles têm os ministérios dele, quando eu saí pra rua até já fui pra igreja, mas eu fui assim pra querer mostrar pra família que eu tava indo, não pra querer mudar de vida verdadeiramente, sinceramente. [...] eu fui com olhos mundano, eu ia tipo assim pra querer, pra minha família pensar que eu tava querendo mudar, mas na verdade não, eu tava indo pra querer agradar eles, eu não tava querendo ir por vontade própria pra mudar, pra agradar ele, então se a gente for ver dessa maneira, é,

infelizmente você não vai mudar. [...] Aí que que aconteceu, aí eu saí pra rua, aí voltei a aprontar de novo, voltei a mexer com droga, a fazer aquilo que eu fazia antes e de vez em quando eu ia pra igreja. [...] Eu usava, ia pros caminhos errado, até aonde que eu que cheguei num ponto que eu fui me envolver com facção. Isso aí foi quando eu fiquei preso em Curitiba. Fiquei preso em Curitiba de maior. E lá você vê muitas facções assim, muitas pessoas que fazem parte hoje do PCC. E quando eu fui pra lá, eu conheci pessoas que fazem parte, né, desse grupo, e fui conhecendo assim, essa pessoa foi mostrando para mim como que funcionava, o que que eles fazia, qual que é assim, é, as coisas que eles mandava, as coisas que eles tinha, e eu fui procurar buscar interesse por isso.

Conforme explica, Tiago teria voltado a usar drogas após sair da cadeia, indo para a igreja apenas para tentar provar para a família que estava diferente. No entanto, afirma que voltou a fazer o que fazia antes, passando inclusive a se envolver com uma facção. Tiago conta que conheceu um membro do PCC e foi apresentado à dinâmica do grupo, manifestando interesse em participar das suas atividades.

Aí foi aonde que me fizeram o convite e eu acabei entrando, aí eu fui vamos se dizer na linguagem deles eu fui batizado, aí fiquei oito meses preso em Curitiba, quando eu fiquei sabendo que a minha filha tinha nascido, ela já na verdade ela no dia que eu fiquei sabendo, no dia que eu consegui entrar em contato com a minha família desses oito meses que eu fiquei preso em Curitiba foi o dia que a minha filha nasceu, aí eu saí pra rua. Eu saí pra rua e a pessoa que ela entra numa organização criminosa, pra ela entrar é fácil, pra ela sair é difícil, é complicado. E como minha filha tinha saído, né? Quando você tá na rua, você não tem sossego por parte deles, porque assim, eles ficam te ligando na rua, eles mandam assim vamos se dizer eles mandam você ir ali fazer uma coisa, ele manda você ir ali fazer outra, chega num ponto se eles mandar você matar você tem que matar, porque se você não matar você perde a vida, eles te mata. Graças a Deus num chegou num ponto desse pra mim. E você não pode trabalhar na rua, você tem que viver só fazendo coisa errada pra dar dinheiro para ele, entendeu? E eu fui vendo que como eu tinha uma filha, eu tinha que sustentar minha filha, eu tinha que procurar uma maneira e eles não me ajudou em nada. Eu procurei ajuda neles e assim, uma forma de eu poder sustentar minha filha, pegar uma droga pra vender ou fazer assado, fazer o que me dava dinheiro pra mim poder me manter e sustentar minha filha, como eu não podia, não pode trabalhar. E eu vi que eles não me deu atenção.

O entrevistado narra o momento em que foi ensinado por outro preso sobre as ações da facção. Conta que foi preso e que, na prisão, conheceu a facção, vindo a se interessar por ela. Tiago foi batizado pela facção e passou a integrá-la. Atualmente, batizado na Igreja, já se afasta do antigo grupo ao promover a separação de comunidades discursivas, indicando que a linguagem da facção não é mais a sua linguagem: "na linguagem deles eu fui batizado". Tiago conta que saiu da prisão no dia do nascimento da sua filha e não teve sossego, pois a facção atribuía a ele muitas tarefas, sem lhe oferecer a assistência que precisava. Tiago explica que achava que receberia algum apoio material do grupo, mas que a facção passava muitas ordens para que ele atendesse, não retribuindo os serviços prestados. Tiago esclarece que a facção proíbe o faccionado de exercer um trabalho lícito, porque ele já está empregado

pela facção. No entanto, esse trabalho não estaria sendo remunerado. Assim, não tinha como sustentar a própria filha, sustentando apenas as ordens da facção.

Chegou num ponto que eu caí preso, aí caí preso de novo, aí uma pessoa que ela faz parte de uma facção, então assim, são várias facções, tem lugar que são facções que uma não pode assim vamos se dizer não pode se encontrar com outra, são facções rivais, são uns que têm problemas com outro, só que aqui existe só essa e outras pessoas. E quando você cai numa cadeia, num presídio que não se encontra nenhum faccionário, e você é faccionário, você fica responsável por aquele presídio, por tudo que acontece, todas decisões, caso de rebelião, caso de morte essas coisas, você como um faccionário só tá você ali você é responsável por tudo que acontece dentro do presídio. Então quando eu cheguei nessa cadeia aí, não tinha nenhum faccionário, só tinha eu. Então é uma responsabilidade assim, vamos se dizer pro lado errado é uma responsabilidade grande, porque dentro dos presídios, você se encontra muitas pessoas que vão se dizer assim que tem rixas um com outro, só que você tá ali não é pra que um venha matar o outro ou um venha brigar com outro, você tá ali pela linguagem deles é pra trazer a paz, já não é pra existir isso: morte ou briga. E quando você entra numa vida dessa, querendo ou não você arruma muitos inimigos, porque você vai querer gritar com um, você vai querer falar com outro, você vai querer dar ordem em um, então querendo ou não aquela pessoa ela vai até te ouvir porque ela sabe que você faz parte de uma facção, então se ela mexeu com você, ela vai mexer com milhares, não é só com você, ela vai tá mexendo com a facção, e qualquer coisa que ela fazer pra você ela vai tá fazendo pra uma facção, então não é só pra você.

Tiago conta que foi preso novamente e, dessa vez, ficou em uma cadeia que ainda não havia sido tomada pela facção, de modo que o entrevistado teria sido incumbido de quebrar a neutralidade da cadeia e instaurar a ordem de seu grupo naquele território. Tiago indica que ficou responsável por todas as decisões da unidade. Novamente, o entrevistado marca a sua separação do mundo do crime, registrando que, na linguagem do grupo ao qual não mais pertence, sua missão era impor a paz na cadeia, administrando os conflitos entre presos para evitar mortes. Essa atribuição teria, no entanto, rendido ao entrevistado vários inimigos, porque a sua autoridade de líder da facção na cadeia faria com que muitos tivessem que obedecer às suas determinações. De acordo com ele, a verticalização das relações entre presos geraria incômodo. Assim, se, de um lado, a facção não teria oferecido o apoio que Tiago precisava por ocasião do nascimento da filha, de outro, o fato de pertencer a uma facção supostamente teria oferecido proteção a ele na medida em que a mera representação da facção seria capaz de figurar como uma ameaça aos demais.

Então assim, aí chegou num ponto que eu vi que pra mim aquilo ali não tava dando lucro e nada e pedi pra sair. Falei: "ó, é o seguinte, eu quero sair, eu tenho uma filha pra cuidar e eu não tô tendo assistência de nada, eu tava na rua, ninguém me ajudou, tive que eu mesmo correr atrás das coisas que eu tinha que correr e ninguém me ajudou". E assim, aí eles pegou e me deu uma oportunidade, falou: "ó, o negócio é o seguinte, já que você quer sair, você tá falando que você quer sair porque você tá com um problema familiar, você quer cuidar da sua família, tá bom, a gente vai te liberar, você pega e sai, só que você não traga mais problema, se você voltar a aprontar, só num traga problema pra gente".

Pela segunda vez, o entrevistado indica que a facção não teria trazido benefícios a ele: muito trabalho, pouco retorno. A facção, para ele, não dava lucro. Tiago sugere que precisava sustentar a filha e que a facção não o ajudaria com isso. Por isso, teria pedido para sair. Ao que parece, como se tratava de questão familiar, foi liberado pela facção, com a condição de que não criasse problema, ou melhor, não criasse competição na disputa do crime. Se fosse cometer crime, que cometesse em território que ainda não tinha dono.

Aí nesse período eu saí da organização, saí, vim pra rua e voltei a aprontar de novo. Não, aí eu vim pra igreja antes de eu sair. Quando eu saí da organização, eu tava na comarca, aí eu vim pra cá pra CCM, aí foi quando que aqui eu vim pra galeria evangélica. Aí eu fui batizado na galeria evangélica e saí pra rua. Saí pra rua e em vez de buscar o mesmo caminho, que que aconteceu? Fui mexer com coisa errada de novo. Aí caí várias vezes preso, fiquei mais tempo preso e dessa vez agora eu caí a última, essa que eu to preso agora há 3 anos, eu caí e eu acabei assim, acabei voltando pro PCC, quando eu caí. E não tive vantagem nenhuma de novo e chegou num ponto assim que a pessoa que ela faz parte de uma facção, ela sabe de muitas coisas que assim são sigilos por eles, né, que não pode se dizer. Então como você já fez parte de uma facção e você conviveu muito tempo nela, você sabe tudo que acontece por dentro da vida do crime, por dentro da lei do crime. Então quando você pede pra sair, dependendo o tempo que você ficou, assim, eles tipo assim, eles não permitem a sua saída. Ou eles te decreta que no caso decreto é eles te matar ou você tem que sair assim sair e entregar na mão de Deus, sem que eles punha a mão em você. Então chegou num ponto que eu fiz isso aí, eu pedi, eu vim pra cá, eu retornei pra eles, aí eu pedi pra sair e aí como você tem padrinhos que nesse lado as pessoas que é os que no caso te batiza, eles falou pra mim, eles falou "ó, como você já foi, você voltou agora, você voltou de novo e você tá pedindo pra sair, isso é perigoso, você sabe que isso pode acarretar sua morte pelo fato de você saber de muita coisa". E mesmo assim eu falei que eu queria sair. Ele falou "olha, cara, eu não te aconselho você sair não". Falei "ah, eu vou sair". Aí em cima disso aí entrei dentro de mais vários problemas e foi na onde que eu peguei e saí. Saí da galeria da onde que era ali sem dar satisfação pra eles nada, fui pra outra galeria isolada que eles não têm acesso.

A trajetória de Tiago é cheia de idas e vindas: prisão, rua, igreja e facção. Tiago foi preso, foi solto, foi preso de novo, entrou para a facção, saiu da facção, entrou para a igreja, foi solto, foi preso, voltou para a facção, saiu da facção, voltou para a igreja. A prisão é sempre retratada como um infortúnio. Tiago caiu preso várias vezes. Tiago foi batizado no crime e na Igreja, oscilando entre frustradas tentativas de se manter no crime e ganhar dinheiro e outras frustradas tentativas de mudar e provar sua mudança. A facção, em sua leitura, não o apoiou por três vezes consecutivas, mesmo ele tendo se dedicado a ela. Sem auferir vantagens, pediu pra sair pela segunda vez. Dessa vez, porém, a facção tinha mais a perder com sua saída, porque ele sabia muito sobre o mundo do crime. Ciente de que seu destino poderia ser a morte, só lhe restava contar com Deus. Não esperou o decreto da facção, saiu sem dar satisfação.

Eu comuniquei eles que eu ia sair, mas eles não tinha permitido ainda minha saída, eles queria me ouvir pra ver se verdadeiramente era a escolha certa que eu ia tomar, se eu queria sair mesmo, só que como eu já tinha o conhecimento de saber como que funciona, eu não esperei. Eu não esperei, porque eu já tinha uma base da

consequência. Ou seja, eles vão me decretar? Só que quando você é decretado eles não te fala, não te fala. É o contrário, eles segura você até eles achar um responsável que chega ali e te mata, te dá um refrigerante com cocaína pra você tomar, que vai te dar overdose, no caso se você morrer vai aparentar que você morreu de overdose, num vai aparentar que você morreu por causa deles, que hoje em dia eles usa muito isso aí, então hoje em dia eles não mata na faca, eles matam na base dessas coisas. Então aí eu falei, então eu peguei simplesmente arrumei minhas coisas e chegou no dia do pátio eu fui lá em cima, eu falei com a direção, falei "ó, eu não quero ficar, não tem como eu ficar". Então assim, eu não tenho noção assim de saber como é que foi a reação deles, eu só sei que na verdade o problema que podia acarretar pra mim, mas eu vou esperar sendo que eu já tinha uma base do que podia acontecer? [...] Só que eu sei assim o risco também que eu corro, tanto de tá na rua, então eu temo tudo isso aí. Por mais assim que vamos se dizer que a gente busca a Deus, só que tem certas coisas que a gente pode evitar, entendeu? E o meu problema é só com eles, só tenho problema com eles, eu não tenho assim coisas que chega no ponto de querer tirar a vida da gente. Então funciona assim. Eu não sei depois da minha saída, que eu saí de lá, o que que eles decidiu, se realmente eles decidiu no caso de me ver na rua querer me matar ou em qualquer lugar, não sei qual que foi a decisão dele, eu só tinha uma base pelo fato do conhecimento que eu tinha por dentro de tudo.

O entrevistado explica que não esperou a facção decidir sobre a sua saída, justamente porque essa decisão não seria comunicada a ele, aumentando o risco de ser morto. De acordo com Tiago, a facção decide se a saída de um membro é legítima ou não e determina a sua consequência. O entrevistado aponta que já tinha conhecimento dos riscos que corria. Ele relata também as estratégias utilizadas pela facção para matar uma pessoa e diz que tomou providências junto à direção da unidade para ser transferido antes que isso fosse possível. Tiago sugere que é preciso se cuidar, por mais que acredite em Deus.

Então como você é excluído, no caso quando você sai do PCC que você é decretado, você se torna inimigo deles, então você, você acaba sendo uma ameaça pra eles, pelo fato de você saber que você pode morrer na mão deles e pelo fato de eles saber que eles pode morrer na sua mão [...]. Então assim é dessa forma e foi nesse período que eu fiquei ali, eu fiquei um ano e comecei a dobrar meu joelho, comecei a buscar a Deus no meio de assim, vamos se dizer coisas erradas que não pode, contraversões, mas eu mesmo não participava daquilo, e até que chegou num tempo assim que tem uma pessoa que na onde eu tava ali ela foi e ajudou a gente assim, ela tem assim uma proximidade um pouco mais da segurança da unidade e ela ajudou, ela foi lá e falou pro pessoal que tinha dois, que no caso é eu e o menino que saiu daqui, tinha duas pessoas que tava no meio deles ali, mas tava buscando a Deus, entendeu? Não queria ficar no meio de coisas erradas, se eles não dava oportunidade pra mandar a gente pra uma galeria evangélica. Aí foi na onde que a direção da unidade pegou e mandou a gente pra galeria evangélica. Aí ali vai fazer quatro meses que a gente tá ali, é, vai fazer uns quatro, cinco meses que eu to ali na galeria.

O entrevistado explica que é percebido como uma ameaça pela facção, assim como a facção representa uma ameaça para ele. Inimigo do PCC, parece que só restava a Tiago se aliar a Deus. Tiago conta que antes de ser encaminhado para a galeria evangélica, já começou a buscar Deus. O entrevistado afirma que, mesmo convivendo com o crime, "dobrou seu joelho". Tiago também explica como ocorreu sua transferência para a galeria evangélica. Conta que, após sair da facção, ficou em uma galeria ocupada por pessoas excluídas do

Comando, mas onde, mesmo assim, havia infrações (contraversões = contravenções). Tiago diz que, mesmo no meio de coisas erradas, ajoelhou-se e procurou o apoio de Deus. Assim, explica que foi ajudado por um preso que tinha alguma influência com a direção da unidade, tendo sido encaminhado para a galeria evangélica.

Luís revela que a facção desconfia da identidade evangélica dos presos que moram na igreja. Segundo Luís, os outros presos pensam que todos os evangélicos são delatores e estão procurando seguro na igreja.

Eles vê nós como louco, eles pensa que nós somos tudo louco, só fala que nós todo mundo é cagueta⁴¹², que nós mora num seguro, que todo mundo. Então é isso aí que eles vê nós, é dessa maneira aí. E às vezes não, tem outras pessoas que até vê, pensa, que nem às vezes pessoas que foi criada no mundo evangélico, que tem famílias evangélicas, eles até acredita, mas eles não pode sair de lá pra eles vim pro lado de cá, né, porque senão eles pode até morrer, perder a vida pelo fato de eles tá junto com o evangélico, porque ali na evangélica tem vários tipos de gente ali, né. Ali nós tamos vivendo com pessoas que têm muitos tipos de crime, de crime que, que não pode viver no convívio, que tava no seguro e agora vieram junto com nós ali na igreja, e pelo fato de nós tá na parte de Deus, servir a Deus, buscando na palavra de Deus, nós por ser religioso, na parte de Deus, nós somos obrigado a aceitar esse tipo de gente morando com nós, nós somos obrigado perdoar essas pessoas pelo fato de nós também querer um perdão né? Então muitas coisas ensina a gente nessa parte aí, é perdoar as pessoas, né?

Na visão de Luís, a facção desqualifica os evangélicos, sugerindo que eles estão na igreja em função de alguma fraqueza que necessita de proteção. O entrevistado afirma que a facção acha que os evangélicos são "caguetas" que moram no seguro, isto é, são presos que colaboram com a administração prisional e que são separados do convívio para não correrem o risco de sofrerem algum ataque por parte da facção. Luís também explica que há muitos presos do seguro na galeria evangélica, porque a igreja não pode fazer discriminação. Assim, o entrevistado esclarece que, ao contrário da facção, a igreja admite pessoas condenadas por qualquer espécie de crime. Com isso, a igreja admite presos condenados inclusive pela facção. O entrevistado aponta que a galeria evangélica é obrigada a aceitar qualquer preso, porque Deus manda perdoar os pecados e os evangélicos precisam servir a Deus, vivendo de acordo com os seus ensinamentos.

Ah, assim por exemplo, pessoas que bate em mãe, pessoas que, pessoas que são assim, como que eu posso falar para você, é, pessoa que tem problema com Jack⁴¹³, né, como que eu falo, eu não sei falar direito, mas é pessoa que é Jack, essas coisas que mexe com criança. Então isso daí se eles for lá pro lado do convívio o decreto lá da facção lá eles não aceita esse tipo de gente junto com eles, então pra eles lá é decretado a morte, né, pra esse tipo de gente. Agora nós que tá aqui na igreja, que nós tá procurando buscar o caminho certo de Deus, nós sabemos que todos eles merecem um perdão, merece também uma nova chance de se arrepender, que de repente pode ser que Deus muda o coração duma pessoa dessa,

⁴¹² Cagueta é uma gíria recorrentemente utilizada para designar presos acusados de traição e de colaboração com a polícia.

⁴¹³ "Jack" é uma gíria usada para designar estupradores.

ele acaba saindo e se tornando uma pessoa melhor, acaba se arrependendo pelo que fez, e às vezes pode até buscar o perdão de Deus, né, pelo fato dele se arrepender, né?

O entrevistado indica que a igreja acolhe aqueles que são condenados pela facção, porque eles também podem se arrepender e mudar. Dessa forma, Luís indica que a igreja não pode condenar quem Deus pode perdoar. Percebe-se, com isso, que, de fato, a igreja pode ser representada como um seguro. A fala de Luís é corroborada pela própria seleção de entrevistados das duas unidades onde foi feita esta pesquisa. Avaliou-se que muitos dos presos entrevistados são considerados inimigos da facção, alguns por terem alguma dívida, outros por já terem integrado facção criminosa e outros por terem praticado crime sexual. Muitos entrevistados tiveram seus crimes amplamente noticiados pela mídia. Um deles, inclusive, ficou conhecido como um dos mais famosos assassinos em série da região, fato que gerou grande comoção dentro e fora dos muros da prisão.

Outra circunstância apontada por Luís que parece reforçar a percepção de que a igreja tem atuado como seguro é a utilização desses presos como reféns durante rebeliões. Luís explica que a galeria da igreja é separada da galeria do convívio e que, durante uma rebelião, a igreja evangélica pode ser vítima da facção.

A facção num tem acesso em nós aqui, né. Então por isso que muitas vezes quando acontece tipo assim de uma rebelião na cadeia, nós também que nós somos da igreja evangélica, nós se torna vítima também, né, como se fosse um, como que eu vou falar pra você, é, como é que eu falo pra você assim quando a pessoa pega assim o outro assim pra segurar assim, pra soltar... Muitas vezes se ele pegar ter acesso, chegar até em nós, muitas vezes, nós pode até ser morto pelo fato de nós ser evangélico, de nós conviver com muito esses tipo de coisa, né.

Segundo o relato de Luís, os evangélicos podem ser vítimas da facção, sendo usados como escudo em eventual rebelião, porque a igreja acolhe aqueles que a facção rejeita. Ao que parece, a igreja é refém da facção, porque funciona como um seguro para os seus inimigos.

Morando há um ano e três meses na galeria evangélica, Tulio conta que acabou se convertendo por um acaso. O entrevistado explica que pediu a um guarda para ser transferido de galeria, indicando que havia um desconforto naquela que ele estava morando, mas o único lugar com vaga era a galeria evangélica.

Eu não, eu nenhum momento eu pedi pra ir pra lá, né. Eu tava em uma outra galeria, aí eu peguei e pedi pro guarda, porque eu já tava já, sabe, já é meio que claustrofóbico você morar num cubículo, não é verdade? Aí eu já tava assim já meio que, sabe, já tinha virado uma rotina assim, daí ficou meio que estressante onde o cubículo onde que eu estava, aí nós ia mudar prum outro cubículo pra ser implantado, pra ganhar remição, pra no caso o cubículo da baixada. Aí foi aí onde que eu pedi já pro guarda da galeria - não conheço ele, nunca vi ele, foi a primeira vez e única que eu vi aquele dia aquele guarda -, falei: "senhor, o senhor não tem como me levar pra um outro, uma outra galeria no convívio?". Ele falou assim: "o

rapaz, já eu volto aqui, daí eu falo pra você". Aí ele veio e falou assim: "ó, não tem nenhuma galeria que eu possa levar você, o único lugar é a evangélica". Aí eu falei: "ah, mas a evangélica pra mim não dá, senhor". Porque eu tinha minhas particularidades, sim? E ele pegou e falou assim ó: "eu posso te levar lá, depois de três dias, que vai ser meu plantão, eu tiro você novamente e pago você em outro lugar da cadeia". Eu falei assim: "então tá bom então". Aí eu arrumei minhas coisas, que é o colchão, a minhas roupas, meus kit higiene, essas coisas, e ele me transferiu pra essa galeria evangélica. Aí quando eu cheguei nessa galeria evangélica, eu falei pros rapaz do cubículo - onde que cada cubículo se denomina igreja, né, cada um reconhece como uma igreja, cada cubículo, cada cela -, aí eu cheguei na cela onze dois e falei assim pros rapaz, assim reuniu todos né, eu falei assim: "ó, eu não sou evangélico, porém eu nasci no berço evangélico, tudo, mas eu não sigo essa crença e eu vou respeitar vocês, mas só que eu gostaria que vocês me respeitasse por esse três dias que eu vou sair logo logo daqui, que o guarda vai me tirar depois de três dias". Aí eles falou: "não, tudo bem". E aí eu fiquei e nunca mais vi o guarda, nunca mais pedi pra sair de lá, hoje eu sou batizado, sou membro da Adventista hoje, e to ali até agora.

Assim, Tulio indica que foi morar na galeria evangélica e que a convivência com os evangélicos é que o levou a ser batizado. O entrevistado explica que pediu para mudar para "uma outra galeria do convívio", porque estava se sentindo desconfortável onde estava. Como o guarda lhe informou que não havia vaga em outra galeria, aceitou ficar na galeria evangélica por apenas três dias, contando com a próxima transferência. Tulio esclarece que não havia aceitado morar na evangélica de forma definitiva, porque tinha suas "particularidades". Assim, afirma que aceitou apenas que essa fosse sua residência provisória. Ao chegar à galeria evangélica, o entrevistado aponta que explicou sua situação para os demais moradores, deixando claro que não tinha nem pretendia ter vínculo com a igreja, mesmo tendo nascido em "berço evangélico". Assim, o entrevistado indica ter feito um acordo de tolerância com a igreja, mas, sem perceber, acabou se deixando levar e foi batizado. A entrevistadora pergunta ao entrevistado quais as particularidades mencionadas por ele que, a princípio, teriam levado ele a recusar a sugestão do agente de segurança, e ele afirma que o que lhe faltava era ser guiado e orientado por alguém sobre o Evangelho.

Como que eu posso te explicar... assim, nós temos as leis, sim? Nós temos todo o nosso ordenamento jurídico hoje, não temos? Porém ele seja correto, muitos não seguem, aí alguns falam "mas a lei é cega". É cega, sim, porém até a estátua da justiça ela tem uma bandana nos olhos, não tem? Porque ela precisa que alguém guie ela. Então a mesma coisa é o evangelho, a Bíblia, assim por sua vez todo o cristianismo. Tá ali a Bíblia, tá ali todos os ensinamentos, tá ali todas as coisas a que você deve cumprir, mas só que precisa que alguém te instrua, da mesma forma a lei. Então, o que que eu posso dizer? Então aí eu tirava minhas conclusões que a Bíblia não passava de um manual de sobrevivência, não existia Deus, simplesmente o ser humano necessita de um ser maior do que ele pra ele não se sentir, não se sentir um nada, porque você precisa achar ou pelo menos pensar que haverá um depois, porque senão a vida fica sem sentido, não sei se a senhora tá me entendendo. Então o ser humano ele desde o início da sua criação ele sempre, a essência dele é sempre adorar, não importa se seja um ídolo, que seja um cantor, uma estátua, ou um ator, ele tem que sempre adorar alguém, o ser humano, se você for ver desde o início, todas as outras religiões, etnias, vamos falar de qualquer um, pode falar de qualquer uma, de qualquer um da raça humana, ele adora sempre

alguém. Então o ser humano ele tem que adorar e eu não, pra mim eu já tinha essa linha de raciocínio, mas só que eu não, eu achava que eu não precisava adorar ninguém, você entendeu? E eu não tinha essa precisão, porque eu via que muita gente adorava a Bíblia, adorava santos, mas só que ainda faziam coisas erradas. Eu falei assim, então, já que eu vou fazer coisas erradas, eu não preciso adorar ninguém, porque os outros adora, faz isso, faz aquilo e ainda faz coisa errada. Então eu achava que eu não tinha necessidade de adorar e pensar num Deus.

Tulio tem uma narrativa elaborada. Ele usa muitas alegorias e ditados populares para relatar a sua experiência religiosa. Neste trecho, ele compara as leis de Deus com a Justiça, dizendo que elas existem e estão certas, mas, muitas vezes, não são seguidas. Assim, as pessoas precisam ser guiadas até elas, orientadas a segui-las. Tulio explica que o ser humano tem uma necessidade natural de adorar a alguém ou a alguma coisa. Na sua visão, para sobreviver, o sujeito precisa se agarrar a algo maior do que ele mesmo, buscando sentido para a própria existência. Apesar disso, o entrevistado explica que não sentia essa necessidade de adorar algo maior, assim como não lhe parecia razoável adorar a Deus e infringir as leis. Segundo sugere, Tulio não se sentia confortável de adorar a Deus e não seguir os seus mandamentos. No entanto, em outro momento da entrevista, Tulio parece esclarecer o que teria motivado ele a pedir transferência da galeria onde estava morando. O desconforto sentido é derivado do risco que sofre por ter trabalhado como profissional do setor de segurança privada e colaborado com a prisão de um dos internos com o qual dividia o espaço.

Na verdade eu já tava implantado, eu só ia ser, mudar de cubículo, que era pra baixada, porque, eu vou falar que nem fala aqui, os barracos da baixada é onde que são os implantes, as alturas, que aqui são dois andar, nas alturas não é implantado, é apenas na baixada, a senhora tá me entendendo? [...] Ah, somos oito em cada cubículo. Eu acho que a senhora nunca vai ter essa percepção que nós temos aqui dentro, mas são oito cérebros, oito tipos de vida, oito modos de pensar, um diferente do outro, então sempre vai ter um atrito, vai ter, vai ter aquelas pessoas após você vai se apegar, vai ter aquelas outras pessoas que você não vai entender e vai ter outras que você vai desentender, você entendeu?

Tulio termina boa parte de suas frases com a pergunta: "a senhora tá me entendendo?". A impressão que passa é que ele tem uma profunda preocupação de ser mal interpretado. Tulio toma o cuidado de explicar os conceitos que emprega, sobretudo quando se trata de expressões usadas na cadeia, e também parece refletir cada uma das suas respostas com bastante cautela, apontando sempre o contexto em que sua fala está inserida. Com isso, Tulio também marca a distância com sua interlocutora. Ele evidentemente percebe que é entrevistado por alguém que fala de uma outra experiência de vida e que não conhece o seu lugar. Porém, parte do seu receio em ser mal interpretado parece ser consequência do episódio ocorrido no dia anterior com o quarto preso entrevistado na CCM, intimidado pelo agente de segurança ao final da entrevista. A influência desse episódio na conduta de Tulio

parece bastante provável principalmente porque, em determinado momento da entrevista, quando o entrevistado contava que exerceu a atividade de segurança privado e foi identificado por um preso "prejudicado" por ele na rua, tendo que forjar um "entendimento" com o Comando, a entrevistadora pergunta se o entrevistado não havia comentado isso na triagem e pedido para ficar separado por precaução, sendo que o entrevistado inicia sua resposta com a seguinte assertiva: "Eu conheço a chefia de segurança desde 2015 eu conheço, entendeu, eu tenho bom relacionamento com os guardas, nunca sofri nenhum tipo de ameaça ou agressão por parte de nenhum deles". Essa afirmação parece que foge do contexto narrado ou, no mínimo, da expectativa de resposta da entrevistadora, porque a pergunta foi feita para entender como um preso ameaçado pela facção - situação de todos os ex-agentes de segurança pública ou privada - não foi encaminhado para o seguro.

Em todo caso, tudo parece ficar mais claro adiante. Tulio deve ter sido identificado como inimigo da facção e precisou ser transferido. A galeria evangélica, além de dispor de vagas, era um dos únicos lugares onde ele poderia estar seguro. A entrevista de Tulio é muito confusa e a sua situação parece ir se revelando aos poucos. A entrevistadora pede para o entrevistado descrever como é morar na galeria do convívio e como é morar na galeria evangélica e o entrevistado explica que não morava no convívio antes de ir para a igreja, mas no seguro. Tulio trabalhou como segurança privada, atividade equiparada à da polícia no estatuto da facção. Para a facção, segurança é sinônimo de guarda e guarda é sinônimo de inimigo.

Olha, eu não, desculpa interromper a senhora, mas eu não tava no convívio, eu tava no seguro. Mas pra mim não tem diferença. A única, o que me levou a ir pro seguro é que quando eu, depois que eu parei de trabalhar com obra, que deu uma enfraquecida por causa do começo do ano, uma certa vez acho que foi em 2013, eu comecei trabalhar como segurança. Porém eu não tinha, eu não era qualificado assim, eu não era cursado, mas eu era apadrinhado dentro de uma empresa de segurança, onde eu fazia segurança de condomínio e atendia ocorrência em loja assim quando dava disparo de alarme, a senhora me entende? Aí algumas vezes ocorreu de eu chamar a viatura pelo elemento tá invadindo ou já tá dentro do local. Aí eu fui pro convívio quando eu cheguei aqui e tal, mas só que teve um dos rapaz que reconheceu eu, aí não pode, né? Não pode tirar convívio aquele que já, já tipo assim que nem eu fazia o serviço de polícia, né, mas só que aí eu procurei entendimento com o comando, aí eu tive a oportunidade de tirar o convívio, porque eu era primário, ou, eu não tinha nenhum envolvimento com o crime antes disso, a senhora me entende? Aí eu tenho a oportunidade pra mim ficar em qualquer lugar do convívio hoje em dia.

O entrevistado explica que começou a atuar como segurança porque seu trabalho anterior estava escasso. Assim, esclarece que não fez curso para se tornar segurança, mas que foi contratado por uma empresa do setor, atendendo condomínios e estabelecimentos comerciais. Tulio conta que, no convívio, foi reconhecido pelo preso que ajudou a capturar,

mas não foi decretado pela facção porque não era criminoso, ou melhor, era primário. Tulio afirma que o Comando concedeu autorização para que ele cumprisse pena em galeria do convívio. No entanto, morava no seguro. Há muitas ambiguidades na fala de Tulio: ora pode-se interpretar que ele morava no convívio, ora no implante, ora no seguro. Seja como for, no momento da entrevista, morava na igreja. A entrevistadora pergunta como o entrevistado teria conseguido entendimento com a facção tendo esse histórico e ele afirma:

Sim, porque o único que cabe de reclamar alguma coisa é o próprio prejudicado. Então se um dia eu chegar e tiver no convívio e tiver um prejudicado, porém o comando ainda diga que você tem a opção de se jogar pro seguro ou esperar um certo tipo de cobrança, a qual eu não vou saber responder pra senhora. Eu tenho a oportunidade de sair dali ou eu fico ali e recebo um, como que eu posso dizer, uma disciplina.

De acordo com Tulio, para ficar no convívio, é preciso pagar um preço. Outra opção é "se jogar pro seguro". Ao que parece, Tulio foi reconhecido pelo prejudicado. Entretanto, se jogou e se salvou. Assim, finalmente, percebe-se que ele saiu do seguro-seguro para o seguro-igreja. A representação da igreja como um seguro parece ser corroborada em outra passagem da entrevista de Tulio. Ao comentar o tratamento recebido pelos evangélicos na prisão, o entrevistado afirma que todos os presos da galeria evangélica são bem tratados pelos guardas, incluídos aqueles que não são evangélicos, mas estão na galeria evangélica para ganhar remição ou porque estão se escondendo/protegendo.

Já chegou vezes de eu ver pessoas que tavam perdido no mundo lá no crime e caiu presos, né, e tá ali no convívio, e não conseguir, às vezes não tem uma família, uma visita, ou às vezes tem até uma visita, alguma coisa assim, e começa a se enfiar no meio de droga, de droga, faz dívida, é uma coisa ou outra, e por um motivo muito mais forte, ele não quer ir pelo, ele quer se jogar da galeria, ele quer sair da galeria, então ele faz uma, às vezes não pra ir pro seguro pra se esconder por causa da dívida, mas vai até pra igreja.

O entrevistado esclarece o significado da expressão empregada, indicando que o preso que tem dívida no convívio encontra duas saídas: seguro e igreja. O que pode ser extraído de todas as entrevistas é, sem dúvidas, que o seguro não é bem-visto na cadeia. Trata-se de uma galeria composta por presos condenados e/ou discriminados pela facção, sendo que esta controla toda a unidade. Os presos que precisam de seguro são considerados a escória da cadeia. Estes presos são percebidos como fracos ou como repugnantes na medida em que cometeram crimes considerados pela facção como hediondos. Por isso, eles compõem o grupo mais excluído da cadeia e o principal alvo da facção. Em função disso, a igreja parece ser vista como uma alternativa melhor para quem precisa fugir de uma cobrança. Assim, é possível concluir que a pessoa que vai presa e faz dívida no convívio busca na igreja a salvação.

João é o sexto entrevistado da CCM. Ele chega muito desconfiado e pergunta com quem está falando. A entrevistadora explica que é pesquisadora da Universidade de São Paulo e que faz entrevistas com internos da ala evangélica visando a compreender a experiência religiosa na prisão. João afirma que se confundiu e assinou o TCLE pensando se tratar de outra situação que ele estava aguardando. Diz que não tem interesse em participar da "reportagem", que não tem muita coisa pra falar e que irá ficar quieto. A entrevistadora esclarece que a sua participação é livre e voluntária, que a entrevista é sigilosa e o seu nome não será divulgado. Além disso, explica a proposta e a estrutura da entrevista, indicando o interesse em conhecer a história de vida do entrevistado e a sua experiência na galeria evangélica. Em resposta a essa explicação, João expressamente se recusa a falar do seu passado. O entrevistado deixa claro que pode falar da galeria evangélica, mas que não tocará em assunto que ficou para trás. Assim, promete falar apenas sobre a galeria evangélica e começa esclarecendo que procurou, na galeria evangélica, uma mudança de vida: "Ah, mudança de vida, né, é outra coisa a evangélica, né. [...] Pra mim é um negócio que não é muito, é, pelo menos aqui na cadeia é um negócio que você não fica muito visto por guarda, você tá entendendo?". Percebe-se que essa mudança de vida mencionada por João refere-se a uma mudança nas condições de aprisionamento. De acordo com João, ele foi transferido para a igreja porque queria "mudar a vista". Diz: "Ah, eu queria sair um pouco, né, conhecer como que era lá, e mudar a vista minha, conhecer um pouco mais da palavra". Ao comentar as diferenças entre a galeria evangélica e a galeria do convívio, percebe-se claramente que a mudança esperada por João refere-se a uma maior tranquilidade no cumprimento da pena. Soma-se a isso o fato de que João é preso conhecido na cadeia e mencionado inclusive em outras entrevistas. João é um típico preso de seguro que cumpre o seguro na igreja.

É menos visto pelos guarda. A galeria evangélica ela não é envolvida com radinho, com essas coisa tudo, então não fica muito visada, né? Quando é geral eles quebra o barraco da gente, eles faz a geral normal, tá entendendo? Não tem aquele negócio que chega, acelera você e você fica louco lá dentro lá. Lá não, eles respeita muito a gente ali. É outro, é outra vista. Não pisamos na bola com eles também, né? Não pode pisar na bola. Aí tirando isso é outra coisa.

Assim, o entrevistado indica o que entende por "mudar de vista". Mudar de vista indica ter sossego. Segundo João, a galeria evangélica é menos fiscalizada pelos agentes de segurança da unidade, porque os evangélicos não se envolvem com atividades proibidas na cadeia, como o uso de celular. Assim, não há invasão por parte dos guardas a essa galeria, situação comum no convívio. Os evangélicos não pisam na bola com os guardas e os guardas não incomodam os evangélicos. Morando há cerca de um ano e seis meses na galeria

evangélica, o entrevistado se declara católico e indica que não tem a intenção de se converter à religião evangélica:

Ah eu por enquanto eu to querendo entender a Bíblia, porque esse negócio de batizar é um negócio muito sério. Pelo menos eu tenho isso na minha cabeça, não é verdade? Então pra mim batizar eu tenho que entender mais a Bíblia. Não adianta, eu acho que eu não to muito preparado ainda, tá entendendo? Eu tenho que aprender mais na Bíblia ainda, pra mim pegar firme, entendeu, porque eu posso enganar aqui, né, mas Deus você não engana não.

Com isso, esclarece que não quer assumir esse compromisso. Prefere apenas "morar" na igreja. Afirma que pode enganar a cadeia, mas não conseguiria enganar a Deus. Assim, embora não se reconheça como evangélico, explica que sua rotina é dividida entre culto na parte da manhã, artesanato na parte da tarde e programação evangélica de televisão no período noturno. Essa parece ser a condição para habitar a galeria: seguir as regras da igreja. Estabelece-se, com isso, uma troca: João obedece a igreja e a igreja se torna um seguro para João.

No conjunto da análise, observa-se que os evangélicos são percebidos pelos agentes penitenciários como presos que dão menos trabalho. Dar menos trabalho significa, por exemplo, não ficar batendo na porta quando cai a energia. Dar menos trabalho é, portanto, um critério substancial para conseguir a vaga na galeria evangélica. Além disso, presos da igreja, via de regra, são presos de confiança da administração prisional. Há um cuidado que orienta a transferência para essa galeria, porque ela costuma ficar mais próxima do setor administrativo, de modo que se trata de uma ala "menos segura", despertando o interesse não apenas daqueles que almejam viver em meio à "tranquilidade", mas também de pessoas que simulam a identidade evangélica para conseguir os mais diversos objetivos. Entre eles, alguns que se destacaram em entrevistas com presos e conversas informais com funcionários: conseguir cumprir a pena em "melhores" condições, longe de retaliações das forças policiais; escapar pelo menos provisoriamente de uma ameaça de outro preso; simular uma mudança para ser menos vigiado pelos funcionários e, com isso, facilitar o comércio de itens proibidos na unidade; colocar em prática um plano de fuga. Em face disso, conforme apontam alguns funcionários, a associação com a vida religiosa muitas vezes serve de "asilo político" e a igreja de seguro.

Ao que parece, os presos condenados pela facção só não moram na igreja na CPIM, local onde igreja e convívio compartilham o pátio. Na CCM, onde a igreja é separada e não se comunica com o convívio, ela funciona como uma espécie de seguro, admitindo o ingresso de "artigos", como foi possível constatar. Seguro é uma expressão polissêmica. Morar no seguro é considerado vergonhoso pela massa carcerária, porque indica que a

pessoa precisa de proteção de agentes penitenciários. O seguro abriga pessoas condenadas por crimes sexuais, conhecidas na gíria corrente como duques, além de profissionais ligados às forças de segurança, como ex-militares. Embora os presos revelem que a decisão de se mudar para a galeria evangélica foi motivada pela decisão de mudar de vida ou para levar uma vida mais calma e ordeira, em algumas entrevistas, fica evidente que essa decisão é tomada em situações de conflito e ameaças. Como se vê, a galeria evangélica funciona, boa parte das vezes, como um seguro, garantindo a integridade física dos presos ameaçados pela massa carcerária. Em função disso, a conversão religiosa pode ser apontada como oportunista, afastando, ao menos provisoriamente, o perigo de morte decorrente de algum acerto de contas. Assim, verifica-se uma necessidade de provar a "autenticidade religiosa" com a exaustiva imposição de regras.

4.2 SEMELHANÇAS ENTRE IGREJA E FACÇÃO

A relação entre igreja e facção na prisão é ambígua, mas estes dois grupos guardam várias semelhanças. Uma delas é a existência de um líder, cujo papel é destacado por vários entrevistados. Líder é sinônimo de dirigente.

Ao falar da sua conversão e inclusão na galeria evangélica, Carlos menciona a existência de um líder da igreja e explica como ele é escolhido:

Geralmente é pela população, o pessoal escolhe. Sempre já tem aquela pessoa que se destaca mais, né? Você já viu aquela pessoa que se destaca mais? Já tem aquela, aquela coisa de líder mesmo, né? A pessoa que às vezes tem um conhecimento a mais da palavra, a pessoa ou que a pessoa às vezes já vem de um berço evangélico, já vem de um berço evangélico e... e Deus dá a porção que ele quer pra cada um. Às vezes ele dá uma sabedoria pra um, mas dá um, um dom diferente pra outro. Então cada, aí é escolhido pela população, aí é pedido "não, todo mundo aceita o Edson aqui ser o líder tal do alojamento, vamos dizer assim, ou da galeria?". "Amém". Aí é, quando tem que lidar com a segurança, com a chefia, é sempre esse líder que vai, quando tem que transmitir algum recado que vem também da segurança é sempre esse líder que tá na frente, quando tem que puxar orelha, é ele também, entendeu, é um líder. Só que é bem legal e eu confesso que esse líder ele sempre tem um pouco de trabalho, né? Porque já pensou você lidar com um monte de pessoa com pensamentos diferentes.

Carlos explica que a escolha do líder é natural, de modo que parece que ela se desenha sozinha, orientada pela vocação da pessoa, pela capacidade de interlocução com presos e funcionários da prisão, pelo conhecimento bíblico ou mesmo por ter berço evangélico, ou seja, família evangélica. Assim, a escolha se processa de maneira natural, sendo referendada pela galeria.

A escolha do líder do alojamento evangélico também é mencionada por Mauro. De acordo com o entrevistado, os crentes pedem a confirmação a Deus por meio de oração. A resposta de Deus, de acordo com Mauro, é encontrada na própria Palavra ou em um sonho de um irmão.

Às vezes, muitas vezes, a gente.... eles perguntam primeiro, pergunta pra cada um se ele se sente bem que o menino seja o líder, mas primeiramente é sempre com oração, as pessoas oram pra Deus e pede uma confirmação se essa pessoa está apta, e Ele mesmo escolhe, e o próprio Deus escolhe essa pessoa. E aí às vezes é confirmada de uma maneira que, igual eu falei pra você, só se você experimentar vai entender como é que é. Às vezes a resposta vem na própria palavra. Às vezes a resposta vem no sonho de um irmão, entendeu? E é tão real que só alguém que sabe ou quem passou, quem experimenta, vai entender assim, vai dizer "nossa, é verdade mesmo, é assim". Entendeu?

A escolha do líder do alojamento evangélico é narrada pelo entrevistado como uma escolha de Deus. Novamente, Mauro reforça a que se trata de uma experiência que não pode ser racionalmente explicada, mas apenas experimentada.

Daniel explica como o dirigente da igreja é escolhido:

Normalmente a pessoa tem que ter pelo menos mais conhecimento sobre a Bíblia do que os outros pra poder instruir aqueles que estão iniciando assim como eu que tenho pouco conhecimento, então essa pessoa, com o conhecimento que ela tem, ela nos dá direção do que é certo, do que é errado, tanto aqui na cadeia quanto a Bíblia.

Assim como a facção, a igreja tem líder. Em ambos os casos, o líder é indicado em função do seu conhecimento, conhecimento das leis da Bíblia ou das leis do crime.

Mateus explica as responsabilidades do líder da galeria evangélica: "A responsabilidade dele é de nos orientar ali espiritualmente ali, na onde que a gente vem a falhar né, vem a falhar, ele vem nos orientar ali pra nós evitar aquilo ali, e coisas da cela também, nos deveres do dia a dia da cela também". Assim, o líder dos evangélicos cuida da disciplina da igreja e da disciplina da prisão.

A entrevistadora também pergunta a Emanuel sobre o líder da galeria, que o entrevistado chama de dirigente, afirmando que ele é escolhido pela irmã Ruth e que sua função é: "Basicamente a parte de organizar, distribuir as coisas que ela traz, folha, kit carta, envelope, essas coisas, e também distribuir, e também não deixar bagunçar a casa, seria. [...] Não fazer o que quer, no caso seria não fazer o que quer, bagunçar e começar ter briga, essas coisas". Assim, para Emanuel, o líder da galeria evangélica seria responsável por distribuir os materiais trazidos pela irmã Ruth e evitar desentendimentos entre os internos. Segundo explica, qualquer preso pode conduzir os cultos, que acontecem todos os dias, sendo que o dirigente tem a tarefa específica de impedir a bagunça.

Ao relatar seu projeto de vida para o futuro, Aldo conta que faz planos de se formar em Teologia e seguir carreira como pastor, revelando, nesse momento, que é o líder da galeria evangélica na CCM:

Meu projeto de vida pro futuro é nessa experiência que eu to aqui agora, é de sair, né, eu quero me formar, eu quero estudar pra mim fazer Teologia. Porque na onde que eu to aqui na galeria, eu já to na responsabilidade de ser líder espiritual, ou seja, um dirigente dos demais aqui internos aqui, sabe? Que nós se encontra em 64 interno aqui, daí eu sou o líder deles, entendeu, responsável por eles.

O entrevistado explica que é responsável por todos os internos da galeria, dirigindo-a em duas perspectivas: uma espiritual e outra normativa. A entrevistadora pergunta qual é a sua responsabilidade como líder de galeria e ele esclarece:

A minha responsabilidade é com cada uma dessas almas que tá aqui a instruir eles, a dar uns ensinamento pra eles da disciplina cristã, a disciplina de Deus para eles se arrependem desses mal caminho, ou seja, aquela prática de coisas erradas, ou seja, assim, uma educação, um processo de educação cristã que eu passo pra cada um, pra assim eles também começar se preparar uma transformação de vida também, tá entendendo? É os ensinamento da Bíblia, da Bíblia que Jesus ensinou para a gente assim abandonar aquele velho homem que nós vivia do passado e você chaga na galeria evangélica, você se tornar uma nova pessoa, um novo homem, mas assim, um novo homem voltado para Deus, entendeu, você se converter. Aí tudo isso aí é um processo assim que eu lidou assim com cada um, né, assim pra passar os ensinamento para eles, assim, a maneira de falar, pra não falar mais em gíria, não ficar falando coisas mais do mundo, não ficar falando de droga, ficar exaltando essas coisas erradas, isso acabou. Aqui na galeria evangélica a gente procura as pessoas que chega na galeria assim que ainda não tá, não tem o conhecimento de Deus, assim já passou uns ensinamentos assim com amor ao próximo também, tá entendendo, dedicação, paciência, primeiro lugar paciência, humildade, mansidão com cada um pra mostrar o caminho pra eles, o caminho da salvação pra eles também, passando os ensinamentos pra eles pra eles se arrependem de tudo aquilo que eles fez e aceitar Jesus Cristo também.

Aldo afirma que deve ensinar a cada um dos presos da galeria evangélica a disciplina cristã, tocando a alma deles para que se arrependam dos pecados e mudem de vida. Com isso, Aldo seria responsável por cuidar da conversão de cada um dos presos e por garantir que a chegada na galeria evangélica marcasse o início de um processo de transformação. Para isso, é ensinada uma nova maneira de falar: o evangélico não deve usar gírias nem exaltar as coisas erradas que fazia no passado. É proibido falar de crime e de drogas. Os conversos são instruídos a amar o próximo e desenvolverem algumas virtudes, como a paciência e a humildade. Ao aceitarem Jesus e estudarem a Bíblia, eles poderiam conhecer o caminho da salvação. Dessa forma, Aldo ensina como o evangélico deve orientar seu comportamento e conduzir a sua mudança. Combinam-se as regras da cadeia e as regras da igreja. O líder deve ensinar as regras e garantir que o preso não pratique uma "contravenção", que siga a rotina da galeria e que se comporte como um legítimo converso.

A minha função é assim, é evangelizar eles através de cartas, né? Porque eu me mantenho assim aprisionado dentro de uma cela, então o acesso que eu tenho com

cada um deles é só no dia de pátio. Então assim, durante o dia a dia eu lidou com eles através de cartas, ou seja, assim, com caneta e um papel eu escrevo uma carta, ou seja, assim, é instrução, orientação tudo baseada na Bíblia, que eu passo pra cada um, aí chega em mim perguntando "ah, eu to ansioso, ah, eu preciso, eu to com saudade da minha família", ou seja, alguém assim, que tá dentro da galeria evangélica pensando até em desistir, aí chega em mim assim querendo assim mensagem assim de encorajamento, encorajamento pra vida, pra fortalecer, entendeu? Daí eu tudo levo na palavra de Deus que ela é poderosa, né? Ou seja, assim, daí eu reanimo aquelas pessoas que tava desanimado novamente pra também eles ter uma esperança da onde que eles tá aqui, que aqui é o melhor lugar pra eles também, tá entendendo? E muitas vezes também não é só também eu passar esses ensinamento, ou seja, assim, tem a disciplina também que ela tem as correções também, tá entendendo? Ela tem as consequências dos atos, das atitudes daqueles que não querem respeitar também a disciplina cristã, ou seja, chega assim que muitos é assim, são teimosos, são rebelde, ou seja, assim, não respeita a disciplina, é, eu me deparo com essas pessoas, brabo, violento, que querem me agredir. Então eu tenho que ser assim, eu sou uma pessoa preparado por Deus assim pra mim lidar com cada um deles com paciência, com humildade, pra resolver da melhor maneira pra não afastar eles da igreja, entendeu? Ou seja, quando eles chegam a um ponto de eles sair da galeria evangélica, é o porquê eles não querem mesmo compromisso com Deus. E da maneira que eles querem viver dentro da galeria evangélica, ou seja, assim, que eles quer viver aquela vida que eles viviam do passado, exaltando crime, essas atitudes erradas, desrespeitando, não pode. Aí o que que acontece? É a Bíblia mesmo nos ensina a instruir, ou seja, a retroceder, afastar essa pessoa também. Mas ela não tá sendo afastada injustamente, ela tá sendo afastada conhecendo a verdade, eu passando a verdade pra ela, tá entendendo? Assim, dá oportunidade pra outra pessoa que quer um compromisso verdadeiro com Deus, tá entendendo? [...] mas quando ela é tirada da galeria, ela não é tirada injustamente, ela é tudo assim, é feita a justiça de Deus, eu sendo uma pessoa justo com cada um que eu tomo uma decisão, porque assim, se eu tomar uma decisão errada, sendo injusta, fazendo injusta com cada um, eu vou pagar por essa alma depois pra Deus, tá entendendo? Então é um preço muito grande, é uma responsabilidade muito grande que eu tenho que ter.

O dirigente explica que não tem contato diário com todos os presos da galeria e que por isso seu trabalho de evangelização é feito normalmente por correspondência escrita. Assim, o entrevistado conta que oferece orientações por cartas, levando a palavra de Deus a cada um que lhe pede um conselho. Aldo também esclarece que sua função não compreende apenas as ações de evangelização, mas que lhe cabe ainda cuidar da convivência entre os presos da galeria e do cumprimento das normas que regulam a vida do evangélico na cadeia. Por isso, há duas disciplinas cobradas pelo líder: a disciplina cristã e a disciplina prisional. Aldo é responsável por aplicar correção àqueles que descumprem as regras e agem com rebeldia, teimosia e, muitas vezes, violência. Segundo o entrevistado, essas pessoas são afastadas da igreja, porque não querem compromisso com Deus.

Aldo afirma que segue orientação bíblica para determinar o afastamento do preso da galeria evangélica e que esse afastamento decorre do comportamento do preso que continua exaltando o passado e negando a Verdade. Aldo sugere que a expulsão da galeria evangélica é uma decisão tomada com muita cautela, após ser constatado que a pessoa realmente não queria assumir compromisso com Deus. O entrevistado aponta que se trata de uma

responsabilidade muito grande, porque ele presta contas a Deus e sua missão é resgatar almas para Ele. Como exemplo de situação em que teria sido preciso afastar o preso da galeria evangélica, Aldo explica:

Olha, eu tive um caso que teve que eu vou contar pra senhora, que teve morando comigo mesmo dentro da igreja e era uma pessoa assim muito atribulada e eu passei uma luta com essa pessoa assim de três, três meses ela vivendo junto comigo dentro da igreja e eu sempre lutando por ela, ou seja, falando do amor de Deus, falando de que Deus quer pra vida dele, passamos os ensinamento pra ele assim que era o melhor pra vida dele, ou seja, assim, eu ouvia a pessoa me xingava, a pessoa me maltratava, a pessoa debochada de quando eu falava de Deus pra ela, ou seja, assim, uma pessoa totalmente cega do mundo, só que eu não posso tratar aquela pessoa assim diferente das outras, que Deus não faz acepção de pessoa. Eu tenho que tratar todos igual, tá entendendo? O processo que eu trato todos igual, ou seja, assim, eu trago perto de mim, só que como a própria Bíblia nos ensina assim, eu tenho que admoestar, ou seja, assim, repreender, advertir ele, uma, duas ou três vezes em particular, quando ele não quer ouvir aquilo que eu to falando pra ele, ou seja, a própria disciplina de Deus, aí eu tenho que exponhar pra toda a igreja. Aí toda a igreja tá sabendo, tá testemunha daquilo dali que tá acontecendo, a atitude dele daquilo dali, pra daí sim ser aplicada a disciplina, ou seja, daí ele é tirado da galeria e dá espaço pra outro. E esse rapaz que eu tive uma experiência com ele, ele era muito brabo, já chegou um ponto assim que ele não aceitava a verdade de Deus pra a vida dele, que ele queria me agredir, ele começava me oprimir de uma maneira assim que eu não poderia falar as coisas de Deus pra ele, eu ficava, se eu fosse falar eu tava errado, ou seja, eu to passando a verdade pra ele, ele vivendo na mentira, entendeu, querendo viver da forma dele, não aceitava. E as atitude dele levou um ponto de ele querer me agredir, aí Deus é tão bom que daí tem aqui a direção da unidade quer é a Disede aqui, eles também me apoia também nesse trabalho, tá entendendo? A Disede me apoia assim quando eu peço um atendimento pra eles, eles me tiram pra falar com eles assim, daí eu levo ao conhecimento deles o porquê aquela pessoa, o porquê que o rapaz tá saindo da galeria, eu apresento para eles, eles são chefe de segurança daqui, pra eles tomar uma atitude e saber o porquê tá tirando aquele rapaz dali, que não é a toa, porque se ele ficar vai ocasionar o pior, porque pode ocasionar uma briga, que já aconteceu briga na onde que eu moro mesmo - não comigo, com outras pessoa já aconteceu -, entendeu?

O entrevistado afirma que morou com uma pessoa "atribulada" e que lutou muito pela salvação dela, sempre falando do amor de Deus. Afirma que era agredido verbalmente, porque a pessoa era cega para o mundo, mas que não podia tratá-la diferente, porque Deus não teria predileção por uma pessoa em detrimento de outra. Aldo indica que segue as instruções da Bíblia e não faz distinção de pessoa. Assim, seguindo as orientações bíblicas, Aldo repreende a pessoa em particular, e, se isso não surtir efeito, torna pública a situação para toda a igreja para que seja aplicada a disciplina. O dirigente conta que já chegou a ser ameaçado e que, em casos como esse, tem o apoio da direção da unidade, que efetua a transferência da pessoa, garantindo a sua expulsão da galeria. Percebe-se, com isso, que o líder não é apenas o representante da igreja perante a administração prisional, mas o representante de Deus perante os evangélicos.

A entrevistadora, por fim, pergunta a Aldo como ele foi escolhido líder. Aldo afirma que não se envolveu em discussão e não deu mau exemplo, explicando que sua disciplina contribuiu para se tornar líder, pois, com ela, ele teria provado a sua mudança.

Então, eu fui assim através do meu exemplo e testemunho da minha vida dentro da igreja mesmo, ou seja, depois de um ano, de um ano já eu vivendo dentro da igreja, depois que eu me converti eu fiquei um ano aqui já dentro da igreja que eu tava de um ano, todos os demais irmãos que tão das outras sete igreja, eles via meu dia a dia, ou seja, nesse um ano que eu fiquei assim pra mim ser escolhido líder, eu nunca se envolvi em discussão, eu nunca dei mau exemplo da minha vida, ou seja, aquilo que eu escolhi pra minha vida, eu ponhei em prática, eu ponhei em prática, tá entendendo? Eu to vivendo aquilo aquilo que eu aprendi e através desse exemplo e testemunho da minha vida, evangelizando outras vida também pra trazer o conhecimento de Deus pra se converter, aí num certo dia a nossa galeria evangélica, o que era líder aqui ele tava pra ser transferido da unidade, aí ele chegou em mim e falou assim: "eu vou sair, eu não to aguentando mais esse cargo". Daí eu falei assim: "eu não posso escolher eu, eu não sei nem como é que eu vou lidar com esse cargo". Aí que que aconteceu? Fui buscando em Deus, pedindo a direção pra Deus. Aí Deus pegou através de todos aqueles povo ali, tudo aqueles rapaz ali, esses 63 povo ali, chegou no dia de pátio do solar, aí eles pegou e falou assim: "a galeria tá precisando de um líder e a galeria tudo vai escolher você como líder" Ou seja, assim, Deus falou pra todo mundo pra poder me constituir como líder ali, porque eu vou ser responsável e exemplo pra todos eles, entendeu?

Segundo conta, o antigo líder estava para sair e transferiu a ele, com o consentimento dos demais, o posto de dirigente da galeria. Aldo indica que o período em que estava na galeria serviu de prova da sua conversão e de exemplo. Assim, parece ter sido eleito representante dos evangélicos porque provou ser um verdadeiro converso.

É possível destacar ainda vários outros pontos de aproximação entre a igreja e a facção⁴¹⁴. Ambos os grupos seguem um texto sagrado (Bíblia e Estatuto); tem como ritual de ingresso o batismo; apresentam moralidade homofóbica (repressão a práticas homossexuais); possuem linguagem específica, revelando comunidades discursivas; seguem ordenamentos da conduta (estética, vestuário, comportamento); possuem rituais⁴¹⁵. Além disso, nas igrejas e nas facções, o novo membro deve constantemente dar prova da sua filiação, isto é, deve demonstrar que se converteu ao mundo da fé ou ao mundo do crime. Estas semelhanças, contudo, é assunto para outra pesquisa.

⁴¹⁴ Alguns deles foram sistematizados por Marques em um quadro comparativo. MARQUES, Vagner Aparecido. **O irmão que virou irmão: rupturas e permanências na conversão de membros do PCC ao pentecostalismo na Vila Leste - SP.** 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013. P. 103/104.

⁴¹⁵ Essas semelhanças tangenciam os discursos dos entrevistados, mas merecem maior aprofundamento.

CONCLUSÕES

Para compreender o papel que a Igreja evangélica ocupa na história de vida da pessoa presa, foi feito um estudo teórico e empírico com subsídio na Criminologia Clínica de Inclusão Social, corrente do pensamento que considera as relações entre indivíduo, grupos de indivíduos, sociedade e Estado, operando com o conceito de ator situado, entendido como uma pessoa capaz de decidir, mas cuja decisão é influenciada pelo complexo contexto no qual está inserido, incluído neste contexto a ação das agências formais e informais de controle social na criminalização de certas condutas. A reintegração social, meta da inclusão, depende da assunção de responsabilidade não apenas do ator situado, mas de toda a sociedade. Com vistas à inclusão social, a terceira geração da Criminologia Clínica se apropria de ideias da Psicologia Moral para que a inclusão seja realizada por meio do desenvolvimento de uma autonomia moral vinculado a um projeto de vida boa.

Nesta pesquisa, procurou-se acessar a experiência de pessoas que aderiram à religião evangélica dentro dos muros da prisão para investigar se a conversão religiosa na prisão poderia fomentar o desenvolvimento da autonomia moral e a construção de uma personalidade ética por meio da configuração de relações assimétricas em que a autoridade religiosa determina prescrições de conduta e por meio de relações simétricas em que se estimula a cooperação e reciprocidade entre os fiéis, permitindo uma valorização de si que se identifica com a construção de um projeto de vida boa. Isto porque, segundo esse modelo teórico, apenas a busca pela expansão de si próprio poderia levar à internalização dos deveres morais.

Para entender a organização da religião evangélica na prisão, foi preciso compreender as diferenças entre o protestantismo histórico, o pentecostalismo e o neopentecostalismo, seus rituais, práticas e costumes. A partir de um estudo bibliográfico, identificou-se que o neopentecostalismo rompe com o sectarismo e o ascetismo, adotando novos valores e promovendo uma acomodação dos usos religiosos às mudanças econômicas, políticas, midiáticas e urbanas em desenvolvimento no país. Nota-se que a nova vertente do pentecostalismo confere ênfase à figura do Diabo e promove um fervoroso proselitismo por meio da fragmentação em várias igrejas. Todavia, verificou-se que, na prisão, tais diferenças são dissolvidas, com a presença de características de várias vertentes, mas, principalmente, de um rígido código de conduta mais próximo do sectarismo e do ascetismo pentecostal. Os entrevistados anunciam o rompimento dos laços antigos, materializados pela vida no crime,

e a reconstrução dos vínculos, procurando provar sua conversão por meio da abstenção dos prazeres mundanos. Fora da prisão, anunciam que irão procurar a Igreja cujos rituais e costumes mais lhe agradam, mas, dentro, a moral ascética funciona como prova da conversão.

A expansão do neopentecostalismo pode ser vista nas periferias de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, onde pesquisadoras e pesquisadores destacam as imbricações entre crime e religião. A coabitação entre Igreja e facção faz com que essas duas redes de engajamento se cruzem e, eventualmente, se penetrem. Nessa linha, discute-se se a conversão religiosa é capaz de romper com o ciclo de marginalização, eliminando o rótulo de criminoso. Na prisão, avalia-se que a assistência evangélica se diferencia da católica, sendo que aquela estaria mais preocupada com a conversão religiosa, tomada no sentido de ruptura biográfica e transformação identitária. A análise das entrevistas aponta que essa ruptura é gradual, porque depende de aprendizado, estudo e maturação. Percebe-se que os evangélicos fazem grandes esforços para não serem vistos como criminosos, procurando mudar o seu jeito de falar e de se comportar. Todavia, essa mudança não é abrupta, mas progressiva e dependente de confirmação após o fim da pena. Os entrevistados indicam que esperam ser recompensados pela obediência ao código moral da Igreja e esta recompensa aparece como condição da conversão definitiva.

As mudanças que conformam a identidade do preso evangélico são construídas em contato com normas e valores distintos das determinações oficiais que compõem a execução penal. Como procurou-se demonstrar, a facção controle toda a cadeia, inclusive a igreja, autorizando a entrada de novos presos e vigiando se eles mantêm a identidade evangélica. Apesar disso, a igreja também cria suas próprias regras, que não se chocam com as da facção, mas se somam a elas. A prisão é atravessada por uma simbiose de ordenamentos. Ao transitarem entre a religião e o crime, os evangélicos precisam de prudência na hora de assumir uma posição que não desagrade a direção da prisão e que não gere conflito com a facção, situando-se num frágil equilíbrio de poder. Nesse sentido, não é possível afirmar uma impermeabilidade desenvolvida pelos evangélicos na prisão. Apesar de a conversão indicar a ocupação de uma posição diferente, o próprio meio no qual os evangélicos se situam exige flexibilidade para coexistir com as normas, valores e hábitos vigentes na prisão.

Há diversas reações sobre a conversão do preso, que podem se traduzir em desconfiança sobre a sua veracidade, crítica sobre a sua intenção ou mesmo aprovação sobre o seu comportamento calmo e ordeiro. Essas reações geram tensões e pressões na convivência com outros presos, exigindo do converso um posicionamento que se revela

frágil nas disputas por poder e proteção dentro da cadeia. Assim, a transformação da identidade dos evangélicos é negociada com todos os grupos que ocupam esse espaço. Percebe-se, então, que os lugares sociais ocupados não são fixos e definitivos, porque as possibilidades relacionais se conformam ao equilíbrio de forças na prisão. Consequentemente, os papéis assumidos variam de acordo com os interesses em jogo na instituição. A posição do preso evangélico se configura a partir do convívio estabelecido com os demais atores que circulam pela prisão, tendo por base os valores e as regras que se entrecruzam e moldam a dinâmica social dessa instituição.

Não era objetivo desta pesquisa avaliar se a conversão propiciaria ascensão social e acolhimento após o cumprimento da pena privativa de liberdade. Isso só poderia ser avaliado se as entrevistas tivessem sido realizadas com egressos das instituições prisionais. No entanto, a própria configuração da assistência evangélica na prisão já indica um potencial de manutenção do vínculo religioso fora da prisão. Com a realização de entrevistas com presos que se denominavam evangélicos ou moravam em galerias evangélicas de duas unidades prisionais do Paraná, procurou-se entender como a organização religiosa dentro da prisão influencia o cumprimento da pena privativa de liberdade e se esse vínculo é capaz de favorecer o desenvolvimento de uma autonomia moral alicerçado em um projeto de vida boa.

Por um lado, identificou-se que a Igreja evangélica pode contribuir para a reintegração social, na medida em que promove uma aproximação com a sociedade em sentido amplo. Essa aproximação pode ser identificada em várias frentes. A conversão permite ao interno a construção de novos laços sociais e a comunicação com agentes religiosos externos, muitos dos quais oferecem não apenas conforto espiritual, mas também assistência material, jurídica e afetiva. Assim, se, de um lado, a Igreja contribui para a manutenção do funcionamento da prisão, de outro, ele torna a prisão menos prisão ao introjetar nela espaços de sociabilidade que podem estimular a reconfiguração de um sentido de vida, permitindo ao preso reescrever a sua história a partir de um novo referencial. Ao reeditar a sua identidade como uma identidade evangélica, o converso passa a ser admitido por uma comunidade, fazendo surgir nele novamente o sentimento de pertencimento social que pode ter sido rompido pelo aprisionamento. O medo de não ser aceito pela família, pelos amigos e pelos vizinhos é gradativamente vencido pela aproximação de pessoas sem envolvimento com o mundo do crime, (re)construindo a sua credibilidade social e, com isso, a sua autoimagem e confiança.

Embora a Igreja aplique um rígido código moral, a obediência às regras emanadas por uma autoridade pode servir como estágio para o desenvolvimento da autonomia moral. Assim, a imposição de uma ordem instituída por preceitos religiosos, concomitantemente às relações de solidariedade, poderia colaborar com a construção de uma personalidade ética. Como, na prisão, a identidade evangélica é moldada a partir da contraposição à identidade criminosa, isso justifica o rigor e a austeridade que regulam a aparência e as ações do interno. Isto, contudo, não parece bloquear a possibilidade desta pessoa recobrar o protagonismo sobre a sua história de vida nem anular a possibilidade de emancipação por essa via. Pelo contrário, a religião evangélica pode servir de subsídio para que o preso explore outros campos da sua subjetividade, não ficando preso ao rótulo de criminoso. Neste sentido, embora a identidade evangélica, na prisão, possa ser tão restrita quanto a própria liberdade na medida em que as prescrições de conduta impostas determinam um modo de ser e estar no mundo que não permite ao interno refletir e escolher as mais sutis condições de existência na prisão, ainda assim, ela atua como um refúgio, como oportunidade de contato externo e como uma das escassas opções de combate à sujeição criminal.

A Igreja, na prisão, atua em duas dimensões: uma dimensão assimétrica, em que exerce uma autoridade e cobra o cumprimento de regras; uma dimensão simétrica, em que, ao pregar valores como paz, respeito e compaixão em um ambiente social hostil como é a prisão, pode favorecer o desenvolvimento do sentimento de simpatia. A autoridade da Igreja pode estimular o desenvolvimento de uma heteronomia moral (sentimento de obrigatoriedade derivado de relações assimétricas) e as relações de reciprocidade e cooperação entre os "irmãos" podem estimular o desenvolvimento da autonomia moral (sentimento de obrigatoriedade derivado de relações simétricas). Essa autonomia pressupõe a busca por uma vida boa e favorece a construção de uma personalidade ética.

Mesmo sabendo que a doutrina da Igreja não é ditada exclusivamente pelos evangélicos, mas também pela massa carcerária, o que leva a afirmar que, em alguns casos, a conversão pode se impor por medo, o estímulo da Igreja à construção de um projeto de vida boa pode conduzir à autonomia moral. Neste sentido, ainda que a conversão religiosa se verifique num lugar onde falta liberdade de vontade, onde o autocontrole é imposto e os hábitos são automatizados, é possível afirmar que os presos que se vinculam às Igrejas evangélicas dentro da prisão podem se inserir, no plano do desenvolvimento ético, em direção à autonomia tal como concebido pela Criminologia Clínica de Inclusão Social. Em outras palavras, a conversão religiosa na prisão é capaz de produzir a sintonia entre a moral e a ética, ancorando o sentimento de obrigatoriedade no projeto de valorização de si próprio.

Ainda que a conversão não se opere por um arrependimento da prática de uma conduta condenada pela justiça, ela envolve arrependimento da situação que desencadeou o conflito com a justiça, como o envolvimento com pessoas e o vício, por exemplo. Assim, entende-se que a conversão, na prisão, não significa apenas a adesão a um código moral por medo, mas a busca por uma vida boa. Isso se torna mais evidente quando se identifica que a conversão é incompleta. A necessidade de provas da benevolência divina que se materializam principalmente na promessa de retomada da liberdade e de reconstrução da própria história por meio da formação de novos vínculos demonstra exatamente que o que preso evangélico busca na conversão é uma vida boa, sendo que apenas essa vida boa pode motivar a responsabilidade moral.

Em contrapartida, não é possível ignorar que, para manter seu propósito de livrar-se do estereótipo de criminoso, o evangélico precisa suportar a violência simbólica proveniente da desconfiança da massa carcerária. Apesar de estar protegido de violência física, uma vez que mantém bom relacionamento com os agentes penitenciários e com os coletivos prisionais, ao dependerem da proteção de ambos, estão sujeitos a serem controlados e ridicularizados. Em todo caso, as evidências empíricas apontam que a conversão à religião evangélica pode reduzir soluções violentas e autodestrutivas, porque oferece alternativa ao mundo do crime, que, geralmente, acaba em prisão, morte ou perseguição. Mesmo que, na prisão, a conexão com a religião possa impingir uma identidade severamente vigiada, a conversão religiosa revela um potencial de desenvolvimento moral ancorado em um projeto de emancipação ou, para usar termo religioso, de libertação. Dito de outro modo, a religião pode colaborar com o fortalecimento ético do sujeito esperado pela inclusão social. O que se percebe com a análise das entrevistas é que os presos buscam na Igreja aquilo que o Estado não oferece: cidadania. A conversão, dessa forma, funciona como estratégia de resistência e enfrentamento à situação degradante vivida pela exclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**. Vol I. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**. Vol II. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- ALEXANDER, Michelle. **A nova segregação: racismo e encarceramento em massa**. Tradução Pedro Davoglio. São Paulo: Boitempo, 2017.
- ALMEIDA, Ronaldo de. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 111–122.
- ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. São Paulo: Teológica; Loyola, 2005.
- ANDERY, Maria Carolina Rissoni. **Emancipação e submissão por meio da religião?: histórias de vida no Presídio da Polícia Militar “Romão Gomes”**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.
- ANDRADE, Eliakim Lucena de. **“A Rua dos irmãos”**: uma etnografia na prisão. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, 2014.
- ANDRADE, Vera Regina Pereira de. Do paradigma etiológico ao paradigma da reação social: mudança e permanência de paradigmas criminológicos na ciência e no senso comum. **Seqüência: Estudos Jurídicos e Políticos**, Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 24–36, 1995.
- ARAÚJO, Fábio Firmino de. **Mercado de almas aflitas: crime, castigo e conversão religiosa**. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, 2008.
- BARATTA, Alessandro. **Criminologia Crítica e Crítica do Direito Penal: introdução à sociologia do direito penal**. Tradução Juez Cirino dos Santos. 6. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2011.
- BARATTA, Alessandro. Ressocialização ou controle social: uma abordagem crítica da “reintegração social” do sentenciado. **Criminologia y Sistema Penal**, p. 376–393, 2004.
- BAZO, Andressa Loli. A questão criminal e a inclusão social. *In*: SHECAIRA, Sérgio Salomão; FERRARINI, Luigi Giuseppe Barbieri; ALMEIDA, Júlia de Moraes (org.). **Criminologia: estudos em homenagem ao Professor Alvino Augusto de Sá**. Belo Horizonte: D’Plácido, 2020, p. 53–74.
- BAZO, Andressa Loli. **Leis do cárcere e inclusão social: uma análise institucional do discurso de uma facção**. Belo Horizonte: D’Plácido, 2019.
- BENEDETTI, Luiz Roberto. Religião: trânsito ou indiferenciação? *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 123–133.

BICCA, Alessandro. **Os eleitos do cárcere**: etnografia sobre violência e religião no sistema prisional gaúcho. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

BIRMAN, Patrícia. Males e Malefícios no Discurso Neopentecostal. *In*: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 62–80.

BRACCO, Bruno Amabile. **As religiões e o movimento rumo ao perdão**: um desafio para o Direito Penal. 2016. Tese (Doutorado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 2016.

BRAGA, Ana Gabriela Mendes. Criminologia Clínica e Crítica: uma aproximação possível. *In*: SHECAIRA, Sérgio Salomão; FERRARINI, Luigi Giuseppe Barbieri; ALMEIDA, Júlia de Moraes (orgs.). **Criminologia**: estudos em homenagem ao Professor Alvíno Augusto de Sá. Belo Horizonte: D'Plácido, 2020, p. 31–52.

BRAGA, Ana Gabriela Mendes. **Reintegração social**: discursos e práticas na prisão - um estudo comparado. 2012. Tese (Doutorado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 2012.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. O rap e a cidade: reconfigurando a desigualdade em São Paulo. *In*: KOWARICK, Lúcio; MARQUES, Eduardo. **São Paulo**: novos percursos e atores. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 301–320.

CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **Diabo e fluoxetina**: formas de gestão da diferença. 2012. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2012.

CÔRTEZ, Mariana Magalhães Pinto. **O bandido que virou pregador**: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005.

CUNHA, Christina Vital da. **Oração de Traficante**: uma etnografia. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

DESLAURIERS, Jean-Pierre; KÉRISIT, Michèle. O delineamento de pesquisa qualitativa. *In*: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução Ana Cristina Nasser. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 127–153.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. **A igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo**: religião e violência na prisão. São Paulo: Humanitas, 2008.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. Conversão evangélica na prisão: sobre ambigüidade, estigma e poder. **Plural – Revista do Curso de Pós-graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v. 13, p. 85–110, 2006.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. **Da pulverização ao monopólio da violência**: expansão e consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

DIAS, Camila Nunes. A produção da Disciplina pelo encarceramento. **O público e o privado**, Fortaleza, v. 26, p. 35–51, 2015.

DIAS, Camila Nunes; KULLER, Laís Boás Figueiredo; BRITO, Josiane Silva; GOMES, Mayara de Souza. O encarceramento em massa como política pública de Segurança: efeitos perversos e consequências nefastas. **Revista Teoria e Debate**, São Paulo, n. 137, 2015.

EPSTEIN, Lee; GARY, King. **Pesquisa Empírica em Direito**: as regras de inferência. Tradução Fábio Morosini (coord.) *et. al.* São Paulo: Direito GV, 2013.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Crime e castigo na cidade: os repertórios da justiça e a questão do homicídio nas periferias de São Paulo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 23, n. 58, p. 59–73, 2010.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo Negro Caído no Chão**: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro. 2006. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramallete. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

FREIRE, Jussara; TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. Sociabilidade violenta, o bandido e Deus: Considerações sobre a gramática da violência urbana. **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 124–150, 2019.

FREITAS, Amílcar Cardoso Vilaça de. Para quem do bem e do mal: pentecostalismo e criminalidade. **Ciências Sociais e Religião**, Campinas, v. 19, n. 27, p. 32–46, 2017.

GODOI, Rafael. **Fluxos em cadeia**: as prisões em São Paulo na virada dos tempos. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. Tradução Dante Moreira Leite. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GONÇALVES, Hilton de Miranda. **A conversão religiosa como instrumento de tutela dos direitos fundamentais no Conjunto Penal de Jequié-Bahia**. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Segurança Pública) - Faculdade de Direito, Universidade Federal da Bahia, 2015.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

LA TAILLE, Yves de. **Moral e Ética**: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre:

Artmed, 2006.

LIMA, Ana Paula de Melo. **Religião entre grades**: a assistência religiosa católica e os presidiários. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

LOBO, Edileuza Santana. Católicos e evangélicos em prisões do Rio de Janeiro. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 61, p. 22–29, 2005.

LOURENÇO, Luiz Claudio. O jogo dos sete erros nas prisões do Brasil: discutindo os pilares de um sistema que não existe. **O público e o privado**, Fortaleza, n. 30, p. 285–302, 2017.

MACEDO, Márcio. Hip-Hop SP: transformações entre uma cultura de rua, negra e periférica (1983-2013). *In*: KOWARICK, Lúcio; FRÚGOLI JR., HEITOR. **Pluralidade urbana em São Paulo**: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos. São Paulo: Editora 34; FAPESP, 2016, p. 23–54.

MACHADO DA SILVA, Luís Antônio. Violência Urbana: Representação de uma Ordem Social. *In*: NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do; BARREIRA, Irllys Alencar F. (org.). **Brasil Urbano**: Cenários da Ordem e da Desordem. Rio de Janeiro: Notrya, 1993, p. 131–142.

MAGALHÃES, Carlos Augusto Teixeira. **O crime segundo o criminoso**: um estudo de relatos sobre a experiência da sujeição criminal. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. Sobre o Discurso e a Análise do Discurso. *In*: GUIRADO, Marlene. **A clínica psicanalítica na sombra do discurso**: diálogos com aulas de Dominique Maingueneau. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 121–138, 2004.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MARIZ, Cecília L. O Demônio e os Pentecostais no Brasil. *In*: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 45–61.

MARQUES, Adalton. **Crime, proceder, convívio-seguro**: um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2009.

MARQUES, Vagner Aparecido. **As igrejas menores nas quebradas da fé**: a construção da hegemonia do pentecostalismo nas periferias de São Paulo (1990-2010). 2019. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019.

MARQUES, Vagner Aparecido. **O irmão que virou irmão**: rupturas e permanências na conversão de membros do PCC ao pentecostalismo na Vila Leste - SP. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

MELO, Felipe Athayde Lins de. **O dispositivo penitenciário no Brasil: disputas e acomodações na emergência da gestão prisional**. 2018. Tese (Doutorado em Sociologia) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2018.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 89–110.

MISSE, Michel. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 79, p. 15–38, 2010.

NOVAES, Regina. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 135–160.

NUNES, Ana Idalina Carvalho. **Discurso religioso no cárcere: caminhos e possibilidades**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

PEREIRA, Ana Beatriz de Vilhena. **“São os evangélicos que seguram essa cadeia, se não fossem eles, quem iria converter os mauzão?”**: considerações sobre o papel do “proceder evangélico” na prisão. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Ciências sociais e religião: a religião como ruptura. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 17–34.

PIMENTA, Victor Martins. **Por trás das grades: o encarceramento em massa no Brasil**. Rio de Janeiro: Revan, 2018.

PIRES, Álvaro P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. *In*: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução Ana Cristina Nasser. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 154–211.

PIRES, Álvaro P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. *In*: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução Ana Cristina Nasser. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 43–94.

PIRES, Alvaro P.; DIGNEFFE, Françoise. Vers un paradigme des inter-relations sociales? Pour une reconstruction du champ criminologique. **Criminologie**, v. 25, n. 2, p. 13–47, 1992.

PIRES, Thula Rafaela de Oliveira. Criminologia Crítica e pacto narcísico: por uma crítica

criminológica apreensível em português. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, v. 135, n. 25, p. 541–562, 2017.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. *In*: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução Ana Cristina Nasser. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 215–253.

PRADO, Lidia Reis de Almeida. Neutralidade e imparcialidade dos juízes? *In*: GROENINGA, Giselle Câmara; PEREIRA, Rodrigo da Cunha. (coord.). **Direito de Família e Psicanálise: rumo a uma nova epistemologia**. Rio de Janeiro: Imago, 2003, p. 301–309.

RAMALHO, José Ricardo. **Mundo do crime: a ordem pelo avesso**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

SÁ, Alvin August de. **Criminologia Clínica e Execução Penal: proposta de um modelo de terceira geração**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011.

SALLA, Fernando; TEIXEIRA, Alessandra. O crime organizado entre a criminologia e a sociologia: limites interpretativos, possibilidades heurísticas. **Tempo Social**, v. 32, n. 3, p. 147–171, 2020.

SAWAIA, Bader. Introdução: Exclusão ou inclusão perversa? *In*: BADER, SAWAIA (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SCHELIGA, Eva Lenita. **“E me visitastes quando estive preso”**: sobre a conversão religiosa em unidades penais de segurança máxima. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

SCHOSTAK, John; BARBOUR, Rosaline S. Entrevista e grupos-alvo. *In*: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (org.). **Teoria e Métodos de Pesquisa Social**. Tradução Ricardo A. Rosenbusch. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 99–107.

SEGATO, Rita Laura. Religião, vida carcerária e direitos humanos. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 61, p. 40–45, 2005.

SHECAIRA, Sérgio Salomão. **Criminologia**. 5. ed. rev. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2013.

SHIMIZU, Bruno. **Solidariedade e gregarismo nas facções criminosas: um estudo criminológico à luz da psicologia das massas**. São Paulo: IBCCrim, 2011.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Transes em trânsito: continuidades e rupturas entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 207–227.

SPYER, Juliano. **Povo de Deus**: quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. **A construção social do “ex-bandido”**: um estudo sobre sujeição criminal e pentecostalismo. 2009. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. De “Corações de Pedra” a “Corações de Carne”: algumas considerações sobre a conversão de “bandidos” a Igrejas Evangélicas Pentecostais. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 3, p. 449–478, 2011.

TEIXEIRA, Cesar Pinheiro. O testemunho e a produção de valor moral: observações etnográficas sobre um centro de recuperação evangélico. **Religião e Sociedade**, v. 36, n. 2, p. 107–134, 2016.

VARGAS, Laura Ordóñez. Religiosidade: mecanismos de sobrevivência na Penitenciária Feminina do Distrito Federal. **Comunicações do ISER**, Rio de Janeiro, n. 61, p. 30–39, 2005.

WACQUANT, Loïc. The new “peculiar institution”: on the prison as surrogate ghetto. **Theoretical Criminology**, v. 4, n. 3, p. 377–389, 2000.

XAVIER, José Roberto Franco. Algumas notas sobre a entrevista qualitativa de pesquisa. *In*: MACHADO, Máira Rocha (org.). **Pesquisar empiricamente o direito**. São Paulo: Rede de Estudos Empíricos em Direito, 2017, p. 119–160.

ZALUAR, Alba. O Crime e a Não-cidadania: Os Males do Brasil. *In*: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira (org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 109–134.

ZALUAR, Alba. Teleguiados e chefes: juventude e crime. *In*: ZALUAR, Alba. **Condomínio do Diabo**. Rio de Janeiro: Revan; UFRJ, 1994, p. 100–116.